

SABERES DO ROSÁRIO:

Reinados, Congados e Congadas do Brasil

Dossiê de Registro como Patrimônio Cultural do Brasil

Fevereiro de 2023

Execução

campo

Realização

IPHAN

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Dossiê de Registro como Patrimônio Cultural do Brasil

Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas do Brasil

Fevereiro de 2023



FICHA TÉCNICA

Presidente da República
Luís Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Iphan
Leandro Grass

Diretores do Iphan
Deyvesson Israel Alves Gusmão
Andrey Rosenthal Schlee
Desiree Ramos Tosi
Bruno Ferreira da Paixão
Maria Silvia Rossi

Departamento de Patrimônio Imaterial

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Coordenador-Geral de Identificação e Registro
Diana Dianovsky

Coordenador-Geral de Promoção e Sustentabilidade
Alessandra Rodrigues Lima

Coordenador de Registro
Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

Coordenador de Identificação
Pedro Gustavo Morgado Clerot

Coordenadora de Diversidade Linguística
Thaís Borges da Silva Pinho Werneck

Coordenador de Apoio a Bens Registrados
Rafael Belló Klein

Coordenador de Monitoramento e Avaliação da Salvaguarda de Bens Registrados
Luan Silveira Alves de Moura



Superintendências Estaduais

Superintendência do Iphan em Goiás

Superintendente – Gilvane Felipe
Coordenador Técnico – João Mariano Valadares Neto
Coordenadora Administrativa – Aparecida Cristina de Sousa Nascimento
Equipe de Patrimônio Imaterial – Renata Silva de Oliveira Galvão

Superintendência do Iphan em Minas Gerais

Superintendente – Luciana Rocha Féres
Coordenador Técnico – André Henrique Macieira de Souza
Coordenador Administrativo – Paulo José de Souza
Equipe de Patrimônio Imaterial – Tainah Victor Silva Leite, Vanilza Jacundino Rodrigues

Superintendência do Iphan em São Paulo

Superintendente – Danilo de Barros Nunes
Coordenador Técnico Substituto – Olivia Malfatti Buscariolli
Coordenador Administrativo – Ricardo Augusto dos Santos Reis
Equipe de Patrimônio Imaterial – Corina Maria Rodrigues Moreira, Evandro Domingues, Marcos Monteiro Rabelo, Simone Sayuri Takahashi Toji

Créditos

Inventário e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás (2007-2008)

Coordenação: Sebastião Rios
Equipe: Adriane Damascena, Alex Ratts, Ana Paula Costa Rodrigues, Carolina Santos, Douglas Silva, Kênia Gonçalves Costa, Luciana Pereira de Souza, Luis Carlos do Carmo, Marise Vicente de Paula, Sebastião Rios, Talita Viana

Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC Congadas de Minas – Levantamento Preliminar (1ª Etapa)

Coordenação: Andréia Ribeiro
Equipe: Andréia Ribeiro, Fernando Martins Anício, Marina Freitas Vilaça, Rildo César Souza

Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC Congadas de Minas – Levantamento Preliminar (2ª Etapa)

Coordenação: Andréia Ribeiro
Equipe: Adriana Vieira de Araújo, André Luiz de Jesus Bueno, Andréia Ribeiro, Daniel de Lima Magalhães, Dagildo Lopes de Moura, Fernando Martins Anício, Marina Freitas Vilaça, Rildo César Souza, Rachel Cristina de Oliveira

Mapeamento e resgate de aspectos da cultura tradicional de comunidades afrodescendentes de Mogi das Cruzes/SP (Casa do Congado de Mogi das Cruzes)

Coordenação: Odair Aparecido de Paula
Equipe: Eliete Teixeira, Jurandyr Ferraz de Campos, Odair Aparecido de Paula

Memórias e Cantos do Moçambique do Tonho Pretinho (Itapecerica/MG)

Coordenação: Sebastião Rios e Talita Viana
Equipe: Rafael Sávio, Sebastião Rios, Talita Viana, Vitor Gabriel

Os saberes do sagrado: Irmandades do Rosário e o registro patrimonial (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário Treze de Maio - Belo Horizonte/MG, Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Ciriacos - Contagem/MG e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ibirité/MG)

Coordenação: Júnia Torres, Marcelo de Andrade Vilarino, Rafael Barros Gomes
Equipe: Alisson David Parreiras, Bernard Machado, Diana Gebrim, Fabiana F. Martins de Castro, Flávia Mafra, Isabel Cassimira Gasparino Martins, Júnia Torres, Laura Castanheira, Leonardo Rosse, Marcelo de Andrade Vilarino, Priscila Musa, Rafael Barros Gomes
Conselho de Mestres: Antônio Muniz (Capitão Mor dos Ciriacos), Evaldo da Conceição Ricardino (Presidente da Irmandade dos Ciriacos), Isabel Cassimira das Dores Gasparino (Rainha Conga da Guarda Treze de Maio), Isabel Casimira Gasparino Martins (Presidente da Guarda Treze de Maio), Alisson Parreiras (Presidente da Irmandade de Ibirité), Vanderlúcio Lafaiete (Primeiro Capitão do Moçambique de Ibirité)

Inventário dos Congados Paulistas

Coordenação: Fábio Bueno
Equipe: Angela Savastano, Bruno Francisco Diniz, Fábio Bueno, José Victor Honorato de Jesus César, Lucas Jofre Ozil, Marcela Sanchez, Maria Clara Russo, Maria Siqueira Santos, Murilo Pinto, Rafael Siqueira Santos, Victor Juliane

Finalização da instrução do Processo para o Registro:

Coordenação do Estudo: Josemeire Alves Pereira, Fernanda de Oliveira e Ana Tereza Faria

Pesquisa antropológica: Fernanda de Oliveira

Pesquisa historiográfica: Ana Luzia Silva Morais, Jeremias Brasileiro e Josemeire Alves Pereira

Pesquisa etnomusicológica: Leonardo Pires Rosse

Redação do Dossiê: Fernanda de Oliveira, Ana Luzia Silva Morais, Jeremias Brasileiro, Josemeire Alves Pereira e Leonardo Pires Rosse

Apoio na pesquisa e redação: Bárbara Altivo, Ana Tereza Faria, Flávia Péret, Amanda Dabéss de Carvalho, Brisa Catão Totti, Bruno Vasconcelos, Carolina Paulino Alcantara, Cláudia Daiane Garcia Molet, Denise da Silva Santos, Heloísa Rosa C. Lima, Heloísa Souza, Jonatah Cardoso, Juliana Soares Campos, Letícia Helena Pereira Rosa, Leandro César, Luisa Mesquita, Keila Pinto Guimarães, Kelly Rabello, Maurício Siqueira, Paola Andrade Gibran, Samuel Avelar Junior, Simone de Assis e Thaniara Carvalho

Colaboração na revisão técnica (revisores membros da comunidade de detentores que cederam considerações voluntariamente, redigidas e enviadas por e-mail e formulário específico disponibilizado para tal): Ariel Lucas Silva, Daniela de Lima Magalhães, Geraldo Aparecido da Silva, Kedison Geraldo Ferreira Guimarães**,** Maria do Rosário Reis Simões, Mariana Ramos de Morais, Maurílio de Jesus Mendes e Solange Sabino Palazzi

Pesquisa e seleção de imagens: Alexia Melo, Ana Tereza Faria e Letícia Helena Pereira Rosa

Pesquisa, roteirização, edição, montagem e finalização dos vídeo-documentários: Bruno Vasconcelos

Gestão executiva: Ana Tereza Faria

Organização dos seminários: Ana Luzia Silva Morais, Ana Tereza Faria, Fernanda de Oliveira, Jeremias Brasileiro, Josemeire Alves Pereira e Letícia Helena Pereira Rosa

Apresentação dos seminários: Ana Luzia Silva Morais, Jeremias Brasileiro e Josemeire Alves Pereira

Apoio técnico, mobilização e moderação na rede social: Letícia Helena Pereira Rosa

Revisão de Texto: Ana Amélia dos Reis, Laura Torres, Heloísa Souza, Iago Passos, Marina Alves e Thaniara Carvalho

Projeto gráfico e capa: Amanda Montt

Mapas e diagramação: Iago Passos Souza

Fotografias: acervos de Aline Corrêa, Andréa Bonifácio, Ane Souz, Ariel Lucas Silva, Cláudio Aparecido de Carvalho, Cláudio Machado, Daniel de Lima Magalhães, Fernando Cândido, Gustavo Gomes, Renata Ataíde, Hugo Cordeiro, Isabel Casimira, Jad Vilela, Jeremias Brasileiro, Jeremias Brasileiro, José Claudionor, Leandro César, Letícia Bartelli, Lori Figueiró,

Maria da Paz Pinto, Maysa Abrão, Patrick Arley, Priscila Musa, Ricardo dos Santos Gonçalves, Sandoval de Souza Pinto Filho, Sidney de Almeida, Tiago Aguiar, Prefeitura Municipal de Congonhas, Departamento de Cultura de São Sebastião do Paraíso (fotos de Brayan Felipe Alves Marques), Prefeitura Municipal do Serro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA (fotos de Carolina Dellamore e Laura Martins), Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan (fotos de Alex Ratts, Ana Paula Rodrigues, Diana Landi, Douglas Silva, Igor Fernandes, Marcelo Feijó, Raquel Fabeni e Paulo Barreto) e Superintendência do Iphan em Minas Gerais (fotos de Alexia Melo, Bruno Vasconcelos, Nian Pissolati e Priscila Musa).

Vídeos: acervos de André Anastácio, Bruno Vasconcelos, César Guimarães, Isabel Casimira Gasparino, Jeremias Brasileiro, Júnia Torres, Samuel Avelar Junior, Simone Assis, Victor Dias, Associação Filmes de Quintal e Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG.

Dedicatória

A todo o povo do Rosário: ancestrais, antepassados(as), mais velhos(as), mais novos(as), aos que virão.

Aos(às) mestres(as) e seus(suas) aprendizes, pesquisadores(as) e escritores(as) que inscrevem os saberes do Rosário em seus corpos, pensamentos e práticas; e que também escrevem em livros, artigos, teses e dissertações, produções audiovisuais.

Aos(às) pesquisadores(as) que etnografam e documentam os saberes das pessoas e das suas comunidades.



NOTA

Prezados(as) leitores(as), a produção deste Dossiê coincidiu, na sua maior parte, com o longo período de emergência sanitária decorrido da pandemia Covid-19, entre 2020 e 2022. O correto cumprimento do drástico distanciamento social que se tornou necessário resultou na impossibilidade de realização de pesquisas em campo - até porque neste período houve significativa interrupção das celebrações e encontros entre os reinadeiros e congadeiros. Ou seja, o período da pandemia impediu que a equipe da etapa final do processo de instrução para o Registro pudesse trabalhar diretamente junto às comunidades detentoras do bem cultural, sendo impossível, portanto, a gravação de entrevistas, imagens e registros fotográficos diretamente para este trabalho. Por isso, as imagens no presente Dossiê e nos vídeos que integram a produção desta etapa final fazem parte de acervos elaborados nas etapas anteriores a esta, que iniciaram a instrução do processo de Registro. Muitas imagens resultam também de pesquisas complementares realizadas pela equipe desta etapa final do processo de instrução do Registro, que foram cedidas pelos detentores de acervos institucionais, já dispondo das respectivas autorizações para o seu uso, ou foram cedidas por documentaristas fotográficos que concederam o uso mediante o contato da Superintendência do Iphan em MG.

Sumário

INTRODUÇÃO 15

1. Apresentação 15

2. Histórico do Processo de Instrução Técnica para o Registro do Bem Cultural 21

3. Equipe 29

4. Metodologia da etapa final do processo de instrução para o Registro 31

4.1. Pesquisa e redação 35

4.2. Seminários virtuais de caráter informativo e consultivo 38

4.3 Formulário de Recepção de Sugestões e Comentários dos Detentores 42

4.4. Pesquisa fotográfica 43

4.5. Documentário audiovisual 45

5. Conteúdo do Dossiê 47

PARTE 1 – IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL 53

Capítulo 1 - O Rosário na sua Multiplicidade 56

Reinados, Congados, Congadas: muitos nomes para o bem cultural 66

Capítulo 2 - Algumas contas de um Rosário infinito 78

2.1. "Vim fazê maravia, um cadim só": a aparição da Santa 84

2.1.1. Candombe é de Aruanda 90

2.1.2. Galanga Chico Rei 95

2.2. Mediações na diáspora 100

2.2.1. O Rosário na Europa 102

2.2.2. O Rosário no continente africano 105

2.2.3. Reinados, Congados, Congadas no Brasil 111

Capítulo 3 - Unidos no Rosário: os detentores do bem cultural 148

3.1. Tambor da fé que fala ao coração 149

3.2. Reinado fundado pela rainha 155

3.3. Tonho Pretinho do Moçambique 164
PARTE 2 – CARACTERIZAÇÃO DO BEM CULTURAL 178
Capítulo 4 - Moçambique Não é Congo: as formas de organização dos detentores 181
Vestidos de dignidade 190
4.1. Côrte 190
4.2. Capitania 199
4.3. Candombe 204
4.4. Moçambique /Massambique 210
4.5. Congo 217
4.6. Marujada 223
4.7. Catopés/catopês/catupés 230
4.8. Tamborzeiros 236
4.9. Caboclos, caboclinhos, penachos, caboclada 243
Capítulo 5 - Celebrar o Rosário de Maria com prazer e alegria 248
5.1. No estado de Goiás 260
5.1.1. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão 263
5.1.2. Congadas de Niquelândia 272
5.1.3. Congadas de Goiânia 273
5.2. No estado de São Paulo 275
5.2.1. Festa de São Benedito de Aparecida 277
5.2.2. Festa do Divino e Coroação dos Reis Congos em Mogi das Cruzes 280
5.2.3. Festa de São Benedito em Ilhabela 282
5.3. No estado de Minas Gerais 287
5.3.1. Festas de Agosto em Montes Claros 287
5.3.2. A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte 289
5.3.3. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro 300
5.3.4. Festa da Congada em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Uberlândia 308

5.3.5. Festa de São Benedito de Machado 315
5.3.6. Festas do Rosário na Boa Viagem em Itapecerica 321
5.3.7. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio em Belo Horizonte 326
Capítulo 6 - Dar, receber, agradecer: a partilha no Rosário 335
Dádivas de São Benedito 342
Capítulo 7 - Sons do Rosário 356
7.1. Os grupos rituais e suas sonoridades 359
7.1.1. Catopês, marujadas e caboclinhos no Norte de Minas Gerais 361
7.1.2. Pifeiros em Minas Gerais 364
7.1.3. Presença da Marimba 366
7.1.4. Moçambiques, congos, catupés e marinheiros no Triângulo Mineiro 366
7.1.5. Instrumentos das Congadas em São Paulo 367
7.1.6. Instrumentos dos Congos em Goiás 368
7.1.7. Congos, moçambiques e candombes na região metropolitana de Belo Horizonte 371
7.2. Traços comuns do trabalho acústico em diferentes grupos e regiões 375
7.2.1. Centralidade da produção acústica e do tambor 377
7.2.2. Percussão e canto em alternância solo-coro 378
8.1. Pedagogias da tradição 389
8.2. Rosário dos pretos 406
PARTE 3 – MOTIVAÇÕES PARA O RECONHECIMENTO 419
PARTE 4 – RECOMENDAÇÕES PARA A SALVAGUARDA 425
Ações de documentação 427
Ações de apoio à proteção de direitos das comunidades detentoras do bem cultural 428
Ações de apoio à formalização e gestão das associações 429
Ações de apoio à sustentabilidade 429
Ações ligadas ao patrimônio material 430



Ações de divulgação.....431
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 432
Anexo 1 - Lista de Presença dos Encontros Presenciais em Minas Gerais.....464
Anexo 2 - Índice Temático para Fichamentos.....472
Anexo 3 - Lista de Participantes dos Grupos de WhatsApp de Minas Gerais, São Paulo e Goiás (2022 - etapa final da instrução para o Registro)*.....477
Anexo 4 - Lista de Inscritos nos Seminários Virtuais (2022 - etapa final da instrução para o Registro) 481
Anexo 5 - Quantidade e Características dos Participantes dos Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil..... 501
Anexo 6 - Cantos Sagrados de Milho Verde (Serro, MG) e o Pedido de Registro..... 507
Anexo 7 - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO) e o Pedido de Registro 527
Anexo 8 - Festa de São Benedito de Aparecida (SP) e o Pedido de Registro 546
Anexo 9 - Alguns versos e cantos do Rosário 572



INTRODUÇÃO

1. Apresentação



Saída do Moçambique do Tonho Pretinho. Festa da Boa Viagem. Itapecerica (MG), 2014.
Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Este Dossiê apresenta uma síntese de estudo aprofundado para a instrução técnica do processo de Registro dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil.

O nome sugerido é resultante do esforço para uma formulação que seja representativa da multiplicidade de expressões do bem cultural, dos seus fundamentos simbólicos e, ao mesmo tempo, capaz de afirmar a sua identidade

cultural. Foram consideradas as divergências dos(as) detentores(as) quanto ao emprego genérico de qualquer dos nomes mais difundidos - "Reinado", "Congado" ou "Congada" - com a intenção de que um deles diga respeito aos demais, uma vez que esses nomes, embora em boa medida sejam correlatos, não são sinônimos. A polissemia dos nomes torna-se ampliada na medida em que o território de referência para o reconhecimento do bem cultural é todo o país.

Buscando equacionar essa complexidade, através da pesquisa realizada para a etapa final de instrução do processo de Registro foi compreendido que seria importante propor um título mais abrangente do que somente "Reinados, Congados e Congadas", que ao mesmo tempo fosse capaz de fazer referência imediata ao essencial compartilhado pelas diferentes comunidades vinculadas a este bem cultural multifacetado. Para isso, buscou-se assumir uma convergência de pontos de vista notoriamente qualificados, manifestados por diversos(as) detentores(as) do bem cultural, de acordo com os quais o senso de pertencimento comunitário, identidade e devoção ao sagrado são os componentes fundamentais compartilhados. Nesse sentido, surgiu a adesão ao termo "Rosário" enquanto dispositivo semântico indicador dessa profunda ligação entre os elementos "pertencimento", "identidade" e "devoção", e que é comumente usado por detentores(as) experientes para caracterizar de maneira apropriada a sua vivência da tradição: as pessoas costumam dizer que realizam "festas do Rosário", que se reúnem pela "fé no Rosário", e que se percebem como comunidades "unidas no Rosário". Estas expressões são recorrentes e muito significativas, portadoras de profundo alcance cosmológico, capazes de realizar uma forte alusão às dimensões dos saberes, das formas de expressão, das celebrações, das artes, dos ofícios e dos modos de fazer dos reinadeiros, candombeiros, moçambiqueiros (massambiqueiros), congadeiros (congos, congados, congueiros, conguistas), marujos (marujeiros, marujadas), catopês (catupés, catopés), vilões, pifeiros, tamborzeiros, entre tantas outras denominações de detentores do bem

cultural, por expressarem da forma mais abrangente e simultaneamente singular o que essas pessoas vivenciam.

Além disso, estão mantidos no título sugerido para o Registro os nomes "Reinados", "Congados" e "Congadas" por serem demasiadamente comuns, empregados fartamente nos conteúdos informativos veiculados para a população brasileira, e por serem também praticados de forma geral pelos(as) detentores(as) nas diferentes regiões e localidades brasileiras, com uma função denotativa.

Já o termo "saberes" atende à finalidade de destacar a dimensão epistêmica e cosmológica do bem cultural, abrangendo todas as demais dimensões e incluindo, de uma só vez, aspectos relativos ao modo de viver, fazer, celebrar e ao ensino e aprendizagem da tradição entre as gerações reinadeiras, congadeiras. O estatuto do bem cultural enquanto uma instituição de saberes tem o benefício de garantir a necessária explicitação dos diversos modos de ser e conviver, geradores de conhecimentos, corporalidades e materialidades próprios, que são construídos pelas tradições do Rosário. Para uma exemplificação, pode-se afirmar que as formas de "viver no Rosário" mobilizam sacerdócios e mestrias espirituais; ofícios, métodos e tecnologias de curadores(as) e benzedores(as), cozinheiros(as) e artesãos(ãs); artes da linguagem e das performances memorialistas, narradoras, cerimoniais, oradoras e poéticas; as musicalidades de tocadores(as)/instrumentistas, cantadores(as)/ cantores(as), dançadores(as)/dançantes. Todas essas práticas e seus produtos materiais e imateriais são mobilizados não somente nos períodos festivos, mas ao longo do tempo de convivência entre mais velhos e mais novos, que se reúnem pela devoção ao Rosário em família, entre vizinhos, pelos bairros, em contextos rurais ou urbanos.

Como será apresentado, o bem cultural consiste fundamentalmente em um conjunto diversificado de saberes da ancestralidade afro-brasileira que são atualizados por meio da devoção ao Rosário. De acordo com o pensamento de



mestres e mestras dessas tradições, seus saberes constroem comunidades fortalecidas culturalmente por um modo de vida ancestralizado que, desde as práticas cotidianas aos ritos celebrativos, expressa as habilidades dos povos negros para a resistência cultural, a negociação e, especialmente, para a produção de comunidades afetivas e identidades culturais poderosas - que resistiram, no passado, às violências da escravização; e resistem, na atualidade, às violações de direitos perpetradas pelo racismo estrutural e seus desdobramentos. No campo dos saberes, é possível mostrar com maior ênfase que, além de afirmarem resistência cultural, as tradições do Rosário são também filosófica e culturalmente propositivas e fornecem condições para que, através do culto à ancestralidade, haja a continuidade de práticas de conhecimento embebidas em cosmologia enraizada, oriunda da vasta região cultural centro-africana e reformulada, criativamente, nos contextos da diáspora. Será apresentado, ao longo deste trabalho, como os fundamentos culturais do Rosário foram variavelmente transformados e salvaguardados, tanto nas senzalas, nas matas, nos quilombos, quanto nas instituições das irmandades católicas de homens pretos que se formaram, no Brasil, a partir do século XVII, e das quais desdobraram-se variadas formas de organização atualizadas.

Além disso, é considerado muito importante o fato de que a dimensão dos saberes do Rosário tem sido o aspecto menos investido pela literatura e documentação dedicadas ao tema, desde o princípio do século XX. Ao passo que a ênfase e a divulgação da profundidade e amplitude da dimensão cosmológica podem alcançar maior efetividade para a valorização plena do bem cultural pelos diversos setores da sociedade, uma vez que, pelo reconhecimento da lógica de mundo que é geradora das expressões do Rosário - que tanto impactam a sociedade com a sua exuberância performática, sonora, corporal, poética, afetiva -, talvez seja possível, em alguma medida, contribuir para um movimento de reversão do histórico de preconceitos e mal entendidos que fizeram com que, por muito tempo, o bem cultural



fosse tomado apenas como um prodigioso reflexo da conversão de africanos e afrodescendentes ao catolicismo imposto.

A ênfase na dimensão dos saberes busca priorizar, além disso, outro aspecto muito importante e que é generalizadamente destacado pelos(as) detentores(as): a importância da priorização da salvaguarda dos(as) mais velhos(as). Nas tradições culturais de matrizes africanas e afro-brasileiras, eles(as) são os(as) portadores(as) legítimos(as) da "raiz da tradição". Por isso são expoentes da devoção afro-brasileira ao Rosário, estimados como mestres(as) zeladores(as) dos conhecimentos profundos, e principais responsáveis pela orientação das novas gerações, sem as quais a continuidade do bem cultural fica ameaçada. Neste sentido, o Dossiê sugere que o reconhecimento dos saberes e, por desdobramento imediato, dos(as) seus(suas) detentores(as), atende às expectativas e preocupações que têm sido tematizadas pelas comunidades do Rosário no tocante à prioridade para a salvaguarda da sua tradição.

O objetivo deste Dossiê é, portanto, contribuir para o reconhecimento e a salvaguarda oficiais do que está sugerido nomear de Saberes do Rosário: práticas de convivência e conhecimento de grande abrangência no território nacional e longa trajetória na história do país, protagonizadas pela população afro-brasileira, que é a maior população negra fora do continente africano, e que pela devoção ao Rosário se reúne em torno do culto à ancestralidade. Será apresentado no Dossiê como o bem cultural tem raiz em acontecimentos extraordinários que são demarcadores da historicidade das comunidades de matrizes africanas – historicidades outras que a moderna ocidental. As comunidades do Rosário preservam os saberes ensinados e aprendidos a partir da sua historicidade própria. Entre esses acontecimentos, são destacados a aparição de Nossa Senhora do Rosário aos negros e a predileção da santa às suas formas próprias de comunicação com o sagrado; a agência dos poderes dos candombes nesta e em outras situações; a conquista da liberdade por



Galanga Chico Rei, gerador de novas comunidades de devoção; as providências mágicas de São Benedito, seja para diminuir o sofrimento do cativeiro e da fome do povo negro escravizado, seja para o resgatar de um naufrágio. Esses elementos são fortemente ligados à diáspora africana (pela Europa e em seguida nas Américas) e à colonização do Brasil.

Como poderá ser visto, as diversas expressões do bem cultural foram difundidas amplamente no território brasileiro, com toda a sua pluralidade. Na contemporaneidade, estão presentes em, pelo menos, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Brasília, Tocantins, Ceará, Sergipe e Bahia. Atravessaram mais de 300 anos de história, alcançando o século XXI não sem muitas transformações e ressignificações. No entanto, foi mantida uma identidade fundamental: a ancestralidade de matriz africana com canto, ritmo e dança, na maior parte das vezes envolvendo a coroação de reis e rainhas congos (ou do Congo) como parte principal de um festejo que, ao longo de dias, cumpre alvoradas, levantamento de bandeiras, rezas, cortejos e missas.

Entre 2006 e 2018 o Iphan realizou pesquisas com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) que mapearam centenas de ocorrências das expressões do Rosário em 20 municípios de Goiás (entre 2006 e 2008); em 332 municípios de Minas Gerais (entre 2012 e 2014); e em 31 municípios de São Paulo (entre 2016 e 2018). Esses são os estados de maior concentração do bem cultural na contemporaneidade, sendo uma parte muito expressiva de tradições que ultrapassam 100 anos. Como será visto, dentre eles, Minas Gerais se destaca pela maior concentração de detentores, de celebrações, e de variações rituais e organizativas. É também sobre essa região brasileira que a maior parte da literatura especializada se dedicou, produzindo registros técnicos, científicos e artísticos de caráter documental, etnográfico e literário.

Portanto, o Dossiê retomará o exposto acima, desdobrando em detalhes suas temáticas principais, com o objetivo de explicitar as motivações históricas, socioantropológicas e culturais para o reconhecimento dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil.

Finalmente, é necessário recomendar que a leitura deste trabalho seja acompanhada da compreensão de que esta documentação é um extenso compilado sistematizado de informações que foram produzidas por diversos atores, em diferentes contextos e condições de pesquisa, ao longo de quase duas décadas. Não há intenção de que o Dossiê seja um documento restritivo que encerre uma listagem ou enumeração dos grupos, territórios e formas de organização dos Reinados, Congados e Congadas do Brasil. Tratando-se de tradições populares com grande consistência étnica-racial, não há intenção de que as caracterizações e exemplos aqui apresentados exerçam restrição a outras possíveis classificações, nomeações e formas de interpretação do bem cultural no Brasil.

2. Histórico do Processo de Instrução Técnica para o Registro do Bem Cultural

As ações que compõem o processo de instrução técnica para o Registro do bem cultural como patrimônio do Brasil foram conduzidas pelo Iphan através do seu Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) e de suas Superintendências em Goiás, Minas Gerais e São Paulo. As atividades iniciaram no ano de 2006, quando a Superintendência do Iphan em Goiás realizou um levantamento documental das "Festas do Rosário no Brasil". O foco deste trabalho foram alguns exemplos de festas representativas de Minas Gerais e Goiás, considerando as semelhanças na estrutura e morfologia das celebrações nesses dois estados, sendo identificadas a predominância

de expressões da matriz cultural banto e as histórias preservadas pela tradição oral que remetem a mesma origem ligada à aparição de Nossa Senhora ao povo negro.

Considerando a multiplicidade da ocorrência dos Reinados, Congados e Congadas em uma área extensa do Brasil – naquele momento eram estimadas cerca de 200 festas do Rosário em Minas Gerais e 20 em Goiás –, o DPI decidiu encaminhar o inventário e o levantamento preliminar de algumas festas de cinco sub-regiões: Sudoeste de Minas Gerais, Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), Alto Jequitinhonha (MG), Triângulo Mineiro e Centro-Sul de Goiás. Nesse contexto, o Iphan-GO lançou, no final de 2007, o Edital/Convite nº 10/2007, para realização do inventário e documentação das "Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás". A Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNAPE) da Universidade Federal de Goiás (UFG) apresentou a proposta selecionada no edital, sob a coordenação do sociólogo doutor, vinculado ao departamento de Ciências Sociais e pós-graduação em Performances Culturais da UFG, Sebastião Rios, para realizar a pesquisa e documentação do Inventário. Esse trabalho resultou na caracterização aprofundada das consideradas mais representativas celebrações das Congadas de Goiás e seus protagonistas participantes, nos municípios de Niquelândia, Catalão e Goiânia.

Durante esse mesmo período, em novembro de 2008, foi protocolado o pedido de Registro das "Congadas de Minas" como Patrimônio Cultural do Brasil, dirigido ao Iphan pela Secretaria Municipal de Cultura do município de Uberlândia (MG) e subscrito pelas prefeituras dos municípios mineiros de Campos Altos, Frutal, Monte Alegre e Uberaba e pela Associação dos Congos e Moçambiques Nossa Senhora do Rosário de Ibiá (MG). A partir de então, foram realizados procedimentos administrativos de avaliação técnica e pedido de complementação da documentação anexada ao pedido (fevereiro de 2009); recebimento dessa complementação (maio de 2009); análise pela Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial (agosto de 2009); e encaminhamento do processo à Superintendência do

Iphan de Minas Gerais (fevereiro de 2011) para a condução dos procedimentos para a Instrução Técnica.

Nesse sentido, entre 2012 e 2014, foram realizadas duas etapas do levantamento preliminar das "Congadas de Minas", pelo Iphan-MG. Seguindo a orientação da metodologia do INRC, na primeira etapa realizou-se um levantamento em todo estado para uma sondagem preliminar da localização dos municípios onde a prática cultural acontece.

Após a entrega dos resultados desse levantamento preliminar, foi organizado, pelo Iphan, um Grupo de Trabalho composto pela equipe técnica do órgão com pesquisadores responsáveis e especialistas convidados. Esse grupo se reuniu entre os meses de abril e agosto de 2013, para discutir o assunto e definir os critérios para a finalização da etapa preliminar do processo de instrução para o Registro. Foi decidida a delimitação de 47 municípios mineiros para a segunda etapa do levantamento, levando-se em consideração condições objetivas: tamanho da equipe de pesquisadores, recursos financeiros disponíveis, distância entre as regiões, representatividade de grupos por localidade.

A segunda etapa desse levantamento se iniciou no primeiro semestre de 2013 e finalizou em 2014. Além da verificação e documentação da complexidade do bem cultural, esse trabalho refletiu na constatação do desafio quanto às variações locais, inclusive dos nomes empregados para fazer uma identificação genérica do bem cultural. Por exemplo, na região sudeste de Minas Gerais, o bem cultural é genericamente reconhecido como "Festa do Congado" ou "Festa do Reinado"; já na região norte do estado, é referido genericamente como "Festa dos Catopês" ou "Reinado".[1]

[1] Como será mencionado no capítulo 1, o trabalho de levantamento preliminar realizado pelo Iphan de São Paulo, entre 2016 e 2018, também concluiu ser grande o desafio para uma decisão quanto a nomeação mais abrangente para o bem cultural (IPHAN, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 23

A partir dos dados apurados nas duas etapas do levantamento preliminar foi elaborado um mapa da distribuição geográfica do bem cultural, por município, dentro de Minas Gerais. Ao todo, dos 853 municípios mineiros, foram identificadas referências culturais dos Reinados, Congados e Congadas em 332, envolvendo 701 festas relacionadas à celebração do Rosário. A quantidade de agremiações identificadas nesses municípios somou 1174 guardas, ternos, bandas ou cortes;[2] 20 candombes, 117 irmandades e 193 reinados constituídos. Resultou constatada a enorme diversidade, complexidade e ampla distribuição territorial do bem cultural no estado de Minas Gerais.

Entre 2013 e 2016, outras atividades de pesquisa e documentação realizadas pelo Iphan e executadas por instituições culturais parceiras contribuíram para a produção de documentação de referência para a instrução do processo de Registro e a mobilização das comunidades de detentores em torno do tema do patrimônio cultural, através de projetos contemplados pelo edital público "Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial relacionado à música, canto e dança de comunidades afrodescendentes localizadas no território brasileiro", promovido pelo Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina e Caribe (CRESPIAL),[3] selecionado para a realização coordenada pelo Iphan.

[2] Como enfatizou o pesquisador Daniel Magalhães, em comunicação pessoal resultante do processo participativo da etapa final de instrução para o Registro do bem cultural, desenrolado no período entre 2022 e 2023, é importante destacar uma uma diferenciação na grafia da palavra "corte", que tem duas acepções: uma, enquanto reino ou trono coroado; e a outra, como sinônimo de terno ou guarda na região Centro-oeste mineira. Para explicitar as duas pronúncias e as duas acepções, adota-se, neste Dossiê, a grafia côrte para designar reino, trono coroado, e corte para designar grupo, equivalente a guarda, terno.

[3] CRESPIAL é o Centro de Referência para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina e Caribe. Foi criado em fevereiro de 2006, firmado entre a UNESCO e o Governo do Peru com o objetivo de promover e apoiar ações de salvaguarda e proteção do vasto patrimônio cultural imaterial dos povos da América Latina e Caribe. Tem como propósito contribuir para a formulação de políticas públicas nesses países, a partir da identificação, valorização e difusão de sua cultura viva, ações que vão redundar no enriquecimento da diversidade cultural, e que estão conformes

A instituição deu prioridade à seleção de propostas dedicadas a um bem cultural ainda não reconhecido oficialmente e levou em consideração que, das 35 propostas candidatas, tematizando diversas expressões culturais afrodescendentes do Brasil, oito foram sobre Reinados, Congados e Congadas. O DPI, então, selecionou três projetos envolvendo esse bem cultural: nos municípios de Mogi das Cruzes (SP); de Itapecerica (MG); e de Belo Horizonte (MG), Contagem e Ibirité (Região Metropolitana de Belo Horizonte). Foram eles: "Mapeamento e resgate de aspectos da cultura tradicional de comunidades afrodescendentes de Mogi das Cruzes (SP)",[4] apresentado e executado pela Casa do Congado de Mogi das Cruzes; "Memórias e cantos do Moçambique do Tonho Pretinho" (Itapecerica, MG), apresentado e executado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG); e "Os saberes do sagrado: Irmandade do Rosário e o registro patrimonial", apresentado e executado pela Associação Filmes de Quintal (Belo Horizonte, MG). O rico material produzido com essas realizações integra, ao lado das demais pesquisas realizadas pelo Iphan, o conjunto de documentos pesquisados e analisados pela equipe responsável pela finalização da instrução do processo de Registro para a elaboração do presente Dossiê (ver seção Metodologia).

Entre 2016 e 2018 foram realizadas visitas técnicas pelo Iphan-MG às regiões propostas como territórios do estado para a pesquisa e compreensão das dinâmicas e características do bem cultural; e para a verificação da possibilidade de realização de encontros regionais com as comunidades detentoras locais. Dois encontros

com o espírito da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003) (http://www.crespial.org/pt/Seccion/index/1/Crespial).

[4] O INRC das comunidades afrodescendentes de Mogi das Cruzes, supervisionado por Odair Aparecido de Paula, identificou sete comunidades detentoras do bem cultural em Mogi das Cruzes e nos seus subdistritos: Braz Cubas, Cesar de Souza e Jundiapeba; sendo as Localidades pesquisadas: Associação Vila Vitória, Jardim Santa Tereza, Vila Bernadotti, Vila São Paulo, Vila Municipal e Jardim São Pedro – ambas no sítio – e, Aparecida, no entorno. Foram identificadas sete congadas devotas a São Benedito, Santa Ifigênia, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 25

regionais aconteceram: um em Montes Claros (reunindo detentores das regiões Vale do Mucuri, Norte de Minas e Jequitinhonha); e outro em Uberlândia (que reuniu detentores das regiões Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba). Os encontros foram realizados nos meses de maio e abril de 2018, cada um deles em dois dias consecutivos (sábado e domingo) (a lista de presença encontra-se documentada no Anexo 1). No encontro em Uberlândia compareceram 163 grupos, de 21 municípios.[5] Em Montes Claros estiveram presentes 44 grupos, representantes de 16 municípios.[6] O objetivo dos encontros foi ampliar o diálogo com a comunidade de detentores, apresentar e debater a política nacional de patrimônio imaterial, com destaque para o pedido de Registro das Congadas de Minas (Iphan, 2018). A interlocução direta com esses grupos de detentores foi importante para o prosseguimento do processo de instrução para o Registro, ampliando as bases descritivas e analíticas para o planejamento da sua continuidade.

Nesse mesmo período, entre 2015 e 2018, a Superintendência do Iphan do estado de São Paulo realizou a etapa preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Congadas Paulistas, em parceria com o Centro de Estudos da

[5] Araxá (seis ternos), Campos Altos (um moçambique e dois catupés), Canápolis (três moçambiques), Carneirinho (um terno não especificado), Carmo do Paranaíba (cinco ternos não especificados), Centralina (três ternos não especificados), Frutal (um marujo e um moçambique), Guimarânia (dois moçambiques), Lagoa Formosa (um moçambique), Monte Alegre de Minas (doze ternos não especificados), Monte Carmelo (dois congos e um congo moçambique), Patos de Minas (oito moçambiques), Patrocínio (três congos, dois moçambiques e dois catupés), Rio Paranaíba (um moçambique e dois congos), Romaria (um marujo e dois ternos não especificados), Sacramento (um congo e uma guarda do Rosário), São Gotardo (seis ternos não especificados), Uberaba (dezessete ternos não especificados), Uberlândia (quinze ternos não especificados), Veríssimo (seis ternos não especificados).

[6] Araçuaí (um tamborzeiro), Berilo (dois tamborzeiros), Bocaiúva (dois catopês), Brasília de Minas (um grupo não especificado), Chapada do Norte (uma irmandade do Rosário e um caboclo surubim), Couto de Magalhães de Minas (dois catopês e um calafatinho), Francisco Badaró (um irmandade e um tamborzeiro), Francisco Sá (dois grupos não especificados), Itamarandiba (duas marujadas), Ituiutaba (três moçambiques, três congos, um marinheiro e um congo infantil), Minas Novas (dois tamborzeiros, uma guarda de honra, um marujada e um congo), Montes Claros (três catopês, dois marujos e um caboclinho), São Gonçalo do Rio Preto (um marujo), São Romão (um caboclo, um batuque e um congado), Turmalina (um marujada, um tamborzeiro, um caboclinho e um catopê) e Veredinha (um mangangá).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 26

Cultura Popular de São José dos Campos (CECP),[7] que desenvolveu pesquisa bibliográfica, documental e de campo (com entrevistas e registro audiovisual), elaboração de mapeamento e relatório técnico, coordenados pelo pesquisador e historiador Fábio Bueno. Esse trabalho identificou 80 grupos e 36 festas em 28 municípios do estado de São Paulo[8].

Diante da impossibilidade da realização de todos os encontros regionais inicialmente previstos, em razão da escassez de recursos orçamentários e do prolongamento do processo de Registro, e tendo em vista as informações já acumuladas sobre o bem cultural a partir das pesquisas realizadas até aquele momento, decidiu-se pela não continuidade das outras etapas do INRC e, entre 2019 e 2022, foi realizada a finalização da instrução para o Registro. Nessa etapa de finalização se inclui a elaboração do presente Dossiê como peça técnica que reúne o conjunto de sínteses analíticas e descritivas produzidas pelo Iphan desde 2006, além da sistematização e formulação analítica das novas informações geradas pela pesquisa realizada durante essa etapa final. O edital de licitação para a realização dessa etapa foi publicado em 2019. O contrato com a consultoria licitada, Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio - CAMPO, iniciou em janeiro de 2020 com previsão de finalização em janeiro de 2022. Em março de 2020, quando estava sendo finalizada

[7] O projeto foi realizado entre 2015 e 2016 por meio de um Convênio firmado entre o Iphan e o CECP, e contou com apoio da Prefeitura de São José dos Campos, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo e do Museu do Folclore de São José dos Campos, além da cooperação da Universidade de Taubaté (Unitau) (IPHAN, 2018).

[8] Seguindo a metodologia do INRC, a pesquisa nos municípios foi organizada em seis localidades de estudo: Vale do Paraíba Paulista (Localidade 1); Ribeirão Preto – São José do Rio Preto (Localidade 2); Salto Grande (Localidade 3); Vale do Ribeira (Localidade 4); Campinas – Piracicaba - Atibaia (Localidade 5); Grande São Paulo (Localidade 6), compreendendo os seguintes municípios: Aparecida, Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Caraguatatuba, Cotia, Diadema, Eldorado, Franca, Guaratinguetá, Iguape, Ilhabela, Itapira, Lagoinha, Mogi das Cruzes, Monteiro Lobato, Morungaba, Nazaré Paulista, Olímpia, Pindamonhangaba, Piracaia, Piracicaba, Redenção da Serra, Rio Claro, Salto Grande, Santo Antônio da Alegria, São Bento do Sapucaí, São Luís do Paraitinga, São José dos Campos, São Paulo e Taubaté; incluindo os distritos de Eugênio de Melo (São José dos Campos), Catuçaba (São Luís do Paraitinga) e sendo considerado como localidade de entorno o município de São Sebastião do Paraíso, em Minas Gerais.

uma etapa preliminar de revisão documental e bibliográfica, pela Consultoria CAMPO, viabilizando uma preparação dos trabalhos de campo que envolveriam ao menos cinco regiões de Minas Gerais e subsidiariam uma atualização da produção etnográfica sobre o bem cultural, teve início o longo período de emergência sanitária no Brasil e no mundo devido à pandemia de Covid-19. Essa situação e seu agravamento de longa duração no Brasil afetou drasticamente o desenvolvimento do trabalho e a possibilidade de realização das atividades em campo.

Ao final de 2020, sendo constatado comprometimento do plano original em função da forçosa perduração dos protocolos sanitários de prevenção à Covid-19, foi realizada uma repactuação com a consultoria licitada para a proposição de alternativas e adaptações que garantissem a realização da etapa final de instrução do processo de Registro sem prejuízo dos resultados do trabalho. Foi preciso que as pesquisas de campo fossem definitivamente excluídas e outras pesquisas e redações incluídas, a saber: a) uma pesquisa estendida a respeito do bem cultural nos estados de São Paulo e Goiás, além de Minas Gerais, ampliando a referência territorial para a elaboração do Dossiê; b) a consideração de outros três pedidos de registro no escopo do trabalho (Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, GO; os Cantos Sagrados de Milho Verde, distrito do município de Serro, MG; Festa de São Benedito de Aparecida, SP), envolvendo a pesquisa e redação sobre as três referências culturais no presente Dossiê.

Além disso inseriu-se, no escopo dos trabalhos, a realização de três Seminários, com nove encontros virtuais ao longo de 2022, envolvendo o público das comunidades detentoras, pesquisadores e sociedade em geral interessada, para atualizar e ampliar a informação e o diálogo com reinadeiros/as e congadeiros/as de todo o Brasil a respeito do processo de Registro e da política pública patrimonial correlata. Sobre o audiovisual, com a inviabilidade de gravações em campo, foi

proposta uma nova metodologia, que será apresentada na seção a seguir, para a produção do vídeo documentário (em versões de 15 e 60 minutos).

3. Equipe

A equipe do trabalho de instrução final do processo para o Registro dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil foi composta por um conjunto de profissionais mobilizados periodicamente ao longo dos três anos de atividades. A equipe nuclear esteve mobilizada ao longo da maior parte do tempo, formada por integrantes experientes em pesquisa e redação na área do patrimônio cultural imaterial, gestão cultural e temáticas ligadas às populações afrodescendentes e relações étnico-raciais. Alguns integrantes são pertencentes às comunidades detentoras, ocupando cargos e exercendo compromissos com o Rosário há mais de uma década.

A historiadora Josemeire Alves, mestra e doutora em História, atuou na coordenação geral do estudo, pesquisa historiográfica, redação do Dossiê e coorganização dos seminários. Fernanda de Oliveira e Silva, doutora em Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas, mestra em Antropologia Social e dançante da Guarda de Congo do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, no bairro Concórdia, em Belo Horizonte (MG), foi uma das coordenadoras gerais do estudo, responsável pela pesquisa antropológica, redação do Dossiê e coorganizadora dos seminários. Ana Luzia da Silva Morais, mestra em História e Rainha Konga[9] de Nossa Senhora das Mercês na Festa do Congo do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira (Centro-Oeste, MG) e da Festa de Maio da comunidade Nzo Atim Kaiango ua Mukongo, em Juatuba (Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG), foi uma das

[9] Ana Luzia e seus conviventes preferem utilizar a grafia com k para adotar uma grafia do grupo etnolinguístico banto.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 29

responsáveis pela pesquisa historiográfica e coorganizadora dos seminários. Jeremias Brasileiro, mestre e doutor em História Social e presidente da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba (Alto Paranaíba, MG) também foi um dos responsáveis pela pesquisa historiográfica e coorganizador dos seminários. Ana Tereza Faria, mestra em Antropologia Social atuou na gestão executiva, coordenação geral do estudo, coorganização dos seminários, pesquisa e redação do Dossiê. Bárbara Altivo, doutora em Comunicação Social e mestra em Antropologia Social, contribuiu com aspectos do planejamento da redação e com sínteses de algumas revisões bibliográficas componentes da redação do Dossiê. Leonardo Pires Rosse, mestre em Etnomusicologia e doutor em Música, foi responsável pela pesquisa etnomusicológica e redação do Dossiê. Alexia Melo, fotógrafa etnográfica e mestra em Educação, Ensino e Humanidades, realizou a pesquisa, seleção e sistematização das imagens fotográficas para a composição do Dossiê e do acervo de imagens sobre o bem cultural. Bruno Vasconcelos, graduado em Comunicação Social e em Cinema e mestre em Antropologia Social, foi responsável pela pesquisa, roteirização, edição, montagem e finalização do vídeo documentário. Letícia Rosa, graduada em Turismo e graduanda em Antropologia, atuou como apoio técnico, mobilização e moderação na rede social para a participação das comunidades detentoras nos seminários e sua coorganização.

Destaque-se que a redação final do presente trabalho contou com importantes contribuições de revisão e complementação de detentores do bem cultural, pesquisadores de diversas áreas disciplinares, cujos créditos estão reportados, acima, na Ficha Técnica deste Dossiê. Conforme será apresentado adiante nesta seção de introdução, um dos componentes participativos do processo de elaboração deste Dossiê foi a criação de canais de comunicação e acolhimento de sugestões, ponderações e objeções oferecidos pelos detentores e pesquisadores do bem cultural, o que foi viabilizado, sobretudo, durante os expedientes dos seminários

virtuais realizados ao longo do ano de 2022, mas também via formulário digital encaminhado ao público após o terceiro seminário, abrindo-se um período para a recepção de colaborações redigidas pelos detentores e pesquisadores.

4. Metodologia da etapa final do processo de instrução para o Registro

Como já indicado, o Dossiê de Registro foi produzido sem a possibilidade de atualização de pesquisa em campo devido a Covid-19, sendo baseado em uma revisão criteriosa da vasta documentação produzida pelas superintendências do Iphan em GO, MG e SP, no período entre 2006 e 2018. A documentação de base da escrita foi elaborada, portanto, por outras equipes de trabalho, ao longo de mais de dez anos, a partir de pesquisa documental, bibliográfica e de campo, com uso da metodologia do INRC, cumprindo etapas fundamentais para subsidiar a instrução do processo de reconhecimento oficial dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil.[10] Essa volumosa documentação foi resumida pela equipe responsável pela etapa de finalização da instrução do processo de Registro, sistematizada e atualizada com novas pesquisas bibliográficas e formulações analíticas, durante o período entre 2020 e 2022.

Dentre o material analisado e sistematizado nessa etapa final, destacam-se o estudo e a seleção das documentações de INRC produzidas como um dos desdobramentos do projeto "Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial relacionado à música, ao canto e à dança de comunidades afrodescendentes localizadas no território brasileiro" (Iphan, 2015), componente do programa "Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial Afrodescendente na América Latina e Caribe" (CRESPIAL). Como comentado na seção anterior, esse projeto abrangeu as

[10] Os técnicos do Iphan das Superintendências envolvidas no processo de Registro estão listados na Ficha Técnica deste Dossiê.

pesquisas “Saberes do Sagrado: Irmandade do Rosário e o Registro Patrimonial/MG” (Iphan, 2015), “Memórias e Cantos de Moçambique do Tonho Pretinho/MG” (Iphan, 2016) e “Mapeamento e Resgate de Aspectos da Cultura Tradicional de Comunidades Afrodescendentes de Mogi das Cruzes” (Iphan, 2015). Também foram analisados os relatórios produzidos pelo consultor Marcos da Costa Martins (Iphan/CRESPIAL, 2015, 2016, 2018) a respeito dos processos e produtos resultantes dos projetos mencionados acima e das primeira e segunda etapas do INRC em MG.

Este Dossiê de Registro é, portanto, resultado de uma longa empreitada de estudos e sistematizações que visa, finalmente, apresentar o bem cultural ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), à comunidade detentora e à sociedade brasileira, caracterizando a riqueza da sua identidade, explicitando a sua representatividade, complexidade, antiguidade e amplitude, demonstrando a presença expressiva enraizada em centenas de municípios brasileiros (do Ceará ao Rio Grande do Sul, passando pelo Tocantins e Mato Grosso), especialmente, nas regiões central e sudeste do Brasil.

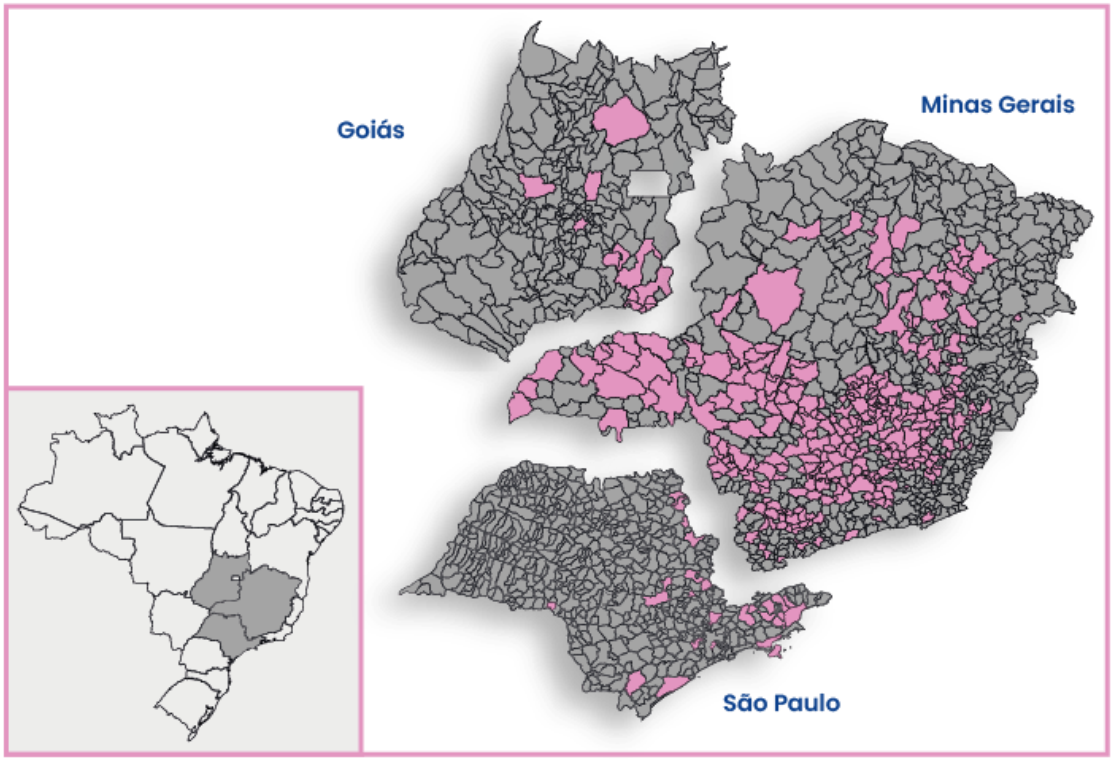
O referencial territorial para a redação do Dossiê foram os estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, por serem territórios onde os Reinados, Congados e Congadas estão presentes em maior quantidade, com notável diversidade, ao longo de três séculos. Nesses estados, uma parte muito expressiva das comunidades atuais e suas expressões ultrapassam 100 anos. Como informado anteriormente, dentre eles, Minas Gerais se destaca pela maior concentração de detentores, celebrações e variações de estilos rituais e organizativos. É também sobre essa região brasileira que a maior parte da literatura especializada se dedicou, produzindo registros técnicos, científicos e artísticos de caráter documental, etnográfico e literário (Iphan, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017).

O conteúdo do Dossiê reflete essa proporcionalidade de ocorrências entre os três estados e também o contraste da profundidade etnográfica dos materiais

disponíveis - aqueles que são mais detalhados em relação aos aspectos priorizados no Dossiê referem-se às expressões do bem cultural no estado de Minas Gerais.

Como dito anteriormente, entre 2006 e 2018 o Iphan realizou pesquisas com a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) que mapearam centenas de ocorrências das expressões do Rosário em 20 municípios de Goiás (entre 2006 e 2008); em 332 municípios de Minas Gerais (entre 2012 e 2014); e em 31 municípios de São Paulo (entre 2016 e 2018), conforme pode ser observado no mapa a seguir:

Municípios em que o bem cultural foi identificado em Goiás, Minas Gerais e São Paulo



Fonte: Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás (IPHAN, 2008), das Congadas de Minas/levantamento preliminar (IPHAN, 2014) e do Congado Paulista/etapa preliminar (IPHAN, 2018)

No caso de Minas Gerais, dos seus 853 municípios, foram identificadas referências culturais dos Reinados, Congados e Congadas em 332, envolvendo 701 festas que celebram o Rosário. A quantidade de agremiações identificadas nesses municípios somou 1174 guardas, ternos, bandas ou cortes; 20 candombes, 117 irmandades e 193 reinados constituídos. Desta maneira, resultou constatada a enorme

diversidade, complexidade e a ampla distribuição territorial do bem cultural no estado de Minas Gerais.

O levantamento documental e bibliográfico realizado por nossa equipe pôde concluir, como dito anteriormente, que a maior parte da literatura especializada se dedicou a Minas Gerais, produzindo registros técnicos, científicos e artísticos de caráter documental, etnográfico e literário. Esse é um aspecto de grande importância sobretudo porque nesta etapa final da instrução técnica para o Registro foi decidida, pelos motivos já expostos, a ênfase na dimensão dos saberes para a caracterização do bem cultural. Consequentemente, a maior demanda bibliográfica para essa realização foi por etnografias descritivas das componentes cosmológicas que fundamentam a devoção afro-brasileira ao Rosário, sobretudo e principalmente a partir dos pensamentos de seus(as) detentores(as) - bibliografia produzida quase que exclusivamente em Minas Gerais

Esse tipo de produção acadêmica é muito recente e foi iniciado de maneira quase isolada[11] pelos especialistas Leda Martins (com publicações de 1997 em diante) e Edmilson Pereira (com publicações de 1988 em diante), no final da década de 1980 e na década de 1990. Sobre isso, destaca-se que "Negras Raízes Mineiras" (PEREIRA; GOMES, 1988) é considerado um marco divisor sobre o estudo do Congado em Minas Gerais por investir em uma análise atenta à articulação entre história e antropologia, e interpretar essa tradição com atenção aos saberes presentes nos discursos de seus mestres e praticantes, indicando o Congado e Reinado como uma forma de expressar filosofias sobre ser e estar no mundo, como forma de resistência negra à colonização do pensamento e das práticas e, portanto, como uma prática social muito

[11] Uma importante produção, do mesmo período, é a dissertação de mestrado de Maria Ambrósio (AMBRÓSIO, 1989).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 34

representativa. Publicações com esse foco apenas começaram a ganhar mais adesões de fôlego a partir de 2012, ainda assim com poucas ocorrências.[12]

Ficou constatado, nesta etapa final da instrução para o processo de Registro, que apenas existem teorias e etnografias qualificadas, com atenção aos pensamentos dos(as) detentores(as) do bem cultural, sobre os candombes e Reinados em Minas Gerais. Concluiu-se, também, que os estudos têm avançado no sentido de se aproximar de uma forma mais sofisticada da compreensão dos sentidos do que seja o bem cultural, uma vez que têm investido cada vez mais na escuta e leitura atenta dos intelectuais congadeiros e reinadeiros, princípio metodológico que não era praticado pelas Ciências Sociais, em nenhuma de suas áreas, até cerca de 20 anos atrás; e que ainda atualmente são relativamente escassos no que tange à devoção afro-brasileira do Rosário.

4.1. Pesquisa e redação

Este Dossiê é resultante do processo de trabalho desenvolvido entre 2020 e 2022, que consistiu em exame, análise e seleção do conjunto vasto de informações técnicas elaboradas pelo Iphan durante mais de 10 anos, entre 2006 e 2018 (contendo fichas de INRC, relatórios de pesquisas de campo e documental), e de estudo e fichamento de bibliografias prospectadas para o trabalho atual (incluindo inventários e Registros produzidos no âmbito do ICMS Cultural em Minas Gerais, dissertações e teses acadêmicas). A longa duração do agravamento da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, inviabilizou a atualização de uma pesquisa etnográfica pela Consultoria CAMPO e, no entanto, as etnografias já desenvolvidas pelo Iphan nos trabalhos dos anos anteriores, somadas às novas fontes bibliográficas consultadas

[12] cf. MARTINS, 1997, 2000, 2002, 2003; GOMES, PEREIRA 2000, 2005, 2003; GOMES, 2007; GARONE, 2008; BRASILEIRO, 2012, 2019; SOARES, 2016; PEREZ, MARTINS, GOMES, 2014; SANTOS, 2016, 2017; OLIVEIRA 2016, 2017; ALTIVO, 2019; TORRES, 2020; MORAIS, 2022.



(sendo priorizadas as que foram produzidas fundamentadas em etnografias) e à retomada do diálogo com os detentores, estabelecido por meio da criação de grupos de WhatsApp e das reuniões organizadas em forma de Seminário virtual (detalhado a seguir), foram plenamente suficientes para garantir as bases da etapa final do processo para o Registro. Além disso, o procedimento metodológico adotado considerou que, frente à amplitude territorial da ocorrência do bem e diante da complexidade gerada pela imensa variação das suas formas expressivas nos diferentes lugares (variações que acontecem até mesmo em escala local), todo trabalho de campo realizado relativamente à temática dos Reinados, Congados e Congadas alcança a possibilidade de um inventariamento detalhado sempre em escala local que, por mais aprofundado que seja, estará distante de abranger a multiplicidade dessa prática cultural como um todo. Por isso, registra-se ao longo do Dossiê a ponderação sobre o fato de que todas as descrições apresentadas resumidamente neste documento tratam-se de exemplos sem qualquer intenção de delimitação, generalização ou esgotamento das possibilidades.

A pesquisa e a redação do Dossiê foram sistematizadas com o procedimento de fichamentos e indexação dos componentes do bem cultural em dezenas de categorias descritivas e analíticas (conferir Anexo 2). Esse exercício foi criterioso quanto a buscar estabelecer um procedimento descritivo e analítico sensível ao histórico de desencontros epistemológicos entre os saberes e práticas técnicos e acadêmicos convencionais das instituições modernas e os saberes tradicionais das comunidades do Rosário e suas instituições (abordado nos capítulos 1 e 8). Buscou-se assim ao menos dois resultados: a) a não objetificação do modo de viver das comunidades detentoras[13] pelo trato moderno próprio da documentação técnica, garantindo um tratamento mais inclusivo das subjetividades das comunidades de detentores do bem

[13] Rafael Barros Gomes descreve e analisa com grande acuidade, em sua dissertação de mestrado profissional junto ao Iphan, os riscos de objetificação da cultura e da "forma de vida" dos reinadeiros e congadeiros pelas políticas de Estado (GOMES, 2015).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 36

cultural; e b) uma descrição e análise do bem cultural eficientes para o desenvolvimento da política do patrimônio cultural.

Para isso, de saída, foram adotados os seguintes procedimentos pela coordenação do trabalho, em acordo com a coordenação do processo no Iphan, a cargo de sua Superintendência em Minas Gerais: a) inclusão, na equipe técnica, de profissionais técnicos pesquisadores acadêmicos que são, ao mesmo tempo, membros experientes das comunidades detentoras do bem cultural, para maior efetividade da atenção de toda a equipe à não reificação das formas de ser, viver e fazer dos reinadeiros e congadeiros; b) a prospecção, seleção e o estudo de referências bibliográficas que incluíram como temática ou como procedimento metodológico uma abordagem decolonial[14] a respeito dos Reinados, Congados e Congadas e, sobretudo, que tenham sido realizadas pelos próprios detentores e/ou nas quais a pesquisa prestou atenção às suas práticas e pensamentos tais quais formulados por eles próprios.

A categorização dos componentes do bem cultural foi baseada nos fichamentos da documentação produzida pelas superintendências do Iphan em MG, GO, SP (entre 2006 e 2018); e das bibliografias – dissertações, teses e artigos acadêmicos selecionados. Toda a leitura recebeu indexação em eixos temáticos (Anexo 2). Foram catalogadas as entrevistas realizadas pelas equipes licitadas pelo Iphan com os detentores do bem, de diferentes regiões, estados e, também, toadas/cantos e vídeo-documentários. Essas fontes foram reconhecidas por sua relevância para o estudo da historiografia que pensa os praticantes, mestres, mestras também como intelectuais detentores do bem, protagonistas da sua forma de viver e expressar culturalmente a herança ancestral.

[14] Formulação teórica e metodológica para uma crítica à "colonialidade do poder" – sistema-mundo ocidental calcado no eurocentrismo econômico, cultural, epistemológico, político e étnico (BALLESTRIN, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 37

Por se tratar de uma prática cultural complexa e compósita em sua própria gênese histórica, inserção sociopolítica, cosmologia e configuração performática, os Reinados, Congados e Congadas são foco de interesse investigativo, inspiração estética e manancial poético para muitas e diversas searas científicas e artísticas. Os trabalhos fichados se inscrevem em diferentes campos do conhecimento acadêmico (Antropologia, História, Ciência da Religião, Artes Cênicas, Educação Física, Etnomusicologia, Geografia), buscando-se uma composição multidisciplinar de abordagem do bem cultural, para enriquecer a sua caracterização e análise em diferentes instâncias.

O índice temático (Anexo 2) procurou cobrir uma miríade de elementos constituintes e correlacionados com os Saberes do Rosário, buscando um mapeamento compósito das dimensões históricas, culturais, cosmológicas, sociopolíticas, performáticas e epistemológicas do bem cultural estudado. A cada conjunto de bibliografias afins, estudadas e fichadas, foram acrescentadas sínteses circunstanciadas descrevendo e analisando esses materiais, do ponto de vista de sua contribuição para a instrução do processo de Registro.

Periodicamente eram dispostos os dados fichados, analisando-se as variações e especificidades dos contextos pesquisados, para redação de sínteses analíticas e descritivas. Como gesto de arremate, foram traçados os principais pontos conectivos e disruptivos entre as manifestações dos Saberes do Rosário em Minas Gerais, Goiás e São Paulo. O objetivo dessa sistematização foi organizar as descrições e argumentos que serviram de base para o presente Dossiê.

4.2. Seminários virtuais de caráter informativo e consultivo

A mobilização social ao longo da instrução do Registro é considerada uma condição essencial para que o processo avance. É uma forma modesta, mas bem



concreta e vivenciada de aproximar o Estado da sociedade civil, compartilhando os processos de formulação e implementação da política pública de patrimônio cultural.

Como já foi informado, a continuidade da pandemia de Covid-19 (2020- 2022) gerou um contexto sanitário indeterminado e emergencial e exigiu o redimensionamento do plano de trabalho original. No contexto mais amplo da sociedade brasileira, durante esse longo processo de restrições e criações de alternativas para todos sobrevivermos à pandemia, foram vividas imensas desigualdades que são reflexos das desigualdades pré-existentes na sociedade. No entanto, mesmo entre as populações e comunidades com maiores dificuldades de acesso à moradia, comunicação e alfabetização digital, foram criadas algumas condições favoráveis para a efetividade de suas participações e iniciativas de organização de encontros virtuais pela *internet*. Forçosa ou espontaneamente, a partir de 2020, um grande contingente de pessoas que ainda não tinha essa prática passou a se letrar digitalmente e a praticar a organização de *lives* e gravações para conseguir produzir encontros e a continuidade de convivências, trabalhos, expressões artísticas e outras realizações. Não foi diferente com as comunidades do Rosário.[15]

Considerando esse contexto, nessa etapa final da instrução para o Registro foram planejados e realizados três seminários temáticos, por meio de reunião remota (*online*), convidando amplamente a participação da comunidade de detentores para um diálogo sobre o processo de Registro. Para tanto, foram criados três grupos de aplicativo WhatsApp,[16] dispositivo amplamente utilizado pelo público detentor, um

[15] Vale destacar que, inclusive, uma dessas iniciativas foi agraciada com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade de 2021, na categoria "Iniciativas de excelência na preservação e salvaguarda do patrimônio cultural adaptadas ao contexto da pandemia - com resultados no ano de 2020": Reinado de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia em Santo Antônio do Monte (MG), em 2020, adaptado ao formato de lives - Minas Gerais (MG)

[16] O ponto de partida para a criação dos grupos foram listas de contatos já sistematizadas pelas superintendências do Iphan MG, GO, SP; além da lista de contatos compartilhada, gentilmente, pelos organizadores do Primeiro Fórum Mineiro de Reinados e Congados, que contou com a participação virtual de 400 inscritos (realizado entre 21 e 22 de janeiro de 2022). Houve, também, indicações pessoais dos integrantes da equipe, Jeremias Brasileiro e Ana Luzia da Silva

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 39

para cada estado: MG, GO, SP. Esses grupos foram criados com antecedência para proporcionar um ambiente remoto de consulta sobre a concordância das pessoas quanto à participação no grupo; troca de informações e escuta dos detentores por meio de suas manifestações nesse ambiente digital. Cada grupo, em pouco tempo, alcançou boa adesão: um total de 298 participantes nos grupos de Minas Gerais; 64, no grupo de São Paulo; e 30 participantes no grupo de Goiás (uma lista contendo seus nomes está apresentada no Anexo 3 do Dossiê). Nos grupos, após a adesão de grande número de participantes, foi divulgada a intenção de realização dos seminários, o que foi recebido positivamente. Em seguida foi divulgada a programação explicando os objetivos e finalidades dos encontros virtuais.

O objetivo dos seminários foi o desenvolvimento de um processo que viabilizasse formas de participação de representantes das comunidades detentoras do bem cultural, baseado em seu direito à consulta prévia, livre e informada (como prevê a convenção 169 da OIT, promulgada no Brasil pelo decreto 10088/2009, sobre os direitos dos povos indígenas e das comunidades tradicionais), e ao protagonismo, no que se refere à realização de uma política pública que incidirá sobre parte importante de seu modo de vida, sua história, cultura e identidade. Cada Seminário (1, 2 e 3) concentrou uma abordagem temática desenvolvida em encontros com os mesmos temas distribuídos em três datas (para favorecer as disponibilidades da ampla sociedade interessada). Foram realizados nove encontros em 2022, alcançando um público de 202 participantes no Seminário 1; 190 participantes no Seminário 2; e 141 participantes no Seminário 3 (uma lista contendo seus nomes e respectivas comunidades e municípios está apresentada no Anexo 4 do Dossiê). Em relação aos temas dos encontros virtuais, houve a oportunidade de apresentação da equipe responsável pela finalização da instrução do processo de Registro, informação sobre

Morais, ambos pertencentes às comunidades detentoras, portadores de cargos como embaixador no festejo, presidente em agremiação, e rainha conga, respectivamente. Foram incluídos neste aplicativo, ao todo, 270 contatos (212 de MG; 44 de SP; 14 de GO).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 40

as atividades desempenhadas, abordagem dos mecanismos da política de salvaguarda do patrimônio imaterial; diálogo sobre o nome do bem cultural e a categoria que seria adotada para o Registro; e escuta de comentários e sugestões feitos pelos detentores, com apontamento de questões que puderam ser consideradas como indicação de recomendações para a salvaguarda a ser implementada institucionalmente junto ao Iphan. A programação foi a seguinte:

1) Seminário 1 (26/05, 28/05 e 01/06):

Apresentação das equipes da Consultoria CAMPO e do Iphan e dos mecanismos da política cultural relacionada ao processo de Registro. Debate sobre a importância do Registro com apresentação dos principais temas e argumentos componentes do Dossiê, da metodologia do trabalho de elaboração, processos, alcances e limitações. Nesse momento também foi apresentada a necessidade de anuência ao Registro, bem como o formulário online para coleta dessas anuências (procedimento descrito a seguir).

2) Seminário 2 (22/09, 24/09 e 27/09):

Exposição dialogada sobre a temática: "Livros de Registro e título/nome do bem para o Registro", buscando orientar as comunidades detentoras sobre os modos institucionais de tradução e sistematização de seu modo de vida, história, cultura e identidade, visando a viabilidade do funcionamento da política pública. Nesse encontro foram sugeridos três possíveis nomes, formulados pela equipe responsável pela finalização da instrução do processo de Registro e discutidos com a equipe técnica do Iphan-MG, para a definição do bem cultural registrado: a) Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas do Brasil; b) Saberes do Rosário: ritualidades, estéticas e celebrações dos Reinados, Congados e Congadas no Brasil; c) Complexos Culturais e Religiosos do Rosário: saberes e festas dos Reinados, Congados e Congadas no Brasil. Além disso, foi aberto um período para manifestação da comunidade detentora participante do processo em relação a sua preferência quanto a um dos



três nomes sugeridos. Não se tratava de uma "votação", mas de um recurso para ampliar a "escuta" em relação à percepção das/os reinadeiras/os em relação ao nome, como subsídio para o trabalho de formulação do nome a ser indicado no Dossiê. Essa consulta foi realizada por meio de formulário digital *online*, disponível nos grupos criados no aplicativo WhatsApp, para a comunicação continuada com os detentores ao longo de 2022.

3) Seminário 3 (03/11, 05/11 e 08/11):

Neste encontro foram resumidas as ações para a salvaguarda identificadas durante o processo de instrução do Registro, buscando dialogar sobre e validar a proposição dessas ações no Dossiê. Houve expediente para ouvidoria e coleta de outras medidas porventura sugeridas pelo público detentor do bem cultural.

Além da dimensão dialogada dos seminários, os encontros deram oportunidade ao procedimento de coleta da anuência da sociedade civil em relação ao Registro. Ao longo de sete meses, os representantes das comunidades detentoras, presentes nos encontros virtuais e participantes dos grupos de WhatsApp, foram convidados a se manifestar em relação ao aceite do Registro do bem cultural, por meio do preenchimento de um formulário de anuência. Entre julho e dezembro de 2022, foram 513 formulários preenchidos declarando a anuência ao Registro, que se juntaram às 139 assinaturas levantadas durante os dois Encontros Regionais realizados em Minas Gerais (Uberlândia e Montes Claros).

4.3 Formulário de Recepção de Sugestões e Comentários dos Detentores

Durante o Seminário 3 foi anunciada ao público a circulação, via grupos de WhatsApp, de uma versão preliminar do Dossiê para a leitura e fornecimento de contribuições pelos detentores, previamente à finalização de uma versão consolidada do documento. Foi explicado que esse processo de recepção de sugestões procederia

a uma seleção daquelas ponderadas como fundamentais para o melhor acabamento do Dossiê - correções e complementações indispensáveis. Demais contribuições seriam consideradas pela equipe técnica do Iphan como fonte de orientação para futuras ações relacionadas ao prosseguimento de políticas de sustentabilidade para o bem cultural.

Para a recepção de sugestões e comentários dos detentores foi criado um formulário digital que circulou pelos grupos virtuais de WhatsApp, sendo estabelecido o prazo de 15 dias para registro dessas contribuições pelo público e envio ao e-mail do Iphan-MG. Após esse prazo, as sugestões e comentários foram sistematizados em planilha pela equipe da Superintendência do Iphan-MG e verificados junto à equipe técnica da Consultoria CAMPO, avaliando as possíveis formas de absorção do que foi sugerido no presente documento, sem prejuízo do cumprimento dos prazos relativos à conclusão do trabalho.

Conforme previamente anunciado ao público, o critério de revisão do Dossiê a partir dessas contribuições foi considerar as sugestões que efetivamente trouxeram correções de informações ou acréscimos imprescindíveis à qualificação do documento. As demais sugestões recebidas e analisadas foram consideradas como parte de uma documentação para consulta futura, durante a próxima etapa de Salvaguarda componente do processo, qual seja, a instrução e efetivação das ações de sustentabilidade para o bem cultural.

4.4. Pesquisa fotográfica

Como alternativa à documentação fotográfica que ocorreria por meio de pesquisa de campo, foi realizada ampla pesquisa de materiais de acervos digitais, envolvendo fontes diversas, inclusive produzidas pelos detentores do bem cultural em SP, GO e MG. Foram examinados acervos pessoais de detentores colaboradores; de fotógrafos amadores e profissionais; acervos de arquivos públicos; e de ambientes



virtuais de redes sociais que agregam fotógrafos amadores e profissionais e participantes do bem cultural. Dentre esses materiais, foi selecionado um conjunto de 247 fotografias. Para a composição das imagens que compõem o Dossiê, além de fotografias identificadas na pesquisa, foi considerado também o acervo digital do DPI/Iphan. As imagens provenientes da pesquisa e incorporadas ao Dossiê foram cedidas por seus autores e/ou proprietários dos direitos autorais.[17] A parte selecionada do acervo digital do DPI/Iphan envolve a documentação produzida no escopo das políticas públicas de salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro – INRC dos Iphan MG, GO e SP e projetos especiais relativos a editais específicos, como o CRESPIAL, de 2013.

Em comum, a pesquisa, seleção e montagem dos produtos audiovisual e fotográfico compartilham a intenção de explicitar a antiguidade e diversidade do bem cultural, destacando os aspectos particulares a certos territórios e também aqueles comuns que conferem identidade e pertencimento às ocorrências no Brasil. Desdobra-se a complexa variedade dos elementos das manifestações dos Saberes do Rosário em torno dos temas: ancestralidade e experiência da diáspora africana; pujança dos tambores e percussões associadas; memórias da experiência da escravidão e práticas de resistência; modo de vida das comunidades detentoras, focalizando os

[17] As fotos que compõem o Dossiê foram gentilmente cedidas pelos seguintes fotógrafos e instituições: Aline Corrêa, Andréa Bonifácio, Ane Souz, Ariel Lucas Silva, Cláudio Aparecido de Carvalho, Cláudio Machado, Daniel de Lima Magalhães, Fernando Cândido, Gustavo Gomes, Renata Ataíde, Hugo Cordeiro, Isabel Cassimira, Jad Vilela, Jeremias Brasileiro, José Claudionor, Leandro César, Letícia Bartelli, Lori Figueiró, Maria da Paz Pinto, Maysa Abrão, Patrick Arley, Priscila Musa, Ricardo dos Santos Gonçalves, Sandoval de Souza Pinto Filho, Sidney de Almeida, Tiago Aguiar, Prefeitura Municipal de Congonhas, Departamento de Cultura de São Sebastião do Paraíso (fotos de Brayan Felipe Alves Marques), Prefeitura Municipal do Serro, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais - IEPHA (fotos de Carolina Dellamore e Laura Martins), Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan (fotos de Alex Ratts, Ana Paula Rodrigues, Diana Landi, Douglas Silva, Igor Fernandes, Marcelo Feijó, Raquel Fabeni e Paulo Barreto) e Superintendência do Iphan em Minas Gerais (fotos de Alexia Melo, Bruno Vasconcelos, Nian Pissolati e Priscila Musa).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 44

momentos entre festas, os preparativos e os encerramentos litúrgicos das celebrações.

4.5. Documentário audiovisual

Além dos materiais já contidos no acervo do Iphan, foi lançada outra alternativa aos registros audiovisuais que seriam produzidos por meio de pesquisa de campo inviabilizada em função do contexto de longa duração da pandemia de Covid-19. Após análise da conjuntura, e partindo da sondagem de pesquisa preliminar dos repertórios audiovisuais e fotográficos disponíveis para a pesquisa em fontes secundárias, físicas e digitais, foi decidida a elaboração de um material documental composto por excertos de documentações prévias, realizadas em outras ocasiões, com motivações diversas, tendo em comum a atenção às formas expressivas, sociais e culturais dos Reinados, Congados e Congadas em MG, SP e GO.

O documentário audiovisual, resultado dessa etapa final de instrução do Registro foi, assim, elaborado a partir de seleção, edição e montagem de materiais de arquivo de propriedade e autoria (ou apenas autoria, com anuência do detentor) de Bruno Vasconcelos (produzidos em outros contextos de trabalho dedicado aos Saberes do Rosário);[18] e também de materiais de autoria e ou propriedade de diversos colaboradores dedicados às diferentes manifestações do bem cultural, que gentilmente concederam direitos de uso para esta finalidade.[19] O filme se realizou, portanto, a partir dos materiais de arquivo disponíveis, com seu caráter heterogêneo

[18] Bruno Vasconcelos atuou como editor, montador e finalizador, por exemplo, de parte da documentação do projeto "Os saberes do sagrado: Irmandade do Rosário e o registro patrimonial", apresentado ao edital CRESPIAL (2013) pela Associação Filmes de Quintal, Belo Horizonte (MG).

[19] Foram colaboradores concedentes: Associação Filmes de Quintal, Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG e os realizadores André Anastácio, Bruno Vasconcelos, Jeremias Brasileiro, Isabel Casimira, Júnia Torres, Samuel Avelar Junior, Simone Assis, Victor Dias e César Guimarães. Os materiais foram concedidos a título gratuito, por tempo indeterminado, para uso no Dossiê de Registro dos Saberes do Sagrado: Reinados, Congados e Congadas do Brasil e para fins de divulgação do bem cultural.

já marcado de saída, quanto à variabilidade de técnicas e condições de feitura dos próprios registros. A pesquisa preliminar havia sinalizado aspectos promissores desta abordagem, em que pese uma certa apreensão, compreensível, que diz respeito, sobretudo, à expectativa de viabilidade do uso desses materiais quando avaliados de uma visada relativa a seus parâmetros técnicos. A adoção de materiais heterogêneos e algo precários, no entanto, foi tomada como dado expressivo – apontando tanto uma certa configuração lacunar constitutiva da experiência de se acessar a história de manifestações culturais populares quanto signo da própria diversidade e não equivalência dessas manifestações, uma espécie de reiterada recusa em serem objeto de síntese. Buscou-se, assim, construir uma imagem, algo caleidoscópica, feita da apresentação de sucessivas versões de um mesmo evento, e do qual nenhuma delas constitui uma amostra por si só representativa do bem cultural. Tal como em imagem sugerida pelo mestre tamborzeiro Antônio de Bastião, de Minas Novas (MG), quando aponta que as diferentes manifestações de devoção que envolvem tambores, "os tambores da fé" como ele define, seriam comparáveis às diferenças de sotaques em uma mesma língua.

Foi adotada, portanto, a partir das condições propiciadas pelos materiais, uma condução lacunar, que promete, em contrapartida a suas possíveis deficiências, uma possibilidade de acesso tópico, um percurso não linear guiado pela memória dos seus participantes – o gesto de aproximar imagens e sons de manifestações semelhantes, mas de origem e épocas perceptivelmente distintas –, uma aproximação rica de possibilidades entre gradativas e ligeiras variantes de práticas de sentido, experiências históricas, concepções de mundo. Esse traço, por sinal, acabou indo ao encontro de um dos atributos mais extraordinários dos Saberes do Rosário: a capacidade de ser, ao mesmo tempo, coeso e múltiplo.

As seleções das falas dos detentores e detentoras gravadas nas imagens reservam atenção especial aos termos nativos utilizados por estes mestres e mestras



para expressar suas ideias e concepções acerca do bem cultural. As narrações de mestres e mestras pretendem-se conduções pontuais, chamando a atenção para algum traço importante dos seus saberes. O filme buscou se valer de duas aproximações a essas narrações.

O argumento do filme se desenvolve desdobrando a complexa variedade dos elementos das manifestações do bem cultural em torno de quatro eixos: 1) a experiência da diáspora africana; 2) a ingoma (*ngoma* na grafia banta), pele, tambor: isto é, os tambores e percussões associadas; 3) a memória que faz referência à experiência da escravidão e às práticas de resistência e celebração dessa ancestralidade; 4) a devoção. A essas guias, foram somadas outras indicações gerais, levantadas no processo de leitura do material bibliográfico, e apontadas nos textos de síntese circunstanciada, a saber: a) histórias e rememorações; b) estrutura de organização; c) complexo cosmológico; d) elementos performáticos; e) processos epistemológicos.

Assim, foram produzidos dois videodocumentários, um de 60 minutos e outro de 15 minutos (uma remontagem resumida do primeiro), denominados *Saberes do Rosário*: *Reinados, Congados e Congadas do Brasil*.

5. Conteúdo do Dossiê

O Dossiê apresenta à sociedade brasileira, e às instituições responsáveis pela salvaguarda do patrimônio cultural do Brasil, os valorosos atributos dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas que lhes garantem o seu reconhecimento como patrimônio brasileiro.

O caráter extraordinário desse bem cultural – no que se refere a sua abrangência territorial, longevidade temporal e diversidade de formas expressivas – foi tomado como estímulo para a construção de um texto profuso que busca refletir

essa multiplicidade. Para isso, foram levadas a sério as reflexões de tantos mestres e mestras das comunidades detentoras quando afirmam, cada qual à sua maneira e conforme formulações próprias, que a variação é um elemento constitutivo das suas formas de expressão da devoção ao Rosário. Não por acaso o nome indicado para o Registro se apresenta composto pelos três termos - Reinados, Congados, Congadas - , e ainda grafados no plural. O que os reinadeiros e congadeiros afirmam, além disso, é que essa diversidade não exclui a identidade que faz com que os Reinados, Congados e Congadas se reconheçam reciprocamente, sendo capazes de, cada qual com a sua toada, celebrar a ancestralidade sagrada cantando, dançando e tocando – rezando, portanto, ao modo afro-brasileiro –, impressionantemente conectados como as contas de um rosário.

A leitura deste trabalho deve, por isso, considerar que os princípios e procedimentos metodológicos que o conduziram chamam a atenção para a impertinência de qualquer expectativa de síntese da multiplicidade dos Saberes do Rosário, suas celebrações, artes, ofícios, e outras formas de expressão; e para a inadequação de qualquer restrição das possibilidades interpretativas e descritivas desse bem cultural.

A forma que se impôs como resolutiva para lidar com a documentação da multiplicidade foi a de uma redação demonstrativa, que introduz os temas principais com abordagens abrangentes, baseadas nas interpretações consagradas pela literatura específica e pesquisa técnica especializada, para, em seguida, apresentar exemplos com a intenção de apontar variações contextuais. O texto buscou dispor de muitos exemplos para demonstrar como cada dimensão e componente dos Saberes do Rosário se manifesta variavelmente em diferentes lugares e circunstâncias. As exemplificações reforçam a atenção à equivocidade de qualquer generalização.

A primeira parte do Dossiê corresponde à tarefa de identificação do bem cultural e é composta de três capítulos. O Capítulo 1, **O Rosário na sua multiplicidade**,



faz uma exposição panorâmica, analítica e descritiva, apresentando definições sobre o que sejam os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas, com destaque para a pluralidade dos nomes que referenciam este bem cultural.

O Capítulo 2, **Algumas contas de um Rosário infinito**, é dedicado, em sua primeira parte, à apresentação da tradição oral que situa a origem da devoção ao Rosário nas matas, senzalas, quilombos, e se fundamenta na extraordinária aparição da Santa, entre outros fatos que se consolidaram na memória como a "história contada pelos antigos"; e a segunda parte se concentra no resumo do ponto de vista historiográfico sobre a trajetória do bem cultural desde as suas raízes na diáspora africana, pela Europa e Américas, até a emergência de alguns dos seus traços originais constitutivos junto às instituições das "irmandades de homens pretos" que se espalharam pelo Brasil a partir do século XVII.

O Capítulo 3, **Unidos no Rosário: os detentores do bem cultural**, identifica de maneira geral as pessoas que formam as comunidades do Rosário, a partir de uma historicidade mais recente, trazendo exemplos com breves resumos de histórias de vida de fundadoras/es ou herdeiras/os dessas congregações e de suas comunidades. Os episódios biográficos permitem conhecer quem são as pessoas que "vivem no Rosário" no que tange às suas relações com o bem cultural. É focalizada a componente da espiritualidade nas suas trajetórias, para uma aproximação da dimensão cosmológica das comunidades do Rosário a partir das práticas e pensamentos de seus(suas) representantes. É também objetivo do capítulo povoar a categoria "detentores(as) do bem cultural" com variados modos de ser e fazer na "convivência no Rosário". Serão incluídos episódios de perseguição e resistência, correlacionando-os ao fenômeno da recorrência da presença da devoção ao Rosário entre comunidades quilombolas, antepassadas e contemporâneas, as chamadas comunidades remanescentes de quilombos (CRQ).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 49

A segunda parte do Dossiê é dedicada à caracterização do bem cultural, construída com mais cinco capítulos que trazem descrições detalhadas de alguns dos seus elementos constitutivos. O Capítulo 4, **Moçambique não é congo: sobre as formas de organização dos detentores**, aborda formas de organização civil e ritual entre as agremiações detentoras do bem cultural, enfatizando a impossibilidade de generalização ou de definição de modelos ou estruturas elementares dessa organização, uma vez que, basicamente, cada comunidade do Rosário realiza a sua organização de maneira própria. Os elementos comuns são, no entanto, destacados e em seguida são apresentados muitos exemplos de como massambiques (moçambiques), congos (congados, conguistas), catopês, marujos, caboclos (caboclinhos, penachos), candombeiros, tamborzeiros, pifeiros, entre outros grupos rituais, e os reinados (côrtes ou tronos coroados) foram descritos em registros feitos por pesquisadores, em diferentes contextos e regiões. A intenção é de, na impossibilidade de formulações sintéticas sobre o que ou como seja cada grupo ritual, seja demonstrada essa variação, pelos exemplos.

No Capítulo 5, **Celebrar o Rosário de Maria com Prazer e Alegria**, é enfatizada a festa - dimensão agregadora do bem cultural -, a partir de um resumo descritivo das celebrações em diferentes localidades nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo. As festas promovem as visitações entre as guardas, bandas, ternos e reinos, reforçando a união entre as pessoas, e costumam ser o momento mais esperado do tempo cíclico que rege a tradição.

Nos capítulos seguintes, outros elementos constitutivos e que são fundamentais para a caracterização do bem cultural são detalhados. O Capítulo 6, **Dar, Receber e Agradecer: a partilha no Rosário**, aborda a ética da sociabilidade baseada nos gestos de compartilhamento e dá destaque à comensalidade e a sua correlação com a centralidade do alimento nas cosmologias de matrizes africanas, conforme as quais os gestos de “dar de comer” e comer são fundamentais. Neste tema,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 50

São Benedito é o santo destacado, por ser identificado à cozinha e à providência de fartura. O Capítulo 7, **Sons do Rosário**, focaliza as músicas ou sonoridades do Rosário e suas singularidades estéticas e técnicas, comparando estilos dos diferentes grupos instrumentais e rituais, em diferentes contextos.

O Capítulo 8, **Saberes do Rosário**, finaliza a caracterização do bem cultural a partir de uma revisão das diferentes dimensões e estilos de saberes constitutivos das tradições da devoção afro-brasileira ao Rosário. As pedagogias praticadas pelos detentores do bem cultural são enfocadas dando passagem ao tema central do bem cultural, a cosmologia dos Saberes do Rosário e suas componentes éticas, estéticas e filosóficas, enfatizando a dimensão da espiritualidade enquanto um saber específico e estruturador dos traços mais característicos do bem cultural e, ao mesmo tempo, um vetor de tensões e alvo de perseguições históricas.

A terceira parte, **Motivações para o Reconhecimento**, resume, a partir do exposto, argumentos e motivações para o reconhecimento do bem cultural como Patrimônio Cultural do Brasil.

A quarta e última parte, **Recomendações para a Salvaguarda**, indica sugestões para as ações institucionais que devem ser dedicadas ao apoio para a salvaguarda do bem cultural, compiladas a partir da revisão documental e bibliográfica, além da ouvidoria dos detentores do bem cultural durante todo o processo de Registro e, especialmente, nos três seminários temáticos virtuais realizados no ano de 2022.

A lista de referências documentais e bibliográficas apresenta os documentos e bibliografias que deram base à pesquisa e à redação do Dossiê, discriminando artigos, teses, dissertações, documentação oficial, vídeos etc.

Os anexos referem-se aos seguintes documentos:

Anexo 1 - Lista de Presença dos Encontros Presenciais em Minas Gerais

Anexo 2 - Índice Temático para Fichamentos

Anexo 3 - Lista de Participantes dos Grupos de Whatsapp de Minas Gerais, São Paulo e Goiás

Anexo 4 - Lista de Inscritos nos Seminários Virtuais

ANEXO 5 - Quantidade e Características dos Participantes dos Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil

ANEXO 6 - Cantos Sagrados de Milho Verde (MG) e o Pedido do Registro

ANEXO 7 - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO) e o Pedido do Registro

ANEXO 8 - Festa de São Benedito de Aparecida (SP) e o Pedido do Registro

ANEXO 9 - Alguns Versos e Cantos do Rosário



Parte 1

Identificação do Bem Cultural



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 53

Esta primeira parte do Dossiê corresponde à tarefa de Identificação do bem, descrevendo os aspectos que lhe conferem identidade cultural. É composta por três capítulos.

O Capítulo 1 faz uma exposição panorâmica, analítica e descritiva, apresentando definições sobre o que sejam os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas, com destaque para a sua multidimensionalidade e para a pluralidade dos nomes praticados para lhe designar.

O Capítulo 2 é dedicado, em sua primeira parte, à apresentação da tradição oral que situa a origem do bem nas matas, senzalas, quilombos, e se fundamenta na extraordinária aparição da Santa, entre outros fatos que se consolidaram na memória como a "história contada pelos antigos". Sua segunda parte se concentra no resumo do ponto de vista historiográfico sobre a trajetória do bem cultural desde as suas raízes na diáspora africana, pela Europa e Américas, até a emergência de alguns dos seus traços originais constitutivos junto às instituições das "irmandades de homens pretos" que se espalharam pelo Brasil a partir do século XVII.

O Capítulo 3 identifica de maneira geral as pessoas que formam as comunidades do Rosário, a partir de uma historicidade mais recente, trazendo exemplos de histórias de vida de fundadoras(es) ou herdeiras(os) dessas congregações e de breves biografias de suas comunidades. Os episódios biográficos exemplares permitem conhecer quem são as pessoas que "vivem no Rosário" no que tange às suas relações com o bem cultural. É focalizada a componente da espiritualidade nas trajetórias descritas, para uma aproximação da dimensão cosmológica do bem a partir das práticas e pensamentos de seus(suas) representantes. É também objetivo do capítulo povoar a categoria "detentores(as) do bem cultural" com variados modos de ser e fazer pela "convivência no Rosário". São

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 54

incluídos episódios de perseguição e resistência, correlacionando-os com o fenômeno da recorrência da presença da devoção ao Rosário entre comunidades quilombolas, antepassadas e contemporâneas, as chamadas comunidades remanescentes de quilombos (CRQ).



Capítulo 1 - O Rosário na sua Multiplicidade

Cada roca com seu fuso, cada povo com seu uso.[20]

O bem cultural aqui tratado é multidimensional e mantém, de diferentes maneiras e formas, forte expressão no cotidiano de comunidades, nos aspectos relativos às formas de se relacionar entre si e com o sagrado que orientam existencialmente as pessoas devotas do Rosário. Nos seus períodos festivos, o bem cultural desempenha de maneira extraordinária a condução das dinâmicas da sociabilidade do Rosário, tornando explícita a sua importância nas práticas e pensamentos das comunidades, fazendo-se notável ao público exterior à tradição, com canto, ritmo e dança. As festas do Rosário, na maior parte das vezes, envolvem a coroação de reis e rainhas congos (ou do Congo) como parte principal de um ciclo celebrativo que, ao longo de dias, cumpre alvoradas, levantamento de bandeiras, rezas, cortejos e missas.

As formas de viver e festejar no Rosário mobilizam sacerdócios e mestrias espirituais; ofícios e modos de fazer de curadores(as) e benzedores(as); de memorialistas, poetas (poetisas) e oradores(as); de tocadores(as) também chamados(as) de instrumentistas , cantadores(as) ou cantores(as), dançadores(as) ou dançantes; cozinheiros(as), artesãos(ãs); que se reúnem em lugares de referência cultural sacralizados pela tradição. Esses lugares podem ser tanto os arredores de grandes igrejas matrizes ou templos de umbanda e candomblé, ruas e praças, quanto

[20] Provérbio que interpreta a predisposição filosófica não moderna dos saberes tradicionais em preservar sua cosmologia incluindo a diversidade, na medida em que se compreende que a validade do que se sabe é contextual e, portanto, para ser verdadeira não requer uma verdade exclusiva universal. A finada Isabel Casimira das Dores Gasparino, Rainha Conga do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário do bairro Concórdia (BH), recorria a esta expressão para comentar as variações que ia conhecendo ao longo da sua profunda trajetória na tradição.

capelas em terreiros de modestas residências familiares nos interiores do Brasil, ou nas capitais. As artes e ofícios, os cuidados com a espiritualidade, a partilha de alimentos, as cantorias, a contação de histórias, são práticas realizadas ao longo do ano inteiro, uma vez que, embora seja dado destaque ao tempo da festa, intensamente vivenciado, o fim de uma celebração anuncia o início da próxima, que costuma ser preparada com diversas atividades rituais distribuídas ao longo dos meses seguintes. Não por acaso é comum os(as) mais antigos(as) da tradição afirmarem que sua vida é "no Rosário".

Nesse contexto, identidade cultural e devoção religiosa são inseparáveis, sendo o termo Rosário um excelente definidor dessa ligação. O nome é comumente usado pelos(as) detentores(as) para caracterizar como vivem: as pessoas realizam "festas do Rosário", se reúnem pela "fé no Rosário", e se percebem como comunidades "unidas no Rosário". Essas expressões são modos de dizer correntes entre as comunidades de detentores(as), e muito significativas pelo seu profundo alcance cosmológico: sinalizam para uma lógica de mundo baseada na fé e na união entre pessoas que se identificam por uma tradição ancestral, dedicada a compromissos espirituais, cumpridos com ritos de "pedido e agradecimento" feitos de forma alegre, divertida, sentida e sagrada.

Por isso, as formas de dizer sobre si e sobre o que vivenciam são capazes de melhor representar, nominalmente inclusive, o conjunto amplo e diversificado de saberes, formas de expressão, celebrações, artes, ofícios e modos de fazer dos reinadeiros(as), candombeiros(as), moçambiqueiros(as) (também chamados(as) de massambiqueiros(as)), congadeiros(as) (congueiros(as) ou conguistas), marujos(as) (ou marujeiros(as)), catopês (catupés, catopés), pifeiros, vilões, tamborzeiros, entre tantos outros detentores do bem cultural (esta diversidade de nomeações será retomada a seguir). Ao longo dos temas detalhados nos próximos capítulos deste Dossiê, será possível compreender como o Rosário é um denominador comum das tão



variadas expressões relacionadas com o que ficou mais conhecido no Brasil como Reinados, Congados e Congadas.

Estas provavelmente são as práticas culturais tradicionais de maior abrangência territorial e de mais longa trajetória na história do país, protagonizadas pela população afro-brasileira - ou seja, pela maior população negra fora do continente africano. Na contemporaneidade, as expressões do bem cultural estão presentes em, pelo menos, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Brasília, Tocantins, Ceará, Sergipe e Bahia. Entre os estados de Minas, São Paulo e Goiás, onde estão concentradas a maior parte das formas de expressão atuais, existem fronteiras porosas atravessadas por muitos intercâmbios que, não raro, inspiram a formação de novos grupos e outras celebrações. Adiante serão apresentados alguns exemplos de vinculações entre grupos dos três estados, por parentesco e amizade.

Talvez em função das características de grande abrangência e antiguidade descrita acima, o bem cultural também faz parte de uma longa trajetória de abordagens por pesquisadores(as) representantes da intelectualidade brasileira, desde o século XIX. Muitos artigos, relatos, dissertações, teses, poesias e até trechos de romances registraram e registram expressões do Rosário com variados níveis de aprofundamento e abrangência. As abordagens do século XIX, apesar de geradoras de boa parte dos equívocos em relação à cosmologia organizadora das práticas e pensamentos dos(as) detentores(as), sem dúvida contribuíram grandemente para que os Reinados, Congados, Congadas fossem conhecidos para além de suas comunidades, se tornando progressivamente um tema recorrente de estudos acadêmicos e ocupando um espaço importante na literatura especializada em cultura brasileira e políticas culturais. Contemporaneamente, cada vez mais, por se tratar de uma prática cultural de grande impacto visual e sonoro, por sua longa história, entre outros aspectos, os Reinados, Congados e Congadas são foco de interesse

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 58

investigativo, inspiração estética e manancial poético para muitas e diversas searas científicas e artísticas.

No conjunto desses importantes trabalhos, a abordagem do bem cultural enquanto um campo de saberes densos e complexos é muito recente e acompanha um movimento contemporâneo de algumas universidades brasileiras dedicadas à decolonialidade dos saberes científicos (CARVALHO, 2015; 2018). O movimento universitário decolonial contemporâneo reflete décadas de reivindicações vocalizadas inclusive em literatura técnica ou artística de autoria de intelectuais negras e negros (GOMES, 2017). Em Minas Gerais, essa envergadura da produção acadêmica mais recente foi iniciada pelos especialistas Leda Martins, Núbia Gomes e Edmilson Pereira, Rubens Alves da Silva, na década de 1990 (GOMES;PEREIRA, 1988; MARTINS, 1997; SILVA, 2010) e apenas começou a ganhar mais adesões de fôlego em produções publicadas a partir de 2012, ainda assim com poucas ocorrências.[21] Praticamente existem registros, teorias e etnografias qualificadas dedicadas à intelectualidade e densidade cosmológica dos detentores(as) apenas sobre os candombes e Reinados em Minas Gerais.[22]

De acordo com o pensamento de mestres e mestras das tradições do Rosário que foram, inclusive, registrados em videoaulas e etnografias acadêmicas,[23] seus

[21] cf. MARTINS, 1997, 2000, 2002, 2003; GOMES; PEREIRA, 2000, 2005, 2003; GOMES, 2007; GARONE, 2008; BRASILEIRO, 2012, 2019; SOARES, 2016; PEREZ, MARTINS, GOMES, 2014; SANTOS, 2016, 2017; OLIVEIRA 2016, 2017; ARAÚJO, 2017; ALTIVO, 2019; TORRES, 2020; MORAIS, 2022.

[22] O levantamento documental e bibliográfico realizado para este Dossiê indicou que a maior parte da literatura especializada que vem prestando atenção e se dedicando ao pensamento dos detentores sobre suas práticas culturais realizou seu trabalho com atenção ao bem cultural em Minas Gerais, produzindo registros técnicos, científicos e artísticos de caráter documental, etnográfico e literário. O foco dos estudos que deram base ao Dossiê foram as etnografias descritivas das componentes cosmológicas que fundamentam a devoção afro-brasileira ao Rosário, sobretudo e principalmente a partir dos pensamentos dos(as) detentores(as).

[23]cf. GOMES, 2007; GARONE, 2008; BRASILEIRO, 2012, 2019; SANTOS, 2016, 2017; OLIVEIRA, 2016, 2017; ALTIVO, 2019; TORRES, 2020; SANTOS, 2021; MORAIS, 2022. As videoaulas se referem aos registros dos cursos Catar Folhas: Saberes e Fazeres do Povo de Axé, ministrados por mestres e mestras de diversas tradições de matrizes africanas e afro-brasileiras, dentre elas a do Rosário. Capitã Pedrina Lourdes dos Santos, do Moçambique de Nossa Senhora das Mercês de Oliveira, ministrou o curso

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 59

saberes estruturam comunidades do Rosário que são fortalecidas culturalmente por um modo de vida ancestralizado, ou seja, orientado por uma temporalidade não linear que atualiza constantemente afetos e saberes que foram vivenciados e ensinados por antepassados notáveis (alguns deles tornados encantados ou divindades, do ponto de vista da cosmologia de matrizes africanas) e que voltam a ser vivenciados e apreendidos pelos descendentes, na atualidade e futuramente, mantendo-se um sistema temporal cíclico de "começo, meio e começo".

Este modo de vida, desde as práticas cotidianas aos ritos celebrativos, expressa as habilidades dos povos negros para a resistência cultural, a negociação e, especialmente, para a produção de comunidades afetivas e identidades culturais poderosas mesmo sob as violências da escravização e do racismo estrutural. Manifestados através de narrativas, canto-poemas, dança, música, sociabilidade, culinária, ofícios artesãos especializados em artefatos sacros, instrumentos musicais, os saberes da ancestralidade são constantemente atualizados pela devoção afro-brasileira ao Rosário. Dessa maneira, dão continuidade a fundamentos embebidos em cosmologia oriunda da vasta região cultural centro-africana, que foram e são retomadas e reformuladas nos contextos de diáspora.[24] Será mostrado, adiante, que os fundamentos de matrizes africanas foram variavelmente transformados e salvaguardados, tanto nas senzalas, nas matas, nos quilombos, quanto nas instituições das irmandades católicas de homens pretos que se formaram, no Brasil, a partir do século XVII, e se desdobraram, de diferentes formas, em organizações comunitárias atuais.

É importante destacar a dimensão sagrada do bem cultural como seu elemento constitutivo de maior importância do ponto de vista de seus detentores, que

em duas edições, 2016 e 2017, acompanhada de sua filha Ester Antonieta Santos e do sobrinho Washington de Oliveira.

[24] A diáspora africana é o nome convencionado para o fenômeno da violenta imigração forçada de milhares de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados, no período dos séculos XVI ao XIX.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 60

produz uma experiência coletiva em que as pessoas vivenciam o sagrado sempre remetendo aos antepassados africanos e afro-brasileiros que foram submetidos à escravidão no Brasil. A perenidade dos saberes do Rosário, em grande medida, é garantida pelo caráter intrínseco de ser uma prática de fé devocional (IPHAN, 2008, 2013, 2014, 2015, 2018).

Com a singularidade dessa forma de devoção, os detentores do bem cultural elaboraram uma identidade cultural afro-brasileira ímpar - que mantém certa vinculação com o catolicismo sem por ele ser circunscrito, ao mesmo tempo que nutre relações intrínsecas com as formas culturais e religiosas de matriz africana (SILVA, 2010). Essa singularidade cultural dos Reinados, Congados e Congadas foi por muito tempo pouco reconhecida (e algumas vezes, recusada). Foi comum serem divulgadas atribuições formuladas por pessoas que mantinham acesso apenas às funções públicas dos Reinados, Congados e Congadas, considerando-as estritamente como expressões de um catolicismo popular (IPHAN, 2018).

As abordagens mais conhecidas sobre as heranças africanas em solo brasileiro sempre apontaram para as expressões dos candomblés. Nesse sentido, gerações de pensadores acadêmicos (não negros e também de pensadores e ativistas negros) não prestaram atenção à devoção ao Rosário enquanto um modo de afirmação da cultura de matriz africana no Brasil. Considerando isso, sem qualquer necessidade de diminuir ou relativizar a incontestável potência dos candomblés como instituições culturais brasileiras de matriz africana, é importante reconhecer também que os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas são constituídos por vínculos ancestrais com o continente africano e a travessia transatlântica. Trata-se de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 61

uma manifestação cultural singular construída por cosmologias e cosmopercepções[25] fundamentalmente de matriz africana.[26]

Exemplificando esse processo, a partir do estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá (território negro, patrimônio cultural de BH), a professora, pesquisadora especialista no tema e Rainha de Nossa Senhora das Mercês da Guarda de Congo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, Leda Maria Martins, consolidou intelectualmente a afirmação das culturas negras, que matizaram os territórios das Américas, como criadoras de novas experiências e instituições, a partir da tecnologia dos prodigiosos cruzamentos das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos com que se confrontaram, inclusive o catolicismo (MARTINS, 1988).

Como já foi apontado, na contemporaneidade a abrangência dos saberes do Rosário é de escala nacional, e cada lugar de referência (região, estado e até localidade) apresenta muitas particularidades. Até o ano de 2014, em Minas Gerais, a tradição cultural foi identificada estando presente em 332[27] dos 853 municípios mineiros (IPHAN, 2014).

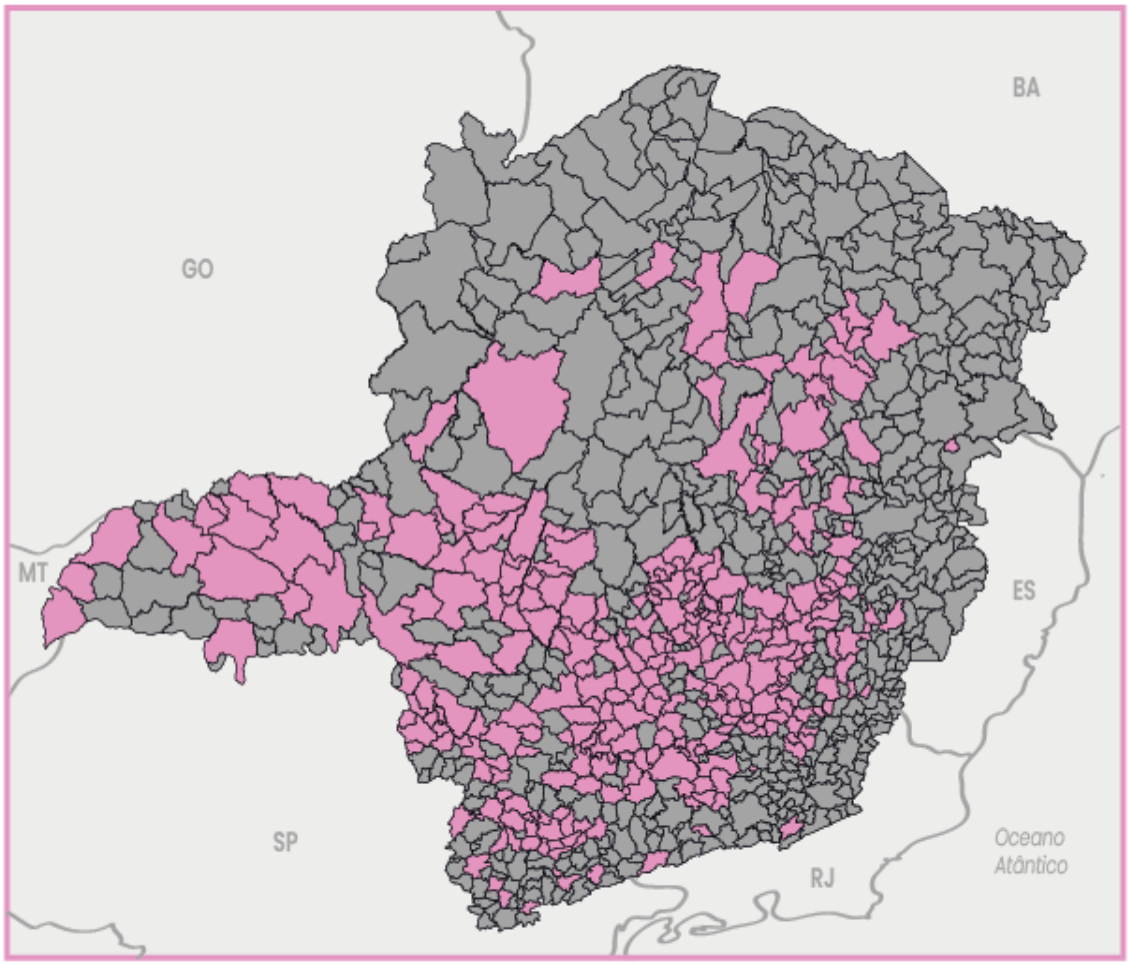
[25] O termo "cosmopercepção" é um conceito da socióloga Oyèrónkẹ Oyěwùmí (1997), importante na tese de Guilherme Dantas Nogueira (2019), sociólogo e Tata Kambondo Mub'nzazi do terreiro de Umbanda e Candomblé Cabana Senhora da Glória – Nzo Kuna Nkos'i (Belo Horizonte). O conceito nomeia o fato de que, grosso modo, povos como o afro religioso brasileiro não pensam o mundo a partir apenas do sentido da visão, como sugere a episteme moderna com a ideia de cosmovisão, mas o pensam a partir de vários sentidos, o que configura as bases do que a autora chama de cosmopercepção (NOGUEIRA, 2019).

[26] Segundo Glaura Lucas (2002), o congado possui origem luso-afro-brasileira, uma vez que o catolicismo português ofereceu a devoção a Nossa Senhora do Rosário, enquanto a igreja católica no Brasil reforçou essa crença e os negros deram forma ao culto e à festa por meio de elementos africanos.

[27] Mesorregiões com maior incidência do bem cultural: Oeste de Minas, Campo das Vertentes, Metropolitana de Belo Horizonte, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Central de Minas. Mesorregiões com menor incidência do bem cultural: Vale do Mucuri, Norte de Minas, Noroeste de Minas, Vale do Rio Doce, Zona da Mata, Jequitinhonha e Sul/Sudoeste de Minas (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 62

Municípios em que o bem cultural foi identificado em Minas Gerais

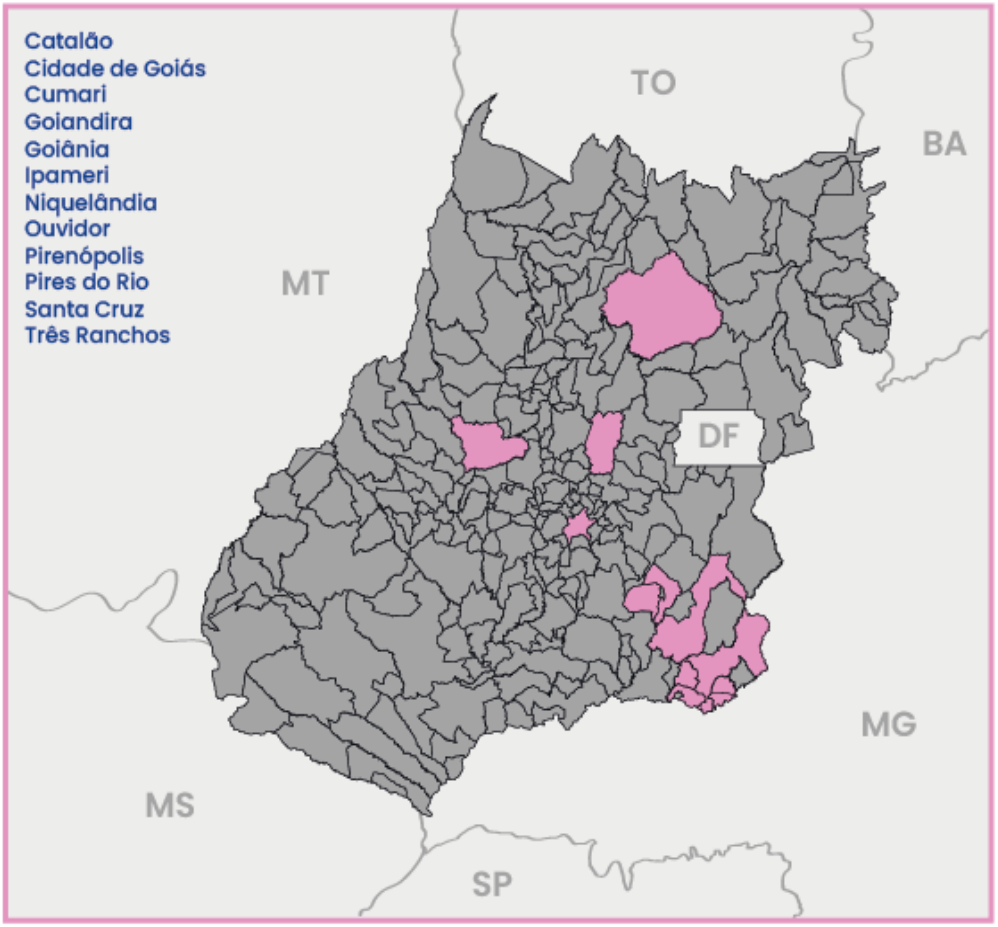


Fonte: Levantamento Preliminar (segunda etapa) do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Congadas de Minas (IPHAN, 2014)

No estado de Goiás, entre 2006 e 2008 o Iphan identificou a presença do bem cultural em ao menos vinte municípios, destacando-se Goiânia, Pirenópolis e Santa Cruz (região central do estado); Cidade de Goiás e Niquelândia (região norte); Cumari, Goiandira, Ipameri, Ouvidor, Pires do Rio, Três Ranchos (região sul) e Catalão (região sudeste) (IPHAN, 2008).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 63

Municípios em que o bem cultural foi identificado em Goiás



Fonte: Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás (IPHAN, 2008).

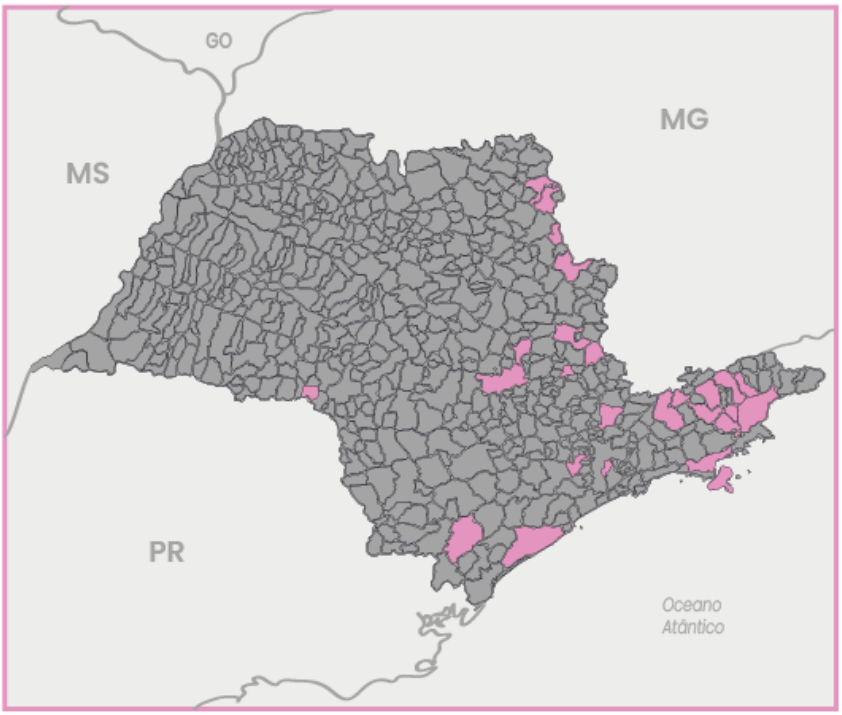
Em São Paulo, até o ano de 2018, o Iphan identificou cerca de 80 grupos de congadas, entre ativos (55) e "interrompidos"[28] (25), em diferentes regiões do estado, envolvendo os municípios: Aparecida, Atibaia, Bom Jesus dos Perdões, Caraguatatuba, Cotia, Diadema, Eldorado, Franca, Guaratinguetá, Iguape, Ilhabela, Itapira, Lagoinha, Mogi das Cruzes, Monteiro Lobato, Morungaba, Nazaré Paulista, Olímpia, Pindamonhangaba, Piracaia, Piracicaba, Redenção da Serra, Rio Claro, Salto Grande,

[28] As dinâmicas internas às comunidades de detentores do bem cultural incluem períodos, de curto, médio ou longo prazo, em que as atividades e a união dos membros podem permanecer enfraquecidas, sem que isso autorize a afirmar a extinção dos mesmos.

Santo Antônio da Alegria, São Bento do Sapucaí, São Luís do Paraitinga, São José dos Campos, São Paulo e Taubaté (IPHAN, 2018). Considerando-se, ainda, os sete grupos de congada catalogados no INRC das comunidades afrodescendentes de Mogi das Cruzes (IPHAN, 2014), foram identificados e caracterizados 87 grupos.

Municípios em que o bem cultural foi identificado em São Paulo

Atibaia
Caraguatatuba
Cotia
Cunha
Diadema
Eldorado
Franca
Guaratinguetá
Iguape
Ilhabela
Itapira
Lagoinha
Lorena
Mococa
Mogi Guaçu
Monteiro Lobato
Morungaba
Olímpia
Patrocínio Paulista
Pindamonhangaba
Piracicaba
Rio Claro
Salto Grande
Santo Antônio da Alegria
São Luís do Paraitinga
São José dos Campos
Taubaté



Fonte: Etapa preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Congado Paulista (IPHAN, 2018)

Reflexões de mestres e mestras de muitas comunidades detentoras afirmam, cada qual conforme formulações próprias, que a variação é um importante elemento constitutivo do bem cultural, sendo impertinente buscar formular modelos ou sintetizar abstrações generalizantes para caracterizar e conhecer a tradição. Não por acaso o nome indicado para o Registro se apresenta com os três termos - Reinados, Congados, Congadas -, grafados no plural. A propósito, outro interessante ponto de partida para a identificação do bem cultural pode ser a abordagem da diferença entre os termos Reinado e Congado ou Congadas, assunto sensível tanto para pesquisadores quanto

para detentores do bem cultural, uma vez que, sendo correlatos, muitas vezes são confundidos como sinônimos.

A seguir, serão apresentados alguns contrastes acerca da percepção e do entendimento desses termos cuja distinção é complexa. Poderá ser percebido que, quando os Saberes do Rosário: Reinados, Congados, Congadas precisam ser tomados em escala nacional, como é o caso do Dossiê de Registro, não é possível unanimidade sobre o nome mais adequado para fazer a sua referência geral. A partir de longa e intensa pesquisa, no entanto, foi possível sugerir, com segurança, a proposta afirmada no título do Dossiê. Entre as comunidades de detentores, imensamente diversas, praticamente grupo a grupo, existem mestres(as) portadores(as) de interpretações próprias, formuladas a partir de suas trajetórias, convivências e reflexões, que não são convergentes sobre a adequação de um ou outro termo como nome que atenda a todas as representatividades. O que deve ser destacado, no entanto, é que nesse sentido é também comum o gesto de afirmarem a sua razão sem desqualificar a razão alheia. Como muitos dizem: "Cada roca com seu fuso, cada povo com seu uso".

Reinados, Congados, Congadas: muitos nomes para o bem cultural

Foi a partir do século XIX que as expressões do Rosário, com dramatizações, ritmo, canto e dança foram chamadas de "Congada", no Brasil, por autores interessados nas tradições populares (IPHAN, 2008). Nesse período, a propósito de uma caracterização socioantropológica do povo negro no Brasil, outros cientistas também se interessaram pelas "coroações de reis negros" e "danças do congo". Por exemplo, o famoso médico antropólogo Nina Rodrigues[29] observou o "fenômeno", no mesmo período em que o memorialista Luiz Edmundo se dedicou ao tema com uma

[29] Médico, antropólogo e eugenista maranhense, radicado na Bahia, é um famoso teórico que investiu na fundamentação do racismo a partir da medicina legal. Viveu entre 1862 e 1906.

abordagem característica das mentalidades do período: “Eles estão chegando, o alvoroço na rua é deslumbrante, sons que invadem os becos, as casas, os ares, ajuntamento de negros pelas vielas, nunca se viu tanto negro! São congos, moçambiques, mojolos, minas, quiloas e benguelas, cabindas e rebolos.” (EDMUNDO, 1956).[30]

No final da década de 1940, no Brasil, foi fundada a Comissão Mineira de Folclore, que exerceu grande papel no estudo, fomento e salvaguarda do que foi chamado de Congado no estado. Em sua primeira fase de atuação, até a década de 1970, a Comissão desempenhou contribuições imprescindíveis para o conhecimento sobre o que o presente Dossiê sugere como Saberes do Rosário, além de abrir caminho para futuros estudos e modos de interpretação e tratamento dessa temática. Logo no segundo ano de sua existência, em 1949, a Comissão Mineira de Folclore, juntamente com a Comissão Nacional de Folclore, organizou o I Congresso Brasileiro de Congado, em Belo Horizonte. Por essa época, com o incentivo da Comissão, foi criada, por congadeiros, a Associação de Congados e Marujos de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais, precursora da atual Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais. O próprio termo Congado foi cunhado e passou a ser fartamente disseminado a partir desse contexto.[31]

Sobretudo na década de 1950, o tema ganhou maior popularidade entre as elites brasileiras, quando Luís da Câmara Cascudo definiu o verbete “Congadas”, no

[30] Relato do memorialista, poeta e jornalista carioca, Luiz Edmundo, que viveu entre 1868 e 1961.

[31] Nas contribuições cedidas ao presente Dossiê, o pesquisador musicólogo Daniel de Lima Magalhães chama a atenção para a documentação presente na obra “Um certo capitão Edson Tomas: Agência e liderança no congado mineiro”, de Joana Corrêa (2018), que trata da atuação histórica de lideranças congadeiras e da Comissão Mineira de Folclore, e das relações entre esses diversos agentes, num importante período da construção e articulação da organização dos grupos de Congado, Reinados e Congadas em Minas Gerais. Menciona-se a importância do professor José Moreira de Souza, ex-Presidente da Comissão Mineira de Folclore, como testemunho e fonte de aporte intelectual para o tema.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 67

Dicionário do Folclore[32] Brasileiro (1952), apresentando a manifestação cultural como autos populares brasileiros, de motivação africana, que seriam representados no norte, centro e sul do país. Nesse documento, as Congadas foram identificadas à devoção aos santos negros Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito e Santo Elesbão, e à coroação de reis congos como elementos principais. Com essa proposição foi aberta uma avenida de interpretações que progressivamente atraíram mais pesquisadores interessados no que foi designado por essa produção intelectual como "cultura popular". Ainda que do ponto de vista contemporâneo o movimento folclorista tenha sido inexato, reproduzindo estereótipos e ignorando o pensamento dos detentores, ele foi fundamental na constituição de um campo de conhecimento público sobre esse bem cultural, para o registro formal de sua memória, bem como para a sua valorização via políticas públicas.

O "Congado" como termo abarcador dos demais ficou famoso com o trabalho do folclorista Saul Martins (1988), em que Congado é apresentado de maneira bastante esquemática como uma família de sete irmãos que se diferenciam pelo ritmo, repertório de cantigas e instrumentos musicais, indumentária, dança e funções durante os ritos. De acordo com essa proposição, em Minas Gerais poderiam ser identificadas sete "linhas" do Congado: o moçambique, o congo, o catupé, o marujo, o caboclinho, o vilão e o grupo denominado Cavaleiros de São Jorge. Dessa família, Nossa Senhora do Rosário é a mãe e o candombe é o pai. Ainda de acordo com a proposição, destacado dos demais grupos o candombe é reconhecido como ancestral do Congado, pai de todos os "irmãos". Naquele tempo (década de 1980), o autor também documentou que os Cavaleiros de São Jorge, que representam o

[32] O conceito de folclore (originado na Europa, do final do século XIX) foi apropriado no Brasil no contexto intelectual das primeiras décadas do século XX, comprometido com processos políticos e discursivos de construção de uma identidade nacional. Nesse período de nacionalismo e populismo efervescentes se destacou a atuação de autores como Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Antônio Rabaçal, Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Édson Carneiro, Cecília Meireles e Saul Martins, por exemplo (BRASILEIRO, 2010).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 68

congadeiro montado, estavam “em desaparecimento”, restando apenas fragmentos de duas guardas: uma do bairro Gameleira, em Belo Horizonte, e outra do município de Raposos, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MARTINS, 1998). É importante reconhecer a grande difusão dessa maneira de interpretação e descrição do Congado, considerando o destaque de Martins como autor consagrado em relação à temática. No entanto, cabe acrescentar que esta formulação contém limitações bastante controversas no que se refere à restrição de formas de organização ritual e estética do multiverso dos Reinados, Congados e Congadas, que incluem dezenas de outros grupos e classificações na atualidade, documentados em trabalhos técnicos e acadêmicos (ARAUJO, 2012, 2022; BITTENCOURT, 2017; BRITO, 2014; CEZA, 2012; LUCAS, 2002; GOMES, 2007; GARONE, 2008; BRASILEIRO, 2012, 2019; SOARES, 2016; PEREZ, MARTINS, GOMES, 2014; SANTOS, 2016, 2017; OLIVEIRA 2016, 2017; ARAÚJO, 2017; ALTIVO, 2019; TORRES, 2020; MORAIS, 2022.)

Dentre os estudos mais contemporâneos sobre o tema, aqueles dedicados ao que pensam os mestres e mestras do bem cultural indicam que as definições técnicas e acadêmicas convencionais apresentam significativas divergências com relação às interpretações dos próprios detentores.[33] Os resultados dos levantamentos preliminares do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) em MG e em SP, por exemplo, destacam que há muitas objeções, por boa parte dos detentores do bem cultural, quanto ao uso do termo “congadeiro” para lhes fazer referência. Algumas

[33] Os estudos têm avançado no sentido de se aproximar de uma forma mais sofisticada da compreensão dos sentidos do que seja o bem cultural, uma vez que têm investido cada vez mais na escuta e leitura atenta dos intelectuais congadeiros e reinadeiros, princípio metodológico que não era praticado pelas Ciências Sociais ao menos até a década de 1980, período em que os estudiosos Edmilson Pereira e Núbia Gomes escreveram “Negras Raízes Mineiras”. Essa obra é considerada um marco divisor sobre o estudo do Congado em Minas Gerais (GOMES; PEREIRA, 1988) por investir em uma análise atenta à articulação entre história e antropologia, e interpretar essa tradição com atenção aos saberes presentes nos discursos de seus mestres e praticantes, indicando o Congado e Reinado como uma forma de expressar filosofias sobre ser e estar no mundo, como forma de resistência negra à colonização do pensamento e das práticas e, portanto, como uma prática social muito representativa.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 69

pessoas defendem que esse termo é equivocado porque nem todos os praticantes são congos. Ou seja, quem é dançante de um terno de congo é congadeiro (conguista ou congueiro), quem é do moçambique (ou massambique) é moçambiqueiro (ou massambiqueiro), quem é do candombe é candombeiro, e assim por diante (Iphan, 2018). Já outros detentores consideram que os termos "Congado" e "Congadas" acabaram se tornando apropriados, tendo em vista que o uso genérico desses nomes foi mais divulgado e já está consolidado pelo senso comum. Assim, foram adotados também pelos detentores do bem cultural, não sendo excluídas outras denominações.

Em São Paulo, foi registrada a compreensão de Mestre Ferreirinha, João Batista Ferreira, do Terno de Congada Chapéu de Fitas, de Olímpia, para quem o "Congado é a união dos grupos da tradição para celebrar o Reinado do Congo, homenagear Nossa Senhora do Rosário e os Santos Negros":

> (...) Você vai chegar em determinado lugar, às vezes o pessoal generaliza como Festa do Congado: "Ah, tem um Congo ali. Nóis tem um Congo aqui. Ah, tem um Congado lá". Mas o Congado, o Congado é a união dos grupos da tradição. Os grupos da tradição é Congo, o Moçambique, Catupé e o Vilão. Isso aí, a união desses grupos, forma o Congado. E o Reinado é festa de todos estes grupos onde reina o Reinado, e onde homenageia Nossa Senhora do Rosário, então você vai ouvir falar "Festa de Nossa Senhora do Rosário", todo mundo já sabe que é o Reinado do Rei Congo que vai homenagear... Já sabe, Festa do Reinado, você vai lá, tá tudo estes grupos. Festa do Congado, vai tá reunido lá o Moçambique, a Congada, o Catupé, tudo esses grupos lá, fazendo todo este evento que eu estou dizendo. (...) Essas diferenças fazem quem está dentro, mas todos eles, apesar do ritmo ser diferente, todos eles, a função, a devoção é voltada para São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, os Santos Padroeiros do Congado, os Santos Negros". (Mestre Ferreirinha, João Batista Ferreira, do Terno de Congada Chapéu de Fitas, de Olímpia apud IPHAN, 2018)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 70

Em São Paulo e Goiás, onde o termo Congadas para se referir de modo geral ao bem cultural é mais comum, o termo "Reinado" é pouco praticado. Além disso, a complexidade terminológica dispersa por MG, SP e GO inclui a prática de muitas comunidades detentoras usarem os nomes próprios que os grupos se dão para definir o que fazem (ao invés de referir como Congado, Congadas ou Reinado), por exemplo: "bater moçambique", "bater tambor (tamborzeiros)", "festejar o candombe" (candombeiros), "dançar o congo", "dançar a marujada". Já o termo "irmandade" faz referência tanto à congregação geral (numericamente abstrata e, portanto, sem delimitação) de devotos do Rosário, bem como às formas associativas locais que congregam um trono coroado e uma capitania (ou seja, uma irmandade específica e delimitada) (IPHAN, 2014).

A antropóloga Dalva Soares (2016) ressalta que, muito embora a Capitã Pedrina de Lourdes Santos, do Massambique[34] de Nossa Senhora das Mercês, do Reinado de Oliveira (MG), também use o termo "Congado", ela é crítica em relação a ele, pois o considera um termo generalista, incapaz de traduzir a diversidade de grupos que participam da festa.

> Aí passaram a falar Congado, todo mundo fala Congado porque todo mundo entende, porque lembra o que que é, mas daí, daqui há um tempo, ninguém sabe mais diferenciar o que que é Congo, o que é Moçambique, o que é Catopé, o que é um Vilão, um Caboclo, Cavaleiro de São Jorge, vai misturando ali e daí, a um tempo, perde (Capitã Pedrina em entrevista concedida à antropóloga Dalva Soares, em 2007, apud SOARES, 2016).

Como a autora sublinha, o receio da Capitã é de que as novas gerações, com o passar do tempo, não consigam mais diferenciar um grupo do outro e, por isso,

[34] Segundo a mestra, a grafia na matriz africana é Massambique e não Moçambique, como é comum grafar.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 71

quando faz uso do termo, ela sempre chama a atenção para aquele que, conforme seu entendimento, é o termo correto: Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos:

> A festa é festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, festa do Congo. Por que do Congo? Porque Congo é o império, na época lá, antiga: ele era um império de onde veio essa formação, de onde tinha a grande formação da nação Banto, que é a nação predominante dos negros de Minas Gerais, pra não falar toda. Diferente dos Iorubá que foram pra Bahia. Então, é a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Capitã Pedrina em entrevista concedida à antropóloga Dalva Soares, em 2007, apud SOARES, 2016).

O termo Reinado apresenta predominância na região central mineira e metropolitana de Belo Horizonte[35] e entre mais velhos de diversas comunidades espalhadas pelo Brasil que, na contemporaneidade, salvaguardam o patrimônio cultural, e que manifestam dúvidas com relação ao benefício da adoção da rubrica "Congado" para se referir de forma generalista à tradição cultural. Nesse contexto, Nossa Senhora do Rosário é também denominada por alguns reinadeiros e congadeiros como Undamba Berê Berê, a mãe dos homens (e mulheres) pretos e Santa Manganá. É para ela, em seu louvor, que se canta e dança "o congado" (GOMES, 2015).

Entre esses, a devoção ao Rosário é marcada pelo gesto da coroação de Nossa Senhora como forma fundamental de reconhecimento da sua sacralidade, que é

[35] O levantamento sistemático realizado como parte do INRC de MG, entre 2012 e 2014, concluiu que, no estado, a região que mais apresenta as denominações Congado e Reinado é a Metropolitana de Belo Horizonte. Nessa região são encontradas na contemporaneidade, e muito ativas, comunidades reinadeiras formadas no final do século XIX e princípio do XX, mesmo período em que o município de Belo Horizonte estava se consolidando como nova capital. Na região metropolitana de Belo Horizonte, "Reinado" predomina como o nome mais abrangente: Reinado de Nossa Senhora do Rosário (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 72

baseada na história consagrada pela tradição oral que conta da aparição da santa para o povo negro subalternizado. A narrativa coloca esse povo como protagonista da devoção e da comunicação direta com o sagrado. Sobre isso, a Rainha Conga do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário (bairro Concórdia, Belo Horizonte, MG) e também ocupante (desde 2016) do cargo representativo estadual de Rainha Conga do estado de Minas Gerais,[36] Isabel Casimira Gasparino Martins, assim se expressa:

> Reinado constitui todo o povo que venera Nossa Senhora do Rosário. O que quer dizer isso: o congado é o povo que veio do Congo, país Congo. E esse termo "Congado", o povo mais antigo, não usava esse termo. Usava Reinado, por ser amplo, o Reinado de Nossa Senhora. Com a generalização das coisas... com um certo tempo, esses antropólogos, essas pessoas assim que entram pra ajudar, começaram a falar coisas diferentes. (Eles) estudam muito uma coisa ou outra e acabam convencendo. Ou então pra ficar fácil de publicação, ou melhor entendimento, usam uma palavra só, segundo eles, para divulgar mais. Então é o caso do termo "Congado". Mas as pessoas entendidas sabem que o termo Congado, isso na minha visão, é um termo falho. Por quê? Se é do Congado, o povo que veio do Congo, quem veio do Moçambique não é Congado. Quem é marujeiro não é Congado. Quem é vilão não é Congado. Quem é catopé não é Congado. Então, quando você fala Reinado de Nossa Senhora é todo mundo. São todos aqueles que veneram Nossa Senhora do Rosário. Isso é a maneira que o Reino Treze de Maio aprendeu. A gente passa assim, porque aprendeu assim. Não quer dizer que está certo, nem errado (Entrevista concedida por Isabel Casimira Gasparino Martins apud IPHAN-MG, 2014).

Nessa perspectiva, de uma concepção reinadeira, Reinado é a categoria e/ou instituição mais abrangente, enquanto os congos e congados são compreendidos como componentes do Reinado. Essa perspectiva admite duas dimensões ritualísticas

[36] Em depoimento registrado por IPHAN, 2014.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 73

distintas e complementares: o trono coroado e a capitania. O trono coroado representa o Reino de Nossa Senhora e é composto por rei e rainha congos, perpétuos, e festeiros, além dos respectivos príncipes e princesas.

A capitania é composta pelo conjunto daqueles que cantam, tocam e dançam louvando e guardando a côrte, em que o(a) capitão(ã) é quem comanda o grupo.

Além disso, como é apontado no relato da rainha conga acima exposto, o caráter de maior abrangência do termo Reinado se fundamenta não exatamente na coroação das côrtes de reis e rainhas humanos(as) terrenos(as), mas, precisamente, na coroação de Nossa Senhora do Rosário. Desse modo, os ritos, as cantigas e dramatizações dos congos, moçambiques (massambiques), marujos, caboclinhos (caboclos, penachos), catopês (catupés), pifeiros, tamborzeiros, entre outros, fazem referência – e prestam deferência – à coroação da santa propriamente, o que é representado pela coroação dos reis congos. Esse gesto é reconhecido em sua dimensão sagrada, por uma expressiva parcela dos detentores do bem cultural, como o mais fundamental da tradição, capaz de acolher todas as variações de formas de expressão da devoção desdobradas ao longo do tempo e do espaço.

Ademais, entre "Reinado" e "Congado" observa-se que um "grupo de congado" pode não comportar (o que é comum) a estrutura de um reinado, ao passo que toda irmandade que detém um reinado precisa incluir a participação de pelo menos um congado (ternos, guardas, banda, cortes de congo, marujos, moçambiques, catopés, etc.) em seus ritos, mesmo que este não pertença àquele reino. Ternos, bandas, cortes ou guardas de congo (congado, conguistas, congueiros), moçambique (massambique), marujo, tamborzeiros, candombe, caboclinhos (caboclos, penachos), pifeiros, etc. podem ter uma existência individual, estando ligados a santos de devoção em comunidades onde não exista um reinado.

Os Reinados, no entanto, são caracterizados por uma estrutura simbólica complexa e por diversos ritos de ligação com o sagrado ancestral africano e afro-

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 74

brasileiro, que incluem não só a instauração de um império, mas a presença das guardas (MARTINS, 1997). Para Ana Luzia da Silva Morais, rainha konga e mestra historiadora pesquisadora do Reinado há quase vinte anos, as tradições mais antigas dos Saberes do Rosário nomeiam como "Reinado" o conjunto mais substancial da tradição que é constituída pelas coroações de reis e rainhas do Congo, acompanhadas das congadas, marujos, massambiques (ou moçambiques), catopês. Esse conjunto remete a cosmopercepções de matriz banto que envolvem o que os reinadeiros chamam de mandamento, sacramento e fundamento da festa: os saberes, segredos e mistérios do Rosário, salvaguardados pelos(as) mais velhos(as) (MORAIS, 2022).

A coroação de Nossa Senhora é um dever devocional, realizado ritualmente por meio da coroação da rainha conga, sua representante na terra. É sobretudo nos Reinados que esse fundamento é reconhecido como princípio cosmológico orientador das cerimônias rituais dos "reinados negros" de Minas Gerais.

Como apresentado, frente à diversidade de expressões do bem cultural, o nome "Rosário" e as expressões "comunidades do Rosário", "celebração do Rosário" ou "devoção ao Rosário" podem ser as mais representativas do conjunto heterogêneo de que fazem parte os Reinados, Congados e Congadas. Esses termos evitam tomar a parte (reinados, congados, moçambiques, marujadas, caboclinhos, catopês, candombes, tamborzeiros, pifeiros, entre outros) pelo todo (as Congadas ou Congados, os Reinados), e ainda enfatizam a fé como componente constante e comum ao imenso conjunto de detentores. Além disso, termos como "devoção ao Rosário" primam por uma representatividade inclusiva tanto dos devotos que se

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 75

identificam como católicos,[37] quanto daqueles que professam outras espiritualidades e religiões ou que reivindicam a matriz africana como elemento predominante.[38]

Como visto, do ponto de vista da matriz africana, componente principal do bem cultural, a simbologia do Rosário encadeia uma multiplicidade de significações inclusivas, mais pertinentes para a descrição dos agenciamentos do povo afro-brasileiro na sua contribuição civilizacional ao patrimônio cultural do Brasil. Leva-se em conta que as significações da devoção ao Rosário variam histórica e contextualmente, o que demonstra o caráter dinâmico e processual do patrimônio cultural.

Será apresentado, no Capítulo 2, como o bem cultural tem raízes nos acontecimentos extraordinários que são demarcadores da historicidade das comunidades do Rosário, sendo preservados e mobilizados na memória coletiva, pelo regime das oralidades: são as "histórias contadas pelos antigos". Entre esses acontecimentos são destacadas a aparição de Nossa Senhora do Rosário aos negros e a predileção da santa às suas formas próprias de comunicação com o sagrado; a agência dos poderes dos candombes nesta e em outras situações; a conquista da liberdade por Galanga Chico Rei, gerador de novas comunidades de devoção; as providências mágicas de São Benedito para diminuir o sofrimento do cativeiro e da fome do povo negro escravizado.

Interessante observar que em São Paulo e Goiás, de forma mais destacada do que em Minas, viceja a devoção a São Benedito. Embora no cenário mineiro haja a presença de muitas comunidades que homenageiam o santo (inclusive não é raro sua homenagem nas celebrações em que Nossa Senhora do Rosário é a principal homenageada), o protagonismo mítico, os nomes das festividades e os discursos mais

[37] O catolicismo sincrético identificado aos Reinados, Congadas e Congados é analisado com complexidade por autores como o antropólogo Rubens Silva (2010), propondo a seguinte reflexão: "Negros católicos ou catolicismo negro?".

[38] Nesse sentido, o termo "devoção ao Rosário" também é mais representativo que "afrocatolicismo" ou "catolicismo negro" porque, mesmo com a interpretação qualificada desses termos, ainda fica sugerida a sua necessária vinculação com o catolicismo (ver MORAIS, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 76

recorrentes sobre a tradição, em Minas Gerais, são, sem dúvida, voltados para Nossa Senhora do Rosário. Já nos contextos paulista e goiano, fica patente a proeminência de São Benedito nas narrativas da tradição oral, em nomes de guardas, ternos e bandas e nas homenagens de grandes festejos. A cosmologia de fundo relacionada ao santo diz respeito à sua vida dedicada ao sagrado e a seus feitos mágicos, como os subterfúgios para não revelar a comida que levava nos balaios para alimentar as pessoas submetidas ao cativeiro e aos castigos de fome. No capítulo 6, Dar, Receber, Agradecer: a partilha no Rosário, narrativas da tradição em torno da devoção ao santo serão apresentadas.

*

No próximo capítulo, também será apresentado como, do ponto de vista da historiografia moderna, esses elementos são fortemente ligados à diáspora africana (pela Europa e em seguida nas Américas) e à colonização do Brasil.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 77

Capítulo 2 - Algumas contas de um Rosário infinito

Eu vim de muito longe! [39]

Segundo consta, lenda ou não - para quem escuta é lenda, para quem conta é história. Igual pertencer ao Reinado: para quem vê é folclore, para quem vê é cultura; mas para quem tá dentro é religião.[40]



Guias de Juranda. Moçambique do Tonho Pretinho. Itapecerica (MG), 2014.
Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento Patrimônio Imaterial DPI/Iphan).

39 Verso entoado pela capitã de Moçambique, Sebastiana de Oxossi, ao fazer chegada com sua guarda em contexto cerimonial: "Eu vim de muito longe, sem conhecer ninguém, eu vim colher uma rosa, que nesta casa tem!" (SILVA, 2020).

40 Entrevista realizada, em 2012, com a finada Isabel Casimira das Dores Gasparino (Dona Isabel) – então Rainha Conga do estado de Minas Gerais e Rainha Conga do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Concórdia, Belo Horizonte/MG (IPHAN, 2013).

A hierofania de Nossa Senhora do Rosário aos negros, manifestando a sua predileção às formas de comunicação com o sagrado dos africanos e afrodescendentes; os poderes dos candombes agenciados nesta e em outras situações vitoriosas; a conquista da liberdade por Galanga Chico Rei, que providenciou a liberação de muitos outros cativos e fundou o "Congado" em Minas Gerais: estes e outros acontecimentos que, segundo os(as) detentores(as) do bem cultural são contados pelas "histórias dos antigos", explicitam as cosmologias da tradição ancestral de matriz africana que estão preservadas na memória coletiva afro-brasileira. Esses, entre outros, são saberes mobilizados nos ritos dos períodos festivos, e também em situações cotidianas em diálogos entre "mais velhos(as)" e "mais novos(as)", sendo importantes demarcadores de experiências históricas descritas pelo ponto de vista de uma temporalidade própria do Rosário. Essa temporalidade é cíclica e espiralar (MARTINS, 1997), pela qual os acontecimentos sempre retornam, a cada vez com modificações próprias dos caminhos e enredos[41] das pessoas, lugares e contextos que estão envolvidos.

As histórias "desse tempo" situam-se no interstício entre o passado, o presente e o futuro, no entrecruzamento da África, das Américas e da Europa, envolvendo povos negros, brancos e mestiços (PEREIRA; GOMES, 2003). Através de uma estrutura circular, o tempo mítico percorre uma temporalidade própria em repetições cíclicas que revisitam e transformam, ao mesmo tempo, as narrativas fundacionais da vida em comunidade (BARROS, 2010). O retorno ritual às origens é um exercício fundamental para a constituição de uma história e uma memória grafadas no corpo e no território daqueles que experienciam e produzem a tradição, em conexão com os seres ancestrais. Tal é o regime temporal atuante no Reinado (MARTINS, 1997).

[41] Grosso modo, caminhos e enredos são conceitos próprios das ontologias de matriz africana que se referem à historicidade de cada ser no mundo, sempre correlacionada com a historicidade dos outros seres conviventes: formas históricas de relacionamento entre seres conectados (FLASKMAN, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 79

A cosmologia fundamental da devoção afro-brasileira ao Rosário mobiliza, assim, noções sobre ser e estar no mundo que são muito diferentes daquelas dos povos modernos: o tempo chamado de mítico vivido por diferentes sociedades, nas quais os humanos não são os únicos agentes históricos significantes e a realidade é concebida a partir de parâmetros diferentes do europeu ocidental e cristão. Em vários contextos, essas diferentes visões de mundo entraram (e ainda entram) em conflito e, nesse sentido, a história do Rosário, do modo como é vivenciada e contada pelos(as) mais velhos(as), não está incluída na historiografia moderna[42] (BRASILEIRO 2012; ALTIVO, 2019; TORRES, 2020; MORAIS, 2022).

Para conhecer o passado do bem cultural e seu desdobramento ao longo dos séculos da sua existência no Brasil, é preciso considerar a realidade, a validade, e a qualidade descritiva e instrutiva das histórias provenientes de diferentes fontes de conhecimento, as documentais e as orais, que situam contextualmente os saberes do Rosário.[43] O que não quer dizer que essas fontes e suas informações sejam equivalentes, pois a validade e repercussão de um saber é sempre função da posição relativa ou perspectiva adotados. Em grande medida, existe uma complementaridade[44] entre as informações e, por outro lado, do ponto de vista da

[42] Sem deixar de reconhecer o fundamental aporte da historiografia moderna, com todo o seu potencial emancipador para povos e comunidades subalternizados, destacadamente para a população afro-brasileira, que por séculos foi expropriada do direito de ter sua história oficialmente pesquisada, registrada e salvaguardada, e impedida do acesso ao ensino formal e à pesquisa científica, que garantem as formas modernas de conhecer e registar essa história, é a memória coletiva das comunidades do Rosário que funciona como seu referencial histórico apropriado e que reforça as singularidades do bem cultural enquanto patrimônio imaterial do Brasil. É a essa memória que as comunidades se referem como a sua história, a história dos antigos, dos mais velhos "que eu não vivi mas me contaram", as "mensagens da ancestralidade" para muitos.

[43] Sendo a história, primariamente, o conjunto de conhecimentos relativos ao passado de um povo ou comunidade ao longo do tempo, segundo o lugar, a época e o ponto de vista escolhido, esta observação faz referência ao debate epistemológico (ou seja, que diz respeito às formas de produção, validação e circulação do conhecimento) em torno da tradição moderna conferir menor valor (quando não a invalidação) à história dos povos ou comunidade não modernos.

[44] E existem também muitos tensionamentos e uma controvérsia de fundo cuja profundidade e amplitude epistemológicas não são compatíveis com as circunstâncias e objetivos do Dossiê. Conferir Sodré (1983); Martins (1997; 2002; 2003).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 80

tradição, os saberes ancestrais são os que mais circulam entre os(as) detentores(as) do bem cultural, sendo provenientes deles o conhecimento incorporado e compartilhado entre as gerações, explicando de maneira própria os sentidos das suas práticas culturais.

Nesse sentido, a massambiqueira há mais de 30 anos, Maria das Graças Epifânio da Silva, filha da finada Sebastiana de Oxóssi, capitã do Massambique de São Sebastião, em Bom Despacho (MG), observa que:

> A nossa festa é muito complexa na hora que a gente se fala de muitos estudos, de muitos estudos porque o nosso povo, ele não tinha direito de ter nada. E o nosso conhecimento, ele vem mesmo da Senzala, é dos nossos mais velhos, do nosso povo escravizado e eu e minha mãe, tivemos o prazer de estar com o avô dela, que é meu bisavô. (...) Então, Nossa Senhora, ela teve aparição em todos os lugares. Se ele for falar porque o Brasil é grande demais e nosso povo está nos quatro cantos. Então eu tenho uma preocupação muito grande com o apagamento da nossa história, que sempre eles queiram trazer uma história diferenciada, sempre eles queiram melhorar a nossa festa. E com isso, as nossas tradições, elas são invadidas por pessoas que acham que tem um entendimento da nossa festa. Porque nossa festa, nós não podemos contar ela lá dentro da escrita, no papel, não. Nós contamos mesmo foi com o sofrimento, com o suor, com a lágrima. Então eu tenho muita preocupação com os apagamentos, com o que eles tentam trazer para dentro do nosso Rosário, da nossa festa dos pretos. (...) são tantos mistérios dentro da nossa festa que não vai ter lugar nenhum que vai saber contar mais, do que nós que estamos ali a frente dessa festa, desse sofrimento. Porque o povo preto ele está sempre lutando pra mostrar a nossa verdadeira história. (Depoimento registrado durante Seminário Virtual II, etapa final do processo de instrução do Registro, IPHAN, 27/09/22)



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 81

O conhecimento transmitido pelos antepassados do Rosário prioriza o protagonismo dos povos africanos e seus descendentes frente aos processos da colonização, no contexto da escravidão moderna, dentro das irmandades dos homens pretos e pardos e no período posterior à abolição da legalidade da escravatura (BRASILEIRO, 2012; MORAIS, 2022). Nas histórias compartilhadas pela tradição há uma ênfase na habilidade dos africanos e afro-brasileiros de constituir um modo de vida ancestral, focado nas estratégias de cura dos traumas e feridas gerados pela colonialidade, em um contexto tão adverso e com tão longa duração quanto o do sistema escravista nas Américas. São estes agenciamentos habilidosos que construíram e mantêm a continuidade da devoção afro-brasileira ao Rosário. (BRASILEIRO, 2012; ALTIVO, 2019; MORAIS, 2022). Como poderá ser conhecido, existem muitas histórias contadas e cantadas entre as comunidades do Rosário que descrevem, do ponto de vista da ancestralidade de matriz africana, a história brasileira. Dário, capitão do Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica (MG), analisa que essas histórias são parte da história do Brasil contada pelo "povo da gunga" e que constituem um patrimônio cultural desse povo e "de todos que fazem gosto delas". Dentre as muitas histórias-cantos-poema divulgadas pelo capitão, por exemplo, segue-se o trecho de uma narrativa sobre as condições de vida do povo negro após a abolição da legalidade da escravatura:

Quando eu vi preto de ronda
Devagar a caminhar,
observando seus passos, para ver onde ia chegar.
De repente, em um toco, ele se sentou pra repousar.
O cansaço que ele tinha da vida, já havia de chegar
Eu vi o velho sentado, então dele me aproximei.
Eu pedi a permissão e minha história a ele contei
Mas fiquei emocionado, quando do seu tempo passado
Sua história me contou.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 82

E assim ele dizia, meu filho preste atenção
Fui criança, já fui jovem e vivi a escravidão.
Desde cedo na inchada, ou segurando um facão
Desbravando mata fechada, a mandado do patrão.
E tamem me queimava ao sol, no meio da plantação
Na lavoura de café, da cana e na colheita do algodão
Trabaiava dia a dia muitas horas sem parar
E seu reclamasse de chicote ia apanhá
Branco não tinha piedade, feitor não tinha coração
Tinha os capitão do mato, que entregava seus próprios irmãos
Muitas noites eu dormi, num velho tronco amarrado
E no outro dia cedo depois q era açoitado
Grilhões iam no meu corpo, que tamem era acorrentado
Um dia quase morrendo, apanhei sem ter pecado
Eu gritei o santo nome da Senhora do Rosário
Pra livrar todos irmãos que já não aguentava ser escravo
E quando o tempo passou que já não valia mais nada
Me deram libertação, e andei vagando nas estradas
Um dia fui madeira bruta, mas o tempo castigou
Tomado de sol e chuva os cupim se aproximou
O tempo era o cupim quem a madeira maltratou
Hoje nessa terra boa vivendo de deu em deu
Minha roupa é mulambo e minha casa é meu chapéu.[45]

A seguir são apresentadas algumas versões das histórias que são origem e sustentação das práticas e pensamentos dos detentores do bem cultural, motivando sua relação de fé na tradição.

[45] Capitão Dário, do Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica (MG), durante diálogos em rede social virtual, grupo de *WhatsApp* "Congados-Congadas-Reinados", criado para comunicação entre IPHAN e detentores, nesta etapa final do processo de instrução para o Registro.

2.1. "Vim fazê maravia, um cadim só": a aparição da Santa[46]

A tradição do Rosário inclui inúmeras variações da narrativa sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário "na natureza": no meio do mar, na praia, no rio, na lapa, na gruta, no alto da serra, na mata, no deserto; e a preferência da santa pelos negros cativos para a sua condução, desde o ambiente natural para dentro de uma igreja (ou capela, vila, lapa, gruta).[47] Trata-se de uma narrativa de forte caráter étnico, que coloca os negros como centrais do enredo de um encontro com o sagrado. Um sagrado que, do ponto de vista étnico-racial, nos contextos de encontros e conflitos coloniais, poderia ser reivindicado como próprio dos "brancos",[48] pois que baseado na devoção a uma santa, Nossa Senhora, identificada ao catolicismo.

As variações da narrativa reiteram que a santa escolheu os negros com suas formas próprias de conexão com o sagrado, e não os brancos. Algumas narrativas situam esse episódio no contexto colonial escravista brasileiro; outras no continente africano em período de intensos conflitos relacionados ao tráfico negreiro para as Américas.

[46] "Um cadim só, um cadim só, vim fazer maravilha um cadim só!": toada de moçambique praticada na região metropolitana de Belo Horizonte, MG.

[47] As versões sempre trazem mais ou menos explícita a comparação com a possibilidade de Nossa Senhora ter escolhido outras pessoas com prestígio social por terem hegemonia econômica e política, isto é, ter escolhidos "os brancos".

[48] Brancos como categoria sociológica, informada pela racialização da sociedade brasileira e seu racismo estrutural.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 84

> Deixa eu explicar pelo meu conhecimento. A gente tem uma alegria muito grande da história do Reinado, que Nossa Senhora apareceu e o pessoal, senhores brancos, foram lá com banda de música e tirou ela. Levou ela lá pra igreja e no outro dia ela não estava. Aí um negro de confiança do senhor pediu se eles podiam ir lá cantar pra ela e tentar trazer ela. Aí o senhor falou: "sem problema. Vocês podem ir lá." Ele achou até graça. Eles (escravos) já batiam os tambores do candombe. Eles já batiam os tambores na senzala. Já batiam na sua fé lá pra pedir alguma coisa. O negro veio pra cá pra ser escravo, mas aqui. Lá na terra deles eles tinham a sua função. Um era raizeiro...aqui que ficaram sem condições de... não podia frequentar nem uma igreja católica, não podia nem cuidar da religiosidade deles. Aí a gente fica muito feliz e muito orgulhoso, porque eles foram lá, buscou ela, levou ela e ficou lá na igreja. Aí se criou a festa do Rosário, os devotos do Rosário de Maria. (Entrevista realizada, em 2012, com Antônio Jorge Muniz, capitão-mor da Irmandade do Rosário dos Ciriacos (Contagem, RMBH, MG) e Evaldo da Conceição Ricardino, presidente dessa Irmandade (IPHAN, 2013))

Não é muito comum que as histórias sejam contadas em detalhes, mas há importantes registros etnográficos (AMBRÓSIO, 1989; GOMES, PEREIRA, 1988, 1990, 2003) produzidos por pesquisadores(as) que tiveram o privilégio de dialogar com mestres(as) antigos conviventes e aprendizes junto de seus antepassados, alguns deles inclusive, escravizados. Nesses casos, há grande riqueza de informações capazes de demonstrar a força dessas historicidades. Alguns breves exemplos são os registros a seguir:

> A época do surgimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário (remonta) a 700 anos além do nascimento de Cristo. É a representação de um exército que defendeu a côrte celeste. Surgiu na terra do Congo, no povo do Congo...Eles tava no eito, quando apareceu um sinal, um clarão na praia do rio de Angola. Era perto... (Capitão Raimundo do Carmo - "Diquinho", Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 85

> Nossa Senhora apareceu na praia do mar. Em que rio que Nossa Senhora apareceu? Vão vê se ocê sabe... el'apareceu na praia do rio de Angola... (Dona Cecília Preta, Rainha Conga de Minas Gerais, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008)

> Nossa Senhora do Rosário apareceu no dia 10 de outubro de 1080 na praia do Rio de Angola, em Uganda na África (Chico Cachimbo, Capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Mestres e mestras antigos da região central mineira, no município de Sete Lagoas, tiveram suas histórias profusas de fundamento cosmológico registrados por Maria Ambrósio, pesquisadora que atuou neste contexto na década de 1980 (AMBRÓSIO, 1989). Nas suas versões, a hierofania de Nossa Senhora do Rosário foi marcada por uma série de acontecimentos extraordinários complementares: "a terra balanceou", as "águas todas tremeram", a notícia percorreu por entre mares, terras e céus. Foram diversas as comitivas, terrenas e celestes, que tentaram trazê-la para terra firme, mas ela só aceitou ser resgatada pelo povo mais humilde, encantada com a música que emanava de suas caixas, isto é, com sua fé e força espiritual (GARONE, 2008).

> Os nêgo é que tirou ela da zona do mar... Foi Congo, banda de música, padre – já tinha congo... foi todo mundo, ela no meio do mar. Ali bateu candombe... quando bateu candombe, e bateu moçambique, ali eles cum medo dela iscapuli, els fizero fuguera e ficaram viginado ela e bateno candombe e moçambique... Ali ela veio vindo, veio vindo até que entrô na igreja... Isso foi contato pelos antigos, eu não sei diss' não, - se eu tô mentino, mas num é mentira, pois nêgo véio não mente (Dona Maria Cassimira, Rainha Conga de Minas Gerais, Belo Horizonte; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 86

> El'a apareceu, na praia do rio de Angola... foi rei, banda de música, coro de anjo, ela não veio...; foi padre, ela não veio...; os nêgo fizeram um andor de pau, ela veio (Cecília Preta, Rainha Conga de Minas Gerais, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

A força espiritual do grupo dos negros que conseguiram resgatar Nossa Senhora do Rosário, emanada de seus cantos, danças e instrumentos musicais, é descrita pelos detentores do bem como muito grande, diferente dos poderes dos brancos, uma força mágica, antiga, densa (GARONE, 2008).

> Tinham (os negros que resgataram Nossa Senhora do Rosário) uma força espiritual muito grande que os brancos não tinha... Força até de magia, como o candombe... que é o mais antigo, é o mais pesado (Cecília Preta, Rainha Conga de Minas Gerais, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

De acordo com estes(as) mestres(as), o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário também foi presenciado por entidades espirituais do "povo de comboio", que ainda hoje se fazem presentes nos rituais do congado e da umbanda, ao passo que outras se "desencarnaram" após o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário, imantando-se de sua luz divina, donde os congadeiros situam a origem dos chamados "pretos velhos do Rosário".

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 87

> ...[quando a Santa apareceu] Nenhum deles foi lá. Maria Conga – do povo de comboio – é que foi: olhou de longe, voltou extasiada, emocionada de alegria, dizendo: "É Nossa de Runsár!". A língua dela não dava prá falar direito. (...) A escrava que vivia na África; hoje é entidade: Tia Maria Conga... era muito estimada, por ser ama-de-leite dos fazendêro do lugar. (...) Ela era do "povo de comboio", o qual tinha uma força espiritual como se fosse espiritismo, mas não é: só deles pensarem as coisas aconteciam... Chico Toco, de Guiné, que era povo da Costa, foi pai do candomblé (Capitão de Congo Raimundo do Carmo, "Diquinho", Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

> Um nêgo véio viu, foi na aldeia, chamô os ôtros escravos, viero o velho Jerônimo, chefe de 400 negros, prendeu 25 escravos que estavam lá cantando. Vários nêgo fôro em romaria. No dia 10 de outubro, fôro os escravos batendo caixa, reco-reco: foi o dia em que terra balanceô, as águas tremeu e Nossa Senhora do Rusário apareceu. Colocaro numa capela (onde ela já era festejada). No dia 11, às 9 horas da noite, na terra veio uma neve, desencarnô 25 nêgo, que são os pretos velhos do Rusário (...) principalmente Pai Manoel, que descobriu, viu primeiro (...) Pai Manoel estava pescando prá matar fome dos dois filhos, quando viu uma luz muito estranha no rio, levou a canoa, viu ela sobre as água com o rosário na mão (...) Atendeu o chamado dos nêgo, por causa do orgulho, soberba, ira, separação que existe até hoje: os nêgo que fôro de coração de alegria, ela veio (Chico Cachimbo, Capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Como será visto mais detidamente no Capítulo 4, existem muitos aspectos dessa hierofania que são organizadores das cerimônias rituais das celebrações do Rosário, bem como fundadores dos sentidos e atribuições aos diferentes grupos de tocadores, dançadores e cantadores que integram as capitanias que fazem o cortejo dos reis e rainhas coroados. Nesse sentido, a história da aparição da santa opera como

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 88

o que a historiografia moderna chama de mito fundador da tradição.[49] É em relação a qual grupo conseguiu conquistar a conexão sagrada com a santa, por exemplo, que se desdobra a organização hierárquica e espiritual entre candombes, moçambiques (massambiques), congos etc. Nos contextos em que há candombes, ou em que a existência dos candombes é considerada dentro da tradição da comunidade, são os candomberos que alcançam a comunicação com Nossa Senhora, fazendo a sua guia até a capela (gruta, igreja, altar etc.) Onde não existem candombes, são os moçambiques os sábios mestres da condução sagrada. Há contextos em que também não existem moçambiques, variando entre congos, marujos, catopês a autoria da habilidade mágica.

Na tradição transmitida a Isabel Casimira, rainha conga do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte (MG), os candombes e moçambiques partilham uma condição em comum quanto à condução da Santa pelos negros. São os candombeiros, os "gangas" mestres sábios da sacralização com a batida dos tambores e as palavras entoadas nos cantos, que realizam curas, bendições e outras "maravilhas". Observando Nossa Senhora se movimentar em direção aos grupos que tentaram primeiro, mas recuar sempre que eles viravam as costas em direção à capela, os candombeiros sabiam que não se "tira os olhos do sagrado" e que, portanto, não podiam se virar, precisavam seguir tocando e cantando mirando o Rosário de Maria. Como os tambores do candombe, de troncos ocados, pesados, não permitiam esse procedimento com a destreza necessária, transformaram os tambus em caixa, suspensas sobre cordões apoiados nos ombros, facilitando o rito e tornando-se, portanto, moçambique: os caixeiros do Rosário que conduziram Nossa Senhora.

São diversos os versos e quadras entoadas pelos moçambiqueiros, que fazem alusão a aparição da santa:

[49] Não é o único, como será visto, mas é sem dúvida o de maior abrangência dos vários elementos rituais presentes entre as comunidades do Rosário e o mais recorrente em escala nacional.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 89

Senhora do Rosário,
foi quem me chamou aqui
A água do mar é santa,
eu vi, eu vi, eu vi.[50]

Senhora Rainha,
onde me mandar eu vô
No balanço da rainha,
eu nunca vi tanta fulô[51]

2.1.1. Candombe é de Aruanda[52]

No contexto de Minas Gerais, os devotos vivenciam o candombe como um ritual de canto e dança, protagonizado pelos instrumentos sagrados: três tambores, uma puíta (espécie de cuíca feita em madeira) e dois guaiás (chocalhos feitos de cipó trançado sobre cabaça, contendo contas de lágrimas de Nossa Senhora ou sementes similares).

Os cantos remetem aos mistérios do sagrado e fazem também a crônica dos acontecimentos que marcam a historicidade das suas comunidades (PEREIRA, GOMES, 2003). Para alguns(mas) estudiosos(as) e parte das comunidades detentoras, o candombe pode ter fundado a tradição de celebrar a ancestralidade com tambores difundida por todo o Brasil, uma vez que o ritual sagrado do candombe acontecia no interior das matas e senzalas, durante todo o período escravista (MORAIS, 2022).

Desde a década de 1980, os pesquisadores da cultura e religiosidades afro-brasileiras, Edmilson Pereira e Núbia Gomes, se dedicaram à coleta e registro de um rico conjunto de narrativas que demonstram a centralidade dos tambores nas cosmologias de matrizes africanas, destacadamente dos tambus de candombe. Estas

[50] Registrados por GARONE, 2008.

[51] Idem.

[52] Sabedoria compartilhada pela grande mestra candombeira e umbandista Divina de Siqueira, liderança espiritual do Quilombo Mato do Tição, Jaboticatubas, Minas Gerais (SILVA, 2020).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 90

histórias estão documentadas em diversos livros dos autores (1989, 1990, 2003, 2005) e algumas delas serão apresentadas a seguir.

Como será visto no Capítulo 4, nos contextos em que sua existência é considerada,[53] o candombe detém prerrogativas entre todos os demais grupos rituais integrantes da devoção ao Rosário. A seguir, em função da riqueza cosmológica e descritiva, é reproduzido o registro da história contada pelo finado mestre Geraldo Arthur Camilo, da Irmandade de Nossa Senhora dos Arturos, comunidade quilombola centenária, situada em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, intitulada "O tambor de Nossa Senhora" (GOMES; PEREIRA, 2003).

> **O Candombe é quando Nossa Senhora apareceu no mar. Ela foi tirada com o Candombe, porque não havia caxa que tirasse ela. Ninguém tinha liberdade, que era tempo da escravidão. O povo era só trabaiá. Então Nossa Senhora apareceu, lá nas água. Os rico foi pra tirá ela, com banda de música, e tal; ela num quis. Quando o padre foi celebrá missa, falano palavra, ela só mexeu um mucadim mas parô. Porque Nossa Senhora não queria luxo. E foro aqueles fazendero com muito luxo, coisa boa pra pô ela ali dentro, aquele luxo. Ela parô. Eles pelejô, pelejô, ela ficô parada lá nas água. Eles então vei embora.**
> **O escravo viu tudo, pensô lá e combinô com os companhero dele:**
> **- Ah, vô falá com o sinhô - se o sinhô dé nós a liberdade de nós conversá com ele - nós vão pedi ele se ele dexa nós i pelejá lá pra vê. Nós falamo que a moça tava lá, eles achava que era mentira, descubriro que era verdade. Eles já foro com banda de música, já foi o padre, já foi os ricaço com tudo quanto há...**
> **- Ah mas cumé que nós vai arrumá?**

[53] No Levantamento Preliminar realizado entre 2012 e 2014, foram identificados candombes em apenas 20 municípios de Minas Gerais (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 91

- Ah tem aquele pau ali - tá curado né? - nós põe um pedaço de coro ali no tampo dele e nós vão batê, cantando nossa linguage. As vez - quem sabe? - e nós vão fazê nossas oração, levá nossos terço de conta de lágrima. (Eles fazia os terço era de noite: a hora que tava descansano eles tava fazeno).

E assim o escravo foi e falô com o seu sinhô dele.

- Ah, nego, ocês tá quereno é coro! Pois se nós foi lá, com uma banda de música, primeiro nós levô o padre, fomo com tudo tão organizado e ela num saiu... Agora ocês é que vai!...

E o escravo disse:

- Não, num há poblema. Se o sinhô dá licença, nós vai. Se consegui, bem. Se num consegui...

- Mas nós fizemos igreja, oratore, tudo enfeitado de tudo que nós podia, agora...

- Não, nós vamo só fazê a nossa oração lá. Se nós recebê a graça, muito bem; se nós num recebê, nós volta para senzala e vamo trabaiá.

E foi ele disse:

- Cês vai. Se ela num vié, caboco, cês perdeu a vez, cês vai entrá é no coro.

Eles pegaro seus tambô, que era um par de três tambô e foi. Chegaro lá, fizero oratore de sapé, pusero arco de bambu enfeitado pra ela passá e foro bateno os tambô, cantano, dançano pra ela. Ela deu um passo. Parô. Eles tornô a cantá, cantano demais, ela vei vino devagarzim, até que chegô na berada. Parô otra vez. Eles cantano, cantano.

Ah, os branco achô ruim! Quando ela parô na berada, eles tiraro ela. Com a banda de música, foguete, essas coisa. Tudo de novo. Ela ficô que tinha: pegaro ela, levô, fizero lá uma capelinha, pós ela lá dentro. Os nego, esses já foi ficano pra trás e acabô Ino tudo pra senzala deles.

Quando foi no otro dia, eles abriro lá a capela, cadê ela? Tinha voltado pro mesmo lugá.

- Oh, que diabo! Nós foi com banda de música e os nego é que pôs ela na berada da areia; nós chegô, botamo ela no andô, tomô ela dos nego; levamo pra capela e a santa num tá mais lá.

Voltaro tudo pra vê: a santinha lá no mei do mar, parada.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 92

> **Os nego armô a capelinha deles - cá no ponto de pobre, nê? -, de pé no chão, otros de precata, cantano, ela vei vino, eles arranjô seu andô deles. Tudo no ponto de pobre - pôs ela no lugá lá - lugá de nego, humilde - e ela ficô. Aí eles fizero a igrejinha dela e ela nunca que voltô.**
> **Então ficô sendo o tambô sagrado, o Candombe. É, ele tirô ela. Num tambô ela vei sentada, igual andô. É Santana. Por isso nós começa o Candombe assim:**
> **Ê, tamborete sagrado**
> **Com licença, auê!**
> **Por isso é que nós bate o Candombe, brincano, igual desafio. Porque o branco desafia o nego e parece que ele ganha. Mas ganha é cá os nego véio. Igual com Nossa Senhora...quem ganhô?**
> **Candombe é um desafio, uma brincadeira de gente forte, que põe ponto, lembrano os passado. (GOMES; PEREIRA, 2003)**

Além da atuação mestra e fundadora da devoção ao Rosário pela aparição de Nossa Senhora, há outros agenciamentos igualmente importantes atribuídos ao candombe, relacionados com sua capacidade transformadora de adversidades e injustiças.

No quilombo Mato do Tição, em Jaboticatubas (MG), região de concentração candombeira no estado de Minas Gerais (IPHAN, 2014), também foi investido largo registro de narrativas candombeiras por Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2003), dentre as quais reproduzimos, abaixo, a história de Barão Anuê contra o candombe, contada pelo finado mestre capitão candombeiro Jair de Siqueira, sobre a sua perseguição e a resistência dos negros, que reforça o seu poder diante da violência da escravização.

> **Isso tudo é do tempo do povo é africano né. E esse povo tudo é da África. Esse aí eu vou explicar. O barão Anuê era um homem, um fazendeirão, ele num gostava de nego não. Ele num gostava dos nego não.**



Quando veio a liberdade, os nego num tinham mais outra coisa pra fazer, aí eles foi pro mato e cortou, e cortou madeira e fez instrumento de candombe, fez instrumento de candombe. E foi lá pra porta do barão, brincar o candombe deles. Ele foi, pegou, mandou fazer fogueira e pôs os instrumento dos nego tudo no fogo. Queimou os instrumento dos nego e entrou. Entrou pra dentro de casa que num queria ver nem, nem a fumaça do instrumento dos nego.

Aí a fumaça foi pra casa a dentro e foi certo dentro quarto dele, onde que ele tava com o quarto fechado. E a fumaça queimando a vista dele, que num tinha sossego, é só o ardume da fumaça dos instrumento que ele queimou.

Aí ele foi, mandou chamar o padre pra confessar. Ele contou pro padre o que que é que ele tinha feito. O padre foi e falou: ocê tem que mandar fazer outros instrumento pra dar esses nego, que enquanto ocê não fizer, ocê tem essa dívida. E ele falou: não, se for isso, então, eu mando fazer.

Aí mandou fazer outro tanto de instrumento, mandou fazer outro terno de instrumento pros nego. Matou boi, matou porco, pôs cachaça lá no terreiro, pôs nego a divertir, assim que os nego cumeçô, quê fez os instrumento e os nego foi a divertir. Lá que o nego véi cantou. Cantou é, esse candombe:

Ê barão Anuê ê
Barão Anuê ê
Ê barão é na palma de pontê
Barão Anuê ê
Barão é na palma de pontê
Ê barão é na palma de ponta machado, barão Anuê
Aí a fumaça sumiu. E isso é do tempo dos nego mesmo, dos africano (GOMES; PEREIRA, 2003)



2.1.2. Galanga Chico Rei

Outro registro precioso de histórias dos antepassados contada pelos antigos do Rosário é parte dos saberes do finado senhor Janjão (João Manoel de Deus),[54] da Guarda Nossa Senhora Imaculada Conceição de Sete Lagoas, região central-mineira (AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE 2008). Janjão nasceu em 1908 e começou a "dançar o congo" oito anos depois, sendo filho de uma rainha conga no município de Jequitibá (MG). Já mestre da tradição, recebeu o título de Chico Rei, cargo estabelecido pela Federação dos Congados de Minas Gerais, dedicado à homenagem do primeiro Rei Congo da, então, província. Mestre Janjão se apresentava e foi reconhecido como descendente de Chico Rei e sabia histórias biográficas do seu nobre antepassado. Residiu por décadas em Sete Lagoas, município da região central-mineira onde fundou a Guarda Imaculada Conceição de Nossa Senhora do Rosário no ano de 1985 e uma Caravana de Pastorinhas.

Em documentações etnográficas realizadas entre final dos anos de 1980 (AMBRÓSIO, 1989) e a primeira década de 2000 (GARONE, 2008) ficou registrado que os congadeiros e moçambiqueiros de Sete Lagoas, ao falarem de sua ascendência africana, costumam se reportar a terras congolesas e angolanas, sobretudo ao entoarem seus versos, cantos e embaixadas. Apesar de não informarem quando se iniciaram os festejos do Congado na cidade, é assunto corrente que a tradição teria chegado ao município através dos descendentes de Chico Rei da antiga Vila Rica, hoje Ouro Preto, que, aliás, são considerados a comunidade congadeira pioneira em todo o estado de Minas Gerais (GARONE, 2008).

[54] No capítulo seguinte Janjão será apresentado com mais vagar, para este momento sendo suficiente situá-lo como um grande mestre do Rosário em Minas Gerais.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 95

> O congado foi trazido por Chico Rei, que morava no país Congo, e que foi trazido pelos portugueses para Vila Rica... A primeira festa de congado no Brasil foi em 1º de janeiro de 1717 (Capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

> Chico Rei trouxe a devoção de Nossa Sinhora do Rusário para o Brasil... ele era rei na África, tinha a devoção: religião de negro, o folclore brasileiro (Dona Cecília Preta, Rainha Conga de Minas Gerais, Sete Lagoas em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Nesse contexto, o senhor Janjão contava como "a tribo de Chico Rei" estava presente no dia do aparecimento de Nossa Senhora do Rosário.

> Acredito que muitos deles (minha tribo) assistiro à chegada dela na praia do Rio Angola. Acredito porque foi contado visivelmente prá gente. Eles num gostava de contá, não. Não. Meu povo assistiro a chegada de Nossa Sinhora do Rusário para eles, lá na praia do Rio Jordão. Com aquela crença, é que eles tem essa crença em Nossa Sinhora do Rusário, e Santa Efigênia du Rusário (Seu Janjão, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO 1998 apud GARONE, 2008).

De acordo com seu conhecimento, as chamadas tribos de Chico Rei estavam passando por um período de guerras, lá para os lados do Congo e de Angola, ocasião em que Chico Rei teria sido descoroado e seus súditos teriam passado por inúmeras dificuldades. Nesse mesmo período, teria ocorrido uma guerra no céu, em virtude das escravizações que essas guerras ocasionavam (GARONE, 2008).

> Quando ela (Nossa Senhora do Rosário) apareceu, tinha uma guerra no céu; dirigido (por causa) da escravidão, que o povo sofria sem saber porque; ela foi designada para salvar o povo da culpa que pagava sem dever (Capitão de Congo Raimundo Lourenço, Diquinho, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008)



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 96

Chico Rei e sua tribo teriam, então, presenciado o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário, as tentativas fracassadas de resgate, o resgate efetivado pelos dançantes tocadores de caixa, a desencarnação e nascimento dos pretos velhos do Rosário e de tia Maria Conga. Pouco tempo depois são enganados pelos portugueses, vindo parar no Brasil, na condição de escravizados, através de "duas pranchadas", tendo Chico Rei vindo na primeira (GARONE, 2008).

> Seu Janjão, relatando a viagem de Chico Rei com 5.000 súditos, diz que eles foram conduzidos a uma esquadra de navios, como para uma festa. Ficaram muito tempo perdidos "em alto mar": "Porque diz que eles esbarraro aqui porque afastaram um pouco da costa da África" (AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

> (...) em 1650, enganados, porque os portugueses apresentaram para eles uma vantagem: "vão ganhar terra, vão prosperar"; chegaram aqui para serem escravizados (Capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição, Sete Lagoas; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Consoante Janjão, nessa primeira "pranchada", Chico Rei e seus 5.000 súditos teriam desembarcado no Rio de Janeiro, mais precisamente "na praia do Valengo", o que Maria Ambrósio acredita ser uma alusão aos barracões de espera de Valongo, no Rio de Janeiro, tornado "tristemente célebre" pelas péssimas acomodações que apresentava (Janjão em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008). Da praia de "Valengo", Chico Rei e sua tribo foram levados para Vila Rica, hoje Ouro Preto, na condição de escravizados, mas Chico Rei, ao fazer um acordo com o Governador, foi, em terras brasileiras, novamente coroado:

> (...) o Governador propôs o Chico, da Natividade, qui si ele desse garantia... dos nêgo dele não fazê confunsão dentro da Vila Rica, que êle ia fazê ele uma proposta:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 97

> – Eu vou torná mandá te c' roá novamente como Rei lá da África.
>
> – Se o sinhor me der essa garantia, eu também darei garantia o sinhor, qui els num ia fazê confusão mais. (Janjão, Sete Lagoas, em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Seu Janjão sabia que, antes mesmo de ser recoroado na terra brasileira, Chico Rei comprou sua alforria e a do seu filho, de nome "Muzinga", e de muitos outros, com a venda de ouro de uma mina velha que arrematou de seu senhor que a julgava esgotada, mas que, na verdade, escondia um enorme tesouro. Com o dinheiro da mina, Chico Rei construiu uma Igreja de Santa Efigênia, para pagar uma promessa que fez quando foi descoroado, ainda na África, na qual foi realizada sua cerimônia de coroação. No mesmo dia sua esposa, Antônia, também foi coroada, e, ao sair da Igreja, foram saudados e aplaudidos pelo povo negro (GARONE, 2008).

> – Ria Congo riala-u Uganda. Zia Mucinha.
>
> Isto é na língua africana, é: "Viva Chico Rei!". Cabô a missa, às onze horas. Ele foi pra casa. O pessoal todo decêro acompanhano ele até... no portão da chácara. Eles entraro lá, ele foi pro palácio (...) e os nêgo dançante todos tinha um chique-chique no pé. Tinha um guizo no pé. Iss' é os dançante dele (Janjão em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

Segundo um capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição, Chico Rei também teria sido o primeiro a fazer uma festa quando da abolição da escravatura.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 98

> Na abolição da escravatura, se manifestaram nas ruas. Os moçambiques, em Piracicaba, ficaram sabendo que Chico Rei fez uma festa a Nossa Senhora do Rosário, e fizeram uma também. Executaram seus instrumentos: praiá, patangón (Capitão do Moçambique Nossa Senhora da Conceição; em AMBRÓSIO, 1989 apud GARONE, 2008).

De acordo com a sabedoria dos congadeiros de Sete Lagoas, o Congado teria chegado à região através da dispersão dos descendentes de Chico Rei e de suas tribos, vindos de Ouro Preto (Vila Rica) pelo Rio das Velhas, no século XVIII. Chico Rei estaria voltando seus negócios e interesses para a região da Bacia do Rio Paraopeba e teria adquirido a Fazenda Pontinha, que fazia parte da sesmaria concedida ao Padre Joaquim de Souza (conhecida como "Pontinha das Sete Lagoas"). Essa fazenda foi reconhecida no princípio dos anos 2000 como comunidade remanescente de quilombo (CRQ) junto à Fundação Cultural Palmares e pleiteia a titulação formal do território em nome da comunidade. Os quilombolas da Pontinha se reconhecem como descendentes das tribos de Chico Rei. Há entre eles a informação de que Chico Rei teria escondido ouro e pedras preciosas por toda a localidade (GARONE, 2008). No quilombo da Pontinha, ainda hoje a devoção ao Rosário é celebrada todo mês de outubro e, bem próximo, no distrito chamado Barreiro, existe uma pequena comunidade rural, de nome Lontrinha, com parentesco em Pontinha, e que possui uma das guardas de congo mais antigas da região, que os congadeiros consideram ser composta por legítimos descendentes das tribos de Chico Rei.

Como pode ser conhecido, a história de um rei africano, escravizado na colônia e que libertou a si mesmo e a seus súditos, é fundadora de comunidades emancipadoras frente ao sistema de escravização, e de parte importante da devoção afro-brasileira ao Rosário no Brasil, precisamente tratando da tradição dos Congados em Minas Gerais. Essa história é objeto de muitos registros presentes na literatura, na qual, via de regra, não é assumido o estatuto de realidade reconhecido pelo ponto de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 99

vista dos detentores dela conhecedores. Basicamente, a literatura moderna aborda os episódios da separação ocorrida entre ele e parte da sua família durante a travessia do Atlântico; a sua venda, acompanhado de um filho, pelo comércio escravista e encaminhamento à Vila Rica (atual Ouro Preto), então capital das Minas Gerais. Trabalhando aos domingos e dias santos, foi capaz de reunir economias suficientes para negociar sua liberdade e a de seu filho. Uma vez livre, trabalhou para obter, também, a liberdade de seus súditos que passaram a chamá-lo de Chico-Rei. Casado novamente, Chico-Rei e sua rainha organizaram, juntos, as Irmandades do Rosário e de Santa Efigênia (CAMPOS, 2012). De forma conjunta com sua "nação", adquiriu uma mina de metais preciosos, de onde conseguiu recursos para a construção da Igreja do Alto da Cruz, na atual cidade de Ouro Preto, onde ocorriam festividades em honra aos Reis Magos, em janeiro, e a Nossa Senhora do Rosário, em outubro. Nessas ocasiões, a côrte de Chico-Rei abria os caminhos para o rei e rainha e se apresentava antes da missa cantada. O cortejo era composto por batedores, músicos, dançarinos e súditos que entoavam ladainhas até a igreja, onde o rei era coroado (CAMPOS, 2012). Fato é que as informações sobre Chico Rei transitam entre literatura e oralidade, documentação e memória coletiva, sendo prodigiosa em seguir nutrindo as consciências e a fé das comunidades do Rosário.

2.2. Mediações na diáspora

A gênese africana das práticas culturais que conformaram a devoção afro-brasileira do Rosário tem recebido atenção da historiografia contemporânea (REGINALDO, 2005; SOUZA, 2002, 2005, 2006; BORGES, 2005; SILVA, 2005, 2014; MONTEIRO, 2016; SILVA, 2002; MESQUITA, 2022, dentre outros) e, como visto, é reafirmada continuamente pela história oral salvaguardada entre as comunidades detentoras



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 100

deste patrimônio cultural. Nesse sentido, os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas são compreendidos como fruto singular da cultura diaspórica africana que, além de resistência, demonstra agência geradora de patrimônio cultural.

Junto com as pessoas africanas tratadas como mercadorias, nos violentos transportes forçados, embarcaram nos tumbeiros culturas, espiritualidades e práticas religiosas diversas, línguas, modos de ser e formas de organização política. Ao longo dos quase quatro séculos de tráfico, aproximadamente 11 milhões de africanos foram brutalmente enviados para as Américas, sendo que, deste contingente, cerca de cinco milhões tiveram o Brasil como destino (ELTIS, 2007, 2010; MUNANGA, 2009). A partir dessa diáspora, aprofundou-se um processo intercultural complexo em que princípios cosmológicos bantu-kongo (SANTANA, 2019; SÁ, 2016) se cruzaram com referências cristãs na criação de manifestações culturais e religiosas com o culto ao Rosário.

Os Reinados, Congados, Congadas são manifestações de raízes africanas e afrodiaspóricas, constituídas e reelaboradas por diferentes gerações de seus praticantes, sendo desenvolvidas em um contexto escravista e colonial, e marcadas pela imposição cultural, política e religiosa da coroa portuguesa e da religião católica nos territórios colonizados.

O bem cultural apresenta uma articulação de signos e significados a partir de traduções e reinterpretações, realizadas em meio a relações assimétricas de poder que marcaram tanto a introdução do culto a Nossa Senhora do Rosário, na África Central, pelos missionários portugueses, a partir do século XV, como a experiência da escravidão desses povos na América portuguesa no período colonial. Suas formas de expressão do bem cultural, no Brasil, guardam importante relação com as práticas associativas de pessoas de ascendência africana nascidas em ambos os lados do continente, escravizadas ou libertas, articuladas em Irmandades leigas específicas que realizavam, entre outras atividades, celebrações em louvor ao Rosário de Nossa Senhora.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 101

A seguir será detalhado como o culto a Nossa Senhora do Rosário surgiu na Europa, no século XIII, expandindo-se, a partir da presença portuguesa na África Central, no século XV; sendo apropriado, nesta região, especialmente a partir de referências da cosmogonia bantu-kongo e de práticas rituais do Reino do Congo, chegando ao território brasileiro (América Portuguesa, à época), no século XVII, trazido, sobretudo, pelas populações africanas que foram escravizadas. Além disso, será detalhado como intensos processos de interpretações e de ressignificações culturais constituíram os Reinados, os Congados e as Congadas como importante manifestação cultural do povo negro no Brasil, espalhando-se a partir do século XVIII por todo o território brasileiro, com ênfase nas regiões de presença da mineração do ouro, em Minas Gerais e Goiás; em seguida ligados às formas de produção e exploração nas monoculturas escravistas em São Paulo.

2.2.1. O Rosário na Europa

A devoção ao Rosário de Maria é muito anterior aos processos de colonização das Américas. Historicamente, como o nome indica, o Rosário era uma espécie de buquê de rosas oferecido, simbolicamente, a Nossa Senhora. Cada Ave Maria rezada representava uma rosa oferecida à Mãe de Jesus. O grande propagador da devoção ao Rosário foi São Domingos de Gusmão, fundador da Ordem dos Dominicanos, no início do século XIII. A igreja lhe conferiu o título de Apóstolo do Santo Rosário (SIMONI, 2021). A partir desse evento, a devoção ao Rosário foi promovida oficialmente em Portugal.

Em 1241 é fundado, em Lisboa, o Mosteiro de São Domingos, uma instituição religiosa que, durante a Idade Média, teve importante atuação nos Tribunais do Santo Ofício, sendo responsável, também, pela fundação de diversas irmandades e confrarias. Dentre elas, foi instituída pelo papa Sisto IV, em 1479, a Irmandade do Rosário, que teve ali estabelecida sua capela, de acordo com dados do Arquivo



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 102

Nacional da Torre do Tombo (ANTT, 2000). A historiografia registra, no entanto, que antes do estabelecimento oficial dos dominicanos, a devoção ao Rosário já era conhecida em Portugal por ação dos frades franciscanos (FRANCO JÚNIOR, 2003 apud CARVALHO, 2008).

De acordo com o destaque analítico feito pelo historiador e reinadeiro Ariel Lucas Silva (comunicação pessoal, 2023),[55] uma das mais antigas menções a uma "Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos" data de 14 de julho de 1496. Trata-se de um alvará dado a uma confraria instalada no Mosteiro de São Domingos de Lisboa para recolher esmolas nas caravelas que iam à Mina e aos rios da Guiné (CONFIRMAÇÕES GERAIS, L.2 fls.107v-108. Arq. Nac. Torre do Tombo). Além disso, o historiador destaca que em 1460 "homens pretos vindo das longes terras e partes de Etiopia" fundaram uma Irmandade do Rosário em Lisboa (Portugal). No livro de Compromisso dessa Irmandade, de 1565, lê-se que "se algum irmão quisesse, por sua devoção, ser mordomo, príncipe, rei, duque, conde, marquês cardeal ou qualquer outra dignidade, deveria submeter-se à votação". Esse documento foi publicado na íntegra pelo dominicano António do Rosário de Souza Carvalho.[56] Note-se o protagonismo de "homens pretos vindo das longes terras e partes de Etiopia" na fundação daquela irmandade e na construção daquela capela (BOXER, 1963). Outra documentação informa que a "pedido de dois homens livres", o rei de Portugal autorizou a fundação

[55] Conforme apresentado na Introdução, um dos componentes participativos do processo de elaboração deste Dossiê foi a criação de canais de comunicação e acolhimento de sugestões, ponderações e objeções oferecidos pelos detentores e pesquisadores do bem cultural, o que foi viabilizado, sobretudo, durante os expedientes dos seminários virtuais realizados ao longo do ano de 2022, mas também via formulário digital - Formulário Dossiê de Registro Saberes do Rosário: Considerações - encaminhado ao público após o terceiro seminário, abrindo-se um período para a recepção de colaborações redigidas pelos detentores e pesquisadores. Ariel Lucas Silva foi um dos importantes colaboradores, voluntários, da revisão e complementação do presente Dossiê.

[56] De primordiis cultus mariani. Acta congressus mariologici-mariani in Lusitania celebrati, Roma, Pontificia Academia Mariana Internationalis, 1970, vol. VI, p. 366-373; como também por Patricia Ann Mulvey, "The Black Lay Brotherhoods of Colonial Brazil: A History" (Tese de Doutorado, City University of New York, 1976, p. 255-263)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 103

de uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário na ilha de São Tomé, na África, em 1526 (VAN DER POEL, 2013).

Segundo Francisco Van Der Poel (2013), a primeira capela de Nossa Senhora do Rosário construída na Europa foi a igreja de San Tiago de Muret, na França, em 1213, por ordem de Simão IV de Montfort, chefe da cruzada contra os Albigenses convocada pelo Papa Inocêncio III, no sul da França (VAN DER POEL, 2013). Já a festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário foi introduzida por São Pio V para recordar a vitória dos cristãos sobre os turcos em Lepanto, em 1571 (VAN DER POEL, 2013).

A batalha de Lepanto

A Batalha em Lepanto foi um conflito naval travado entre uma esquadra da Liga Santa (católicos) e o Império Otomano (mulçumanos). A Liga Santa, formada pela República de Veneza, Reino de Espanha, Cavaleiros de Malta e Estados Pontifícios sob o comando de João da Áustria, venceu o Império Otomano, no dia 7 de outubro de 1571, ao largo de Lepanto, na Grécia. A historiografia registra essa batalha como representativa do fim da expansão islâmica no Mediterrâneo. A empreitada militar foi organizada pelo papa Pio V (1566-1572), que via o crescimento Otomano como ameaça à instituição cristã. Durante a batalha, o papa determinou que todos os soldados, antes de lutar, fizessem jejum, rezassem, se confessassem e comungassem o "corpo de Cristo". Para isso, em cada navio estava presente um padre. A vitória representou uma importante conquista para os cristãos. Para comemorá-la, o papa Pio V instituiu a data de 7 de outubro de 1571 como a festa de Nossa Senhora das Vitórias.

Seu sucessor, o papa Gregório XIII (1572-1585), mudou o nome da festa, que passou a ser tributada à Nossa Senhora do Rosário. Gregório XIII reconheceu no Rosário o motivo desta conquista, o que fortaleceu, ainda mais, a devoção ao Rosário



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 104

de Nossa Senhora. Portanto, a Batalha de Lepanto é muito importante para a religião católica e o dia 7 de outubro é comemorado pelos católicos, desde 1571, como o dia de Nossa Senhora do Rosário (SIMONI, 2021). A partir desse contexto histórico, a tradição católica rosarina se difundiu no continente europeu e, posteriormente, em outras partes do mundo.

2.2.2. O Rosário no continente africano

Por meio do processo de colonização e de dominação religiosa, para o qual se fez uso intensivo da catequização, missionários portugueses começam a difundir a fé no Rosário nas regiões do continente africano que estavam sob influência política da coroa portuguesa ou que tinham com Portugal relações comerciais, como era o caso do Reino do Congo. Existem fortes indícios de que pessoas escravizadas, principalmente da região do Congo, tenham chegado ao Brasil já conhecedores do Rosário e já convertidos à fé cristã, cultuando santos católicos antes mesmo de serem trazidos à força para o Brasil (ARAÚJO, 2005). Também há informação sobre uma "irmandade dos homens pretos", na ilha de São Tomé e Príncipe, por volta de 1526, e notícias, durante o século XVII, de irmandades tanto no Reino do Congo, como nas províncias de Angola e de Moçambique (ARAÚJO, 2005).

No entanto, como será visto adiante neste Dossiê, a conversão ao catolicismo não teve o efeito de uma transformação integral nos fundamentos cosmológicos dos africanos convertidos. A adesão à religião católica aconteceu a partir de interpretações próprias que selecionaram ritos e símbolos católicos a partir da cosmologia bantu-kongo. Ou seja, os rituais e as insígnias da religião dos colonizadores foram paulatinamente incorporados ao sistema simbólico congolês, recebendo novos significados, africanos, em um processo cultural de tradução a partir dos próprios valores e concepções daquelas sociedades.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 105

O Reino do Congo

Ao refletir sobre a formação das Irmandades dos Homens Pretos e/ou Irmandades de Nossa Senhora do Rosário/São Benedito/Santa Efigênia no Brasil, é relevante perpassar as intrincadas relações estabelecidas entre Portugal e o antigo Reino do Congo, incluindo o processo de cristianização ocorrido no território.

O antigo Reino do Congo, situado na África Centro-Ocidental, era formado por diversas províncias. Cada uma delas era liderada por um chefe local que atuava por cerca de três anos, sendo sucedido por outro indivíduo de sua família, ou por alguém que fosse indicado pelo rei. Por sua vez, a unidade do reino era mantida através do exercício do rei, que atuava junto a linhagens de nobres dedicados a estabelecer relações comerciais e políticas com diversas regiões. Desse modo, segundo a historiadora Marina de Mello e Souza (2002), em 1483, quando o navegador Diogo Cão, enviado pelo reino de Portugal, chegou à foz do rio Zaire, encontrou ali um reino forte e bem estruturado politicamente.

Acredita-se que os interesses dos portugueses naquela região estavam ligados ao comércio, sobretudo de escravizados, e ao controle da extração de minério. Sendo assim, os emissários europeus teriam sido instruídos a não se aproximarem dos congoleses com violência ostensiva, contando, ainda, com intérpretes que conheciam as línguas africanas para facilitar esse acesso. Ao despertarem a curiosidade dos habitantes locais, os portugueses teriam sido retidos e os navios retornaram a Portugal sem alguns deles. Por sua vez, a embarcação europeia teria levado consigo alguns reféns congoleses. Segundo a historiadora Marina Mello e Souza, em solo português, esses prisioneiros teriam tido contato com a língua portuguesa e com a religião católica. Após um período vivendo em Portugal, os prisioneiros teriam sido levados de volta ao antigo Reino do Congo, sendo acompanhados por uma embaixada portuguesa que levava presentes para o então rei, *mani* Congo. Esse retorno teria sido festejado com entusiasmo, como apontam os relatos do cronista e diplomata

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 106

português Rui de Pina. A partir de então, os contatos entre os portugueses e congoleses se intensificaram (SOUZA, 2002).

Em meio à relação que se construía, em 1489, o *mani* Congo teria enviado uma embaixada ao rei português declarando sua intenção de se converter ao cristianismo. Logo, chefes das províncias e alguns membros da nobreza também teriam sido batizados e igrejas católicas construídas em diversos pontos da região. Em 1607 o Rei do Congo Álvaro Nimi em Ancanga (Álvaro II) entrou para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Banza Congo (VAN DER POEL, 2013). Esse processo envolveu trânsitos de significados imprevistos pelos colonizadores.

Importante considerar, em primeiro plano, que na cosmogonia bantu-kongo, grosso modo, o mundo é dividido em duas partes, o plano visível e o invisível. O visível é ocupado por pessoas que aparecem e desaparecem através do nascimento e da morte, e que estão suscetíveis a acontecimentos gerados pela ação de forças ruins, contra as quais devem buscar a proteção. Por sua vez, o mundo invisível é composto por ancestrais e espíritos diversos, que têm o poder de afetar a vida das pessoas, de forma direta ou através da intercessão de algum líder religioso (SOUZA, 2002).

A divisão entre esses planos seria feita pelas águas, sendo o oceano um canal que conduz ao outro lado, onde vivem os mortos. Nessa forma de compreensão e descrição do mundo, acredita-se que os mortos seriam brancos, semelhantes a albinos, e exigem que para eles sejam feitas homenagens, entrega de presentes e haja obediência pelos vivos. Seguindo essas exigências, seus poderes e dons podem ser repassados aos humanos. Esse sistema demandava um rito de iniciação que contava com um período de enclausuramento, representando uma permanência no mundo dos mortos. A partir desse conjunto de crenças, Marina Mello e Souza postula que é possível interpretar que a chegada dos portugueses, homens brancos que despontavam nas águas marítimas, pode ter sido relacionada à aparição de ancestrais, detentores de grandes poderes, que chegavam do oceano e ali se

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 107

aproximavam trazendo mensagens do mundo invisível (SOUZA, 2002). De modo que, enquanto os missionários cristãos enxergavam sua própria religião, e viam na conversão uma conquista plena, as populações bantu-kongo a percebiam como uma versão, atualizada pelos eventos vivenciados, de suas próprias formas de se comunicar com divindades e de se relacionar com a ancestralidade (SOUZA, 2002). Também é importante ressaltar que os ritos católicos foram incorporados no território de forma heterogênea, e muitas vezes eram associados ao *status* social dentro das sociedades, como é o caso do batismo do rei e da nobreza. A incorporação do catolicismo, realizada através de um jogo de poder dos portugueses sobre os bantu-kongo, foi recebida não como uma submissão à fé dos exploradores, mas como uma outra vivência da sua própria espiritualidade. Os arranjos, negociações e conflitos vivenciados no âmbito religioso em África se intensificaram com a diáspora africana, uma vez que, para além do contato com populações distintas em territórios desconhecidos, havia o trauma da violência do deslocamento forçado, da brutal travessia do Atlântico e da escravização nas Américas.

Ao mesmo tempo, o contato entre africanos e portugueses também resultou em transformações nas práticas do colonizador, caracterizado por uma organização política apoiada na fé cristã. Desse modo, a partir do século XVI, como resultado direto do comércio escravista exercido por Portugal, é observado em território português o surgimento de confrarias religiosas negras, conforme descrito pelo sociólogo francês Didier Lahon (2012). Em seu texto, o autor afirma que a confraria do Rosário do Mosteiro de São Domingos, localizada no centro de Lisboa, foi a matriz das irmandades e confrarias desta invocação não somente em Portugal, como também nas colônias portuguesas nas Américas. Ainda de acordo com Lahon, tais instituições religiosas extrapolavam as funções de assistência material e espiritual, sendo caracterizadas por formas de controle social que abrangiam a busca por um enquadramento ideológico e religioso nos vários territórios ocupados pelos portugueses. O autor observa como o



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 108

poder atribuído aos confrades negros – em Portugal e além-mar – entrava em conflito com o próprio sistema escravista no qual as irmandades estavam inseridas, haja vista os benefícios em associar-se a essas instituições. Muitos elementos presentes nas cerimônias de entronização dos reis no Congo foram identificados em festividades não somente em Portugal, mas também na Espanha, na América espanhola, nas ilhas do Caribe, na América do Norte e na América Portuguesa. Todavia, Souza (2002) afirma que foi nessa última que as coroações dos reis negros e suas comemorações festivas se tornaram mais difundidas, existindo comprovadamente desde o início do século XVII, tendo seu ápice no século XVIII, se transformando ao longo do século XIX e existindo ainda nos dias de hoje.

No sentido de compreensão dos encontros interculturais (com todas as suas tensões, violências e criações desdobradas), os Reinados, Congados, Congadas enquanto sistemas simbólicos orientadores das práticas sociais baseadas em princípios ancestrais africanos funcionam, neste sentido, a partir da diáspora, como elementos de uma sintaxe. Os referenciais simbólicos são acionados de maneira seletiva e contextual, em um ambiente mutável. As práticas culturais afroamericanas, embora orientadas pelos referenciais africanos, não são, portanto, reproduções ou cópias da África nas Américas, mas reelaborações de caráter dinâmico, flexível, e em constante mutação (SIMONI, 2021).

Por 200 anos, a relação entre povos bantu-kongo e portugueses se manteve com vantagens visíveis para os portugueses, cuja exigência do cristianismo sobre outros povos partia da premissa da supremacia da religião cristã sobre todas as outras do mundo. Nesse sentido, tanto o antropólogo Wyatt MacGaffey quanto o historiador John Thorton estão de acordo que, durante os primeiros duzentos anos de contatos entre as populações bantu-kongo e os portugueses, houve o surgimento do que, segundo esses estudiosos, pode ser chamado de um catolicismo africano, no



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 109

sentido da permanência dos agenciamentos africanos na sua interação com a religião católica (MELLO E SOUZA, 2022).

A visão de mundo de matriz Banto

No contexto abordado neste Dossiê, o termo "banto" se refere ao conjunto de povos pertencentes à região centro ocidental do continente africano, que compartilham semelhanças linguísticas, religiosas e culturais, sendo comum na sua língua o radical "ntu" com o sentido de gente, pessoa; o prefixo "ba" imprime o plural à palavra, sendo "bantu"[57] sinônimo de seres humanos, pessoas, povo (ALTUNA, 1985).[58]

A organização social banta se dava através de linhagens, orientadas pelo sentimento de pertencimento e de ligação com os ancestrais: toda pessoa era, antes de tudo, membro de uma família e de um clã. As linhagens, as aldeias e os clãs teciam uma solidariedade fundada na etnia e na consciência de cada um descender do mesmo antepassado. Por isso, na concepção filosófica banto, o indivíduo está profundamente ligado aos seus ancestrais e às divindades. O grupo social e a cultura na qual está inserido são linhas de força que influenciam diretamente o sujeito. Sua história individual é suporte da memória coletiva ancestral. Suas atividades rotineiras

[57]No português brasileiro grafado como banto, forma adotada neste texto.

[58]Banto designa, então, uma forma generalista colonial para se referir aos povos do centro-oeste da África e reflete complexidades socioantropológicas resultantes do processo diaspórico. Por exemplo, o fato de que houve redefinições identitárias a partir da migração forçada dos africanos que, ao embarcar nos navios negreiros, sofreram a expropriação de sua história, costumes, religiosidade e das suas formas próprias de identificação. Pessoas balantas, manjacos, bijagós, mandingas, jejes, haussás, iorubas, entre tantos outros povos, passavam a ser identificadas pelos traficantes com base nos nomes dos portos de embarque, de regiões de procedência identificadas de maneira vaga ou por identificações com outras motivações (certamente preconceituosas) feitas pelos traficantes. A partir de um processo complexo de reformulações étnicas, novas configurações identitárias coloniais foram surgindo, sendo consolidados alguns nomes, mais que outros, para referir a povos ou grupos étnico-culturais africanos: "bantus" se estabeleceu como o termo predominante para se referir aos povos provenientes do centro-sul do continente; "nagôs" para os povos de língua iorubá, "minas" para os provenientes da Costa da Mina, por exemplo (ELTIS, 2009).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 110

de trabalho estão imbricadas com as expressões artísticas que são, por sua vez, geralmente vinculadas com o plano do sagrado e com o mundo das forças sobrenaturais e dos ancestrais, que constituem fonte da sabedoria e da harmonia no mundo dos vivos.

Na tradição bantu-kongo, como se percebe por meio dos relatos de cerimônias de conversão e batismo de reis e outros membros da nobreza do Congo, já existia uma série de ritos que, posteriormente, seriam incorporados e ressignificados na devoção afro-brasileira ao Rosário. No entanto, esses ritos serão adaptados preservando tanto sua essência quanto sua estrutura cosmológica, que têm como importante referência o mundo ancestral e a sua interferência no tempo presente. Nesse contexto, os reis mantinham estreita ligação com o outro mundo, conservando funções religiosas, pertencentes a um período anterior em que não se distinguiam as funções dos reis das funções dos sacerdotes. Daí a aura de sacralidade em torno da monarquia: a religião é fonte de poder, e este, fonte de riqueza para o grupo. Não é de estranhar, portanto, que as próprias insígnias do poder dos reis, a coroa e o cetro especialmente, conservem suas características mágicas, na medida em que são vistos como objetos que têm incorporados em si a divindade.

2.2.3. Reinados, Congados, Congadas no Brasil

Como apresentado, o brutal movimento compulsório de pessoas africanas violentadas pela escravização e trazidas para as Américas é considerado a maior diáspora na História da humanidade. Mais de quatro milhões foram enviados ao Brasil, entre os séculos XVI e XIX.[59]

[59] Vinte e quatro pessoas da Costa da Guiné, na África Ocidental, teriam sido as primeiras a serem trazidas para o Brasil, na condição de escravizadas, para trabalhar nos engenhos de produção açucareira no ano de 1539 (BRANDÃO, 2019).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 111

Os africanos que aqui chegaram pertenciam a povos com complexos sistemas sociais, políticos e religiosos. Evidentemente, a violência impediu que esses sistemas fossem integralmente transpostos para o território brasileiro. No entanto, a escravização não destruiu os hábitos, maneiras de pensar e de sentir dessas pessoas, visto que a bagagem cultural e religiosa influenciou as formas pelas quais essas comunidades adquiriram, apesar do controle e da violência colonial, novos arranjos. Quando chegaram ao Brasil, passaram a conviver com diversos grupos sociais – ameríndios, africanos originários de diferentes povos da África, portugueses e crioulos.

As irmandades religiosas de negros e pardos, escravizados, forros e livres, separadas das irmandades dos senhores brancos, foram um dos principais meios encontrados por essas populações para se organizar em comunidades, integrando-se, assim, ainda que de modo frágil e conflituoso, à sociedade escravista. No período escravagista, as irmandades tinham como característica a realização de ajuda mútua de empréstimos e adiantamento para as alforrias de escravizados.

Essas irmandades tinham a particularidade de escolher os seus "reis e rainhas Congos" durante as festas em homenagem aos seus santos de devoção (VASCONCELOS, 1996 *apud* SIMONI, 2021). De acordo com relatos nas celebrações ao Rosário, os reis negros eram acompanhados por uma côrte festiva, composta por príncipes, alferes, mordomos, juiz, capitão do rei, sargento, alferes da bandeira, meirinho, capitão do mastro, entre outros.

Como já apontado, a tradição de eleger um rei e uma rainha congos liga-se à representação política e simbólica do rei do Congo e à forte presença de pessoas escravizadas provenientes dessa região da África. Estima-se que, no continente africano, as primeiras manifestações de coroação de reis negros teriam sido realizadas entre os reis de Angola, no século XVII; tendo sido realizada, anteriormente, contudo, por escravizados e forros, no século XVI, em Lisboa. No entanto, existem controvérsias acerca da data e do lugar onde ocorreu, no Brasil colônia, a primeira



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 112

coroação de reis congos realizada por irmandades constituídas, exclusivamente, por pessoas negras escravizadas ou libertas.

Estima-se que, oficialmente, num primeiro momento as irmandades se fixaram a partir do litoral do território brasileiro. Segundo Tinhorão (2008), é em Olinda, até então a capital de Pernambuco, que no ano de 1552 se encontra o primeiro registro documental brasileiro ligado a uma Confraria do Rosário mobilizada por africanos da Guiné.[60] Apesar de não se tratar de uma fonte primária, como explica Brandão (2019), o documento diz respeito ao conteúdo de uma carta escrita pelo padre jesuíta Antônio Pires destinada a Coimbra. Parecem corroborar a informação os registros de existência de uma antiga capela datada do século XVI, destinada a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na mesma localidade, substituída, ao final do século XVII, por uma igreja edificada em estilo barroco, tombada desde 1938 pelo Iphan.[61]

Nesse aspecto genealógico, Brandão, embasado nos estudos de Paulo Chitunda (2014), relata que o documento mais antigo produzido diretamente pelos sujeitos ligados às confrarias étnicas foi elaborado pela Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Goiana, em Pernambuco, no ano de 1596. Valendo-se do aporte bibliográfico e documental de fontes primárias, como termos de compromissos, fundação de igrejas, capelas e confrarias negras, Brandão indica a existência de 14 Irmandades do Rosário dos Pretos na capitania de Pernambuco, entre os séculos XVI e XVIII. Para o mesmo período, evidencia o historiador a organização de mais 12 irmandades de cunho étnico afrodiaspórico na região pernambucana, todavia com devoção a outros santos, sendo: São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, São Rei Baltazar, Santo Antônio de Cartagerona (Categeró), Santos Reis, Bom Jesus dos Martírios, Nossa Senhora do Livramento, São Domingos etc.

[60] O historiador Frei Odulfo van der Vat OFM registra a existência de uma confraria do Rosário para os "muitos escravos de Guiné" na Capitania de Pernambuco, Brasil, antes de 1552 (VAT, 1952, p. 104). Em Goiana (Pernambuco), há uma igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos datada do início do século XVI e uma paróquia sob essa invocação criada em 1568 (VAN DER POEL, 2013).

[61] No. Do Processo: 147-1938 – Livro do Tombo Belas Artes – Inscr. No 222, de 25/10/1938.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 113

Na sequência, em geral, são reconhecidas como pioneiras as confrarias instaladas no Rio de Janeiro (1639), Recife e Olinda na década de 1680 (VAN DER POEL, 2013), Belém (1682) e Salvador, em 1685 (CARDOSO, 1964 *apud* REGINALDO, s.d.).[62]

Em relação à experiência no Rio de Janeiro, há registros que indicam que, em 1639 e 1640, teriam sido criadas as confrarias de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, respectivamente. No entanto, por causa de perseguições, só teriam sido oficialmente reconhecidas 30 anos depois, em 1669, provavelmente a partir de sua união, em 1667, na Confraria de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, no Rio de Janeiro (FERREIRA, 2016). A irmandade teria nascido dentro da Igreja de São Sebastião e esteve ligada a ela por muito tempo (FERREIRA, 2016; SOARES, 2000 *apud* SIMONI, 2021).

Não obstante, Francisco Van Der Poel encontrou registros de que a primeira coroação de um rei congo, no Brasil, teria acontecido apenas na segunda metade do século XVII, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Recife, em Pernambuco. A partir do século XVIII as irmandades de Nossa Senhora do Rosário se proliferam no Brasil, especialmente em Minas Gerais. Entre 1708 e 1731 encontramos registros de pelo menos seis irmandades em Minas: São João del-Rei (1708); Cachoeira do Campo (1713); Sabará (1713); Vila Rica (1715); Vila do Príncipe (1716) e Arraial do Tejuco (1731) (VAN DER POEL, 2013). Também existem relatos de que Chico Rei teria sido o primeiro rei congo a organizar um terno de Congada em Minas Gerais, tendo sido coroado no ano de 1717 (FRANÇA, 2011). Em 1773 recebeu destaque a festa do reinado do Rosário que se deu com Chico Rei da Angola, no dia dos Santos Reis, seis de janeiro de 1773, em Vila Rica (atual Ouro Preto).[63]

---

[62] Entre 1639 e 1696 foram fundadas Irmandades do Rosário no Rio de Janeiro, Belém e Salvador (VAN DER POEL, 2013). Câmara Cascudo registrou uma coroação de reis do Congo na Irmandade do Rosário de Recife em 1674 (CASCUDO, 1972, p.280).

[63] Agripa de Vasconcellos publicou "Chico Rei, Romance do Ciclo da Escravidão", em 1966, apresentando informações sobre a festa realizada por Chico Rei (VASCONCELOS, 1966).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 114

Dentre as irmandades negras, as que mais se destacaram foram aquelas em devoção a Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão e São Bento. Especialmente em Minas Gerais, no período colonial e imperial, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário eram bastante numerosas e expressivas. Nesses espaços havia diversos rituais e a participação de diferentes grupos. Portanto, como afirma Borges, não se tratava de uma representação direta do reino do Congo em terras coloniais, mas de manifestações reelaboradas por grupos e pessoas que estavam reconstruindo suas identidades, na confluência com outras diversas identidades e grupos, já que era comum, em uma confraria ou irmandade, existirem pessoas provenientes de diferentes regiões da África e não apenas do reino do Congo (BORGES, 2005).

Apesar de se constituírem em princípio, como veremos, em instrumentos de controle social, as irmandades foram a alternativa encontrada para resistir, cultural e religiosamente, já que a partir das vivências nesses espaços e dos ritos desenvolvidos ali dentro era possível manter o vínculo com as práticas religiosas dos antepassados. Além disso, elas desempenhavam inúmeras funções e apresentavam, também, alguns paradoxos. Assim, ao mesmo tempo que a religião oficial da irmandade era o catolicismo e esses espaços eram controlados pela igreja, pelo estado colonial e pelos próprios senhores proprietários, elas constituíam os únicos espaços nos quais pessoas negras, fossem elas escravizadas ou libertas, podiam se manifestar com alguma autonomia frente a uma sociedade colonial extremamente violenta e controladora. Autonomia que pode ser observada na maneira como as irmãs e os irmãos do Rosário se organizavam.

Alguns autores que se debruçaram sobre as irmandades negras no Brasil (REGINALDO, 2011; SCARANO, 1969; REIS, 1999), afirmam que grande parte da documentação correspondente à organização interna dos festejos e celebrações do Rosário constam nos livros de Atas dessas irmandades. Nas atas da Irmandade do



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 115

Rosário de São Paulo, por exemplo, constam os nomes dos irmãos e irmãs eleitos para desempenhar os papéis de reis e rainhas do congo (AMARAL, 1991). A escolha dos congadeiros que deveriam ser coroados como rei e rainha, pelo sacerdote ligado à irmandade, ocorria de acordo com os critérios de cada irmandade (REGINALDO, 2011). As eleições eram, quase sempre, anuais, e sua organização tomava grande parte do calendário de atividades e do cotidiano da Irmandade (REGINALDO, 2011; SANTOS, 2006; AMARAL, 1991).

As Irmandades Negras da capitania de Pernambuco, formada por mulheres e homens, negros, pardos e brancos, escravizados e libertos, de acordo com Brandão (2019), movimentavam um calendário com celebrações religiosas e culturais, que envolviam batuques, missas cantadas, procissões em ritmos musicados e dançantes. Além das cerimônias fúnebres e compromissos de cortejo pós-morte em respeito aos irmãos de fé. Destaca o historiador que, de maneira geral, eram nas festividades de Nossa Senhora do Rosário que ocorriam a eleição para os cargos diretórios e a coroação de Reis e Rainhas. Eram, sobretudo, africanos da Costa da Mina e Angola, que compunham as mesas administrativas e reinados pernambucanos, ainda que as Irmandades fossem constituídas por participantes de diferentes procedências étnicas - como por exemplo Costa da Mina, Angola, Moçambique, Benguela, Cabo Verde, São Tomé, Oya, Arda, dentre outras regiões tanto da África Ocidental, quanto da África Central -, de acordo com as análises dos livros e termos de compromissos das Irmandades Negras setecentistas de Pernambuco, apresentadas por Brandão (2019).

Já na capitania da Bahia, entre as Irmandades Negras, datadas entre as mais antigas do Brasil, no século XVII desenvolveu-se um campo propício para reelaboração de culturas, religiosidade e heranças ancestrais centro-africanas e jejes. Em estudos elencados, até o século XIX identifica-se que a principal influência étnica foi a de Angola. Mesmo quando em meados dos séculos XVIII e XIX este grupo, Angola, encontrava-se minoritário nas Irmandades, todavia, assim como os crioulos, eram os

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 116

participantes destinados a ocuparem os cargos diretórios das confrarias baianas (REGINALDO, 2005).

Ainda sobre as Irmandades

A criação de uma irmandade era atravessada por inúmeras particularidades e diferenças. Ao tentar resumir essa história, não podemos nos esquecer que a cultura, enquanto elemento vivo, não é uma forma fixada no tempo e no espaço. Nesse sentido, são visíveis e naturais as diferenças e singularidades de cada grupo, região, localidade.

Como afirmam Gomes e Pereira (1988), as irmandades não eram espaços homogêneos, mas constituídos de particularidades e atravessados por tensões. As diversas realidades envolvendo as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, desde que africanas(os) escravizadas(os) chegaram ao Brasil Colônia, impossibilitaram a produção de discursos homogêneos sobre elas, mesmo porque essas pessoas não possuíam uma uniformidade cultural. Eram, em sua grande maioria, pertencentes a grupos culturais étnicos distintos, que quando associados em irmandades, consequentemente viviam em conflitos constantes com os poderes eclesiásticos e, às vezes, entre si (GOMES; PEREIRA, 1988).

Segundo a historiadora Mary Del Priore (1994), as Irmandades do Rosário que vão originar a criação dos festejos dos Reinados, Congados e Congadas eram constituídas tanto por pessoas negras escravizadas quanto livres que assumiam diversas funções sociais, culturais e políticas em suas respectivas comunidades. Vale pontuar que as motivações para a adesão ou ingresso de membros às Irmandades eram diversas e, em alguns casos, contraditórias, abrangendo tanto as manifestações da fé, as práticas de auxílio material mútuo compartilhado nesses núcleos sociais, mas, também, sua constituição como espaços de controle da administração colonial.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 117

Na visão da historiadora Marina de Mello e Souza (2002) a esse respeito, no exercício das práticas religiosas os agrupamentos de pessoas negras em irmandades provocavam a união, consequência da igualdade social desses povos. Contudo, um fator determinante, considerado pelos grupos dominantes ao estimular e/ou permitir que pessoas negras escravizadas se associassem às Irmandades, era que, ao concederem aos escravizados momentos de prazer, a sensação de satisfação contribuiria para que trabalhassem melhor e para que contivessem o sentimento de revolta.

Aspectos da dinâmica de organização e controle social por meio das irmandades, e sua repercussão na constituição das relações sociais no Brasil, podem ser observados, ainda, a partir dos apontamentos de Ariosvaldo Figueiredo (1977) acerca de antigas irmandades do atual estado de Sergipe. O pesquisador, ancorado numa expressiva documentação de arquivos eclesiásticos, demonstra o quanto essas instituições possuíam peculiaridades, inclusive na forma de lidar com o preconceito religioso, social e racial, bem como nas regras internas que orientavam quem podia e quem não podia participar da Irmandade. A propósito, cabe ter presente que as primeiras irmandades, localizadas nas cidades do litoral brasileiro, se constituíam a partir de grupos étnicos que professavam a mesma crença, os mesmos princípios culturais e sociais e que, diante deste fato, criavam dificuldades para permitir a entrada de pessoas negras provenientes de outros grupos étnicos (CARNEIRO, 1991).

Além disso, algumas irmandades do Rosário não permitiam a participação de pessoas brancas (FIGUEIREDO, 1977). Também existiram irmandades do Rosário constituída por pessoas brancas que proibiam a entrada e a participação de pessoas negras. Em sua pesquisa, Ariosvaldo Figueiredo (1977) encontrou informações sobre essas irmandades que vedavam a presença e a participação de pessoas negras escravizadas, tanto libertas ou cativas, mesmo tendo sido batizadas na religião católica. E embora este tipo de discriminação fosse considerado, à época, uma prática



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 118

anticristã e inconstitucional, como demonstra um aviso pesquisado por Ariosvaldo Figueiredo e datado de 13 de setembro de 1862 (FIGUEIREDO, 1977), era prática comum dentro de algumas irmandades. Ao não permitir a presença de pessoas negras nesses espaços, institucionalizava-se, pela via religiosa e com o apoio das autoridades eclesiásticas, a prática do que contemporaneamente compreende-se constituir o racismo e o preconceito de base racial. O que fica evidente é que, embora as irmandades do Rosário, no Brasil, tenham sido criadas, majoritariamente, por pessoas negras, escravizadas ou libertas, elas não eram sua exclusividade.

Ao transcrever o primeiro capítulo do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Araçuaí, situada no Vale do Jequitinhonha, Van Der Poel encontrou documentos que orientavam que o procurador geral e o tesoureiro da irmandade fossem homens brancos, por considerar essas pessoas de "capacidade e conceito", já as pessoas negras sendo denominadas como pessoas "rudes" e com "pouca inteligência" (VAN DER POEL, 2013). Francisco Van Der Poel chama atenção, ainda, para o fato de que nessa mesma Irmandade, do Vale do Jequitinhonha, havia uma recomendação de que no cemitério da igreja fossem sepultados apenas aqueles fiéis que estivessem em dia com o pagamento de suas anuidades, o que era verificado a partir do *caderno de assentos dos mortos*. Caso alguma dívida fosse encontrada, a cerimônia fúnebre só era realizada mediante o seu pagamento.

Segundo Van der Poel, esses são alguns dos indícios de como os poderes eclesiásticos brancos se faziam presentes mesmo nas irmandades formadas por pessoas negras. Não foram as próprias pessoas negras responsáveis por essas representações negativas de si. Ainda que a Igreja do Rosário, a Irmandade e o cemitério estivessem sob suas responsabilidades, elas seguiam sem plena autonomia para gerir os assuntos religiosos.

Apesar desses episódios, no tocante aos aspectos sociais, desde o arranjo interno até as responsabilidades das confrarias para com seus membros, as

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 119

irmandades conseguiram estabelecer alguns modos de organização social deslocados da lógica colonizadora imposta. Assim, as irmandades regiam festividades, coroavam reis e rainhas, erigiam capelas e eram responsáveis pelo sepultamento e mesmo pela alforria de seus membros, conformando locais de sociabilidade relativamente autônomos, onde a comunidade trocava experiências e tinha acesso a informações e bens que eram restritos fora daquele espaço. No caso das Irmandades negras, a preocupação com o sepultamento tinha um caráter fundamental, pois os funerais eram de grande importância nas sociedades africanas, onde simbolizavam o momento de passagem do mundo em que habitavam as pessoas vivas para o mundo onde se encontravam os ancestrais e os espíritos da natureza (SOUZA, 2002).

Os estudos de Michelle Comar (2008) também revelam irmandades menos rígidas, do ponto de vista das normas e das condutas, e que se constituíam como espaços de devoção e de sociabilidade para as pessoas negras escravizadas e não espaços de manutenção do racismo e da estrutura de poder colonial. Comar estudou as irmandades leigas na cidade de São Paulo por meio de suas atas, compromissos e assentamentos de irmãos e irmãs, evidenciando o cotidiano e as práticas de sociabilidade que levaram à constituição de uma identidade coletiva, baseada na solidariedade e na busca pela liberdade. Essa pesquisa buscou elucidar as táticas diárias que foram urdidas por africanos e descendentes na reelaboração de suas particularidades em uma sociedade hierárquica, patriarcal e escravista, ou seja, a criação de táticas de sobrevivência diante de um contexto social e político tão violento e desumanizador (COMAR, 2008).

O estudo de Dedival Brandão da Silva (1988) sobre a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, no estado do Pará, também identifica características que favorecem à interpretação das irmandades como espaços políticos de sustentação de uma identidade étnica e de identidade social e cultural, dentro de um novo

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 120

contexto, que foi responsável por reconstruir elementos simbólicos capazes de expressar as diferenças das pessoas negras, mesmo essas vivendo dominadas, juridicamente, por meio de um regime escravista.

A pesquisa de Maria Alice Volpe (1997), realizada com algumas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Santa Efigênia da região aurífera de Minas Gerais, no século XVIII - principalmente nas regiões de Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, Diamantina e Sabará -, aponta para um outro modo de distinção social dentro desses grupos de devoção. Segundo ela, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Mercês eram compostas tanto por negros escravizados, quanto por forros. No entanto, a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês reunia, também, pessoas negras nascidas no Brasil – segundo Volpi, os chamados "pretos crioulos". Essa diferenciação buscava aumentar a legitimidade da Irmandade, já que as pessoas negras nascidas em território da América Portuguesa possuíam mais chances de ascender a cargos militares e, assim, conseguir respeito social, enquanto os nascidos no continente africano, mesmo depois de serem libertos, permaneciam com o estigma de escravizados.

Independentemente se o integrante de uma determinada irmandade era uma pessoa negra escravizada, livre ou nascida no país, a admissão era um sinal de prestígio. Para serem aceitas, as pessoas passavam por uma espécie de investigação da vida privada, na qual era avaliado se o candidato possuía honra e valor para se tornar membro. Naturalmente que, nesse rito processual, ser cristão e devoto da Igreja Católica Apostólica Romana eram premissas essenciais. Além disso, avaliava-se, também, a obediência aos princípios morais vigentes à época. A força e o prestígio de uma Irmandade relacionavam-se à sua capacidade de fazer dos seus membros bons cristãos. Ser um bom cristão, participar de uma Irmandade, equivalia a ganhar um *status* religioso, uma nova posição social que tinha a possibilidade de reconfigurar a

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 121

posição dos negros escravizados, ainda que de modo simbólico, nas comunidades em que estavam inseridos.

Ao estudar os Irmãos do Rosário em Cuiabá, Cristiane dos Santos Silva (2001) constata que, conforme já indicado, as irmandades não estavam livres da vigilância efetuada pelas autoridades. Por essa razão, os "pretos do rosário" tentavam diminuir os conflitos internos, para não deixar a instituição em situação delicada perante essas autoridades civis e eclesiásticas. Numa perspectiva comum, Michelle Comar demonstra, a partir de um documento da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, no final do século XVIII, que o procurador da instituição deveria fiscalizar a vida íntima dos integrantes a fim de saber se eles faziam uso de ervas ou de "feitiçarias". Caso descobertos episódios dessa natureza, a pessoa era expulsa da irmandade (COMAR, 2008).

Numa outra vertente, Maria Amália Corrêa Giffoni (1989) observa que as irmandades cristãs exerceram grande influência na vida das pessoas negras durante o período escravista no Brasil colônia. E, mais do que a catequização, os padres ainda atendiam à solicitação dos proprietários de escravizados no sentido de aconselhar as pessoas sobre a perspectiva de um futuro melhor, tentando, com essa estratégia, minimizar suas insatisfações. Cabe ponderar, ainda, que a fim de estabelecer a ordem nas Irmandades, as autoridades coloniais tinham mecanismos próprios de controle, entre eles a aprovação de seus Compromissos ou Estatutos, documentos nos quais eram descritos os direitos e os deveres dos associados. De modo geral, os Compromissos eram submetidos à aprovação das autoridades religiosas (quando as irmandades tinham origem eclesiástica), ou das autoridades civis (quando as irmandades eram de origem secular). Isso possibilitava a regularização de seu funcionamento, dava-lhes *status* jurídico e concedia as bases para a execução de suas atividades. Além disso, as Irmandades religiosas concentravam pessoas negras de diferentes etnias, o que era visto, por parte das autoridades, como um ponto



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 122

favorável, no sentido de fomentar a rivalidade entre os grupos e o enfraquecimento da possibilidade de se unirem contra as forças dominantes.

Apesar da expansão das Irmandades e da concomitante realização dos Reinados ao longo do século XVIII, elas começaram a ser perseguidas em meados deste século devido ao processo de romanização da Igreja (REGINALDO, 2005). Durante o século XIX houve um processo de intensificação das medidas restritivas a esses agrupamentos. Junto ao crescimento do número de rebeliões, as autoridades e os senhores se empenharam em controlar ou mesmo extinguir expressões culturais que agrupassem pessoas escravizadas, sobretudo aquelas explicitamente africanas (SOUZA, 2002).

Em que pese as perseguições, as reuniões e organizações da população afro-brasileira não deixaram de existir. Algumas passaram por transformações rápidas como alternativa a sua destruição. Confrarias baianas desenvolveram maneiras subversivas e mais interiorizadas para manterem a coroação dos reis e rainhas negras. Já na experiência pernambucana, conforme apresenta a historiadora Lucilene Reginaldo (2005, em diálogo com os estudos de Marcelo Mac Cord [2001]), para driblar as tentativas de controle, intolerância e repressão da Igreja, as Irmandades do Rosário de Recife retiraram as formalidades dos reis do Congo dos compromissos estatutários. A atividade, porém, seguiu de maneira independente e resultou na formação dos Maracatus.

Assim, foi somente através de adaptações e resistências que diversos grupos conseguiram manter as festividades de coroação dos reis negros ao longo do século XIX. Apenas em meados do século XX houve uma nova abertura à realização das festas relacionadas aos Reinados e Congados, quando então as atividades puderam ser retomadas com mais tranquilidade em algumas regiões (SANTOS, 2011).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 123

O processo de mineração do ouro e do diamante recebe atenção destacada nessa história por ter sido agenciador da intensificação da instituição de Irmandades de devoção à Nossa Senhora do Rosário no interior do Brasil, sobretudo em Minas Gerais e Goiás. Apesar de que, como apresentado acima, tenham existido irmandades de devoção ao Rosário, durante o século XVIII, em várias partes do Brasil, Minas Gerais se destaca por ter abrigado o maior número delas.

Durante o período da mineração, houve uma intensa migração de portugueses e sobremaneira migração forçada de africanos(as) escravizados(as) para essas regiões localizadas no interior da América Portuguesa. O início da atividade mineradora coincidiu, no fim do século XVII, com o declínio da produção de açúcar nas províncias do norte e nordeste. Portugal passou, então, a estimular os funcionários do Estado colonial, especialmente os que viviam no Planalto de Piratininga, região onde localiza-se, atualmente, o estado de São Paulo, a explorar as terras desconhecidas do interior em busca de riquezas, sobretudo riquezas minerais como ouro e pedras preciosas (FERREIRA, 2017).

A partir das trilhas abertas pelos bandeirantes paulistas, a mineração transformou significativamente a demografia do atual estado de Minas Gerais, já que as descobertas minerais foram responsáveis por grandes fluxos migratórios. De acordo com Russel-Woord (2005), entre os anos de 1698 e 1717 chegaram mais de 50 mil pessoas escravizadas no território mineiro, constituindo cerca de 2.700 novas pessoas por ano. Em 1717, a população escravizada da capitania era de 33 mil pessoas; em menos de 20 anos essa população triplicou, passando para 96 mil, em 1735. (RUSSELL-WOOD, 2005)

O fluxo migratório promoveu não apenas uma explosão demográfica como impulsionou, também, o surgimento de dezenas de pequenas cidades, vilas e povoados, reorganizando as questões fundiárias e territoriais. Resende (2007) destaca



que a partir da dinâmica da economia mineradora, os caminhos e as estradas do ouro funcionaram como intermediações fundamentais. Nos principais entroncamentos da rota do ouro foi surgindo infraestrutura, com vendas, roças, estalagens e capelas, que funcionavam como pontos de apoio aos viajantes que necessitavam, ao longo das viagens, de um lugar de descanso, alimentação e abastecimento. Com o passar do tempo, essas vilas improvisadas e pequenas foram se transformando em arraiais movimentados. Datam desse período o surgimento de centros urbanos importantes como Vila Rica (Ouro Preto), Sabará e Arraial do Tejuco/Distrito Diamantino (atual Diamantina).

Entre os fatores que justificam a concentração de irmandades de louvor ao Rosário em Minas Gerais, para além do pico demográfico causado pela mineração, está a proibição da entrada de ordens religiosas regulares na região. O clero regular estava atrelado às ordens religiosas (a exemplo dos beneditinos, franciscanos, jesuítas, entre outras) e era administrado diretamente pelo Papa, ou seja, estava totalmente envolvido na hierarquia da Igreja Católica. Por sua vez, o clero secular era submetido diretamente ao controle da Coroa, sendo administrado diretamente pelo Rei (BOTELHO; REIS, 2001). Com o desenvolvimento do processo colonizador e a expansão do território ocupado, o clero secular passou a ser composto tanto por filhos de portugueses nascidos no Brasil, como pelos que eram designados à época como mulatos, que viam na vida eclesiástica também uma forma de ascensão social.

A restrição de circulação na região das minas, imposta pela Coroa portuguesa ao longo de todo o século XVIII, tinha por finalidade controlar o contrabando do ouro e do diamante. As fronteiras eram intensamente vigiadas e, para entrar ou sair dessas áreas, era necessário apresentar documentos de autorização, uma espécie de passaporte. A partir desta situação específica, na qual as autoridades eclesiásticas estavam de certo modo ausentes, o clero secular tornou-se responsável por reger a vida religiosa de várias localidades (SANTOS, 2011). Sendo assim, os próprios indivíduos

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 125

que pertenciam à comunidade cristã, mas que não pertenciam à hierarquia eclesiástica oficial, começaram a ter autonomia sobre o controle do catolicismo local, o que culminou em dinâmicas próprias, gerando uma situação particular na qual as irmandades religiosas, mais do que os poderes eclesiásticos oficiais, se tornaram o centro de vivências em que a religião católica marcava seu espaço mas, simultaneamente, convivia com as brechas para que as pessoas negras escravizadas pudessem preservar suas tradições religiosas africanas e ancestrais em diálogo com a religião dominante.

A mão de obra utilizada na extração minerária[64] era proveniente especificamente da Costa da Mina (denominação genérica, relativa ao nome do porto de onde partiam as pessoas traficadas) ou do Benin, regiões que aportavam escravizados dotados do conhecimento técnico e maiores habilidades para a atividade, e do Congo e de Angola (KI-ZERBO, 2009).[65] Nesse contexto, as irmandades religiosas que começaram a surgir nas regiões mineradoras, a partir do século XVIII, refletiam as dinâmicas e arranjos sociais nas quais as pessoas escravizadas estavam, de variados modos, inseridas. Pode-se afirmar que essas irmandades funcionavam de modo estamental. As associações religiosas organizavam suas atividades – da escolha dos santos de devoção à definição de quais pessoas ocupavam determinados cargos de destaque – de acordo com uma intrincada estratificação

[64]Além do trabalho nas minas, muitas pessoas eram utilizadas como "escravo de ganho", vendendo suas habilidades e/ou produtos para o sustento do senhor. Exemplo disso são as chamadas "negras de tabuleiros", mulheres negras trabalhadoras que comercializavam doces e quitutes, nas ruas e praças das cidades, e que aparecem registradas nos relatos e imagens de viajantes como Jean-Baptiste Debret e Johann Rugendas, artistas que retrataram o cotidiano brasileiro no início do século XIX. Outros escravizados cuidavam de afazeres domésticos, sendo responsáveis pela casa e/ou por acompanhar os senhores em suas atividades (CUNHA, 2007).

[65]Um aspecto que merece ser melhor conhecido é a importância dos africanos no desenvolvimento da mineração em Minas Gerais. Grande parte das pessoas negras trazidas para a região era proveniente de regiões da África onde já existia tecnologia de mineração subterrânea (FERREIRA, 2017). Segundo Ferreira, a presença de escravizados que detinham conhecimentos técnicos sobre processos mineradores e siderúrgicos contribuiu para o nascimento da indústria da mineração e da metalurgia no Brasil.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 126

social (CUNHA, 2007). Músicos pertenciam à Irmandade de Santa Cecília, militares e homens brancos participavam da irmandade Senhor dos Passos e do Santíssimo Sacramento; já as irmandades de Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Amparo e Arquiconfraria do Cordão eram formadas por mulatos e crioulos e as de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Elesbão e São Benedito por homens pretos.

No caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário havia a composição de duas mesas, uma de brancos letrados e outra de pretos escravizados, forros ou livres (SILVEIRA, 1998). Excetuando-se as contas e registros em Livros da Irmandade, todas as ações, festividades e cerimônias eram realizadas pelos irmãos pretos, que preparavam todas as cerimônias com missas, orações e coroações de reis e rainhas. Os irmãos da irmandade que eram escravizados tinham guardados os dias santos para as celebrações, e participavam de todos os ofícios e festividades. Há registros dessas festividades nas anotações do jesuíta André João Antonil, datadas do século XVII, segundo quem os folguedos eram o único alívio para o cativeiro: em alguns dias do ano os escravizados recriavam seus reinados, cantavam e bailavam depois de terem feito as celebrações para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito (ANTONIL, 1997).

Segundo Salles (2007), ao longo do período de extração do ouro as festividades e expressões das associações religiosas fortaleceram-se social e economicamente, possibilitando o surgimento de igrejas em honra aos santos de devoção dos homens pretos, como as igrejas de Nossa Senhora do Rosário e a de Santa Efigênia, em Ouro Preto, que ocupam local privilegiado na geografia da cidade. As irmandades ainda estão presentes na cultura devocional e social de Minas Gerais, sendo responsáveis por diversas efemérides do calendário litúrgico, de acordo com o santo homenageado e/ou a época do ano, em conjunto com a Igreja. Como no passado, ainda possuem a característica de aglutinadoras da população em devoção



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 127

a um santo e as práticas assistenciais aos irmãos. Grande parte dessas associações seguem os mesmos preceitos e adorações dos seus tempos primeiros, sendo muito comuns as devoções a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Senhor dos Passos, São Miguel e Almas, entre outras (SALLES, 2007).

O povoamento de Goiás, assim como aconteceu com Minas Gerais, também teve início por expedições feitas por bandeirantes, no século XVII, sob a ordem do Governador Marinho Mendonça Pina Proença. Tal ocupação aconteceu pela abertura de caminhos que ligavam a Capitania de Minas Gerais e Goiás – quando ainda no processo de expansão e legitimação do território para além do meridiano de Tordesilhas, e de descobrimento de regiões minerárias localizados na região central do Brasil (BOAVENTURA, 2007). Como afirma Costa (1970), por se tratar de uma região ocupada por indígenas da etnia Araxás, optou-se pela readequação da rota, mesmo contando com experientes bandeirantes. O bandeirante Anhaguera, Bartolomeu Bueno da Silva (1670/72 – 1740), seguiu para a região com uma comitiva, chegando a Goiás através do Rio Corumbá. Essa expedição durou aproximadamente três anos, terminando em uma região conhecida como sertão da Farinha Podre – denominação de origem portuguesa que faz referência aos sacos de farinha utilizados na alimentação que eram deixados ao longo dos caminhos. Em 1748, foi criada a Capitania de Goiás, com sede em Vila Boa, atual Cidade de Goiás. Inicialmente, a região foi conhecida como Minas dos Goyazes e, posteriormente, como Capitania de Goiás. Até a primeira metade do século XIX, a principal atividade econômica da região era a mineração.

A presença de Reinados, Congadas, Congados no estado de São Paulo está intimamente relacionada a dois fatores históricos. O primeiro deles é a descoberta do ouro, nas regiões de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, a partir do século XVII. Com essa descoberta, São Paulo transforma-se em importante rota de passagem para essas regiões. Data desse período o primeiro movimento de fluxo de pessoas negras

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 128

escravizadas na região, sobretudo nas vilas, localidades e caminhos que estavam próximos à Estrada Real (SLENES, 1999). O chamado Caminho Velho era o meio para o transporte do ouro que vinha de Minas Gerais até Paraty, cidade que, embora situada no estado do Rio de Janeiro, faz divisa com cidades paulistas da região conhecida como Vale do Paraíba (SHIRLEY, 1971). Por essa estrada não circulava apenas ouro, mas também pessoas e culturas. Segundo Shirley (1971) e Stein (1957) data, dessa época e desse fluxo que se deu em torno da Estrada Real, o primeiro movimento significativo da presença de população negra no estado de São Paulo e, consequentemente, das raízes de manifestações de devoção ao Rosário na região.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos erguida no século XVIII, em Ouro Preto. Foto da década de 1930 (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

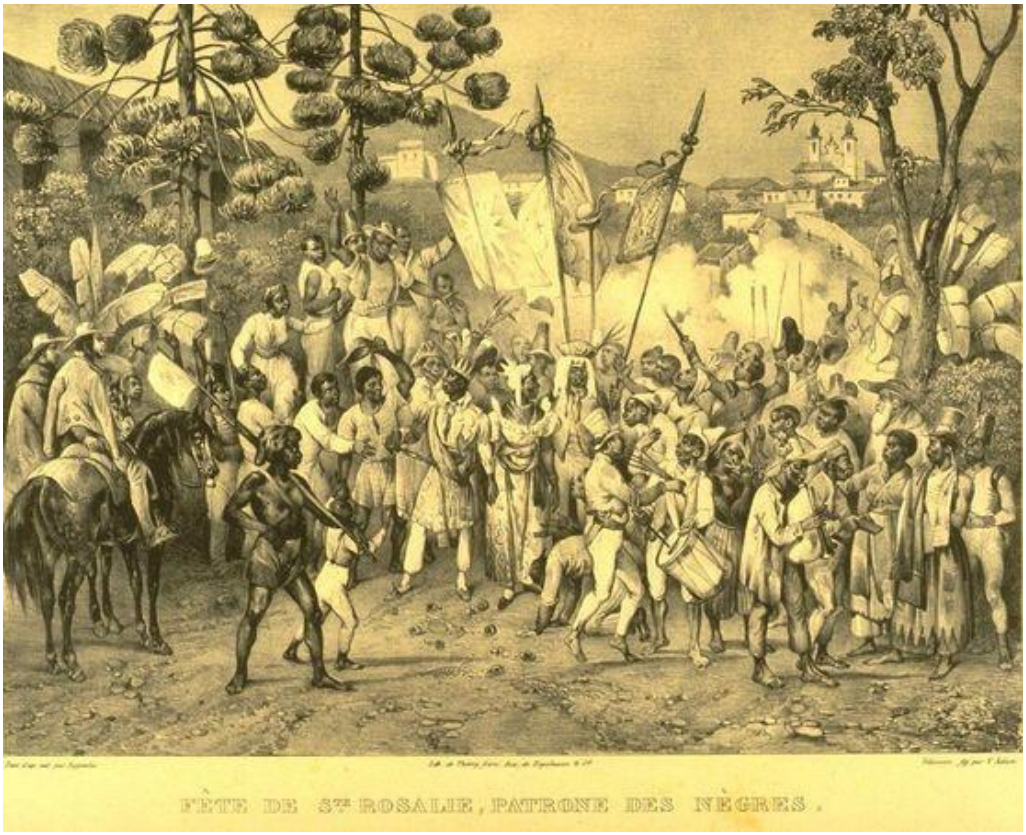
Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 129



Igreja de Nossa Senhora do Rosário erguida no século XVIII em Tiradentes (MG), sem data (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



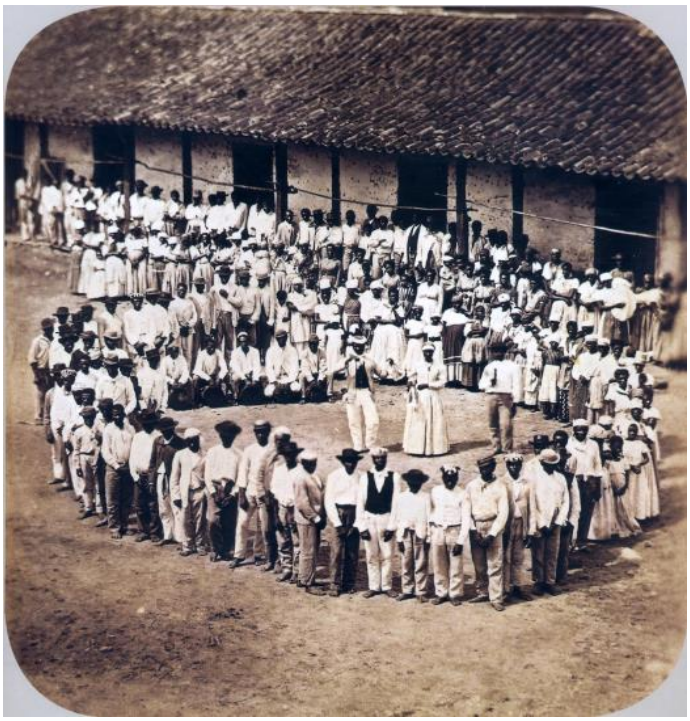
Rei, rainha e outros membros das hierarquias de uma irmandade do Rosário, todos vestidos solenemente, fazem coleta para a manutenção da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre (RS). Autoria: Jean Baptiste Debret, 1828 (Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Acervo digital de imagens. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3252 Acesso em out. 2022).



Festa de Nossa Senhora do Rosário. Reinado em Ouro Preto (MG). Johann Moritz Rugendas, 1835 (Disponível em https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/upoimagens3.html).



Congada. Fotografia encomendada por Pedro II. Autoria: Arsênio Silva, 1860 (Fonte: Biblioteca Imaterial Digital Brasil. Acervo Thereza Christina Maria. Disponível em <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>. Acesso em ago. 2022)



Pessoas escravizadas celebrando o Rosário em fazenda no estado de Minas Gerais. Autoria: Ruy Santos, 1876 (Fonte: Lago, Bia Corrêa do; Lago, Pedro Corrêa do. Coleção Princesa Isabel: Fotografia do século XIX. Rio de Janeiro: Capivara, 2008. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Congado_in_Minas_Gerais_1876_alt.png>. Acesso em out. 2022)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 132



Festa de Nossa Senhora do Rosário em São Sebastião do Paraíso (MG). Autoria desconhecida, 1890. (Fonte: Jornal do Sudeste. Crônica Histórica: Festa de Nossa Senhora do Rosário. Por: Luiz Carlos Pais, nov. 2020. Disponível em <http://www.jornaldosudoeste.com.br/noticia.php?codigo=207810>. Acesso em mar. 2022).



Congada em Santana de Parnaíba (SP). Afonso d'Escragnolle Taunay, 1925 (Fonte: Acervo Centro de Memória e Integração Cultural "Capitã Bertha de Moraes Nérici". Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Congada_-_Santana_de_Parna%C3%ADba.jpg. Acesso em nov. 2022)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 133

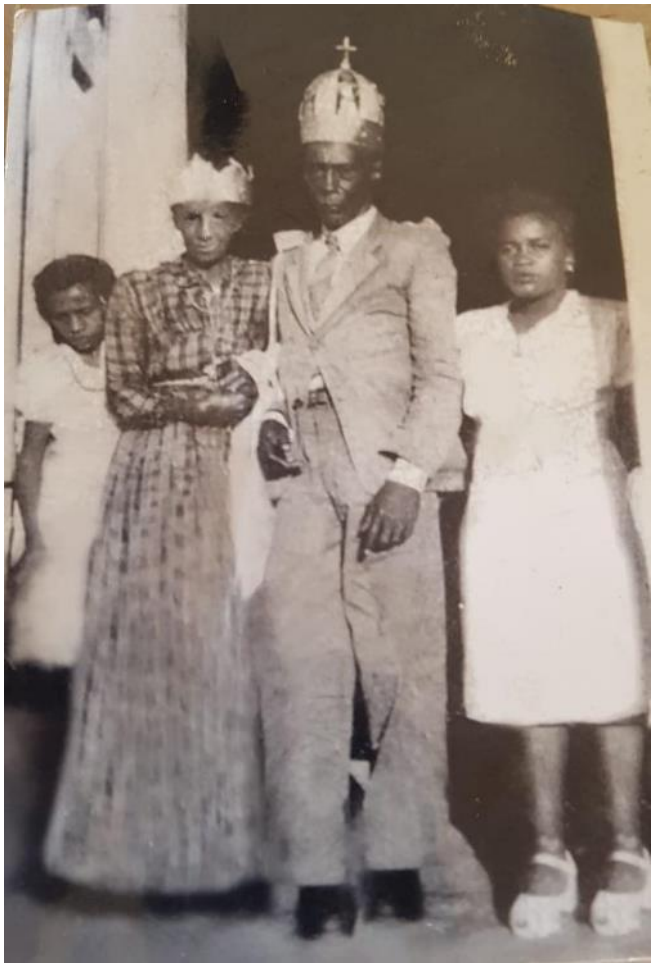


Grupo de Congo. Araxá (MG), década de 1940. Acervo de Jeremias Brasileiro.



Moçambique em Rio Paranaíba (MG), década de 1940. Acervo de Jeremias Brasileiro.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 134



Reinado em São Sebastião do Paraíso (MG). Rainha Conga Sra. Bárbara e Rei Congo Sr. Fortunato, década de 1950. (Acervo do Departamento de Cultura de São Sebastião do Paraíso e acervo de Edson Duarte.)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 135



Catupé em Uberlândia, década de 1970. Acervo de Jeremias Brasileiro.



À direita, o senhor Janjão, João Manoel de Deus (em memória), importante mestre do Rosário em Minas Gerais. Na segunda posição mais à esquerda, Cecília Preta (em memória), coroada Rainha Conga do Estado de Minas Gerais no final dos anos 70. Sete Lagoas (MG), final da década de 1960. Festa da Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário do bairro Tamanduá. Acervo de Gustavo Gomes.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 136



Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, do bairro Tamanduá. Desfile comemorativo de aniversário de Sete Lagoas (MG), 1970. Acervo de Gustavo Gomes.



Festa da Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário do bairro Tamanduá em Sete Lagoas (MG), 1970. Ao centro, Cecília Preta, Cecília Alves Gomes (em memória). Acervo de Gustavo Gomes.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 137



Cecília Preta, Cecília Alves Gomes (em memória), Rainha Conga do Estado de Minas Gerais entre o final dos anos 70 e seu falecimento em 1997. Sete Lagoas (MG), 1990. Acervo de Gustavo Gomes.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 138



Senhor Manoel Preto, Capitão e Mestre fundador do Moçambique Nossa Senhora da Conceição. Festa da Guarda de Congo Santa Rita. Sete Lagoas (MG), 2019. Autoria: Renata Ataíde. (Acervo de Renata Ataíde)



Senhor Manoel Preto, Capitão e Mestre fundador do Moçambique Nossa Senhora da Conceição. Festa da Guarda de Congo Santa Rita. Sete Lagoas (MG), 2019. Autoria: Renata Ataíde. (Acervo de Renata Ataíde)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 139



Reunidos pelo Rosário no terreiro de Dona Divina de Siqueira na Festa de São João do Quilombo Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2011. Autoria: Ricardo dos Santos Gonçalves. (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais)



Cortejo do Moçambique da capitã quilombola Isaura de Siqueira na Festa de São João do Quilombo Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2011. Autoria: Ricardo dos Santos Gonçalves (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Candombe da Lena. Comunidade Quilombola Açude, Serra do Cipó, Jaboticatubas (MG), 2015.
Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Maria do Patrocínio, congadeira de Chapada do Norte (MG), equilibrando garrafa na cabeça. Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Congado Nossa Senhora da Comunidade Quilombola de Porto de Alves, de Chapada do Norte (MG). 1º Encontro de Mulheres Quilombolas do Vale do Jequitinhonha. Berilo (MG), 2016. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)



Dona Geni, Rainha Conga do Congado Nossa Senhora do Rosário da Comunidade Quilombola Córrego da Misericórdia (Chapada do Norte/MG). 1º Encontro de Mulheres Quilombolas do Vale do Jequitinhonha. Berilo (MG), 2016. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 143



Moçambique da Comunidade Quilombola dos Arturos, de Contagem (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Moçambique da Comunidade Quilombola dos Arturos, de Contagem (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 144



Coroação de Maria na celebração ao Rosário na Comunidade Quilombola ASCAXAR (comunidades Cachoeira, Xambá e Ribeirão). Dom Joaquim (MG), 2015. Autoria: Bruno Vasconcelos (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).







Marujada da Comunidade Quilombola ASCAXAR (comunidades Cachoeira, Xambá e Ribeirão), de Dom Joaquim (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Cortejo da Guarda União Lagoa Trindade, da Comunidade Quilombola Lagoa Trindade, de Jequitibá (MG), durante a Festa dos Padroeiros da Comunidade Quilombola Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2016. Autoria: Aline Corrêa. (Acervo de Aline Corrêa)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 146



Guarda União Lagoa Trindade da Comunidade Quilombola Lagoa Trindade, Jequitibá (MG). Festa dos Padroeiros da Comunidade Quilombola Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2016. Autoria: Aline Corrêa. (Acervo de Aline Corrêa)



Congado Vozes do Macuco, Comunidade Quilombola do Macuco, Minas Novas (MG), 2020. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 147

Capítulo 3 - Unidos no Rosário: os detentores do bem cultural

Nosso tambor é da fé: unidos no Rosário! E essa linha, ela vem de muitos anos antes de Zumbi dos Palmares. E esse seguimento a gente ainda está dando![66]

Nós estamos o tempo todo vivendo dentro do Rosário. O Rosário em suas várias formas, em suas várias dimensões.[67]



Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ibirité (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

[66] Palavras do mestre tambozeiro Antônio de Bastião, da ComunAidade Quilombola de São Benedito do Capivari, Minas Novas (MG), durante uma de suas aulas na UFMG junto ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais, em 2018.

[67] Jeremias Brasileiro, durante as reuniões da segunda rodada dos Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil realizados no ano de 2022 pelo Iphan e pela Consultoria CAMPO para ampliar e atualizar o diálogo com as comunidades detentoras.

Neste capítulo, faz-se uma identificação dos(as) detentores(as) do bem cultural a partir da apresentação das trajetórias de algumas personalidades reinadeiras, congadeiras, moçambiqueiras, tamborzeiras, cujas biografias trazem aspectos que as identificam enquanto mestras da tradição. Os saberes das comunidades do Rosário estão representados nestes breves resumos biográficos, por refletirem modos de ser e viver inspirados nos princípios cosmológicos de matrizes africanas; ou, nos termos do mestre tamborzeiro Antônio de Bastião (MATOS, 2018), por mentalidades que são próprias das comunidades ancestrais. Algumas dessas pessoas já não se encontram entre os seus, materialmente, e são aqui homenageadas (e, em seu nome, todos(as) os(as) antepassados(as) e ancestrais) por terem vivido intensamente a dedicação ao Rosário, cabendo-lhes grande reconhecimento.

3.1. Tambor da fé que fala ao coração

"Eu vim do congo, vim trazer nosso congado. Agradeço São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário": este é o verso da toada que Mestre Antônio de Bastião mais gosta, e que faz a abertura da Festa de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Minas Novas, no Vale do Jequitinhonha (MG).

Nesta festa centenária, participam dezenas de devotos, anualmente e, entre eles, estão dezenas de sabedorias do Rosário incorporadas em senhores e senhoras habitantes de comunidades tradicionais. Antônio Luiz de Matos, Mestre Antônio de Bastião, é mestre tamborzeiro da comunidade quilombola São Benedito do Capivari, em Minas Novas (MG). Nasceu em 1942, neto de Artur Barreiro e Dona Fulosina; é viúvo de Dona Rosário, pai de dois filhos. Devoto de São Benedito e São Sebastião, tornou-se mestre excelente e famoso,[68] fazedor de "tambores da fé" como ele nomeia os

[68] Antônio de Bastião participa ativamente dos movimentos culturais, educacionais e artísticos do Vale do Jequitinhonha. Em 2009, recebeu o Prêmio de Mestre de Culturas Populares Dona Isabel, do Ministério da Cultura (MATOS, 2018).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 149

instrumentos feitos para a devoção do Rosário.[69] Seu trabalho envolve um sistema que segue o cuidado com a natureza e que tem um estilo próprio, assim como os demais tambores de outros mestres tamborzeiros, de outras tradições do Rosário. No seu entendimento, todos os tamborzeiros, com seus diferentes estilos são: "uma família só", cada parente com seu sotaque. Neste ofício, Antônio é único, já que o seu modo de pensar e fazer os tambores resulta de uma trajetória própria, guiada por ancestrais, antepassados, e inspirada pelo cerrado mineiro, que é habitado por seres de toda espécie. Dessa natureza, Senhor Antônio é um admirador e cuidadoso habitante, praticando um protocolo todo especial, criterioso e sapiente para, por exemplo, realizar a cata da madeira seca - que, do seu ponto de vista, é entregue naturalmente para quem dela precisar; ou a extração de troncos e cipós "vivos" para o feitio do tambor.

Nas palavras de Antônio, o primeiro processo é preparar para ir ao cerrado que "é toda essa beleza, essas árvores maravilhas", sem as quais não sobrevivemos. Ao chegar "no mato" é feito um diagnóstico das árvores, observando as características que informam sobre sua qualidade para o uso desejado. A principal intenção é tocar, apalpar e bater no tronco para perceber pelo som, se ela está oca por dentro. Isso porque, no seu conhecimento, as árvores boas para o trabalho são as já secas, comidas pelo cupim, uma vez que isso indica que já foram "oferecidas pela natureza", não sendo um gesto de ofensa a sua extração.

Antônio de Bastião enfatiza a necessidade de cuidados com "os filhinhos da árvore, as sementes que caem dela". É preciso extrair com muita atenção para não pisotear as pequenas raízes em desenvolvimento ao redor, as "árvores pequenas". Assim como nós que, tendo filhos, não admitimos que sejam maltratados, "as árvores também do mesmo jeito", ensina o mestre. Outro cuidado é a observação da fase da

[69] O mestre é reconhecido como excelente na luteria de tambores "da linha africana", tamborins, caixas e reco-reco, com a matéria-prima preparada por ele mesmo e retirada do seu próprio ambiente, a região de transição dos biomas Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga (MATOS, 2018).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 150

lua, durante seis dias. Quando "vai sair para o cerrado", Antônio começa a se preparar na véspera: amanhece pisando o chão com o pé direito, benze o corpo, reza para "o santinho que mais gosta, aquele que é a sua guia: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Santa Bárbara – que é uma santa que gosta de morar na praia do cerrado e de tudo o que tem lá". Ao chegar no cerrado, tira o chapéu, e pega a trilha com cuidado, faz seu trabalho e se retira sem que nenhum marimbondo o tenha picado, nem escorpião, nem cobra. São os preparos que o mestre via o avô fazer, basicamente: o respeito pela natureza. É nesse sentido que Antônio divulga que a casa de seu avô foi a sua universidade, com a "sua linha" de ensino, o seu "sistema". Estes ensinamentos que não são só do avô, mas dos ancestrais.

Consoante a sabedoria do mestre, um instrumento preparado com esses cuidados é capaz de soar de tal maneira que arrebata o coração de qualquer pessoa. Nem só do ser humano, mas de todos os viventes. Os saberes da "linha" de Antônio são os que "prestam sentido" às "mentalidades" das plantas e dos animais. Ele recorda de quando peregrinava, "girando" com as folias de reis, atravessando os pastos cheios de gado, notando a reação dos animais ao ritmo das batidas feitas com a devoção.

> O som dos tambores conversa com Deus. O som dos tambores conversa com o anjo da guarda. O som dos tambores bate forte no coração do ser humano. Os tambores são fonte de vida, de tudo. (MATOS, 2018)

Antônio recebeu o seguimento do ofício de fazedor de tambores sagrados de seu avô e padrinho, Artur Barreiro. Seu tio seria o herdeiro, mas entendia que "não levava jeito" e reconhecia que "para essas coisas, é dom", enquanto Antônio já acompanhava e colaborava com o ofício do avô, demonstrando a sua vocação de "por sentido" nos tambores.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 151

Por ser de uma família que, nos termos do mestre, tinha “um certo sacrifício” para viver, Antônio precisava trabalhar longe, afastando-se da sua terra e dos parentes, mesmo quando já casado e com filhos. Quando o avô faleceu, ele trabalhava em São Paulo, destino de grande parte da juventude nascida nos interiores do país onde, em geral, não são oferecidas seguranças quanto a oportunidades de vida e trabalho. No caso das condições quilombolas no Brasil não há garantias nem mesmo dos direitos territoriais das populações, o que poderia favorecer a um resguardo das precariedades econômicas e evitar muitas das dificuldades enfrentadas pelo povo.

Antônio de Bastião conta com muita emoção o dia em que a avó, Fulosina, se aproximou entregando as ferramentas do avô, falecido há oito dias: sentiu “o coração explodir!”. E ficou inseguro sobre ser digno e capaz de dar seguimento ao ofício tão competente do avô. Pensou em não ficar com as ferramentas, mas sua dindinha, como chamava a avó, o encorajou garantindo que ele poderia ter certeza de que o espírito do avô o ajudaria “a fazer aquilo que ele fazia”. Diante da insistência e garantia da avó, aceitou atender ao pedido e receber a herança; em pouco tempo, recebeu também uma mensagem revelada pela ancestralidade: “As ferramentas são suas porque você vai ficar no lugar de Artur Barreiro!”.

É possível dizer que os tambores e ofício do avô resgataram Antônio de volta para a casa, porque atendendo à ética do Rosário de “pedir, receber, agradecer”, ele atendeu ao pedido do avô e assumiu o seu lugar. E nesse gesto fez compromisso com a tradição, tendo também o seu desejo atendido de não precisar mais voltar a São Paulo, a não ser para passeio. Na sua profissão passou a conseguir o sustento da casa e o alimento da alma, porque acredita que a vida no Rosário é por amor e que “devolver” ao mundo o que aprendeu, seguindo “a linha” dos ancestrais, é uma grande alegria. Para o senhor Antônio, tudo o que é feito na vida com boa vontade e satisfação

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 152

"tem valores". Assim ele se apresentou durante a disciplina[70] oferecida junto ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG,[71] no ano de 2018. Senhor Antônio já era conhecido dessa universidade por colaborar desde 2006 com o projeto de extensão Saberes Plurais, que documentou dezenas de mestres e mestras de artes e ofícios tradicionais da região do Vale do Jequitinhonha. Nessa oportunidade mais atual, ele estava como professor, conduzindo a formação de 40 jovens estudantes de graduação, nas mais diversas áreas do conhecimento. Antônio dizia se admirar da forma cuidadosa com que era recebido e respeitado, sendo um homem negro, do Vale, com sua forma própria de linguagem, e considerando que ambientes comandados por pessoas de culturas e posses tão diferentes muitas vezes são hostis.

O ofício pelo qual se tornou mestre, ele aprendeu com seus antepassados e por meio dele devolve ao mundo, generosamente, lições de fé, de respeito à natureza, ao ser humano e ao sagrado, como aprendeu. Antônio de Bastião, além de tudo, é dedicado ao compromisso com os ancestrais de preservar e ensinar a tradição que reconhece e escuta a "fala dos tambores".

[70] Disciplina Artes e ofícios dos Saberes Tradicionais: Danças, cantos, toques e instrumentos tradicionais (MATOS, 2018).

[71] O Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais foi criado na UFMG em 2014 e instituído formalmente em 2015, inspirado na proposta do Encontro de Saberes do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCTI) de Inclusão dos saberes tradicionais no Ensino Superior e na Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB), iniciado em 2010. É uma ação decolonial que oferece hospitalidade aos saberes das culturas afrodescendentes, indígenas e populares, institucionalizando, na universidade, a experiências de ensino e pesquisa pluriepistêmicas. Os cursos são oferecidos às alunas e alunos de todas as graduações da UFMG. Os(as) mestres(as) têm recebido diplomação de doutores(as) por notório saber desde 2021.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 153



Antônio de Bastião ministrando oficina de confecção de tambores no Espaço Peripatético Freiriano.
Belo Horizonte (MG), 2023. Autoria: Leandro César. (Acervo de Leandro César)



Antônio de Bastião no Espaço Peripatético Freiriano.
Belo Horizonte (MG), 2023. Autoria: Leandro César. (Acervo de Leandro Cesar)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 154



Antônio de Bastião no Espaço Peripatético Freiriano.
Belo Horizonte (MG), 2023. Autoria: Leandro César. (Acervo de Leandro César)

3.2. Reinado fundado pela rainha

O Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1944, veio a se tornar grande referência entre os reinados no atual bairro Concórdia, região central de Belo Horizonte, que reúne dezenas de comunidades de matriz africana, entre reinados, umbandas e candomblés. A história do reino se entrelaça com a da formação de territórios negros (ROLNIK,1989) nessa cidade, construída a partir de 1897, onde havia a Vila Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rey, substituindo Ouro Preto no posto da capital de Minas Gerais (IPHAN, 2015; TORRES, 2020).

No projeto de planejamento urbano da cidade, a população operária deveria habitar regiões mais afastadas do centro da nova capital, e a primeira vila operária

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 155

criada foi a Concórdia, fundada em 1928, atual Bairro Concórdia. A ocupação dessa vila por uma população de maioria negra produziu um espaço de intensa sociabilidade com práticas culturais e fortes expressões religiosas que cruzam diversas matrizes afro-brasileiras. O Reino Treze de Maio foi o precursor dos reinados na vila, e sua fundadora, Maria Cassimira, ficou famosa como A Preta Véia ou A Rainha Conga (IPHAN, 2015).

A senhora Cassimira iniciou a sua comunidade do Rosário a partir de uma mensagem que lhe foi enviada pelos ancestrais, durante um sonho: deveria formar uma guarda, da qual seria rainha e, seu filho, capitão do moçambique. O reino Treze de Maio surgiu, então, com este nome que faz referência à abolição formal da escravatura, mas de fato homenageia os ancestrais africanos e afro-brasileiros que iniciaram as lutas por libertação, e que seguem guiando espiritualmente seus descendentes, nessa trajetória ainda inacabada de conquista da verdadeira emancipação (TORRES, 2020). Além do mais, o reino formou-se em período de grande explicitação da repressão às tradições de matrizes africanas no Brasil. Além da prerrogativa legislativa prevista no código penal brasileiro de 1890 a 1950, que proibia diversos tipos de manifestações religiosas e práticas populares, caracterizando-as enquanto "espiritismo, magia e seus sortilégios", na década de 1920 a Igreja Católica proibiu o Reinado em Belo Horizonte e em Minas Gerais, através de seus respectivos arcebispos (LOTT, 2017).

Segundo fontes do próprio reino, o Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário teve a primeira guarda fundada por uma mulher e, sobre isso, Isabel Casimira (Belinha), terceira geração e atual rainha conga (filha de Dona Isabel, falecida em 2015; e neta de Maria Cassimira, falecida em 1984), compartilhou:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 156

> Tinha uma polêmica, que eles não aceitavam de mulher ter uma guarda, o nome dela lá no Diretório Central, que foi formado antes da Federação, o nome dela (de Maria Cassimira) lá, era Bárbara Heliodora, porque ela foi a única heroína que conseguiu fundar uma guarda sendo mulher, pelo esforço que ela fez, que ela quis fazer (Isabel Casimira apud TORRES, 2020, p. 41).

A guarda foi registrada no nome do único filho homem de Maria Cassimira, na época ainda menor de idade, porque não lhe foi permitido registrar no próprio nome, pelo fato de, até então, as mulheres não poderem exercer autoridades civis no Reinado. Dona Maria também foi a primeira mulher a ocupar cargo na associação estadual como "Rainha Conga do Estado de Minas Gerais", título criado pela Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais. E também participou da criação do Diretório Central dos Congados e Marujos de Minas Gerais, antecessor da federação[72] (TORRES, 2020).

Rainha fundadora, Maria Cassimira nasceu em 04 de março de 1906, no município de Capela Nova, hoje denominado Betim (cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte), em um vilarejo de nome Açude. Sua família já possuía uma tradição no Reinado, fazendo parte da Irmandade do Rosário de Betim. Sua mãe era juíza da irmandade e o pai e outros parentes, dançantes de fileira ou guardas de coroa. Segundo um documento do acervo do Reino Treze de Maio:

[72] Fundada em 1976, deu continuidade à Associação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais (1954) (VAN DER POEL, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 157

> Em setembro de 1906, portanto com seis meses de idade, participou pela primeira vez da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, vestida de princesa. Festa realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, existente até hoje no bairro Angola, em Betim. Aos nove anos de idade ajudou seus pais a levantar o cruzeiro em terreno de sua propriedade, no dia 08 de dezembro, consagrado a Nossa Senhora da Conceição, quando seguindo uma tradição da família foi rezado um terço cantado (Acervo da Guarda, apud TORRES, 2020, p. 61).

A região conhecida como bairro Angola, onde Maria Cassimira morava em Betim, abrigava a maioria da população negra do município, entres os finais do século XIX e começos do XX e, segundo as fontes historiográficas, possuía uma forte tradição de Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Um dos marcos religiosos e de afirmação da identidade negra do bairro é a Capela de Nossa Senhora do Rosário, construída entre 1894 a 1897, dedicada aos pobres e pretos. A comunidade negra de Betim se reunia ali para missas, celebrações de Nossa Senhora do Rosário e outras manifestações ligadas ao reinado (TORRES, 2020).

Em 1923 Maria Cassimira se mudou para Belo Horizonte com seus pais e irmã, associando-se à Irmandade do Rosário do Bairro Santo André, onde havia uma Guarda de Congo e Moçambique. Em 1938, passou a fazer parte de outra comunidade do Rosário, já na Vila Concórdia, a Guarda de Congo do Sr. Alcides e Sra Rosa de Lima Cruz. Até que em 1944 fundou sua própria guarda, também na Vila Concórdia, onde já vivia com a família. Neste mesmo ano foi coroada Rainha Conga de sua comunidade. As fortes relações de vizinhança e sociabilidade que constituíram a Vila Concórdia foram fundamentais para a formação e consolidação da sua guarda. Ainda hoje, o Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário é mantido pela família da fundadora, vizinhos do bairro e moradores de outras regiões da cidade, formando uma comunidade negra expandida, com laços de parentesco sanguíneo e vínculos afetivos e espirituais (TORRES, 2020).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 158

A sede do reino foi erguida por Maria Cassimira acompanhada de suas entidades espirituais e de sua família, sobretudo seus filhos ainda crianças, Isabel e Ephigênio; inicialmente uma pequena casa de dois cômodos que foi crescendo ao longo dos anos. Até hoje, a sede é a mesma e ali é o local onde são realizadas as principais atividades ligadas às celebrações do Treze de Maio, onde se guardam os instrumentos e são acolhidos componentes das guardas de congo e moçambique, onde acontecem os ensaios, os principais ritos e festividades e onde são levantados os mastros com as bandeiras para os santos de devoção. O percurso dos cortejos e procissões, cumpridos pelo reinado durante os 13 dias da celebração no mês de maio, envolve boa parte do bairro Concórdia, seus moradores e centenas de visitantes, fazendo deste uma ampliação do território negro (TORRES 2020; IPHAN, 2015).

Antes mesmo da fundação do reino, Maria Cassimira herdou o terreiro de umbanda, denominado Centro Espírita São Sebastião, cujo registro do estatuto data de 1933, sendo considerado o terreiro de umbanda registrado mais antigo de Belo Horizonte. A entidade espiritual chefe dessa comunidade umbandista era Pai Timbiras de Angola (guia espiritual de Sr. Marcelino) e foi o guia quem determinou que Maria Cassimira daria seguimento à coordenação da comunidade espiritual. Quando se mudou para o Concórdia, Maria Cassimira recebeu como herança os objetos rituais, a pedido de Pai Timbiras, instalando o Centro em sua pequena residência. Por seu trabalho com o terreiro, ficou conhecida como A Preta Véia. A sede do terreiro e da guarda é a mesma do Centro, e ali Maria Cassimira atuava enquanto zeladora de umbanda, incorporando guias espirituais que atendiam muitas pessoas, inclusive fazendo partos com a condução dos mesmos guias. Umbanda e Reinado até hoje convivem nesse espaço, portanto, há mais de 70 anos; e cada tradição se apresenta com sua parte: as rezas, coroações e os cortejos do reinado, com suas guardas e homenagens aos santos identificados ao catolicismo popular ocorrem em momentos diferentes dos ritos da umbanda (TORRES, 2020).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 159

Maria Cassimira faleceu em 1984 e, após quase um ano de luto, em dezembro do mesmo ano, sua filha Isabel Casimira foi coroada Rainha Conga das Guardas de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Como informado, Dona Isabel, como era conhecida, foi também coroada Rainha Conga do Estado de Minas Gerais pela Federação dos Congados do estado, nesse período. Com grande reconhecimento entre os representantes da tradição dos reinados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais, a Rainha Conga Dona Isabel era também considerada uma representante da famigerada rainha Nzinga, uma personalidade emblemática da resistência africana ao sistema colonial português do século XVII. Em muitas celebrações, era comum a chegada de Dona Isabel ser recebida com o seguinte canto: "A Rainha Nzinga chegou, a Rainha Nzinga chegou!" (IPHAN, 2015).

Rainha Nzinga, Njinga Mbandi, conhecida também no Brasil como Rainha Ginga, viveu na região de Matamba, atual Angola, no século XVII. Ela teve uma intensa atuação na união de diferentes povos africanos frente à colonização portuguesa, se transformando em um símbolo de luta anticolonial, que perdurou séculos e ultrapassou as fronteiras da África. No Brasil, sua memória foi recriada pelos escravizados e insurgentes contra os sistemas colonial, imperial e, na atualidade contra o racismo estrutural do Estado brasileiro, se tornando uma referência fundamental na construção identitária dos movimentos negros, da Capoeira Angola e no contexto dos Reinados. Segundo Fonseca (apud BRACKS, 2018), nas Minas Gerais do começo do século XIX, escravizados vindos de diversas regiões da África já viam a Rainha Nzinga como a representante de seus desejos por liberdade e superação. Desde esse período, tanto ela como a figura do Chico Rei Congo são considerados símbolos da África cuja significação para os afro-brasileiros tem grande densidade cosmológica. Documentos sobre o Reinado em Diamantina (MG), no século XIX, citam a "Rainha Ginga, de Angola e grande inimiga dos portugueses" (MOURA 1998 apud FONSECA, 2018). Muitos folcloristas, como Câmara Cascudo e Alfredo João Rabaçal, ao



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 160

estudarem o Congado pelo Brasil, identificaram uma marcante presença da Rainha Nzinga nas toadas e cantigas (FONSECA, 2018).

Em maio de 2015, a Rainha Isabel faleceu, havendo um grande rito de despedida e sepultamento, seguindo os rigorosos protocolos da tradição do Rosário. Foram centenas de representantes do Rosário, de diversas localidades, presentes, além de representantes do poder público, inclusive o prefeito da ocasião. Após cumprir o tempo de luto, sua filha Isabel Casimira, conhecida como Belinha, foi coroada a nova Rainha Conga do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Essa foi a coroação da terceira geração de rainhas deste reinado, e em seu discurso de coroada, Rainha Belinha demonstrou os significados destas sucessões para o reino: "Vamos fortalecer raízes profundas que são minha avó, das quais minha mãe era o tronco e sua geração a semente" (Rainha Belinha apud TORRES, 2020). Em 2016, Rainha Belinha, assim como suas antecessoras, foi coroada como Terceira Rainha da Guarda do Estado de Minas Gerais (TORRES, 2020; IPHAN, 2015).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 161



As três ngoma do Reino Treze de Maio: Rainha Maria Casimira das Dôres (à esquerda), Princesa Isabel Casimira dos Dôres Gasparino (à direita) e Princesinha Belinha (criança). Reino Treze de Maio. Belo Horizonte (MG), 1968. Acervo de Isabel Casimira dos Dôres Gasparino.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 162



Rainha Isabel Casimira das Dôres Gasparino. Reino Treze de Maio. Belo Horizonte (MG), 2013. Autoria: Priscila Musa (Acervo de Priscila Musa)



Rainha Belinha (Isabel Cassimira) no dia de sua coroação. Reino Treze de Maio. Belo Horizonte (MG), 2016. Autoria: Priscila Musa (Acervo de Priscila Musa)



Princesa Isabel Casimira Gasparino (Belinha) e Rainha Isabel Casimira das Dôres Gasparino. Reinado Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Ariel Lucas Silva. (Acervo de Ariel Lucas Silva)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 163

3.3. Tonho Pretinho do Moçambique

Itapecerica é um município na porção centro-oeste do estado de Minas Gerais. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário do bairro da Boa Viagem foi instituído em 1972, junto com a Festa da Boa Viagem, em devoção a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro. Apesar de recente, o reinado e a festa são herdeiros de uma tradição forte e enraizada na região, que remonta ao ano de 1818, quando foi criada na cidade a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Iphan, 2016).

Nessa festa, destaca-se o terno de moçambique fundado por Bastião Preto no mesmo ano da criação do Reinado. Poucos anos depois, em 1976, o moçambique passou ao comando de seu sobrinho Tonho Pretinho, o que o tornou o grupo popularmente conhecido como Terno de Moçambique do Tonho Pretinho. Tonho é herdeiro de longa tradição do Rosário. Seu pai, Geraldo Nascimento, foi o primeiro rei congo da Festa da Boa Viagem, e seu avô ocupou o posto de capitão-mor em um distrito rural do município (IPHAN, 2016).

Na tradição congadeira presente em Itapecerica, traduzida pela presença de ternos de marinheiros, catopé, vilão e moçambique, o Terno do Tonho Pretinho se alinha destacadamente com a ancestralidade, a espiritualidade de matriz africana e os fundamentos do Rosário. O capitão Tonho Pretinho explica que é necessário invocar as proteções dos pretos velhos e dos caboclos das matas e das águas, antes do moçambique sair pelas ruas do bairro. Conforme seu relato, Nossa Senhora do Rosário extrapola a iconografia canônica do catolicismo e sua história está atrelada à narrativa dos pretos velhos de Angola, que cantaram e dançaram para tirar a imagem da santa da água (IPHAN, 2016).

Durante o cortejo, Tonho Pretinho, como capitão do terno, está sempre aberto para receber intuições emanadas pela ancestralidade sobre os cantos e versos a serem entoados. Nos muitos versos cantados pelo Moçambique de Tonho Pretinho, o



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 164

culto aos ancestrais e antepassados coexistem com santos identificados ao catolicismo, como se verifica nos versos a seguir:

> Nas horas que Deus começa / quero começar também / eu vou pedir Nossa Senhora / pra livrar dos mal encanto / Nas horas que Deus começa / os nêgo vai começar / eu vou pedir a Jesus Cristo / nessa hora abençoar / Eu tô rezando minha oração / com Jesus que está na cruz / que me livra de todos mal / que tira todos os encruz / Eu tô rezando minha oração / para a Virgem Mãe Imaculada/ e algum mal que vier / e vai para as ondas do mar. (IPHAN, 2016).

O Moçambique de Tonho Pretinho possui, portanto, estreita relação com a espiritualidade, manifestada através do terreiro de umbanda dirigido por dona Lena, esposa de Tonho. No terreiro, as imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês dividem espaço com Pai Jacó, Pai Benedito, Pai Joaquim de Aruanda e outras imagens do universo religioso da Umbanda, como exus, caboclos e pombas-gira (IPHAN, 2016).

Na tradição dessa comunidade do Rosário, cada integrante do terno possui uma função. Tonho Pretinho é o "capitão completo", que possui dom mediúnico e comanda o terno sob a proteção e comunicação com os guias espirituais. Dona Lena é a chefe do terreiro e "mãe do terno", que cuida da espiritualidade do grupo. Realiza os trabalhos de benzeção e é responsável, também, pelo fardamento e pelo calendário de festas das quais o moçambique participa. O segundo capitão, Deco, aprende com Tonho Pretinho a ser um capitão completo, cuidando da guarda espiritual do grupo, junto a dona Lena, no terreiro (IPHAN, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 165



Tonho Pretinho, mestre capitão de Moçambique. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 166



Casa Tonho Pretinho e Dona Lena. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Diana Landim (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).



Altar na residência de Tonho Pretinho, mestre capitão de Moçambique. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 167



Pai Benedito em rito de bênção que precede a saída do Moçambique do Tonho Pretinho na Festa da Boa Viagem. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 168



Moçambique de Tonho Pretinho se preparando para o cortejo. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).



Moçambique de Tonho Pretinho, de Itapecerica (MG), em Brasília, 2016. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 169

3.4. Capitã de moçambique, guerreira ancestral

Em Bom Despacho, Centro-Oeste de Minas Gerais, desde 1808 a cidade é atravessada pela Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que, até recentemente, chega a mobilizar mais de mil devotos reunidos em grupos rituais chamados de ternos e cortes. Até o ano de 2019, data de seu desencarne, a capitã do Moçambique de São Benedito, Sebastiana de Oxóssi, impactava as ruas de Bom Despacho com as toadas do seu "batalhão". Esse moçambique foi fundado por ela, junto a sua comunidade quilombola Carrapatos da Tabatinga (SILVA, 2021).

Quando Tiana era criança, sua avó lhe falava: Você vai rodar mundo, minha filha! Você não vai ter uma família só. Você vai ser uma mãe grande! Aos sete anos de idade, talvez antes, Tiana já trabalhava nas roças e nas matas, preparando a terra, plantando, colhendo. Como nos contou, naquele tempo "não tinha escola, não tinha nada... só tinha direito de trabalhar". Na escola da antiga fazenda, onde trabalhava junto de pai e mãe, quando a professora chegava, a menina ia à caça de um canto discreto de onde pudesse escutar: "queria aprender um bocado, ler e escrever". Certo dia, descobriram-na escondida e a proibiram de se aproximar da escola enquanto as aulas aconteciam. Desde quando Tiana começou a "se entender por gente", o "mundo dos brancos" lhe aparecia assim, cheio de abusos e privações (SILVA, 2021).

Na igreja, na escola, "preto não podia entrar". Mas, Tiana se formou na "escola do mundo", como gostava de falar, tornando-se a liderança do Quilombo na cidade de Bom Despacho, a 150 km da capital. Destacada referência para os movimentos quilombolas no Brasil, Sebastiana recriou um mundo diferente, onde aprendeu a fazer maravilhas, desamarrando as interdições - essas engrenagens violentas do mundo dos brancos -, e sempre guiada pelos "povos do tempo, das matas, da terra e do ar", como dizia.

Foi mãe espiritual e mentora de movimentos organizados das comunidades quilombolas por cerca de 50 anos. Sua luta engajada nas articulações em Minas



Gerais e junto à Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) foi uma generosa extensão da resistência da sua própria comunidade, Carrapatos da Tabatinga. Um quilombo que traz esse nome porque sobreviveram, resilientes, a dezenas de ataques genocidas realizados por latifundiários apoiados por agentes políticos e forças policiais. Do ponto de vista desses poderosos coloniais, seu povo era "que nem carrapato, sempre juntos". O nome se refere também ao barro branco, tabatinga, amassado com os pés para a construção das moradias quilombolas (SILVA, 2021).

Mas, o que aborrecia os "senhores" era a misteriosa capacidade que "esses pretos" tinham de reaparecer, tempos depois de violentos combates, "como carrapatos que tentam matar, mas não morrem". Durante as guerrilhas, despossuídos de armas de fogo, a maioria dos homens da comunidade não sobrevivia. As mulheres e crianças se escondiam em buracos profundos cavados na terra, preparados estrategicamente com a devida antecipação. Nessa cadência combativa, com o poder e o espírito das mulheres, foram fazendo a comunidade que conta, atualmente, com mais de 100 famílias, e se tornou parte de um bairro, Ana Rosa, na medida em que a cidade foi avançando sobre a área rural. A comunidade atrai muitos pesquisadores por ser lugar onde ainda é falada a "língua do negro da Costa", ou a "gíria de Tabatinga", uma língua afro-brasileira de matriz banto (SILVA, 2021).

Na cidade, como em centenas de outras em Minas Gerais, o "mundo da autoridade eclesiástica" não admitia o "espiritismo dos pretos", nem que os congadeiros divulgassem outra fé que não fosse a da igreja católica. Mas, Tiana se tornou Sebastiana de Oxóssi, zeladora do Centro Espírita São Sebastião, mãe grande de tantos "filhos e filhas de santo" espalhados pelos diversos lugares por onde atuou (SILVA, 2021).

E o "mundo das autoridades masculinas da tradição reinadeira/congadeira" não admitia que as mulheres participassem de um moçambique, mas Sebastiana



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 171

tornou-se capitã do Moçambique de São Benedito e ajudou a construir uma igreja na cidade para homenagear o santo. O padre não permitia sua presença e de sua comunidade na festa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. E a capitã Sebastiana foi buscar providências da autoridade de Dom Serafim Fernandes de Araújo, governante da Arquidiocese de Belo Horizonte, conquistando a documentação para que pudesse celebrar a Senhora do Rosário, livre de perseguições oficiais (SILVA, 2021).

Devota de São Benedito, santo guia de sua guarda de moçambique, tornou-se também confeiteira e cozinheira profissional (à semelhança do santo) e assistente de enfermagem, trabalhando com muitos doutores da medicina moderna, dos hospitais. No campo vasto da medicina de matrizes africanas tradicionais, ela foi formada curadora, pelos guias da ancestralidade, mestra em cantos, danças, benzeduras e no uso de folhas e raízes. Formou-se também mediadora da presença das entidades encantadas, dos pretos velhos e caboclos, curadores na linha da umbanda (SILVA, 2021).

Mulher quilombola, Tiana guerreava contra o racismo, o agronegócio e a concentração fundiária, exercendo seus atos guerreiros de mobilização e denúncia contra as injustiças raciais, também por meio dos cantos, das bendições e da sua memória viva manifestada. No filme documentário Raça (2013, de Joel Zito Araújo e Megan Mylan), há uma cena importantíssima em que Sebastiana exige de funcionários da Câmara que permitam sua entrada para que ela cantasse para os deputados. O canto era uma das suas principais formas de expressão e de abertura dos caminhos (SILVA, 2021).

Ao longo de sua jornada, Sebastiana participou de inúmeros eventos dos movimentos sociais, das instituições acadêmicas e culturais e colaborou com pesquisas. Tornou-se professora da Formação Transversal em Saberes Tradicionais na UFMG em 2014, ministrando a disciplina Cultivos e Culturas Quilombolas, ao lado de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 172

Mestre Badu, candombeiro do Mato do Tição. Esta foi uma oportunidade para que dezenas de estudantes pudessem conhecer uma parcela fundamental da "verdadeira história do Brasil", como dizia a capitã de moçambique, zeladora de umbanda, professora contra-colonial (SILVA, 2021).



Sebastiana de Oxóssi. Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 173



Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Sebastiana de Oxóssi. Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Sebastiana de Oxóssi. Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Sebastiana de Oxóssi. Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 175

*

Este capítulo teve a intenção de explicitar a inseparabilidade dos saberes do Rosário de seus(as) detentores(as). Foram conhecidos breves resumos de histórias de vida e de formação de comunidades do Rosário favorecendo a percepção de que os(as) detentores(as) do bem cultural são homens e mulheres (idosos, adultos, jovens e crianças), muitas vezes membros de famílias extensas herdeiras de uma guarda, terno, banda ou reino fundado por antepassados. São também pessoas que fundaram suas próprias comunidades, cuja missão, algumas vezes, foi revelada em sonhos ou mediante mensagens veiculadas por sons e visagens manifestadas na natureza.

Pôde ser, de certa maneira, conhecido que as comunidades no Rosários incluem uma multiplicidade de seres, materiais e imateriais, como componentes de sua sociabilidade; o que reflete, em boa medida a matriz cosmológica bantu-congo de acordo com a qual a morte não separa as pessoas, fazendo parte das aprendizagens fundamentais da tradição a lida com os espíritos e com a natureza. Do ponto de vista da tradição, o Rosário relaciona-se intimamente aos saberes herdados dos(as) ancestrais e antepassados(as) que viveram em terras africanas - angolanas, congolesas - e que foram traficados para o Brasil na terrível condição de escravizados (GARONE, 2008). Além disso, pôde ser indicado um caráter importante do ponto de vista sociológico, a grande relação entre devoção ao Rosário e fundação e salvaguarda de comunidades quilombolas no Brasil (Iphan, 2017; SILVA, 2020)[73].

[73] No Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dos Quilombos da Serra do Cipó, realizado pelo IPHAN entre 2014 e 2017, esta foi uma das importantes conclusões: todos os quilombos dessa região da Serra do Espinhaço denominada Serra do Cipó são habitados por devotos do Rosário, com a forte presença dos candombes, e também congos, catopés, marujos e caboclos (IPHAN, 2017). Em 2018, o consultor Marcos Martins registrou notas sobre esta correlação e observou as perseguições aos devotos no caso do saque e destruição da Igreja do Rosário em Berilo (Vale do Jequitinhonha, MG), onde o Rosário compõe-se de pessoas habitantes dos 18 quilombos do município. Depois de décadas fazendo as suas festas apenas nos quilombos, os devotos conseguiram refundar sua igreja, na sede municipal, em 2009, e voltaram a fazer os



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 176

Estes aspectos explicitam a dimensão cosmológica do bem cultural, contribuindo para o reconhecimento da lógica de mundo que é geradora das expressões dos Reinados, Congados e Congadas - que tanto impactam a sociedade com a sua exuberância performática, sonora, corporal, poética, afetiva. Desta forma talvez seja possível, em alguma medida, contribuir para um movimento de reversão[74] do histórico de preconceitos e mal-entendidos que fizeram com que, por muito tempo, o Rosário fosse tomado apenas como um prodigioso reflexo da conversão de africanos e afrodescendentes ao catolicismo imposto.

*

A seguir, a segunda parte do Dossiê é dedicada à caracterização do bem cultural distribuída em cinco capítulos que trazem descrições mais detalhadas dos seus elementos constitutivos. Será demonstrado como a multiplicidade da devoção afro-brasileira ao Rosário mobiliza as diversas categorias que orientam as políticas de patrimônio cultural imaterial: ofícios, modos de fazer, formas de expressão, lugares, celebrações, saberes.

festejos na cidade (IPHAN, 2018). Na região de Uberlândia (MG), sobretudo nos municípios de Serra do Salitre, Patos de Minas e Patrocínio, os quilombos são reconhecidos como referências de origem para todo o Congado do Triângulo e Alto Paranaíba (BRASILEIRO, 2010, 2019).

[74]A luta pelo reconhecimento da própria dignidade foi uma constante entre africanos e afro-brasileiros desde o período escravista colonial (SANTOS, 2015/2019; SANTOS, 2016, 2017; SILVA 2020; MORAIS, 2022). Já o gesto institucionalizado pelo reconhecimento da violência da colonização e pela realização de reparações à violação dos direitos humanos (históricos, políticos, econômicos, sociais etc.) das populações afro-brasileiras é um movimento em curso no Brasil, com avanços e recuos, implementado sobretudo entre 2003 e 2016 (GOMES, 2017; CARVALHO, 2015)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 177

Parte 2

Caracterização do Bem Cultural



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2003-49 / pg. 178

Consoante ao exposto na Parte 1, nesta segunda parte são apresentados capítulos dedicados ao detalhamento das diversas dimensões do bem cultural. Será demonstrado como a multiplicidade da devoção afro-brasileira ao Rosário mobiliza as diversas categorias que orientam as políticas de patrimônio cultural imaterial: ofícios, modos de fazer, lugares, formas de expressão, celebrações, saberes.

No Capítulo 4 aborda-se as formas de organização dos detentores - formas de organização civil e ritual entre as agremiações detentoras do bem cultural -, enfatizando a impossibilidade de generalização ou de definição de modelos ou estruturas elementares dessa organização, uma vez que, basicamente, cada comunidade do Rosário estrutura a sua organização de maneira particular. Os elementos comuns são, no entanto, destacados; e em seguida são apresentados muitos exemplos de como massambiques (moçambiques), congos (congados, conguistas, congueiros), catopês (catupés, catopés), marujos, caboclos (caboclinhos, penachos, cabocladas), tamborzeiros, pifeiros, entre outros grupos rituais, e os reinados (côrtes ou tronos coroados) foram descritos em registros feitos por pesquisadores, em diferentes contextos e regiões.

No Capítulo 5 é enfatizada a dimensão agregadora do bem cultural, a partir de um resumo descritivo das celebrações em diferentes localidades nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo. As festas promovem as visitações entre as guardas, bandas, ternos e reinos, reforçando a união entre as pessoas, e costumam ser o momento mais esperado do tempo cíclico que rege a tradição. No Capítulo 6, aborda -se a ética da sociabilidade baseada nos gestos de compartilhamento, dando-se destaque à comensalidade e a sua correlação com a centralidade do alimento nas cosmologias de matrizes africanas, conforme as quais os gestos de “dar de comer” e comer são fundamentais. Nesse tema, São Benedito é o santo destacado, por ser



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 179

identificado à cozinha e à providência de fartura. No Capítulo 7 são focalizadas as músicas ou sonoridades do Rosário. No Capítulo 8, o tema dos saberes do Rosário estará em foco, finalizando a Parte II dedicada à caracterização do bem cultural.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 180

Capítulo 4 - Moçambique Não é Congo: as formas de organização dos detentores

A dança do moçambique não é congada não,
olha o batido da caixa,
o manejo do bastão.[75]



Festa da Congada de Uberlândia (MG), 2008. Autoria: Jeremias Brasileiro. (Acervo de Jeremias Brasileiro)

[75] No Moçambique do Parque Bandeirantes de Taubaté, Mestre Paizinho canta sobre as singularidades de cada grupo que se reúne para celebrar o Rosário, destacando diferenças. No trecho acima, a diferença está cantada em versos (IPHAN, 2018).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 181

Como visto no Capítulo 2 deste Dossiê, as comunidades do Rosário podem ser também reconhecidas como hábeis agregadoras que, historicamente, demonstram poderosa capacidade de organização sociocultural em contextos de violenta desterritorialização e genocídio (MUNANGA, 1999, 2009). Suas formas organizativas foram formatadas de maneiras muito diversificadas, delineando-se sociologicamente sob diferentes instituições: nos quilombos, nas matas, nas periferias das cidades, seja como famílias extensas baseadas na consanguinidade e afinidade, seja como irmandades e associações baseadas na solidariedade e fraternidade. Na contemporaneidade, as diferentes formas organizativas coexistem espalhadas pelo Brasil, de maneira mais ou menos formalizada do ponto de vista constitutivo jurídico-administrativo.

Em Minas Gerais, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro (Alto Jequitinhonha) se organizou antes de 1716. O registro mais antigo dessa devoção na cidade é o Livro de Registro de Eleições da Irmandade do Rosário dos Pretos da Vila do Príncipe, que contém registros da eleição de reis e rainhas do Rosário de 1716 a 1857. Há, também, outro importante documento que oficializou a criação da irmandade no Serro: o Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Freguesia da Conceição da Vila do Príncipe do Serro do Frio, datado de 1728 (SILVA, 2021).

Também no século XVIII, registros historiográficos atestam a existência de pelo menos três irmandades leigas no povoado da atual Chapada do Norte (Norte de MG), dentre as quais a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Libertos e Cativos, da Freguesia de Santa Cruz de Chapada, que agregava a população negra e escravizada, não restringindo, contudo, a presença de pessoas brancas. Ela foi responsável pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde até hoje é realizada a festa em homenagem à santa. Em Itapecerica (Centro-Oeste de MG), a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi criada em 1818, quando também passou a realizar a Festa da Boa Viagem. O surgimento da Irmandade e da



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 182

Igreja de Nossa Senhora do Rosário do atual município de Montes Claros (Nordeste de MG) ocorreu no período entre 1833 e 1839. Em Uberlândia, a população de afro-brasileiros escravizados, que vivia em condição de extrema precariedade e maus tratos, organizou suas práticas religiosas e culturais na Igreja do Rosário que foi fundada como capela em 1883 e demolida no ano de 1931 (BRASILEIRO, 2019).

Em Goiás, as Irmandades mais antigas são do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora do Rosário, cuja origem remete a 1732. Em São Paulo a mais antiga irmandade documentada foi fundada em 1757, na atual cidade de Guaratinguetá (IPHAN, 2018).

De maneira geral, grande parte das congregações contemporâneas foram fundadas no século XX. Mas existem, na atualidade, congregações iniciadas ainda no século XIX. Alguns exemplos são encontrados em Belo Horizonte (MG)[76] e Região Metropolitana de BH (RMBH): a irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Quilombo dos Arturos existe desde 1837, em Contagem. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá também teve início no século XIX, e na década de 1990, foi tombada pela prefeitura municipal como a mais antiga irmandade negra de Belo Horizonte (IPHAN, 2016). Em 2015, a Prefeitura Municipal de Sabará concedeu parecer favorável à relevância cultural da Festa de Nossa Senhora do Rosário para o município e destaca que a mesma é realizada desde o século XVIII pela Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos da Barra do Sabará. Já no século XX, no período após a abolição do sistema escravista no Brasil, a Guarda de Congo e Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Irmandade Os Carolinos, foi criada em 1917 em Belo Horizonte/MG.[77]

[76] Município fundado em 1897, construído para ser a capital de Minas Gerais a partir do final do século XIX, no qual grande parte dos trabalhadores era população negra, mesmo havendo um forte preconceito com a contratação de operários ex-escravizados no período pós-abolição, preferindo-se a mão de obra de imigrantes europeus (LOTT, 2017; COSTA, 1999).

[77] Reconhecida recentemente como comunidade remanescente de quilombo (CRQ), junto à Fundação Cultural Palmares.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 183

Contemporaneamente, são duas as modalidades de formalização praticadas pelas comunidades do Rosário, uma civil, outra cosmológica e ritual. A organização civil dos detentores não estabelece estruturas institucionais de abrangência nacional como federações ou confederações, ou órgão que fixe uma liturgia padrão, ou regule a interação dos grupos. No estado de Minas Gerais, em nível estadual, em 1954 foi fundada a Associação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, reorganizada em 1976 como Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais (VAN DER POEL, 2013). A federação criou os cargos de rei congo e rainha conga do estado de Minas Gerais, mas, em que pese sua reconhecida importância, a atuação dessa instituição não é abrangente, exercendo maior importância principalmente na capital e em sua Região Metropolitana e adjacências.

Tanto em Minas Gerais quanto em São Paulo e Goiás, uma parte das agremiações (guardas, ternos, bandas, reinos ou reinados e irmandades) das comunidades do Rosário são uma associação civil instituída na qual detentores precisam ocupar cargos e funções administrativas. O INRC em MG, em 2014, identificou 117 irmandades no estado congregando diferentes grupos rituais (ternos, guardas, cortes etc.); já outras irmandades são constituídas por um único grupo (Iphan, 2014). Não é pertinente generalizar, mas é possível que uma parte das irmandades possua sedes próprias, seja regida por estatutos, organizada por diretorias (com cargos e funções de presidente, secretário(a), tesoureiro(a) etc.), responsáveis pela organização e execução dos festejos locais. Em alguns municípios, a unidade que congrega diferentes grupos é chamada de Associação, e não de Irmandade (Iphan, 2014).

Diferente dos modelos de associação civil, as formas de organização cosmológica e ritual são muito variadas. E são justamente essas formas organizativas que atribuem singularidade e autonomia às congregações. As distinções entre os membros são feitas sobretudo pela hierarquia ritual que, não raro, é congruente com



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 184

as diferenças de geração. Como será visto, há também distinções de gênero bem marcadas.

É sobretudo o repertório cosmológico ligado à hierofania de Nossa Senhora do Rosário que organiza os posicionamentos dos grupos rituais e os cargos e funções internos a eles. A tradição oral relativa à aparição de Nossa Senhora do Rosário aos negros, durante a escravidão, informa sobre as posições relativas entre congos, moçambiques, marujos, catopês, candombes. É em relação a qual grupo conseguiu conquistar a conexão sagrada com a santa que se desdobra a organização hierárquica e espiritual entre eles. Nos contextos em que há candombes, ou em que a existência dos candombes é considerada dentro da tradição da comunidade, são os candomberos que alcançam a comunicação com Nossa Senhora, fazendo a sua guia até a capela (gruta, igreja, altar etc.) Onde não existem candombes, são os moçambiques os sábios mestres da condução sagrada. Há contextos em que também não existem moçambiques, variando entre congos, marujos e catopês a autoria da habilidade mágica.

Considerando os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, de acordo com a literatura disponível, os grupos rituais são referidos, de maneira mais genérica, sobretudo como "guardas" na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG) (LUCAS, 2022); "ternos" nas mesorregiões Sul/Sudoeste (PEREIRA, 2011) e Norte de Minas Gerais (QUEIROZ, 2005; MENDES, 2006), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba (MG) (BRASILEIRO, 2012) e em Goiás (MACEDO 2015; VINHAL, 2016) e São Paulo (COELHO, 2016); "corte" em alguns municípios das mesorregiões Central e Oeste de Minas Gerais; "banda" na Zona da Mata (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017), Campo das Vertentes (ALMEIDA *et al*., 2016) e Vale do Rio Doce (MG); "grupo" em alguns municípios de todas as mesorregiões mineiras, exceto Norte e Central Mineira.

Em Minas Gerais são encontrados grupos chamados: congo (congistas, congado, congueiro), moçambique (massambique, moçambiqueiro), catupé

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 185

(catopé,catopê), caboclinho (caboclo, caiapós, penacho, caboclada), marujo (marujada, marinheiro), vilão, candombe e tamborzeiros (QUEIROZ, 2005), além de pifeiros (MAGALHÃES, 2009, 2010).

A correspondência entre cada uma dessas dominações e as mesorregiões mineiras estão indicadas a seguir, segundo informações coletadas durante a realização da primeira etapa do levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Congadas de Minas Gerais (IPHAN, 2013):[78]

Campo das Vertentes: congo, moçambique, vilão e catupé

Central Mineira: congo, moçambique, vilão, catupé, penacho, candombe

Jequitinhonha: congado, tamborzeiros, marujada e caboclinho, banda de taquara, pifeiros

Metropolitana de Belo Horizonte: congo, moçambique, catupé, marujo, marujada, caboclinho, caboclo e vilão, candombe, pifeiros

Noroeste de Minas: congo

Norte de Minas: congado, catupê, marujada, caboclinho e caboclo

Oeste de Minas: congo, moçambique, marujada, caiapós e caboclinho, candombe

Sul/Sudoeste de Minas: congo, moçambique, marujada, caiapós (caboclinho)

Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: congo, moçambique, vilão, catupé, marujada e marinheiro

Vale do Mucuri: sem identificação

Vale do Rio Doce: Congo, Moçambique, Marujo e Marujada, Caboclo e Caboclinho

Zona da Mata: congo, moçambique, marujo, marujada, caboclo e caboclinho

[78] Estas informações, extraídas da primeira etapa do levantamento preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais em Minas Gerais, recebeu importante atualização fornecida pelo pesquisador colaborador, voluntário deste Dossiê, Daniel de Lima Magalhães.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 186

No Inventário Nacional de Referências Culturais realizado pela Superintendência do Iphan em Minas Gerais entre 2012 e 2014, dentre os 853 municípios mineiros,[79] em 332 foram identificadas expressões do bem cultural. Em termos de grupamentos rituais, foram mapeados: 20 candombes em 12 municípios; oito grupos tamborzeiros em seis municípios; centenas de grupos de congos em 229 municípios; centenas de moçambiques em 116 municípios; marujadas/marujos/ marinheiros em 57 municípios; catupés/catupês/catopés/catopês em 44 municípios; vilões em 26 municípios; caboclinhos/caboclos/caiapó/penachos em 22 municípios; pifeiros em um município; contradança em um município; jamba em um município (IPHAN, 2014).

Nesse mesmo levantamento, foram reunidas informações qualitativas que permitiram a sistematização de análises que, dentre outros resultados parciais, produziram a sugestão de uma configuração espacial em três regiões de estudo, que consideram semelhanças rituais e organizativas do bem cultural entre os municípios que as compõem. Foram chamadas de "Região dos Tamborzeiros, Catopês e Cabocladas", "Região dos Reinados e Candombes" e "Região das Congadas". Essas regiões não são estanques e não excluem a presença das demais agremiações, por exemplo, na chamada "Região dos Reinados e Candombes" há presença de grupos identificados como "congadeiros", "catopés", "marujos", "congos". No entanto, as divisões buscam apontar para a maior representatividade ou concentração da presença de cada estilo nessas regiões e favorece uma compreensão mais geral da forma como o bem cultural foi se distribuindo no amplo território de Minas Gerais.

A "Região dos Tamborzeiros, Catopês e Caboclada" foi identificada, durante levantamento de 2014, com 39 municípios e corresponde às mesorregiões do Jequitinhonha, Norte e Vale do Rio Doce, além do município de Serro, situado na RMBH. A região foi assim chamada por dois motivos: ser a única em Minas Gerais em que há

[79] Agrupados e analisados segundo mesorregiões do estado: Noroeste; Norte; Jequitinhonha; Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba; Vale do Mucuri; Central Mineira; Metropolitana de Belo Horizonte; Vale do Rio Doce; Oeste de Minas; Sul/Sudoeste de Minas; Campo das Vertentes e Zona da Mata.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 187

presença dos grupos de tamborzeiros, especificamente na do Jequitinhonha, e também por ser comum entre os sujeitos praticantes denominarem os grupos de catopêss e/ou caboclada (IPHAN, 2014). Sobre essa sugestão classificatória, o pesquisador Daniel de Lima Magalhães, em comunicação pessoal suscitada pelo processo participativo mobilizado durante a elaboração do presente Dossiê (descrito na Introdução), tece comentários muito significativos. Do ponto de vista da sua pesquisa, a divisão nessas regiões não necessariamente contribui para uma visualização da realidade ainda atual. Nessa perspectiva, a que é sugerida como "Região dos Tamborzeiros, Catopês e Caboclada", mais do que os três grupos que dão título à região, está ocupada pelas expressões dos grupos rituais denominados marujadas. Há algumas cidades do alto Jequitinhonha que só contam com marujada, inclusive. Já os tamborzeiros concentram-se no alto-médio Jequitinhonha, na região de Minas Novas, onde não há catopês. Por outro lado, na região do Serro e de Montes Claros, onde estão os catopês, não há tamborzeiros (MAGALHÃES, comunicação pessoal).

A "Região dos Reinados e Candombes" foi identificada com 186 municípios e corresponde às mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Campo das Vertentes, Zona da Mata, Oeste de Minas, Central Mineira, Noroeste de Minas e Vale do Mucuri. Nessa região, a existência de Reinados é preponderante e é nela que se encontra a maior parte dos candombes ainda existentes no estado (IPHAN, 2014).

A "Região das Congadas" foi identificada com 83 municípios e corresponde às mesorregiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste de Minas. Nessa região, o termo corrente para denominar a manifestação é Congadas e, além disso, há entre os grupos semelhanças estéticas, como tamanhos das caixas, usos de estandartes, entre outras (IPHAN, 2014). Essa divisão por regiões é um bom exemplo demonstrativo da variedade dos componentes e do desafio de formular análises em grande escala. E foi em certa forma confirmada pelas pesquisas mais recentes nesta etapa final da

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 188

instrução do Registro. É sempre importante destacar, ainda que se busque uma descrição abrangente sobre cada grupo, que as variações são muito significativas desde uma escala local, e incluem não só diferenças no uso de termos descritores, mas também com relação às suas funções rituais, indumentárias, dança, ritmos e oralidade. Cada comunidade organiza e realiza de forma única a sua estrutura, respaldada em variados mananciais míticos e com diferentes modulações de relacionamento com a liturgia da Igreja Católica e com as expressões da espiritualidade e religiões de matriz africana.

Nos estados de São Paulo e Goiás são encontrados, com variações de seus nomes e distribuídos de forma heterogênea entre os territórios, grupos denominados moçambique, congo, marujos, catopê, vilão, cavalhada e caboclo (IPHAN, 2008; 2016). Interessante notar que algumas denominações de grupos se encontram em quase todas as regiões dos três estados, como “congo”, seguido de “catupé” e “moçambique”. Enquanto “tamborzeiros” é identificada apenas na mesorregião do Jequitinhonha (MG); candombe, apenas nas regiões Metropolitana de BH, Centro-oeste, Central-mineira.

De forma mais específica, de acordo com a região e características ligadas à sua estrutura e funções rituais, esses grupos se subdividem, com diversas denominações: Catupé Marinheiro (Goiânia, GO), Catupé Cacunda Nossa Senhora, Cacunda São Benedito, Congo do Prego, Congo Marinheiro, Mamãe do Rosário, Coração de Maria (Catalão, GO), entre outras. Portanto, são muito diferentes os grupos rituais, estéticos e instrumentais que praticam os saberes do Rosário, haja vista a pluralidade identificada nos levantamentos realizados nos três estados de referência do Dossiê, São Paulo, Goiás e Minas Gerais (IPHAN, 2008; 2014; 2018).

Nas irmandades, reinos, guardas (ternos, cortes etc.), cada pessoa assume um cargo e ocupa uma função relacionada a um repertório específico de saberes, responsabilidades e habilidades. Na impossibilidade de um Dossiê estabelecer



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 189

modelos de compreensão sobre cada um desses elementos (que, como dito, apresentam imensa variação, desde um nível local, irmandade a irmandade, grupo a grupo), a seguir são apresentadas, grosso modo, algumas características representativas dos grupos e suas formas organizativas, sendo necessário observar que trata-se de realidades parciais, referenciadas sempre em relação a determinados contextos sociológicos e geográficos. Conhecer os exemplos, a seguir, favorece ao reconhecimento do quão povoado é o Rosário, com tamanha habilidade para proliferar vicissitudes estéticas e rituais.

Para organizar basicamente esta apresentação, cabe praticar a distinção entre côrte, coroa ou trono coroado e capitania (guardas, ternos, bandas etc.) que é bastante comum, embora não possa de maneira alguma ser tomada como modelo generalizado. A coroa e a capitania podem ser descritos como duas organizações ritualísticas complementares.

Vestidos de dignidade[80]

4.1. Côrte

A côrte representa em geral o Reino de Nossa Senhora do Rosário, geralmente composto por rei e rainha congos, perpétuos e festeiros, além dos príncipes e princesas. Em geral, a côrte inclui acompanhantes cortejadores (mordomo, juiz, guarda coroa, pajem). Em alguns casos, como na Região Metropolitana de Belo

[80] Do ponto de vista do olhar externo marcado pelo racismo estrutural e pela colonialidade cultural, há uma forte componente de restituição da dignidade, aos homens e mulheres negros que se cobrem com a explicitação da realeza (côrte) ou das forças armadas (capitania), durante os dias extraordinários da celebração, tendo em vista a pressão subalternizadora imprimida pelos processos coloniais, no cotidiano dessas pessoas, desde a diáspora africana (TORRES, 2020).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 190

Horizonte (RMBH, MG), pratica-se a terminologia "**trono coroado"**[81] para designar o Reino de Nossa Senhora que é composto pelos rei e rainha congos (que geralmente são cargos perpétuos), e demais reis festeiros ou dedicados a outros/as santos/as, além dos respectivos príncipes e princesas (IPHAN, 2014; 2015).

No Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá[82] (Belo Horizonte/MG), por exemplo, na hierarquia, depois de Maria Santíssima, seguem o rei e rainha congos, e outros reis e rainhas completam a côrte do reinado: reis e rainha perpétuos, rainha de Santa Efigênia (Ifigênia), rainha de Nossa Senhora das Mercês e rei de São Benedito.

Os **reis e rainhas congos e perpétuos** são cargos de grande prestígio, em geral ocupados por pessoas estimadas na comunidade e representam, abaixo dos santos e santas de devoção, a máxima autoridade nos festejos. A rainha conga é frequentemente compreendida como a presentificação de Nossa Senhora na terra e sua coroa (manto, cetro, quando há) é, por isso, um artefato sagrado. Em Itapecerica (MG), por exemplo, os reis de maior importância são os da côrte de Nossa Senhora do Rosário, chamados de rei e rainha da "coroa grande". No mesmo grau de importância, aparece a princesa Isabel, normalmente representada por uma jovem. Também importantes são as funções de reis e rainha perpétuos, que juntos formam o corpo do trono coroado, sendo respeitados e devotados.

Reis e rainhas congos podem representar tanto a Virgem coroada como as nações africanas do passado e seus ancestrais, possuindo, em grande parte dos contextos, cargo perpétuo e hereditário. Geralmente a sua importância étnica exige,

[81] Para algumas guardas, o trono coroado é sinônimo de reinado; para outras, "Reinado" é a terminologia mais adequada para nomear todos os elementos presentes na manifestação. Outras guardas compreendem o reinado como sendo a própria festa; para outras ainda, o reinado é o espaço onde acontece a festa, geralmente uma capela (IPHAN, 2014).

[82] Segundo Leda Martins, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá, fundado no século XIX, deu início aos festejos no município de Ibirité/MG e as pessoas da região do Jatobá deslocavam-se, contribuindo com a festa. A atual igreja de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá foi erguida entre 1980 e 1982 e foi tombada como patrimônio histórico de Belo Horizonte em 1995.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 191

diferente dos demais reis, que sejam negros. "(...) Outros reis e rainhas podem ser até brancos, mas os reis congos devem ser negros" (Capitão João Lopes, apud MARTINS, 1997).

No Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, no bairro Concórdia, em Belo Horizonte (MG), o trono coroado inclui a representatividade de muitos santos: Rainha de São Benedito; Rei de Santo Antônio de Catigeró (um santo negro, escolhido pela Rainha Isabel para ser homenageado pela guarda, não sendo um santo comum na devoção tradicional dos reinados); Rainha de Santa Efigênia (cuja igreja em Ouro Preto foi fundada pela Irmandade de Chico Rei, reconhecido pela tradição dos reinados como fundador dessa tradição em Minas); Rainha de Nossa Senhora Aparecida; Rainha da Cruz, que representa a devoção à santa cruz; Rainha de Nossa Senhora da Guia, que representa a devoção a esta santa especificamente e ajuda na organização e manutenção do reino.

Os **reis festeiros**, que nem sempre estão presentes, podem mudar a cada ano e não são necessariamente pessoas pertencentes à comunidade. São um casal que recebe as coroas em virtude de devoção e/ou promessa feita aos santos de devoção, e costumam ser os responsáveis pelos custos da festa. Geralmente oferecem o almoço, muito embora, em alguns casos, a própria rainha conga se responsabilize por toda a oferta dos festejos. São conhecidos também como reis de ano ou reis de promessa e são respeitados e devotados nas celebrações como os demais reis do trono coroado (IPHAN, 2015).

Juízes ou juízas, por sua vez, quando presentes, são os/as oficiais do reinado e geralmente são indicados/as pelo/a organizador/a da festa. Sua função pode ser compor a estrutura do cortejo, segurando uma vara de madeira ornada com papel amarelo (juíza da vara de ouro) e branco (juíza da vara de prata). É possível que exerçam cargos na administração das associações, como cuidar de burocracias e documentações (IPHAN, 2015).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 192

As **bandeireiras ou alferes de bandeiras**, em geral presente em todos os grupos, vêm à frente de cada uma das guardas trazendo as insígnias de distinção que as identificam (IPHAN, 2015). No Moçambique do Tonho Pretinho em Itapecerica (MG), "a guia do moçambique" é a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Nesse moçambique existe também a função de meirinho, que é responsável por levar cachaça nas funções públicas do terno e distribuí-la quando necessário ou sob orientação do capitão (IPHAN, 2016). Alferes de bandeiras podem também ser responsáveis pela atenção aos movimentos da guarda nas ruas, sobretudo em locais com trânsito de carros e nos cortejos onde se concentram muitos grupos e há movimentação pública (IPHAN, 2016).

Em algumas irmandades existem os mordomos, que podem ser os responsáveis por receber e ornamentar as bandeiras que serão hasteadas nos mastros, por custear despesas e fornecer materiais, como os fogos da festa, e por organizar os espaços das sedes, por exemplo (IPHAN, 2015). Na Festa de São Benedito de Aparecida existem cargos de acompanhamento da côrte como capitão do mastro, tenente da coroa, juízes de vara e ramalhetes, anjos e damas, por exemplo (IPHAN, 2018).

É importante reiterar que todos esses cargos e suas respectivas funções têm imensa variabilidade nos diferentes territórios considerados. Além desses existem muitos outros; e não é raro que existam comunidades em que esses cargos e funções não sejam praticados, mas outros. O componente étnico-racial e cosmológico desses cargos e funções rituais também é bastante variável. Nesse sentido, como apresentado no Capítulo 1, são os Reinados em Minas Gerais que abrangem maior repertório filosófico relacionado às formas organizativas e suas expressões estéticas. Em outras regiões do Brasil, e até mesmo em outras regiões do estado de Minas, são outras referências míticas e rituais que dirigem as expressões dos grupos, algumas



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 193

vezes também com grande profundidade étnico-racial e cosmológica; noutras, nem tanto.[83]

Na Congada de São Benedito, em Mogi das Cruzes (SP), por exemplo, a hierarquia é estabelecida com rei congo, que "personifica o poder e a ancestralidade africana dos antigos Reis do Congo, lidera os demais membros do conjunto durante a sequência de caminhadas e paradas a serem realizadas no desfile" (SILVA, 2009), seguindo sempre à frente do cortejo ; rainha conga, que "representa a Princesa Isabel e a liberdade concedida aos escravizados negros" e "acompanha o rei congo à frente do séquito e assim como esse, usa uma coroa", sendo ela "quem leva a bandeira com a imagem do santo de devoção, no caso São Benedito, na qual está gravado o nome da agremiação" (SILVA, 2009); Capitão, que tem como principal função "manter a organização e a disciplina do batalhão". Ele "faz uso de um pequeno apito com o qual sinaliza os comandos à coreografia durante toda a apresentação"; Batalhão, que compõe o núcleo performático das guerras, formado por "dançarinos que executam os movimentos coreografados da apresentação" e que "realizam os chamados manejos, evoluções com diferentes graus de dificuldade nas quais usam bastões de madeira." (SILVA, 2009). Esses manejos "simbolizam as guerras tribais ocorridas entre povos africanos que faziam parte do antigo reino do Congo, e também a luta, no Brasil, do escravizado negro por liberdade"; Mestre, "responsável pelas letras e arranjos das músicas assim como pelo ritmo (xote, baião, bailado, valsa) das mesmas"; Contramestre, aquele que dirige a dança dramática; Músicos, que "executam o acompanhamento, com instrumentos de percussão, à música cantada pelo mestre" (SILVA, 2009).

[83] Sobre as consistências e densidades cosmológicas presentes nas expressões do Rosário em todo o Brasil, é importante destacar que, o que se pode saber, por acesso remoto, sobre as comunidades é o que está registrado na literatura, em vídeos documentários e redes sociais digitais acessíveis pela *internet*. E quanto a isso, como comentado no Capítulo 1, praticamente há registros em profundidade, ao menos no conjunto das referências bibliográficas, sobre os Reinados e candombes em Minas Gerais.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 194

Na tradicional Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário na cidade de Catalão (GO), os cargos estruturais são: o presidente da irmandade, o rei, a rainha, o príncipe e a princesa, o general, os capitães de terno, o padre, os dançadores, as bandeirinhas. Tais figuras possuem papéis específicos durante os vários momentos da congada, porque organizam e coordenam as comissões de trabalho para que a festa aconteça (presidente da Irmandade e festeiros); representam o reinado (o rei, a rainha, o príncipe e a princesa), cuja origem vem dos reis de Congo, país da África; realizam a celebração religiosa (o padre); assumem função de ordem e comando de todos os ternos (general) ou somente de um terno de congo (capitão); tocam e dançam para promover o ritmo da congada (dançadores); carregam bandeiras do terno ou a bandeira de Nossa Senhora do Rosário (bandeirinhas) (PRADO, 2003).



Rainha Conga Isabel Cassimira (em memória) e Rei Congo Reginaldo Casimiro. Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Bairro Concórdia, Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Rainha Conga dos Catopés do Serro, Rosiane Lourdes Silva e Rei Congo dos Catopés do Serro Nelson Eugenio da Silva. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2018. Autoria: Lori Figueiró (Acervo de Lori Figueiró)



Parte do trono coroado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ibirité (MG), 2014.
Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Juíza da Festa do Rosário conduzidos pelos Catopês, Festa do Rosário do Serro (MG), 2011. Autoria: Tiago Aguiar.
(Acervo de Tiago Aguiar)



Bandeireira levando a bandeira de São Benedito para ser abençoada na Igreja Matriz de São Sebastião (MG), 2022. Autoria: Bryan Felipe Alves Marques (Acervo do Departamento de Cultura de São Sebastião do Paraíso).



À esquerda, bandereira com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. À direita, bandereira com a imagem de Santa Efigênia. Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Ouro Preto (MG), 2021. Autoria: Ane Souz (Acervo da Prefeitura Municipal de Ouro Preto).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 198

4.2. Capitania[84]

O trono coroado é geralmente guiado e guardado pela capitania, que são os súditos da côrte, capitaneados por um(a) comandante, general, mestre(a), patrão, capitão(ã) (entre outros nomes dados aos maestros das funções rituais). Esses guardiães frequentemente são os dançantes, tocadores e cantadores dos cortejos, organizados em grupos diferenciados conforme a história oral que rege a tradição e que, como já foi mencionado, costuma apresentar versões que, dentre outros aspectos, variam em função do destaque do grupo que alcançou a retirada da santa (do mar, do rio, da gruta, da mata): podem ter sido candombes, moçambiques/massambiques, congos, catopês, marujos. Os ritos relativos a este aspecto principal seguem fundamentos rigorosos, praticados e cultivados por gerações (GOMES, 2014)

A capitania consiste, então, no corpo ritual que integra as guardas, ternos, bandas, cortes (no sentido de grupo ritual), batalhões, que zelam pela proteção da côrte (no sentido de reis, rainhas e acompanhantes da realeza), e se apresenta tocando, dançando, cantando — guardando e rezando ao modo da cultura afro-brasileira. Em alguns contextos,[85] pode ser dividida entre a) um núcleo de cortejo e coroação da realeza; e b) um núcleo dedicado à dramatização de negociações bélicas ou diplomáticas e batalhas interétnicas (cristãos contra mouros, africanos contra europeus, aldeias africanas entre si, entre outras confrontações que geralmente aludem a episódios ligados à colonização brasileira ou à difusão do cristianismo); as batalhas costumam ser encenadas através das embaixadas.[86]

---

[84] Essa organização cerimonial é presente na região central e centro-oeste mineira, com destaque para a região metropolitana de Belo Horizonte.

[85] Não é raro que em outras formações de capitanias essa divisão não exista e, no entanto, precisa ser considerada, uma vez que as representações de batalhas informam um componente específico do conjunto heterogêneo do bem cultural.

[86] Em Sete Lagoas (região Central-mineira), por exemplo, há registro na bibliografia de conhecimentos compartilhados entre congadeiros que informam sobre o combate dramatizado



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 199



Capitão Dante Isaías de Siqueira (em memória). Festa dos Padroeiros da Comunidade Quilombola Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2015. Autoria: Nian Pissolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais)

representando uma dança de guerra da "terra de Camundá", uma "defesa", "cortando vento mau a mau", e que também era uma dança que rememorava a "guerra do Paraguai", para qual muitos negros foram enviados, sob a promessa de ganharem alforria (GARONE, 2008).



Capitão Mestre Ivo Silvério da Rocha, da Guarda de Catopê de Milho Verde (MG). Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio em Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Capitã Pedrina de Lourdes Santos, do Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)



Capitão Antônio Eustáquio dos Santos. Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)



Capitão Ricardo Casimiro Gasparino da Guarda de Moçambique do Reino Treze de Maio. Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Bairro Concórdia, Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Guarda de Congo da Irmandade do Rosário Os Ciriacos. Contagem (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

.



Parte da capitania do Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)

A seguir serão apresentados alguns grupos específicos situados em seus contextos, com a intenção de refletir a variedade das expressões, seus sentidos e significações. Será iniciado pelo candombe, devido a sua prerrogativa ritual, do ponto de vista da hagiografia de Nossa Senhora do Rosário, fundamento cosmológico dos Reinados e dos demais contextos em que este grupo ritual é considerado. Como visto, apesar de estarem em menor número, os candombes são fundamentais.

4.3. Candombe

Concentrados nas regiões Metropolitana de Belo Horizonte, Central-Mineira e Centro-Oeste de MG, os grupos de candombe representam a origem da forma de expressão cultural dos Reinados, Congados e Congadas (MARTINS, 1988; GOMES; PEREIRA, 1988; SOARES, 2016). É o nome dado às pessoas devotas que cantam e tocam, ao conjunto de tambores sagrados e também ao ritual. Os tambores podem também ser chamados de tambus: o conjunto instrumental costuma ser três tambus, uma puíta (espécie de cuíca) e um guaiá (chocalho de cipó trançado sobre cabaça, contendo lágrimas-de-nossa-senhora ou outras sementes similares). Os tambus são entidades, e não é qualquer pessoa que pode tocá-los. São os tambores que comandam a dança, e é a eles que ela é dirigida (PEREIRA, 2005). Segundo as narrativas dos detentores, o ritual sagrado acontecia no interior das matas e senzalas no período escravista. Por isso, o candombe é considerado o elemento de conexão ancestral anterior à estruturação das irmandades negras (MORAIS, 2022).

Como informado, em 2014 foram encontrados ao todo apenas 20 candombes, distribuídos em duas mesorregiões de Minas Gerais: no Oeste de Minas, em Itaúna e em Oliveira; na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH): em Baldim, Contagem, Jaboticatubas, Jequitibá, Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves (Justinópolis); e na Central-mineira, em Sete Lagoas (IPHAN, 2014). Apesar do seu

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 204

pequeno número na contemporaneidade, a presença dos candombes está continuamente ressurgindo entre algumas comunidades. São exemplos o Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário (em Belo Horizonte, MG) e a Irmandade Nossa Senhora do Rosário "os Ciriacos" (em Contagem, MG), que retornaram com os tambores em meados dos anos 2000. Nessa última, fundada em maio de 1954, durante a celebração dos 60 anos dessa irmandade (2014) foi recebido um terno de tambores sagrados do candombe, presenteados pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis (IPHAN, 2015).

O município de Oliveira (MG) também vivenciou uma retomada mais recente. A Associação Casa dos Congadeiros Geraldo Conceição Bispo agrega dezoito ternos e guardas, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, cinco reinados e um candombe. Existe ainda o toque de candombe promovido pela Capitã Pedrina de Lourdes Santos, desde 2005, quando os tambores sagrados retornaram a partir de uma busca motivada pela ancestralidade, segundo a capitã. Os tambus haviam sido levados pelo capitão-mor do Estado de Minas Gerais para a Lagoa de Santo Antônio (Pedro Leopoldo, MG), em protesto porque em Oliveira, após a retomada da festa na década de 1950, os tambores teriam sido "silenciados", reprimidos pelos poderes locais (MORAIS, 2022).

Para parte das comunidades detentoras do bem cultural em Minas Gerais, onde prevalece a formação do Reinado, mesmo onde não há candombe, esse grupo ritual é considerado parte principal do fundamento dos ritos do Rosário. Os cantos do candombe são enigmáticos, construídos segundo uma linguagem que remete aos mistérios sagrados e que também faz uma crônica dos acontecimentos importantes para as historicidades das comunidades. A dança consiste em movimentos feitos pela pessoa que está conduzindo o canto naquele instante e não há formação especial dos acompanhantes para indicar uma coreografia coletiva. Por vezes, dois dançantes contracenam diante dos tambores, contudo, seus gestos são circunstanciais,



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 205

dependendo da criatividade do dançante e das evocações do canto. Os corpos, por sua vez, se agitam energicamente em direção ao chão e se elevam, alternadamente. Pode-se dizer, inclusive, que o candombeiro dança para os tambores, movendo-se em direção a eles, ora aproximando-se, ora recuando, e que o ritual é, nesse sentido, uma dança comandada pelos tambores e a eles dirigida.

Tradicionalmente, nas celebrações em honra aos santos, apenas uma formação de candombe é organizada (podendo contar com participantes de outros grupos candomberos, reunidos); diferente do que acontece em relação aos grupos de congos, marujos e moçambiques, que podem ser muitos atuando ao mesmo tempo durante uma celebração.

Em uma roda de candombe a formação se dá através da disposição dos instrumentos. Os tocadores também fazem o coro de resposta ao puxador posicionado diante dos tambus. Os integrantes não costumam utilizar indumentária específica para as suas cerimônias, vestindo-se de maneira informal.

Segundo descrições de 2013 sobre o candombe da Quinta do Sumidouro (Pedro Leopoldo, MG), seus instrumentos são compostos por dois guaiás (balainhos), uma porca (puíta ou roncador, dependendo da região), e quatro tambores de diferentes timbres, que são o Crivo, o Chama, o Santa Maria e o Santana (Iphan, 2013). Entre as guardas, a precedência do candombe é evidente, sendo que nas festas pode haver diversas guardas de congo, porém apenas um candombe. Ele é responsável pela abertura e pelo fechamento de qualquer ciclo ritualístico. Sua origem é remetida ao século XIX, e é o mais antigo na região (IPHAN, 2013). Há, ainda, a particularidade de que o candombe dessa região participa dos cortejos, não se limitando a tocar em lugar fixo, o que não é comum.

Na maior parte das comunidades candombeiras, o grupo se apresenta fixo, concentrado em um mesmo ambiente ao longo de todo o encontro. Nesses contextos, de acordo com as palavras de Diquinho, de Sete Lagoas, registradas em 2008, “o

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 206

candombe não é andálgico", é sempre "mais recolhido", raramente apresentando-se em via pública (GARONE, 2008).

No município de Jaboticatubas (RMBH), por sua vez, existem quatro grupos de candombe: um deles localizado na comunidade Alto João da Costa (Jaboticatubas) que, no mês de setembro, realiza a festa de Nossa Senhora do Rosário. O festejo é organizado pelos membros do Candombe de Nossa Senhora do Rosário da comunidade e por moradores. No povoado não há guardas de congadeiros, entretanto, algumas guardas da cidade de Lagoa Santa vão à festa devido aos laços de parentesco com os membros do candombe (IPHAN, 2013).

Em Contagem (RMBH), na comunidade dos Arturos, o candombe é realizado desde 1885, e tocado nas festas de casamento, aniversários e batizados da comunidade. Já em Ribeirão das Neves (RMBH), o candombe é realizado desde 1889, pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis. Nas reuniões dessa irmandade os irmãos do Rosário tomam a benção aos tambores sagrados do candombe (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 207



Tambus do Candombe de Nossa Senhora do Rosário da Estiva (comunidade rural de Sete Lagoas). Festa da Guarda Nossa Senhora da Conceição Estrela do Mar. Sete Lagoas (MG), 2011. Autoria: Cláudio Machado. (Acervo de Cláudio Machado)



Afinação dos Tambus do Candombe. Santana, Requinta e Chama são os nomes dos tambores. Comunidade Quilombola Mato do Tição. Jaboticatubas (MG), 2015. Autoria: Nian Passolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Candombe da Comunidade Quilombola Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), com a participação de candombeiros amigos de outras comunidades 2015. Autoria: Nian Pissolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Candombe da Comunidade Quilombola do Açude. Casa de Dona Lena, Jaboticatubas (MG), 2016. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

4.4. Moçambique /Massambique

Onde prevalece como referencial organizativo a cosmologia fundamentada na hagiografia da Santa Mangangá (Nossa Senhora do Rosário), os moçambiques ou massambiques são reconhecidos como conjunto dos grandes sábios, representantes dos *ngangas*, "tatas" (antepassados), ou dos pretos velhos (entidades espirituais identificadas à umbanda), que guiam, puxam, conduzem as coroas. Como descrito no Capítulo 2, nas regiões Centro-Oeste de Minas, Central-mineira e Metropolitana de Belo Horizonte (MG) há comunidades que preservam o conhecimento de que os moçambiques são os detentores das massambas ("dança sagrada que vem de angola", rezas e magias), e por isso em algumas localidades são chamados de massambiques (MADEIRA; ODIER, 2023). Nesses contextos, é comum haver o conhecimento de que o grupo é uma versão dos candombes, que se tornaram moçambiques para viabilizar a condução de Nossa Senhora do Rosário, apenas alcançada se feita sempre de frente para a santa, "mirando o sagrado sem se voltar de costas". Como os tambus (tambores de troncos ocados) do candombe são pesados e pouco dinâmicos, os pretos velhos, sábios tatas, teriam os transformado, magicamente, nas caixas dos moçambiques, facilitando a mobilidade. Desse ponto de vista, quando não há candombe, moçambiques cumprem a astúcia de carregar a santa.

Os saberes do capitão ou da capitã de moçambique costumam se concentrar na orientação quanto ao modo de proceder nos determinados momentos cerimoniais e ambientes rituais: como e quando saudar uma bandeira, qual cantiga deve ser executada em que momento, como se proteger espiritualmente na lida do dia a dia e durante a celebração, por exemplo. Os(as) capitães(ãs) costumam portar bastões, artefatos imbuídos de agenciamentos poderosos, com os quais sabem "embaixar" ou firmar versos ou toadas. O(a) capitão(ã) moçambiqueiro(a) costuma ser o(a) "senhor(a) da coroa santa" que, com seus bastões sagrados, conduz o reinado. Nesse



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 210

sentido, a atuação do Capitão Tonho Pretinho, do Moçambique do Tonho Pretinho em Itapecerica (MG), é emblemática. Para além das tomadas de decisão, é o responsável pela sustentação espiritual da guarda, de todos seus dançadores, assim como dos reinados que seu moçambique salvaguarda (IPHAN, 2016).[87]

Como mestres das cantigas de segredo (algumas cantadas em línguas de origem banto ou resiliências destas), frequentemente cantam a memória da África e dos seus ancestrais. Como estão no lugar dos mais velhos, costumam se apresentar caminhando devagar. Costumam usar gungas nos pés (pequenas latas com sementes dentro, sementes de caeté, como no Reino Treze de Maio, em Belo Horizonte, mas podem também ser pedacinhos de chumbo em outros grupos, sustentadas por correias de couro e que são amarradas nos tornozelos), que ampliam a duração e o peso dos movimentos. Segundo alguns moçambiqueiros, as gungas representam as correntes que prendiam os escravizados, nas quais eram colocados guizos para descobrir negros em fuga; ou ainda, em outra interpretação, podem ser as mãos de Nossa Senhora nos tornozelos dos dançantes, conduzindo seu caminhar e dançar para ela (IPHAN, 2015). Outro instrumento marcante do grupo é o patangome (similar à união de duas bateias de garimpagem, formando um recipiente circular, contendo sementes que chocalham). Em alguns contextos, executam danças, como estrela-da-guia, raio-de-sol, escada-do-mestre, túnel, roda de quatro, pontal-do-bastão e outras (IPHAN, 2015).

Em Goiânia (GO), os ternos de moçambique, congo e catupé marinheiro da Vila João Vaz diferenciam suas funções rituais e compleições performáticas, fazendo distinção quanto à responsabilidade com a "parte sagrada da festa": o moçambique

[87] Quanto à sugestão de que o nome do grupo indique ligação com o país Moçambique, não é possível determinar e, para alguns estudiosos, trata-se de algo pouco provável, porque, no final do século XIX, estes nomes não eram diretamente ligados a etnias africanas. Naquele tempo, congos, moçambiques e outros nomes haviam se tornado designações rituais de nações nas festas do Rosário em Minas Gerais, lembranças de um passado africano e também do passado heterogêneo de uma comunidade unida (KIDDY, 2005 apud VAN DER POEL, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 211

é tido como guardião das coroas, concentrado nas cantigas religiosas; e o congo também é responsabilizado pela religião do louvor aos santos com os toques dos tambores e pela abertura do rito para os demais ternos; os catupés e marinheiros cumprem a função sagrada de produzir a alegria:

> Bom, eu vou começar pelos ternos de louvor da santa. Deles o moçambique é o principal. O terno de moçambique tem a função de puxar a coroa de Nossa Senhora do Rosário. Sem esse terno não tem Congada. Meu pai dizia que é o mais importante. Esse terno só canta cantiga religiosa louvando a santa. Ele guarda a coroa. O outro terno de louvor é o congo. O Congo tem a função de bater os tambores e cultuar Nossa Senhora. Geralmente as músicas do congo são mais religiosas. Então ele puxa os outros Ternos, porque tem mais tambores. O congo é aquele que tem 50 tambores. Agora têm os ternos de enfeite da festa. Aqueles que dão alegria; tipo o Terno de Catupé Marinheiro. Nós cantamos (essa é a fala do capitão do grupo de Catupé Marinheiro) religiosamente porque a Congada adotou a Igreja Católica com os santos como São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia como protetores. Só que o terno de catupé marinheiro tem a função de dar alegria para festa, por isso esse terno também canta músicas que não falam diretamente da santa. E a dança tem mais embaixada (coreografia). A gente deita no chão, dança, pula. Marinheiro é o enfeite da festa e com esse grupo vem o terno das bandeirinhas que têm a função de carregar a bandeira da santa. Elas dançam e cantam o que o terno de catupé marinheiro cantar. Então esse grupo também dá alegria à festa. Mas isso a gente faz só na rua. Dentro da igreja a gente só canta, porque pode parecer desrespeito para o padre e a santa. Para nós tudo é sagrado. Nossa alegria vem disso. Tem gente do grupo que fica o ano todo juntando dinheiro para comprar as coisas da festa. Para nós é assim. Temos orgulho dos nossos antepassados africanos. (Entrevista de A.A.L., 23 anos de Congada, cedida a SIMONI, 2015.)



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 212



Moçambique na porta da capela. Festa do Moçambique São Sebastião do Reino de Nossa Senhora. Sete Lagoas (MG), julho de 2009. Autoria: Claudio Machado. (Acervo de Cláudio Machado)



Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 213



Moçambique de São Benedito da Comunidade Quilombola Carrapatos de Tabatinga, de Bom Despacho (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Moçambique da Comunidade Quilombola dos Arturos, de Contagem (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)



Moçambique São Benedito, Cunha (SP), 2016. (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.)



Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de São Benedito. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 215



Crianças e jovens no Moçambique na Congada de Catalão (GO), 2022. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Guarda de Moçambique Nossa Senhora da Conceição. Festa de Nossa Senhora do Rosário. Beco do Repolho, Sete Lagoas (MG), 2022. Autoria: Renata Ataíde. (Acervo de Renata Ataíde)

4.5. Congo

O **congo**, em geral, nos cortejos segue à frente abrindo e exercendo uma função cerimonial de seguir "limpando energeticamente" os caminhos (SOARES, 2016). É comum que o(a) mestre(a) ou capitão(ã) traga nas mãos uma espada ou um tamboril (também conhecido como tamborim). O(a) mestre(a)/capitão(ã) e também o(a) contramestre costumam ser as maiores autoridades dentro desse grupo, ritual e espiritualmente. Os dançantes se postam em duas fileiras e seguem em movimentos rápidos e enérgicos, saltitantes. Sua dança costuma ser marcada pela ginga e cruzamento de pernas e pés. Na cabeça costumam levar capacetes enfeitados com flores, espelhos e fitas coloridas. Geralmente, o congo abre caminho para o moçambique e a coroa (ou "trono coroado"). Não é raro que na narrativa da aparição de Nossa Senhora do Rosário, esse grupo assuma o papel dos mais jovens e ansiosos, que vão e voltam, apressando o moçambique para receber Nossa Senhora. Há narrativas que informam sobre as cores das roupas e as fitas multicolores representarem as flores com que enfeitaram o caminho para Nossa Senhora passar (Iphan, 2015).

Em Niquelândia (GO), a Festa de Santa Efigênia (IPHAN, 2008) é realizada por um único grupo de congos. A congada "trabalha" para a Santa Efigênia e para Nossa Senhora do Carmo, cantando e dançando em duas filas paralelas, na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros. Na frente do grupo caminham ou se postam o caixeiro e o tocador do bumbo, responsáveis pela marcação do ritmo. Nos cortejos para condução do capitão do mastro, na cerimônia de levantamento, e para condução do reinado para as missas e da igreja para o almoço dos festeiros, vão sempre à frente do grupo. Na entrega dos festeiros na igreja e nas danças na saída da igreja, tocam de frente para o grupo e não tomam parte na dança. A vestimenta dos congos de Niquelândia é composta por calça e camisa de manga comprida branca e gravata.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 217

Usam sobre a calça uma saia vermelha até a altura dos joelhos, da qual pendem retalhos coloridos (IPHAN, 2008).

Na dianteira do congo de Niquelândia, fora das filas paralelas, portam-se os caixeiros e os tocadores de bumbo. Este último instrumento, por ser de maior volume, só é tocado em certas horas do festejo, como no cortejo do capitão, no levantamento do mastro, na capina do largo da igreja e em outros momentos cruciais. À frente de uma das filas encontra-se o guia, que toca o tamborinho, e responsabiliza-se por puxar os cantos. À frente da fila esquerda encontra-se o cuiquero. O contra-guia, que toca viola e dança no meio das duas filas, a depender da coreografia, incorpora-se a uma delas. Logo após essa formação, seguem os tocadores de reco-reco (canjá) e de pandeiro. Todos cantam e dançam. Sobre a presença de elementos de matriz indígena, destacam-se os instrumentos canjás (reco-recos) de buriti, penachos de ema e as coreografias circulares de alguns ternos. Todos são elementos notados entre os avá-canoeiros (PEDROSO, 1994). Essa presença é também informada pela tradição oral, que reforça a influência indígena na formação desse bem cultural na região. Faz-se ainda referência ao terno "cabo verde", ali também referenciado como "tapuio" (VIANA, 2011), termo largamente utilizado em outras tradições do Brasil em referência aos indígenas. Como se trata de um componente singular, é importante destacar que ao longo do século XIX existiam, na região, presídios que sediaram soldados encarregados de estabelecer contato com os povos originários para atacar, atrair e catequizar, buscando também a facilitação do comércio fluvial e da exploração de terras. Um dos presídios, o de Nova Belém, também era conhecido como Xambá (BERTRAN, 1998).

Ainda em Goiás, no município de Catalão, o sistema rigidamente hierarquizado do terno de congos tem seu comando entregue a um capitão e, sob suas ordens, existem suplentes que podem eventualmente substituí-lo durante os ensaios ou as saídas do terno. É comum haver um segundo e, em certos casos, um

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 218

terceiro e até mesmo um quarto capitão, também chamados de “capitães-suplentes”. O grosso da tropa de um terno é formado de soldados, mais conhecidos entre si mesmos como brincadores. Entre os soldados há uma hierarquia menos definida (BRANDÃO, 2004, apud SILVA, 2016).

Em Ilhabela (SP), existe um único congo que realiza toda a Festa de São Benedito. O grupo é dividido em dois conjuntos rituais: o primeiro é formado pelos Congos de Cima, que representam os Fidalgos ou Vassalos, considerados cristãos, submissos ao Rei. O segundo grupo, são os Congos de Baixo ou Congos do Embaixador que são os chamados “pagãos”, por serem mouros. As vestimentas dos congueiros são separadas por cores, de acordo com o enredo da dramatização: a parte dos congueiros ligada ao rei do Congo veste azul, enquanto a parte ligada ao embaixador veste vermelho. A rainha geralmente veste rosa, além do rei e rainha portarem uma coroa. Também faz parte da indumentária dos grupos o porte de uma espada (IPHAN, 2018).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 219



Terno de Congo Congregação do Rosário. Congadas de Catalão (GO), 2002.
Autoria: Fernando Cândido (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).



Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Guia. Congadas de Catalão (GO), 2002.
Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Guarda de Congo da Irmandade dos Ciriacos em louvação a Nossa Senhora do Rosário. Festa da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciriacos. Contagem (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Guarda de Congo Dança de Landra em cortejo na comunidade Alto Maranhão. Ao centro, capitão Geraldo Evaristo. Congonhas (MG), 2018. Autoria: Maria da Paz. (Acervo de Maria da Paz)



Guarda de Congo celebra o "Rosário" na comunidade Alto Maranhão. Congonhas (MG), 2018. Autoria: Maria da Paz. (Acervo de Maria da Paz)



Terno de Congo São Francisco. Congadas de Catalão (GO), 2022. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 222

4.6. Marujada

Na **marujada**, geralmente os componentes são conhecidos como marujos ou marujeiros. Em alguns contextos, a tradição informa que os componentes têm a função de relembrar a vinda dos africanos nos navios negreiros para o Brasil. Grupos de marujos também aparecem associados a congos, por exemplo entre os grupos Guarda de Marujos de Jequitibá (MG) e Banda de Congo de Lafaiete (MG). Também costumam usar espadas (IPHAN, 2015). De acordo com Van Der Poel (2013), em Portugal os marujos fazem parte da antiga festa do Divino Espírito Santo, no Porto e no arquipélago dos Açores. Na cultura lusa, os marujos são os cristãos portugueses que se opõem aos mouros. Eram devotos de Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora do Rosário. No Nordeste brasileiro, os marinheiros exercem um papel central nos tradicionais folguedos de chegança dos marujos. Há marujada em Natal (RN), Cruzeiro do Sul (AC), Parnaíba (PI), Campo Maior (PI), Aracati (CE) e Camocim (CE). No Vale do Paraíba (SP), marujada também é sinônimo de chegança. No Piauí, a marujada canta a história de um barco perdido no mar e salvo por Nossa Senhora. A bicentenária Marujada de São Benedito de Bragança (PA), é composta de mulheres sob a direção de uma capitã, e só os instrumentistas são homens. Em Bragança, a música preferida da marujada é o retumbão, especialmente na festa de São Benedito (VAN DER POEL, 2013). Segundo a tradição da marujada de Serro (MG), a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu milagrosamente no mar, e só os catopês conseguiram tirá-la das águas.

Ainda em Minas Gerais, na região do Alto Jequitinhonha, a marujada é muito presente. Na localidade de Milho Verde (distrito do Serro), a vestimenta dos chamados "gajeiros" (maioria dos componentes) é composta por blusas de mangas compridas, enfeitadas com fitas e rendas de várias cores, calças brancas, bonés (antigamente de papelão) com espelhos e fitas. O "patrão" responsável pela orientação e pelas marchas é fardado com blusa verde ou azul e calça branca e bengala. (PREFEITURA



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 223

MUNICIPAL DO SERRO, 2016). Já na cidade do Serro, os marujos usam calças brancas compridas, camisas de manga longa branca, gorros, golas e punhos azuis. Os instrumentos são: viola, violões, cavaquinhos, bandolins, banjos, xique-xiques, pandeiros, caixas de couro e flauta. Os chefes usam espadas e têm uniformes diferentes dos demais com capacetes, dragonas e medalhas. Até a década de 1960, a marujada do Serro era composta por homens negros. Contemporaneamente, além de pessoas brancas, também participam mulheres, em uma guarda feminina (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Em Montes Claros (MG), a marujada do Bairro Morrinhos presta devoção ao Divino Espírito Santo, e surgiu por volta do ano de 2002. Já a marujada do Bairro Renascença, que compartilha da devoção ao Divino, é a mais antiga da cidade, datada de 1902. O grupo se divide em dois, sendo que metade se veste de vermelho e a outra metade de azul, com chapéu branco enfeitado com as mesmas cores da roupa. Sua formação inclui os marujos simples, um patrão, um contramestre, um piloto e os guardas (IPHAN, 2014).

Em Congonhas do Norte, existem duas marujadas, uma na sede e outra na localidade de Santa Cruz dos Alves. São consideradas praticantes de uma mesma tradição e ajudam-se mutuamente nos respectivos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Seu fardamento é composto por um paletó e calça brancos, enfeitados com fitas bordadas; no peito trazem uma faixa transversal com a inscrição Nossa Senhora do Rosário (uma fileira usa faixa azul, outra, faixa rosa, as cores do manto de Nossa Senhora). Na cabeça ostentam um chapéu cônico, cuja armação feita de bambu é revestida de pano branco e todo enfeitado com flores artificiais, espelhos e fuxicos coloridos, além de fitas multicolores que pendem até o meio das costas (MENDES, 2023).[88] O patrão, o contramestre e o contrapiloto usam um capacete

[88] Contribuição de Maurílio de Jesus Mendes, por comunicação pessoal no processo de recepção de sugestões de detentores e pesquisadores. O detentor pesquisador é participante da Guarda Dança de Langa Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Alto Maranhão, município de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 224

diferenciado que não é cônico e não possui fitas pendentes. A bandeireira, empunhando uma grande bandeira de Nossa Senhora do Rosário, segue à frente do cortejo, secundada pelo juizado, constituído por um grupo de pessoas, geralmente jovens e adolescentes, que acompanham o cortejo para que os marujos não caminhem sozinhos pelas ruas da cidade. A festa é iniciada na noite de sexta-feira, quando ocorre o levantamento da bandeira. No sábado, desde a manhã até tarde da noite, fazem várias visitas. Vão às casas de pessoas que solicitam sua presença; visitam algum marujo impossibilitado de participar da festa por motivo de saúde; vão ao cemitério reverenciar antepassados falecidos, principalmente marujos. Também buscam, pela manhã, o reinado do ano, em suas respectivas casas e, à tarde, o entregam. No domingo, buscam, da mesma forma, o reinado novo e o velho para a missa e à tarde ocorre a transferência das coroas dos reis velhos para os novos. À frente e no meio das duas fileiras de marujos segue o patrão. Com sua espada, comanda o cortejo, ditando palavras de ordem, declamando embaixadas e tirando os versos cantados que são repetidos em coro de várias vozes pelos marujos. Auxiliam o patrão, o contramestre e o contrapiloto. Uma característica desta marujada é a presença de duas violas, cada uma encabeçando uma das duas fileiras. Em cada fileira há, também, um caixeiro. São caixas pequenas, com uma percussão baixa, que são acompanhadas por vários pandeiros. As caixas são afinadas na altura das violas, para que o som destas não seja suprimido pelo daquelas.

Esta formação, baseada na presença das violas, pode ser observada numa das mais antigas localidades de Minas Gerais, Quinta do Sumidouro, atualmente pertencente ao município de Pedro Leopoldo, onde a guarda denominada Guarda de Congo Chico Rei apresenta-se com as tradicionais violas de bigode, porém com uma percussão mais alta, que inclui caixas e tamborins, o que suprime o som das violas.

Congonhas/MG. Paralelamente realiza pesquisas sobre reinados e congados(as) em Minas Gerais, visitando festas do Rosário em algumas cidades e fazendo registros audiovisuais, objetivando conhecer melhor esta vasta e rica manifestação religiosa e cultural (texto do autor).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 225

Formação semelhante pode ser encontrada, também, em Mocambeiro, município de Matozinhos, e em guardas de Sete Lagoas e de Prudente de Morais, nas quais o capitão tira os versos e o coro responde em várias vozes.

Já as marujadas de Montes Claros, uma delas outrora comandada pelo saudoso mestre Toni Cachoeira e a outra tendo à sua frente Mestre Tim, destacam-se pela presença de instrumentos de corda em maior quantidade e por adufes (pandeiros artesanais) e sem o uso de caixas.

Bem distante do Norte mineiro, a guarda Dança de Langa Nossa Senhora do Rosário, do Distrito de Alto Maranhão, atualmente pertencente à cidade de Congonhas, e a guarda de marujos de Passagem de Queluz, outrora chamada Passagem do Ouro Branco, atualmente estabelecida na localidade de Rancho Novo, município de Conselheiro Lafaiete, assemelham-se muito às marujadas aqui citadas. Em uma região dominada pelas guardas de congo, que abrange vários municípios, desde Barbacena até Congonhas, estas duas guardas centenárias diferenciam-se das demais. Ao contrário do congo, mais percussivo devido ao número maior de caixas, a guarda de Alto Maranhão apresenta-se com duas violas na guia, uma encabeçando cada fileira e até três ou quatro caixas afinadas na altura das violas, acompanhadas principalmente por adufes e pandeiros (MENDES, 2023). O corpo das caixas é feito de troncos de árvores, principalmente cedro, os arcos são de cipó rabo de bugi e o couro é caprino. Os adufes também são artesanais, confeccionados em madeira e usando couro caprino e tampas metálicas de garrafa como platinelas. Seu fardamento compõe-se de roupa branca (calça e camisa de manga comprida) enfeitada com fitas vermelhas e, na cabeça, um belo adereço em forma de gorro feito de tecido branco, enrijecido com entretela e todo enfeitado com fitas coloridas, algumas em forma de laço e outras pendendo nas costas; na frente do capacete é fixado com linha um espelho encimado por uma palma artificial branca. A antiga guarda de Passagem de Queluz apresenta-se com duas violas e um número maior de caixas, uma

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 226

característica do congo. Sua farda branca ostenta um belo saiote enfeitado com fitas (uma fileira usa saiote vermelho e a outra, saiote azul) e um quepe branco com fitas coloridas pendendo nas costas, este em substituição a um antigo adereço, também em forma de gorro, que era feito de tecido, todo enfeitado de fitas e que combinava com o saiote. Em Alto Maranhão o início dos festejos é marcado pelo levantamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, no sábado à noite. No domingo, pela manhã, a guarda do lugar e guardas convidadas da região fazem o cortejo para buscar o reinado do ano. À tarde, após a missa, procissão e coroação dos reis novos; ocorre o descimento do mastro, finalizando os festejos (MENDES, 2023).



Marujada do Serro. Festa do Rosário do Serro (MG), 2007. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 227



Marujada de Milho Verde e caboclos do Serro. Festa do Rosário do Serro (MG), 2007.
Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Guarda de Marujos durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Congonhas (MG), 2014.
Autoria: Sandoval Filho. (Acervo de Sandoval Filho)



Marujos durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Congonhas (MG), 2014. Autoria: Sandoval Filho. (Acervo de Sandoval Filho)



Marujada da Comunidade Quilombola Ascaxar. Dom Joaquim (MG), 2017.
Autoria: Bruno Vasconcelos (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 229



Terno do Marinheiro de Nossa Senhora das Mercês.
Festa do Rosário na Boa Viagem, Itapecerica (MG), 2019. Autoria: Jad Vilela. (Acervo de Jad Vilela)

4.7. Catopés/catopês/catupés

Os **catopés/catopês/catupés**, cuja nomenclatura varia conforme a localidade, em geral têm por função alegrar o ambiente com sua música e dança. Alguns grupos tocam o ganzuá ou ganzá, um instrumento feito de bambu que é apoiado na altura da cintura, indo até um pouco acima do ombro, sendo o seu topo enfeitado com fitas e flores, e tocado como um reco-reco (SOARES, 2016). Nas localidades onde protagonizam a festa, organizam e conduzem o trono coroado: buscam príncipes, princesas, reis e rainhas e formam o cortejo que, em seguida, sai pelas ruas. Com frequência usam capacetes enfeitados com espelhos, fitas coloridas e penas.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 230

No Serro (MG), os catopês constituem um grupo formado majoritariamente por homens negros e, segundo a tradição, foram eles que buscaram Nossa Senhora do Rosário nas águas, apesar dos marujos e dos caboclos (penachos, caboclinhos) terem tentado retirá-la anteriormente. Devido à predileção da santa, ela tornou-se protetora dos negros, o que reforça a identidade negra da Festa do Rosário na cidade. Por isso, durante os momentos festivos, os catopês são responsáveis por retirar o reinado do trono. Várias músicas da tradição oral são entoadas cada vez que homenageiam a santa e os reis festeiros (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016). Durante a festa, os catopês usam capacetes com penas de ema, capas de chitão de várias cores e bijuterias. Neste contexto, entre os catopês estão os tocadores de flautas e caixas, que compõem o grupo conhecido como caixa de assovios (MAGALHÃES, 2009).

O fardamento do Catopê de Milho Verde (distrito do Serro) varia de acordo com o papel desempenhado pelos membros no grupo. A maior parte deles está disposta em duas alas que se estendem numa fila em linha reta, e suas fardas são compostas por saiotes, anáguas por debaixo dos saiotes, capacetes de penas e espelhos, lenços para cabeça (usados por baixo dos capacetes) e lenços de bolso amarrados nas costas. O "patrão", cujo papel é orientar o grupo e puxar os cantos, usa o seguinte fardamento: pijama vermelho (calça com elástico), blusa vermelha, enfeites de fitas coloridas, capacete de penas e espelhos, e bengala. O "contramestre", que auxilia diretamente o patrão percorrendo entre as alas, podendo inclusive assumir suas funções, utiliza: pijama verde (calça com elástico) e blusa verde, enfeites de fitas coloridas, capacete de penas e espelhos, e bengala. Já o "carunjijia" atua no chamado "coice", ou fim das alas, utilizando as seguintes vestimentas: pijama amarelo (calça com elástico) e blusa amarela, capacete de penas e espelhos e bengala. Cabe também ao "carunjijia" carregar algum tipo de medicamento, geralmente algum composto de raízes, para emergência. Antigamente, utilizava para isso o chamado

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 231

“caborge”, uma espécie de bolsinha onde também eram carregados cachimbos, fumo etc. Finalmente, quanto aos instrumentos, é importante frisar que eles são praticamente todos construídos pelos participantes, utilizando materiais como bambu, troncos de árvores, couros de boi e tampinhas metálicas de garrafas. São eles: caixas (espécie de pequenos tambores), tamborins (com formato quadrado), pandeiros, xiquexiques e cubas (reco-recos de bambu).



Guarda de Catopê de Milho Verde (MG), Mestre Ivo Silvério da Rocha. Festa de Nossa Senhora do Rosário em Curralinho (MG), 2003. Autoria: Ricardo dos Santos Gonçalves. (Acervo de Ricardo dos Santos Gonçalves)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 232



Terno de Catupé Cacunda São Benedito em Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Catopê da cidade de Fortuna de Minas (MG). Festa do Moçambique Nossa Senhora da Conceição. Sete Lagoas (MG), outubro de 2009. Autoria: Cláudio Machado. (Acervo de Cláudio Machado)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 233



Terno de Catopés do Divino Espírito Santo, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)



Terno de Catopés do Divino Espírito Santo, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto (Acervo de Jô Pinto)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 234



Terno de Catopés do Divino Espírito Santo, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto (Acervo de Jô Pinto)



Terno de Catopés Nossa Senhora do Rosário, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 235



Terno de Catopés Nossa Senhora do Rosário, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)



Terno de Catopés Nossa Senhora do Rosário, de Bocaiúva (MG). 34º Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha (Festivale). Felício dos Santos (MG), 2017. Autoria: Jô Pinto. (Acervo de Jô Pinto)

4.8. Tamborzeiros

Os **tamborzeiros** se concentram na mesorregião do Jequitinhonha, em Minas Gerais (Iphan, 2014). De acordo com alguns pesquisadores dedicados ao tema, dentre eles o mestre em musicologia, músico e pesquisador Daniel de Lima Magalhães, em que pese a distância espacial geográfica, há grande semelhança entre os tamborzeiros dessa mesorregião e os candombeiros da região central e oeste mineira. Em geral, os grupos de tamborzeiros são formados por um número restrito de homens, entre cinco e dez, que batem os tambores de três tamanhos diferentes, formados por pedaços de troncos ocos, cobertos em uma das aberturas por couro esticado de animal. Em Chapada do Norte (MG), os tamborzeiros do município apresentam-se

apenas na Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, realizada no mês de outubro. Os tamborzeiros cumprem um papel central na festa, sendo responsáveis por conduzir a maior parte dos cortejos. Durante essa celebração, participam de praticamente todos os eventos em que há algum tipo de cortejo ou acompanhamento, ocupando neles um lugar de destaque. Eles são os principais agentes rituais e, para entrar no grupo, é preciso "saber brincar o tambor", o que inclui a responsabilidade pela sustentação da dimensão do sagrado (PORTO, 1997). Como os outros grupos, possui divisões e hierarquias internas divididas em: capitão do tambor, os tamborzeiros experientes iniciados nos segredos do tambor e os demais participantes. O capitão do tambor lidera o grupo, conduz o repertório, as toadas, e os destinos e ritmos dos deslocamentos durante o cortejo. As músicas tocadas durante os cortejos são cantigas tradicionais populares ou canções improvisadas na hora. Sua posição, nos cortejos, é à frente dos reis, indicando sua função de guia, condutor da consagração. Esse traço pode ser interpretado antropologicamente como interessante também do ponto de vista de uma inversão da subalternização cotidiana gerada pela opressão histórica imprimida à população desde o regime oficial de escravidão (PORTO, 1997). No "Reinado de Segunda-feira", após a posse dos reis novos, os tamborzeiros mudam o ritmo em relação às saídas anteriores, tocando de maneira lenta, imprimindo uma cadência mais vagarosa ao cortejo. Um gesto particular da tradição performática desse grupo é dançar com um litro de cachaça equilibrado na cabeça, o que impressiona a quem assiste, configurando um efeito mágico extraordinário.

O tambor exerce uma expressão explicitamente africana dentro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (PORTO, 1997) e simboliza a resistência negra frente à colonização e a catequização do povo, demonstrando a força e a centralidade da tradição afro-brasileira na celebração. Os tambores da Festa do Rosário de Chapada do Norte são exclusivos desta celebração, não podendo ser usados para outras finalidades e outros festejos. Após a descida do mastro eles são



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 237

guardados, só podendo ser usados no dia da eleição dos novos festeiros no ano seguinte (PORTO, 1997).



Tamborzeiros do Rosário e Grupo de Tambor Rei Tiago de Minas Novas (MG).
Festa do Rosário de Minas Novas, 2007. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 238



Tamborzeiros do Rosário de Minas Novas (MG). Festa do Rosário de Minas Novas, 2009. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Tamborzeiros de Virgem da Lapa (MG), 2011. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Tamborzeiros de Chapada do Norte (MG), 2011. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Tamborzeiros de Francisco Badaró (MG). II Encontro de Tamborzeiros do Vale do Jequitinhonha, 2011. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Tamborzeiros do Rosário de Minas Novas (MG) buscando a imagem de Nossa Senhora no Rio Fanado, na 'buscada da santa'. Festa do Rosário de Minas Novas, 2011. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Tamborzeiros de Francisco Badaró. Festa do Rosário de Francisco Badaró, 2016. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 241



Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lorí Figueiró)

4.9. Caboclos, caboclinhos, penachos, caboclada

Os caboclinhos, penachos e caboclos, de maneira geral, representam os povos indígenas no contexto dos entrecruzamentos cosmológicos que engendraram a devoção ao Rosário. Em muitos casos, usam blusas e calções de cores variadas, capacetes e saiotes e enfeitam-se com pulseiras, cabeleiras, fitas, brincos, colares e outros adornos indígenas, muitas vezes usando maquiagem. Costumam tocar caixas de madeira e couro. Também se apresentam com arcos e flechas de madeira. No Serro (MG) são quatro chefes que comandam o grupo: caboclo mestre, pantalão, Zé de Freitas e doutor. Também possuem outros personagens, como o papai avô e a mamãe vovó, representando os caboclos mais velhos. Para os mais novos, existe o caciquinho (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

São vários os momentos de canto e representação durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG): a "reginda", a "embaixada", a "luta contra os marujos". No "momento do mastro", dançam o "trançar fitas e tranças de lenços ou cipó". São obrigados a cantar seus cânticos na procissão e no desfile, momento em que caminham em filas com o "pau de fitas" à frente e os comandantes no meio. Passando de geração em geração, as músicas cantadas pelos caboclos representam a devoção à Nossa Senhora do Rosário. Entre os caboclos velhos e os mais novos, o grupo é composto por mais de duzentos integrantes. Eles ensaiam uma vez antes da festa, mas realizam apresentações ao longo do ano em celebrações realizadas em distritos e cidades próximas (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Na comunidade de São Romão (Vale do Rio São Francisco, MG), onde há registros da manifestação entre o final do século XVIII e início do XIX, o caboclo é definido como um grupo que entoa cantos e executa danças e coreografias e faz referência às populações indígenas. Composto por aproximadamente 22 pessoas, todos homens de distintas faixas etárias, o grupo já trajou diferentes peças e ornamentos corporais. Há relatos que, durante muitos anos, usavam saiotes



confeccionados com palha de buriti, tendo o corpo pintado de vermelho com urucum. Na cabeça, ostentam cocares de papelão ornados com papel de seda e penas de pavão. As duas lideranças, o chefe e o capitão, usam pulseiras de penas nos braços e pernas, bem como lanças, enquanto os demais caboclos, arcos e flechas (BENITES, 2010). Neste contexto, enquanto os congados pertencem à Festa do Rosário, os caboclos estão ligados à Festa do Divino. Existe a obrigação, tanto dos caboclos quanto dos congados, de buscar os festeiros em suas casas e levá-los para a igreja e, após a missa, entregá-los novamente em suas residências.

Em Juvenília, na fronteira de Minas Gerais com a Bahia, na comunidade de Porto Agrário, o grupo de caboclos se formou entre as décadas de 1970 e 1980, usando flechas e viola. Em Montes Claros (MG), no Bairro Santa Cecília, os caboclinhos acompanham desde a noite de quarta à manhã de sexta-feira os cortejos dos reinados de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Na noite de sexta-feira, acompanham o cortejo do mastro do Divino; na manhã de sábado, o cortejo do Império do Divino, louvor especial do terno, registrado em quatro bandeiras nas cores vermelha e branca com a imagem da pomba, símbolo do Divino Espírito Santo. No domingo, integram o Encontro Mineiro de Ternos de Congado e a procissão com todos os cortejos dos reinados e grupos que participam como convidados especiais e partilham das celebrações da festa (MENDES, 2006; ABREU, 2010).

Em Montes Claros (MG), os caboclinhos do Bairro Santa Cecília são devotos do Divino Espírito Santo; apresentam-se com trajes de motivos indígenas, portando arco e flecha. A farda tem a predominância da cor vermelha, em referência à devoção ao Divino. Os saiotes e cocares são adornados com penas brancas, vermelhas e pretas. Composto majoritariamente por crianças e jovens, os caboclinhos são orientados pela cacicona (mestra) na apresentação de textos recitados, cantados ou encenados que acompanham os cortejos dos mastros e dos reinados nos dias das celebrações ao Rosário (IPHAN, 2014).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 244



Jovens Caboclinhos na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Curralinho (MG), 2003. Autoria: Ricardo dos Santos Gonçalves. (Acervo de Ricardo dos Santos Gonçalves)



Caboclos do Serro. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2018. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 245



Caboclos do Serro. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

Como visto, o caráter diversificado e multifacetado do bem cultural é explicitado por essa quantidade de componentes com tantas especificidades. Cada um dos grupos rituais resumidos e exemplificados, ainda que compartilhe caraterísticas com outras manifestações do mesmo tipo ou nome, sempre apresenta características únicas em função do seu enraizamento em um território específico. No entanto, todos eles se unem na devoção ao Rosário e, sobretudo, no profundo desejo de preservar e recriar permanentemente suas tradições, percebidas por seus detentores como um rico e importantíssimo legado deixado por seus ancestrais.

Se, por um lado, o bem cultural está fortemente vinculado à coroação de reis e rainhas congos e à devoção aos santos negros, tendo a côrte ou trono coroado como elementos de maior grandeza; por outro lado, nem sempre o reinado está presente ou é o centro das celebrações. Como mencionado anteriormente, em alguns contextos de Minas, mas principalmente em São Paulo e Goiás, pode haver, por exemplo, um núcleo ritual que é dedicado às batalhas, performadas com embaixadas. É o caso da

dança dos congos na cidade velha de Goiás, que marcha pelas ruas e encena uma batalha e negociação entre mouros e cristãos. Também a Congada de São Benedito de Cunha (SP) (COELHO, 2016), a Festa de São Benedito em Ilhabela (SP) (CIRINO, 2012) e a Congada da Vila João Vaz em Goiânia (SIMONI, 2017) contam com destaque das batalhas e embaixadas.

Como tem sido apresentado ao longo do Dossiê, no contexto dos saberes do Rosário, a diversidade - que é constitutiva do bem - não exclui a identidade cultural - outro elemento definidor. O que faz com que reinadeiros, congadeiros (congos, congueiros, conguistas), moçambiqueiros (massambiqueiros), marujos (marujeiros, marujada), caboclos, tamborzeiros, vilões, catopês (catupés), pifeiros etc. de todos os lugares do Brasil se reconheçam reciprocamente cantando, dançando e tocando, cada qual com a sua própria toada, nos variados sotaques da tradição. Essa é uma expressão comum aos(às) mais velhos(as) das comunidades, ensinada pelo mestre tamborzeiro Antônio de Bastião, do quilombo São Benedito do Capivari (Minas Novas, MG), para quem todos os "tambores da fé" são "unidos no Rosário".[89]

*

No próximo capítulo (Capítulo 5), **Celebrar o Rosário de Maria com Prazer e Alegria,** as festas serão destacadas. Ambientes e momentos, espaço-tempo rituais em que os grupos acima descritos realizam da forma mais concentrada os mandamentos, fundamentos e sacramentos da tradição (TORRES, 2020; MORAIS, 2022).

[89] Como já mencionado no Capítulo 3, estes são ensinamentos do mestre Antônio de Bastião, durante uma de suas aulas na UFMG junto ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais, em 2018.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 247

Capítulo 5 - Celebrar o Rosário de Maria com prazer e alegria

Chora gunga de vovô
Chora gunga de vovó
Quando chega no Rosário
Toda gunga é uma só[90]

O que quer dizer na realidade essa festa? É uma festa de cor. É uma festa colorida, quer dizer, tem uniforme de todas as cores. Quando você reúne, lá você vê todas as cores: preto, branco, amarelo, verde. Tudo quanto há. Todas as cores estão lá reunidas. Festejando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e encontrando com os amigos. Porque ali é uma festa de encontro, porque vem gente lá da cidade do fulano...chega aqui e encontra todo mundo aqui. Em busca dessa grandiosa festa a gente passa também a conhecer os amigos, abraçar os amigos, né. Quer dizer: ela não é só uma festa. Ela também une muito as pessoas, aproveitando uma coisa pra outra. Une muito as pessoas. E é nessa tradição que a gente vem levando e acho que vamos chegar muito longe se Deus quiser.[91]

[90] Verso de toada de Moçambique cantada entre as comunidades Arturos e Jatobá, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais (LUCAS, 2014). Na interpretação adotada neste Dossiê, o verso sinaliza para a diversidade inclusiva de uma identidade que reúne os diferentes grupos, com seus diferentes estilos rituais, na devoção ao Rosário, sentido principal do que fazem e para o que se organizam.

[91] Entrevista com Geraldo José Zacarias, capitão do Terno Congo Real do Rosário; Francisco Severino, presidente da Associação de Congos e Moçambiques Nossa Senhora do Rosário de Ibiá; Valter Manoel Cruz, capitão-mor da Congada de Ibiá; e Eugênio Borges, segundo capitão do Terno Congo Real do Rosário (IPHAN, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 248



Mastros com bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Essa última é a relíquia feita em aço fundido que estima-se que tenha sido forjada há mais de 200 anos por artífices de Benin ou Gana, e que ficou desaparecida em Ouro Preto, sendo recuperada em 2020 em uma pequena capela no bairro Padre Faria, por Kátia Silvério, capitã do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia[92]. Ouro Preto (MG), 2021. Autoria: Ane Souz (Acervo da Prefeitura Municipal de Ouro Preto).

Os Reinados, Congados e Congadas tecem uma extensa rede de territórios negros povoados por comunidades coesas que são detentoras da tradição, ao mesmo tempo que heterogêneas e descontínuas, mas que se reúnem em cada festa, em cada compromisso, reafirmando-se a cada ano – não raro com a geração de novas promessas, novos compromissos, mais amizades e outras celebrações.

Expoentes da dimensão agregadora do bem cultural, as festas promovem as visitações entre as guardas, bandas, ternos, cortes e reinos, reforçando a união entre as pessoas, e costumam ser o momento mais esperado do tempo cíclico que rege a

[92] Para saber mais: https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/06/bandeira-de-reinado-forjada-a-ferro-ha-200-anos-e-encontrada-em-capela-de-ouro-preto.ghtml e https://noticiapreta.com.br/historia-resgatada-bandeira-de-reinado-de-200-anos-e-encontrada-em-ouro-preto/

tradição. A festa é tempo de abundância: afetiva, laboral, gustativa, mágica, dos fartos almoços e cafés, a mesa comprida rodeada de gente, os cortejos que colorem e ressoam pelas ruas (ALTIVO, 2019). O período celebrativo proporciona um tempo de reunião entre parentes e amigos que há muito não se viam e, no mais das vezes, têm apenas esse "tempo" para desfrutar do reencontro; promove a afluência amistosa de admiradores visitantes, turistas, nutrindo a autoestima dos reinadeiros, congadeiros que se preparam o ano todo para este encontro. Como bem analisa mestra Pedrina, capitã de Massambique de Nossa Senhora das Mercês do Reinado de Oliveira/MG:

> Porque o ser humano precisa de um momento, nessa vida, que ele seja reconhecido. Então para o reinadeiro, para o congadeiro – porque falava reinadeiro, não era congadeiro não – esses dias são os momentos de glória dele. Ele tá ali, no resto da vida, na margem, marginalizado, mas nesses dias ele é o centro e ele precisa disso para ter força psicológica para enfrentar o que o sistema impôs. É o momento da religião. Porque o reinadeiro, com os defeitos todos que nós seres humanos podemos ter, mas eu falo assim, nós carregamos água no balaio para essa Nossa Senhora, para esse São Benedito, Santa Efigênia. E para quem não sabe, carregar água no balaio é o impossível, porque quem conhece um balaio sabe que a água não vai parar lá. Todos têm um amor verdadeiro por esses santos. E o aspecto cultural, de ir mantendo o costume desse povo (SANTOS, 2017).

O componente celebrativo da devoção afro-brasileira ao Rosário é tão representativo desse bem cultural que, muitas vezes, é referido como se pudesse fazer a sua definição imediata: "Celebrar o Rosário de Maria com prazer e alegria!"[93].

[93] " - Alerta, alerta!" " - Alerta, estamos" " - O que viemos fazer hoje?" "- Celebrar o Rosário de Maria com prazer e alegria!": convocação enunciada entre algumas capitanias, proferida antes de iniciar um momento cerimonial, ao "abrir os trabalhos" de devoção, geralmente se preparando para iniciar um cortejo nos primeiros dias da festa ou ao sair para "pagar visita".

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 250

Reinados, Congados e Congadas são sotaques da mesma linguagem: a da celebração. A ética das comunidades do Rosário é praticada no gesto do pedido e do agradecimento, por isso as festas são promessas e compromissos herdados de geração a geração. As comunidades, diversas que são, comungam na festa, cuja temporalidade é um contínuo gerador de novas promessas, novos compromissos, mais amizades e outras celebrações, ciclicamente. Algumas festas duram mais de dez dias e todo encerramento, sem exceção, significa a recomeço da preparação daquela que virá "para o ano".

> Se a morte não me matar, tamborim
> se a terra não me comer, tamborim
> Ai ai ai, tamborim
> para o ano eu voltarei, tamborim[94]

O tempo do Rosário em festa, é um tempo próprio que não comunga com a cronologia moderna do tempo. No período festivo os detentores se conectam com outros tempos: o tempo da travessia do Atlântico, da escravidão; o tempo das resistências vivido pelos antepassados e ancestrais (MORAIS, 2022). Como é característico da filosofia afrodiaspórica, na festa são revividas as dores e os traumas gerados pela escravização e pelo racismo, através de um mecanismo revitalizador: cantando e dançando, confraternizando. Há quem bem formule ser o Rosário, nesse sentido, um sistema de cura da ferida colonial (CHAKRABARTY, 2007 apud ALTIVO, 2019; MORAIS, 2022), no sentido de que essas dores e traumas abertos pelo tráfico atlântico, escravização, segregação social, discriminação cultural e religiosa, pelo racismo estrutural, são trabalhados com os saberes da tradição para que a subalternização se transforme em afirmação da dignidade e reivindicação por reparação e justiça. Nas

[94] Toada de despedida, muito comum nas regiões centro-oeste, central-mineira e metropolitana de BH (MG).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 251

palavras do mestre capitão de Moçambique da Irmandade Os Ciriacos (Contagem, RMBH, MG): "é pedir e agradecer! pedir pela salvação aqui na terra.".

Registros historiográficos indicam que as festas do Rosário começaram a apresentar os elementos que mais se assemelham aos atuais na virada do século XVIII para o século XIX. Isso ficou registrado nas documentações, por exemplo, referentes às despesas crescentes com pagamento de músicos para missa e procissão, com compra de óleo para iluminar a cerimônia de levantamento do mastro com a bandeira do santo, com compra e reparo de caixas e outros instrumentos. As componentes música e dança em cortejos conduzindo rei e rainha conga para a coroação, vão se difundindo a partir da segunda metade do século XIX – o que coincide com a expansão da festa para áreas onde predomina a agropecuária, com destaque para esse processo no estado de São Paulo, o que será visto a seguir (IPHAN, 2016).

A partir do século XX, foi comum que houvesse uma expansão do bem cultural a partir do estado de Minas Gerais, para Goiás e São Paulo, tecendo uma extensa rede de territórios negros[95] heterogêneos e descontínuos, ao mesmo tempo que coesos. Por exemplo, em Mogi das Cruzes (SP), com exceção da Congada do São Benedito Coração de César, cujo fundador é natural de Cunha (Vale do Paraíba), os demais grupos têm ascendências ligadas ao estado de Minas Gerais (Iphan, 2018). Em Olímpia (SP), Mestre Ferreirinha (João Batista Ferreira) e sua família, do Terno de Congada Chapéu de Fitas, possuem uma forte ligação familiar e devocional com os grupos do Congado da região de Carmo do Cajuru e Divinópolis em Minas Gerais (IPHAN, 2018). No INRC das Congadas em São Paulo, em 2018, Minas Gerais foi incluída como parte do

[95] Expressão já apresentada (capítulo 1) que se refere aos espaços que materializam processos históricos de formação de lugares de referência cultural e produção coletiva de singularidades identitárias da população afrodescendente, a despeito de toda vulnerabilização socioeconômica e subalternização sociocultural promovida pelo âmbito estatal nas cidades brasileiras (que expulsam ou excluem o acesso da população negra às áreas tidas, contextualmente, como centrais, para zonas periféricas). Dessa forma vão se constituindo territorialidades negras no Brasil, ao longo dos séculos (ROLNIK, 1989).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 252

amplo “território das congadas de São Paulo”, por terem sido identificadas muitas visitações de grupos mineiros à Festa do Congo de Santo Antônio da Alegria (IPHAN, 2018).

Historicamente, é consensual a compreensão da chegada das congadas ao sul do estado de Goiás, a partir do último quartel do século XIX, com a ida de devotos do Rosário do estado de Minas Gerais, por ocasião da expansão da fronteira agrícola no território que recebeu um contingente significativo de população negra escravizada (Iphan, 2008). Em Carmo do Cajuru (Oeste de Minas), foi identificado em 2014 que uma guarda gerou outra, descendente, em Brasília, no Distrito Federal. Na década de 1950 vários integrantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Carmo do Cajuru foram trabalhar na construção da nova capital brasileira. Devido à permanência desses integrantes em Brasília, fundaram uma extensão da sua irmandade de origem na nova residência. Também fundaram e mantêm o terno de Moçambique Santa Efigênia e a Guarda de Catupé de Brasília (IPHAN, 2014).

Dentro do próprio estado de Minas, tal é a cultura de intercâmbios interlocais ou interregionais que, em 2014, foram identificados 24 municípios onde não havia grupos rituais (guardas, bandas, ternos, etc.) mas que realizavam festejos do Rosário contando com a visitação de grupos de cidades ou regiões vizinhas. E também 17 municípios em que não eram realizadas celebrações, mas que possuíam grupos participantes de festividades realizadas nas cidades ou regiões vizinhas (IPHAN, 2014). No ano de 2017, foram identificados grupos do Norte de Minas Gerais que frequentam festas no Vale do Rio Doce, chegando até Timóteo, o que demonstra interações de longa distância para visitações e “pagas de visita” (IPHAN, 2017). Além disso, diversos grupos de Minas costumam peregrinar até a tradicional Festa de São Benedito de Aparecida (SP), a maior festa do Rosário, que congrega centenas de grupos oriundos do próprio estado, de Minas e de Goiás (IPHAN, 2008; 2014; 2015).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 253

Para uma amostra das características contemporâneas dessas festas, apresenta-se no que se segue um resumo de um conjunto variado de celebrações, com destaque para as que são realizadas nos estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Com uma amostra da variedade é possível demonstrar a difusão do bem cultural pelo Brasil e a centralidade da festa enquanto espaço comum de realização da sociabilidade reinadeira e congadeira, onde se tornam públicos o conjunto mais denso e abrangente de elementos característicos do bem cultural vinculados a saberes da tradição que, comunicados de formas cifradas, por meio das simbologias, são reafirmados: hierarquias, sacralidades de lugares ou artefatos, etiquetas rituais, sociabilidades próprias que, por exemplo, privilegiam as práticas de reciprocidade nas visitações ("paga de visitas") como protocolos de maior importância.

*

As tradições de devoção ao Rosário estão presentes do norte ao sul, em diversas localidades brasileiras, não se restringindo aos estados de referência para a instrução técnica do Registro. São expressões do entrecruzamento entre diferentes matrizes culturais, com diferentes historicidades e formatos, vocabulários, materialidades e processos próprios.

Na região norte, fortemente marcada pelas culturas ameríndias e seus encontros com o catolicismo popular e as tradições afrodiaspóricas, são encontradas expressões culturais que apresentam elementos identificados nas celebrações do Rosário. No Quilombo do Barraco, em Manaus, há 130 anos acontece a festa de São Benedito, organizada pelos quilombolas descendentes de pessoas negras escravizadas no estado do Maranhão que migraram para Manaus no final do século XIX. A festa acontece em abril na Praça 14, compreendendo a seguinte sequência ritual: retirada do mastro, realização das novenas, levantamento do mastro, procissão, missa

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 254

festiva, derrubada do mastro, e encerramento do festejo no chamado ritual do "arranca toco" (SILVA; ROSA, 2017).

Os Festejos de Santo Antônio da Terra Preta, em Manacapuru (AM), também podem ser reconhecidos como confluentes com a devoção afro-brasileira ao Rosário. A celebração devocional em solo amazônico encontra pontos de conexão com o universo dos Reinados, Congados e Congadas por seus componentes históricos e organizacionais, dentre os quais a centralidade das irmandades, promessas, procissões, novenas, levantamento de mastros, instrumentos confeccionados artesanalmente, cantos, farta e consagrada partilha de alimentos e, principalmente, o protagonismo popular negro e indígena dos festejos (FERNANDES, 2016). Os Festejos de Santo Antônio da Terra Preta acontecem anualmente no período de 1 a 13 de junho na rua da Capela dedicada ao Santo na cidade de Manacapuru (AM).

No município de Vigia (PA) e em seus povoados próximos, são realizadas as festas de devoção a Santo Antônio, São Benedito, São Pedro, Nossa Senhora de Nazaré e Divino Espírito Santo (MAUÉS, 2011). Essas celebrações contam com alvorada, levantamento de mastros com a bandeira dos santos, procissão, ladainhas, juiz e juíza da festa. Em Ananindeua (PA), no segundo domingo de janeiro, ocorre a tradicional Marujada para São Benedito (VIEIRA, 2008). Essa festa é organizada pela Associação da Marujada de São Benedito, formada por devotos oriundos da cidade de Bragança (PA) que migraram para a Região Metropolitana de Belém, na cidade de Ananindeua. A tradição está vinculada à criação da Irmandade de São Benedito em Bragança, que realiza a festa desde 1798 (VIEIRA, 2008).

O nordeste brasileiro, na contemporaneidade, também conta com a presença de expressões culturais confluentes com os Reinados, Congados e Congadas. No oeste baiano, às margens do Rio Grande no distrito de Taguá, em Cotegipe, a Festa de Nossa Senhora do Rosário se mantém há séculos considerada como uma das mais belas e elaboradas práticas da cultura popular da região. O festejo teve início na comunidade



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 255

no período do antigo município de Campo Largo (que tinha sede no Taguá, até 1925) por pessoas africanas escravizadas e seus descendentes, possivelmente em meados do século XIX (TRAPP; SANTANA, 2022). Nos dias 25, 26 e 27 de dezembro a população de Taguá e de outras localidades do oeste baiano como Jupaguá, São José do Norte, Araxá, Cotegipe, Riachão das Neves e Barreiras, celebram Nossa Senhora do Rosário, com a presença de realezas festeiras, Rei Congo e Rainha Perpétua, essas últimas autoridades vitalícias. Os cortejos são coloridos, cadenciados pelas caixas acompanhadas por pandeiros e tamborins (TRAPP; SANTANA, 2022).

No Cariri cearense, mais especificamente na cidade de Milagres, ainda na atualidade acontece a festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário, em outubro, com a presença do centenário Congo dos Milagres. A tradição do Rosário nessa localidade vincula-se a um histórico de festas em homenagem aos Reis Congos presentes em diversas outras localidades do Ceará, entre os séculos XVIII e XIX (NUNES, 2011). O culto à santa e a celebração dos reis e rainhas acontece pelas ruas de Milagres em formato de cortejo, com o acompanhamento de caixas, zabumbas, pífanos e violão, sob a capitania de um Mestre.

Em Sergipe, na cidade de Laranjeiras, ocorre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em janeiro, com cortejo em culto aos santos e celebração de reis e rainhas de origem africana (LIRA, 2012). O ponto central da festividade é a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, construída por pessoas negras escravizadas na metade do século XIX. Em louvação aos santos, as comunidades negras da região realizam as danças conhecidas por Taieira e Cacumbi, que entrecruzam o catolicismo popular e as culturas afrodiaspóricas de terreiros de umbanda e candomblé (ARAGÃO, 2015).

Além da representatividade do estado de Goiás, a devoção ao Rosário está presente em outros estados da região Centro-Oeste brasileira. No Tocantins, destacam-se a Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Monte Carmo e a

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 256

Festa das Santas Almas Benditas na Comunidade quilombola Morro São João, no município de Santa Rosa. A celebração de Monte Carmo acontece em outubro e compreende uma série de ritos em devoção à Nossa Senhora do Rosário, com cortejo de reis e rainhas pelas ruas da cidade, seguido pelos congos, tocadores de tambores, e pelas taieiras, dançadoras muito presentes em Laranjeiras (Sergipe) que se apresentam em cortejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Pelo caminho, os dois grupos de congos e as taieiras desfilam em pares e em filas, cantando toadas e dançando ritmadamente (MESSIAS, 2022).

Já na Comunidade quilombola Morro São João (Santa Rosa, TO), a Festa das Santas Almas Benditas ocorre no dia 2 de Novembro por meio dos chamados ritos dos congos, que expressam as memórias de sofrimento e resistência dos ancestrais negros escravizados. Os congos dançam e cantam nas casas dos reis e rainhas, bem como no cemitério local, numa espécie de homenagem festiva aos antepassados de africanidade presentes concreta e simbolicamente nos túmulos antigos de ex-escravizados e descendentes ali sepultados (ABENTROTH, 2020).

No Mato Grosso, durante a terceira semana de julho, acontece a chamada Festança no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, que envolve três celebrações consecutivas: Festa do Senhor do Espírito Santo, Festa do Glorioso São Benedito e Festa das Três Pessoas. A Dança do Congo é o elemento central da Festa de São Benedito, representando a resistência dos negros que continuaram na região, após a transferência da capital para Cuiabá, em 1835. Organizada pelas pessoas da comunidade através da irmandade de São Benedito, a festa conta com missas, cortejos nas ruas, cantos, almoços e jantares oferecidos pelos festeiros (VECINO, 2017).

No sudeste brasileiro, para além de Minas Gerais e São Paulo, vicejam manifestações das tradições do Rosário. No Centro Histórico de Paraty (RJ) acontece a festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, sempre no mês de novembro, mantendo uma tradição que remonta ao século XVIII. A programação da festa reúne

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 257

missas, procissões em louvor aos santos e homenagem aos reis e rainhas negros, apresentações de danças de matriz africana (DANTAS; UZEDA, 2022). No Estado do Espírito Santo, a presença das bandas de congo vai do norte do Rio Doce até a cidade de Guarapari, ao sul. Grande parte das bandas surgiu na primeira metade do século XX ou é descendente direta de bandas desse período; e outra parte surgiu no período entre 1970 e o ano 2000. Além da ascendência africana, o Congo no Espírito Santo formou-se também a partir da convivência com os povos indígenas originários. O atual município da Serra concentra mais de 15 bandas de congo (mirins e adultas) e sedia a Festa de São Benedito (considerada a maior festa religiosa do ES). Essa celebração é realizada na localidade de Pitanga. Caracteriza-se pela presença das bandas em cortejos com Mestre e Rainha, seguidos de conguistas, princesa e dançarina (QUINTINO, 2018).[96]

O sul do país, por sua vez, é também território das celebrações do Rosário. No Paraná há a célebre Congada da Lapa no dia 26 de dezembro, sendo a prática mais pungente da cultura afro-brasileira da região. A festa engloba cantos, danças e embaixadas que narram a história de batalha entre os reinos de Angola e Congo, culminando na devoção a São Benedito. Em todos esses momentos, há o acompanhamento musical, composto pelos instrumentos de percussão, os tambores, xequerê, rabeca e a viola (PINTO JUNIOR, 2015).

O Grupo Catumbi de Itapocu, no município de Araquari (litoral norte de Santa Catarina), realiza toques, danças e cantos em louvor à Nossa Senhora do Rosário. Com mais de duzentos anos de história, o grupo cultua a santa através de dois tambores bicentenários confeccionados por seus antepassados, feitos de “olandim”, uma

[96] Destaque-se que o Congo foi registrado como Patrimônio Imaterial do Espírito Santo pelo governo estadual em 2014, tendo também sido inventariado pela Superintendência do Iphan no estado, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2019 e 2020 (Processo administrativo 01409.000020/2018-98).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 258

madeira típica da região, sendo ambos percutidos por uma baqueta chamada de "bimbo" (CANDEMIL; PAIVA, 2013).

A devoção afro-brasileira ao Rosário no Rio Grande do Sul é realizada pelas comunidades remanescentes quilombolas contemporâneas, devotas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Muitas delas estão no litoral Norte, a maioria delas assentada na primeira metade do século XIX, a partir da conquista de terras pelo povo negro (MOLET, 2020; BITTENCOURT, 2017). A região é notável pelas intensas redes de convivência entre a população africana e afro-brasileira, desde o período da escravização, no século XVIII. Atualmente, essa sociabilidade segue vigorosa, com laços de parentesco e compadrios, circulação de bens materiais e simbólicos, como os instrumentos musicais e as cantorias, com semelhanças devocionais rituais, entre as comunidades Morro Alto (município Osório); quilombos Casca e Teixeiras[97] (Mostardas); quilombos Capororocas e Vó Marinha (Tavares); e Rincão dos Negros (Rio Pardo) (PRASS,2013).

Nas comunidades quilombolas Casca e Vó Mariinha são destacadas as festas para Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e a coroação do Rei Congo e da Rainha Ginga (BITTENCOURT, 2017). Na Comunidade Quilombola de Teixeira, no município de Mostardas (MOLET, 2020), e nas Comunidades Quilombolas Capororocas e Vó Marinha, no município de Tavares, ocorre o Quicumbi ou Ensaio de Pagamento de Promessas (MOLET, 2020; PRASS, 2013). O Quicumbi é realizado pelos membros da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Mostardas, fundada no século XVIII e, também, por quilombolas do município vizinho, Tavares, especialmente vindos dos quilombos Capororocas e Olhos d'água. No Quicumbi há um altar com a imagem de Nossa Senhora, além da caixinha da santa

[97] A segunda rodada dos Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil, realizados no ano de 2022, contou com a participação de Jorge Amaro de Souza Borges, da Comunidade Quilombola de Teixeiras, no município de Mostardas (RS), e integrante da Irmandade do Rosário.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 259

usada para arrecadar fundos. Ao som do pandeiro, tambores e caninhas (semelhante ao reco-reco), duas fileiras de dançantes da irmandade gingam e cantam cantigas que perpassam gerações. Nesta prática cultural há a presença da Rainha Ginga e do Rei do Congo (MOLET, 2020).

Também na comunidade remanescente quilombola Teixeiras ocorre, anualmente, no mês de janeiro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, desde 1970, na capela da comunidade (MOLET, 2020). Na comunidade quilombola do Morro Alto (Osório), ocorre anualmente a festa do Maçambique, com cortejo de dança, cantos e toques de tambores, cujo fundamento cosmológico tem relação com a memória da obrigação de um negro escravizado realizar uma festa para Nossa Senhora do Rosário (a primeira dessa tradição) em agradecimento por ter sido salvo dos castigos quando estava preso em um tronco. Há também a celebração de São Benedito, com tambores, maçacaias (chocalho utilizado nos tornozelos, semelhante aos chamados gungas em MG) e guizos.

Na comunidade remanescente quilombola Rincão dos Negros (Rio Pardo) também segue atual a devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito; e havia, até meados do século XX, o rito dos Quicumbis, registrado em uma foto do Rei e da Rainha do Quicumbi, que data da década de 1950, publicada no jornal do Correio. Nesse, o Reinado antepassado, havia dança ao som de cuíca, reco-reco, tambor, e o cortejo portava uma boneca (PERUSSATO, 2010).

5.1. No estado de Goiás

A devoção ao Rosário no estado de Goiás é conhecida mais amplamente pelo termo Congada. Nesse estado, assim como o bem cultural em Minas Gerais e em São Paulo, celebram-se seus reis e rainhas e são homenageados os santos aos quais as pessoas negras devotavam e devotam sua fé, com musicalidades, corporalidades e



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 260

cosmologia próprias (SOUZA, 2001), tornando vívidas as ancestralidades africanas. As irmandades mantiveram a devoção a Nossa Senhora do Rosário presente ao longo de toda história do atual estado.

Os primeiros registros sobre comunidades congadeiras no estado de Goiás aparecem nas regiões mineradoras, posteriormente em regiões agrícolas e, em períodos mais recentes, em centros urbanos. Um dos territórios fundantes, no período da mineração, foi a cidade velha de Goiás,[98] do início do século XVIII. Nesse período, a chamada Dança dos Congos, que ainda vigora na localidade, acontecia desde a chegada das primeiras pessoas escravizadas na região (MACEDO, 2015). Para o estabelecimento das Congadas, a presença das irmandades foi fundamental, o que é informado pelos registros das festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Vila Boa (atual Cidade de Goiás), São José do Tocantins (atual Niquelândia), Arraial da Meia Ponte (atual Pirenópolis) e Santa Cruz. Dentre as mais antigas irmandades está a de Pirenópolis, datada de 1732 (SILVA, 2001).

A segunda metade do século XIX foi um período de expansão da fronteira agrícola. A partir de então, as regiões fronteiriças do estado, principalmente as que faziam divisa com Minas Gerais, tiveram um novo fluxo migratório (intensificado no século XX), recebendo principalmente pessoas vindas do Noroeste de Minas (Paracatu), do Alto Paranaíba, do Sul de Minas e do Oeste de Minas (KATRIB, 2009). Migraram fazendeiros provenientes, sobretudo, do Triângulo Mineiro, em busca de terras e trabalhadores que, recém-saídos da escravização, eram empregados nas lavouras de café em condições muito semelhantes às anteriores.

Existem, portanto, fortes ligações de origem entre as Congadas de Goiás e o bem cultural em Minas Gerais, especialmente no caso da Congada de Catalão (GO).[99]

[98] O território da Cidade de Goiás (Goiás Velho), cuja formação é marcada pela presença das Congadas, foi reconhecido em 2001 como Patrimônio Mundial pela Unesco.

[99] Vários congadeiros antigos do município, sendo alguns dos mais idosos de Goiás, são originários das cidades de Araxá, Uberlândia e Grupiara em Minas Gerais. Houve também

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 261

Essas ligações muitas vezes são estabelecidas por parentesco ou por migrações de mestres congadeiros, como foi o caso de Pedro Casimiro Alves Neto: oriundo de Minas Gerais, fundou quatro ternos de congada em Goiás (na Cidade de Goiás e em Catalão), tendo por isso recebido, antes de sua morte, o título de patrono da Congada (SIMONI, 2017). No entanto, ainda que sejam estreitas as relações com o estado de Minas Gerais, as Congadas do estado de Goiás, manifestas em uma grande variedade de ritos, como levantamentos de bandeiras, cortejos, novenas e procissões, apresentam especificidades construídas em suas próprias bases cosmológicas, sociais, históricas e territoriais.

A partir da década de 1930, a Igreja Católica tornou as práticas religiosas com referências às culturas africanas inexequíveis junto à liturgia religiosa, provocando um enfraquecimento das festividades congadeiras. Entretanto, isso não significou o enfraquecimento da religiosidade, e os reinadeiros e congadeiros continuaram a praticar sua devoção por meio de diversas estratégias. Tanto que, ainda no século XX, as festividades voltaram a integrar o calendário litúrgico das igrejas e, a partir do século XXI, passaram a ser reconhecidas como patrimônio cultural na esfera municipal.

Em meados dos anos 2000, iniciou-se um esforço para valorizar a festa em Pirenópolis e na Cidade de Goiás, ambas surgidas com a mineração no período colonial. Essa retomada tem sido influenciada pelas festas mais recentes, notadamente as das cidades de Catalão e de Goiânia. O Inventário Nacional das Referências Culturais, realizado pelo Iphan em 2008, identificou vinte municípios onde estavam sendo realizados festejos.[100] Destacam-se: Goiânia, Pirenópolis e Santa Cruz

expressiva migração para Catalão de pessoas originárias de cidades do Centro-Oeste de Minas Gerais, como Candeias e Campo Belo.

[100] Da listagem mencionada, são citados: Catalão, Cumari, Goiandira, Ipameri, Ouvidor, Pires do Rio, Três Ranchos (no sul do Estado), Goiânia, Pirenópolis e Santa Cruz (no Centro) e Cidade de Goiás e Niquelândia. Em Itumbiara há o Encontro de Congadas sob a responsabilidade de cinco

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 262

(região central do estado); Cidade de Goiás e Niquelândia (localizadas ao norte); Cumari, Goiandira, Ipameri, Ouvidor, Pires do Rio, Três Ranchos (ao sul do estado); e Catalão (no sudeste de Goiás) (IPHAN, 2008).

5.1.1. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é realizada anualmente em Catalão (GO) e conta com a participação dos ternos de congo, moçambique, catupé, vilão e marujeiro tanto do município de Catalão quanto de outros municípios do estado e do Triângulo Mineiro (MG). Realizada desde fins do século XIX, é considerada parte da identidade de moradores do interior de Goiás. Em abril de 2022, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário, de Catalão/GO, encaminhou pedido de reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão como Patrimônio Cultural do Brasil à Superintendência do Iphan em Goiás (Cf. Anexo 07).

As chamadas Congadas de Catalão, que são os grupos de devotos dançadores, cantadores, tocadores que realizam a celebração, têm suas origens ligadas à expansão da fronteira agrícola de Minas em direção a Goiás. Nesse período, os fazendeiros tinham tamanha autoridade que davam ou não licença às pessoas escravizadas para a realização dos festejos, então conhecidos como "dança de congos". O trânsito de pessoas africanas e afrodescendentes, que trouxeram consigo práticas e conhecimentos devocionais de suas ancestralidades, alicerçou a formação e a perenidade de comunidades do Rosário nesta região.

De acordo com representantes das Congadas de Catalão, a história da festa de Nossa Senhora do Rosário se entrelaça à do município de Catalão (GO), que se confunde com a da própria Irmandade da Santa. Fundada por volta de 1860, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário passou a ser um dos agentes fundamentais

grupos: Congo Beira Mar; Moçambique Real; Catupé Lua de Cristal; Moçambique Estrela de Ouro e Congo Santa Bárbara (IPHAN, 2008).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 263

na organização da festa e também raiz de vários ternos de congos e moçambiques. Até por volta de 1900 eram poucos os dançadores, que se dividiam em dois grupos (moçambiques e congos). Esses dançadores eram homens negros, trabalhadores das fazendas da região, que durante os dias de louvor a Nossa Senhora do Rosário, com o consentimento de seus senhores, se reuniam, vigiados de longe pelos fazendeiros para juntos cantarem e louvarem a Virgem do Rosário (IPHAN, 2022).

Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário formaram-se agremiações de congos, reunindo pessoas mais jovens, e agremiações de moçambiques, formadas por pessoas mais velhas (PRADO, 2003). Mais tarde, em 1973, Nossa Senhora do Rosário se tornou, oficialmente, a padroeira de Catalão, como reconhecimento da intensa relação estabelecida, desde a sua fundação como vila, com os festejos do Rosário. A partir de 1979, houve a formalização do estatuto e a sede da irmandade, localizada próxima à Igreja do Rosário, tornou-se um espaço de maior representatividade congadeira da região (NETTO, 2015).

Existe um grande número de ternos que integram o festejo, os quais possuem suas particularidades ritualísticas, estéticas e de apropriação territorial das ruas da cidade durante as cerimônia, dentre eles: Terno de Congo Pio Gomes, Terno de Congo São Francisco, Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário/Nossa Senhora da Guia, Terno de Congo Santa Terezinha, Terno de Congo Nossa Sra. de Fátima, Terno de Congo Sagrada Família, Terno de Congo Congregação do Rosário, Terno de Congo São Benedito, Terno Moçambique Mamãe do Rosário, Terno Moçambique Coração de Maria, Moçambique Nossa Senhora do Rosário, Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercedes, Catupé Cacunda São Benedito, Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercedes, Terno Catupé Prata, Catupé Nossa Senhora Aparecida, Terno Vilão Santa Efigênia, Terno Vilão Nossa Senhora de Fátima, Vilão São Jorge, Terno Marujeiro, Terno Marinheiro, Terno do Prego, Terno Filhos do Rosário, Terno Penacho e Terno Mariarte (IPHAN, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 264

A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece durante a primeira quinzena do mês de outubro, sendo que a santa é homenageada por onze dias. Missas, terços e novenas, alvorada, cortejos e procissões compõem a programação. Além disso, durante os dias da Festa são realizados ceias e leilões em um grande rancho, construído com madeira e folhas de babaçu. O Centro do Folclore, que pertence à Irmandade e fica ao lado da igreja, realiza eventos para arrecadar fundos para a Irmandade e serve refeições para os dançadores. As ruas próximas ao largo do Rosário ficam tomadas por barraquinhas onde se pode encontrar quase tudo: roupas, sapatos, brinquedos, utensílios domésticos e de decoração e todo tipo de produtos (IPHAN, 2022).

Para que essa grande festa aconteça, o casal de festeiros e sua comissão são fundamentais. No início da Festa, os festeiros eram as pessoas responsáveis por arrecadar gêneros alimentícios e preparar as refeições para os dançadores. À medida que a Festa cresceu, o casal de festeiros passou a contar com um grupo de pessoas pertencentes à comunidade católica – a chamada Comissão de Festeiros –, que arrecada verbas e donativos através de leilões de arte e jantares beneficentes, visando, principalmente, os gastos com alimentação da festa. Durante os festejos é essa Comissão quem serve as refeições aos dançadores e à Família Real durante a alvorada e também nos outros dias de apresentações dos ternos. O poder público municipal também auxilia na organização do espaço festivo através da doação de verbas para os ternos e contribuindo na segurança, limpeza e interdição das ruas para realização dos festejos e celebrações (IPHAN, 2022).

São os ternos das congadas que demarcam o início e o fim do calendário festivo, uma vez que saem pela primeira vez no início desse período, durante a alvorada do festejo, e retornam apenas nos últimos três dias arrematando a sequência de eventos e cerimônias devocionais que movimentam a cidade. A Festa começa na madrugada da primeira sexta-feira do mês de outubro, com a alvorada, que é a



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 265

abertura oficial do evento. Nesse ritual, os dançadores se reúnem nas casas dos Capitães, de onde partem em procissão silenciosa até o Largo do Rosário para que o padre realize a benção dos instrumentos e das caixas. Nesse ritual eles ainda não estão usando seus tradicionais uniformes coloridos. Em seguida, pontualmente às três horas da madrugada, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o General da Congada autoriza, com seu apito, o início da festa e todos os ternos dançam, cantam e tocam seus instrumentos. Após a alvorada, a Comissão de Festeiros e os voluntários servem um café da manhã para os dançadores no Centro do Folclore, que fica ao lado da igreja. As mulheres têm um papel importante na produção dos quitutes e das bebidas servidos, e começam a sua preparação dias antes da festa (IPHAN, 2022).

No sábado à noite acontece o levantamento do mastro. Esse ritual é marcado por uma procissão que busca as imagens de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito, estampadas em bandeiras, na casa de uma tradicional família da cidade. Os ternos seguem, então, levando as bandeiras até o Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde elas são hasteadas ao final da missa, em altos mastros de madeira colocados no centro do Largo. Como em diversas outras manifestações de Reinados, Congados, Congadas que ocorrem no Brasil, durante o cortejo acontecem diferentes formas de expressão de fé da população: alguns acompanham a procissão descalços; outros vestem as crianças de anjos, dentre outras formas de cumprir votos firmados com a Santa (IPHAN, 2022).

No domingo iniciam-se as visitas. Os dançadores reúnem-se nas casas dos capitães e então saem às ruas pela primeira vez com suas vestimentas coloridas, para visitar casas e estabelecimentos comerciais da cidade. Nas casas visitadas, os congadeiros dançam e rezam e os capitães improvisam músicas para agradecer os moradores pelo convite e também em retribuição aos lanches, almoços ou jantares que recebem. Em seguida, os ternos reúnem-se na Igreja Matriz São Francisco para levar, em procissão, a imagem de Nossa Senhora e de São Benedito até o Largo da

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 266

Igreja do Rosário, onde acontece, então, a Missa da Congada. Na procissão participam todos os dançadores, o padre e a Comissão de Festeiros, sendo que os ternos de Moçambique acompanham a imagem da Santa e a Família Real. Essa procissão atrai muitas pessoas, que se aglomeram nas calçadas, para ver os ternos passarem, cantando e dançando, até o Largo do Rosário. Antigamente a Missa da Congada era realizada na Igreja do Rosário, contudo, atualmente, devido ao seu pequeno porte não comportar o número crescente de fiéis que vem participando da celebração, ela tem sido realizada no Largo, onde é montado um altar. Após a missa, os ternos dançam dentro da igreja e posteriormente seguem para mais visitas (IPHAN, 2022).

As visitas se estendem, inclusive, na segunda-feira, até o momento da Entrega da Coroa, ritual que marca o encerramento oficial da Festa. Tradicionalmente, todos os ternos saíam em procissão, partindo da casa do festeiro do ano para a casa do próximo festeiro para levar a coroa da Santa do Rosário. Mais recentemente, devido ao grande número de devotos que acompanha a cerimônia, monta-se um palanque próximo à casa do novo festeiro (IPHAN, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 267



Catupé Cacunda São Benedito. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Terno de Congo Vilão Santa Efigênia. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 268



Terno de Congo Catupé Cacunda Nossa Senhora da Mercês. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Terno de Congo São Francisco. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 269



Terno de Congo Marinheiro. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2007. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Terno de Congo Verde e Preto. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2018. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 270



Andor de Nossa Senhora do Rosário. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2022. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), 2022. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

5.1.2. Congadas de Niquelândia

A Congada de Santa Efigênia de São José do Tocantins[101] — mais conhecida como Congada de Niquelândia — é o nome que se dá ao conjunto dos grupos de devotos que cantam, dançam, tocam em homenagem à santa e também o nome da própria celebração. O primeiro registro da Congada remete aos escritos do médico, botânico e mineralogista Johann Emanuel Pohl (1782 – 1834) que já apontavam para aspectos que ajudam a compreender como, ao longo de 250 anos de existência, a celebração do Rosário nessa região continua forte, constituída por elementos de matrizes africanas,[102] europeias e indígenas.[103]

Embora a igreja de Nossa Senhora do Rosário fosse a mais bem conservada no Arraial de Traíras (hoje um distrito de Niquelândia), conhecido como Tupiraçaba (POHL, 1976), a devoção a Nossa Senhora do Rosário não é a mais destacada no município. Tendo como origem as tradições das comunidades quilombolas, a principal santa louvada como protetora dessas comunidades é Santa Efigênia, reconhecida pelos congadeiros como rainha. Nossa Senhora do Carmo também é homenageada e coroada como rainha.

Diferentemente de outras regiões, a festividade é organizada por um só grupo, conhecido como "Os Congos". Esse grupo não visita outras festas e não recebe visitas de outros ternos. A côrte é formada por juiz, juíza, príncipe e princesa. Há também um imperador de Nossa Senhora do Carmo e uma imperatriz de Santa Efigênia. Cantando e dançando nas casas visitadas em filas paralelas, os congadeiros fazem seus trabalhos às santas celebradas.

---

[101] São José de Tocantins era o antigo nome de Niquelândia.

[102] A respeito da presença de pessoas negras escravizadas na região, houve predominância de pessoas do Oeste africano, trazidas do porto de Salvador. Registros apontam, entre o período de 1810 e 1824, para a presença de trinta pessoas do Oeste (vinte e sete minas e dois nagôs) e nove centro-africanos, todos angolas (KARASCH, 2008).

[103] O território é originalmente dos ameríndios, destacando-se a presença do povo avá-canoeiro.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 272

Atualmente, as festividades da Congada ocorrem nos dias 24 de junho, que coincide com as atividades de capina do largo da Igreja de Santa Efigênia e com o primeiro ensaio da congada; no 29 de junho, dia de São Pedro, que marca o levantamento do mastro, e nos dias 25 e 26 de julho, em que se celebram Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo. Entre essas datas, realizam-se três ensaios.

A origem da Congada está ancorada na região do Quilombo Xambá, de onde teria vindo Manoel Xambá, um "chefe dos Congos, pai de Noé e avô de Maurício", ambos tornados chefes sucessores do pai (BERTRAN, 1998). Nesse quilombo viviam pessoas que fugiram das senzalas de Vila Boa (Cidade de Goiás), Meia Ponte (Pirenópolis) e São Félix (Cavalcante).

5.1.3. Congadas de Goiânia

A presença da celebração do Rosário nos centros urbanos, em especial na cidade de Goiânia e arredores, está ligada ao período de construção da cidade escolhida para se tornar a capital do estado. A formação deste núcleo urbano, projetado como um símbolo de modernidade, atraiu oligarquias rurais e o fluxo de trabalhadores, o que acabou por intensificar o trânsito de práticas de matriz africana para a região e a presença de Congadas.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e a Congada de Goiânia existem desde a década de 1950, segundo seus realizadores e estudiosos, quando a cidade, fundada em 1933, estava ainda em sua segunda década de existência.

Essas celebrações são, em grande medida, tributárias da festa de Catalão e, também, receberam elementos de outras Congadas do interior do estado e, ainda, diretamente de Minas Gerais. As Congadas mais antigas, como as da Cidade de Goiás e de Pirenópolis, que remontavam ao período colonial e que ainda eram vigentes até a década de 1970, parecem ter contribuído menos na formação da Congada em



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 273

Goiânia. Mas a tradição de Goiânia também inspirou as de outros lugares. No município de Aparecida de Goiânia, por exemplo, a formação do Batalhão de Congo de Santa Efigênia, que é uma referência de cultura negra no município, deu-se em 2013 a partir de pessoas oriundas de grupos de Goiânia e de Catalão (RODRIGUES; COSTA, 2019).

Há muitos elementos na celebração de Goiás que remetem a práticas já realizadas há mais de duzentos anos, como as refeições oferecidas pelos congadeiros aos participantes e convidados das festas, a organização devocional — rezas de terços, missas e novenas — e as procissões iluminadas com lâmpadas multicoloridas. As procissões iluminadas, especialmente, remetem a uma prática europeia bastante antiga de iluminar os cortejos de devoção a santos católicos. Outra tradição que permanece vívida nas Congadas de Goiânia é o levantamento do mastro, que sinaliza que todos os participantes estariam sob a proteção do santo homenageado, e marca o início das comemorações (CARVALHO; RIOS, 2019).

Atualmente encontra-se em Goiânia a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila João Vaz, fundada em 1988 por pessoas devotas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que, provenientes do sudeste do estado, realizavam os festejos de coroação dos reis negros na Vila de Santa Helena e na Vila João Vaz (CARVALHO; RIOS, 2019). A irmandade reúne três grupos que se identificam como de moçambique (apesar de não usarem gungas, instrumentos rítmicos característicos dos moçambiques mineiros) e um catupé marinheiro, chamado Catupé Marinheiro Vermelho (que é identificado como um catupé e não como um terno marinheiro, em função das diferenças nas vestimentas, melodias dos ritmos executados e na própria configuração do terno). Os moçambiques apresentam fortes ligações com os moçambiques mineiros, uma vez que foram formados pelo Sr. Lázaro, capitão também conhecido como Mancha Negra, oriundo da cidade de Uberlândia (MG).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 274

No segundo domingo de setembro, as ruas de Goiânia são ocupadas pela sonoridade das caixas, dos chocalhos e dos cânticos, e coloridas por bandeiras e mastros, empunhados por homens e mulheres de diferentes gerações, que vivenciam relações ancestrais africanas com a coroação de seus reis e rainhas (CARVALHO; RIOS, 2019).

5.2. No estado de São Paulo

Ao contrário do que acontecia em outras partes da colônia, a economia agrícola da capitania de São Paulo, até o século XVIII, era de baixo porte e poucos fazendeiros tinham recurso para aquisição de pessoas negras escravizadas.[104] Por isso, a ocupação contínua do atual estado pela população africana e afrodescendente se estabeleceu apenas no século XIX, resultante do sistema escravagista das monoculturas de café (SLENES, 1999). O fluxo dessa população se deu de diferentes modos nas várias regiões do atual estado, sendo que grande parte, destinada ao cultivo de café, se concentrou na região do Vale do Paraíba (BASTIDE; FERNANDES, 1959).

Além do Vale do Paraíba, o Litoral Norte e a Região Oeste do estado foram impulsionadas pela economia cafeeira, a partir da segunda metade do século XIX. Nesse momento, já havia a proibição do tráfico de pessoas, que se deu em 1850, e a região passou a ser sustentada pelo tráfico interprovincial facilitado pela presença de diversas linhas férreas na região (SLENES, 1999; LAGES, 1991; MATTOS, 2013).

A forma como a economia cafeeira progrediu, com particularidades nas diferentes partes do estado, afetou a maneira como cada celebração se desenvolveu. Segundo as consultas nos documentos e atas das irmandades, as cerimônias de

[104] Até meados do século XIX a população escravizada na região do atual estado de São Paulo era indígena (BASTIDE; FERNANDES, 1959).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 275

coroação de reis e rainhas congos ocorriam em todo o estado de São Paulo. Os festejos eram sobretudo dedicados a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (SOUZA, 2002). Registros de atas da Irmandade do Rosário da cidade de São Paulo, por exemplo, indicam que, desde o século XVIII, existiram festividades de coroação de reis e rainhas congos na capital paulistana (AMARAL, 1991). Na cidade de Cunha (Vale do Paraíba) há relatos que apontam para a existência do bem cultural também desde o século XVIII (WILLEMS, 1948).

Como será apresentado a partir do resumo descritivo de algumas dessas celebrações, as diferenças entre regiões do interior e a capital são relevantes. Com o enriquecimento dos cafeicultores, principalmente a partir das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, houve um intenso processo de europeização da capital paulista, com a expulsão e a perseguição de pessoas negras, bem como de suas práticas culturais, fato que não aconteceu, com a mesma intensidade, nas fazendas no interior. Esse processo explica a presença mais forte de celebrações do Rosário no interior do estado e a baixa presença na capital. Em cada cidade ou irmandade, ainda que elas compartilhem traços originários comuns de louvor ao Rosário e a outros santos de devoção do povo negro, existem singularidades (SANTOS, 1998).

Embora em menor número, vale citar a presença de manifestações atreladas às irmandades de homens e mulheres negros existentes na capital, sendo uma delas a Irmandade do Rosário de Nossa Senhora da Penha de França, na zona Leste da cidade. A comunidade tem, em suas atividades, festas para São Benedito e a Festa do Divino.

O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) das Comunidades Afrodescendentes de Mogi das Cruzes, realizado pelo Iphan em parceria com a Casa do Congado em 2015, se dedicou ao município de Mogi das Cruzes e seus

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 276

subdistritos,[105] quando foram identificadas sete celebrações. Já o Inventário do Congado Paulista realizado entre 2015 e 2017 em parceria com o Centro de Estudos da Cultura Popular de São José dos Campos (CECP), identificou 80 manifestações de Reinados, Congados e Congadas no estado, abrangendo as regiões do Vale do Paraíba Paulista, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Salto Grande, Vale do Ribeira, Campinas, Piracicaba, Atibaia e Grande São Paulo.

5.2.1. Festa de São Benedito de Aparecida

Em Aparecida (Vale do Paraíba), no ano de 2022, a Festa de São Benedito realizou a sua 113ª edição. Em 2009, quando a celebração completava cem anos, a Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, da Diocese de Aparecida (SP), solicitou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) o Registro da festa como Patrimônio Imaterial do Brasil (Cf. Anexo 08).

Nessa região, a devoção a São Benedito existe há mais de duzentos e cinquenta anos. Com a modernidade e o acelerado desenvolvimento econômico da região, muitas cidades deixaram de cultivar várias de suas práticas culturais, realizando, atualmente, somente a quermesse e algumas celebrações religiosas como novena, missa e procissão. Os festejos no município de Aparecida, e também no de Guaratinguetá (Vale do Paraíba), são exceções à regra, pois ainda cultivam práticas culturais e religiosas diversas que conjugam uma multiplicidade de elementos. Essas práticas culturais foram em grande medida articuladas por irmandades religiosas.

A mais antiga de todas, da cidade de Guaratinguetá, foi fundada em 1757 e consolidou práticas, processos e conhecimentos que inspiraram a homenagem a São Benedito em diversas outras localidades, inclusive em Aparecida. Até hoje, em

[105] Braz Cubas, Cesar de Souza e Jundiapeba; sendo as localidades pesquisadas: Associação Vila Vitória, Jardim Santa Tereza, Vila Bernadotti, Vila São Paulo, Vila Municipal e Jardim São Pedro; e Aparecida, no entorno.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 277

Guaratinguetá, os festejos se concentram na Igreja de São Benedito e, durante três dias, oferecem uma grande quermesse ao estilo das outras grandes festas religiosas que acontecem no Brasil. Além disso, Guaratinguetá preserva a mais famosa cavalaria do Vale do Paraíba, com mais de três séculos de existência, considerada um dos maiores símbolos de devoção e religiosidade de seus moradores.

No caso da Festa de São Benedito de Aparecida, o mérito da iniciativa de construir uma igreja para o santo e fazer a primeira festa em sua homenagem é de uma irmandade, também de São Benedito, que foi fundada na cidade no ano de 1909. A celebração atualmente é uma das maiores práticas religiosas e culturais do estado de São Paulo, reunindo todos os anos milhares de pessoas não só do Vale do Paraíba e de outras regiões do estado de São Paulo, mas também, por exemplo, do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, dentre outros.

Essa festa articula expressivos elementos litúrgicos, lúdicos e artísticos em uma programação ampla que mobiliza toda a cidade e envolve milhares de visitantes, durante os nove dias. Chega a reunir cerca de 300 mil pessoas entre moradores e devotos provenientes de diversas regiões do Brasil, que vêm à Aparecida para agradecer ou solicitar auxílio do santo – que é adorado como padroeiro dos pobres e dos cozinheiros.

A maior parte dos grupos de congado e moçambique participantes da festa vem de Minas Gerais, do Espírito Santo e de outras localidades de São Paulo, que imprimem aos festejos características singulares, esteticamente extraordinárias, da religiosidade popular afro-brasileira.

Desde que a Festa de São Benedito começou a ser celebrada em Aparecida até os dias de hoje, um casal se candidata e é escolhido para os cargos de rei e rainha de São Benedito. Nas primeiras décadas das celebrações, a escolha era feita pela irmandade do santo; depois, o casal anual de reis, junto com o vigário, passou a indicar os sucessores. Atualmente, reúnem-se os três últimos casais de reis e, junto com o

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 278

vigário, decidem quem serão os próximos rei e rainha. A função dos reis é organizar todo o evento: constituir as comissões de trabalho, empreender meios para angariar recursos financeiros e participar de todas as cerimônias sagradas e profanas da festa. Por isso, rei e rainha são figuras admiradas e respeitadas por toda a comunidade, de quem ouvem sugestões, palpites e arrecadam contribuições financeiras a partir da venda de rifas, da realização de bingos, de doações etc. No entanto, por seu zelo e dedicação integral ao evento, se diz popularmente em Aparecida que, na Festa de São Benedito, "o rei é o servo e não o senhor".

Além dos reis e ex-reis de São Benedito e do clero local, estão envolvidos na realização da festa diversos grupos de pessoas, dos quais se destacam: de 80 a 100 grupos de congadas e moçambiques; 200 irmãos de São Benedito; aproximadamente mil cavaleiros das Cavalarias de Aparecida, Guaratinguetá e outras cidades; 150 fazendeiros; 2 mil estudantes. Os festejos começam tradicionalmente no domingo de Páscoa, com a abertura da primeira novena na igreja do santo. O batuque típico da Irmandade de São Benedito anuncia que a reza vai começar trazendo consigo, num pequeno cortejo, o rei e a rainha para o primeiro dia de orações. Contudo, ainda que este seja o início oficial da festa, pode-se dizer que ela começa antes, com diversas atividades preparatórias, como a visitação da imagem de São Benedito às escolas. Quando a data da festa se aproxima, um andor é confeccionado com a imagem do santo que é, então, levado pelos reis e demais devotos, além dos representantes da irmandade e um padre, a todas as escolas da cidade. As escolas são enfeitadas e o andor é recebido com festa. O intuito da visitação é divulgar a Festa, no seu contexto religioso e histórico, preparando, assim, o alunado para as celebrações e para uma gincana escolar que acontece na semana da festa, e que é repleta de provas artísticas, culturais e serviços religiosos. Deste modo, crianças e jovens tomam conhecimento da tradição e são chamados a mantê-la e fazê-la crescer e se aprimorar.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 279

Nos dias em que acontece a festa, a área em volta da igreja, toda ornamentada com bandeirinhas coloridas, vai sendo tomada por barraquinhas de comes e bebes. Aos poucos, turistas, religiosos e estudantes de todo o Brasil vão se espalhando pelas ruas, praças, bairros e igrejas em diversos eventos e atividades, e toda a cidade vive em função da festa durante os nove dias de sua duração. As novenas acontecem durante toda a semana, até o domingo seguinte, na igreja ou na praça, e a cada dia os devotos são convidados a contribuir com alimentos não perecíveis diversos que serão usados para o acolhimento das congadas convidadas, sendo que o excedente é redistribuído para entidades que atendem menores e idosos carentes. Todas as noites após a novena, a cidade se alegra na quermesse e em atividades recreativas como bingos e shows.

5.2.2. Festa do Divino e Coroação dos Reis Congos em Mogi das Cruzes

Os registros mais antigos do congado em Mogi das Cruzes datam de fins do século XIX, com os congados presentes em celebrações realizadas em capelas situadas na zona rural do município. As atividades culturais mais antigas do município estão ligadas às festividades religiosas, sendo a Festa do Divino Espírito Santo a mais tradicional, cuja devoção data de 1613.

Na década de 1930, o Congado surgiu na região ligado às celebrações do Divino Espírito Santo. A partir da década de 1950, o fluxo migratório intensificou-se na região, com as pessoas atraídas pelo desenvolvimento industrial do local, e o Congado mogiano passou a ter forte influência dos reinados vindos de Minas Gerais, especialmente da região de Conselheiro Lafaiete e Carandaí. Nesse contexto, mestres e dançantes de antigas famílias de congadeiros e moçambiqueiros se encontraram, se reconheceram e se misturaram, absorvendo e incorporando as tradições e os costumes recém-chegados e retribuindo com suas próprias tradições. Teve início,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 280

assim, um processo de renovação de uma expressão cultural que perdura até os dias de hoje e se tornou representativa da região paulista, particularmente do Alto Tietê.

O grupo de congada mais antigo de Mogi das Cruzes, ainda em atividade, é a Congada Marujada de Nossa Senhora do Rosário, que foi fundada em 1957 e tem suas raízes no Grupo de Moçambique da década de 1930, identificado por Mário de Andrade. Houve cisões no seio da Congada Marujada de Nossa Senhora do Rosário, o que contribuiu para o surgimento de pelo menos mais três grupos: Congada Batalhão de Nossa Senhora Aparecida, Congada de Santa Efigênia e Congada São Benedito do Conjunto Santo Ângelo. Atualmente, Mogi das Cruzes conta com sete grupos de congada organizados. Todos eles realizam suas celebrações dentro dos limites do próprio município, seja na própria sede dos grupos ou em eventos religiosos promovidos pelas igrejas mogianas. Além dos grupos existentes, há registro oral de ocorrências esporádicas de moçambique e congada, em bairros da zona rural do município. Tais formações não chegam a constituir, propriamente, grupos organizados. Elas se apresentam no próprio local durante as quermesses e nos dias santos; depois, desaparecem, podendo ficar anos no ostracismo.

Ademais, no entorno do município de Mogi das Cruzes ocorrem apresentações, que são promovidas pelo setor público ou por instituições religiosas, das quais os grupos de congada de Mogi das Cruzes participam mediante ajuda de custo e transporte, mas não compõem celebrações que fazem parte do calendário religioso e cultural local. Atualmente, a Festa do Divino Espírito Santo e a Coroação dos Reis Congos constituem os eventos mais importantes dos quais participam os grupos de congada existentes no município.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 281

5.2.3. Festa de São Benedito em Ilhabela

Pesquisadores chamam atenção para a singularidade das homenagens a São Benedito na região do Litoral Norte de São Paulo, especificamente no município de Ilhabela, onde a congada é dedicada ao santo. A Festa de São Benedito em Ilhabela existe desde meados do século XIX. O primeiro registro remonta ao ano de 1855, quando ainda era organizada pelas irmandades religiosas, mas somente em 1868 a festa foi reconhecida pela igreja (CAPONERO, 2009). A Congada foi levada à região de Ilhabela em 1785, por um homem negro escravizado chamado Roldão Antônio de Jesus, tendo sido sua prática iniciada nos quintais da senzala (BUENO; SANTOS, 2022).

O município teve início com a fixação das primeiras expedições dos colonos portugueses, seguida, a partir de 1600, do cultivo da cana de açúcar, com base na exploração da mão de obra dos africanos escravizados trazidos ao Brasil. No século XIX, o cultivo do café se tornou a base econômica da região, ainda sustentada pela mão de obra de pessoas negras escravizadas. Inicialmente, o povoado foi batizado de Ilha de São Sebastião. Após algumas mudanças em sua autonomia administrativa e em seu nome, a localidade estabeleceu-se como município, no início do século XX, e passou a se chamar Ilhabela em 1945 (CIRINO, 2012).

A Congada de Ilhabela é a única no estado de São Paulo que, além dos cantos e danças, se apresenta executando um roteiro discursivo teatralizado, tematizando episódios das cruzadas cristãs contra mouros. Uma das grandes particularidades dessa Congada é a representação teatral da disputa entre o rei cristão do Congo e o embaixador mouro pelo trono, cujo conflito é sanado pela intervenção de São Benedito e a conversão dos mouros.

A presença das congadas é um dos principais destaques na Festa de São Benedito de Ilhabela (CAPONERO, 2009). Trata-se de uma festa de três dias, composta pela novena com terços e ladainhas, além de cantos a São Benedito, que tem sua imagem ornamentada para seguir em procissão pela cidade, onde uma missa lhe é



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 282

devotada. A missa em honra a São Benedito é denominada “missa afro” ou “missa conga”, mas também é chamada de “missa cultural” pelas autoridades políticas e eclesiásticas. Ela ocorre na igreja matriz com a presença da imagem da padroeira Nossa Senhora da Ajuda e Bom Sucesso (CIRINO, 2012).

Outro momento considerado marcante pelos autores é a “Ucharia”, onde se concentram e se alimentam os congueiros, familiares, convidados, entre outros. É um momento importante em que todos se reúnem e os alimentos são oferecidos, incluindo o bolo de São Benedito e a “concertada”, uma bebida à base de cachaça, cravo, canela e ervas (CAPONERO, 2009). Além da missa, da ucharia e da procissão, há também o momento da Meia Lua, caracterizado por uma coreografia que simula uma luta entre o batalhão do rei e o do embaixador. A meia lua ocorre no sábado pela manhã, quando o andor de São Benedito segue em procissão pela cidade. A missa afro ocorre no domingo e atrai muitas pessoas para a igreja, cuja eucaristia católica é ocupada por expressões da cultura e religiosidade afro. São inseridos elementos africanos na decoração da igreja, músicas e danças com instrumentos africanos e a indumentária dos participantes também segue essa característica, além da ritualística que dá protagonismo às mulheres negras.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 283



Ilhabela (SP) preparada para a Festa de São Benedito, 2017.
Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.



Mastro. Festa de São Benedito, Ilhabela (SP), 2017.
Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan..



Encenação da disputa pelo trono entre o rei do Congo e o embaixador mouro. Festa de São Benedito em Ilhabela (SP). Festa de São Benedito, 2017. Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.



Encenação da disputa pelo trono entre o rei do Congo e o embaixador mouro. Festa de São Benedito em Ilhabela (SP). Festa de São Benedito, 2017. Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 285



Crianças congadeiras na Festa de São Benedito em Ilhabela (SP), 2017. Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.



Festa de São Benedito em Ilhabela (SP), 2017. Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 286

5.3. No estado de Minas Gerais

O trânsito das pessoas negras escravizadas na Corrida do Ouro – ciclo socioeconômico cujo epicentro foi Minas Gerais no século XVIII – foi um dos primeiros vetores de difusão das festas do Rosário no estado. Os dados do levantamento preliminar para o INRC realizado pelo Iphan em 2014 registraram 701 celebrações festejadas de janeiro a dezembro, algumas com origem ainda no período colonial.

5.3.1. Festas de Agosto em Montes Claros

Em Montes Claros, as Festas de Agosto têm origem com a junção de três festas de devoção negra: a de Nossa Senhora do Rosário, a de São Benedito e a do Divino Espírito Santo, razão pela qual a celebração é referida, hoje, no plural: Festas de Agosto. Participam seis ternos: três catopês, um caboclinho e duas marujadas. Enquanto os caboclinhos afirmam a presença indígena na formação do povo norte-mineiro (ABREU, 2011) e os catopês representam a presença das pessoas negras (RODRIGUES *et al.*, 2014), já as marujadas exaltam os feitos dos marinheiros portugueses (IPHAN, 2014).

Os ternos de caboclinhos têm presença destacada nessas celebrações, reflexo da histórica presença indígena no norte mineiro (ABREU, 2011),[106] ocupado colonialmente a partir do final do século XVII, quando vaqueiros seguiram o percurso do Rio São Francisco, vindos da Bahia e de Pernambuco, estabelecendo as primeiras fazendas de gado. Um segundo grupo de colonizadores foi de bandeirantes paulistas, conhecidos pela truculência na relação com os povos originários, por eles denominados gentios (SILVA; SANTOS, 2011).

[106] No início do século XX, circulavam entre o Serro e o norte mineiro os Abatirá, Amoipira, Acoroá, Bokoré, Canacan, Kariri, Kayapó, Catiguaçu, Catolé, Dendy, Guayba, Kiriri, Kraó, Krixá, Xakriabá, Pataxó, Piripiri, Tupinaem e Kururu, vindos de Pernambuco, Bahia, Ceará, Mato Grosso e Goiás, através dos rios São Francisco, Jequitinhonha, Pardo, Verde Grande e outros afluentes (COSTA apud ABREU, 2011).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 287

A efetivação de uma ocupação no território que hoje corresponde a Montes Claros se deu a partir da concessão de sesmaria, em 1707, a um bandeirante que requisitou as terras próximas à nascente do Rio Verde Grande. Nessas terras, foi instalada a primeira fazenda de criação de gado da região, a Fazenda Montes Claros. Em 1768, seu segundo proprietário recebeu licença para a construção de uma capela, que foi dedicada à Nossa Senhora da Conceição e São José (LEITE; SOARES, 2018). Ao redor, teve início um arraial estabelecendo a povoação crescente da região na qual as pessoas negras escravizadas eram majoritariamente nativas, tendo pouca relação com o tráfico atlântico (JESUS; PAIVA, 2005). Essas pessoas foram as responsáveis pelo desenvolvimento do sertão norte-mineiro, em especial para Montes Claros, e ali perpetuaram suas tradições.

O surgimento da Irmandade e da Igreja de Nossa Senhora do Rosário ocorreu no período entre 1833 e 1839. As requisições para a construção da igreja coincidem com períodos em que foram localizados registros da ocorrência da festa, ao longo do século XIX, especialmente em jornais da época, como o "Jornal Correio do Norte" (BRITO, 2014). Em 2022, a Prefeitura Municipal de Montes Claros divulgou a retomada das Festas de Agosto, em sua 181ª edição. Considerando esse dado e o fato de que nos anos de 2020 e 2021 as Festas de Agosto não ocorreram em virtude da pandemia de Covid-19, que impôs restrições decorrentes da necessidade de controle sanitário, supõe-se que seu início data de 1839. Há registro documental do Jornal Correio do Norte que noticiava, em 1884, a ocorrência simultânea das festas de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e do Divino Espírito Santo (BRITO, 2014). A partir de 1979, a Secretaria Municipal de Cultura passou a apoiar a organização da festa.

Em suas características contemporâneas, as Festas de Agosto ocorrem ao longo de cinco dias, na terceira semana do mês. Seu início se dá na quarta-feira, e tem o encerramento no domingo, sempre após o dia 12 e nunca ultrapassando o dia 21 de agosto (IPHAN, 2014). Os ternos do município, junto a ternos visitantes vindos de



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 288

diferentes partes de Minas Gerais, homenageiam Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e o Divino Espírito Santo em sete momentos cerimoniais (Iphan, 2014). Esses momentos ou etapas são percebidos nas visitas às casas dos mordomos, no levantamento dos mastros, nos reinados e no império, nas missas em homenagem aos santos, no encontro dos grupos de congado, na procissão e na missa de encerramento. Os ternos realizam o cortejo do reinado pelas ruas da cidade, com muitas danças, toques, cantos, conduzindo o rei e a rainha, acompanhados de princesas e príncipes. O reinado é conduzido à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde ocorre o levantamento dos mastros em homenagem à santa, São Benedito e ao Divino Espírito Santo (BRITO, 2014; QUEIROZ, 2012).

5.3.2. A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte é uma das mais tradicionais celebrações da região do Alto Jequitinhonha, um complexo cultural e religioso que envolve uma série de rituais e práticas populares, incluindo o reinado, e foi registrada em 2013 como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, no Livro de Celebrações, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG).

Chapada do Norte é um pequeno município de aproximadamente 15 mil habitantes no Alto Vale do Jequitinhonha, região nordeste de Minas Gerais, que sedia a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos há mais de dois séculos. As primeiras explorações na região onde hoje se encontra o município de Chapada do Norte se deram por volta de 1725 por bandeirantes paulistas em busca de ouro e diamantes. A grande quantidade de metais preciosos encontrados nessa parte do Vale do Jequitinhonha levou a uma ocupação rápida, desordenada e originou alguns povoados e vilarejos na região, que passou a ser conhecida como Minas Novas.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 289

Grande parte dos moradores desses povoados eram pessoas negras escravizadas (IEPHA, 2011).

A Freguesia de Santa Cruz de Chapada, povoado localizado dentro da região de Minas Novas, foi criada em 1730. Mas só em 1962 a localidade foi desmembrada de Minas Novas, se tornando o município de Chapada do Norte. Os relatos do viajante Saint-Hilaire à região, em 1817, já no declínio da exploração do ouro, atestam uma população com mais de 600 pessoas, constituída principalmente por negros (IEPHA, 2011).

Registros historiográficos atestam a existência de pelo menos três irmandades leigas no povoado da atual Chapada do Norte, desde do século XVIII. Dentre essas irmandades, destaca-se a de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Libertos e Cativos da Freguesia de Santa Cruz de Chapada, que agregava a população negra e escravizada, não restringindo, contudo, a presença de pessoas brancas. Ela foi responsável pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde até hoje é realizada a festa em homenagem à santa. Não há documentos conhecidos que atestem a data de construção desta igreja no município, mas, por suas características, acredita-se que tenha sido erguida na primeira metade do século XVIII (IEPHA, 2011).

O registro oficial da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi feito em 1822. A antropóloga Liliana Porto, que realizou sua pesquisa de mestrado sobre a Festa do Rosário dos Homens Pretos em Chapada do Norte, chama a atenção para o fato de a Irmandade do Rosário ter sido a única que seguiu viva e forte ao longo dos séculos na cidade, permanecendo assim até os dias atuais. Segundo a antropóloga, isso parece se dever aos fortes vínculos de devoção e identitários da população local com Nossa Senhora do Rosário e sua celebração (PORTO, 1997). A presença majoritariamente negra em Chapada do Norte, desde sua fundação, e suas características sócio-históricas garantiram, além da permanência

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 290

de festividades ligadas ao reinado, a existência de quatorze comunidades quilombolas no município, atualmente (IEPHA, 2011).

O primeiro registro oficial sobre a Festa de Nossa Senhora dos Pretos aparece em documento de 1822, que registra a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos; no entanto, os estudiosos sublinham que a festa provavelmente já era celebrada antes do seu registro oficial (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Atualmente, a Festa é composta de várias expressões culturais e religiosas que se apresentam durante doze dias (sendo o dia principal o segundo domingo de outubro), em torno da Igreja do Rosário e em outros lugares do município. O público é ainda hoje majoritariamente de pessoas negras, mas envolve também pessoas brancas. É marcante o fato de que a celebração não acontece sem a presença de ao menos um rei negro consagrado durante os ritos do Reinado, o que pode ser interpretado como um gesto de reafirmação da irmandade e sua ancestralidade de matriz africana. A tradição da celebração se fundamenta na liderança por um rei e uma rainha (também chamados de festeiro e festeira), ambos integrantes da irmandade, que são escolhidos a cada ano pelos seus integrantes (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Uma das primeiras atividades da festa é a coleta de esmolas para ajudar nos gastos, algo já previsto no Compromisso da Irmandade, documento de 1822. O recolhimento das esmolas acontece em duas épocas do ano, no domingo de Páscoa e no Dia de Corpus Christi. Na primeira data, o recolhimento é de responsabilidade de um grupo de irmãos do Rosário e, na segunda, dos próprios festeiro e festeira. Outro importante momento que inaugura os preparativos da festa é a escolha do festeiro e festeira do ano (rei e rainha), que ocorre através de uma votação aberta entre os membros da irmandade, na Igreja do Rosário, no início do ano (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Mais próximo ao período da festa, os moradores de Chapada começam alguns preparos que incluem a compra de roupas e sapatos novos, a pintura e reparo



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 291

das casas para receber hóspedes e a intensa produção de doces, licores, biscoitos e bolos para o evento. A festeira providencia vestidos longos e rodados, no mesmo estilo daqueles usados no século XIX, e o festeiro providencia ternos bem cortados. Muitos fiéis também se preparam para cumprir promessas feitas para Nossa Senhora do Rosário. A Prefeitura também participa dos preparativos, delimitando junto à Irmandade os trajetos previstos para os reinados e outros cortejos, contratando artistas para se apresentarem durante o período festivo e providenciando a divulgação da festa (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

A cerimônia denominada "Meio-dia das Novenas" marca oficialmente o início dos festejos. Ela ocorre em uma sexta-feira, dez dias antes do segundo domingo de outubro, ao meio-dia, no largo em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A banda de música[107] executa algumas músicas em frente à Igreja e sinos são tocados com vigor, anunciando o início do ciclo de festividades. Em seguida, todos vão até a casa do festeiro, onde serão servidos quitandas e café. Depois, serão celebradas nove noites de novenas na Igreja do Rosário, uma espécie de preparação espiritual para a festa. Em Chapada do Norte, as novenas são normalmente coordenadas e realizadas por leigos católicos, sendo cada noite assumida por um grupo específico (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Os leilões são eventos de grande importância no ciclo festivo e acontecem durante vários dias. Costumam fazer parte do leilão carnes com preparos tradicionais da cidade, compotas e bandejas de doces, cestas de quitandas, pequenos objetos doados. A arrecadação dos leilões ajuda a custear a festa (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Na quinta-feira que antecede o domingo da festa, pela manhã, acontece a "Lavagem da igreja" por um grupo de devotos, a maioria mulheres. A cerimônia inclui a limpeza da igreja e de seu entorno, incluindo a lavagem e pequenos reparos nos

[107] A Banda de Música de Chapada do Norte, ou Filarmônica de Santa Cruz, é uma fanfarra que utiliza instrumentos de sopro e percussão, composta por cerca de 15 a 20 músicos (IEPHA, 2011).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 292

objetos litúrgicos e em toda a estrutura, para que esteja tudo impecável para as cerimônias que acontecem no templo religioso. Após a conclusão dos trabalhos de limpeza, outro rito acontece, o que faz esse dia ser conhecido como "Quinta-feira do Angu". A casa da festeira é o local de distribuição de uma refeição coletiva, que tem como ingrediente principal o angu de fubá de milho, que, conforme mostra o Dossiê de Registro da festa, é uma comida tipicamente negra (IEPHA, 2011).

No nono dia festivo, no sábado pela manhã, acontece a "Buscada da Santa" no Córrego do Rosário, que consiste em um cortejo que transporta uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, colocada num pequeno altar na beira do córrego, até a Igreja do Rosário. Trata-se de um rito que foi introduzido na festa em tempos mais recentes, em 1981. Segundo os moradores de Chapada do Norte, o rito foi introduzido por influência do festeiro daquele ano, um reconhecido tamborzeiro que, na ocasião, morava em Belo Horizonte e havia participado de um rito semelhante em um congado da capital. Junto com o rito, deu-se início também à tradição da Congada na Festa do Rosário de Chapada do Norte. Apesar da introdução desse evento ter se dado em um período recente, se comparado ao tempo de existência da festa, a história oral que dá origem a este rito é amplamente difundida em Chapada do Norte há muitas gerações.

Segundo conta a tradição, uma imagem da Virgem do Rosário teria sido encontrada por um padre, próxima a um rio ou gruta. Na versão de alguns dos moradores, trata-se do Rio Jordão. Em outras versões, o acontecimento se deu no próprio município, no "tempo da escravidão". O padre, então, teria levado a imagem a uma capela próxima, porém, ela desaparecia repetidas vezes e voltava para o local onde foi encontrada. Somente após ser levada para a capela por um cortejo ao som de tambores e cantos entoados por escravizados que a Virgem teria aceitado ficar no altar (PORTO, 1997). Tal tradição é revivida através da "Buscada", quando os Irmãos do Rosário, acompanhados da Congada de Misericórdia, dos Tamborzeiros e de centenas de devotos, fazem um cortejo até as margens do Córrego do Rosário. Lá eles resgatam

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 293

a imagem da santa (que fica em um abrigo de alvenaria)[108] e a levam de volta até a Igreja do Rosário (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

No sábado à noite, após uma novena, acontece o "Mastro a Cavalo", consistindo no levantamento do mastro e hasteamento da bandeira da Virgem Santíssima, que acontece em meio a uma representação local de uma batalha entre mouros e cristãos, conhecida como "Auto de Cristãos e Mouros".[109] A encenação reúne dois grupos de cavaleiros, os cristãos vestidos com finos trajes azuis e os mouros com trajes vermelhos. Todos montam cavalos adornados, com exceção do rei cristão, que vai a pé. O cortejo que antecede o auto, puxado pelos tamborzeiros, contando com a presença do capitão do mastro, rei cristão, rei mouro, cavaleiros e Banda De Música, além de todo o público que o acompanha, tem início na Praça José Maria do Sacramento e vai até o largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

No domingo pela manhã, assim que nasce o sol, os integrantes da irmandade e a Banda de Música se reúnem em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário para o toque do sino. Logo após, dirigem-se em cortejo para a casa do festeiro, onde farão uma refeição, tradicionalmente composta por farofa. Nesse dia, também acontece uma missa celebrada pelo padre local ou bispo convidado, segundo os moldes canônicos da liturgia católica. O festeiro e a festeira ocupam um lugar de honra, representado por dois tronos localizados próximo ao altar principal da Capela de Nossa Senhora do Rosário. Ainda no domingo, na parte da tarde, acontece a tradicional distribuição de doces em frente à casa do festeiro, de tipos variados, feitos por diversos devotos de Nossa Senhora do Rosário. Por volta das dezessete horas, os fiéis se reúnem em frente à igreja e partem em procissão pela cidade: festeiros, banda de música,

[108] A imagem é colocada neste abrigo alguns dias antes da "Buscada", para ser levada de volta à igreja.

[109] Este nome foi dado por Câmara Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, para designar esta tradicional encenação de lutas entre mouros e cristãos apresentada em festas religiosas de várias regiões do Brasil. In: CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1993. 6. ed. (apud IEPHA 2011).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 294

irmãos do Rosário, padre, todos participam do cortejo que, ao retornar para o largo do Rosário, culmina na coroação de Nossa Senhora do Rosário. Em um palco, meninas vestidas de anjo coroam a imagem, de acordo com a tradição católica (IEPHA, 2011; PORTO, 1997).

Em Chapada do Norte, o que se chama de reinado são os cortejos e caminhadas que levam os reis festeiros até a Igreja do Rosário. Caixa,110 corta-vento,111 pontão,112 bandeira113 e tamborzeiros se apresentam em frente à casa do rei e partem em seguida para a casa da rainha. Ambos vestem trajes reais tradicionais, coroa e cetro. Participam também dos cortejos de reinado a Banda de Música, a congada e o público. Na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Chapada, são dois os reinados: o Reinado de Domingo, que leva os dois festeiros para a missa, e o Reinado de Segunda-feira, que acontece no último dia da festa. Este último leva os atuais (velhos) e os futuros (novos) festeiros para a Igreja do Rosário, onde se encontram os principais integrantes da irmandade. Com a chegada dos reis, um grupo de irmãos vai até a casa do tesoureiro trazer o cofre da irmandade, que é aberto diante de todos os presentes. Ali acontece a prestação de contas e recolhimentos de anuais114 e esmolas, durando o dia todo. Finalizada essa etapa, começa o último grande evento da Festa, a "Posse", normalmente antecedida por uma missa. Na "Posse" ocorre a transferência das coroas, pelo padre, dos reis velhos para os reis novos. Daí se segue um grande reinado, os novos reis desfilam coroados e os tamborzeiros animam o público. O Reinado de

[110] A caixa ou o caixa tem a função de anunciar os eventos da festa, sempre andando na frente durante os cortejos. Usa um quepe branco, camisa e calças azuis, e toca uma caixa percussiva (IEPHA, 2011).

[111] São personagens que seguem os cortejos logo atrás do caixa. As roupas são semelhantes às da bandeira e pontão, mas portam uma espada de metal (IEPHA, 2011).

[112] Personagem que carrega uma lança comprida e durante os cortejos fica ao lado oposto ao do caixa. Na saída do reinado, o pontão faz um rito de proteção no qual risca o chão, até os pés do rei e rainha (IEPHA, 2011).

[113] Personagem responsável por conduzir um longo mastro em forma de lança, com uma bandeira pendurada (IEPHA, 2011).

[114] Quantidade em dinheiro paga anualmente por cada um dos irmãos do Rosário, constituindo-se em uma receita fundamental para a manutenção da irmandade.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 295

Segunda é considerado pelos irmãos o principal reinado da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada.



Congado de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2015. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Congado de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2015. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Congado de Nossa Senhora do Rosário. Na foto: Geni Carvalho Soares, Rainha do Congado e sua neta, Geisy Muniz Carvalho. Chapada do Norte (MG), 2015. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Congado de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2015. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Congado de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2016. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Congado de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

5.3.3. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro

A história do município do Serro (Serra do Espinhaço, região do Alto Jequitinhonha) integra o contexto de conflitos ocorridos no período colonial, no território do atual estado de Minas Gerais, em decorrência da interiorização e da ocupação da região por parte dos colonizadores portugueses, paulistas e colonos oriundos da Bahia e do Espírito Santo, principalmente nos séculos XVII e XVIII. Esses grupos avançaram sobre o território dizimando, escravizando ou afugentando povos indígenas, trazendo consigo a população africana ou afrodescendente também escravizada (VILLALTA, 2007a; VILLALTA, 2007b).

Boa parte da literatura dedicada à história da ocupação e da fundação do atual município destaca a instauração da Comarca do Serro Frio por volta de 1720. O objetivo da Coroa portuguesa era controlar o que saía das minas da região, principalmente em relação à exploração dos diamantes. Em 1734, foi estabelecida a Demarcação Diamantina, onde o Arraial do Tejuco assumiu o papel de sede. O aparato administrativo ficou, por sua vez, em Vila do Príncipe, atual Serro (MORAES, 2007a; RENGER, 2007a; FURTADO, 2007a).

A primeira irmandade criada no Serro foi a Irmandade do Santíssimo Sacramento, fundada em 07 de novembro de 1713. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Serro foi a segunda a ser criada e a primeira eleição de reis e rainhas para servirem à Nossa Senhora do Rosário foi realizada em 1716. O documento mais antigo encontrado é seu Livro de Eleições, de 1716 (Livro de Registro de Eleições da Irmandade do Rosário dos Pretos da Vila do Príncipe, 1716-1857) e o Livro de Compromisso, de 1728 (Compromissio da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario na Freguezia Da Conceyção da Villa Do Príncipe do Serro Do Frio no Anno de 1728) (MESQUITA, 2013; SILVA, 2021). Com 306 anos de devoção e celebração ao Rosário (completados em 2022), a festa continua grandiosa: com missas, procissões, músicas, cantos e danças que exaltam a fé.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 300

Para além da cidade do Serro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre também nos seus distritos, em datas específicas: em Três Barras, na última semana do mês de julho; em Milho Verde, na última semana de setembro; em São Gonçalo do Rio das Pedras, entre a segunda e terceira semana de outubro; e no Distrito Vila Deputado Augusto Clementino (popularmente conhecido como Mato Grosso), a festa do Rosário acontece na última semana de outubro. É muito comum a presença dos grupos de devoção ao Rosário oriundos desses distritos na festa do Serro e vice-versa. É o caso dos Catopês de Milho Verde, que participam há anos das comemorações na cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Apesar de ter sofrido muitos episódios de perseguição, a Festa de Nossa Senhora do Rosário continua a ser celebrada todo ano. Desde 1990, ocorre sempre no primeiro final de semana do mês de julho.[115] Atualmente, é realizada e frequentada por pessoas negras e brancas.[116] Os organizadores são o mordomo, primeiro juiz, primeira juíza, segundo juiz, segunda juíza, rei, rainha. Os grupos de dançantes são catopês, marujos, caixa de assovios e caboclos. Antecedendo à Festa do Rosário, têm-se o Tríduo e a novena. O primeiro corresponde ao momento de apanhar a cruz na casa do juiz e do rei – a cruz é de prata, com grande valor simbólico e sempre é carregada pelo presidente da irmandade. Posteriormente, acompanhados dos caboclos, marujos, catopês e da caixa de assovios, todos os participantes vão à Igreja de Nossa Senhora do Rosário para rezar a novena, que acontece às 19h30.

[115] Desde o século XVIII, a data de ocorrência da festa mudou algumas vezes. Inicialmente, era celebrada na primeira oitava do Espírito Santo, isto é, oito dias após a Festa do Divino Espírito Santo – no Serro é conhecida como a festa dos brancos em alusão ao Império Português. Com o Compromisso reformado da Irmandade, em 1979, a festa passou a iniciar-se no dia 29 de junho. Nos anos 1990, mudou para o primeiro final de semana de julho (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

[116] Não se sabe ao certo quando ocorreu a entrada de pessoas brancas. Até o século XX, predominavam as pessoas negras. Na década de 1980, a presença de pessoas brancas era grande (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 301

No sábado, ocorre a "Matina" – momento em que todos os presentes escutam as flautas[117] e o toque das caixas de couro da caixa de assovios. O cântico de Ave Maria é entoado três vezes consecutivamente. Nesse momento, as portas da igreja são abertas para iniciar a entrada dos festeiros. Os toques da caixa de assovios pedem as bênçãos da Nossa Senhora do Rosário para iniciar a sua festa. Em toda cidade, prevalecem os sons dos fogos de artifício e dos repiques dos sinos da Igreja do Rosário. Após a "Matina", o café da manhã é servido nas casas de todos os festeiros. Ao meio-dia, novamente os fogos de artifício e os repiques dos sinos da Igreja do Rosário ecoam pela cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

À noite, as ruas tornam-se território dos irmãos do Rosário para a retirada da bandeira na casa do mordomo. À frente da comitiva, o presidente carrega a cruz da Irmandade. Quando a bandeira chega no largo do Rosário, o vigário a abençoa para que seja erguida. Este é o momento do levantamento do mastro: as pessoas assistem ao levantamento da bandeira que apresenta a imagem de Nossa Senhora do Rosário, escutam os fogos e acompanham um show pirotécnico (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

No domingo, às seis horas da manhã, o reinado começa a se formar na casa do primeiro juiz. Passando pela casa dos outros juízes, rei e rainha, os festeiros chegam até à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde é celebrada a Eucaristia. Após a missa, os almoços acontecem nas casas do primeiro juiz, do segundo juiz e na casa do rei, onde o reinado almoça. À tarde, todos saem pelas ruas, desta vez para a procissão, que ocorre às dezessete horas. Algumas intervenções ocorrem no caminho, como aquelas que fazem alusão aos episódios misteriosos e revelados, ligados à aparição

[117] Segundo Daniel de Lima Magalhães (2009), o termo pífano não é usado atualmente na cidade, mas usa-se flauta. Ainda segundo o autor, e conforme relatado no Dossiê de Registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário pelo município, apenas três grupos de tocadores de flautas e caixas encontram-se em atividade em Minas Gerais: o Pipirui, de Conceição do Mato Dentro, a Caixa de Assovio, do Serro, e a Guarda de Honra da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, de Minas Novas (MAGALHÃES, 2009; PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 302

de Nossa Senhora do Rosário aos devotos pretos. De acordo com a historiadora Maria do Rosário Reis Simões (Zara), na tradição do Serro são os catopês que retiram Nossa Senhora das águas, não os marujos (comunicação pessoal, 2023).[118] A coroação da santa acontece em frente à Igreja do Rosário. Após a procissão, os novos membros do reinado são empossados. Estes deverão organizar a festa do ano seguinte. Os jantares são oferecidos na casa da rainha, da primeira juíza e da segunda juíza. Após a refeição, os catopês e a caixa de assovios cortejam cada membro do reinado de volta para casa (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

No último dia de festa, às doze horas de segunda-feira, os catopês e a caixa de assovios iniciam novo ritual para transferência da Vara ao novo juiz. Em todas as casas dos membros do reinado é oferecida uma farta mesa de doces. Após o momento de confraternização, todos vão para a Igreja do Rosário para assistir à santa missa. Finalizando a festa, há a descida do mastro e todos se despedem da imagem de Nossa Senhora do Rosário. O reinado e os grupos de congado entregam a bandeira ao novo mordomo. Em seguida, os integrantes do reinado são acompanhados pelos catopês e pela caixa de assovios, sem a presença de caboclos e marujos. É oferecido um jantar que tem como cardápio uma tradicional farofa (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

Durante a festa, as refeições oferecidas aos irmãos do Rosário e demais presentes são marcas da comunhão, pois estreitam os laços da comunidade envolvida em todas as etapas de preparação, que se inicia quase um ano antes. (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).

---

[118] Conforme apresentado na Introdução, um dos componentes participativos do processo de elaboração deste Dossiê foi a criação de canais de comunicação e acolhimento de sugestões, ponderações e objeções oferecidos pelos detentores e pesquisadores do bem cultural, o que foi viabilizado, sobretudo, durante os expedientes dos seminários virtuais realizados ao longo do ano de 2022, mas também via formulário digital encaminhado ao público após o terceiro seminário, abrindo-se um período para a recepção de colaborações redigidas pelos detentores e pesquisadores. Maria do Rosário Reis Simões (Zara) foi uma das importantes colaboradoras voluntárias para a revisão e complementação do Dossiê.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 303

Os catopês, a marujada,[119] a caixa de assovios e os caboclos celebram Nossa Senhora do Rosário, conduzem o reinado e são responsáveis pela mediação entre os festeiros e os devotos, tendo ao seu lado uma porta-bandeira responsável por levar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, que é feita de tecido branco com a efígie de Nossa Senhora do Rosário ricamente bordada (PREFEITURA MUNICIPAL DO SERRO, 2016).



Reinado. Festa do Rosário do Serro (MG), 2007. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)

[119] Em abril de 2005, a Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA), sediada em Milho Verde (distrito do município do Serro), solicitou formalmente ao Iphan o encaminhamento das ações necessárias para o Inventário, Registro e Salvaguarda dos Cantos Sagrados da região de Milho Verde, que envolvem as toadas dos catopês, da marujada e os vissungos. (Cf. Anexo 06)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 304



Caboclos Mirins. Festa do Rosário do Serro (MG), 2010. Autoria: Tiago Aguiar. (Acervo de Tiago Aguiar)



Caboclos do Serro com a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição ao fundo.
Festa do Rosário do Serro (MG), 2013. Autoria: Tiago Aguiar. (Acervo de Tiago Aguiar)



Caboclos do Serro. Festa do Rosário do Serro (MG), 2013. Autoria: Tiago Aguiar. (Acervo de Tiago Aguiar)



Catopés do Serro na chegada ao Largo do Rosário tendo ao fundo o guião do Rosário. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2016. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Caixa de assovios e catopés e Reinado do Rosário nas ruas da cidade do Serro. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2018. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Catopés do Serro. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Caixa de Assovios e Catopés na chegada ao largo do Rosário. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

5.3.4. Festa da Congada em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Uberlândia

A história da ocupação de Uberlândia está relacionada ao ciclo do ouro e à chegada de bandeiras por volta do ano de 1632 na região. Até então, era habitada por povos originários kayapó e bororo. Até o ano de 1880, a localidade de São Pedro de Uberabinha — como era conhecido o atual município de Uberlândia — esteve vinculada ao município de Uberaba, passando a se chamar Uberlândia em 1929 (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA, 2013).

Num segundo momento de colonização, concentrado na atividade agropecuária, a população de pessoas escravizadas cresceu ainda mais na região, determinando a conformação de uma sociabilidade e uma religiosidade negras nessa área (CARRARA, 2007). A população de afro-brasileiros escravizados — que nesse período vivia em condição de extrema precariedade e sofria maus-tratos — sempre

realizou suas práticas religiosas na Igreja do Rosário, situada em um local mais periférico. A igreja, fundada como capela em 1883, foi demolida no ano de 1931 (BRASILEIRO, 2019).

As celebrações e práticas associadas ao reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito remontam a esse período, quando durante o mês de outubro as pessoas negras escravizadas ou já libertas realizavam suas louvações aos santos padroeiros tanto na Capela do Rosário (mais distante do núcleo urbano) quanto em espaços mais centrais da cidade, como a antiga Praça do Comércio. Progressivamente, esses festejos foram concentrados nos espaços mais afastados da cidade (embora mais próximos do local de residência de seus praticantes), notadamente a Praça do Rosário, situada ao lado do antigo cemitério local.

Os primeiros registros da realização da Festa da Congada em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Uberlândia datam do ano de 1874. A organização do festejo é comandada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, entidade localizada no bairro Fundinho e que existe desde o ano de 1916. O festejo tem sua realização no mês de outubro, mas a sua preparação inclui um ciclo de atividades que começa bem antes desse mês e se intensifica quarenta dias antes do início da celebração, quando começam as campanhas para arrecadar recursos e o planejamento das atividades. A campanha de arrecadação inclui a realização de cortejos nos quais a imagem de Nossa Senhora do Rosário é levada à casa de fiéis onde, além de se rezar o terço, são realizados leilões de prendas com a finalidade de arrecadar donativos (IPHAN, 2013).

Os valores arrecadados na ocasião são revertidos para a produção da festa, principalmente para a reforma de instrumentos e renovação do estandarte e das vestimentas dos ternos. Doações de cestas básicas também são frequentes, sendo estas vendidas ou utilizadas na preparação da comida do festejo. Na Igreja do Rosário, nove dias antes da festa, tem início uma novena e, após o encerramento da parte



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 309

litúrgica, são realizados leilões diariamente — a renda auferida é dividida entre os ternos designados para receber os valores.

O festejo tem a duração de três dias: a segunda-feira, cuja programação é livre e fica a critério de cada terno; o sábado, que demarca o fim da novena que antecede a festa, e o domingo, dia do encerramento em que os cortejos percorrem a cidade com destino à Igreja do Rosário. O início da festa, propriamente, dá-se com a cerimônia da alvorada, que acontece nos quartéis-sede de cada um dos ternos. A alvorada é demarcada pela queima de fogos de artifício, seguida pelo cortejo dos ternos de Congo e Moçambique que, animado, atravessa a cidade ao som de violões, pífanos e instrumentos percussivos como caixas, zabumbas e outros. Embora o itinerário varie a cada ano, o destino é sempre a Igreja do Rosário, situada na região central da cidade, onde as imagens de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário são instaladas. No espaço da igreja as imagens são expostas junto a arranjos de flores e cestos ou caixas — neles são depositados donativos e oferendas. Esse é um momento em que há uma grande concentração de pessoas — da cidade ou vindas de múltiplas localidades próximas — na Praça Rui Barbosa, onde se encontra a igreja.

Após as apresentações que duram toda a parte da manhã, os ternos retornam para os quartéis a fim de almoçar. Continuam a peregrinação por volta das quatro horas da tarde, quando alguns se dirigem à casa dos novos festeiros, que são acompanhados por um cortejo até a igreja, onde se dá a cerimônia de coroação, que ocorre junto à celebração de uma missa. Na segunda-feira tem lugar a chamada "Entrega da festa", quando os ternos saem novamente dos quartéis e seguem até a Igreja do Rosário. O festejo é formalmente encerrado com a retirada dos mastros, que são guardados no interior da igreja até o próximo ano. Esse último momento é marcado por demonstrações de agradecimento e devoção aos padroeiros às portas do templo. Os ternos se despedem por meio de cantos e danças, e a multidão reunida lentamente se dispersa.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 310

Embora o número se altere a cada ano, a festa reúne aproximadamente trinta ternos, que se distinguem tanto por seus cantos como pelas coreografias executadas nos cortejos, que variam em velocidade e nas partituras corporais específicas.

Outra data importante para os ternos locais é o chamado Juizado de São Benedito, que tem lugar nos meses de maio ou abril, em dia próximo à Festa do Divino, realizada no domingo de Pentecostes. O festejo abre a série de "festas de santo" que compreende as de Santo Antônio, São João e São Pedro. Os festejos têm fim em outubro, com a Festa do Rosário. O nome do festejo — Juizado de São Benedito — alude ao fato de as "cabeças" do cortejo não serem coroadas, como na Festa do Rosário, mas consideradas "juízes" do santo. As atividades usualmente são realizadas em bairro periférico da cidade e contam com um contingente de pessoas muito menor do que aquele da Festa do Rosário (IPHAN, 2013).



Terno de Catupé Nossa Senhora do Rosário de Uberlândia em apresentação na Praça do Rosário. Uberlândia (MG), 2008. Autoria: Jeremias Brasileiro. (Acervo de Jeremias Brasileiro)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 311



Ritual de Trança Fita na Praça do Rosário, com a Guarda Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário. Uberlândia (MG), 2008. Autoria: Jeremias Brasileiro. (Acervo de Jeremias Brasileiro)



Moçambique do Oriente de Uberlândia (MG) em preparação para entrar na Praça do Rosário. Em frente da Bandeira, Comandante Geral Jeremias Brasileiro; ao seu lado Dona Dagmar Coelho (em memória), importante guardiã do Rosário, Uberlândia, 2008. Autoria: Jeremias Brasileiro. (Acervo de Jeremias Brasileiro)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 312



Festa da Congada em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Cortejo em direção à Igreja do Rosário, conduzido pelo Terno de Congado Marujos Azul de Maio. Uberlândia (MG), 2008. Autoria: Jeremias Brasileiro. (Acervo de Jeremias Brasileiro)



Terno Amarelo do Planalto. Uberlândia (MG), 2016. Autoria: Andréa Bonifácio. (Acervo de Andréa Bonifácio)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 313



Moçambique Pena Branca. Uberlândia (MG), 2022. Autoria: Maysa Abrão. (Acervo de Maysa Abrão)



Moçambique Quilombo dos Palmares. Festa da Congada em Uberlândia (MG), 2022. Autoria: Maysa Abrão. (Acervo de Maysa Abrão)

5.3.5. Festa de São Benedito de Machado

A formação histórica da povoação de Machado é marcada pelo crescimento da agricultura cafeeira a partir da segunda metade do século XIX, que se desenvolveu principalmente nas regiões do sul de Minas Gerais e nordeste paulista, ocasionando uma série de intercâmbios econômicos, sociais e culturais entre esses estados (LOPES; CARVALHO, 2015). O poderio econômico da elite agrária no sul de Minas Gerais teve importância social e política ao longo de todo século XIX, que se deveu em boa parte à robustez da cafeicultura na região, sustentada pelo trabalho de um grande número de pessoas negras escravizadas.

A história das Congadas em Machado está vinculada à tradição dos festejos em comemoração ao 13 de maio e em homenagem a São Benedito, cuja festa acontece em agosto, de forma ajustada ao calendário da colheita do café (GONÇALVES, 1979). Desde a abolição da escravatura, foram criados pelos colonos, em sua maioria pessoas negras, os chamados "ternos de congo" nas fazendas da região, no início do século XX. Tais festas populares conjugavam tanto comemorações profanas como aquelas de cunho religioso, ligadas à devoção pela Santa Cruz, por Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Eram compostas de bailes e danças variadas, além de quitandas como biscoitos, batatas assadas, pipoca e pau a pique, espécie de broa na folha de bananeira (SILVA, 2013). Com o tempo, as festas deslocaram-se das fazendas para as cidades, recebendo o nome de Dança de Congada e Festa de Congada (CAPRONI; REIS, 1979).

O primeiro registro do bem cultural em Machado consta no Livro Tombo I da paróquia da Sacra Família e Santo Antônio. Nele, está registrada, no dia 13 de maio de 1914, a celebração de uma festa em louvor a São Benedito, realizada majoritariamente por pessoas afrodescendentes (REBELLO, 2009). De acordo com a historiografia do bem cultural na região, a gênese festiva do Rosário em Machado deve-se às camadas periféricas da sociedade, de maioria negra e pobre (CARVALHO, 1985).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 315

As organizadoras da festa em Machado são a Paróquia Sagrada Família e a Associação dos Congadeiros (CORRÊA; ALVES, 2017). As Congadas de Machado estão envolvidas com três festividades principais ao longo de seu ciclo anual: a Festa de São Benedito, em agosto; a Festa 13 de Maio; e a Festa da Consciência Negra, em novembro. Registram-se, na cidade, 22 ternos de congo (IPHAN, 2013).

A Festa de São Benedito acontece na segunda quinzena de agosto ao longo de doze dias. Os nove primeiros são dedicados à novena de louvor aos santos padroeiros, e os três últimos dias contam com diferentes atrações culturais sem vinculação com a liturgia católica, além de apresentações dos ternos de congo. No domingo que abre a festa, acontecem a alvorada e a cerimônia de levantamento do mastro de São Benedito, momento de grande importância no ritual devocional da tradição. No dia do seu levantamento, nos ombros dos congadeiros e dos devotos de São Benedito, o mastro é carregado festivamente pelas ruas da cidade, acompanhado do som da marimba e dos atabaques, do repicar dos sinos e sob foguetório (SILVA, 2013).

A programação da festa é vasta e diversificada: conta com missas e procissões católicas, barraquinhas com comidas típicas, shows musicais de artistas da região, apresentação dos ternos de congo, embaixadas e coroação de reis e rainhas festeiros. Além disso, destaca-se na festa o momento da Retirada dos Caiapós, que rememora o encontro entre indígenas e negros escravizados por meio de uma encenação na mata. Uma vez libertos, eles saem à procura dos caiapós para agradecer-lhes o apoio aos negros fugitivos no período da escravidão e convidá-los para participar da festa (CERNIAVSKIS, 2010). A Retirada dos Caiapós acontece também nas festas de congado de outras cidades do sul de Minas Gerais, como Poços de Caldas. No ano de 2014, a Festa de São Benedito de Machado completou cem anos, e em 2010 houve o seu Registro como Patrimônio Imaterial Cultural do município (CORRÊA; ALVES, 2017).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 316



Primeiro Capitão do Terno de São Benedito, Rei Congo, Segundo Capitão de São Benedito e Rainha da Embaixada. Machado (MG), 2020. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Terno de São Benedito. Machado (MG), 2020. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Terno de São Benedito e Todos os Santos. Machado (MG), 2020.
Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Terno dos Baianos. Machado (MG), 2020. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Festa de São Benedito de Machado (MG). Reinado de São Benedito, 2022. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Procissão de Nossa Senhora do Rosário, Festa do Rosário de Machado. Machado (MG), 2022. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Festa de São Benedito de Machado (MG). Guardas escoltando o Rei Congo João Tomás, 2022. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)



Festa de São Benedito de Machado. Terno de Congo Afrojovem, 2022. Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 320



Festa de São Benedito de Machado (MG). Terno da Escola Estadual Gabriel Odorico, 2022.
Autoria: Cláudio Aparecido de Carvalho. (Acervo de Cláudio Aparecido de Carvalho)

5.3.6. Festas do Rosário na Boa Viagem em Itapecerica

Na primeira metade do século XVIII, a localidade onde hoje é Itapecerica era ponto de passagem e de descanso para entradistas e bandeirantes paulistas que, vindos do litoral, seguiam em direção ao estado de Goiás com o objetivo de explorar minas auríferas. O povoamento dessa região se deu por volta de 1739.

As lavras minerais e fazendas agropecuárias na antiga Vila de São Bento do Tamanduá contaram com larga utilização de mão de obra de pessoas traficadas da África, bem como de seus descendentes. Nesse contexto, em 1818 é criada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, quando também passou a ocorrer, na localidade, a Festa da Boa Viagem. Na época, a localidade ainda recebia o nome de Vila de São Bento do Tamanduá (IPHAN, 2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 321

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário do bairro da Boa Viagem vincula-se à irmandade e ao histórico de ocorrência da Festa da Boa Viagem. Ainda que não seja possível datar com exatidão o seu início, sabe-se que há pelo menos três gerações a comunidade congadeira de Itapecerica realiza a festa em devoção a Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito. Além dessas, há também a homenagem à Nossa Senhora Aparecida, padroeira do bairro da Boa Viagem. Os santos de devoção são conduzidos por uma côrte composta da rainha e do rei congo, além de reis e rainhas eletivos. Na tradição congadeira estão presentes ternos de Marinheiros, catopé, vilão e moçambique (IPHAN, 2016). As rainhas e reis congos, representantes da comunidade negra, são integrantes, também, da comunidade reinadeira de Itapecerica e, nela, destaca-se o Terno de Moçambique do Tonho Pretinho, fundado em 1972, que participa ainda dos reinados de outras localidades, como o Reinado do Rosário de Itapecerica, que acontece no segundo domingo de agosto; o Reinado de Lameus, no quarto domingo de agosto e o Reinado de Inácio Caetano, na primeira semana de setembro (ambos distritos de Itapecerica); o Reinado do Rosário do Quilombo, em Carmo da Mata, no mês de setembro e, no último domingo de agosto, no município de Camacho.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 322



Rainha Conga do Moçambique do Tonho Pretinho. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Marcelo Feijó (Acervo do Departamento de Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 323



Congada Nossa Senhora da Guia, chamada de “Catupé do Zé Anésio”.
Festa do Rosário na Boa Viagem, Itapecerica (MG), 2019. Autoria: Jad Vilela. (Acervo de Jad Vilela)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 324



Congada Nossa Senhora Aparecida, de Itapecerica.
Festa do Rosário na Boa Viagem, Itapecerica (MG), 2019. Autoria: Jad Vilela. (Acervo de Jad Vilela)



Terno de Moçambique do Silvano, de Camacho (MG).
Festa do Rosário na Boa Viagem, Itapecerica (MG), 2019. Autoria: Jad Vilela. (Acervo de Jad Vilela)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 325



Terno de Moçambique do Silvano, de Camacho (MG).
Festa do Rosário na Boa Viagem, Itapecerica (MG), 2019. Autoria: Jad Vilela. (Acervo de Jad Vilela)

5.3.7. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio em Belo Horizonte

O Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1944, é um dos reinados mais antigos de Belo Horizonte, situado no bairro Concórdia, na região Nordeste de Belo Horizonte, e sua história se entrelaça com a história da formação de territórios negros (ROLNIK, 1989) nesta cidade. Belo Horizonte foi fundada em 12 de dezembro de 1897, construída no local onde era o distrito de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rey, substituindo Ouro Preto no posto de capital de Minas Gerais.

A população negra na nova capital era grande, uma vez que toda a região das Minas Gerais viveu com intensidade o período escravocrata, finalizado nove anos antes da fundação de Belo Horizonte. A construção da cidade contou com parte da mão de obra negra, mesmo havendo um forte preconceito com a contratação de operários ex-escravizados no período pós abolição, preferindo-se a mão de obra de imigrantes

europeus (LOTT, 2017; COSTA, 1999). As classes mais ricas moradoras de Ouro Preto que vieram para a nova capital também trouxeram com elas seus trabalhadores domésticos negros. Soma-se a isso a migração de pessoas do interior do estado e de outros estados em busca de trabalho na nova capital, sendo grande parte dessa população de trabalhadores(as) negros(as) (LOTT, 2017).

A presença do Reinado em Belo Horizonte e região se fez marcante antes mesmo de sua construção. Ainda quando era o Arraial de Curral Del Rey, registros históricos atestam a existência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Arraial e freguesia de Nossa Senhora de Boa Viagem do Curral Del Rei, entre 1807 e 1811, sendo que depois disso não foram encontrados mais registros da irmandade. Já em 1917, há registros do surgimento da Irmandade dos Carolinos (LOTT, 2017). A Irmandade Nossa Senhora do Jatobá, localizada na região do Barreiro, foi tombada, na década de 1990, pela prefeitura municipal, como a mais antiga irmandade negra de Belo Horizonte (IPHAN, 2015). Todas as guardas existentes até a primeira metade do século XX sofreram severas dificuldades de garantir sua existência na capital, uma vez que, além da prerrogativa legislativa prevista no código penal brasileiro de 1890 que proibia diversos tipos de práticas religiosas e práticas populares, caracterizando-as enquanto "espiritismo, magia e seus sortilégios" – lei que perdurou até 1950 –, na década de 1920 a Igreja Católica proibiu a prática dos Reinados (LOTT, 2017).

Dentro do projeto de planejamento urbano, em que a população operária de Belo Horizonte deveria habitar regiões mais afastadas do centro da nova capital, a primeira vila operária criada se chamava Vila Concórdia, fundada em 1928 e que posteriormente viraria o atual Bairro Concórdia. No início da década de 1920, ocorreu a desocupação da última favela existente na zona urbana da cidade àquele momento – a Barroca – e grande parte de seus moradores foram para a região chamada de Vila Caiaux, onde a prefeitura estava vendendo lotes a preço de custo. A preocupação do

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 327

poder municipal era retirar da zona urbana da capital a população mais pobre, que foi até então tolerada ali por ter sido mão de obra fundamental para a construção da capital e, naquele momento, era vista como um obstáculo à crescente valorização imobiliária da região central. A prefeitura passou então a viabilizar a criação de vilas operárias para abrigar essa significativa camada da população. Diversas vilas foram criadas nessa época nas zonas suburbanas e agrícolas da cidade, sendo que a primeira a ser oficializada foi a Vila Operária Concórdia, antiga Vila Caiaux, em 06 de setembro de 1928 (IPHAN, 2015).

A criação da Vila Concórdia seguiu um projeto municipal, com desenho das ruas e construções de habitações populares de adobe, disponibilizadas gratuitamente para os novos moradores. O início da vila foi marcado por uma situação bem precária, ruas sem pavimentação, saneamento básico ou abastecimento de água, permanecendo assim por muitos anos. Por outro lado, uma intensa sociabilidade e um forte senso comunitário se estabeleceu ali desde o começo, o que viabilizou ao longo das décadas diversas conquistas, como posto de saúde, áreas de lazer, escolas, frutos da luta dos moradores e de sua associação.

A ocupação da Vila Concórdia, formada por operários, em sua maioria negra, fomentou ali um espaço de intensa presença de práticas culturais e expressões da religiosidade que cruzam diversas matrizes afro-brasileiras: umbandas, candomblés e reinados. O Reino Treze de Maio foi o precursor dos reinados na vila, fundado pela moradora Maria Cassimira, que era conhecida como a Preta Véia ou Rainha Conga (foi a primeira Rainha Conga do Estado de Minas Gerais, título criado pela Federação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário de Minas Gerais).[120]

No bairro Concórdia, a festa do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, também conhecido como Guardas de Moçambique e Congo Treze de Maio de

[120] Fundada em 1976, deu continuidade à Associação dos Congados de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais (1954) (VAN DER POEL, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 328

Nossa Senhora do Rosário, acontece todos os anos desde 1944, durante a primeira trezena do mês de maio, na sede do reino. A festa começa com a reza do terço e com a saída do Boi da Manta, um personagem anunciador da celebração. O terço é rezado por 10 dias consecutivos, sempre às 19h, concomitantemente à saída do boi, que é um acontecimento de grande repercussão na localidade, envolvendo centenas ou até milhares de pessoas, incluindo visitantes de diferentes regiões da cidade. Enquanto o boi percorre as ruas do bairro, o terço é rezado na capela. A estes 10 primeiros dias somam-se mais três dias de festa, completando a trezena da festa do Treze de Maio.

Para a saída do Boi, diante do altar, antes de começar a reza do terço, é entoado o canto do boiadeiro. Acompanhado do caixeiro, o boiadeiro canta e toca ao conduzir o boi. De acordo com a rainha conga Isabel Casimira, o boi é o embaixador da festa, que trabalha para Nossa Senhora do Rosário anunciando a chegada da celebração, convidando as pessoas e angariando fundos para apoio nas despesas do festejo (TORRES, 2020). A prática do Boi da Manta tem forte participação popular.

Na noite do dia 12 de maio, os ritos iniciam-se ao cair da tarde com o hasteamento dos mastros com as bandeiras santas de Nossa Senhora do Rosário, dos santos negros São Benedito e Santa Efigênia e do Divino Espírito Santo, marcando o início dos três principais dias festivos. As bandeiras são buscadas, assim como as rainhas do trono coroado, nas casas dos mordomos ou das madrinhas, por cortejos das guardas de congo e moçambique. Quando as bandeiras e as rainhas chegam à sede, trazidas pelas guardas, os mastros enfeitados são elevados, ao som das caixas e toadas de louvação, em um momento de muita vibração. A subida dos mastros é um gesto de grande fundamentação cosmológica. Os mastros são considerados como fontes de proteção, cósmica, energética ou imaterial, do território e servem de sinal de que o período festivo começou. Durante a subida, as espadas de capitães(ãs) de congo e os bastões de capitães de moçambique são erguidos para o alto, apontando para as bandeiras, com um gesto de profunda concentração quando



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 329

pedidos, promessas, agradecimentos e homenagens são prestados por toda a irmandade e visitantes presentes. Fogos de artifício e foguetes cuidam dos estrondos requisitados pelo rito. Ao redor do mastro, as guardas de congo e moçambique alternam-se nas saudações aos santos, enquanto o capitão com o bastão reza. Após as saudações serem realizadas, forma-se um grande círculo contornando todo o terreiro, que deve girar completando sete voltas. Nesse dia, ainda sem suas fardas, todos vestem-se de branco.

Na madrugada do dia 13 acontece a Alvorada. Antes do sol nascer, o toque das guardas na Alvorada delimita e sacraliza alguns pontos nos trajetos principais dos cortejos que serão cumpridos durante o dia, como ruas e encruzilhadas do bairro por onde as guardas passarão. Fogos de artifício irrompem nas encruzilhadas. De volta à sede, ao som dos tambores, os dançantes pedem proteção e licença para a festa começar. Em cortejo, as guardas devidamente fardadas deixam o reino para a coroação de seus reis e rainhas, que são feitas exclusivamente pelos capitães, nas casas das rainhas, com procedimentos e cantos rituais específicos. Ao longo do dia, as guardas do Reino Treze de Maio e as guardas visitantes ocupam as ruas do bairro Concórdia, ao som dos toques Serra Acima, Serra Abaixo, pelo moçambique; e das Marchas Grave e Dobrado, pelos congos.

No último dia, a festa reúne o maior número de pessoas, guardas e reinos, em um enorme cortejo que impacta todo o bairro, convocado a prestar alguma atenção na devoção do Rosário. Esse longo cortejo tem destino na igreja onde acontece a Missa Conga. Antes disso, após o café da manhã, inicia-se a chegada de várias guardas visitantes, ao que seguem o protocolo ritual de cumprimentos e saudações aos mastros e bandeiras, Nossa Senhora do Rosário, outros santos e santas do altar e à Rainha Conga. Após um grande almoço, as guardas saem no cortejo público. Em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças, ainda de portas fechadas, faz-se o canto de saudação, seguido do Lamento do Negro. O capitão do Moçambique do Reino Treze



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 330

de Maio posta-se diante da igreja e entoa o canto à capela, enquanto todas as guardas permanecem em silêncio. Este canto é uma memória cantada do tempo da escravidão, sendo o ponto alto do sacramento da Missa Conga (TORRES, 2020). Durante o canto, ao ser convocado, o padre abre a porta da igreja e, ao som dos tambores, as guardas entram tocando, cantando e dançando fazendo ressoar por toda a amplidão do ambiente, o que tem o efeito de um amplificador. Após a missa, o cortejo reinicia-se retornando à sede do Reino. Eventuais coroações de novos reis e rainhas acontecem ao final da festa. Cada guarda entra na capela e, uma a uma, despedem-se de Santa Manganá, Nossa Senhora do Rosário. Os integrantes da guarda anfitriã colocam sobre o congar suas coroas e bastões. No encerramento da festa do Treze de Maio, os candombes são tocados pelos moçambiqueiros da irmandade e por candomberos e moçambiqueiros visitantes. Esse rito acontece aos pés do mastro, já tarde da noite. O moçambique convoca sua Rainha Conga para dançar, na única ocasião que ela deixa sua postura contrita de rainha, girando vagarosamente no meio de sua guarda e se despedindo da festa, o que sinaliza aos preparativos da próxima: "Para o ano, eu voltarei!".



Reza do terço: rito que inicia celebrações do Rosário. Festa do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. À direita a Rainha Conga Isabel Cassimira (em memória), à esquerda seu filho, capitão Antônio Casimiro das Dores Gasparino. Bairro Concórdia, Belo Horizonte (MG), 2013. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 331



Festa do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte (MG), 2014. Ao centro, Rainha Isabel Casimira das Dôres Gasparino (em memória), à esquerda a então Princesa Isabel Cassimira (atualmente Rainha Isabel Cassimira) e à direita, Divina de Siqueira(em memória), da Comunidade Quilombola Mato do Tição, de Jaboticatubas (MG). Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Ao centro, capitã Margarida Cassimiro Gasparino. Festa do Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 332



Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio. Guarda de Congo Treze de Maio. Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio. Guarda de Moçambique do Reino Treze de Maio. Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa, 2014 (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Festa de Nossa Senhora do Rosário do Reino Treze de Maio. Dançantes da Guarda de Moçambique do Reino Treze de Maio carregam andores. Belo Horizonte (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

O próximo capítulo, **Dar, Receber, e Agradecer**: **a partilha no Rosário,** traz uma abordagem sobre os gestos de partilha que nutrem as sociabilidades do Rosário. Recebe destaque uma apresentação das práticas da comensalidade que são momentos principais das celebrações do Rosário. O preparo e a partilha da comida não raro são realizados em escalas enormes, acolhendo centenas de comensais. Para essas ocasiões, são mobilizados os ofícios de cozinheiro(a), organizadores(as) de grandes recepções; e são requeridos protocolos de oferta, recebimento e agradecimento realizados com toadas especiais para essa cerimônia. Será tratada a correlação da centralidade do alimento nas festas do Rosário com as cosmologias de matriz africana sobre os gestos de "dar de comer" e "comer junto". Sobre este tema, São Benedito é o santo destacado.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 334

Capítulo 6 - Dar, receber, agradecer: a partilha no Rosário



Guarda de congo agradece o café da manhã que será compartilhado. Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Ibirité (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

Dar, receber e agradecer são gestos éticos constitutivos das mentalidades e afetividades das comunidades do Rosário que, como visto, praticam uma sociabilidade nutrida por constantes manifestações de respeito, lembrança e afeição dos descendentes pelos antepassados e ancestrais. As afrografias da memória, como formulado pela rainha de Nossa Senhora das Mercês e intelectual Leda Martins (1997), envolvem os gestos de lembrança e homenagem aos que vieram primeiro dando condição para os que estão presentes. Dar vivas à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora Aparecida, entre tantos santos reverenciados, envolve saudar também aqueles que, em vida, foram

seus devotos e, pela fé, conseguiram alcançar melhores condições de vida para si e suas comunidades.

Neste sentido, boa parte das celebrações do Rosário foram iniciadas por promessas e são mantidas, ao longo das gerações (com ou sem interrupção), pelo compromisso com a promessa do(a) antepassado(a): vovó(ô) fazia, mamãe (papai) fazia, por isso fazemos também. Essas são disposições existenciais muito presentes na tradição. Os compromissos com os festejos, em geral, são dispendiosos, envolvem muitos preparativos, mobilizam muitas pessoas, mas, diferente do que poderia ser pensado por uma perspectiva moderna ocidental, não geram aborrecimento ou pesar às pessoas envolvidas. Pelo contrário, são situações que promovem grande satisfação. Como visto no Capítulo 3, nas palavras do mestre tambozeiro Antônio de Bastião (quilombo São Benedito do Capivari, Minas Novas, MG), "o que é feito de boa vontade tem os seus valores"; e "seguir a linha" do ancestral é algo que "dá prazer e alegria", sobretudo quando feito com apoio da comunidade (MATOS, 2018). "Ieeeiâ, dindinha, ieiê, dindinha, aguia puxa linha, didinhá, aguia puxa linha, dindinhá", diz a toada no candombe do Açude, em Jaboticatubas (MG), cantada na festa tradicional do quilombo em homenagem aos ancestrais e à Nossa Senhora do Rosário, por um público volumoso e enérgico de devotos quilombolas e visitantes, em uníssono.

Geralmente, os compromissos com promessas surgem em situações em que uma pessoa passando por alguma aflição ou forte anseio por uma graça, promete homenagear o(a) santo(a) que pode conceder o pedido, dedicando-lhe uma reza ou um festejo. Não é raro que a essa promessa se somem outras, feitas por amigos(as) e parentes do(a) precursor(a), que passam a se reunir, assim, partilhando os compromissos e, muitas vezes, gerando novos (novas promessas, novos agradecimentos), reforçando reciprocamente os laços com o(a) santa(a) e colaborando, unidos no Rosário, com o acontecimento da festa. Eu pedi, recebi e agora

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 336

vou agradecer, é um pensamento formulado em verso comum a muitas toadas cantadas no Rosário.

Durante as festas do Rosário, existem várias cerimônias rituais em que a circulação de dons é a principal motivação, o que fica explícito mediante as várias homenagens prestadas, com ofertas de toadas, danças, discursos. Cada grupo visitante, ao chegar à sede de um reino, por exemplo, se dirige primeiramente aos santos, presentificados pelas bandeiras elevadas pelos mastros, nas imagens, oratórios e bandeiras dispostos no ambiente. Feitas as devidas saudações aos símbolos sagrados, dirigem-se à côrte organizadora da festa, muitas vezes rei e rainha congos, outras vezes rei e rainha festeiros, dedicando-lhes homenagens cantadas e dançadas. Esse gesto pode durar tempo, nada feito apressadamente, demarcando a temporalidade extraordinária do período festivo e enfatizando a prioridade da satisfação do tempo sacralizado.

Dentre as cerimônias em que a prestação de reverências e homenagens é um gesto central, é importante destacar a partilha do alimento. A comida nas festas do Rosário é um elemento especial, muito dedicado, por meio do qual as comunidades demonstram a sua hospitalidade com a primazia da fartura, um tema comum às cosmologias e práticas não modernas. Oferecer comida em quantidade e com qualidade é uma generosa demonstração de poder[121] e também um gesto de agradecimento pelo que a terra, os santos, Deus, Nossa Senhora, os ancestrais dão. Nesse sentido, as práticas da comensalidade caracterizam um momento principal dentre os ritos do Rosário.

Não é raro que o preparo e a partilha da comida sejam realizados em escalas enormes, acolhendo centenas ou até milhares de comensais durante celebrações que podem durar mais de uma dezena de dias. Para essas ocasiões, são mobilizados os

[121] Nas tradições de matrizes africanas, sem o alimento não há poder (LODY, 1992).



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 337

ofícios de cozinheiros(as) e organizadores(as) de grandes recepções, muitas das vezes contando com trabalhadores(as) que, mesmo não sendo dos membros(as) da comunidade, se voluntariam por empatia ou por desejo de com esse gesto alcançar uma graça de providência divina. Ritualmente, são requeridos protocolos de oferta, recebimento e agradecimento pela comida, realizados pelas guardas, ternos, bandas etc. com a prestação de toadas especiais para essa cerimônia. Canta-se para receber, canta-se para comer, canta-se para agradecer pelo alimento compartilhado. Na Festa de Santa Efigênia de Niquelina (GO), por exemplo, os cantos fazem referência a um sentido de comunhão e de reforço dos laços entre os membros da irmandade pela troca estabelecida:

> Ôh senhor promesseiro que não tem que pagar
> O gosto que tem é nós festejar
> Ôh lê, ôh lá, o gosto que tem é nós festejar
> Sá Rainha guerrerê, guerrerá,
> Igreja de Roma que veio festejar
> Viva Efigênia com muita alegria
> louvemos o povo e a Virgem Maria
> (IPHAN, 2008)

No Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário (Concórdia, BH, MG), após o almoço e o jantar acontecem os ritos de agradecimento pela mesa farta, com danças e cantos:

> Oh que mesa tão bonita, toda cheia de nobreza
> Em nome do pai, do filho, do espírito santo, vamo agradecê a mesa
> Deus lhe pague, deus lhe ajude, deus lhe dê vida e saúde
> Oi já comeu já bebeu, já comeu, já bebeu
> Olha vamo agradecer, meus irmãos, olha o pão que deus deu
> Olha vamo agradecer, meus irmãos, esse pão que deus deu
> (IPHAN, 2015).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 338

De forma geral, essa centralidade do alimento nas festas do Rosário pode ser compreendida do ponto de vista da sua correlação com as cosmologias de matrizes africanas sobre os gestos de "dar de comer" e "comer junto". "Alimentar" é um dos gestos fundamentais das religiosidades de matrizes africanas e afro-brasileiras. De acordo com essas tradições, tudo gira em torno da comida.[122] Por esse motivo, as cozinhas dos terreiros de umbandas e candomblés, por exemplo, são consideradas "o coração" dos templos, onde circula e pulsa "o axé", cotidianamente. Conforme as "culturas do axé", alimenta-se às divindades para que a vida nos alimente (SILVA, 2021). Nesse sentido, não é diferente nas cozinhas do Rosário. Existem inclusive os preceitos, resguardos e interdições como, ao preparar o alimento, buscar não conversar assuntos levianos ou negativos; também, semelhante ao que se passa nos terreiros, nas cozinhas do Rosário é comum que seja pela cozinha a entrada das pessoas de maior prestígio na tradição.

Também em grande medida semelhante ao que acontece na tradição do Rosário, nas umbandas e nos candomblés os ritos de preparo das comidas que serão ofertadas envolvem pontos cantados, firmezas, rezas, que abençoam o alimento (LODY, 1992). E conforme essas tradições, a comida é um alimento para o corpo, para o espírito e para os ancestrais, sendo sempre compartilhada afetuosamente, tanto nas celebrações sagradas, quanto em confraternizações cotidianas - aniversários, reuniões, mutirões de trabalho. ''O preparo, oferta, distribuição e consumo do alimento são definidores da complexa dinâmica de cuidados que modula a vida", nestas comunidades. O ato de comer implica transformação, misturas, fluxos, renovação do axé, o fortalecimento do ori (cabeça), a saúde e o equilíbrio (RABELO, 2013).

[122] Interessante notar que a identidade religiosa é, muitas vezes, uma identidade alimentar. Ser judeu ou muçulmano, por exemplo, implica, entre outras regras, não comer carne de porco. Ser hinduísta requer ser vegetariano. O cristianismo ordena sua cerimônia mais sagrada e mais característica, a eucaristia, em torno da ingestão do pão e do vinho, como corpo e sangue de Cristo (CARNEIRO, 2005).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 339

Para a historiadora Célia Toledo Lucena (2006), que pesquisou as relações entre comida e sociabilidade na Festa de Nossa Senhora do Rosário na pequena cidade de Silvianópolis, no sul de Minas Gerais, o comer coletivo se baseia em um sistema de trocas que reforça os laços de sociabilidade, nos quais os atos de dar, receber e retribuir marcam as sequências cerimoniais da festa. Fazendo alusão ao trabalho do antropólogo Marcel Mauss (1974) sobre a generalidade da lógica das trocas cerimoniais, ela sublinha que também no caso dos banquetes coletivos, recusar a dar, deixar de convidar ou recusar a receber equivale a recusar alianças, e que, por outro lado, a concordância entre a avaliação do hospedeiro e do hóspede significa o reconhecimento de relações sociais harmoniosas. A autora sugere, então, que todo ato solene que reúne indivíduos concretiza-se através da realização de uma refeição em comum, onde a partilha da comida e da bebida estabelece uma fraternidade que remete a uma das expressões de solidariedade básicas da comunidade. No caso das festas do Rosário, as refeições conjuntas reforçam, portanto, os laços entre vizinhos, amigos, moradores, ex-moradores, visitantes e congadeiros.

Adriano Leite, detentor, artista e pesquisador da Congada de Ilhabela, ao mencionar a missa afro e a importância da matriz africana nas Congadas, também enfatiza o papel fundamental da partilha de alimentos:



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 340

> (...) os escravos tinham todos a devoção deles com os orixás. (...) Os negros começaram a chamar nessa época do Concílio do Vaticano II, era Luba, a missa do negro, e aí para eles a representação dessa missa era uma representação da natureza, de onde vinham as características da abundância da água, da terra, do fogo, das folhas, das flores. E a comida, além de tudo, era essencial, o momento comunitário, era o momento onde eles conseguiam entrar um na intimidade do outro com essa história da alimentação (...) (Adriano Leite. Entrevista concedida a Fábio Bueno realizada para compor o Inventário Nacional de Referências Culturais do Congado Paulista (etapa preliminar), Ilhabela, 15 out. 2016. *In*: BUENO; SANTOS, 2022).

Para que os banquetes coletivos aconteçam, é necessário que todo um "sistema culinário" seja posto em ação: seleção de alimentos, modos de cozinhar, saberes, técnicas, utensílios para a preparação dos alimentos, acionamento de papéis masculinos e femininos, receitas registradas por meio da oralidade e da memória etc. Além disso, a maneira de cozinhar e os hábitos de servir a mesa são indicadores de uma adesão a costumes regionais, étnicos e históricos que dependem de uma ampla rede de afetos que inclui odores, cores, formas e consistências específicas. A comida serve, portanto, para marcar um espaço, um lugar, agindo como um indicador de identidade (LUCENA, 2006).

Na bibliografia consultada, há a sugestão de pensar as "cozinhas" das comunidades do Rosário de um ponto de vista "territorial", associadas a um território ou região (LUCENA, 2006). Um exemplo é o caso da Festa do Rosário, no sul-mineiro, onde o banquete preparado e servido durante as celebrações revigora nitidamente as práticas culinárias regionais, ao colocar o acento na preparação dos pratos, no comer coletivo, no servir comida como marca de hospitalidade, além de dar visibilidade aos cozinheiros, doceiras e festeiros organizadores. Ademais, a escolha dos alimentos costuma ser um verdadeiro culto à ancestralidade, que mantém sua identidade por meio de alguns ingredientes e preparações, tais como: a banha de porco, o rigor dos

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 341

refogados, a leitoa assada, o tutu de feijão, o frango de panela, os temperos (LUCENA, 2006). Além do mais, as comidas são meios de circulação de afetos e memórias, sendo comum a recordação de uma festa pela lembrança dos sabores e aromas de uma refeição.

Dádivas de São Benedito

No contexto da devoção afro-brasileira ao Rosário, dentre os santos devotados é São Benedito o que mais comumente é relacionado à comensalidade, à cozinha, à fartura e à generosidade dentro das comunidades. Esse aspecto é registrado pela oralidade nas narrativas, com diferentes versões, sobre sua dedicação à cozinha e à distribuição de alimentos ao povo negro escravizado e submetido à fome. Assim, nos momentos de refeição, é muito comum saudar a São Benedito, agradecendo pelo alimento e rememorando tempos de fome e escravidão.

Do ponto de vista da historiografia moderna, Benedito nasceu em uma família de escravizados negros, em 1526, na Sicília, sul da Itália, e cresceu como pastor e lavrador. Aos 21 anos, ingressou na vida monástica, em uma ordem franciscana, onde permaneceu até a sua morte, aos 63 anos, em 1589 (BARROS, 1989 apud SILVA, 2009). Foi canonizado em 1807. No Brasil, segundo Cascudo (1965 apud SILVA, 2009), seus fiéis eram “os negros forros, a criadagem das casas-grandes” (sic) e, a grande maioria, famílias portuguesas e brasileiras.

Na tradição das bandas de Congo no estado do Espírito Santo, São Benedito é reverenciado como responsável por salvar cativos durante o naufrágio de um navio. Conta-se que, em meio a uma tempestade, um navio negreiro naufragou no litoral de Nova Almeida, região da Serra. Desesperados, os(as) escravizados(as) apelaram a São Benedito, que teria feito o mastro do navio se soltar. Agarrados ao mastro, os(as)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 342

náufragos(as) teriam chegado à terra firme e, tempos depois, iniciado os festejos em homenagem a São Benedito, fincando um mastro em memória ao acontecimento. Variações da história contada falam da vinda do próprio santo no navio e da concordância dos senhores dos escravizados em fornecer-lhes uma parelha de bois para puxar o mastro.[123] Esta história está na origem do ritual envolvendo o barco, nas fincadas de mastro dos municípios Serra, Fundão, Ibiraçu e Vitória, capital do Estado (IPHAN, 2020).

No conhecimento do Mestre Antônio de Bastião, reapresentado no começo deste capítulo, São Benedito era um santo muito humilde, porque era perseguido e humilhado pelos algozes brancos, quando serviu o exército. Nessa instituição que convoca as masculinidades para os desempenhos bélicos armados, o santo, em vida, era colocado para fazer a comida, "por humilhação", pois tratando-se de forças armadas, essa não seria a função boa para um homem (MATOS, 2018). No entanto, como será visto a seguir, em outras versões, Benedito não apenas cozinhava, como se valia do seu acesso ao alimento para distribuí-lo entre as comunidades desprezadas.

Em São Paulo e Goiás, de forma mais intensa e destacada do que em Minas, viceja a devoção a São Benedito. Embora no cenário mineiro haja a presença de muitas comunidades que realizam festas tendo o santo como homenageado principal - e tantas outras em que, como mencionado, nos momentos da refeição são a ele

[123] De acordo com a museóloga Isabel Quintino (2018), as festas de São Benedito do município da Serra são consideradas as mais importantes, presentes no calendário serrano desde 1836. Segundo a tradição, a festa iniciou-se após o naufrágio de um navio negreiro na costa do Espírito Santo, cujos sobreviventes foram socorridos por São Benedito. Após um cortejo festivo que percorre as proximidades da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município, a celebração a São Benedito culmina com a fincada do mastro com a bandeira do santo em frente à igreja. Este mastro, presente em todo o ciclo ritual do congo, simboliza o mastro do navio, que teria servido de apoio aos escravizados no naufrágio, e serve para elevar o estandarte do santo homenageado. Os principais ritos destas festas do congo são Cortada, Escondida de Mastro, Puxada do Mastro (chamada de Puxada de Barco), Fincada de Mastro, seguidas da Derrubada ou Retirada do Mastro. Os congueiros reverenciam e respeitam a bandeira e o mastro (QUINTINO, 2018).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 343

dedicadas as toadas de agradecimento -, o protagonismo de São Benedito é mais presente nos contextos paulista e goiano, o que fica patente pela proeminência da presença das narrativas míticas relacionadas ao santo, nomes de guardas, ternos e festejos oferecidos ao São Benedito (IPHAN, 2008; 2018).

Sobre o Congado de Ilhabela, no Vale do Paraíba Paulista, durante a Festa de São Benedito, toda a comida que faz parte da Ucharia – o momento de servir a refeição para os congueiros – é cozida fora do salão, ao lado, em fogo de chão. Em 2016, a Ucharia foi realizada no Salão Paroquial da Matriz, onde estavam distribuídas várias mesas, organizadas para atender as centenas de pessoas que lá iriam para almoçar. Estas formavam uma fila e se dirigiam aos caldeirões, onde o pessoal da organização servia arroz, feijão, carne cozida com batata e farofa (BUENO; SIQUEIRA, 2022). O compartilhamento de comida na Ucharia da Festa de São Benedito em Ilhabela é destacado e está diretamente ligado ao circuito das dádivas que se fazem em nome do santo, representando a fartura, o excesso, a mistura de elementos em simultaneidade e a comensalidade coletiva. Além disso, os alimentos oferecidos são tratados, muitas vezes, como abençoados e capazes de operar curas. Dessa forma, as graças do santo passam pela comensalidade do que, para ele (e em seu louvor), se cozinha (CIRINO, 2012).

Em Ilhabela (SP), o mito fundador e motivacional dos congadeiros para a Festa de São Benedito refere-se ao chamado "milagre das flores". Todas as pessoas – ou quase todas – que participam da Festa de São Benedito conhecem versões desse milagre (CIRINO, 2012). Na bibliografia consultada, o autor apresenta três variações da história a partir da narração oral dos detentores do bem:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 344

Porque você sabe que São Benedito, todo cozinheiro que se preza tem um São Benedito na cozinha, tem até o meu ali, aliás por falta de um, eu tenho dois pra num ficar .... (risos) então é o que eles falam que a casa que tem São Benedito nunca falta comida e é verdade. E mesmo nesses almoços (Ucharia) lá, pode chegar mais gente, dois ônibus, três ônibus que dá a comida, né, a comida rende. Então tem a coisa de São Benedito também que quando ele passava, ele roubava comida da cozinha e levava para os escravos e aí um dia um soldado falou 'todo dia você passa aqui com esse cesto' e aí ele falou 'não, são flores' e aí na hora que ele abriu, que os guardas tiraram o pano que estava cobrindo o cesto, né, realmente estava flores, mas não eram flores, era comida. Então foi um milagre que aconteceu. Ele estava levando a comida e ele foi interceptado pelos guardas e ele falou 'não! São flores!'. Então é um milagre porque eles abriram o pano e tava cheio de flores. (Milardia. Organização da Ucharia de São Benedito. Sobre a Congada de Ilhabela. Cap 2. "Vinho e Farinha". (2'47"). *In*: CIRINO, 2012).

(...) Ele era cozinheiro no convento então, às vezes a gente diz 'ah, tá com inveja' e perguntam 'porque a comida de São Benedito é a mais gostosa? Porque os pobres gostam! Você sabe que São Benedito dava pros pobres, e quantas cozinhas não falta? Lá sempre sobrava. E depois quando a comida era pouca ele pegava a comida, ele roubava e o chefe dizia: Não dá mais, você não pode dar comida pra mais ninguém, quem comeu, comeu, e ele sabia que tinha uma turminha que não tinha comido então ele pegou a comida, colocou no avental e saiu no meio do jardim e teve um guarda que perguntou 'o que você leva aí?' E ele falou 'são rosas', 'rosas, pra que?' são rosas', 'quero ver', aí ele abriu assim e eram rosas mesmo, não tinha comida. Ele transformou a comida em rosas. Ele não negava nada e ele não nega mesmo, é só pedir que ele ajuda. (Isalva, Irmã do Rei Mane, Chefe da Ucharia de São Benedito. Pré-entrevista Sobre a Congada de Ilhabela, 06/2006. *In*: CIRINO, 2012).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 345

> Então ele pegava os pães que sobrava e dava pros pobres. Assim fala a história, e dava pros pobres. O rei ficou sabendo daquilo que tava tirando o pão e dando pros pobres. Um dia ele vinha com um pote, tipo uma moringa, cheia de pão pra dar pros pobre lá e o rei breca ele, parou. 'O Benedito, o que é isso aí?', 'Isso é flor, senhor!' Ele usou o poder dele. 'Isso é flor', 'Então vira ai que quero ver essa flor'. Ele virou e era flor mesmo. Virou flor. Esse criolo tinha as manha. Ele tinha as manha de transferir alguma coisa. Então ele tinha um poder. (Bengesio. Ex-Rei da Congada de 1978 a 1981. Pré-entrevista sobre a Congada de Ilhabela, 06/2005. *In*: CIRINO, 2012).

Deste modo, São Benedito, que transforma alimento em flores para enganar o soldado/chefe/rei, é também dotado de poderes mágicos de transmutação e astúcia na relação com os brancos. Sendo um santo negro, a sua devoção evoca a ancestralidade e se conecta, na umbanda, por exemplo, à personalidade espiritual do preto-velho, como conta o mestre Silvio Antônio de Oliveira, que atuou em várias guardas de São Paulo, participando como um dos capitães da Congada de Santa Efigênia do Jardim Santa Teresa, em Mogi das Cruzes, e como dançante do Moçambique de São Benedito, do Parque Residencial Beira Rio, em Guaratinguetá:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 346

> (...) o moçambique é pra São Benedito né, então os versos são tudo pra ele. Porque São Benedito, ele é como se fosse um ancestral também porque ele era negro, até na umbanda ele é sincretizado com o preto velho, então quando você canta pra São Benedito é a mesma coisa, entendeu, dá na mesma, entendeu? Embora a história fale que ele nasceu na Itália né, mas os pais dele eram escravos. Então, é como se fosse igual aqui, vinha pro Brasil, os escravos vinham pro Brasil, aí tinha uns que nascia aqui, já era brasileiro, porque nasceu aqui, mas o pai a mãe sei lá vinha de Angola, do Congo, de outro lugar, os primeiros que chegaram aqui né. Então, São Benedito os pais dele foram levados pra Itália escravos também, mas ele era negro, ele era filho de africano então ele vem da linhagem entendeu, acho que é da Etiópia se eu não me engano, os pais dele eram, ele nasceu na Itália, mas os pais dele eram da Etiópia foram levados pra lá. Então ele é um ancestral né também. (Depoimento do mestre Silvio Antônio de Oliveira, coletado em 19/03/2005. *In*: IPHAN, 2018)

Em outro município do Vale do Paraíba Paulista, na cidade de Aparecida, também há distribuição de almoço e de doces para os pobres, nas Festas de São Benedito. Antigamente, existiam, na cidade de Aparecida, as famosas Doceiras de São Benedito, que preparavam o doce com açúcar e frutas doadas pelos moradores aos reis. Os doces eram feitos nas casas dos amigos dos festeiros, por doceiras e doceiros, em grandes tachos, sobre fogo de lenha. A partir de 1978, contudo, devido ao aumento da demanda dos devotos, os doces passaram a ser encomendados e fabricados por uma indústria de doces de Piracicaba. Hoje, embaladas em caixinhas de isopor, as porções são benzidas e depois as pessoas presentes recebem, pouco a pouco, o seu quinhão. Isso acontece após a missa solene, quando as congadas, a Irmandade do Santo, a côrte e os reis, acompanhados pelo pároco, se dirigem para a Casa do Doce, onde é realizada a benção dos doces e iniciada a sua distribuição. Assim, nos sabores de abóbora, batata doce e mamão, oito toneladas de doces são distribuídas aos

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 347

devotos, dentre moradores e visitantes, que acreditam que saborear o doce lhes trará saúde, fartura ou outra graça.

Em Goiás, por sua vez, na Congada de Santa Efigênia, da cidade de Niquelândia, também encontramos uma relação afetiva e regionalizada com a comida oferecida na festa, ainda que a forma de preparo das refeições também tenha se transformado ao longo dos anos. O café da manhã servido para os congos, os membros da irmandade, o padre, seus ajudantes e demais pessoas da comunidade, acontece após a Capina do Largo, no próprio largo da igreja. Atualmente, a organização dessa refeição é de responsabilidade da Irmandade de Santa Efigênia, que recebe um auxílio da Prefeitura e prepara o café da manhã com bolos, biscoito ferventado, rosca, café, leite, suco e refrigerante. Registros informam que antigamente, quando a maioria das pessoas morava na zona rural e vinha para a cidade no período da festa, quem cuidava desse café eram as próprias pessoas relacionadas à congada, geralmente, as esposas, mães e filhas dos congos. Elas traziam o polvilho, o fubá, a mandioca, as vasilhas e as gamelas e preparavam os doces e biscoitos em Niquelândia. Faziam quebrador, biscoito fervido, peta, brevidade, mãe benta, bolo de arroz, bolo de raspa e pão de queijo. Dona Cristina conta que o fubá era tirado no pilão e o polvilho era tirado da mandioca no ralo e no tipiti (Iphan, 2008). O café da manhã após a Capina no Largo tem um forte sentido de comunhão e de integração entre todos que fazem parte da congada e da festa, ainda mais se levarmos em conta que é na Capina que ocorre o primeiro encontro dos congos durante o ano. Nos tempos mais antigos, a própria preparação do café e feitura dos doces e biscoitos criava essa comunhão, envolvendo as pessoas e tendo um caráter de trabalho comunitário. Como disse Dona Josefa, "a gente fazia com amor, muito amor que a gente tinha. Era o prazer que a gente tinha. Era bom demais" (IPHAN, 2008).

Sobre a identificação de São Benedito com a ancestralidade afrodiaspórica – negros escravizados na Itália, no Brasil, e no mundo – há também a conexão pelo



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 348

trauma do racismo oriundo do regime escravocrata que, em grande medida, se manifesta na atualidade pelas condições da realidade social, como canta o mestre general Jair, do Batalhão de Congo Santa Efigênia de Aparecida (GO):

> São Benedito é preto
> Do tempo da escravidão
> Eu ainda sofro com a discriminação
> (Xote, general Jair, Batalhão de Congo Santa Efigênia de Aparecida - GO)

Outras versões populares da história de vida de São Benedito sublinham suas habilidades culinárias, homenageando-o como "santo cozinheiro", e pelos feitos mágicos e subterfúgios criados para não revelar a comida partilhada com os cativos. Conta-se, no Batalhão de Congo Santa Efigênia, no setor Alto Paraíso em Aparecida de Goiânia, que São Benedito era um escravizado cozinheiro que, todos os dias, era forçado a fazer verdadeiros banquetes com comida insuficiente. Contudo, Benedito era perseguido por ser sempre bem sucedido nas suas tarefas, até que decidiram queimá-lo para atestar se ele era realmente milagroso. Então, ele desapareceu sem deixar vestígios e passou a ser conhecido pelos negros como protetor das cozinheiras e dos negros (RODRIGUES; COSTA, 2019). Conta-se ainda que o santo era um escravizado cozinheiro, que alimentava todos a qualquer hora e lugar. Contudo, seus algozes invejosos tentavam destruí-lo a todo custo, obrigando-o a ir cada vez mais longe para buscar grandes quantidades de alimentos que um homem comum não conseguia transportar. Benedito, no entanto, partia e sempre retornava em tempo, trazendo tudo que pediam. Isso teria gerado a fúria de seus algozes. Incapazes de suportar um escravizado inteligente, resolveram queimar Benedito, fato que acabou por transformá-lo em protetor de todo o povo negro (RODRIGUES; COSTA, 2019).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 349

Entre as comunidades do Rosário mineiras, a presença da intimidade com São Benedito pode ser representada pelo depoimento de “seu” Charqueada, ancião do terno de Moçambique Pena Branca de Uberlândia (MARRA, 2007):

> Conta seu Charqueada, que certa feita, o senhor dono da fazenda onde o Benedito era cozinheiro mandou que ele preparasse uma refeição para seus muitos escravos, mas não lhe deu a provisão suficiente para tanto. Na despensa não havia banha e o arroz e o feijão eram pouco. O Benedito então pede o auxílio divino e logo obtém resposta do Todo Poderoso que lhe diz para ir até o chiqueiro e retirar um naco com toucinho e carne de um dos porcos, que fosse desde a cabeça até o rabo do porco e então preparar a comida. E assim o Benedito fez. Milagrosamente, a carne do porco que fora retirada se reconstituiu na mesma hora, permanecendo o porco vivo. Todos os escravos se alimentaram até saciar a fome e depois de banquetear tocaram e dançaram em agradecimento ao São Benedito. O patrão, vendo tamanha festança, foi ter com o Benedito e inquiriu dele como foi que conseguira arranjar tanto alimento. O Benedito então lhe relatou como conseguira a banha e o toucinho. O patrão não acreditando no milagre ameaçou castigar o Benedito, mas quando foi golpeá-lo o São Benedito levita e fica suspenso no ar. (MARRA, 2007).

Já na congada de Cunha (SP) o mito que relaciona São Benedito à criação da congada não tem relação com a vida de cativo de São Benedito, nem com o roubo de comida dos senhores ou distribuição aos pobres, nem tampouco à luta entre cristãos e mouros. A descrição do mito envolve São Benedito em outras situações, em local e tempo muito distantes dos outros mitos mais comumente relatados tanto em Minas Gerais quanto em São Paulo. É o que se pode observar no relato do mestre da Congada de São Benedito de Cunha, Roldão de Souza, em 2015. Perguntado sobre como surgiu a Congada, o mestre responde:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 350

> Intão. é dos iscravo, né? Isso ai é tudo dos iscravo. Ele era dos iscravo. A congada é da iscravidào, né? Incrusive tem par, tem verso que nóis canta falano dos iscravo. né? Intão. Ele (São Benedito) formô essa congada. Eu num lenho livro, num estudei, num li num livro, mai os mai véio sempre conta, tem umas pessoa que conta, que já contô e eu prestei atenção, que dizque quando Jesuis foi perseguido, que era criancinha, novinho. Aquelas pessoa maldoso queria matá Jesuis, que era criancinha, novinho, aquelas pessoa maldoso queria matá Jesuis, que ele nasceu, intão queria pegá ele e matá o menino. O menino tava com Maria (aqui Zé Bideco diz: Isso mesmo'). Maria e José, que é São José. Ai o que que aconteceu? Pegaro o menino e prendero. os "herode"", os marfazejo"'. Pegaro o menino e prendero. Ai São Binidito invento a congada, invento aquilo pra podé toma o menino dos mal lá, das pessoa ruim ("É, dos inimigo!" - complementa Zé Bideco). Ai foro cantano. Ele saiu na frente e aquela bateria atráis. Os cumpanhero foi. Chegô lá, aqueles mal, aquelas pessoa mal diz que ficaro dimirado caquele baruio, né? Bateno e cantano. Isquecero do menino! Do menino que tava preso, esquecero dele. São Binidito chegô. Porque pode presta atenção que São Binidito tá com o menino no braço, né? Ele tem o menino no braço ("E, tem. tem." - confirma Zé Bideco). Ele chegô e inquanto eles tavam intertido com a batería da congada que ele formô. Tava tudo intertido, num viro... ("Pegô o menino." - antecipa Zé Bideco) ...ele chegô e catô o menino e foi imbora! Seguiu na frente. Aí a congada chegô atrás bateno. Roubaro o menino de novo tamém. E entregaro pra Maria. Intão isso aí. isso ai eu já vi muitas gente antigo. O meu pai contava ("É! O meu pai contava tamém" - confirma Zé Bideco). (MARRA, 2007).

Portanto, a partilha da comida que constitui um traço fundamental das festas do Rosário é, sobretudo, relacionada às bênçãos de São Benedito.

A preparação de almoços, cafés da manhã, doces e lanches para uma grande quantidade de pessoas é parte intrínseca dos festejos e demanda a participação de muitos voluntários que se envolvem intensamente nessa atividade, para garantir uma parte significativa dos eventos: os banquetes coletivos. O alimento ofertado nessas ocasiões é uma dádiva que é oferecida para toda a comunidade e, por isso, um veículo

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 351

de força espiritual e religiosa que funciona como unificador das trocas entre as diferentes categorias sociais que participam das festas (MONTEIRO, 2016).

A esse respeito, são emblemáticas as palavras do padre ao comentar sobre o momento do ofertório e a parte final da missa conga – durante as festas do Rosário em Piedade do Rio Grande (MG):

> (Os devotos) oferecem a vida deles, seu trabalho, o cântico e talvez a etnia negra, né? A marca, a dor, o sofrimento, a alegria, a festa, o encontro, não é isso? A comida ali, então, tudo era ofertado. (Padre José Paulo, entrevista concedida à Lívia Nascimento Monteiro. *In*: NASCIMENTO, 2016).

Em boa parte dos festejos do Rosário, a garantia da abundância de alimentos é de inteira responsabilidade dos organizadores. Ter habilidade para coletar donativos, administrar e organizar os banquetes, programando todas as atividades necessárias para a sua execução, com perícia na condução do tempo dos preparos e do cozimento, de modo a atender um número grande de pessoas, são tarefas que competem aos "bons festeiros" (LUCENA, 2006).

No tocante aos arranjos de gênero no preparo das refeições, em Silvianópolis (MG), a autora descreve que são os homens que cozinham nas grandes ocasiões e as mulheres ficam com a cozinha ordinária. Responsáveis pela confecção dos doces, elas os elaboram com antecedência em suas próprias casas, de modo que, no dia do banquete, a visibilidade e o prestígio masculino são muito maiores. A cozinha da festa é, portanto, palco de "homens cozinheiros" e de "mulheres ajudantes" (descascando batatas, lavando louça). Contudo, se essa invisibilidade e/ou subalternização do trabalho feminino é comum em muitas festas, nas quais as mulheres ocupam sobretudo os espaços de bastidores relativos à cozinha e à produção de ornamentos, sendo proibidas de dançar, tocar ou chefiar grupos, em alguns casos, essa hierarquia é rompida pela atuação marcantemente feminina. É o que mostra a antropóloga

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 352

Dalva Soares (2009), a partir de seu estudo junto à Guarda Feminina de Nossa Senhora do Rosário, do Bairro de Aparecida, em Belo Horizonte (MG). De acordo com Soares, ao dividirem anualmente as tarefas de elaboração de comida, no caso específico dessa Guarda, as mulheres estão mais na liderança e no comando dos rituais, e os homens no preparo e na hora de servir as refeições, assumindo, em alguns casos, inclusive, a produção dos enfeites.

Consoante o que foi apresentado, é possível perceber que a comida e, principalmente, o comer coletivo nas festas do Rosário, desempenha um papel de grande importância para o estabelecimento e fortalecimento dos laços sociais entre todos os envolvidos. Esse comer em festa – materializado sobretudo no compartilhamento de alimentos, na fartura dos banquetes coletivos e na devoção ao "santo cozinheiro" – constitui e expressa aspectos fundamentais do Rosário.



Preparação da comida que será compartilhada. Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciriacos. Contagem (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 353



Preparação da comida que será compartilhada. Festa dos Padroeiros. Comunidade Quilombola Mato do Tição. Jaboticatubas (MG), 2015. Autoria: Nian Passolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Preparação da comida que será compartilhada durante a celebração de Nossa Senhora do Rosário. Comunidade Quilombola Açude, Serra do Cipó (MG), 2015. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Partilha do almoço na Comunidade Quilombola Mato do Tição. Festa dos Padroeiros. Jaboticatubas (MG), 2015. Autoria: Nian Pissolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).

*

A seguir, o próximo capítulo é dedicado a outro alimento, o "alimento da alma" consagrado pela devoção afro-brasileira ao Rosário: as músicas, sonoridades, cantos e toadas que vocalizam, e põem para dançar, as afrografias da memória (MARTINS, 1997).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 355

Capítulo 7 - Sons do Rosário[124]



Terno de Moçambique Zambiê de Angola. São Sebastião do Paraíso (MG), 2022.
Autoria: Bryan Felipe Alves Marques (Acervo do Departamento de Cultura de São Sebastião do Paraíso).

As características ligadas à musicalidade dos Reinados, Congados e Congadas, ao seu trabalho acústico e fazer sonoro, demonstram riqueza e complexidade. Como já foi exemplificado, o bem cultural apresenta uma diversidade de formas de expressão, que inclui suas diferentes denominações, suas práticas rituais, os santos e outras divindades cultuadas, os períodos cerimoniais e celebrativos, os

[124] "Sons do Rosário" é a expressão com a qual a etnógrafa musicóloga, Glaura Lucas (2002 (2014)), divulgou sua pesquisa de décadas de aproximação científica acadêmica ao universo musical e sonoro próprio do contexto do Congado e Reinado de Belo Horizonte e Região Metropolitana, destacadamente da comunidade tradicional quilombola dos Arturos.

tipos de agrupamentos instrumentais mobilizados, dentre tantos outros elementos que variam entre as regiões do Brasil e, inclusive em nível de suas localidades.

No sentido dessa diversidade, as formas de expressão acústicas presentes na devoção afro-brasileira ao Rosário são igualmente plurais, tanto entre Reinados, Congados e Congadas de diferentes regiões, como entre grupos de uma mesma localidade ou participantes de mesmas cerimônias e celebrações anuais. Deve-se manter especial atenção a esse caráter da variação expressiva e organizativa dos modos de ser e formas de fazer das comunidades do Rosário do Brasil que variam, inclusive, em nível de suas localidades. Ainda assim, é possível descrever importantes pontos de contato e de semelhança que atravessam a experiência acústica gerada por suas manifestações.

A seguir, são enumerados os diferentes tipos de sonoridades encontradas na devoção afro-brasileira ao Rosário nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo que, como já informado, são o referencial etnográfico deste Dossiê. Serão descritas as formações instrumentais e os aspectos mais recorrentes de suas organizações sonoras, indicando também os elementos compartilhados entre as diferentes tradições congadeiras e reinadeiras, em sua pluralidade.

Antes, é importante chamar brevemente a atenção para convenções e controvérsias a respeito do emprego do termo "música" para se referir às sonoridades das comunidades do Rosário. Do ponto de vista da etnomusicologia,[125] para se referir às elaborações e práticas sonoras de diferentes povos e comunidades do mundo, é sugerida cautela com o emprego generalizado da categoria "música" (por exemplo, "música do congado", ou "música afrodiaspórica"), porque o termo é associado pelo senso comum, técnico ou leigo, imediatamente à noção moderna ocidental do que seja música: uma "arte" puramente estética e formal. Esse parâmetro interpretativo

[125] Ciência que pesquisa, analisa e documenta as diferentes criações sonoras e suas expressões praticadas pelos povos do mundo.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 357

vinculado à cultura ocidental se distancia significativamente, por diversas das suas conotações, das variadas práticas sonoras dos detentores do bem cultural, que envolvem, como será apresentado adiante, componentes próprios, incluindo especialmente uma dimensão espiritual.

No sentido do que já foi comentado na introdução deste Dossiê, a hegemonia do poder colonialista que organizou as formas de perceber as diferenças culturais, valorizando exclusivamente o saber ocidental, fez com que, por séculos, as diversas formas de criação sonora de diferentes povos fossem descritas, analisadas e valoradas de maneira equivocada, subalternizadora, submetendo-as a parâmetros de análise no mínimo estranhos ao próprio contexto particular, ou seja, de acordo com parâmetros que não são os próprios dessas tradições. Por longo período, as sonoridades dos povos não europeizados foram divulgadas com o uso de nomes e caracterizações que hierarquizam as diversas qualidades e complexidades sonoras, tomando a música de matriz europeia como o grau mais elevado de sofisticação (CASTRO-GÓMEZ, 2005). Por isso, do ponto de vista deste Dossiê, quando se trata de uma forma de expressão sonora elaborada a partir de matrizes culturais não europeias, e especialmente quando se quer chamar atenção sobre o aspecto político e antropológico acima destacado, dentre outros, a categoria "música" pode ser mais bem traduzida por "sonoridades" ou "criações sonoras".

No entanto, o termo música é também empregado pelos próprios detentores do bem cultural e já bastante difundido para nomear projetos e produtos do mercado cultural - ambiente em que uma parte das comunidades do Rosário também está inserida - fomentado pelas políticas públicas culturais brasileiras das últimas décadas. Por isso, considera-se que "música" se torna um termo adequado quando os próprios fazedores, sabedores e praticantes da expressão sonora assim desejarem nomear, o que varia conforme os contextos e finalidades.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 358

Ainda nessa seara dos nomes mais bem utilizados, caso a caso, há a interessante proposta conceitual em torno da expressão "**trabalho acústico**", entendido como todo e qualquer investimento de energia humana em fenômenos auditivos; enquanto "música" seria uma "formação acústica", isto é, uma forma de elaboração do mundo audível circunscrita no espaço/tempo, ao lado de tantas outras (ARAÚJO, 1992; 1999). Além do evidente interesse político no cuidado com os nomes dados às coisas e na tentativa de reorientação conceitual, a busca por uma melhor caracterização da noção abstrata e universal do trabalho humano propõe, com a expressão "trabalho acústico", que estejam situados em um mesmo plano o universo sensível e econômico, o plano material e imaterial, o trabalho produtivo e estético: como canto, dança, instrumentos, toques, alimento, indumentária, objetos cerimoniais, dentre outras, que se articulam de maneira tão marcante. Essa horizontalidade (que não deve ser associada a uma simplificação) entre diversos elementos constituintes ou fortemente vinculados às culturas dos Reinados, Congados e Congadas parece muito pertinente para, justamente, tratar desse bem cultural multidimensional.

7.1. Os grupos rituais e suas sonoridades

Em Minas Gerais, São Paulo e Goiás, o bem cultural se estrutura ritual e performaticamente em um dispositivo formado, em geral, por uma côrte real vinculada a divindades cultuadas, bem como por um núcleo diretamente responsável pelo trabalho acústico e coreográfico das ocasiões, envolvendo ritmos, toadas, poesia, canto, dança. O núcleo do trabalho acústico e coreográfico se divide em diferentes tipos de agrupamentos instrumentais (grupos de dança/canto/toque) diferenciados por características como formação instrumental, indumentária, repertório, trabalho cinético e função ritual.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 359

Conforme já destacado no Capítulo 4, que tratou das formas de organização dos detentores do bem cultural, tais grupos são referidos, de maneira mais genérica, como “guardas”, “ternos”, “cortes” ou “grupos”, entre outros termos, variando entre os estados brasileiros ou em diferentes regiões de um mesmo estado. De forma mais específica, esses grupos se subdividem, de acordo com a região e características ligadas à sua estrutura e funções rituais, em diversas outras denominações, como congo, moçambique (ou massambique), catopé (ou catopê, catupé), caboclinho (caboclo, caiapós, penacho), marujo (ou marujada, marinheiro), vilão, candombe, tamborzeiros, pifeiros, entre outros.

Todos esses tipos de grupos se caracterizam acusticamente pela utilização de canto e instrumentos de percussão. Muitos incluem ainda instrumentos melódicos e/ou harmônicos em sua composição, como veremos adiante. A seguir, serão apresentados instrumentos e aspectos gerais que compõem o trabalho acústico e produzem as sonoridades e musicalidades do bem cultural Saberes do Rosário, em algumas regiões dos territórios pesquisados, caracterizados com base em teses, dissertações e comunicações acadêmicas, artigos, livros e filmografia dedicadas a descrever e analisar essa dimensão tão importante dessa prática cultural.

Importante recordar, conforme argumentado na Introdução deste Dossiê, que todas as descrições apresentadas nesta documentação tratam-se de exemplos de um vasto repertório de possibilidades de ser e fazer, verificáveis no mundo vivido das diversas comunidades do Rosário. Não há qualquer intenção de consolidar as descrições - que têm sempre a intenção exemplificadora - como características que possam limitar ou impor um critério restritivo de identificação do complexo e vasto universo cultural afro-brasileiro do Rosário no Brasil. Além disso, resta destacar que, haja vista a metodologia de elaboração deste trabalho, detidamente descrita na Introdução, baseada em ampla revisão bibliográfica e documental (em que pese sua amplitude e rigor inescapavelmente limitados) de materiais produzidos ao longo de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 360

décadas, há muitas ausências cujos efeitos no texto busca-se compensar enfatizando que se tratam de exemplos recortados da realidade variada. Sendo o Dossiê um documento componente do processo de instrução para a Salvaguarda do bem cultural, é esperado que as ausências e limitações desta documentação, inescapáveis, também poderão ser compensadas durante os processos e produtos de mobilização e execução das ações do futuro Plano de Salvaguarda.

7.1.1. Catopês, marujadas e caboclinhos no Norte de Minas Gerais

No município de Montes Claros, no norte de Minas Gerais, percebe-se três diferentes tipos de "terno": as marujadas, os caboclinhos e os catopês. As marujadas têm sua instrumentação composta por cavaquinhos, violões, violas e pandeiros; enquanto os caboclinhos utilizam violões, violas, rabeca e arco-e-flecha, sendo este seu único instrumento de percussão (QUEIROZ, 2005). Já os catopês são compostos por instrumentos de percussão, a saber, caixas, chamas, tamborins, pandeiros e chocalhos (MENDES, 2006; QUEIROZ, 2005). De acordo com Daniel de Lima Magalhães (comunicação pessoal, 2023),[126] a gaita também compunha a instrumentação dos catopês até os anos 1970.

As caixas, indicadas como principais instrumentos do grupo, são membranofones[127] cilíndricos de pele dupla (ataque e resposta), tocados com duas baquetas e atados ao corpo do tocador por correia. Tais instrumentos podem ser

[126] Conforme apresentado na Introdução, um dos componentes participativos do processo de elaboração deste Dossiê foi a criação de canais de comunicação e acolhimento de sugestões, ponderações e objeções oferecidos pelos detentores e pesquisadores do bem cultural, o que foi viabilizado, sobretudo, durante os expedientes dos seminários virtuais realizados ao longo do ano de 2022, mas também via formulário digital encaminhado ao público após o terceiro seminário, abrindo-se um período para a recepção de colaborações redigidas pelos detentores e pesquisadores. Daniel de Lima Magalhães foi um desses importantes colaboradores voluntários para a revisão e complementação do Dossiê.

[127] Instrumentos onde o som é produzido por meio da vibração de uma membrana que está esticada em algum tipo de suporte. Essa vibração pode ser produzida pelas mãos ou por baquetas.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 361

industrializados ou manufaturados por alguns dos próprios integrantes do terno, figuram em número de três ou quatro unidades entre os grupos observados e têm dimensões que variam entre aproximadamente 25 cm e 45 cm de altura, e 30 cm e 36 cm de diâmetro. Suas peles são em geral de couro de bode e uma esteira feita com linha de nylon e esporas de peru é atada à pele de resposta. A afinação/tensão dessas membranas nas caixas manufaturadas é realizada com um sistema de cordas presas aos aros do instrumento (MENDES, 2006; QUEIROZ, 2005).

Os chamas são membranofones quadrados, também de duas peles (ataque e resposta), manufaturados em madeira e couro de bode. Suas dimensões giram em torno de 35 cm de lado e 12 cm de altura. São segurados por uma das mãos do tocador, com auxílio de alça lateral em couro, e tocados com baqueta única, manipulada pela outra mão. Suas peles são fixas (presas por pregos ou tarraxas ao corpo do instrumento), sem sistema de afinação próprio. A afinação dos chamas, bem como dos instrumentos de construção semelhante a ele (apresentados em seguida) é realizada aproximando sua pele do fogo, "o que proporciona o enrijecimento desse couro que, com mais ou menos calor, vai atingindo a afinação ideal" (MENDES, 2006, p. 101). Cada terno conta com aproximadamente três ou quatro chamas, número que pode variar a cada ocasião (QUEIROZ, 2005).

Os tamborins são instrumentos idênticos aos chamas, mas com dimensões menores, em torno de 30 cm de lado e 6 cm de altura. Seu contingente dentro dos ternos, entretanto, é sensivelmente maior. Cada terno de catopê pode apresentar cerca de 25 instrumentos desse tipo.

Os pandeiros utilizados pelos catopês de Montes Claros podem ser industrializados ou manufaturados. Esses últimos apresentam estrutura também semelhante à dos chamas e tamborins, mas possuem apenas pele de ataque, permanecendo o fundo do instrumento vazado. Além disso, platinelas feitas de tampa de garrafa são afixadas nas laterais do instrumento. Suas dimensões são menores do



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 362

que a dos tamborins, girando em torno de 15 cm de lado e 5 cm de fundo. Ao contrário dos instrumentos anteriores, os pandeiros não são percutidos por baqueta(s), mas por uma das mãos do executante. Seu número em cada terno varia em torno de 25 instrumentos.

O chocalho é o único idiofone da formação instrumental. Construído em metal, tem o corpo cilíndrico, com comprimento variável, entre 10 cm e 45 cm e preenchido com esferas de chumbo. Apenas um, ou dois chocalhos são encontrados em cada terno.

Por fim, a gaita, tipo de flauta de construção artesanal, foi instrumento utilizado até os anos 1970 nos catopês de Montes Claros. Tal presença é descrita pelos memorialistas Hermes de Paula e Urbino Vianna, em relatos da primeira metade do século XX e confirmada pelo Mestre Zanza, importante chefe de catopê do município, falecido recentemente (Daniel de Lima Magalhães, comunicação pessoal, 2023).

Todo o repertório executado pelos catopês de Montes Claros se baseia em dois padrões rítmicos de base, chamados “marcha” e “dobrado”. A marcha tem andamento mais lento e é utilizada em momentos rituais solenes e contemplativos, como levantamento de mastros, entradas em casas e igrejas. Este padrão rítmico não é acionado em momentos de movimentação do terno (MENDES, 2006). Já o dobrado tem andamento mais rápido e seu uso marca momentos alegres e de deslocamento do terno. Ambos os padrões são percebidos por Queiroz como quaternários simples (QUEIROZ, 2005). Mendes indica a marcha como estrutura binária simples (MENDES, 2006).

Além dos instrumentos, tanto catopês, quanto caboclinhos e marujadas incluem o canto coletivo em seu trabalho acústico. Tal canto se baseia na alternância solo/coro, largamente repetidos sobre o acompanhamento de padrões rítmicos e harmônicos dos instrumentos. As partes vocais dos ternos obedecem a uma divisão diatônica do espaço das alturas, embora realizem os intervalos melódicos, em geral, de forma aproximativa. Assim, a precisão, ou justeza melódica não seria, nesse



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 363

contexto, um valor especialmente buscado (MENDES, 2006; QUEIROZ, 2005). Uma mirada ligeira sobre a produção audiovisual recente acerca de casos específicos do bem cultural nos permite supor que esse constitui um traço marcante em muitos casos em São Paulo, Goiás e Minas Gerais (IPHAN, 2016; LUCAS, 2006).

7.1.2. Pifeiros em Minas Gerais

O pífano é um tipo de flauta transversal artesanal com seis orifícios de digitação e um para sopro (MAGALHÃES, 2009). Nos municípios mineiros de Minas Novas, Serro e Conceição do Mato Dentro, encontramos os únicos exemplos atuais de ternos ligados a comemorações do Rosário que incluem tais instrumentos em seu corpo. Chamados de "pifeiros", ou "tocadores de pífanos e caixas" em diferentes documentos históricos, tais ternos recebem nomes particulares em cada um dos locais onde se encontram. De acordo com Magalhães (2009; comunicação pessoal, 2023), os ternos de pifeiros podem ser pensados em dois tipos principais: 1) o primeiro ligado à região do Serro, "sendo representantes [...] a Caixa de Assovio [município do Serro] e o Pipiruí [Conceição do Mato Dentro]. Este tipo é constituído por um mínimo de quatro integrantes, dois pifeiros e dois caixeiros, podendo atuar com mais pifeiros ou caixeiros conforme a ocasião" (ibid.); 2) o segundo tipo é encontrado na região de Minas Novas, representado hoje pela Guarda de Honra. Essa guarda é composta por apenas um pífano e dois caixeiros, além de integrantes que não tocam instrumentos musicais, como o chamado "pontão" (que leva uma lança), o "porta-bandeira" e o "corta-vento" (que leva uma espada). Outros grupos com esse segundo perfil podem ser encontrados na mesma região, em municípios como Chapada do Norte, Francisco Badaró e Araçuaí. O pífano, entretanto, não aparece na composição desses últimos.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 364

Apesar da escassez de referências na literatura especializada[128] e da presença relativamente pequena de grupos de pifeiros atuais em Minas Gerais, tal configuração de terno parece ter sido muito mais difundida no passado. Diversos testemunhos orais e registros históricos revelam sua atuação em localidades como Ouro Preto; Diamantina (onde documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, datados de fins do século XVIII e início do XIX, informam pagamento a pifeiros e reforma e feitio de pífanos e caixas); Comunidade do Baú, no município do Serro (de onde eram originários os pifeiros que atuavam na Festa do de Nossa Senhora do Rosário de Milho Verde até as primeiras décadas do século XX); Itapanhoacanga, no município de Alvorada de Minas (cujo terno de pifeiros atuou até por volta de 1990). Possivelmente diversos outros locais e festas contavam com esses pifeiros, uma realidade que futuras pesquisas ainda podem descortinar (MAGALHÃES, comunicação pessoal, 2023).

Na pesquisa "Pipiruí e Caixa de Assovio: tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado" (MAGALHÃES, 2009), estão transcritos mais de 60 documentos que mostram a atuação do Pipiruí entre 1880 e 1959. Sobre o assunto, existem outras duas publicações, "Canudos, gaitas e pífanos: as flautas do norte de Minas" (MAGALHÃES, 2010) e "Cancioneiro do Jequitinhonha: 160 partituras para flauta" (MAGALHÃES, 2010),[129] dedicadas aos ternos de pifeiros no âmbito das festas de Nossa Senhora do Rosário. Há ainda o documentário "Pífanos do Congado", produzido em 2008 e o CD "Bandas de taquara e música de pífano em Minas Gerais", produzido em 2007, ambos disponíveis na plataforma Youtube.

[128] Destacamos a produção de Magalhães, autor já trazido logo acima, através dos textos de 2009 e 2010, além do documentário "Pífanos no Congado", lançado em 2008 e do CD "Bandas de taquara e música de pífano em Minas Gerais", de 2007, produzidos por ele.

[129] O Iphan concedeu o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade por duas vezes, em nível estadual (2007 e 2012) e em âmbito nacional, em 2012, a esta pesquisa.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 365

7.1.3. Presença da Marimba

Outro instrumento outrora marcante no contexto dos Reinados, Congados e Congadas e pouco observado em uso na atualidade é a marimba. Ela pode ser encontrada, por exemplo, em aquarelas de Carlos Julião, de fins do século XVIII, com o título "Riscos illuminados de figurinos de brancos e negros dos uzos do RJ e Serro do Frio". Vemos ali cortejos que levam reis e rainhas negros com grupo de instrumentistas compostos por caixa, reco-reco, tamboril, pandeiro, viola, além da marimba (MAGALHÃES, 2009, p. 61).

A Congada de São Benedito de Ilhabela (litoral norte de São Paulo) é uma das raras comunidades atuais onde a marimba é tocada. O instrumento é ali um idiofone percutido de alturas definidas, com seis teclas de madeira e cabaças como caixas de ressonância. Ele é atada ao corpo do instrumentista por correia (que passa por sua nuca/ombros) e tocada com duas baquetas de madeira roliça e pontas arredondadas (Campos, 2017). Seu uso na Congada de Ilhabela data de tempos imemoráveis. Instrumento muito semelhante ainda pode ser visto também na festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Rio Piracicaba (MG) (MAGALHÃES, 2023, comunicação pessoal).

Além disso, como será visto no item adiante, alguns congos na Cidade de Goiás (GO) são compostos por grupos de soldados/culata que tocam a marimba, sendo esta, entre eles, o único instrumento de construção artesanal.

7.1.4. Moçambiques, congos, catupés e marinheiros no Triângulo Mineiro

Em Uberlândia (Triângulo Mineiro) há quatro tipos de ternos, a saber, moçambiques, congos, catupés e marinheiros (ou marujos). Os três últimos utilizam, em sua instrumentação, tambores ou caixas – maracanãs, surdos, surdinhos e ripiliques – e o chocalho. Um único terno do município utiliza ainda violão e sanfona,



além da percussão. Em todo caso, os instrumentos dos grupos são em geral industrializados, com exceção do moçambique, onde se encontram também maracanãs artesanais, como o são as patangongas. As "patangongas", ou "patangomas" e "patangomes", são idiofones de agitação (do tipo chocalho) construídos em metal, na forma de duas bateias unidas. Integrantes do moçambique utilizam ainda as "gungas", isto é, guizos atados a uma cinta amarrada em seus joelhos e/ou canelas. Sobre as gungas, existem muitas descrições informadas pela tradição oral que identificam esse instrumento à simbologia de assemelhar-se com os grilhões do "tempo da escravidão" que atavam os pés das pessoas escravizadas, chamando a atenção para o sentido de libertação que a forte percussão sonora dos chocalhos difunde pelas ruas das cidades por onde passam os moçambiqueiros (ARROYO, 1999).

Ainda conforme a mesma autora, os ternos de marinheiros tocam segundo quatro padrões rítmicos diferentes, chamados "marcha", "rojão", "congo" e "prorrobó" (ARROYO, 1999).

7.1.5. Instrumentos das Congadas em São Paulo

Quanto mais próximo ao estado de São Paulo, como nos municípios da região Sul do estado de Minas Gerais, mais pode se observar a transformação nas formas de expressão sonoras do Rosário, com a introdução de novos instrumentos, como o saxofone, a clarineta e o trompete, que se misturam aos tradicionais tambores, pandeiros e caixas (BRANDÃO, 1985 apud ROVAI, 2015). No município de Cunha (SP), um dos grupos que integram a congada local é composto por duas caixas de rastilho, um surdo, pandeiro, paiás, bastões e o apito do mestre, além de acordeão, cavaquinho e violão. Todos esses instrumentos são, em geral, industrializados, ao contrário daqueles utilizados pela mesma congada décadas atrás, quando eram artesanais (OLIVEIRA, 2016). As duas caixas são os instrumentos indispensáveis para a performance do grupo. No passado, inclusive, elas eram os únicos instrumentos utilizados. O rastilho,



"corda estirada junto à pele do lado inferior" (OLIVEIRA, 2016, p. 70), dá às notas do instrumento um som de altura definida. As duas caixas são afinadas num intervalo de quarta justa entre si, uma delas sobre a fundamental da tonalidade escolhida pelo mestre para o canto, a outra sobre o quinto grau da escala, cinco semitons abaixo da primeira. Essa segunda caixa é chamada de "requinta". Ambas tocam segundo um mesmo repertório de toques ou células rítmicas, escolhidos e variados pelos caixeiros no momento da execução. Todos os cantos observados pelo autor possuem tempo binário, ou ternário simples.

O paiá é um conjunto de guizos atados a uma correia, presa por sua vez abaixo dos joelhos dos congadeiros, uma em cada perna. Em semelhança às gungas encontradas entre os moçambiques no Triângulo Mineiro e na região central de Minas Gerais, seu toque está diretamente ligado ao passo de dança ora realizado (OLIVEIRA, 2016).

Parte dos integrantes da congada empunha um bastão de madeira ao longo da performance, objeto que é manipulado de forma coreográfica, representando primordialmente lutas de espada entre cristãos e mouros. Os choques entre tais objetos se dão de forma sincronizada e integrada aos demais instrumentos musicais (OLIVEIRA, 2016).

O canto acontece em alternância entre mestre e contramestre, que cantam juntos de um lado, e o coro realizado pelos demais congadeiros, de outro. À voz do contramestre se dá o nome de "contrato". Sua linha melódica é paralela à do mestre, se colocando em geral num intervalo de terça diatônica acima desta (OLIVEIRA, 2016).

7.1.6. Instrumentos dos Congos em Goiás

Os grupos chamados de congos na Cidade de Goiás (GO) são compostos, por um lado, pela família real, formada por rei, secretário, príncipe e fidalgos; e por outro lado, um embaixador, um caixeiro, dois guias, dois contraguias e cerca de seis



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 368

soldados/culata. Os instrumentos tocados por integrantes desse último núcleo são a marimba (único instrumento de construção artesanal), a viola e a caixa, enquanto as espadas são manipuladas por membros do primeiro.

As marimbas são consideradas os instrumentos que mais caracterizam os congos de Goiás, sendo um tipo de reco-reco construído em cabaça, com cortes paralelos perpendiculares ao comprimento do instrumento pela frente, e dois furos na parte traseira, por onde os tocadores o seguram, inserindo dedos de uma das mãos. A outra mão segura o "palito", uma baqueta de madeira de aroeira, que raspa os cortes dianteiros. Todos os soldados, contraguias e um dos guias tocam marimbas. À altura da observação da autora, esses instrumentos eram construídos pelo Sr. José de Arruda, então rei do congo. Este senhor "planta as cabaças na fazenda de um amigo, depois colhe e trabalha-as manualmente, fazendo pequenos cortes horizontais, depois as pinta" (MACEDO, 2015, p. 53).

A caixa, ou tarol, é um conhecido tambor cilíndrico de pequena seção, duas peles, esteira, tocado com duas baquetas. É tocada pelo caixeiro, único conguista que não dança (MACEDO, 2015).

A viola, cordofone dedilhado também de ampla difusão no Brasil, é tocada por um dos guias, enquanto as espadas são manipuladas pelos fidalgos, príncipe, secretário e embaixador. No passado, esses últimos instrumentos eram construídos em madeira ou plástico, ao contrário das espadas em metal observadas mais recentemente (MACEDO, 2015). Como o bastão visto logo acima na congada de Cunha (SP), o som produzido por choques entre as espadas, ou por sua fricção ao chão, é indicado como integrado ao trabalho acústico do grupo.

A respeito dos padrões rítmicos utilizados pelos congos, há três categorias básicas de canto/toque, cada uma ligada a um momento/função ritual específico. Assim, há: 1) os cantos/toques executados ao longo das "marchas", que são deslocamentos do grupo realizados com dança e trabalho acústico; 2) cantos/toques



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 369

executados no momento em que os congos chegam ao local das embaixadas, denominados "música de chegada"; e 3) os cantos que marcam as próprias embaixadas (MENDES, 2006).

Observa-se uma estrutura instrumental semelhante junto aos congos da cidade de Niquelândia, também no interior de Goiás. Ali o terno é formado por dois guias, um contraguia, um caixeiro e demais integrantes das filas. Os guias são os responsáveis pela condução do trabalho acústico. Eles cantam em homofonia, num intervalo harmônico de terça diatônica, um tocando ao mesmo tempo um tamborim e outro uma viola. O tamborim é indicado como o principal instrumento da congada, constituindo-se de um membranofone quadrado, feito à mão em madeira e couro bovino e tocado com uma baqueta. Seu toque é utilizado para chamada do grupo, antes que os demais instrumentos se ponham a tocar. Ele comunica ainda aos demais integrantes do terno o andamento e o padrão rítmico a seguir (VINHAL, 2016).

Único instrumento de alturas definidas, a viola é tocada pelo segundo guia. Vinhal chama a atenção para o fraco volume desse instrumento em meio ao conjunto de percussão, que o mascara consideravelmente, tornando seu som praticamente inaudível.

Como na Cidade de Goiás, o caixeiro em Niquelândia permanece fisicamente apartado dos demais congos: "Nas ruas ele caminha passos à frente; nas casas, ele se senta ao lado dos festeiros, tocando e observando os congos dançarem; no pátio da igreja (...) ele se posiciona junto ao tamboreiro na porta da igreja. É o único congo que não dança, logo, o único que não ocupa um lugar nas duas filas" (VINHAL, 2016, p. 168).

A cuíca é um membranofone cilíndrico de fricção, também de construção artesanal. Seu corpo é feito em madeira de buriti e sua única membrana em couro bovino. A esta pele é presa, pelo lado de dentro do corpo do instrumento, uma vara de madeira, haste que é friccionada com ajuda de um tecido úmido. É tocada pelo contraguia e por alguns outros integrantes das filas.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 370

Os demais congueiros que ocupam as filas do terno cantam em coro junto ao contraguia, em alternância às chamadas dos guias. Além disso, tocam também os ganzás (ou reco-recos), instrumentos semelhantes às marimbas de Goiás. Manufaturado em bambu, o ganzá apresenta sulcos paralelos entre si e perpendiculares ao comprimento do instrumento, sobre os quais é raspada uma vareta de madeira.

7.1.7. Congos, moçambiques e candombes na região metropolitana de Belo Horizonte

Junto a dois importantes Reinos da região metropolitana de Belo Horizonte (MG), a saber, o da Comunidade Negra dos Arturos (localizada no município de Contagem) e do Jatobá (Belo Horizonte), diferentes trabalhos observam a presença de três tipos distintos de grupos instrumentais, dos quais duas guardas, chamadas "congo" e "moçambique", além do "candombe". Nesse contexto, o trabalho acústico se desenvolve sistematicamente através de cantos na forma solo/coro, largamente repetidos sobre o acompanhamento de padrões rítmicos realizados pelos instrumentos próprios a cada grupo (LUCAS, 2005).

A configuração instrumental específica de cada um desses grupos, bem como outros princípios de sua estruturação sonora, são diretamente relacionadas a uma fundamentação mitológica (LUCAS, 1999). O mito de origem da devoção negra à Nossa Senhora do Rosário e de seu reinado na Terra, tal qual narrado pelo Sr. Antônio Maria da Silva – importante capitão da Comunidade dos Arturos, falecido há alguns anos –, conta sobre o papel que os negros escravizados e seu trabalho acústico tiveram no resgate da santa, quando essa surgiu nas águas do mar (LUCAS, 2006). Como apresentado no Capítulo 2 deste Dossiê, após repetidas tentativas frustradas dos brancos em retirá-la das águas, foram os negros, com seu candombe e suas guardas de congo e moçambique, que lograram resgatá-la. Para isso, o congo seguiu à frente



com agilidade, abrindo o caminho e fazendo-a se mover para fora da água. Assim que saiu do mar, Nossa Senhora se sentou em um dos tambores do candombe, chamado "Santana", como se fosse seu altar. O moçambique, com ritmo de deslocamento lento e seguro, foi quem conduziu a santa até a igreja dos brancos, onde ela, contudo, não permaneceria. Por fim, um novo cortejo negro, com seus agrupamentos de canto/toque/dança, foi necessário para conduzir a Mãe do Rosário até sua nova e definitiva morada, junto aos negros, que se tornam assim seus filhos e passam a receber seu intermédio e proteção. Outras versões também tradicionais entendem que o candombe teria atraído a santa para fora da água. Na impossibilidade de deslocamento desse grupo, com seus tambores pesados e sem alças, teria sido o moçambique, tocando os mesmos ritmos do candombe, quem conduziria Nossa Senhora até a humilde capela que haviam construído para ela (LUCAS, 1999).

Tal fundamentação mítica sustenta uma hierarquia entre os agrupamentos instrumentais indicados acima, onde o candombe, sobre cujo tambor a santa decidiu se instalar ao sair do mar, ocupa o lugar de maior importância. O mito também fundamenta o fato de que os agrupamentos não são apenas instrumentais, mas também distintos no que se refere aos sacramentos, fundamentos e mandamentos sagrados da tradição correspondente a cada qual. Como no mito, o candombe não se desloca pelo espaço, permanecendo no interior da capela da Comunidade, junto ao trono. Em ocasiões públicas, cabe ao moçambique o papel de representá-lo, conduzindo reis e rainhas em cortejos, posicionando-se logo à frente desses e se locomovendo relativamente devagar. A guarda de congo segue sempre à frente dos cortejos, com movimentação rápida, evoluções coreográficas dinâmicas, tendo a função de abrir e limpar os caminhos para a passagem do moçambique e do reino coroado.

Em meio a essas características gerais de cada grupo, alguns trabalhos detalham aspectos técnicos de suas execuções acústicas, relacionando-os às



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 372

funções que cada guarda exerce e à carga simbólica dos diversos momentos rituais. De acordo com a Comunidade Quilombola dos Arturos (Contagem, MG), no que se refere à descrição de seu trabalho acústico, o candombe é um conjunto de três tambores de madeira, com corpo de tronco de árvore escavado e pele apenas sobre o orifício superior (LUCAS, 2006). Eles são tocados com as mãos e acompanhados por guaiás, que são chocalhos de cesto. Tanto o congo como o moçambique dos Arturos tocam com três caixas, representando os três tambores do candombe. As caixas são tambores cilíndricos de duas peles (sendo uma de ataque e outra de resposta), carregados por alças e tocados com duas baquetas. No moçambique, as três caixas são dobradas tanto na afinação, quanto na linha que reproduzem: o padrão rítmico básico dessa guarda é tocado em uníssono por tais instrumentos. No congo, cada uma das caixas recebe uma afinação diferente. Além disso, os padrões rítmicos dessa guarda são compostos pela interação entre as três caixas, isto é, cada uma delas tem um texto rítmico específico.

Ainda segundo a Comunidade Negra dos Arturos (LUCAS, 2006), as caixas seriam os principais instrumentos das guardas, primeiros responsáveis pela execução de seus respectivos padrões rítmicos. Mas além delas, os instrumentos do moçambique incluem também patangomes e gungas, ambos idiofones de agitamento feitos em metal. Os primeiros são tocados com as mãos, enquanto os segundos são atados aos tornozelos dos dançantes, que os tocam ao mesmo tempo em que dançam, como evocado mais acima. O congo, por sua vez, além das caixas e patangomes, conta ainda com pandeiros, reco-recos e um tamborim, pequena caixa quadrada, levada apenas pelo capitão, em semelhança ao tamborim do congo goiano visto anteriormente.

Candombe, congo e moçambique tocam de acordo com padrões rítmicos próprios a cada um deles. O congo é o grupo que apresenta maior variedade de padrões, dentre eles os chamados “Marcha Lenta”, “Marcha Grave”, “Dobrado”, “Marcha

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 373

Repicada", "Dobrado Compassado" e "Marcha Funda". A guarda de moçambique possui apenas dois padrões, chamados "Serra Acima" e "Serra Abaixo", enquanto o candombe toca apenas um padrão, homônimo ao grupo (LUCAS, 2005). Os padrões rítmicos são as referências acústicas que mais identificam cada guarda. Apesar de haver correspondências rítmicas entre o candombe e o moçambique, indicadas pelos detentores do bem como naturalmente decorrentes de sua própria correlação mítica, os diferentes ritmos nunca migram entre congo e moçambique, ao contrário de melodias e versos, que podem aparecer em cantos de ambas as guardas (LUCAS, 1999). Como podemos observar, a linguagem dos tambores é uma linha central na definição dos agentes rituais.

Esses padrões podem ainda receber diferentes níveis de variação (distinguidos entre "floreios", "enchimentos" e "repiques"), dependendo do grupo, do próprio padrão, do momento ou espaço ritual em que são executados. A maior possibilidade de variação rítmica ocorre junto aos padrões tocados pela guarda de Congo e nos momentos rituais de maior descontração.

O moçambique apresenta em geral menos variações rítmicas, enquanto o candombe executa seu único padrão sistematicamente sem variações. Tal comportamento rítmico de cada grupo estaria diretamente ligado às funções rituais que exercem e à própria hierarquia existente entre eles: quanto mais alto na hierarquia, e quanto mais grave o momento ritual, mais curtos e menos frequentes se fazem os processos de variação rítmica (LUCAS, 1999; 2005).

Além das maiores ou menores possibilidades de variação rítmica, a diversidade de outros parâmetros acústicos se encontra também relacionada à hierarquia afixada entre os grupos pela narrativa mítica. O congo é também o grupo que possui a maior variedade de instrumentos musicais e de padrões rítmicos, acompanhados de seus distintos andamentos. O moçambique ocuparia, mais uma vez, lugar intermediário nesses quesitos, enquanto o candombe apresentaria a menor variedade instrumental e rítmica.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 374

Importante observar que a hierarquia observada entre os três grupos, bem como as funções rituais exercidas por cada um deles, são expressas também sonoramente, através de parâmetros como instrumentação, andamento, quantidade e variação de padrões rítmicos.

7.2. Traços comuns do trabalho acústico em diferentes grupos e regiões

Os traços levantados acerca da instrumentação e características muito gerais do trabalho acústico em meio aos Saberes do Rosário de diferentes regiões de Minas Gerais, Goiás e São Paulo são suficientes para evidenciar a diversidade que marca o bem cultural, sobretudo em relação a suas diferentes formações instrumentais, padrões rítmicos e funções rituais. No entanto, e mesmo diante de uma literatura relativamente modesta, em relação à complexidade acústica envolvida, é possível explicitar também alguns princípios e valores amplos de estruturação acústica compartilhados entre diferentes regiões e grupos, como será apontado a seguir.

Diferentes estudos indicam relação hierárquica entre grupos instrumentais no contexto da devoção ao Rosário. Tal relação pode se expressar também entre diferentes tipos de instrumentos musicais, fundamentando-se igualmente no mito de origem de Nossa Senhora do Rosário para isso.

Outra grande marca visível no trabalho acústico característico do bem cultural pelas diferentes regiões de sua ocorrência é o cruzamento de elementos técnicos de diferentes origens. Assim observamos, por exemplo, o uso simultâneo de instrumentos de tradição europeia (como acordeão, viola e caixa) e africana (tambores de mão, chocalhos de cesto, reco-recos); ou de padrões rítmicos organizados segundo uma estrutura de linhas-guia (*timeline*) conjugados a uma métrica regular binária ou ternária, uma divisão diatônica do espaço das alturas e harmonia tonal (LUCAS, 2002; QUEIROZ, 2005; VINHAL, 2016).

A utilização de tais elementos absolutamente comuns à chamada "música popular" no Brasil contribui para uma aparente familiaridade entre suas produções acústicas e aquelas dos Reinados, Congados e Congadas. Entretanto, tal semelhança se mostra absolutamente formal, pois, como será retomado adiante, as produções acústicas da devoção afro-brasileira ao Rosário revelam um sentido radicalmente contrastante com a ideia de "música" como "arte" puramente estética e formal. Como entrevisto pela fundamentação mitológica da hierarquia existente entre grupos rituais e instrumentais, a prática sonora da devoção ao Rosário se mostra fundamentalmente inserida em um complexo trânsito místico, onde sons e instrumentos musicais, dentre os quais os tambores ocupam lugar de especial importância, são elementos significativos na experiência com os ancestrais e divindades, além de constituírem pontos de resistência cultural e comunitária.

Nesse sentido, "se para o artista, agente cultural ou consumidor, música pode ser arte, entretenimento, produto de trabalho e mercadoria, para o congadeiro, música pode ser veículo de transmissão de saberes e valores comunitários e ancestrais, forma de organizar o tempo ritual (ou organizar o ritual no tempo) e forma de acesso ao divino." (AREDES, 2014, p. 644). Nos Saberes do Rosário, música e religião são fatores indissociáveis, "configurando na sua junção aspectos fundamentais para a definição e a estruturação da prática musical. Pensar a música sem a religião – ou a religião sem a música – significa (...) esvaziar o significado desses dois elementos (...)". (QUEIROZ, 2005, p. 212).

Como já abordado neste Dossiê, diferentes autores dão notícia de gestos como dissimulação ou disfarce enquanto estratégia de continuidade histórica das tradições de matriz banto no Brasil (LOPES, 2011; DIAS, 2001). Formas rituais africanas e católicas teriam sido assim estrategicamente entrecruzadas, dando surgimento inclusive a este tipo de "catolicismo negro" (LUCAS, 2014; SILVA, 2010) que presta homenagem, ao mesmo tempo, a santos católicos, ancestrais ilustres e divindades

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 376

negras. O cruzamento de elementos acústicos estaria, nesse sentido, inserido em tal jogo de dissimulação e semelhança superficial de formações acústicas de diferentes tradições, jogo que se encontra por sua vez diretamente relacionado a práticas de resistência cultural afrodiaspóricas.

7.2.1. Centralidade da produção acústica e do tambor

Em diferentes ritos, no contexto do Rosário, o plano acústico ocupa papel importante, sendo trabalhado simultaneamente, em uma festa, por diferentes guardas, anfitriãs e convidadas, o que marca o espaço/tempo com uma presença sonora constante. As ações rituais e parte importante das interações sociais se dão sistematicamente em meio ao som das guardas, sendo conduzidas pelo próprio canto dos capitães. A ostensiva atuação, por vezes simultânea, de grupos de canto/toque/dança em filmes e discos que retratam variados casos de Reinados, Congados e Congadas em todo o Brasil (MOON; TELMON, 2015; MALUNGADA Produtos Culturais, s.d.; CASSIMIRO; OTTO, s.d.), nos mostra que a presença sonora constante em uma festa é um dos traços acústicos mais amplos do bem cultural.

É característica principal das expressões sonoras dos Saberes do Rosário que a música e os cantos sejam fundamentais na devoção e na comunicação com o plano sagrado. Por meio deles, acessam a esfera do divino, louvam os santos e se comunicam com os espíritos dos ancestrais e outras entidades devotadas. Também é por meio dos cantos que o capitão se comunica com os reis e rainhas do congado e com os demais festeiros e devotos.

Como parte da herança de matriz africana, o ritmo ocupa lugar de destaque nos Reinados, Congados e Congadas, conduzindo, pela música e pela dança, a experiência religiosa. Daí a importância das caixas, gungas e patangomes como elementos sagrados, portadores de linguagem igualmente sacralizada. Seus toques e batidas possuem, em si, dimensão expressiva e significativa e a eles se faz



frequentemente referência nos cantos. Diferentes grupos rituais trazem o tambor (caixa, caixa de rastilho ou tamborim) como principal instrumento da formação, existindo uma fundamentação mitológica dessa posição na hierarquia dos instrumentos.

7.2.2. Percussão e canto em alternância solo-coro

Os cantos da devoção ao Rosário são uma forma de comunicação entre guardas e demais pessoas presentes, mas também como meio de comunicação interespecífica entre o plano dos vivos e de seus ancestrais e divindades. Nesse sentido, os instrumentos musicais do Rosário, sobretudo caixas e tambores, são um canal de acesso ao plano espiritual.

A literatura parece unânime em apontar o canto alternado entre solista e coro, na forma chamada-resposta, simultâneo à execução de padrões rítmicos por instrumentos de percussão, como marcante de toda a produção acústica no contexto dos Reinados, Congados e Congadas. Instrumentos harmônicos e melódicos compõem também a formação de alguns grupos, mas o uso de percussão e canto em alternância são características comuns aos grupos rituais do Rosário. Além disso, é muito comum o binômio canto/percussão acompanhado da presença constante de dança, seja ela marcada por passos e trajetos – como os congos –, ou por passos e posturas – como nos candombes e moçambiques. O trabalho cinético realizado simultaneamente pelas mesmas pessoas que cantam e tocam ultrapassa consideravelmente o simples "gesto musical", isto é, o movimento técnico necessário para a produção sonora. Ao contrário, para os detentores do bem cultural, a dança se mostra elemento indispensável da experiência sensível de se tocar/cantar como um todo (VINHAL, 2016; MACEDO, 2015).

As músicas, cantos, embaixadas e orações são o repertório de toda comunicação dos Reinados, Congados e Congadas. Suas narrativas são tecidas



através dos cantos, assim como a descrição dos atos cerimoniais e das ações fortuitas são realizadas musicalmente ou pela recitação de versos. Vencendo longos percursos a pé, cumprem as obrigações de devotos cantando, tocando e dançando nas ruas e nas casas para os santos e suas côrtes. Há diferenciação rítmica dos cantos entoados pelos grupos. Durante a evolução dos grupos (moçambique, catopé, vilão, congo, marinheiro, entre outros), o capitão puxa os versos e os demais componentes respondem em coro um refrão proposto pelo capitão. Esta estrutura do canto é a modalidade mais comum da forma "canto solo/resposta coral" e uma marca distintiva das tradições de matriz africana e afro-brasileira. Imersos na música por vários dias, os capitães vão tirando os versos para as diversas funções da festa – visita aos festeiros, busca dos mordomos para o levantamento dos mastros, cortejo de reis e rainhas.

Muitos definem o ofício do "congadeiro" como sendo fundamentalmente o "de louvar a santa, cantando e dançando" (IPHAN, 2008). O repertório poético é composto por um conjunto imensurável de toadas ou pontos, incluindo embaixadas que constituem saberes cantados (MARTINS, 2012; ARAÚJO, 2017) transmitidos geracionalmente, e que podem ser, também, criados e improvisados. Há um enorme espaço criativo para a ampliação do repertório com a elaboração de novas toadas, cantigas cuja inspiração pode ser sagrada, chegando através de sonhos ou mensagens mediúnicas, ou simplesmente através da capacidade autoral de determinados integrantes.

Entre muitos congadeiros e reinadeiros ligados aos fundamentos de matriz africana que compõem a tradição do Rosário, os versos estão para além do improviso: são percebidos como inspiração divina e ou como indicações dos guias. Os cantos conduzem também o gestual dos capitães e dançantes. Ao começo de uma toada, seus corpos se movimentam com um balanceio ou marcação específicos. Em



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 379

Itapecerica, quando o capitão Tonho Pretinho fica “encumbucado”, é sinal de que está “tirando um canto” na linha de Angola, com a energia dos pretos velhos (IPHAN, 2016).

No Reino Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário, em Belo Horizonte (MG), a noção de improvisação (indicando algo de autoral) é recusada pelo grande cantador e Capitão Toninho Cassimiro, quando diz que recebe as músicas novas de seu moçambique em momentos especiais. Ele as recebe “dos antigos”. "Novas" cantigas são introduzidas no repertório da Guarda e apenas "de vez em quando!" o capitão pode também recebê-las no sonho (TORRES, 2020).

As toadas descrevem os acontecimentos passados e presentes, guiam e acompanham os diversos momentos rituais, enquanto forma de comunicação entre os membros das guardas, ternos e, em muitos casos, a depender de quem os conduz, exercem o poder de curar e reverter males. Existem versos ou toadas para cada situação: durante os encontros com outras guardas, ternos, bandas; durante o cortejo do reinado, ao adentrar a igreja ou capela. Muitas vezes é necessário que o cantador improvise os versos para contemplar uma dada situação vivida.

Embora conduzido e firmado pelo capitão, general, mestre de uma guarda, terno, banda, o poder do canto depende também, em grande medida, da união de todos, para que a sintonia do grupo possibilite o fluxo da energia que firma a corrente, as contas do Rosário. A prática musical coletiva sincroniza os tempos internos das pessoas pelas marcações dos instrumentos de percussão e pelo canto coletivo. Os sentidos devem estar atentos para perceber os acontecimentos, orientando as tomadas de decisão (IPHAN, 2016). Em Itapecerica (MG), no Moçambique de Tonho Pretinho, quando é preciso passar alguma informação importante para os integrantes do terno ou chamar atenção para alguma situação, com frequência o capitão se dirige aos moçambiqueiros com a chamada: “põe sentido!”. Além de “prestar atenção”, “por sentido” implica também correr os olhos sobre o que acontece ao redor, cuidando para que nada atrapalhe a evolução do terno. Tonho Pretinho ensina que nos cortejos

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 380

nas ruas é preciso aguçar a percepção para que o corpo capte e interprete a natureza das energias que se aproximam. Cumpre também se colocar disponível para o recebimento de intuições que indiquem a cantiga certa a ser tirada no momento (IPHAN, 2016).

Os versos são "tirados" na energia do momento e dependem das relações e interações em jogo. No Moçambique de Tonho Pretinho, pôde ser compreendido que os congadeiros precisam "por sentido em tudo" que ocorre à sua volta e um capitão experiente deve deter o repertório necessário para responder ou governar, cantando, as situações que encontra nos trajetos. Sobretudo quando se trata de adversidades no plano espiritual. Assim, em suas atuações, os capitães devem buscar os cantos apropriados ritualmente de acordo com os mandamentos, fundamentos e sacramentos da comunidade. A definição do que é apropriado se dá, antes, pelo sentido do que pela melodia do canto, de tal forma que um verso entoado em ritmo e melodias diferentes é considerada um mesmo canto, ao passo que a mesma melodia, com versos diferentes, é considerada um canto distinto (IPHAN, 2016).

*

No próximo capítulo deste Dossiê (capítulo 8), o tema dos saberes do Rosário estará em foco, finalizando a Parte II dedicada à caracterização do bem cultural. O capítulo inicia com uma abordagem das pedagogias da tradição com exemplos de situações de ensino e aprendizagem das cantorias, toques, danças, em diferentes contextos em Minas Gerais, São Paulo e Goiás. O tema dos saberes do Rosário é desenvolvido apresentando a sua multidimensionalidade, sinalizando para as componentes éticas, estéticas e filosóficas e dando ênfase à dimensão da espiritualidade enquanto um saber específico e estruturador dos traços mais

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 381

característicos do bem cultural e, ao mesmo tempo, um vetor de tensões e alvo de perseguições históricas.



Destaque ao Reco-reco do Catopê de Milho Verde e mestre Ivo (à direita). Festa de Nossa Senhora do Rosário em Curralinho (MG), 2003. Autoria: Ricardo dos Santos Gonçalves. (Acervo de Ricardo dos Santos Gonçalves)



Ao centro, pifeiros do grupo Caixa de Assovio. Festa do Rosário do Serro (MG), 2008. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 382



Marimba. Festa do Rosário de Rio Piracicaba (MG), 2009. Autoria: Daniel de Lima Magalhães. (Acervo de Daniel de Lima Magalhães)



Violeiro Guia da Guarda de Congo Santa Rita. Festa da Guarda Santa Izabel.
Sete Lagoas (MG), setembro de 2009. Autoria: Cláudio Machado. (Acervo de Cláudio Machado)



Instrumentos da Guarda Imaculada Conceição. Festa da Guarda Imaculada Conceição.
Sete Lagoas (MG), setembro de 2010. Autoria: Claudio Machado. (Acervo de Cláudio Machado)



Instrumentos da Guarda de Congo Irmandade do Rosário Os Ciriacos. Contagem (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Tambus do Candombe da Comunidade Quilombola Mato do Tição, Jaboticatubas (MG), 2015. Autoria: Nian Pissolati (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Paiá (instrumento). Moçambique São Benedito. Cunha (SP), 2016.
Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial DPI/Iphan.



À esquerda, pifeiros do grupo Pipiruí. Festa do Rosário de Conceição do Mato Dentro (MG), 2017.
Autoria: Letícia Bertelli. (Acervo de Letícia Bertelli)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 386



Destaque ao patangome. Congadas de Catalão (GO), 2018. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Sanfoneiro na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO), 2018. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Destaque aos tambores do grupo Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), outubro de 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

8. Saberes do Rosário



Criança “no Rosário” do Moçambique Coração de Maria. Congadas de Catalão (GO), 2022.
Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)

8.1. Pedagogias da tradição

Como visto ao longo do Dossiê, as comunidades do Rosário produzem e compartilham saberes de matrizes africanas e afro-brasileira que têm sido preservados, de maneira enraizada, em diversos contextos no país. A permanência e a dinâmica dos saberes do Rosário estão intimamente relacionadas aos processos de transmissão dos conhecimentos que circulam incorporados em materialidades expressivas, ligados à fé e à devoção. A transmissão e circulação dos conhecimentos

alimentam os vínculos sustentadores da comunidade, nutrida pelo senso de pertencimento à tradição, fortalecidos nas trocas entre quem ensina e quem aprende.

As práticas de conhecimento compartilhadas são selecionadas a partir do que cada comunidade concebe como essencial para si, e esses saberes são apresentados de forma orgânica. "Põe sentido!" é uma expressão muito representativa desse aspecto, mobilizada pelos(as) mais velhos(as) de diversos contextos em Minas Gerais, e que foi difundida pela fala de capitães da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos (Contagem, Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG), que convoca para o despertar da aprendizagem: "olha", "repara", "presta atenção"! (SOARES, 2016). Não à toa o termo recebeu adesão de outras comunidades e de parte de pesquisadores da temática, funcionando como um conceito relativo ao modo de produção e circulação de conhecimentos na tradição do Rosário: para aprender é preciso "botar sentido", ou seja, reconhecer o campo de significações com que a informação prestada está vinculada, não apenas racionalmente, mas também mobilizando memórias e sentimentos, trazendo o que foi aprendido para a prática contextualizada. Essa noção é muito representativa de uma epistemologia particular dessa tradição (SANTOS, 2021; SILVA, 2021).

As oportunidades de aprendizagem no Rosário estão difusas nas diversas situações de convivência comunitária - naqueles momentos que antecedem os ensaios, nos próprios ensaios, nas visitas a outros grupos, nas práticas dos ritos durante as cerimônias. Os processos de ensino e aprendizagem são, portanto, mais espontâneos, sem requerer horários específicos, conteúdos determinados e avaliações sistemáticas; estão acontecendo a todo momento, sendo a aquisição de habilidades e o conhecimento dos fundamentos alcançados aos poucos, e em função da atenção prestada pelo(a) aprendiz. No Rosário se aprende a fazer fazendo, colocando em prática aquilo que é visto, ouvido e sentido durante os ritos e que, com a vivência desse contexto, vai sendo incorporado pelas pessoas. O que não quer dizer

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 390

que não haja momentos, ainda que menos comuns, dedicados propositalmente ao ensino e aprendizagem, quando certos ensinamentos são dirigidos de maneira discursiva e sistematizada. Mestres e mestras do Rosário costumam ser excelentes oradores(as) e também vocalizam suas filosofias profundas na forma de palestras, conversas, cantorias, rezas, bendições.

Os saberes do Rosário têm dimensões teóricas (uma vez que cosmológicas) e práticas; técnicas e éticas que são transmitidas por meio de pedagogias da tradição, operadas pela oralidade e na corporalidade, marcadas pela afirmação identitária de uma etnicidade negra em constante tensionamento e luta contra o racismo estrutural e a intolerância religiosos. É possível sistematizar que o amplo campo de saberes do Rosário abrange: 1) proposições filosóficas, políticas e identitárias que rememoram criticamente os processos de colonização do continente africano e americano, a chegada dos povos negros escravizados ao Brasil e os seus mecanismos de resistência e de produção de novas formas de viver; 2) habilidades técnicas especializadas para a confecção e execução de instrumentos musicais (luteria), indumentárias, artefatos, na culinária; 3) habilidades de oratória e oralitura, que são as vocalizações poéticas e modulações corporais que informam sobre a história, a espiritualidade, o sistema de vida e de trabalho, as expectativas comunitárias e a percepção de mundo (cosmopercepção), ou seja, sua cosmologia de vida[130] (MARTINS, 1997; 2000; 2003); 4) uma ética comunitária de respeito, convivência e cuidado para com as tradições ancestrais e os(as) seus detentores(as) mais velhos(as), mestres e mestras, no seio de uma hierarquia ao mesmo tempo ritual e geracional; 5) uma

[130] Aos atos de fala e de performance, Leda Martins denominou oralitura, uma inscrição do registro oral que, como letra, literatura, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda no neologismo, seu valor de *litura,* rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. Além disso, "oralitura" enfatiza o corpo como um dos ambientes da memória (em contraste com o texto). No corpo e na voz também se grafa, se inscreve, se postula durante as práticas rituais: gestos que realizam a oralidade com forte energia (MARTINS, 1997).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 391

competência interpretativa, antropológica, para a transcriação e comunicação entre diferentes cosmologias, gerando, por exemplo, um Rosário dos pretos a partir do Rosário católico.

A seguir, serão apresentados, resumidamente, exemplos de repertórios analíticos produzidos por pesquisas acadêmicas junto às comunidades detentoras, que ressaltam os aspectos enumerados acima, a respeito das epistemologias e práticas pedagógicas do rosário, em diversos contextos em Goiás, São Paulo e Minas Gerais.

No campo da criação dos saberes identitários e da recontação da história do Brasil a partir de uma perspetiva afro-brasileira, analisam-se as memórias de escravidão e liberdade ritualizadas pelo Congado no município Piedade do Rio Grande (MG). Foram registradas narrativas orais sobre a história da tradição na região, destacando como a oralidade, transmitida de geração em geração, constitui um dos pilares da identidade negra (MONTEIRO, 2016). Contar histórias da ancestralidade negra, dançar e cantar as suas memórias faz parte de uma estratégia dos(as) congadeiros(as) para que o passado permaneça no presente de forma propositiva, apontando para um futuro desejado: de fortalecimento e dignidade. Cada verso cantado, de acordo com o timbre de voz entoado, representa e expressa a devoção aos santos cultuados e uma ligação direta com o passado escravista; e o protagonismo negro é o enredo central das narrativas da festa de maio da cidade (MONTEIRO, 2016).

A estratégia de rememoração e transmissão de saberes identitários do Rosário por meio da discursividade verbal e corporal e da sonoridade dos ritmos e cantos é comum às diversas comunidades detentoras, sendo um elemento fundamental das pedagogias que nutrem a tradição.

No Estado de São Paulo, elementos herdados de matrizes africanas se encontram presentes nos versos entoados por grupos de devotos paulistas e, também,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 392

nas suas narrativas orais. A tradição “nos dias de hoje, estabelece o elo entre a lembrança de uma África mítica situada em um tempo sagrado, circular, que une o passado e o presente de congueiros negros, brancos e mestiços com a realidade da comunidade que pratica esse mesmo folguedo.” (SILVA, 2009).

A literatura especializada também dedicou atenção à condição dos mestres e mestras enquanto os(as) educadores(as) por excelência das práticas e éticas das comunidades afetivas e identitárias afro-brasileiras. Sua atuação como guardiões e enunciadores dos saberes e fazeres ancestrais na transmissão das narrativas, na realização de tarefas cotidianas, nas preparações das celebrações e na própria realização dos ritos públicos, são destacados. Esses/as educadores(as) são formados com atenção às condutas espirituais, políticas e intelectuais, como afirma o senhor Pedro Casimiro Alves Neto, da Congada da Vila João Vaz (GO), em entrevista concedida.

> O que eu sei do mundo é da Congada. Leitura eu não tenho. Tenho a leitura do gasto: para ler e escrever, olhar, você entendeu? A minha educação eu aprendi na Congada, com minha fé. (...) Eu convivo com muita gente, tudo que eu tenho foi a Congada quem me ensinou; ter amor aos outros, não discriminar ninguém, a minha educação, o meu professor foi a Congada” (Fala do senhor Pedro Casimiro Alves Neto concedida a Damascena, em 2007, folheto concedido por Divina Alves apud SIMONI, 2017).

O Senhor Pedro Casimiro é um dos mestres que, por sua própria trajetória de formação congadeira e pelo deslocamento por diferentes ternos e guardas, atuou como um pilar na criação e sustentação de sua comunidade. Mineiro da região de Araguari, tendo morado em Três Ranchos, microrregião de Catalão, instituiu, em 1970, a Congada da Vila João Vaz (GO). O mestre ensinou a muitos jovens da região a construírem e tocarem os instrumentos, as danças e os cantos, bem como transmitiu



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 393

conhecimentos de rezas e benzimentos aos seus descendentes. Quando morreu em 2005, deixou um legado de conhecimento que cresce graças ao aprendizado de seus filhos, sobrinhos, netos e bisnetos.

> Nós começamos devido à mudança do meu tio Pedro Casimiro de Catalão para cá, porque ele dançava lá (MG). Como ele mudou para cá, quis fazer um Terno de Congo. Ele era devoto de Nossa Senhora do Rosário. Eu não tive muita convivência com ele, mas ele era uma pessoa sábia sem ter frequentado escola, você já viu. Sabia reza para tudo (risos) (Entrevista de Divina Alves, 44 anos, congadeira, cedida a Simoni, em setembro de 2015; apud SIMONI, 2017).

As pedagogias do Rosário têm como base a prática partilhada da expressão cultural, aprende-se fazendo e falando sobre o fazer. Trata-se de uma metodologia de transmissão oral do conhecimento que é aprendido pelo corpo, que toca, canta e dança. Diferentemente de modelos de ensino calcados na exposição acadêmica dos conhecimentos e técnicas em música, dança e canto, os congadeiros e reinadeiros aprendem na prática com os mais experientes. E, como tem sido apresentado ao longo do Dossiê, os saberes estão para além das celebrações, nas palavras da rainha de Nossa Senhora das Mercês, do Reinado de Oliveira, senhora Ana Luzia:

> Nós compreendemos esses saberes a partir dos nossos estudos e vivências que estariam ligadas à feitura de um tambor ou de qualquer instrumento sagrado utilizado dentro do ciclo do rosário. A feitura de um bastão ou de uma coroa, que não é simplesmente um pedaço de madeira ou simplesmente uma coroa importada do europeu, do opressor, mas é sim um símbolo sagrado que tem todo um preparo, uma forma de se fazer, uma forma de manusear que está ligado a esses saberes ancestrais. A preparação de um banho de erva que é utilizado pelos capitães, pelos dançadores, pelos reis e rainhas congos e perpétuos, em algumas comunidades, a intuição e a manipulação de uma toada (MORAIS, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 394

E são as pessoas mais velhas que podem ensinar este repertório de técnicas e saberes (alguns deles envolvendo segredos, mirongas). Importante destacar que, nem sempre os mais velhos são pessoas humanas contemporâneas; há muitos casos em que as comunidades aprendem com guias espirituais, destacadamente os pretos e pretas velhos(as), antepassados que atuam como mentores, ensinando os aspectos profundos da ética comunitária. Na cosmologia centro-africana, a "linha" que divide os vivos dos mortos não afeta a estrutura dos relacionamentos e a ligação com os antepassados é mantida por meio de uma série de rituais. Nos ritos – e ainda na vida cotidiana – os(as) mais velhos(as) têm primazia nos cultos, o que se relaciona com o fato de terem vindo antes ao mundo, com a valorização de sua experiência e, também, com o fato de que eles, ao realizar a passagem entre os planos, assumem a guiança espiritual dos parentes vivos (IPHAN, 2016). Essa cosmologia torna possível uma intimidade com o sagrado que fica patente na devoção ao Rosário.

> Tem uma coisa que é uma comunicação não verbal, que é uma comunicação gestual, quando levanta o bastão, quando conversam com a Santa, uma conversa muito próxima, muito íntima, você vê como essa conexão, ela é natural, eles estão ali, parecem que cochichando com a santa, falando: 'Ó, deu certo, estamos aqui.' Eu acho também, que [é] essa comunicação gestual muito simbólica que toca as pessoas profundamente. (SANTOS, 2017)

Sobre o ofício da benzeção, a documentação registrou, por exemplo, nos anos 2000, a reza de São Jorge da Pedra Preta, em Araújo (MG), por meio da qual um capitão joga seu grande rosário sobre o corpo de pessoa devota e a benze através de uma oração:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 395

> Eu tenho uma oração com o São Jorge da Pedra Preta que retira mesmo olho gordo, invejas, doenças no corpo também, e a gente fala então: São Jorge da Pedra Preta, livrai essa pessoa de sete inimigos, de todo olho gordo, de todas as invejas, de todo olhar maligno e de todas as doenças venéreas, de toda doença que existir na terra, na água e no mar, amém. E aí se reza um pai nosso e uma ave Maria. (*Reinado nosso de cada ano*. Documentário. Araújos, MG, 2006. Acervo Digital Jeremias Brasileiro).

Em Niquelândia (GO), a bibliografia registrou histórias contadas entre alguns chefes antigos da Congada sobre possuírem poderes de cura, e outros poderes mágicos. Trata-se de curadores(as), raizeiros(as), benzedores(as) que tradicionalmente são os(as) responsáveis pela cura tanto física como espiritual, sem prejuízo de sua devoção como católicos e devotos de Santa Efigênia e até, pelo contrário, numa perfeita, sincera e, de seu ponto de vista, nada contraditória integração dessas esferas. Na literatura é informado que procurados para salvar alguém ofendido de cobra, por exemplo, um dos congos mais velhos da cidade, benzedor e conhecedor de ervas e raízes, ia até a sombra de uma árvore e, rezando, "desmarrava" o que de ruim houvesse, e a cobra, onde quer que estivesse, morreria na hora. A pessoa se curava e não sentia mais nenhum sintoma da picada. É patente, pelos exemplos, o correspondente poder do capitão do congo de suplantar o mal, seja ele físico ou espiritual. Esses conhecimentos foram repassados de geração em geração, e alguns dos integrantes do congo continuam as práticas de rezas para a cura, administração de raízes para garrafadas etc. Tudo vindo "primeiramente de Deus e de Santa Efigênia" (RIOS; VIANA, 2015).

No contexto da Congada de São Benedito de Cunha, em São Paulo, a bibliografia identifica como o ensino-aprendizagem da coreografia, manejo dos bastões e forma de tocar todos os instrumentos musicais ocorre na maioria das vezes sem ensaios ou preparações prévias. O processo de observação, tentativa, erro e

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 396

repetição apresenta-se como o principal mecanismo de transmissão de conhecimentos dos integrantes mais antigos para os mais novos. Instrumentistas mais experientes, como mestre Zé Bideco, auxiliam os menos experientes a afinar e tocar os seus instrumentos. Destaca-se uma cena típica de ensino das técnicas de dança e manipulação de objetos sagrados em que crianças e jovens (geralmente filhos, sobrinhos ou netos de congadeiros) observam com atenção a coreografia e o manejo dos bastões, algumas vezes arriscando alguns passos na ponta da fila de dançadores. Alguns deles elegem esta ou aquela toada, com a qual se sentem mais confortáveis e seguros para realizar a coreografia ou o manejo do bastão, e entram na fila espontaneamente. É comum também serem incentivados por algum dos congadeiros ou mesmo por algum amigo que assiste à situação (COELHO, 2016).

Em Montes Claros (MG), a bibliografia descreve o ensino de manipulação dos instrumentos musicais no Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias. O processo de aprendizado é observado a partir de um avanço sequenciado pelos instrumentos musicais, indo do menos para o mais complexo em termos de técnicas e importância ritual. No aprendizado com os instrumentos, um(a) iniciante é geralmente direcionado(a) para o pandeiro, comumente destinado às crianças. Em seguida, o(a) integrante costuma ser conduzido(a) para o tamborim até conseguir reconhecimento o suficiente para executar o tambor chama ou a caixa. Nas palavras do Mestre João, o instrumento de maior atenção para o ensino e a aprendizagem é a caixa, pois ela é o centro da manutenção rítmica do terno (MENDES, 2006). Sobre as palavras e melodias dos cantos, é exigida do aprendiz a prática pela escuta e repetição, que encontra desafios por parte dos mais novos das guardas. Na aprendizagem dos cantos há uma espécie de "leitura da leitura" pelos novos integrantes, que encontravam dificuldades de entendimento imediato das letras devido à pronúncia particular do mestre (MENDES, 2006).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 397

Esse aspecto também foi observado na bibliografia sobre o Rosário na cidade de Goiás (GO). A dificuldade na compreensão semântica e da fonética das palavras é vivenciada por vários participantes da tradição, que precisam elaborar o entendimento, memorizar as letras e praticar a cantoria na própria festividade, o que demanda esforço e persistência. Nesse processo os novatos têm que incorporar as práticas corporais e pronunciar as palavras conforme eles as ouvem, não havendo um momento separado, específico, para ensinar e aprender a cantar e dançar. A aprendizagem é mais mediada por gestos, toques, expressões, convivência, do que pelo discurso verbal em si (MACEDO, 2015). A transmissão desses saberes é legitimada pela tradição por meio de ritos e celebrações, sendo que o conhecimento exercido pela própria prática e a promoção de cargo no ritual depende da participação de seus membros. Segundo seu José de Arruda, mestre de um congo de Goiás, é através do convívio que um vai aprendendo com o outro e, quando há morte ou desistência, outra pessoa ocupa o lugar.

> Minha mãe já era rezadeira e era amiga dos conguistas velhos. Ela me colocou, falou com eles, e eles me puseram como príncipe, porque eu tinha 11 anos. Como eu era criança, me puseram de príncipe, passei uns anos dançando de príncipe, depois passei pra fidalgo, depois passei pra secretário, depois pra rei, depois voltei pra secretário outra vez, depois eu me tornei rei e estou até hoje. Os reis mais antigos foram falecendo e também os que dançavam com eles. Eu participei dessa dança com cinco ou seis reis. Foram morrendo tudo, e a gente foi ficando no lugar, substituindo a falta e estou até hoje (Entrevista de José de Arruda *in* MACEDO, 2015, p. 112).

A bibliografia registra que a neta do senhor José de Arruda, Gleice, desde criança “brincava o congo” e, no processo lúdico, aprendeu as músicas e a dança. Com a sua avó, suas tias e sua mãe, ela aprendeu a maneira de colaborar com os

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 398

ternos antes e depois da apresentação, como organizar as roupas, a maquiagem, os instrumentos (MACEDO, 2015).

A continuidade e renovação da tradição depende da presença de crianças, adolescentes e jovens, da sua compreensão de suas responsabilidades e do seu desejo de permanecer junto à comunidade. Segundo M.R.A., rezadeira na já mencionada Vila João Vaz (GO):

> A beleza da Congada são as crianças que estão nascendo e crescendo já dançadores. Porque os mais velhos não vão aguentando, vai largando. Aí tem as crianças que desde o ventre da mãe já escutam aquela toada." (Entrevista de M.R.A., rezadeira, concedida a Simoni, em 2015, apud SIMONI, 2017, p. 179).

Ainda sobre as juventudes, a Congada e a cidade, em Goiânia (DAMASCENA, 2012) a literatura descreve a juventude como principal canal de tradução para se conhecer as possíveis conexões entre a existência e a permanência da congada na cidade, na atualidade. É identificado que existe uma expectativa de consciência da "responsabilidade, espírito de luta e de força" nutrida pelos mais velhos em relação aos mais jovens, para haver a continuidade da tradição. Os(as) mais velhos(as) congadeiros(as) registrados(as) manifestaram a importância de haver um investimento em "acreditar nos jovens, e na possibilidade da continuidade" da tradição, o que é promovido especialmente pelas famílias, campo mais fértil para brotar o aprendizado (DAMASCENA, 2012).

No município de Oliveira (Oeste de Minas), observando o campo das relações intergeracionais, registra-se a importância dos processos educativos que se desenrolam no cotidiano entre os mais velhos da tradição e as crianças, no âmbito do chamado Reinadinho: um coletivo de crianças negras que realizam, de forma autogestionada, uma série de ritos de culto aos ancestrais do Rosário (ALTIVO, 2019). As lições dos(as) mestres(as) da tradição requerem uma etiqueta rígida de respeito,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 399

cuidado e seriedade dos mais jovens para com os(as) anciãos(ãs), considerados a fonte viva de conhecimento que está no ápice da hierarquia política e espiritual da comunidade. Existe uma firmeza característica com que os(as) mais velhos(as) conduzem os rituais do candombe, por exemplo. Há certa severidade dos(as) capitães(ãs) de Reinado – nesse sentido, com destaque para o importante trabalho da mestra Pedrina de Lourdes Santos e de seu irmão Antônio Eustáquio dos Santos. Esses(as) mais velhos(as) capitães(ãs) conjugam as tarefas: espiritual, de "dar caminho às almas na festa", de curar os sentimentos e as relações violentadas pela escravidão do passado e pela continuidade de um sistema social gerador da subalternização da população afrobrasielira, na atualidade; sociopolítica, de gerenciar a interação com os outros grupos e instituições envolvidos pelo Reinado de Nossa Senhora do Rosário (associação de congadeiros da cidade, prefeitura, padres e outros representantes da igreja católica, famílias ricas e brancas da cidade, dentre outros); e pedagógicas, no labor de transmissão de conhecimento às crianças e jovens com base na comunicação das tradições de matriz africana, chamando a atenção para o reconhecimento, manutenção e fortalecimento da cadeia de relações que compõe a ancestralidade (ALTIVO, 2019).

Há uma cadeia de propagação dos saberes dos(as) detentores(as), que atua de forma hierárquica e intergeracional, e é marcada pelo ensinamento também da conduta, da postura de aprendiz que privilegia o respeito, a escuta e a paciência. Em pesquisa realizada em Sete Lagoas (Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG), destaca-se como a comunidade confere importância ao reconhecimento, cuidado e conformidade com os preceitos da tradição, que implicam hierarquia de postos, interditos e privilégios rituais. Em atenção a isso, as tarefas para a realização da festa são divididas e cada integrante fica responsável pelo cumprimento das atividades em benefício da comunidade. Existe uma expectativa da comunidade em relação a uma participação "contextualizada" dos congadeiros na festa, pela qual se demonstre



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 400

conhecimento aprofundado dos pormenores da tradição: e para tanto é preciso “por sentido!”.

Foram registrados, na bibliografia, muitos contextos em que os congadeiros não medem esforços para se posicionar internamente na complexa tradição do Rosário, o que inclui tanto uma etiqueta de relações dentro do grupo quanto entre diferentes grupos. O pensamento de uma rainha conga sobre ser preciso “pegar firme com os jovens, pois se eles não aprenderem a tradição, eles podem chegar numa festa e passar vergonha” (GARONE, 2008) pode ser considerado um exemplo dessa postura. Dessa forma, os processos de ensino e aprendizagem, além de garantirem a continuidade da expressão cultural, são também o caminho de afirmação identitária que sustenta a tradição. Ensino e aprendizagem cumprem o papel de fortalecimento dos laços comunitários e valorização da ancestralidade negra.

Em São Benedito de Cunha (SP), foi registrado como os valores de respeito aos mais velhos, somados aos laços de consanguinidade e amizade que existem entre os congadeiros, reinadeiros, “acentuam a noção de família entre os membros, em que a ajuda mútua e a sensação de pertencimento e de identidade social dentro do grupo tornam-se importantes fatores de manutenção da comunidade.” (COELHO, 2016).

Além disso, atuando como guardiões dos conhecimentos ancestrais e importantes elos entre o passado e o futuro, os(as) mestres(as) mais velhos(as) atuam na proteção da tradição contra vetores de espetacularização e esvaziamento de sua dimensão sagrada. É o caso do Seu Dezinho do distrito de Rio das Mortes, município de São João del Rei (MG), que nas entrevistas registradas pela bibliografia ressalta a presença ao mesmo tempo de seus bisavós e de seus netos na manutenção dos fundamentos da tradição, conectando o passado e o presente na devoção ao Congado. “A relação com a ancestralidade é muito forte, esta presença se faz perceber claramente quando prestam reverência na porta do cemitério ao lado da igreja e em como dão importância aos ensinamentos dos mais antigos" (MENDES, 2006).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 401

Portanto, o caráter educador é um mecanismo fundamental para a permanência e a dinâmica do bem cultural que estão intimamente relacionadas aos processos de transmissão, hierárquica e intergeracional, de conhecimentos.



Duas gerações do Moçambique do Tonho Pretinho, durante a preparação para o cortejo. Itapecerica (MG), 2014. Autoria: Diana Landim (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).



Crianças de uma guarda de Congo na festa da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Ciriacos. Contagem (MG), 2014. Autoria: Priscila Musa (Acervo da Superintendência do Iphan em Minas Gerais).



Crianças do Moçambique da Comunidade Quilombola dos Arturos, de Contagem (MG). Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. Autoria: Patrick Arley. (Acervo de Patrick Arley)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 403



Capitã Pedrina de Lourdes Santos ao lado de jovens componentes do Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)



Destaque para a participação de crianças durante a Semana de Valorização da Consciência Negra, em Congonhas (MG) 2021. Autoria: Hugo Cordeiro. (Acervo de Hugo Cordeiro)



Criança “no Rosário” do Moçambique Coração de Maria. Congadas de Catalão (GO), 2022. Autoria: Fernando Cândido. (Acervo de Fernando Cândido)



Destaque à criança (à direita) integrante do grupo Tamborzeiros de Nossa Senhora do Rosário, Chapada do Norte (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)



Caboclos Mirins do Serro. Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro (MG), 2022. Autoria: Lori Figueiró. (Acervo de Lori Figueiró)

8.2. Rosário dos pretos

Antes, é importante demarcar um importante aporte teórico para a temática dos saberes do Rosário, formulado pela intelectual socióloga pedagoga Nilma Lino Gomes (2017).[131] Em suas reflexões sobre o Movimento Negro brasileiro, argumenta pelo reconhecimento da potência educadora das lutas políticas dos povos negros por emancipação. Nesse campo de lutas, como agentes educadores, os movimentos negros são tomados em amplo senso, sendo-lhes atribuído o mérito de produzir, sistematizar e articular saberes "identitários, políticos e estético-corpóreos" (GOMES, 2017). Nesse sentido, é importante situar as expressões do Rosário e seus saberes como

[131] Primeira mulher negra no Brasil a ocupar um ministério, Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016); primeira reitora negra do Brasil, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB (2013-2014).

parte desses movimentos negros, uma vez que refletem de forma profunda as relações raciais e produzem formas próprias de recontar a história do Brasil, explicitando o protagonismo dos(as) africanos(as) em diáspora e dos(as) seus(suas) descendentes.

Dentre os saberes que são produzidos e circulam no seio da devoção ao Rosário, destacam-se os processos pedagógicos que colocam os temas da raça e da identidade negra de forma afirmativa na expressão cultural, promovendo relações de pertença com a promoção da dignidade coletiva. Por exemplo, observe-se o rito da missa conga, muito presente em celebrações do Rosário em contextos de Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Grosso modo, pode ser apresentada como a celebração de uma missa católica com a participação de ternos, guardas, bandas, cortes (grupos rituais tocadores, dançadores e cantadores com funções cerimoniais sagradas) e reinado (côrte com reis, rainhas e acompanhantes cerimoniais), com as toadas e toques dialogando com o texto litúrgico conduzido pelo padre. Dentro da igreja, geralmente, os grupos do Rosário ocupam um espaço especialmente reservado para eles e fazem o acompanhamento dos cânticos com seus próprios instrumentos, além de ganhar destaque em certos momentos, como na leitura do Evangelho, nas preces e no ofertório (MARTINS, 1997).

De acordo com Frei Franscisco Van der Poel (2013), no *Dicionário de Religiosidade Popular*, o rito da missa conga surgiu em Belo Horizonte (MG), no período do concílio Vaticano II (1962-1965).[132] Nessa cerimônia, o padre costuma usar as

[132] Tendo como fundadores o capitão Edson Tomás dos Santos, o Sr. Waldomiro Gomes de Almeida, o Sr. Salvador (compositor do Lamento do Negro, canto-poema aborado a seguir), o padre Edeimar Massote, o padre Nereu de Castro Teixeira e o antropólogo Romeu Sabará, organizado em torno de um movimento de formulação de proposições conciliadoras entre a Igreja e a tradição do Rosário. Algumas vezes, a celebração é realizada no dia de Nossa Senhora ou de São Sebastião, ou a data escolhida pode coincidir com o dia da consciência negra ou com a data da abolição da escravatura. Um aspecto importante ressaltado por Van Der Poel (2013) é que na missa conga há a expectativa, por parte do povo negro, de que o padre reze pelas almas dos cativos, fale de Nossa Senhora do Rosário e da realidade atual dos negros no Brasil, e não de assuntos sugeridos pelo folheto litúrgico de um domingo comum qualquer. No entanto, ainda poucos padres se dispõem a celebrar com o povo negro das Irmandades do Rosário uma missa

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 407

orações comuns do missal romano ou escolher algum texto referente a Nossa Senhora do Rosário e, entre a leitura dos textos e as orações, os grupos rituais marujos, catopês, moçambiques, congos etc., cantam e tocam os repertórios da sua tradição. Desde a sua criação, a cerimônia passou a ser difundida e celebrada nas paróquias de diversas cidades.

Em Minas Gerais, sobretudo nas regiões Metropolitana de BH, Centro-Oeste e Central mineira, um dos momentos mais emblemáticos da cerimônia da missa conga é o rito que a precede: a chegada dos grupos que vêm cantando pela rua e diante da igreja fechada, entoando a toada do Lamento do Negro:

> Eu vou contar-lhe uma história, peço que preste atenção
> É uma história muito antiga do tempo da escravidão.
> Foi no dia treze de maio a assembleia trabalhou
> Olha o negro era cativo e a princesa libertou
> Olha negro era cativo e agora virou senhor
> Foi no tempo da escravidão, era branco que mandava
> Quando branco ia pra missa, oi era negro que levava
> Branco entrava pra igreja e negro cá fora ficava
> E se negro reclamasse, de chiquirá ele apanhava
> Negro fazia as orações quando na senzala ele chegava
> Ele fazia as orações e pra Zambi ele entregava
> Que dó, que dó. Jesus Cristo está no céu, amparando essas almas desses negros sofredores[133].

Esse lamento, feito diante das portas fechadas, na abertura da missa conga, recorda, portanto, dramaticamente do período da escravidão quando os negros não podiam entrar na Igreja. Outra versão do canto-poema, enuncia:

> No dia treze de maio, a assembleia trabalhou
> Nego véio era cativo, e princesa libertô

especial e festiva na qual os congadeiros celebram sua caminhada, seus antepassados (VAN DER POEL, 2013).

[133] Lamento cantando pelos Capitães de Massambique em Oliveira, na porta da Igreja, apud MORAIS, 2022.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 408

Nego véio era escravo, e hoje já virou sinhô
No tempo da escravidão, era branco quem mandava
Quando branco ia pra missa, nego cá fora ficava
Branco entrava pra dentro, nego cá fora ficava
Nego só ia rezar, quando na senzala estava
Nego só ia rezar, quando na senzala estava
E se falasse alguma coisa, de chiquirá ele apanhava
Se falasse alguma coisa, de chiquirá ele apanhava
Vou pedir Nossa Senhora, pra tomar conta dessas almas
Daqueles negros cativos, que morreram na senzala
Senhor padre abre a porta, congadeiro quer entrar
Pra assistir a santa missa, que o senhor vai celebrar.[134]

Em Oliveira, depois que o lamento é entoado, o capitão ou a capitã bate na porta da igreja três vezes com o seu bastão e o padre responsável pela celebração abre as portas para que o povo negro entre. A côrte real tem, então, permissão para entrar e as guardas de congadeiros, moçambiqueiros e marujos acompanham com seus tambores, dançando e cantando. O entoar do lamento negro é um dos ritos mais importante da missa conga, pois "possibilita aos negros reinadeiros reafirmar uma longa história de resistências, ao adentrarem na igreja com seus tambores e múltiplas formas de se comunicar com sagrado." (MORAIS, 2022). Consoante a cantos-poema como os do Lamento Negro, fica evidente a expressão étnico-racial que reencena embates históricos entre a fé dos negros e o poder proibicionista dos brancos. A enunciação do canto falado relembra o tempo em que, oficialmente, o povo negro não entrava na igreja, situação que ainda hoje é revivida de formas mais ou menos veladas, quando párocos ainda se recusam a permitir a realização da missa ou do próprio festejo do Rosário nas proximidades de suas igrejas.[135]

[134] Lamento Negro cantado pela Capitã Pedrina, do Massambique de Nossa Senhora das Mercês, do reinado de Oliveira (MG), apud SOARES, 2016, p. 55-56.

[135] São muitos os casos contemporâneos, por exemplo, o episódio recente em novembro de 2022, envolvendo um grupo de congado do bairro Urca, Pampulha (BH, MG), impedido de cumprir a missa conga: "De acordo com o presidente e Capitão-Mor da Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário Urca Pampulha, Gleisson Rodrigues, no dia da tradicional festa, celebrada sempre no terceiro domingo de novembro, e que neste ano coincidiu com o Dia da Consciência Negra, a missa

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 409

Enquanto para algumas comunidades a missa conga é um rito de fundamental importância, profundamente comovedor, muito apreciado, sendo o seu impedimento uma grave ofensa, para outras comunidades do Rosário, como entre os Leonídios, de Oliveira (Centro-Oeste de MG) essa cerimônia, mesmo que realizada, não é reconhecida como sacramento, ou seja, componente dos fundamentos rituais que conferem a eficácia espiritual do reinado (ALTIVO, 2019). Nesse contexto, a senhora Pedrina de Lourdes Santos, capitã da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês, realiza um grande trabalho pedagógico dedicado a esta tradução e interpretação das diferentes linguagens espirituais que dão base à diversidade cultural. Na sua comunidade os(as) reinadeiros(as) refletem sobre a cerimônia ser uma espécie de "autorização da igreja para que as coisas aconteçam" e, também nesse sentido, uma estratégia política de se redimir publicamente das inúmeras agressões cometidas no passado contra as comunidades negras de reinado na cidade[136] (ALTIVO, 2019), o que não é recebido de forma passiva pelo grupo, sendo muitas vezes, inclusive, recusado.

não foi celebrada por alguns impedimentos. "O padre não quis celebrar. Ele disse que nunca vai celebrar uma missa de congado e que a gente teria que procurar algum que gosta", contou. O festejo contou com 28 guardas de Congado e com cerca de 2000 pessoas." https://www.otempo.com.br/cidades/grupo-de-congado-denuncia-intolerancia-religiosa-em-igreja-de-bh-1.2774606. Acesso em dez. 2022. Outro caso recente que ganhou notoriedade ocorreu na cidade de Tiradentes (MG) em dezembro de 2020: a comunidade Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia foi proibido de manifestar sua devoção no interior da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos pelo pároco que havia assumido a direção da igreja em 2019. O pároco afirmou que sua postura se justifica porque a conduta dos congadeiros diverge da doutrina católica ao "santificar a escrava Anastácia e abordar a reencarnação". https://www.otempo.com.br/cidades/padre-proibe-congado-dentro-de-igreja-em-tiradentes-e-e-acusado-de-preconceito-1.2428975. Acesso em dez. 2022.

[136] Na missa conga da festa do Reinado de Oliveira em 2015, a igreja manifestou enfaticamente o pedido de desculpas ao povo reinadeiro da cidade. O padre, que celebrava a missa, ajoelhou-se no altar e pediu perdão pela demolição da antiga capelinha de N. Sra. do Rosário em 1929, construída pelos negros, que foi substituída pela Catedral de Nossa Senhora de Oliveira, conhecida como Igreja Nova, considerado o maior templo católico da cidade. Outros episódios e condições de maus tratos são relembrados por reinadeiros da localidade, como quando um padre aceitava realizar a missa conga desde que moçambiqueiros retirassem suas gungas (chocalhos de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 410

Mestra Pedrina de Lourdes Santos é reconhecida como pesquisadora com grande conhecimento em cantos e oralidade em línguas africanas de matriz banto, em história e cultura afro-brasileiras, sobretudo no que se refere à devoção, filosofia e às artes rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, e como pensadora sobre relações étnico-raciais. Ela dedica sua vida ao Rosário, resistindo na tradição e constituindo uma comunidade negra intermundos que reconecta vínculos rompidos pela diáspora escravocrata ao cruzar o plano dos vivos e dos mortos, propiciadora da circulação de saberes e afetos pelas linhagens de matriz africana (MARTINS, 1997; 2002; ALTIVO, 2019). O Reinado tem um papel fundamental na vida de Pedrina. Segundo ela, foi através desta devoção, no convívio com as pessoas mais velhas, que entendeu "a verdadeira história dos negros, no Brasil e antes de vir para o Brasil, e entendeu a essência do negro, a sua religiosidade, a sua cultura, que não se encontra em livros, não encontra em escola" (PEDRINA, 2007 apud SOARES, 2016).

Em suas práticas rituais, corporais e discursivas, a mestra opera na produção de uma memória e uma história negra pelo corpo, pelas costuras de fragmentos narrativos, imagéticos e afetivos, ao desconstruir a linguagem colonial e instaurar formas comunicacionais multidimensionais (MARTINS, 1997; 2000; 2002; ARAÚJO, 2017; ALTIVO, 2019).

Nascida no município de Oliveira (MG), Pedrina começou a dançar e tocar na Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês, fundada em 1964, aos 11 anos de idade. Seu pai, Capitão Leonídio dos Santos, não havia conseguido reunir número suficiente de homens para compor a guarda de massambique (moçambique) e permitiu que ela e outras jovens participassem - o que tradicionalmente não era para mulheres. No massambique, apesar das dificuldades que encontrou por ser mulher atuando em um espaço tradicionalmente masculino, Pedrina se tornou especialista

sonoridade potente, anexados aos tornozelos) para entrar, pois não admitia "barulho durante a missa" (ALTIVO, 2019).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 411

nas artes de canto e dança. Em 1980, com a morte do pai, assumiu com um irmão a capitania do grupo, sendo considerada uma das primeiras mulheres capitãs de uma guarda de massambique (SOARES, 2016). Ser capitã se tornou uma condição de centralidade em sua vida. A partir do universo do Reinado ela circula, aprende e ensina por vários outros (SOARES, 2016).

Tornou-se membro da Comissão Mineira de Folclore, fundada em 1948 por um grupo de intelectuais[137] (SOARES, 2016). E por sua trajetória como pesquisadora e mestra de grande conhecimento em cantos e oralidade em línguas africanas de matriz banto, em história e cultura afro-brasileiras, sobretudo no que se refere à devoção, filosofia e às artes rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, e como pensadora sobre relações étnico-raciais, se tornou professora vinculada ao Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais da UFMG, desde 2016. Em 2022 foi titulada doutora de notório saber.[138] A mestra compreende que, no contexto diaspórico em que povos africanos foram violentamente trazidos para as Américas, e em meio ao sistema escravocrata, as pessoas buscaram a manutenção da sua vida alimentada por uma fé genuína (SANTOS, 2016; 2017; SOARES, 2016). Nessa busca, o povo negro soube, de muitas maneiras, preservar as suas tradições. Forçados a se converter ao cristianismo souberam interpretar, no Rosário católico, um Rosário adaptado a sua fé, criando novas formas litúrgicas ou outras formas de executar uma liturgia católica, em boa medida portadoras de correspondências com o exercício do catolicismo uma vez que, por séculos, seria a única maneira viável para a sua expressão (SOARES, 2016).

[137] Entre eles Saul Martins, pesquisador do folclore e autor, entre outras obras, do livro "Congado: família de sete irmãos", publicado pelo SESC MG, em 1988 (SOARES, 2016).

[138] Com essa titulação, os mestres e as mestras formalizam o reconhecimento da sua aptidão para atuar como docentes em atividades de ensino, pesquisa e extensão; e participar em Comissões Examinadoras de Mestrado e Doutorado nas universidades. Em 2020, a capitã Pedrina de Lourdes Santos recebeu título de Doutora de Notório Saber em Comunicação Social, após apresentar seu Memorial Descritivo, peça fundamental para proposição de sua candidatura ao notório saber na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), construído, sob sua coordenação, com os esforços de uma equipe de pesquisadoras/pesquisadores e colaboradoras/colaboradores da mestra dos saberes afrodiaspóricos e da comunicação intermundos.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 412

Demonstrando um traço forte dessa habilidade de interpretação intercultural, Pedrina apresenta e analisa a Oração do Rosário dos Homens Escravizados na Senzala. Essa reza é própria do complexo litúrgico cultivado pela comunidade que é guiada pela capitã, sendo necessária uma fogueira para que seja entoada ao redor do fogo. Essa forma africana de uma oração católica demonstra exatamente a sabedoria, a criatividade e a fé de um povo que soube resistir às violências da colonização com imensa criatividade (SANTOS, 2016; 2017; SOARES, 2016).Para a oração deste Rosário dos pretos, Pedrina ensina que usa-se o rosário católico (artefato) feito com contas de lágrimas ou saboneteira. Ensina que nessa oração não se contempla os Mistérios católicos, podendo oferecer o Rosário de acordo com a intenção dos presentes.

Inicia-se cantando cinco vezes:

Aiô iêiô
Resposta em coro: Ôooooo
Eu sou devota da Virgem Maria
Ela é nossa força
Ela é nossa guia
Resposta em coro: repete

Em seguida, é feito o Oferecimento do Rosário, ou seja, o devoto faz pedidos e declara as desejadas intenções. Cada um pode fazer de acordo com suas necessidades, mentalmente. Para o Oferecimento do Rosário, cantam-se os Mistérios, cada um invocado com um Ôlelê. Cada mistério é uma toada que tem um Ôlêlê. Conforme ensina a professora capitã, o Ôlêlê parece uma coisa à toa, mas é uma toada que mexe com o céu, com a terra, e com o mar. Essa primeira toada corresponde a uma Ave Maria. Em seguida é feito um canto que fale de alguns santos sem Ôlêlê, o que vai corresponder ao Glória e ao Pai Nosso.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 413

Aiô lêlê Olê
Aiô lêlê eiô
Aiô lêlê Olê
Aiô lêlê eiô
Aiô lêlê lê lê
Ôlê
Ôôôoô
Aiô lêlê lê lê
Ôlê
Ôôôoô[139]



Capitã Pedrina de Lourdes Santos capitaneado o Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)

[139] Toada-reza ensinada pela capitã Pedrina Lourdes dos Santos, durante a disciplina Catar Folhas: Saberes e Fazeres do axé, UFMG (2017).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 414



Pedrina de Lourdes Santos, Capitã do Massambike de Nossa Senhora das Mercês. Festa do Congo - Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Oliveira (MG), 2018. Autoria: Sidney de Almeida. (Acervo de Sidney de Almeida)

Como visto, a devoção ao Rosário funciona como afirmação identitária e desejo de preservação de um patrimônio negro. Consoante o doutor em História Social e presidente da Irmandade do Reinado do Rosário de Rio Paranaíba (Alto Paranaíba, MG), capitão embaixador Jeremias Brasileiro, "dentro das tradições, há várias formas de viver o Rosário". No livro Panorama Folclórico, o folclorista Saul Martins (ano) sugere que há uma ligação anterior do Congado e seu mito principal, Nossa Senhora do Rosário, a partir de missionários portugueses que pintavam imagens da santa em tecidos policromáticos, com o intuito de cooptar negros que utilizavam guias com sementes em louvor ao deus Ifá (o senhor do oráculo, orixá da adivinhação). Segundo essa perspectiva, a semelhança entre a guia e o rosário, vinculada à imagem, contribuiu para que a devoção se difundisse entre povos africanos e muitos escravizados já chegassem ao Brasil cultuando Nossa Senhora do Rosário (BRASILEIRO, 2019; MORAIS, 2022).

Sobre as diferentes dimensões e materialidades do Rosário dos pretos, nota-se, por exemplo, em algumas marujadas (pelo menos nas do Norte de Minas e barrancas do rio São Francisco) não serem trazidos os rosários (artefato sagrado) como principal ornamentação nos corpos e, no entanto, como um rosário sutil (ou para alguns até invisível) esses marujos o simbolizam a partir dos bastões (BRASILEIRO, 2019). Não está o Rosário físico, mas está ali o bastão sendo trançado no chão para fazer a abertura dos caminhos. Ele está nas faixas cruzadas, na marujada que é dos embaixadores, ou alguns lugares patrões, mas eles trazem as faixas cruzadas sinalizando para a proteção encruzilhada própria das epistemologias de matrizes africanas.

Há ainda os espelhados nos chapéus (chamados de capacetes, quipás, acessórios de cabeça, indumentárias de cabeça) que também têm suas simbologias de "peneirar e expulsar as energias negativas" (BRASILEIRO, 2019). Nesse sentido, os saberes do Rosário portam diversos arquétipos espirituais de anterioridades ancestrais: rosários de contas de lágrimas que eram os rosários antigos produzidos com as sementes de coités; os Rosários quintentos, os rosários Tessebás ou Rosários Malês, com noventa e nove contas e uma cabaça, o Rosário opele ifá, que seria a identificação mais forte de ancestralidade com o Rosário que está no Brasil (BRASILEIRO, 2019).

Como visto, no contexto afrodiaspórico dos traficados para as Américas, em meio a um sistema escravocrata, buscando a manutenção da sua vida alimentada pela fé, o povo negro soube de muitas maneiras preservar as suas tradições. Forçados a se converter ao cristianismo souberam interpretar tradições e linguagens criando, a partir do Rosário católico,[140] um "Rosário dos pretos". Nos Reinados, Congados e

[140] O Santo Rosário é uma prática religiosa de devoção mariana muito difundida entre os católicos romanos, que o rezam tanto pública quanto individualmente. Consiste na recitação seriada de orações com o auxílio de uma corrente com contas ou nós, que recebe o mesmo nome. O Rosário também compreende a contemplação de determinadas passagens da vida de Jesus

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 416

Congadas, associadas ao culto aos santos católicos, foram ativadas práticas culturais africanas – que deram outras formas e sentidos à festa em louvor à santa – no interior de instituições com estatuto europeu, controladas pela igreja católica e pela administração colonial portuguesa. Os tambores, que não podiam ser tocados nas igrejas, soavam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano – com música e dança – os santos identificados ao catolicismo, mas também as forças da natureza, os antepassados, as entidades e divindades afro-brasileiras, como forma de contato entre o mundo físico dos vivos e o outro mundo, das forças espirituais. Desse modo, o culto aos santos católicos recebeu desdobramentos com novas significações de matrizes africanas e afro-brasileiras, vivenciadas a partir de suas próprias práticas e pensamentos e produtoras de saberes que fundam o viver coletivo da devoção ao Rosário.

A devoção afro-brasileira ao Rosário, em toda a sua diversidade, pode ser identificada por uma lógica de mundo que considera as subjetividades das pessoas encarnadas e desencarnadas, dos humanos e dos espíritos de antepassados e ancestrais. De acordo com essa filosofia comunitária existem vínculos entre as gerações que são eternizados pela prática de recordar e homenagear os que já não estão materializados entre si, mas seguem unidos aos seus parentes mantendo interações espirituais. O legado colonial da modernidade produziu uma divisão hierárquica de saberes e práticas que categorizou determinados campos de conhecimento enquanto “ciência”, “verdade” e “fato”, e outros em termos de “superstição”, “mentira” e “crença” (MIGNOLO, 2008). Por muito tempo, os saberes do Rosário foram situados entre estes últimos, na periferia desta geopolítica do conhecimento, sendo parte de um processo de justiça epistemológica resguardar e valorizar tais formas de conhecimento que foram historicamente negadas no cenário

Cristo e de sua mãe, a Virgem Maria, que segundo a doutrina da Igreja Católica são de especial relevância para a história da Salvação e que recebem o nome de "Mistérios" (VAN DER POEL, 2013).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 417

de colonialidade do saber (OLIVEIRA, 2019). O bem cultural apresentado recebeu, por isso, ao longo do trabalho, a ênfase na sua dimensão como campo de saberes complexos, profundos e múltiplos produzidos ativamente pelos(as) seus(suas) detentores(as).

*

Na próxima parte deste Dossiê (Parte 3), serão recuperados os principais argumentos desenvolvidos ao longo dos capítulos que resumem as motivações para a candidatura do bem cultural Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil.



Parte 3

Motivações para o reconhecimento



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2003-49 / pg. 419

O objetivo deste Dossiê foi apresentar informações capazes de descrever e tornar compreensíveis os valorosos atributos dos Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas, sendo capaz de garantir o seu reconhecimento oficial como Patrimônio Cultural do Brasil e a sua Salvaguarda. Foi demonstrado que as diversas expressões do bem cultural foram difundidas amplamente no território brasileiro com enorme pluralidade e que, na contemporaneidade, estão presentes em, pelo menos: Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Brasília, Tocantins, Ceará, Sergipe e Bahia. Reinados, Congados, Congadas, atravessaram mais de 300 anos de história, e alcançaram o século XXI, não sem muitas transformações e ressignificações, mantendo uma identidade cultural que é nutrida pelas comunidades do Rosário, muitas das quais ultrapassam 100 anos. Essas comunidades detentoras afirmam, cada qual conforme formulações próprias, que a variação é um importante elemento constitutivo do bem cultural, sendo impertinente buscar definir modelos ou sintetizar abstrações generalizantes para caracterizar e conhecer as tradições dos Saberes do Rosário.

Consoante ao apresentado ao longo deste trabalho, os saberes do Rosário são multidimensionais: envolvem formas de expressão, modos de fazer, ofícios, lugares e celebrações que estão articulados por uma cosmologia própria das matrizes culturais africanas e afro-brasileiras. Essa cosmologia compreende um pensamento ético e uma ação estética que enfatizam o reconhecimento da ancestralidade; a importância da herança cultural e da comunhão comunitária para cuidar dessa herança; e a importância da sua transmissão aos mais novos, mantendo uma temporalidade espiralada (MARTINS, 2002; 2000; 1997) e uma dinâmica circular de começo, meio e começo (SANTOS, 2019; 2015). As práticas e pensamentos que daí decorrem geram



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 420

formas de expressão artísticas, poéticas, que educam as pessoas no seu processo subjetivo de tornar-se pertencente a uma comunidade (MORAIS, 2022; SANTOS, 2021; ALTIVO, 2019). Trata-se de processos formativos geradores de conhecimentos singulares que são incorporados pelos seus detentores e performados coletivamente (MARTINS, 1997; 1988), informando sobre modos de ser e viver próprios da cultura afro-brasileira de devoção ao Rosário. Os modos de ser e viver são sustentados e mantidos por saberes que orientam para a compreensão de uma necessidade fundamental: celebrar a ancestralidade e preservar as heranças culturais. Além disso, esses saberes promovem uma cultura de resistência à colonização dos pensamentos e das práticas, contribuindo para a preservação da diversidade da cultura brasileira, na forma de uma tradição multifacetada bastante singular que se expressa em linguagem de dança, canto, oralitura (MARTINS, 2003; 2000), música, confraternização, ritual e identidade cultural.

Como visto, de maneira geral, estes saberes se mostram na diversidade de expressões ligadas ao culto à ancestralidade afro-brasileira pela devoção ao Rosário: canto, dança, poesia, festa, comida, rezas, promessas, compromissos, obrigações compartilhadas, ao longo de gerações. O nome sugerido para o reconhecimento do bem cultural tem justamente a intenção de representar a multiplicidade de expressões constitutivas, sinalizar para os seus fundamentos simbólicos e, ao mesmo tempo, ser capaz de afirmar a sua identidade cultural. Nesse sentido, identidade cultural e devoção são inseparáveis, sendo o termo Rosário definidor dessa ligação. O nome é comumente usado por detentores(as) para caracterizar a sua tradição: as pessoas realizam "festas do Rosário", se reúnem pela "fé no Rosário", percebem-se como comunidades "unidas no Rosário". Estas são expressões correntes e muito significativas, com profundo alcance cosmológico, capazes de identificar os saberes, as formas de expressão, as celebrações, as artes, os ofícios e os modos de fazer dos reinadeiros, candombeiros, moçambiqueiros (moçambiques, massambiques,



massambiqueiros), congadeiros (congos, congados, congueiros, conguistas), marujos (marujeiros, marinheiros), catopês (catupés, catopés), vilões, tamborzeiros, pifeiros, entre tantos outros nomes que identificam os detentores do bem cultural.

Em que pese a sua forte consistência, o conhecimento e a divulgação da dimensão cosmológica do bem cultural têm sido os aspectos menos dedicados pela literatura e documentação voltadas ao tema. E, no entanto, justamente o conhecimento e a divulgação da profundidade e da complexidade da devoção afro-brasileira ao Rosário podem alcançar vias para a valorização plena do bem cultural, uma vez que pelo reconhecimento da lógica de mundo que é geradora das suas expressões - que tanto impressionam a sociedade brasileira pela exuberância visual, performática, sonora, corporal, poética, afetiva - talvez seja possível, em alguma medida, o fortalecimento do movimento para a reversão do histórico de preconceitos e mal-entendidos que fizeram com que, por muito tempo, o bem cultural fosse tomado como alegorias da conversão religiosa e cultural. A singularidade cultural constitutiva dos Reinados, Congados e Congadas, que opera filosoficamente a coexistência de elementos, à primeira vista, tomados como incongruentes - santos católicos, espiritualidade africana, prazer e alegria, dor e revolta das violências da escravização e do racismo - foi por muito tempo pouco reconhecida (e algumas vezes, recusada) enquanto um modo de afirmação da cultura de matriz africana no Brasil, a partir da tecnologia dos prodigiosos cruzamentos das tradições e memórias orais africanas com todos os outros códigos e sistemas simbólicos com que se confrontaram e dialogaram, inclusive o catolicismo.

No entanto, os saberes do Rosário dão destaque imediato também aos(às) "sabedores(as)", sinalizando para a prioridade da salvaguarda dos(as) mais velhos(as) da tradição - aspecto reconhecidamente identificado às instituições das civilizações africanas. Isso leva em conta que nas tradições culturais de matrizes africanas e afro-brasileiras, são os(as) mais velhos(as) os(as) portadores(as)

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 422

legítimos(as) da "raiz cultural", sendo estimados como mestres(as) zeladores(as) dos conhecimentos profundos, e principais responsáveis pela orientação das novas gerações.

Pôde ser visto que o caráter extraordinário da abrangência territorial, longevidade temporal e diversidade de formas expressivas do bem cultural, não exclui a identidade que faz com que os Reinados, Congados e Congadas se reconheçam reciprocamente, sendo capazes de, cada qual com a sua toada, celebrar a ancestralidade sagrada cantando, dançando e tocando – rezando, portanto, ao modo afro-brasileiro – conectados como as contas de um rosário. Portanto, os saberes do Rosário constroem comunidades fortalecidas com um modo de vida que, desde as práticas cotidianas aos ritos celebrativos, reflete as habilidades específicas dos povos negros para a resistência cultural, a negociação e, especialmente, para a produção de comunidades afetivas e identidades culturais poderosas, criadoras de novas experiências e instituições, mesmo sob as violências históricas da escravização e, contemporâneas, do racismo estrutural.

Este é outro importante aspecto de grande mérito para o reconhecimento dos saberes do Rosário como Patrimônio Cultural do Brasil. Ao longo da história, foram diversificadas, e variavelmente explícitas, as formas de expressão da perseguição contra os modos de ser e viver das populações africanas e afrodescendentes no Brasil: do constrangimento ao genocídio. Apesar das leis formuladas para desestimular e impedir as suas congregações e naturalizar o policiamento das suas organizações; apesar do desdém e da agressão às pessoas, às suas formas de expressão, linguagem, corporalidade e espiritualidade, elas permanecem vivas, curando as feridas e tecendo uma extensa rede de territórios negros, ativos, nutrindo comunidades motivadas e organizadas pela sua fé e devoção, ofertando, recebendo, agradecendo, se recompondo como detentoras das mais belas e potentes formas humanas de manifestação da cultura: a celebração da diversidade.

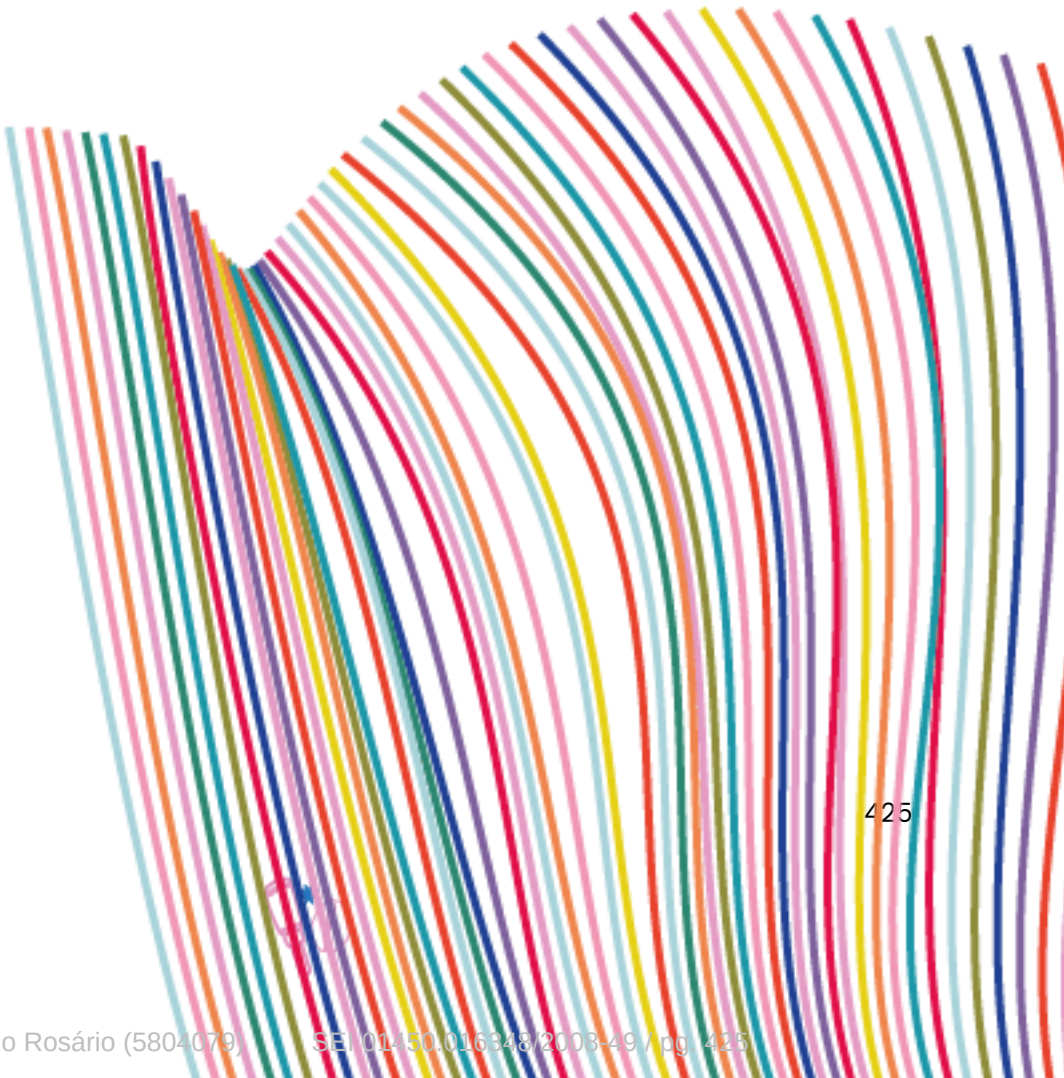
Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 423

Por tudo isso, os saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas devem ser reconhecidos como Patrimônio Cultural do Brasil.



Parte 4

Recomendações para a salvaguarda



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2003-49 / pg. 425

Esta quarta e última parte indica recomendações para as ações institucionais que devem ser dedicadas ao apoio para a salvaguarda do bem cultural, compiladas a partir da ouvidoria dos detentores do bem cultural durante todo o processo de Registro e, especialmente, nos três Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil realizados no ano de 2022 (Cf. Anexo 5); de consultas às documentações produzidas entre 2006 e 2018 pelas Superintendências do Iphan em Goiás, Minas Gerais e São Paulo; de relatórios de reuniões regionais promovidas pelo Iphan-MG com a comunidade detentora; de informações de dissertações, teses e artigos acadêmicos baseados em pesquisas de campo e interlocução aprofundada com detentores do bem cultural; e de propostas indicadas no documento Carta do 1º Fórum Mineiro de Reinados e Congados, de 18 de Março de 2022, apresentado ao Iphan, e que considerou a participação de grande número de representantes reinadeiros e congadeiros no evento realizado nos dias 21 e 22 de janeiro de 2022 em formato virtual.

É fundamental recordar que uma ação eficaz de setores da administração pública para salvaguardar os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas precisa estar alicerçada na elaboração de políticas e na construção de ações que considerem, durante todo o processo, a implicação dos sujeitos que estão diretamente vinculados a essas práticas culturais, favorecendo a eles o protagonismo social, cultural, político e econômico necessário para que possam decidir sobre aquilo que tem a ver com suas próprias vidas. Nesse sentido é essencial que aconteçam ações conjuntas, entre poder público e detentores, que possam fundamentar o processo de salvaguarda dos Saberes do Rosário.

Importante recordar que a política pública não tem o propósito nem o direito de intervir na esfera privada das comunidades congadeiras-reinadeiras: nas suas

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 426

hierarquias, nas suas formas e regras de transmissão de saberes e heranças de cargos, nas suas formas e regras de realização das celebrações e outros eventos e reuniões, por exemplo; ou na sua dimensão sagrada (seus fundamentos e mandamentos).

Considerando que os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas do Brasil é um bem cultural multidimensional e que as questões que levanta para a política patrimonial são muitas e acionam variadas instâncias, apresenta-se a seguir uma listagem de recomendações para a salvaguarda deste bem cultural dividida em seis modalidades:

Ações de documentação

As ações de salvaguarda sugeridas neste bloco de ações devem ser aplicadas a partir de um parâmetro epistemológico que reconheça que os detentores do bem são pensadores e problematizadores das questões políticas e sociais na mesma medida que os pesquisadores que sempre estiveram à frente desse processo de investigação. Assim, os saberes-fazeres que são produzidos por esses sujeitos não podem ser vistos apenas como objetos a serem estudados pelos "de fora", mas como modos de produção de uma cosmologia de mundo que deve ser cada vez mais percebida a partir "de dentro", ou seja, por meio dos próprios sujeitos que as produzem no contexto de suas localidades.

- Promover mais pesquisas para mapeamento e caracterização do bem cultural nos diversos territórios;
- Incluir os detentores do bem na realização dessas pesquisas, com oportunidades para mestres e jovens detentores realizarem estudos e documentações (escritas ou audiovisuais) sobre o bem cultural;

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 427

- Promover a produção de documentações que valorizem o pensamento e as práticas das comunidades de detentores;
- Considerar as imensas variações das formas expressivas do bem cultural: guardas/ternos/cortes/bandas, festejos, cortejos, procissões, missas congas, com atenção aos sacramentos, fundamentos e mandamentos que mantêm a composição da matriz africana mais pronunciada;
- Observar os pontos de vista de comunidades detentoras a respeito da necessidade de manter-se a compreensão da existência de diferença entre os Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas e expressões do folclore/cultura popular desvinculadas dos protocolos e das trajetórias das tradições.

Ações de apoio à proteção de direitos das comunidades detentoras do bem cultural

- Elaborar diretrizes para orientar o diálogo entre poder público e comunidades detentoras, considerando os protocolos próprios dessas comunidades;
- Viabilizar programas de estímulo às prefeituras municipais para um tratamento específico do bem cultural na promoção da educação, cultura, saúde, renda, dentre outras áreas;
- Implementar políticas intersetoriais que promovam de forma específica o acesso dessas comunidades aos direitos universais à educação, segurança nutricional e alimentar, renda, moradia, mobilidade e segurança;
- Reconhecer e proteger os direitos relacionados ao patrimônio cultural intelectual das comunidades e seus detentores, por exemplo no que toca às representações do bem cultural em obras de arte e entretenimento (teatro, músicas, novelas, filmes, fotografias, eventos) e à devolutiva de pesquisas e documentações realizadas por terceiros junto a elas;



- Capacitar gestores municipais na compreensão das dinâmicas e particularidades do bem cultural, de modo que possam desenvolver políticas públicas efetivas.

Ações de apoio à formalização e gestão das associações

- Promover oficinas para habilitação das comunidades, que assim desejarem, em se formalizarem como associação da sociedade civil;
- Apoiar a aquisição dos saberes técnicos necessários para a gestão das associações, sejam elas formais ou informais.

Ações de apoio à sustentabilidade

- Criar editais específicos que favoreçam a autonomia dos detentores sobre a forma como desejam manter sua tradição;
- Elaborar editais simplificados, desde a redação dos seus termos às regras de gestão dos projetos para a prestação de contas, sem comprometimento de sua segurança e validade jurídica, favorecendo o acesso de comunidades de detentores menos articuladas institucionalmente e/ou que detenham menos apoios de pesquisadores e produtores culturais profissionais;
- Ampliar a abrangência da divulgação dos editais de modo que alcance um número amplo de detentores.
- Criar formas simplificadas de candidatura a esses editais, envolvendo - por exemplo - a possibilidade de envio de propostas via áudio gravado por representantes autorizados pelas comunidades detentoras;
- Garantir a prerrogativa dos(as) mais velhos(as) enquanto representantes oficiais de comunidades de detentores, promovendo a vinculação da proposição de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 429

projetos à declaração de anuência de mestres e mestras reconhecidos por suas comunidades;

- Capacitação das comunidades detentoras para acessar editais que ainda não passaram pelo processo de simplificação e desburocratização;
- Apoiar a aquisição dos saberes técnicos para a comunidade do Rosário concorrer aos editais e gerir os seus projetos;
- Algumas áreas que os editais devem contemplar:
  - Infraestrutura de sedes/terreiros de comunidades do Rosário;
  - Realização de celebrações;
  - Alimentação durante celebrações;
  - Mobilidade das irmandades/guardas/ternos/cortes na realização de suas obrigações com trocas de visitas, favorecendo suas participações em celebrações de outras irmandades/reinos amigas/os;
  - Manutenção de instrumentos, indumentárias (fardas, uniformes, vestimentas), artefatos e artesanatos;
  - Oficinas com mestres e aprendizes com foco na valorização de seu lugar destacado na tradição para a transmissão de saberes relacionados a cantos, danças, artefatos, artesanatos, fundamentos, mandamentos e aos protocolos em relação à dimensão pública e privada das comunidades;
  - Oficinas para aquisição de habilidades de registro fotográfico e audiovisual, documentação e organização de acervos das próprias sedes.

Ações ligadas ao patrimônio material

- Ações que visem a preservação e manutenção do espaço das celebrações, dos locais da memória ancestral, dos lugares sagrados.



Ações de divulgação

- Elaborar materiais de divulgação das documentações indicadas acima, em mídias de amplo alcance;
- Estimular a promoção de programas de inclusão dos saberes dos Reinados, Congados e Congadas no ensino fundamental e médio, apoiados na Lei 10639/03, complementada pela lei 11.645/08, que incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

*



Moçambique do Tonho Pretinho. Itapecerica (MG). Marcelo Feijó, 2014 (Acervo do Departamento do Patrimônio Imaterial - DPI/Iphan).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 431

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABENTROTH, Nayara Kallinne Cândido dos Santos. **Comunidade quilombola Morro São João no município de Santa Rosa do Tocantins: memórias e território.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Nacional, 2020.

ABREU, Martha.; MATTOS, Hebe.; GURAN, Milton (Coord); YABETA, Daniela. **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil.** LABHOI - Universidade Federal Fluminense e UNESCO. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.labhoi.uff.br/memoriadotrafico>. Acesso em: 03 de dez. 2022.

ABREU, Míriam Walderez de Oliva. **Curiá Tá Tá, Curiatá!: Caboclinhos no Congado em Montes Claros – da festa a cena espetacular.** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

ACCMVA. Associação Cultural e Comunitária de Milho Verde. Proposta **para a construção de um Centro Cultural**. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 1. 2005-2022.

AGUIAR, Tito Flavio Rodrigues de. **Vastos Subúrbios da Nova Capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

AHRS. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. **Cópia do testamento de Manoel Teixeira Batista.** Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento nº 14, 1818.

AHRS. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. **Cópia do testamento de Roza Tereza de Jesus.** Arquivo Particular do Campo dos Teixeiras, documento nº 8, 1826.

ALMEIDA, Dulce Filgueira de. **Corpo, cultura e sincretismo: o ritual da Congada.** Pensar a Prática, v. 15, n. 1, 2012.

ALMEIDA, Elisângela Aparecida Damasceno.; CARNEIRO, Leonardo de Oliveira. **Redes de Solidariedade: uma Análise da Congada no Município de Carandaí MG.** In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, São Luís - MA. XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468265704_ARQUIVO_RedesdesolidariedadeUmaanalisedaCongadanomunicipiodeCarandaiMG.pdf > . Acesso em 17 nov. 2022.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 432

ALMEIDA, Rodolfo Rodrigues. **Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França em São Paulo 1801-1863, século XIX: história e óbitos de escravos.** Escrita Da História, (10), 2018. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/153>. Acesso em: 10 set. 2022.

ALTIVO, Bárbara Regina. **Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira – MG).** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional banto.** Luanda: Edital do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

AMARAL, Raul Joviano. **Os Pretos do Rosário de São Paulo.** São Paulo - SP. Editora João Scortecci, 1991.

AMBRÓSIO, Maria das Mercês Bonfim. **A pedagogia do Rosário, conteúdo educativo da festa: estudo do potencial pedagógico contido na festa de Nossa Senhora do Rosário.** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (Tese de Mestrado), 1989. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-87DJEQ>. Acesso em: 17 dez. 2022.

ANDREIS, Suélen. **O brilho da festa não cessa a dor. Experiências de resistência negra na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Porto Alegre (1827-1861).** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). UFRGS, 2015.

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo. **Fundo Mosteiro de São Domingos de Lisboa.** (Base de dados de descrição arquivística). Lisboa: ANTT, 2000. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457992>. Acesso em 03 dez. 2022.

Aproveite a Cidade. **Congadas de Catalão podem se tornar patrimônio cultural de Goiás.** Disponível em: <https://diaonline.ig.com.br/aproveite/cidades/catalao/congadas-de-catalao-podem-se-tornar-patrimonio-cultural-de-goias/?utm_source=Aproveite+a+cidade&utm_campaign=diaonline-author> . Acesso em: 10 jul. de 2022.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Hibridismo cultural-religioso em devoção a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na cidade de Laranjeiras/Sergipe.** Anais dos Simpósios da ABHR, 2015.

ARAUJO, Kelly Cristina. **Áfricas no Brasil**. São Paulo: Scipione, 2003.

ARAUJO, Rivaldo Felix de. **Candombe mineiro: É dingoma/ Saravano tambu/ Peço licença/ Pro meu canto firmá.** (Tese de Doutorado) - Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-ARVMA3>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 433

ARAUJO, Rivaldo Felix de.; QUEIROZ, Sônia. **Ontem eu sonhei que'ra tambô: poética e performance no Coco dançado e Candombe mineiro.** In: I SILIAFRO, Seminário Internacional de Literatura Afrolatina, 2012, Uberlândia. Produção, crítica e circulação das poéticas e da cultura afrolatinas, 2012. v. I. Disponível em:<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_50.pdf>. Acesso em 14 nov. 2022.

ARAÚJO, Samuel. **Brega, Samba, e Trabalho Acústico: Variações em torno de uma contribuição teórica à etnomusicologia.** Revista Opus, v.06, 1999. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/69>. Acesso em: 17 nov. 2022.

ARAÚJO, Samuel. **Descolonização e discurso: notas acerca do poder, do tempo e da noção de música.** Revista Brasileira de Música, V. 20, 1992

ARAÚJO, Ubiratan de Castro. **Irmão noviço da Irmandade da venerável ordem terceira de Nossa Senhora dos homens pretos de Salvador – Pelourinho.** Palestra realizada no auditório da FIEMG – Federação das Indústrias e Comércio de Minas Gerais - Uberlândia, 01/04/2005.

AREDES, Rubens de Oliveira. **O Congado Mineiro e a Indústria do Entretenimento: apropriação, antropofagia e o Estado.** Anais do III Simpom (Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música), v.3, 2014. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/4635/4153>. Acesso em: 17 nov. 2022.

Arquivo Histórico Ultramarino. Conselho Ultramarino. **Requerimento dos Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia de São Luiz de Mostardas.** Brasil - Rio Grande do Sul. Caixa 7, nº 521.

ARROYO, Margarete. **Representações Sociais sobre Práticas de Ensino e Aprendizagem Musical: um Estudo Etnográfico entre Congadeiros, Professores e Estudantes de Música.** Tese de Doutorado em Música. UFRGS. Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/15025> . Acesso em: 17 nov. 2022.

Associação Filmes de Quintal. **Os saberes do sagrado: Irmandades do Rosário e o registro patrimonial.** Termo de Referência Edital PNPI, Anexo 13, 2013.

AZZI, Riolando. **A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial.** in: História da Igreja no Brasil, (3a edição), Edições Paulinas/Vozes, Petrópolis, Brasil, 1983.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial.** Revista Brasileira de Ciência Política, no11. Brasília, 2013.

BARBOSA, Marize Campos.; RATTS, Alecsandro José Prudêncio. **Trajetória Socioespacial e Iconografia das Congadas no Sudeste Goiano.** (Projeto de Pesquisa). Universidade Federal de Goiás, 2011.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 434

BARBOSA, Pedro. **Organização e institucionalização política do movimento negro de Uberlândia.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2011.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Negros e quilombolas em Minas Gerais.** Belo Horizonte: (S.ED.), 1972.

MATOS, Antônio Luiz de. (Antônio de Bastião). Formação Transversal dos Saberes Tradicionais da UFMG, 2018. **Retrato do Mestre Antônio de Bastião.** Vídeo (57 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WocUDzZkkG0>. Acesso em: 18 dez. 2022.

BASTIDES, Roger.; FERNANDES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo.** São Paulo. Brasiliana, 3º ed, 1959.

BERKENBROCK, Volney José **A experiência dos Orixás – um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BERTRAN, Paulo. **História de Niquelândia: do Julgado de Traíras ao Lago de Serra da Mesa.** 3ª edição. Brasília: Verano Editora, 2002.

BEZERRA, Juliana. **História de Pernambuco.** Toda Matéria, sem data. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-de-pernambuco/>. Acesso em: 28 de nov. 2022.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. **Festas nos quilombos gaúchos: devoção a santos, reis e rainhas negros.** identidade!, v. 21, n. 2, 2017.

BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. **Maçambique de Osório. Entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tmbor e da Maçaquaia.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). UFRGS, Porto Alegre, 2006.

Blog do Encontroteca. Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. **Cultura tradicional: Congo de Niquelândia.** Disponível em: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/congo-de-niquelandia>. Acesso em julho de 2022.

Blog Willemberg Francelino. **Defesa do Patrimônio Vivo 2020: As Pretinhas do Congo. 2020.** Vídeo (9:59 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvOubLDkl1A>. Acesso em: 03 dez. 2022.

BORGES, Barsanufo Gomides. **O Despertar dos dormentes: Estudo sobre a estrada de ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais- 1909- 1922.** Goiânia: Cegraf-UFG, 1990.

BORGES, Célia Maria. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais, século XVIII e XIX.** Juiz de Fora: UFJF, 2005.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 435

BOSCHI, Caio César. **Irmandades, religiosidade e sociabilidade**. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). História de Minas Gerais: as Minas setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: (irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais).** São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BOTELHO, Maria Izabel Vieira.; FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Entre o projeto romanizador e o Vaticano II: a congada no município de Brás Pires – MG**. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v 11, n 2, 2011.

BOXER, Charles .R.. A idade do Ouro do Brasil. Editora Companhia Editorial Nacional, 1963.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua.** Campinas-SP: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto.** Funarte/Instituto Nacional do Folclore. Goiânia: UFG, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura, Educação e Interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (et al.) O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação. Rio de Janeiro: Iphan, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu Venho Vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia-GO**: Editora da UFG, 2004.

BRANDÃO, Petros José da Rocha. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Pernambuco: organização religiosa de pessoas de cor no setecentos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/8543>. Acesso em: 28 nov. de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. 35ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. **Decreto 3.551 de 04 de Agosto de 2000.** Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2000.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura afro-brasileira na escola: o congado na sala de aula.** São Paulo: Ícone, 2010.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 436

BRASILEIRO, Jeremias. **O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia- MG (recurso eletrônico): resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018).** Tese Doutorado. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em História, 2019.

BRASILEIRO, Jeremias. **O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 –2011).** Uberlândia, 2012. Dissertação, Universidade Federal de Uberlândia, PPG História. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16431>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BRASILEIRO, Jeremias.; RAMOS, Jarbas Siqueira. **Patrimônio cultural imaterial: temas e debates.** Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia, Editora Subsolo, 2017.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais.** Brasília, DF: Iphan, 2007.

BRITO, Angela Ernestina Cardoso de. **Catopês: Histórias de lutas e formação de identidades em Montes Claros- MG.** (Tese). Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BUENO, Fábio Martins. **Relatório síntese do Inventário Congado Paulista (Etapa preliminar).** Centro de Estudos da Cultura Popular. São José dos Campos, SP, 2017.

BUENO, Fábio Martins.; SANTOS, Maria Siqueira. **Congadas e Moçambiques no Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte.** São José dos Campos, SP: CECP; SEC-SP, 2022.

CALI, Plácido. **Inventário do Patrimônio Imaterial de Ilhabela.** Ilhabela, São Paulo, 2021.

CAMPO. Cultura Meio Ambiente Patrimônio. **Síntese circunstanciada das referências bibliográficas dos estados de São Paulo e Goiás para compor o Dossiê de Candidatura para o processo administrativo de Registro do "Congado/Congadas/Reinados" como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.** Iphan, Superintendência de Minas Gerais – Patrimônio Imaterial, 2021.

CAMPOS, Cláudia Renata Pereira de. **Oficina Congado: coroação do rei Congo.** Cadernos de Aplicação, Porto Alegre, UFRGS, v. 25, n. 1, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/34652/529332>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CAMPOS, Maria das Dores. **Catalão: Estudo Histórico e Geográfico.** Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

CAMPOS, Silmara Elena Alves de. A Congada de São Benedito em Ilhabela: Processos Educativos entre Participantes. 2017. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 437

CANDEMIL, Luciano da Silva.; PAIVA, Rodrigo Gudin. **Percussão Catarina: catalogação de instrumentos e elaboração de material didático.** XX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Música - Natal, 2012.

CAPONERO, Maria Cristina. **Festejando São Benedito: a congada em Ilhabela, recurso cultural brasileiro**. 2009. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-23082012-081734/pt-br.php>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CARNEIRO, Ana Maria Pacheco. **Rezar, cantar e festar – Homenagem a Senhora do Rosário: pontuações sobre a congada em Uberlândia/MG.** Caderno do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginária e Teatralidade, Universidade Federal da Bahia, n 20, Salvador, 2008.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras e negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclores**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo.

CARNEIRO, H.S. **Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação.** História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p.71-80, 2005. Editora UFPR.

CARRARA, Angelo Alves. **Minas e Currais: produção rural e mercado interno de Minas Gerais.** Juiz de Fora: UFJF, 2007.

CARVALHO, Cleber. ; RIOS, Sebastião. **Gesto musical e os processos educativos na Congada**. In: Robson Camargo; Fernanda Cunha; Paulo Petronilio. (Org.). Performances da Cultura: ensaios e diálogos. 1ed.Goiânia GO: Kelps, 2015.

CARVALHO, Cleber.; RIOS, Sebastião. **Ancestralidade afro-brasileira na festa de Nossa Senhora Do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz**. Revista Temporis(ação) (ISSN 2317-5516), v. 19, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/9018>. Acesso em: 22 nov. 2022.

CARVALHO, Euzebio Fernandes de. **O rosário de Aninha: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques. (Cidade de Goiás, 1881-1930.)** Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2008.

CARVALHO, João Rodrigues. **História de Machado (1816-1974)**. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985.

CARVALHO, José Jorge de. **Encontro de Saberes: Um Desafio Teórico, Político e Epistemológico. Actas do Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Norte-Norte e Norte-Sul**. Volume 1 Democratizar a Democracia.Junho, 2015.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 438

CARVALHO, José Jorge de. **Encontro de Saberes e Descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras**. In: COSTA, José Bernardino, TORRES, Nelson Maldonado, GROSFOGUEL, Rámon (organizadores). Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico . Autêntica.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2012.

CASSIMIRO, Margarida; OTTO, Renata (dir.) (s.d.) **Guarda de Moçambique Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário: 58a Festa 01 a 13/05/2002.** Compact Disk duplo.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816).** Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/pensar-puj/20180102042534/hybris.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2022.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de.; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil.** Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Das línguas africanas ao português brasileiro.** Afro-Ásia, Salvador, n. 14, 1983. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20822>. Acesso em: 17 nov. 2022.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia (um vocabulário Afro-Brasileiro).** 2a. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros, 2005.

CEFEDES. Centro de documentação Eloy Ferreira da Silva. **Histórias que se cruzam**. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 1. 2005-2022.

CERNIAVSKIS, Elvira. **Congo: fé ou festa? Eis a questão!**. Trabalho de Conclusão de Curso. CELACC/ECA-USP, São Paulo, 2010.

CEZAR, Lilian Sagio. **Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais.** Horizontes Antropológicos. vol.18 no.38 Porto Alegre, 2012.

CIRINO, Giovanni. **Uma etnografia da devoção a São Benedito.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.

COMAR, Michelle. **Imagens de Ébano em Altares Barrocos: As Irmandades Leigas de Negros em São Paulo (Séculos XVIII-XIX).** Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 439

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila Príncipe do Serro do Frio 1728 – Edição Fac-similar / organização Ariel Lucas Silva. – 1. Ed. – Belo Horizonte, MG: Ponto de Cultura Caboclos de Nossa Senhora do Rosário do Serro MG, 2021.

CORRÊA, Jonathan Silva.; ALVES, Flamarion Dutra. **A Questão Territorial da Festa de São Benedito em Machado-MG.** Geographia Opportuno Tempore, v. 3, n. 2, 2017.

COSTA, Emília Viotti. **Da Senzala à Colônia.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1989.

COSTA, Emília Viotti. **O escravo na grande lavoura.** In: COSTA, Emília Viotti da. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos Filhos do Rosário.** Curitiba: Editora Appris, 2012.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da Congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário.** Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

CRUZ, Teresa Cristina Carvalho. **As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes.** PerCursos, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2007.

DAMASCENA, Adriane Álvaro. et al. **Os jovens, a congada, e a cidade: percursos e identidades de jovens congadeiros em Goiânia, Goiás.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Goiás: IESA/UFG, 2012.

DANTAS, Julio Cezar Neto.; UZEDA, Helena Cunha. **O Museu de Arte Sacra de Paraty: a patrimonialização e suas novas perspectivas.** Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 7, 2022.

DELFINO, Leonara Lacerda. **O Rosário das Almas Ancestrais: fronteiras, identidades e representações do "viver e morrer" na diáspora atlântica.** Freguesia do Pilar -São João del-Rei (1787-1841). Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2017.

DERIVE, Jean. **Literarização da oralidade, oralização da literatura nas culturas africanas.** Trad. Neide Freitas; Revisão da trad. Sônia Queiroz. In: DERIVE, Jean. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Cadernos Viva Voz, 2010.

DIAS, Paulo. **A outra Festa Negra.** In: Kantor, I; Jancsó I. (org.). Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo, Hucitec/Edusp, 2001. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-outra-festa-negra-1>. Acesso em: 17 nov. 2022.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Palmares, 2006.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis.** 2º Vol. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Conquista, 1956.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 440

ELTIS, David. **O significado da investigação sobre os africanos escapados de navios negreiros no século XIX.** História: Questões & Debates, v. 52, p. 13-39, n. 1, june 2010. ISSN 2447-8261. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/24108>. Acesso em: 06 dez. 2022.

ELTIS, David. **Um breve resumo do tráfico transatlântico de escravos.** In: Tráfico transatlântico de escravos - Ensaios, 2007. Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/voyage/essays#interpretation/a-brief-overview-of-the-trans-atlantic-slave-trade/introduction/0/pt/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho da minha mãe: um dos lugares de nascimento da minha escrita**. Revista Z Cultural, 2005. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Host Publications, Inc., 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

FARNESI NETO, P. Apenso II. **Serro: Patrimônio do Sertão, 1997** In: Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 2. 2005-2022.

FERNANDES, Urçula Regina Vieira. **Festejos de Santo Antônio do bairro da Terra Preta Manacapuru-Am).** Tese de doutorado (Sociedade e Cultura na Amazônia); Universidade Federal do Amazonas; Manaus, 2016.

FERREIRA, Eduardo Evangelista. **Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos.** Dissertação de mestrado, Escola de Minas - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, 2017.

FERREIRA, Ismael Wolf. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos (RJ): de lugar de luta pela abolição da escravatura a patrimônio histórico e artístico nacional.** Revista Historiador. N. 8. Ano 8, 2016. Disponível em: <http://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/169>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FERREIRA, Marina Fares. **Dança, caboclo, cada qual em seu lugar! Estudo sobre os movimentos corporais e a patrimonialização da Dança dos Caboclinhos.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Pós Graduação em Artes, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5788785>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Os dançadores do Rosário ganham novos trajes: Congado, igreja e amigos da Congada em Brás Pires/MG.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, 2005.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 441

FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n.8, 1998.

Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Serro. Disponível em: <http://www.pucminas.br/pastoral/serroeguanhaes/indexRosario.html>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo de. **O negro e a violência do branco: o negro em Sergipe.** Rio de Janeiro: J. Álvaro, 1977.

FLAKSMAN, Clara. **Relações e narrativas: o enredo no candomblé da Bahia.** Artigos do Fluxo. Religião e Sociedade 36 (1), 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n1cap01>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FONSECA, Gustavo Oliveira. **A atualização da tradição: Arquitetura e arte religiosa em Itapecerica, MG (1757-1927).** (Tese). Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

FONSECA, Maria Bracks. **Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora.** Tese (Doutorado) Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2018.

Fórum Mineiro de Reinados e Congados. **Carta do 1º Fórum Mineiro de Reinados e Congados ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** (Iphan). Paula Cândido (MG), 18 mar. 2022.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O Distrito dos Diamantes: uma terra de estrelas.** In: VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). História de Minas Gerais: as Minas setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

GABARRA, Larissa Oliveira. **O Reinado do Congo no Império do Brasil: O congado de Minas Gerais no século XIX e as memórias da África Central.** Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

GALANTE, Rafael Benvindo Figueiredo. **Da cupópia da cuíca: a diáspora dos tambores centro-africanos de fricção e a formação das musicalidades do Atlântico Negro (Sécs. XIX e XX).** Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens – um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas.** Brasiliana, volume 284. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

GARONE, Taís Diniz. **Uma poética da mediação: história, mito e ritual no congado Setelagoano-MG.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5564>. Acesso em: 25 nov. 2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 442

GIFFONI, Maria Amalia Corrêa. **Reinado do rosário de Itapecerica.** São Paulo: Palas Athena, 1989.

GOLDMAN, Marcio. **Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós Social e Etnografia.** Ponto Urbe, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1750>. Acesso em: 18 nov. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães.; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Mazza, 1989. Em parceria com Núbia Pereira M. Gomes. (Premiado no Concurso Nacional de Folclore Sílvio Romero / Funarte, 1987). 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães.; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Inumeráveis cabeças: tradições afro-brasileiras nos horizontes da contemporaneidade.** Em parceria com Núbia Pereira M. Gomes. In: FONSECA, Maria Nazareth (Org.). Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães.; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Mundo encaixado: significação da cultura popular.** Belo Horizonte: Mazza Edições; Juiz de Fora: UFJF, 1982.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães.; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: os Arturos.** Juiz de Fora, MG: EDUFJF, 1988.

GOMES, Rafael Barros. **Das terras de lá às terras de cá: reis são reis.** In: Variações sobre o Rosário: Um Rosário de Experiências em Louvor à Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

GOMES, Rafael Barros. **Minha fé não é cultura. A eficácia da magia e as amarras do estado.** Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Iphan, Rio de Janeiro, 2015.

GOMES, Rafael Barros. **Moçambiqueiro, é hora, é hora de viajar.** In: Percursos do Sagrado - Irmandades do Rosário de Belo Horizonte e Entorno. Belo Horizonte: Canal C - Comunicação e Cultura, 2014.

GOMES, Rafael Barros. **O dia em que a espada falou: realeza e magia em Ibirité, Minas Gerais.** Belo Horizonte: Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais pela UFMG, 2007.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor.** Record. Rio de Janeiro: 2016.

GONÇALVES, Ceila Cecília; REIS, Marilda Signoretti. **A festa de São Benedito em Machado-MG.** Machado, Gráfica Folha Machadense, 1979.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 2005

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 443

GONÇALVES, Mariana Targa.; DE ANDRADE, Ana Beatriz Pereira. **Memórias em Festa: Uma Cartografia das Congadas em Atibaia.** X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã. UNESP, FAAC, Bauru-SP, 2015.

GOULART, Maurício. **Escravidão africana no Brasil: Das origens à extinção do tráfico.** 2ª ed.São Paulo, Martins Editora, 1950.

GRIGIO, Ênio. **A Irmandade do Rosário e os Conflitos Gerados no Processo de Centralização Clerical em Santa Maria /RS (1873-1915).** Revista Sociais EHumanas, 16(1), 2010.

GRIGIO, Ênio. **No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse: a comunidade negra e a Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873- 1942).** Tese (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2016.

HAIGH, Vanessa. **Descendentes de escravos perdem identidade.** Magazine Blequitude, Belo Horizonte, abr. 1997. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Vol. 1. 2005-2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora, Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte/Brasília, Universidade Federal de Minas Gerais, Unesco Brasil, 2003.

HEYWOOD, Linda. (Org) **Diáspora Negra no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades: **Município de Chapada do Norte/MG.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-do-norte/panorama>. Acesso em: 20 nov. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Montes Claros: História, 2017.** Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/gt-29/gt05-27/881-desenvolvimento-regional-no-norte-de-minas-gerais/file>. Acesso em 24 nov. 2022.

IEPHA. Instituto Estadual Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Dossiê de Registro da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte/MG**, 2011.

IEPHA. Instituto Estadual Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Dossiê de Registro do Modo de Fazer o Queijo Artesanal do Serro.** Belo Horizonte, 2002.

Instituto Histórico IMPHIC, Betim. **Linha do tempo de Betim.** 03/01/2009. Disponível em: <https://imphic.ning.com/profiles/blogs/linha-do-tempo-de-betim>. Acesso em julho de 2022.

IPatrimônio. **Betim – Capela de Nossa Senhora do Rosário.** Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/betim-capela-de-nossa-senhora-do-

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 444

rosario/#!/map=38329&loc=-23.544081193346482,-406.65560960769653,15>. Acesso em nov. 2022.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC - Levantamento Preliminar das Congadas de Minas (1ª Etapa).** Belo Horizonte: Minas Cidades, 2013.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC - Levantamento Preliminar das Congadas de Minas (2ª Etapa).** Belo Horizonte: Minas Cidades, 2014.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Comunidades Afrodescendentes de Mogi das Cruzes/SP.** Mogi das Cruzes: Casa do Congado de Mogi das Cruzes, 2015.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC do Congado Paulista (Etapa preliminar).** São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular, 2018.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC dos Quilombos da Serra do Cipó/MG.** Belo Horizonte: CAMPO - Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio, 2017.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC Memórias e Cantos de Moçambique do Tonho Pretinho/MG.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC Saberes do Sagrado.** Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2015.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 001450.003970/2009-78 (pedido de Registro da Festa de São Benedito de Aparecida -SP como Patrimônio Imaterial do Brasil), vols. 1, 2 e 3.** Belo Horizonte, 2009-2010.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66 (pedido de Registro dos Cantos Sagrados de Milho Verde como Patrimônio Imaterial do Brasil), vol. 1 e anexos 1,2 e 3.** Belo Horizonte, 2005-2022.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 01516.000263/2022-95 (pedido de Registro da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário de Catalão - GO como Patrimônio Imaterial do Brasil).** Goiânia, 2022.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Relatório Final: Mediação da Reunião com os Congadeiros do Norte de Minas, Vale do Jequitinhonha e Mucuri.** Montes Claros, 2018.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Relatório Final: Mediação da Reunião com os Congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.** Uberlândia, 2018.

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade do Serro. Estatuto. 1990.

JESUS, Alysson Luiz Ferreira de; PAIVA, Eduardo França. **Entre escravos e libertos: padrões de violência no sertão norte-mineiro – século XIX.** In: XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH. Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.1084.pdf>. Acesso em 24 nov. 2022.

KARASCH, Mary. **Centro-africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835.** In: Linda Heywood (org.). Diáspora negra no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

KATRIB, C. Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: a recriação dos sentidos do sagrado e do profano na festa do congado de Nossa Senhora do Rosário-Catalão - GO, 1940 - 2003.** Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão (1936 – 2003).** Dissertação (Mestrado em História). UFU, Uberlândia, 2004.

LAGES, José Antônio Correa. **Escravidão no Oeste Paulista: Continuidade e Resistencia. Um estudo sobre a última década do trabalho escravo em São Simão e Ribeirão Preto.** Revista Unesp. v.1 n.10. São Paulo, 1991.

LAHON, Didier. **Da redução da alteridade a consagração da diferença: as irmandades negras em Portugal (séculos XVI-XVIII).** Projeto História, São Paulo, PUC-SP, n. 44, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/6002>. Acesso em: 23 nov. 2022.

LEITE, Romana de Fátima Cordeiro; SOARES, Beatriz Ribeiro. **De Arraial das Formigas a Princesa do Norte.** In: Estudos no/do Norte Mineiro: Dinâmicas Científicas na produção geográfica Brasileira. V. 1, nº 4, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/article/view/2849>. Acesso em 24 nov. 2022.

LEN VEN, Michel.; NEVES, Magda de Almeida. **Belo Horizonte: trabalho e sindicato, cidade e cidadania (1897 – 1990).** In: DULCI, Otávio Soares e NEVES, Magda de Almeida (orgs.). Belo Horizonte: Poder, Política e Movimentos Sociais. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 446

LIMA, Heloisa Rosa Costa **Ritos de Instituição: trajetória intelectual do Jongo do Sudeste.** Kwanissa: Revista de estudos Africanos e Afro-Brasileiros, 2021.

LIRA, Ana. **Cortejos sob as bênçãos de Rosário e Benedito.** In: Revista Continente, ano XII, nº 133, 2012.

LODY, Raul. **Tem Dendê, tem Axé: Etnografia do dendezeiro**. Rio de Janeiro: PALLAS,1992.

LOIOLA, Maria Lenke. **Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás.** Goiânia-GO: Editora UFG, 2009.

LOPES NETO, Antônio Lisboa. **As irmandades religiosas mineiras no período colonial.** Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, ECA-USP, 2010. Disponível em: <http://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/177-583-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

LOPES, Luciana Suarez.; CARVALHO, Rafaela Rodrigues da Silva. **Estrutura da posse de cativos nos momentos iniciais da cafeicultura no Nordeste Paulista e no Sul de Minas.** XI Congresso Brasileiro de História Econômica. Vitória/ES, 2015.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOTT, Wanessa Pires. **Tem Festa de Negro da República Branca: O Reinado em Belo Horizonte na Primeira República.** Tese (Doutorado). Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

LUCAS, Glaura. **Música e Tempo nos Rituais do Congado Mineiro dos Arturos e do Jatobá.** Rio de Janeiro, Tese (Doutorado em Música) - PPG Música, UNIRIO, 2005.

LUCAS, Glaura. **O ritual dos ritmos no congado mineiro dos Arturos e do Jatobá.** Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, UFBA. Salvador, 1999. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/PAINEIS/GLUCAS.PDF>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LUCAS, Glaura. **Os Sons do Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá.** 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LUCAS, Glaura.; LUZ, José Bonifácio da. (coord) **Cantando e reinando com os Arturos. CD-livro. Organização: Comunidade Negra dos Arturos.** Belo Horizonte. Editora Rona, 2006.

LUCENA, Célia Toledo. **Comida e sociabilidade em festejo sul-mineiro.** Revista Polifonia. Cuiabá: EduFMT, n.11, 2005/2006.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 447

MACEDO, Eliene Nunes. **A dança dos congos da cidade de Goiás: performances de um grupo afro-brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Performance Cultural), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5307>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985.

MADEIRA, Thaise Valentin; ODIER, Felipe Saldanha. **A dança sagrada que vem de Angola: um saber-ser dançante no Reinado de Nossa Senhora do Rosário.** ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes | v. 10, n. 1, 2023. ABRACE, ANDA, ANPAP e ANPPOM em parceria com a UFRN | ISSN 2357-9978

MAGALHÃES, Daniel de Lima. **Pipiruí e Caixa de Assovio: tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado.** Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação da Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MAGALHÃES, Daniel de Lima. **Canudos, gaitas e pífanos: as flautas do norte de Minas.** Belo Horizonte. Edição do autor, 2010.

MARTINS, Leda Maria. **A oralitura da memória.** in: FONSECA, Maria Nazareth S. (Org.). **Brasil afrobrasileiro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá.** 1. ed. São Paulo/ Belo Horizonte: Perspectiva / Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do tempo espiralar.** In: Performance, Exílio e Fronteira – errâncias territoriais e textuais. Editora UFMG.Belo Horizonte, 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória.** Letras, n. 26, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MARTINS, Saul. **Congado: família de sete irmãos.** Belo Horizonte: SESC, 1988.

MATTOS, Hebe. **Das Cores do Silêncio.** Campinas, SP. Editora Unicamp, 2013.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas e Goiaz.** Rio de Janeiro: Imperial e Constitucional de J. Villencuve, 1986.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e Cultura Afro-brasileira.** São Paulo: Contexto, 2007.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular.** Norte Ciência, v. 2, n.1, 2011.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018ªa.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 448

MELLO E SOUZA, Marina de. **Catolicismo negro no Brasil: Santos e Minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural.** Afro-Ásia,28, 2002.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX.** Revista de História, n. 152, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18998>. Acesso em: 21 nov. 2022.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil escravista: história da coroação de Rei Congo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação do Rei do Congo.** Belo Horizonte, MG. Editora UFMG, 2014.

MENDES, Jean Joubert Freitas. **Música e religiosidade na caracterização identitária do Terno de Catopês de Nossa Senhora do Rosário do Mestre João Farias em Montes Claros – MG.** Dissertação (mestrado em Etnomusicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil.** Brasília: FUNAG, 2012. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2022.

MESQUITA, Mariana. **Pelas Contas do Rosário: Sentidos da cidadania na Irmandade dos Homens Pretos de Salvador no Pós-Abolição (1888-1930).** Teresina: Cancioneiro, 2022.

MESQUITA, Sônia Nunes; SEABRA, Maria da Glória. **Paróquia do Serro**: história e fé. – Serro, MG: Edição das autoras, 2013.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Taieiras: Um ritual ressignificado da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Monte Carmo, Tocantins.** Humanidades & Inovação, v. 9, n. 16, 2022.

MIGNOLO, Walter D. **Novas reflexões sobre a "idéia da América Latina": a direita, a esquerda e a opção descolonial.** Cad. CRH, Salvador , v. 21, n. 53, 2008. Acessível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000200004&lng=en&nrm=iso>.

MILLER, Joseph. **Pretinhas do Congo. Goiana dos Caboclinhos.** 2015. Disponível em: <https://goianadoscaboclinhos.com.br/portfolio/pretinhas-do-congo/#>. Acesso em: 03 dez. 2022.

MOLET, Claudia Daniele Garcia Molet. **O Litoral Negro do Rio Grande do sul: campesinato negro, parentescos, solidariedades e práticas culturais (do século XIX ao tempo presente).** OIKOS: São Leopoldo, 2020.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 449

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **Belo Horizonte: a cidade planejada e a metrópole em construção.** In: Belo Horizonte – Espaços e tempos em construção. Belo Horizonte: CEDEPLAR/PBH, 1994.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. **A Congada é do Mundo e da Raça Negra: Memórias da Escravidão e da Liberdade nas Festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande– MG (1873 – 2015)**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: PPGH/UFF, 2016.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. **A origem mítica das festas de Congada e as memórias da escravidão no tempo presente em Minas Gerais.** Observatório Quilombola , v. 3, 2016.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. **Memórias, festas e identidades negras em Minas Gerais.** XI Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2015.

MONTEIRO, Marianna Francisca Martins. **Onde tem fumaça: Reis Congos e resistência cultural afrobrasileira.** Reunião Brasileira de Antropologia. Olinda: Associação Brasileira de Antropologia, 2004.

MONTES, Lucia Maria. **As figuras do sagrado: entre o público e o privado.** NOVAIS, Fernando A; SCHWARCZ, Lilia Moritz. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **Do corpo místico de Cristo: Irmandades e Confraria na Capitania de Goiás 1736-1808.** Tese (doutorado em história), Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

MORAES, Fernanda Borges de. **De arraias, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais.** In: VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). História de Minas Gerais: as Minas setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

MORAIS, Ana Luzia da Silva. **Diferentes crenças rezam uma mesma fé: contemplação do Rosário por uma Rainha Konga em diálogo com as memórias dos(as) Reinadeiros(as) de Oliveira (MG).** Universidade São João Del Rey, 2022.

MOREIRA, Alessandra Guedes. **História, Memória e Devoção: as vozes negras no Rosário da Penha de França.** Veredas da História, v. 13, n. 1, 2020.

MÜLLER, Liane Susan. **"As contas do meu rosário são balas de artilharia" Irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre.** 1889 -1920. Porto Alegre, PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1999.

MULVEY, Patricia A. **The black lay brotherhoods of colonial Brazil**. Tese de doutorado, City College of New York, 1976.

MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 450

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações.** São Paulo: Global, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Autêntica, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: Inclusão social: um debate necessário? Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 24 ago. 2022.

MUNHOZ, Vanessa. **"Nóis somo irmão congueiro" - estudo sobre congadas no século XXI em São Paulo.** Dissertação apresentada ao departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais/PUC-SP, 2006.

Museu Virtual Memória das Tradições do Serro. Disponível em: <http://www.museudastradicoes.com.br/web/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

NASCIMENTO, Lúcia Vera do. **A África no Serro Frio – Vissungos: uma prática em extinção.** Cadernos do CNFL, Série II, nº 12, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-01.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

NASCIMENTO, Mara Regina do. **Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII – XIX.** Tese (Doutorado em História). Curso de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

NASCIMENTO, Wellington dos Reis. **O discurso e o sujeito na congada de Catalão: Uma análise das transformações das cantigas religiosas.** Revista do Sell , v. 6, p. 1-22, 2017. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1066/o/Wellington_Reis_Nascimento.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2022.

NERY, Cristiane Gusmão. **Um olhar sobre o congado das Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2012.

NUNES, Cicera. **O ensino das africanidades no Cariri cearense.** Revista África e Africanidades-Ano IV-n, v. 14, 2011.

NUNES, Raquel Rocha; CHAVES, Elisângela. **Lazer e Cultura: O Cotidiano da Comunidade dos Arturos.** LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 22, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12321>. Acesso em: 15 nov. 2022.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Devoção e identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos.** Topoi, Rio de Janeiro, v. 7, n. 12, 2006.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 451

OLIVEIRA, Fernanda Cristina de. **A Gente Vive é Rodando: movimentos quilombolas e uma pedagogia das fronteiras.** Tese de Doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação, 2020.

OLIVEIRA, Leandro Moreira de; OLIVEIRA, Marcelo José. **Senhora do Rosário, esta banda é sua. Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/143916>. Acesso em: 7 set. 2022.

OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. **Cantos, danças, rodas e resistência na comunidade Trovadores do Vale.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: PPGE/UFSCar, 2019.

OLIVEIRA, Vinícius Pereira. **Sobre as águas revoltas: cultura política maruja na cidade portuária de Rio Grande/RS (1835-1864).** Tese (Doutorado em História). UFRGS, 2013.

OLIVEIRA, Washington Luís Santos de. Formação Transversal em Saberes Tradicionais (Videoaula). Disciplina **Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé.** Belo Horizonte, UFMG, 2016.

OLIVEIRA, Washington Luís Santos de. Formação Transversal em Saberes Tradicionais (Videoaula). Disciplina **Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé.** Belo Horizonte, UFMG, 2017.

OLIVEIRA, William Coelho. **Congada de São Benedito de Cunha-SP: um passeio por suas raízes e sua música.** Dissertação de Mestrado. USP, Escola de Comunicação e Artes. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27157/tde-10052017-091956/pt-br.php>. Acesso em: 17 nov. 2022.

OSÓRIO, Helen. **O império português no sul da América: estancieiros, lavradores e comerciantes.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PACHECO, Henrique Melati; HAACK, Maria Camilo; MOREIRA, Paulo Moreira Staudt. **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos da Cachoeira (do Sul -RS)**: in (visibilidade) negra, devoção, memória e artes da resistência. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PEDROSO, Dulce Maria Rios. **O povo invisível: a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX.** Goiânia: UCG, 1994.

PEREIRA, Andre Luiz Mendes. **Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei, MG.** Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 452

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Ouro Preto da Palavra: narrativas de preceito do Congado em Minas Gerais.** 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições e Editora PUC-MG, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candomblé.** Belo Horizonte: Mazza; Juiz de Fora: Funalfa, 2005.

PEREZ, Léa Freitas.; MARTINS, Marcos da Costa. ; GOMES, Rafael Barros. **Variações sobre o Rosário: Um Rosário de Experiências em Louvor à Maria.** Porto Alegre: Medianiz, 2014.

PERNAMBUCO, Goiana. **Pretinhas do Congo e Caboclinho, União Sete Flexas de Goiana são oficialmente titulados patrimônios vivos de Pernambuco.** Prefeitura de Goiana. 2021. Disponível em: <https://goiana.pe.gov.br/2021/08/18/pretinhas-do-congo-e-caboclinho-uniao-sete-flexas-de-goiana-sao-oficialmente-titulados-patrimonios-vivos-de-pernambuco/>. Acesso em: 03 dez. 2022.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Como se de ventre livre nascesse. Experiências de cativeiro, parentesco, emancipação e liberdade nos derradeiros anos da escravidão – Rio Pardo/RS, c. 1860 -c. 1888.** Dissertação (Mestrado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

PICOLI, Mariana de Almeida. **Ideias de liberdade na cena política capixaba: o movimento abolicionista em Vitória (1869/1888).** Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Dissertação de Mestrado, 2009.

PINTO JUNIOR, Ari dos Santos Silveira. **A Congada da Lapa e a religiosidade afro-brasileira no Paraná: cultura popular, história e memória.** Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico Raciais, da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

PINTO, Natália Garcia. **Gerações de senzala, gerações de liberdade: experiências de liberdade em Pelotas em Pelotas/RS, 1850-1888.** Tese (Doutorado em História). UFRGS,2017.

POEL, Francisco Van Der (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil.** Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

POEL, Francisco Van Der. **O Rosário dos Homens Pretos.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981.

POEL, Francisco Van Der. **Congado: Origens e identidade.** In: NERY, Cristiane. Um olhar sobre o congado das Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EdUSP, 1976.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 453

POLLACK, M. **"Memória e identidade social"**. In: Estudos Históricos, v. 5 n. 10.Rio de Janeiro, Editora FGV, 1992.

POLLACK, Michael. **"Memória, esquecimento e silêncio".** Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989.

PORTO, Liliana de Mendonça. **Reapropriação da tradição. Um estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte/MG.** Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, UNB, 1997.

PRADO, Patrícia do. **Congada, corpo e cultura na 125ª Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário.** Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Fìsica da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: FEF/UNICAMP, 2003.

PRASS, Luciana. **Maçambiques, quicumbis e ensaios de promessa: musicalidades quilombolas do sul do Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2013

Prefeitura Municipal de Itapecerica. **História de Itapecerica.** Disponível em: <http://itapecerica.mg.gov.br/conteudo/historia-de-itapecerica-mg#>. Acesso em 27 nov. 2022.

Prefeitura Municipal de Montes Claros. **Conheça a cidade: História**. Disponível em: <https://portal.montesclaros.mg.gov.br/cidade/historia>. Acesso em 24 nov. 2022.

Prefeitura Municipal de São José dos Campos. **Pesquisa inédita aponta que Estado tem cerca de 80 grupos de Congadas.** 23/11/2017 Disponível em: <https://servicos2.sjc.sp.gov.br/noticias/noticia.aspx?noticia_id=28462>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. **Histórico de Uberlândia.** Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br>. Acesso em: set. 2013.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Aprendizagem musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros: situações e processos de transmissão.** ICTUS Music Journal, V.6 , 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/34251>. Acesso em: 14 nov. 2022.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Performance musical nos Ternos de Catopês de Montes Claros.** Tese. Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música. Salvador, 2005.

QUEIROZ, Rubens Caixeta. (Orgs.) **Músicas africanas e indígenas no Brasil.** Editora. UFMG: Belo Horizonte, 2006.

QUINTINO, Isabel Cristina de Araújo. **O Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial: as festas de São Benedito na Serra e as Bandas de Congo.** Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 454

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2018.

RABAÇAL, Alfredo João. **As congadas no Brasil.** São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual de Cultura, 1976.

RABELO, M. C. M. **Os Percursos da Comida no Candomblé de Salvador**. Papeles de Trabajo, Ano, Nº 11, maio de 2013, p. 86-108.

REBELLO, Ricardo Moreira. **Machado até a virada do milênio**. Machado – MG. Tomo II, 2006.

REGINALDO, Lucilene. **O Rosário dos Angolas. Irmandades de Africanos e Crioulos na Bahia Setecentista.** Editora Alameda, São Paulo, 2011.

REGINALDO, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista.** Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.

REIS, Estêvão Amaro dos. **Práticas contemporâneas das culturas populares brasileiras: o Festival do Folclore de Olímpia.** Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: IAR/UNICAMP, 2016.

REIS, João José. **A morte é uma Festa. Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, João José. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão.** Tempo, Rio de Janeiro,v. 2, n. 3, 1997.

RENGER, Friedrich Ewald. **A origem histórica das estradas reais nas Minas Setecentistas.** In: VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). História de Minas Gerais: as Minas setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

REVISTA IMAGEM & CONTEÚDO: **Centenário da Festa de São Benedito.** Machado: Ed. Especial nº24, 2014.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Florestas anãs do Sertão: o Cerrado na história de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIOS, Sebastião. **Os cantos do Rosário. Reinado do Rosário de Itapecerica - MG.** Da festa e dos mistérios. Brasília: Viola Corrêa, 2005.

RIOS, Sebastião.; VIANA, Talita. **A Performance do Olhar: A Congada de Santa Efigênia através do Olhar de Emanuel Pohl.** Comunicação: Festa e Manifestações Populares, 2010.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 455

RIOS, Sebastião.; VIANA, **A performance do olhar: como e o que viu Pohl na Congada de Santa Efigênia.** In: TEIXEIRA, João Gabriel L. C. e VIANNA, Letícia C. R. (Org.). As artes populares no planalto central. Performance e identidade. Brasília: Verbis Editora, 2010.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita. **Congada de Santa Efigenia de Niquelandia GO: a festa, cantos e danças.** In: Robson Camargo; Fernanda Cunha; Paulo Petronilio. (Org.). Performances da Cultura: ensaios e diálogos.Goiânia: Kelps, v. 1, 2015.

RODRIGUES, et al. **Histórias de homens negros integramtes do grupo Catopês: identidades e conflitos sócio-raciais em Montes Claros-MG (1918-1999).** In: 8º Fórum de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão da Unimontes. Montes Claros,2014. Disponível em: <http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/historias_de_homens_negros_integrantes_do_grupo_catopes.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2022.

RODRIGUES, Lidianne.; COSTA, Fernanda Laura. **Congada em Aparecida de Goiânia: a importância da oralidade.** Educação e Cultura em Debate, v. 5, n. 1, p. 23-38, 2019.

ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras.** Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 17, 1989.

ROVAI, Marta Gomes de Oliveira. **Memória, tradição oral e publicização: Manifestações culturais e patrimônio imaterial de Congadeiros no sul de Minas Gerais.** XI Encontro Regional de História Oral. Dimensões do Público: Comunidades de sentimentos e narrativas políticas, Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1431716890_ARQUIVO_SIMPOSIOTEMATICOTEXTO.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

RUBIÃO, Fernanda Pires. **Os negros do Rosário: memórias, identidades e tradições no Congado de Oliveira (1950-2009).** Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense,2012. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1374.pdf> Acesso em: 02 ago. 2022.

RUSSELL-WOOD, Anthony John R. **Escravos e libertos no Brasil colonial.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

SÁ, Edmilson José de. **Projeto ATOEPE: gênese e estágio atual dos estudos sobre a toponímia pernambucana.** GTLex, Uberlândia, vol. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/55837/30004>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SÁ, Marco Antonio Fontes de. **Negra devoção: leitura da cosmologia bantu "escrita com a luz" nas festas de N. Sra. do Rosário e São Benedito.** Dissertação de Mestrado – Ciência da Religião, PUC-SP, 2016. Disponível em:

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 456

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/19715/2/Marco%20Antonio%20Fontes%20de%20S%C3%A1.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SANCHIS, Pierre. **As religiões dos brasileiros.** Revista Horizonte, Belo Horizonte, vº 1, nº2, 1997.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos, modos e significações**, INCT/UNB, CNPq, 2015/2019.

SANTOS, Antônio Bispo. **Somos da terra**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 12, 2018, p. 44-51.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano.** São Paulo e a Pobreza (1890 - 1915). 4. ed. Editora Annablume, 2017.

SANTOS, Ester Antonieta. Põe Sentido: das performances orais ao livro - poéticas-saberes-resistências de Pedrina de Lourdes Santos. Dissertação de mestrado. UFMG. 2021.

SANTOS, Georgina Silva dos.. **Devoções atlânticas: a construção da identidade social e religiosa de cativos e libertos na Bahia colonial.** Afro-Ásia, 46, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/afro/n46/a11n46.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SANTOS, Gilmar Ribeiro dos.; SILVA, Ricardo dos Santos. **Desenvolvimento Regional do Norte de Minas Gerais.** In: Encontro Anual da ANPOCS, nº 35, 24 a 28 de outubro de 2011. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/35-encontro-anual-da-anpocs/gt-29/gt05-27/881-desenvolvimento-regional-no-norte-de-minas-gerais/file>. Acesso em 22 nov. 2022.

SANTOS, Pedrina de Lourdes. Formação Transversal em Saberes Tradicionais (Videoaula). Disciplina **Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé.** Belo Horizonte, UFMG, 2016.

SANTOS, Pedrina de Lourdes. Formação Transversal em Saberes Tradicionais (Videoaula). Disciplina **Catar Folhas: saberes e fazeres do povo de axé.** Belo Horizonte, UFMG, 2017.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil.** Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SCARANO, Julita. **Devoção e escravidão: a Irmandade de N. S. do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XIX. XVIII.** São Paulo: Comp. Ed. Nac./Sec. de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 457

SHIRLEY, Robert W. **O fim de uma tradição: cultura e desenvolvimento no município de Cunha.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

SILVA, "Salloma" Salomão Jovino da. **Memórias Sonoras da Noite: Musicalidades africanas no Brasil Oitocentista.** Tese. (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

SILVA, Ariel Lucas. **Cultura, festa e cidade: A festa do Rosário do Serro (MG) - Contextualizações e inflexões.** Dissertação (mestrado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Universidade Federal da Bahia, 2013.

SILVA, Ariel Lucas. Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila Príncipe do Serro do Frio 1728 – Edição Fac-similar / organização Ariel Lucas Silva. – 1. Ed. – Belo Horizonte, MG: Ponto de Cultura Caboclos de Nossa Senhora do Rosário do Serro, MG, 2021.

SILVA, Cristiane dos Santos. **Irmãos de fé, irmãos no poder: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá (1751-1819).** Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Mato Grosso, 2001.

SILVA, Daniel Albergaria. **O Ritual da Congada e o "estar no rosário": um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei.** Dissertação de Mestrado.Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. **Religião e etnicidade na cultura popular: a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança-Pará.** Cadernos do centro de filosofia e ciências humanas, n.18. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

SILVA, Fernanda Cristina de Oliveira e; OLIVEIRA, Luciana. **Sebastiana de Oxóssi, 1933-2019 - mãe grande kilombola, guerreira do futuro ancestral.** Encarte visual da Revista Mundaú (Encontro de Saberes, Vol. 2). 2021.

SILVA, Fernanda et al. **Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense.** Porto Alegre: Ed. UFRGS; EST Edições, 2017.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Associativismo negro e a constituição de identidades étnicas e sociais em Pelotas.** Comunicação apresentada no X Encontro Estadual de História. Santa Maria, 2010.

SILVA, Jussara Maria da. **O terno mirim de congada na Escola Estadual Paulina Rigotti de Castro, de Machado (MG), de 1997 a 2010: educação e escolarização.** Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba, 2013.

SILVA, Mônica Martins. **A festa do divino.** Goiânia-GO: AGEPEL, 2001.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 458

SILVA, Rosângela Siqueira da.; ROSA, Vinícius Alves da. **A simbolização do imaginário religioso nas narrativas e Festa de São Benedito - imaterialidade cultural no quilombo do Barranco em Manaus.** Vol. 3 Espiritualidades e Construções-Indivíduo e Ser, 2017.

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou catolicismo negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro.** Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILVA, Rubens Alves da.; RODRIGUES, Vanilza Jacundino. **Patrimônio cultural e expressões Tradicionais Afros nas Minas Gerais.** In: Reunião de Antropologia: diálogos antropológicos expandindo fronteiras, 29, Natal. Natal: UFRN, 2014.

SILVA, Sandra Inácio da. **A Congada em Pires do Rio e Catalão: Uma manifestação cultural.** Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3360>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SILVA, Valdir Luciano Pfeifer da. **As Congadas em São Paulo : canções, narrativas e palavras.** Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: IEL/UNICAMP, 2009.

SILVEIRA, Renato da. Antecedentes europeus nas irmandades do Rosário dos pretos da Bahia colonial. *In*: REIS, João José; AZEVEDO, Elcilene (org.). **Escravidão e suas sombras**. Salvador: EDUFBA, 2012.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva; MESSIAS, Noeci Carvalho. **Fé e festividades nas Irmandades negras no interior do Brasil: (Re)Afirmação Identitária Afrodiaspórica.** Revista Mosaico - Revista de História, Goiânia, v. 12, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/mos.v12i1.7330>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. **A Congada da Vila João Vaz em Goiânia (GO): Memória e Tradição.** Tese (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3835>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. **Fé, Devoção e Tradição Rosarina nos festejos de congada: Entre as águas de Oxúm e as faces da Virgem do Rosário. Revista Cordis.** Dossiê: Religião e Sociedade, São Paulo, v.1, nº 26. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/55843>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SIMONI, Rosinalda Corrêa da Silva. **Virgem do Rosário e São Benedito: Irmandades Negras na Capitania dos Goyazes.** Revista Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, v. 17, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18224/cam.v17i1.6877>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 459

Slave Voyages. **Tráfico Transatlântico de Escravos.** Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: 06 dez. 2022.

SLENES, Robert W. **Malungu, ngoma vem!: África coberta e descoberta do Brasil.** Revista USP V.12, 1992.

SLENES, Robert W. **Na Senzala, uma Flor – Esperanças e recordações na Formação da Família escrava: Brasil Sudeste, século XIX.** Campinas, SP. Editora Unicamp, 2011.

SOARES FILHO, Ney. **Em cem anos: da escravidão à miséria.** In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Vol. 1 2005-2022.

SOARES, Dalva Maria. **Muita religião, seu moço!: os caminhos de uma congadeira.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/168273>. Acesso em: 17 nov. 2002.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria(s): Mulheres no Congado em Belo Horizonte, MG.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de em Economia Doméstica. Universidade de Viçosa, 2009.

SOARES, Dalva Maria.; LOPES, Maria de Fátima. **Gênero e Poder na tradição do Congado em Belo Horizonte, MG.** Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278295301_ARQUIVO_artigoFGversaofinal.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: CODECRI, 1983; 2. ed. Francisco Alves, 1988.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1988.

SOUZA, Daniela dos Santos. **Devoção e identidade: O Culto de Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade do Rosário de São João Del-Rei – Séculos XVIII e XIX.** Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós - Graduação em História da Universidade Federal de São João Del-Rei, 2010.

SOUZA, José Moreira de. **Cidade: momentos e processos. Serro e Diamantina na formação do norte mineiro no século XIX.** São Paulo: Marco Zero, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. **Festas barrocas e a vida cotidiana em Minas Gerais.** In: JANCSÓ, István & KANTOR, Iris (Orgs). Festa cultura e sociabilidade na América Portuguesa. Vol. I. São Paulo: Hucitec, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 460

SOUZA, Luciana Pereira de. **Negros em festa: as congadas na cidade de Goiânia- GO.** IX Semana de História. Anápolis-GO: UEG, 2010.

STEIN, Stanley. **Vassouras, A Brazilian Coffee County, 1850-1900.** Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1957.

TAVARES NETTO, Marli José. **Trabalho, fé e patriarcado: as mulheres na produção socioespacial das congadas de Catalão (GO)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto sensu em Geografia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Geografia, UFG. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5114>. Acesso em: 09 dez. 2022.

THORNTON, John. **Religiões africanas e o cristianismo no mundo atlântico.** In: THORNTON, A África e os africanos na formação do mundo atlântico. 1400 1800. Rio de Janeiro: Campus, 2004. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~lgeraldo/thornton.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

TINHORÃO, José Ramos. **"Música popular de Índios, negros e mestiços".** 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial.** São Paulo: Editora 34, 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2008.

TORRES, Júnia. **Rainhas de ngoma: três gerações de coroas no Reino Treze de Maio.** Tese (Doutorado). Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020.

TRAPP, Rafael Petry.; SANTANA, Grazieli de Jesus Batista. **Cultura e identidade no Congado de Taguá (Cotegipe-BA).** Revista Coletivo Seconba, v. 6, n. 1, 2022.

UNESCO. **História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII.** Editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília : UNESCO, 2010.

VASCONCELOS, Agripa de. **Chico Rei**: Romance do ciclo da escravidão nas Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1966.

VASCONCELOS, Juliana de. **Congado: Uma celebração do hibridismo afrobrasileiro.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Unincor. Três Marias, 2007.

VECINO, Laura Marcela Serrano **Dança do congo em Vila Bela da Santíssima Trindade: entre as dinâmicas imediatas e a interculturalidade.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. Cuiabá, 2017.

VENANCIO, Renato Pinto. **Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas.** In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). História de Minas

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 461

Gerais: as Minas setecentistas. v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

VIANA, Talita. **Ei nós, que viemos de outras terras, de outro mar: as origens das Festas de Coroação de Rei Negro e a Congada de Santa Efigênia da Vila de São José do Tocantins.** Anais dos Simpósios da ABHR, v. 12, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/138>. Acesso em: 01 out. 2022.

VIEIRA, Camila Camargo.. **No giro do rosário: dança e memória corporal na Comunidade dos Arturos.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04052010-114040/en.php> Acesso em: 14 nov. 2022.

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. **"É um pessoal lá de Bragança...": Um estudo antropológico acerca de identidades em uma festa de migrantes para São Benedito em Ananindeua/PA.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

VILARINO, Marcelo de Andrade. **D´África ao Brasil: elementos hi(e)stóricos conformadores e estruturantes do congado belo-horizontino.** In: PEREZ, Léa Freitas. et al. (Orgs.). Variações sobre o Reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria. Porto Alegre: Medianiz, 2014.

VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). **História de Minas Gerais: as Minas setecentistas.** v.1. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007 a.

VILLALTA, Luiz Carlos. (orgs.). **História de Minas Gerais: as Minas setecentistas.** v.2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007 b.

VINHAL, Felipe Eugênio. **Dias de Festas e Lutas de Representações: música e identidades na congada e na festa do Divino de Niquelândia-GO.** Dissertação. (Mestrado em Música) Universidade Federal de Goiás, 2016.

VOLPE, Maria Alice. **Irmandades e ritual em Minas Gerais durante o período colonial – o triunfo eucarístico de 1733.** Revista Música ECA-USP, São Paulo, v. 8, n. 1/2, 1997.

WEHLING, Arno.; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil colonial.** 5ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1888).** São Paulo, Hucitec/História Social, USP, 1998.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 462



Anexo 1 - Lista de Presença dos Encontros Presenciais em Minas Gerais



MUNICÍPIO	NOME	NOME DA GUARDA/INSTITUIÇÃO
Araguari	Ivanilda Mendes Vicente	Terno Moçambique Sainha Azul
	Jeferson Jorge da Silva	Moçambique Branco
	Marcelo Fábio Lera	FAEC - Fundação Araguarina de Educação e
	Maycon Charles C. da Cruz	Moçambique Dourado
	José Antônio Valentim	Associação Promocional de Congadas,
	Onézia de Fátima Santos	Congo Verde
	Roger Pedro da Silva	Grupo Dança Congo de Ouro
	Zaíra Maria dos Santos	Congo 13 de Maio de São Benedito
Araxá	Alexandra Maria Carneiro	Congo Bandeira Santa - Moçambique Mocidade
	Jaime Byron da Silva	Associação dos Congos e Moçambiques
	Joana D'arc Ferreira	Congo Nego Sim - Mocidade Verde Branco
	José Ronan dos Santos	Centro de Referência da Cultura Negra -
	Jower Henrique Carneiro	Moçambique Mocidade Verde e Branco
	Marco Aurélio de Lima	Moçambique Liberdade Liberdade
	Matheus Fabrício Martins	Moçambique Raiz Africana - Congo rainha da
	Nivaldo Eustáquio da Silva	Congo Rainha da Luz de Araxá
	Plínio Jonathas Silva	Congo Rainha da Luz de Araxá
	Welliton Germano dos	Congo Catupé Treme Terra (Itaipú)
Belo Horizonte	Isabel Casimira Gasparino	Guarda de Moçambique 13 de Maio



Berilo	Alessandro Borges de	Congado Nossa Senhora do Rosário dos
Campos Altos	Cláudia Aparecida Batista	Moçambique Luz Divina
	Rogério Aparecido Barnabé	Catupé de São Benedito
	Rodiney Ferreira Martins	Prefeitura Municipal
Canápolis	Renes Herotildes Chaves	Moçambique Beija-Flor Camisa Azul Claro
	Stephany Joice Evangelista	Moçambique Estrela do Oriente
Carmo do Paranaíba	Antônio Domingos de Souza	Congo Anunciação do Rosário de Maria
	Dorinato Antônio de Souza	Filhos de Maria e do Divino Espírito Santo
	Maria do Carmo de Jesus	Congado Beija-Flor Rosário de Luz
Carneirinho	Carla Regina Rossini de	Prefeitura Municipal - Moçambique Princesa
Centralina	Aline Soares Moura	Arco Íris
	Rogério Willians da Silva	Terno Beija Flor
	Vinícius Arantes Freitas	Congo Arco Íris
Fernão Dias	Geraldo Magela Noronha	Grupo Congados de Fernão Dias
Francisco Sá	Marinalva Rodrigues da	Catopê - Pretinhos do Rosário
Frutal	José Elias	Grupo de Marujo José Albino da Silva
	Vicente de Paula da Silva	Moçambique São Benedito Africano de Frutal
Guimarânia	José Pedro de Paula	Moçambique Rosário de Maria
Itamarandiba	José Paulo A. Fernandes	Grupo Marujada Raízes
Ituiutaba	Bruno Henrique de Oliveira	Congo Camisa Verde
	Jackson Regis Rosa Martins	Moçambique Lua Branca

Lagoa Formosa	Denis Henrique Costa	Grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário
Minas Novas	Nildete Lopes de Sousa	Congado de São Benedito e Santa Efigênia
Monte Alegre de Minas	France-Nete Macedo	departamento de Cultura e Turismo
	Izabel Cristina da Silva	Terno de Congado Branco
	Jhonata dos Santos Pereira	Terno de Congado Amarelo
	Mara Regina Teixeira	Terno Moçambique Verde
	Maria Betânia Moreira Lopes	Terno Moçambique Cor-de-rosa
	Romilda Maria de Jesus	Terno Moçambique Camisa Verde
	Valdeci Pereira Junior	Terno de Moçambique Marinheiro
Monte Carmelo	Alan Assis de Souza	Congo Marinheiro Nossa Senhora do Rosário
	Gean Carlos dos Santos	Congo Moçambique - Moçambique Nossa Sra
	Henrique Generoso de	Congo Africano de São Benedito
	Murilo Naves oliveira	Casa de Cultura
Montes Claros	Vanderlae Angélico de Deus	Grupo Mangalgá
	Liliane Soares de Oliveira	Tambozeiro Rei Tiago
	Ildeu ferreira Pinto	Tambozeiro do Rosário
	Anastácio Luiz Oliveira	Congo Real
	Cândida Dionisa do	Congada de Nossa Senhora do Rosário
	Geni Carvalho Soares	Grupo Congado Nossa Senhora do Rosário /
	Nilson Ferreira Souto	Tambozeiros dos Homens Pretos de Chapada do

	Juvenal de Sousa Cruz	Tambozeiro do Rosário
	Ademar Vieira da Cruz	Irmandade Nossa Sra do Rosário Dos Homens
	Charles Oliguel Assis Passos	Congado Nossa Sra do Rosário
	José Hermínio Ferreira	2º Marujada de Montes Claros
Patos de Minas	Aparício Francisco da Silva	Congado Nossa senhora do Rosário
	Edson Ferreira	Moçambique da Vila Operária
	Geraci Pereira Barbasa	Moçambique Guerreiros do Quilombo do
	José Antônio Ventura	Federação Nacional das Associações
	Marília Lacerda Batista de	Moçambique Nossa Senhora do Rosário
	Marlon Cristian Costa da	Moçambique Estrela do Oriente
Patrocínio	Eliane Ferreira Nunes	Prefeitura Municipal
	Fernanda Cristina Crecêncio	Catupé de São Benedito
	Joselitamar Aparecida	Fundação Casa de Cultura
	Luiz Ricardo Prado	Catupé Flor de Maio
Rio Paranaíba	Alemmar Silva de Oliveira	Secretaria de Cultura,turismo, Lazer e Esporte
	Antônio Pinto	Moçambique
	Jeremias Brasileiro da Silva	Irmandade do Reinado do Rosário
	José Donizete Malaquias	São Benedito Divina Luz
	Valter Ferreira da Silva	Congo Sereno Comunidade São João e São

	Vicente Paulo de Lima	Congo Sereno
Romaria	Agda Aparecida Gonçalves	Moçambique Rosário de Nossa Senhora
	Aparecida de Lima	Rosário de São Benedito
	José dos Reis Silva	Rosário de Nossa Senhora
	Flanquer Rosa Ferreira	Marujo Rosário de São Benedito
Sacramento	Eliana Garcia Vilas Boas	Secretaria Municipal de Desenvolvimento
	Lucimar dos Reis	Terno de Congada Guarda de São Benedito e
Santa Vitória	Luciene Maria de Jesus	Congada Nossa Senhora do Rosário
São Gotardo	David Aender Teodoro	Terno Bombachinho - Princípe de São Benedito
	Iliene Aparecida Teodoro	Congo Real Evangelista - Penacho
	Juliana Maria Alves Ladeira	Prefeitura Municipal
	Maria Ângela de Camargo	Congo Beija-Flor
	Paulo Batista da Silva	Congo Real Santo Antônio
São Romão	José Geraldo Pereira	Congada de Nossa Senhora do Rosário
Tupaciguara	Gilmar Batista	Irmandade Nossa Senhora do Rosário
Uberaba	Maycon Junio Gonçalves	Equipe Técnica do SEMPAC
Uberlândia	Alexandre Queiroz de	Moçambique de Belém
	Altair Rodrigues Santos	Congo Cruzeiro do Sul
	Antônia Aparecida Rosa	Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário
	Carla Regina Gomes Silva	Moçambique Princesa Isabel

	Claudiomiro Ramos da Silva	Moçambique Raízes
	Daniel Araujo	Moçambique Quilombo dos Palmares
	Eustáquio Marques	Congo Sainha
	Flávio Adriano Cassiano dos	Congo Rosário Santo
	Hamilton Sérgio Silva	Terno de Moçambique e Quilombolas
	Iara Aparecida Ferreira	Terno Moçambique Estrela Guia
	Jaciara Maria Silva	Catupé Azul e Rosa
	Jean Carlos de Souza	Moçambique de Belém
	Luís Felipe Filomeno da Silva	Moçambique Pena Branca
	Marcos Antônio Santos	Congo Santa Efigênia
	Messias Lírio	Quilombola Serra do Salitre
	Monica Dess Diniz	Prefeitura Municipal
	Pollyanna Fabrini Silva	Secretaria Municipal de Cultura
	Rubens Aparecido Assunção	Marujos Azul de Maio
	Silvio Donizete Rodrigues	Congo Verde e Branco
	Thalita Asperti Traveçolo	Secretaria Municipal de Cultura
	Ubiratan Cesar do	Catupé de Nossa Sra. do Rosário e São Benedito
	Valdir Carlos Raimundo	Guardiões São Benedito
	Vanderson da Silva	Congo Prata

	Vanessa Aparecida Q.	Catupé (Mansour)
	Vanilda Honória dos Santos	não informado
	Wanderley Teodoro da Silva	Moçambique Angola
	Willian Garcia Santos	Moçambique Guardiões de São Benedito
	William Couto	Moçambique Estrela Guia
Veríssimo	Anilton de Oliveira	Congado São Benedito
	Ronaldo Fernandes da Silva	Secretaria Municipal de Educação -
	Roni Raimundo dos Santos	Moçambique São Benedito - Nossa Sra do

Anexo 2 - Índice Temático para Fichamentos

Para a sistematização das informações, foram realizados fichamentos seguindo o Índice Temático elaborado com palavras-chave ou tópicos fundamentais à descrição e análise do bem cultural. Os temas do Índice foram definidos a partir da experiência prévia da equipe técnica da CAMPO com o bem cultural, considerando também as indicações das técnicas do Iphan e aquelas sugeridas pelos documentos de referência.

- Associativismo (Associação/Irmandade)
- Beleza/estética
- Candombe
- Cargos - Capitães/Capitãs
- Cargos - Outros cargos
- Cargos - Rainha Conga de Minas Gerais
- Cargos - Rainha e Rei Congo
- Cargos - Rainha e Reis Festeiros
- Cargos - trono coroado/outros reis e rainhas
- Categorias patrimoniais
- Cavaleiros/cavalaria
- Cavalhada
- Celebrações - Festa de São Benedito em Aparecida/SP
- Celebrações - Treze de Maio
- Comidas/comensalidade
- Congado/reinado/congadas - Definições
- Cortes/guardas/ternos - Comentários gerais



- Cortes/guardas/ternos - Banda de Taquara
- Cortes/guardas/ternos - Caboclo
- Cortes/guardas/ternos - Catopés
- Cortes/guardas/ternos - Cavaleiro de São Jorge
- Cortes/guardas/ternos - Congo
- Cortes/guardas/ternos - Contradança
- Cortes/guardas/ternos - Jamba
- Cortes/guardas/ternos - Caboclo
- Cortes/guardas/ternos - Cavaleiro de São Jorge
- Cortes/guardas/ternos - Congo
- Cortes/guardas/ternos - Contradança
- Cortes/guardas/ternos - Jamba
- Cortes/guardas/ternos - Marujada
- Cortes/guardas/ternos - Moçambique
- Cortes/guardas/ternos - OUTROS
- Cortes/guardas/ternos - Tamborzeiros
- Cortes/guardas/ternos - Vilão
- Cosmologia/Devoção
- Cronologia/ciclo anual
- Cronologia festiva e ritual
- Devoção - Nossa Senhora das Mercês
- Devoção - Nossa Senhora do Rosario
- Devoção - outros santos
- Devoção - São Benedito
- Embaixadas
- Encontro de guardas/festival de congado
- Estados - Goiás



- Estados outros
- Etnicidade congadeira
- Festas celebrações
- Folclore
- Folia de reis
- Gênero - questões de
- Gerações (novas)
- GT Congadas de Minas
- História colonização em África e conversão ao Cristianismo
- História colonização no Brasil e escravização/resistências
- Histórias formação de uma irmandade/reino/terno
- Idade
- Indumentárias
- Influencia indígena afro-indígena
- Inovações/mudanças
- Intolerância religiosa
- Levantamento Preliminar - Metodologia 1ªe 2ª etapas
- Levantamento Preliminar - Tabelas/listas/mapas - 1ª etapa
- Levantamento Preliminar - Tabelas/listas/mapas - 2ª etapa
- Lugares/edificações sagradas
- Mito (estória/histórias)
- Musicalidade
- Musicalidade - cantigas/cantorias
- Musicalidade toques
- Objetos rituais - andores
- Objetos rituais - bandeiras
- Objetos rituais - bastão

- Objetos rituais - cachimbo
- Objetos rituais - andores
- Objetos rituais - comentários gerais
- Objetos rituais - coroas
- Objetos rituais - espadas
- Objetos rituais - instrumentos musicais
- Objetos rituais - mantos e cetros
- Objetos rituais - rosários/terços
- Objetos rituais - varas
- Ofícios
- Orações
- Poder público/políticas publicas
- Promessas
- Publico
- Quilombos/quilombolas
- Racismo/luta antirracista
- Recortes territoriais (proposta de)
- Recortes territoriais - Congados
- Recortes territoriais - Reinados e Candombes
- Recortes territoriais - Tamborzeiros
- Recursos/despesas
- Redes/trânsitos/reciprocidades/frequentações
- Reino/Reinado (definições)
- Religiosidade - catolicismo
- Religiosidade - matrizes africanas
- Ritos - abertura
- Ritos - alvorada



- Ritos - convites
- Ritos – coroação/descoroarão
- Ritos - cortejo
- Ritos - encerramento
- Ritos - Missa Conga/Missa Afro
- Ritos - novenas
- Ritos - OUTROS
- Ritos - preparação/organização
- Ritos - subida e descida de mastro
- Ritual - performance/gestos/coreografias
- Saberes/oralidade/transmissão
- Salvaguarda - problemas
- Segredo – mistério/fundamentos



Anexo 3 - Lista de Participantes dos Grupos de WhatsApp de Minas Gerais, São Paulo e Goiás (2022 - etapa final da instrução para o Registro)*



PARTICIPANTES DO GRUPO DE GOIÁS							
Ana Cristina de Oliveira Pires	Elciene Batista Souza Silva	Elvis Rosemar da Silva	Jackeline Alves Araújo	João Victor Alves da Silva	Juliana Alves Araujo	Lidianna Maria Gomes	Luciana Coelho Barbosa
Polyane Silva Oliveira	Rafael Quirino Moreira	Solange Maria de Santana e Silva	Valéria Euripedes Sousa santos oliveira	Vinícius Luís Assunção Ribeiro			

PARTICIPANTES DOS GRUPOS DE MINAS GERAIS							
Adircilene Lerilda	Adriana Fernandes	Adriane Aparecida	Adriano Maximiano	Agnaldo dos Santos	Alice Aparecida	Aline Guerra da Costa	Ana Beatriz Marques
Ana Íris	Ana Paula da Silva	Andréa Bonifácio	Andrea Costa	Andreia Ribeiro	Andreza Rezende	Angela Rodrigues	Anicelia Maria Xisto
Antonia Aparecida	Antonio Jose da	Antonio Luiz de Oliveira	Arnaldo Mesquita	Capitã Lucelia	Capitã Maria	Capitão Alan Assis	Capitão Aloísio
Capitão Ariovaldo	Capitão Chico	Capitão Prego de	Capitão Tales	Capitão Wellington	Carina Gomes de	Carlos Antônio de	Carlos Daniel de
Carlos Eduardo	Carlos Magno	Cesar Augusto da	Claudia Aparecida	Cláudia Coimbra	Corello Martins	Cristina Valeria dos	Daniel Albergaria
Daniel Magalhães	Daniele Ramalho	Danilo Souza	Dario Pio	Denilson Fiuza	Denilson Nascimento	Edison Vilela de Freitas	Edmalton Firmino
Edna Dias dos Santos	Edson de Jesus Silva	Eduardo Aparecido	Elaine Rodrigues	Eli Oliveira Santos	Eliana Garcia Vilas	Eliz Regina Florêncio	Elizabeth Gonçalves
Elizangela Aparecida	Emerson Augusto da	Emerson Ferreira de	Emerson Henrique	Emerson Jose	Erick Teixeira de	Euripedes Boaventura	Ewerton de Brito
Fabiana Carla de	Fabio Brasileiro	Fabio Henrique	Fabricio Souza	Felipe da Silva Vilela	Filipe Oliveira da	Flavio Henrique	Francis Luce Gonçalves
Francisca de Lourdes	Franklin Moreira	Gabriel Carlos	Geraldo	Geraldo Aparecido	Geraldo Bispo	Gilberto Neves	Glaudiston Silva
Guaraci Santos	Gustavo Augusto de	Hugo Castelani	Iara Aparecida	Ione Amaral	Irene Silva	Irlene Silesia Dias	Isabel Casimira
Ivone Ferreira	Janaina Maria de	Joanita Aparecida	João Antônio	Joao d P	Johnny Elker Otone Silva	José Claudionor	José Geraldo

Jose Maria Fagundes	José Paulo Izidoro	José Pedro da Silva	Josiany Vieira de	Josimar Henrique	Julião Gomes Filho	Junio Pimenta	Juvenal Gonçalves
Katia de Amorim	Kedison Geraldo	Keila Pinto Guimarães	Kelly Simone da	Kelma Gizele da	Kenia Cristina da	Kilder Pinheiro	Leandro Silva Jardim
Leonardo Jose Alves	Leticia Maria	Lilia Regina Clementino	Liliane do Carmo	Lindaura Alves da	Lívia Nascimento	Luciana de Fátima	Luciana de Fátima
Luciene Rodrigues	Lucimar	Luis Fabiano dos Santos	Luis Fernando	Luiz Bento Da Silva	Luiza Karla de Oliveira	Marcelo de Andrade	Marcelo Luiz Teodoro de
Marcelo Martins	Márcio Miguel	Maria Caetana	Maria Conceição	Maria das Graças	Maria de Fatima Silva	Maria do Rosário	Maria do Socorro
Maria Goreth	Maria Luiza Givisiez	Maria Rita Amaral da	Mariana Canuto	Mariana Ramos de	Marina Gabriela	Matusalém Fernandes	Maurício Aparecido
Maurilio de Jesus	Maysa Abrão	Monica Moreira	Narcia da Costa	Natalia Cong	Nazaré	Neli Martins de Souza	Nildete Lopes de
Nivaldo Carvalho	Nubia Alves	Orlando da Silva	Pablo Maximo	Pablo Soares	Padre Jose Geraldo	Paulo Henrique de	Pe Jailson Salvador da
Peter	Priscila Freitas da	Professor Nego Sam	Rafaella Ferreira	Ramon Rodrigues	Regina Maria Bahia	Rejane Aparecida	Renato Cassimiro
Riseli Moreira da	Rodrigo Alvarenga	Rodrigo Bastos	Rodrigo dos Santos	Rogerio Willians da	Romilda Maria	Ronaldo Ribeiro dos	Rosana Aparecida
Rosangela Aparecida	Rosangela Maia Beato	Rosemary Amaral	Rosemere Maria dos	Rozangela Alves	Sabrina Cristina	Samuel Pereira	Sanete Esteves de
Sarah Daier	Sargento Morais	Sheila Rodrigues	Shirley Maclane	Shirley Pinheiro da	Silvania Aparecida	Silvânia Aparecida	Simone de Assis
Simone Maria	Sinfronio Jose da	Solange Sabino	Sonia Rocha	Soraya Firmino da	Thaynã Fernandes	Theophilo Santos Da	Tida Bernardo
Ulisses Passarelli	Valdeci Abel	Valéria Gonçalves	Valeria Maria	Valéria Maria	Valescan Silva	Vanderlei Sebastião	Vanessa de Souza
Waldemar Julio	Walisson Silas de	Wellerson Machado	Xuxa Moises	Zara Simões			

PARTICIPANTES DO GRUPO DE SÃO PAULO							
Alan Moura	Alexandre Aparecido	Altair dos Santos	Amarildo Pereira	Anna Gabriela	Bárbara Avelino de	Carlos Nelson	Cidinha Faria
Diego Amaro de	Dirce de Jesus Alves	Elisete Aparecida	Everton Fuchs de	Geraldo Donizete	Geraldo Gonçalves	Geraldo Ubirajara	Gislaine Donizeti
Joaquina de Oliveira	José Felicio Goussain	Kuka Desmonts	Lara de Jesus	Lauren Silva	Luiz Antônio da	Luiz Antônio Januário	Manoel dos Santos
Manoel José	Marco Aurélio	Maria Angélica	Maria Aparecida	Maria Cecília	Mestre Lourenço	Mestre Luciene	Mestre Marinho
Patrícia Freire	Patryck Jordany	Paulo Sérgio dos	Raissa Fernandes	Róginan Christopher	Ronnie dos Santos	Sérgio Freitas da	Sheila de Jesus Souza
Sidineia Santos	Thiago Valadão	Valdomiro Santa Rita					

***Os nomes aqui listados correspondem aos nomes que cada participante registrou em seu cadastro no WhatsApp. Aqueles participantes que ocultam seus nomes no aplicativo, não constam nesta lista.**

Anexo 4 - Lista de Inscritos nos Seminários Virtuais (2022 - etapa final da instrução para o Registro)

UF	MUNICÍPIO	NOME	GUARDA/ INSTITUIÇÃO
MINAS GERAIS	Águas Vermelhas	Eveline Souto	Folia de Reis São Sebastião
	Alfenas	Luiz Antônio da Silva	São Benedito
	Alterosa	Maria Aparecida Souza	Pesquisadora
	Araguari		Associação Promocional de
			Associação Promocional de
		Leandro Silva Jardim	Congo de Ouro
		Lucas Martins de Oliveira	Conselho Deliberativo Municipal do
		Rosemere Maria dos	Congo de Ouro
MINAS GERAIS	Araxá	Maria Rita	-
	Azurita	Vanderlei	Congo e Moçambique Nossa
	Azurita / Mateus Leme	Ivone Ferreira	Congo e Moçambique Nossa
	Barbacena	Carmelita da	Guarda Nossa Senhora do Rosário
		Erick Teixeira de Assis	-
		José Pedro da Silva	Banda Dançante do Rosário
		Riseli Moreira da Silva	Banda Dançante do Rosário
		Waldomiro Rafael	Congo Nossa Senhora do Rosário e
	Bela Vista de Minas	Carlos Magno	Instituto Cultural e Religioso
		Alexia Costa Melo	

	Belo Horizonte	Ana Beatriz	Pesquisadora
		Ari Gonçalves	Irmandade de Nossa Senhora do
		Bárbara Campos	Monumentum Arquitetura
		Camila Luciana	Irmandade São Sebastião
		Daniel de Lima	Pipiruí
MINAS GERAIS	Belo Horizonte	Edison Vilela	Cultura e Memória - Consultoria em Patrimônio Cultural
		Fábio Brasileiro	Nossa Senhora do Rosário
		Isabel Casimira Gasparino	Reinado Treze de Maio de Nossa
		Júlia Moreira Costa	Pesquisadora
		Kassius Wellington	Guarda São Jorge do Reino
		Kelly Simone da Cruz	Guarda de São Jorge de
		Kelma Gizele da Cruz	Guarda de São Jorge de
		Marcelo de Andrade	Irmandade Nossa Senhora do
			Guarda de Congo Nossa
		Patrícia Rodrigues	Iphan - Unidade Serro
		Raissa Fernandes Faria	Congado das Comunidades
		Ritielly Caroline	Irmandade de Nossa Senhora
		Rômulo Inácio Ramos	Guarda de São Jorge
			Guarda Moçambique São José

MINAS GERAIS	Belo Horizonte	Thaynara Luana	-
		Vilmar Oliveira	-
		Waldiney Antônio	Irmandade de São Bartolomeu
			Associação do Congado dos
		Dayane Nayara	Irmandade de Nossa Senhora do
		Elizangela Aparecida	Guarda Moçambique Nossa
		Guilardo Veloso	ASCOM/MG - Associação dos
		Gustavo Augusto	Moçambique
		Irlene Silesia	Reunião Umbandista Mineira
		Mariana Ramos	Pesquisadora PPGAS/
		Matheus Cândido	Caboclos de Nossa Senhora
		Pedro Augusto	Irmandade de Nossa Senhora do
MINAS GERAIS			
			Congado Nossa Senhora do
	Betim	Ana Claudia Gomes	Irmandade de Nossa Senhora
		Carina Gomes de Souza	Pesquisadora
		Otilia da Conceição	Irmandade de Nossa Senhora
		Lucélia Pereira	Terno de Catopé Nossa Senhora
		Anna Caroline Oliveira	

	Bom Despacho	Bárbara Silva Freitas	-
			Secretaria de Cultura e Turismo
		Maria das Graças Epifânio	Maçambique de São Benedito
			Secretaria de Cultura
	Cambuquira	Simone de Assis	Irmandade Nossa
	Campanha	Adriana Fernandes	Terno Nossa Senhora
MINAS GERAIS	Campo Belo	Aline de Souza	Pesquisadora
		Karoline Hidalgo	Terno de Moçambique São
		Patryck Jordany	Guarda de Moçambique
		Natália de Fátima Silva	Vilão do Joaquim Mangueira
	Campos Altos	Claudia Aparecida Batista	Moçambique Luz Divina
		Cristina Valéria dos	Divina Luz
	Canápolis	Euripedes Boaventura	Moçambique Beija-Flor
	Candeias	Carlos Eduardo	Secretaria Municipal
	Carandaí	Maria José Damasceno	Escritora
	Carmo do Cajuru	Carlos Antônio	Guarda de Catupé Santa Efigênia
		Renato Cassimiro	Irmandade Nossa
	Carmópolis de Minas	Luiza Karla	Associação de Congadeiros de
			Associação dos Congadeiros de

MINAS GERAIS		Claudia Roberta	Congo Beija-flor
			Associaçao dos Congadeiros
		Rosania dos Santos	Congo Beija-flor
			Irmandade do Rosário dos Homens
	Congonhas	Angela Maria	Guarda Marujo Marinheiro
		Hugo Castelani Pyramo	Prefeitura de Congonhas
	Congonhas		Congado Marujo Nossa Senhora
		Maria da Paz Pinto	Associação Cultural Nossa
		Maria de Fatima	Guarda de Marujo Marinheiro
			Guarda de Congado Nossa
		Regina Maria Bahia da	Instituto Cultural
		Carlos Evando do	Guarda de Marujo Marinheiro
		Maurílio de Jesus Mendes	Dança de Langra Nossa
	Conselheiro Lafaiete	José Paulo Izidoro	Banda Dança de Nossa
		Valéria Gonçalves da	Guarda Moçambique de Nossa
	Contagem	Erika Patrícia da Silva	Associação da Guarda de
		Maria Goreth Costa	Irmandade de Nossa Senhora do
			Banda de Congado
			Irmandade Nossa Senhora

MINAS GERAI		Welerson Rodrigues do	Marujada Couto de Magalhães
			Secretaria de Cultura
	Diamantina	Carlos Rubens dos Reis	Grupo de Caboclos Mestre Rubens
		Luciana de Fátima	Prefeitura Municipal de Diamantina
		Sergio Ricardo Retroz	Diretoria de Patrimônio Cultural
		Vanessa de Pádua Mello	Prefeitura Municipal de Diamantina
MINAS GERAIS			Guarda de Catopé de Nossa do
			Moçambique de Luz/ Congregação
		Joanita Aparecida	Irmandade Nossa Senhora do
			Irmandade de Nossa Senhora do
			Conselho Municipal de Promoção
			Irmandade Nossa Senhora do
		Cristiane Silva	-
		Kenned Claret	Irmandade de Nossa Senhora do
	Dores do Indaiá	Ronaldo Ribeiro	Congo Real
	Elói Mendes	João Paulo	Diretoria de Cultura
	Espera Feliz	Maria Cecília	Pesquisadora
	Guapé	Dayvid Emanuel	Terno de Congada e Guarda de
		Eliz Regina Florêncio	Sociedade Independente

MINAS GERAIS	Guapé/	Adriano Maximiano	Terno de Congo e Moçambique
		Jocimar Luciano de	Banda Dançante de Congada e
	Ilicínea	Andreza Rezende	Terno de Congo e Moçambique
			Congo e Moçambique Nossa
		Shirley Maclane	Clube Dançante Nossa Senhora
	Itabira	Edna Dias dos Santos	Instituto Cultural dos
			Guarda de Marujos de Nossa
		Rosângela Maia	Associação das Congadas de
	Itaguara	Georgiane Christian	Secretaria de Cultura
		Marina Freitas Vilaça	Pesquisadora
MINAS GERAIS			Coquivale - Comissão das
	Ituiutaba	Amanda Moura Souto	Irmandade de São Benedito
		Aparecida Andreilda	Marinheiro de Santa Luzia
		Francis Luce Gonçalves	Irmandade de São Benedito
		Haroldo Fernandes	Irmandade de São Benedito
		João Antônio Alves	Terno Congo Raízes de
		Leonardo Marciano	Terno de Congo Camisa
		Narcia da Costa	Terno de Congo Camisa
		Tales Ferreira	Congo Real

	Jaguaraçu	Jailton Laurindo	Congado de Nossa Senhora do
	Januária	Silfarlley Vinicius	Reinado dos Caboclinhos
	Japaraíba	Carlos Eduardo Escobar	Congada de Japaraíba
	Jesuânia	Marcos de Paula	Terno São Pedro
		Agnaldo dos Santos	Terno de São Benedito
MINAS GERAIS		Natalia Rodrigues	Associação Cultural do Congado
		Sidney Alves Moreira	Manzo Batukenu Irmandade de
	Juiz de Fora	Valeria Maria Assad	Assessoria para ICMS
	Lagoa da Prata	Adircilene Lerilda	Grupo I e Grupo II
			Moçambique Irmandade de São
		Valdomiro Santa Rita	Guarda de Moçambique
	Lagoa Santa		CONSEC - MG (Conselho de Política
		Wagner Candido do	Candombe Nossa Senhora
	Lambari	Aline Guerra da Costa	Pesquisadora na Universidade
		Ângela Rodrigues	Terno de Congo Estrela Cadente
		Francisca Aparecida	Irmandade de santa Cruz
		Sheila Rodrigues de	Terno São Benedito
		Soraya Firmino da Silva	Terno Flor de Maio
		Suelem Brigagão	Terno Astro Rei São Vicente

MINAS GERAIS	Lavras	Aline da Cunha	Pesquisadora
		Clarice Maria	Prefeitura Municipal de Lavras
		Emerson Ferreira	Congo de Outro - Associação
		Luis Fernando	Associação Sócio-cultural
	Leandro Ferreira	Luis Sebastião Fideles	Conselho Municipal de Patrimônio
		Sabrina Reis Liberia Santana	Congada Filhos do Rei
		Wellington Borges	Congada Filhos do Rei
	Martinho Campos	Simone Maria Teixeira	Moçambique
	Mateus Leme	Gustavo da Paz Campos	Guarda de Congo e Moçambique
		Romilda Maria	Guarda de Congo e Moçambique
		Rosana Aparecida	Guarda de Congo e Moçambique
	Miguel Burnier	Anicelia Maria	Banda de Congado Santa Efigênia
	Minas Novas	Helvécio Rodrigues de	Marujadas
		Ismael Carlos Rodrigues	Banda de Taquara de Bemposta
			Congado de São Benedito e Santa
	Monte Carmelo	Gean Carlos dos Santos	Moçambique de Branco
		Sonia Almeida de Oliveira	Casa de Cultura
		Arlon Soares Braz	Terno de Catopés de São Benedito

MINAS GERAIS	Montes Claros	Gesiane Aparecida	Reinado do Divino, Nossa Senhora
		Junio Pimenta Santos	Primeiro Terno Nossa Senhora
	Montes Claros	Tainá Gonçalves Bulhões	Pesquisadora
		Eli Oliveira Santos	Terno Catopé São Benedito
	Nova Serrana	Aline Cristina Ferreira	Irmandade Nossa Senhora
		Luís Carlos de Almeida	Congo Penacho
	Oliveira	Ana Luzia da	Associação dos
		Bruno Martins	Pesquisador
		Cynthia Raquel Lopes	-
		Marco Aurelio Aparecido	Catupé de Santa Efigênia
MINAS GERAIS	Oliveira	Matheus José Dias Ribeiro	Moçambique de Nossa Senhora do
			Terno de Massambike de Nossa
		Rejane Aparecida	Massambique Nossa Senhora
		Rosemary Amaral	Prefeitura de Oliveira
		Thiago Valadão Braga	Irmandade de Nossa Senhora do
		Jailson Salvador da Silva	ECAO - Encontro de Cultura Afro de
		José Hamilton da Silveira	Guarda Massambique São
		Cláudia Coimbra do	Irmandade Nossa Senhora do
		Deolinda Alice	Guarda de Moçambique de Nossa



		Jussara Fernanda	Manto Azul
		Karina Giovanna	Congado Santa Efigênia e Nossa
		Kedison Geraldo Ferreira	Guarda de Moçambique Nossa
		Maria Aparecida Andiara	Guarda de Congo Manto Azul de
MINAS GERAIS			Guarda de Congo de Nossa
		Silvania Aparecida dos	Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das
		Solange Sabino Palazzi	Reinado da Irmandade de Nossa
	Paiva	André Vieira Colombo	Banda de Marujo de Nossa
		Helenice Rodrigues	Guarda Nsa do Rosário
		Maria do Rosário Araújo	Guarda São Benedito
			Irmandade Nossa Senhora do
	Patos de Minas	José Antonio Ventura	Guarda do Moçambique dos
	Patrocínio	Fernanda Cristina	Congado de Patrocínio
		Revalina Aparecida	Moçambique Ouro de Maria
	Paula Cândido	Emerson Henrique	Banda de Congo José Lúcio Rocha
		Gabriel Carlos Celestino	Banda de Congo Nossa Senhora
		Renata de Paula Martins	Banda de Congo Nossa Senhora
		Sarah Daier Ferreira	Banda de Congo Nossa Senhora
		Thaynã Fernandes	Banda de Congo Nossa Senhora

MINAS GERAIS		Maria Luiza Givisiez	Banda de Congo Nossa Senhora
			Conselho do Patrimônio Histórico
		Lívia Nascimento Monteiro	Associação de Nossa Senhora do
	Pirapora	Rosinalva T Silva	-
			Associação dos Ternos de Congos
	Porto Firme	Marco Aurelio	Pesquisador
			Folia de Reis Sagrada Família, Folia
	Sabará		Guarda de Marujos Nossa Senhora
		Andreia Ribeiro	Pesquisadora
	Sacramento	Eliana Garcia	Guarda de São Benedito e Nossa
	Santa Bárbara	Neli Gonçalo	Grupo de Congo de Nossa
MINAS GERAIS	Santa Luzia	Vanessa de Souza Pereira	Ilê Obatalá
		Wellerson Machado	Guarda de Congo Divino Espírito
	Santana de Pirapama	Onízia Aparecida	Secretaria Municipal de Educação
	Santana do Jacaré	Matheus Aparecido Silva	Clube Operário Treze de Maio
	Santana do Riacho	Edilane Margarete	-
		Fabio de Lima Nogueira	Baque da Ribeira
		Veronica Julhie Machado Ferreira	-
		Luciana Torres	-

	Santana dos Montes	Denise Suélen Marcenes	Guarda de Congado Nossa
		Fabiana Carla	
		Leri Ferreira de Faria	Guarda de Congado Nossa
	Santo Antônio do Monte	Janaina Maria	Congada As Meninas do Rosário
		Geraldo Aparecido	Congado da Irmandade dos
	Santos Dumont	Katia de Amorim	-
MINAS GERAIS			Guarda de Congado Nossa
	São Francisco de Paula	Mário Lúcio dos Santos	Diretor de Cultura
	São Gonçalo do Rio Abaixo		Guarda de Marujos Nossa senhora
		Tamiris dos Reis Silvério	Guarda de Nossa Senhora do
		Danilo Souza Ferreira	Guarda de Nossa Senhora da Guia
	São Gonçalo do Sapucaí	Jose Onofre Gonçalves	Terno de Santa Efigênia
			Congo-Vilão Nossa Senhora do Rosário
	São José da Barra	Lorraine Oliveira Nunez	-
	São Sebastião do Paraíso	Auro Queiroz	-
		Kátia Maria Alves	Congado
		Leticia Maria Mandello	Congada e Moçambique de São
	São Tiago	Samuel Pereira	Pesquisador
			Banda Municipal Sarzedense,

MINAS GERAIS	Serro	Ariel Lucas Silva	Catopês de Nossa Senhora do
		Carlos Alberto	Pesquisador
		Joana Ramalho	Pesquisadora de Congados e
			Associação dos Congados da
		José Luís Guimarães	Catopê Serro
	Sete Lagoas	Paulo Henrique de Souza	Associação Cultural Boi da Manta
	Teófilo Otoni	André Luiz Ribeiro	Folia de Reis de São Sebastião
	Timóteo	Elizabeth Gonçalves Da	Associação Cultural do Congado
		Gisele Freitas Estrela	Congados de Timóteo
		Luis Fabiano dos Santos	Guarda de Moçambique Reino
	Três Pontas	Ederson Gustavo Cesario	
			Irmandade de Nossa Senhora
	Turvolândia	Rodolfo Rodrigues	-
	Ubá	Andrea Costa Mendes	Congada Nossa Senhora do Rosário
	Ubá	Jose Maria Fagundes	Congado Nossa Senhora do
		Denilson Nascimento	Irmandade de Nossa Senhora do
		Alaor Rezende Silva	Congo Marujos Azul de Maio
		Andréa Bonifácio	Terno Moçambique Quilombolas/
		Ândrea	Terno de Congado Marinheiro de

MINAS GERAIS	Uberlândia	Antonia Aparecida Rosa	Terno Marinheiro de Nossa Senhora
		Claudiomiro Ramos	Moçambique Raízes / Irmandade
		Cristiane de Oliveira	Terno Moçambique de Santa
			Irmandade Nossa Senhora do
		Felipe da Silva Vilela	Terno de Moçambique de Santa Efigênia
		Geralda Antonia da Silva	Irmandade do Rosário de Rio
		Jeremias Brasileiro	Irmandade do Reinado do
		Rubens Aparecido	Irmandade de Nossa do Rosário e
MINAS GERAIS	Uberlândia	Thalita Ferreira de Oliveira	Congo Real e Marinheiro de Nossa
		Valéria Maria Queiroz	
		Virgínia de Jesus Márcio	Terno de Congado Amarelo
		Weberson de	
		William Garcia Santos	Guardiões de São Benedito
			Terno Moçambique de Santa
			Congo Marujo Azul de Maio /
	Vespasiano	Márcio Miguel	Guarda de Moçambique de São
		Valdeci Abel Gomes	Guarda de Caboclo do Divino
			Departamento de Patrimônio da

GOIÁS			
		Vinícius Luís	Irmandade Nossa Senhora
		João Victor Alves	Irmandade Nossa Senhora
	Goiandira	Lidianna Maria Gomes	Irmandade Nossa Senhora
		Rafael da Silva Alves	Irmandade do Rosário
			Irmandade Nossa Senhora do
	Goiânia	Cleber de Sousa Carvalho	Terno Congo Verde e Preto
			Congada Catupé Marinheiro -
		Juliana Alves Araujo	Irmandade de Nossa Senhora
		Solange Maria de Santana	Secretaria de Estado de Cultura de
		Wilson Lima da Silva	Irmandade de Nossa Senhora do
GOIÁS	Goiânia	Luciana Coelho Barbosa	Secretaria da Cultura do
		Valéria Euripedes Sousa	
		Romilton de Sousa	Irmandade Canarinho Verde
			Associação de Nossa Senhora do
		Elciene Batista Souza Silva	Moçambique Real
		Fabricio do Carmo Melo	Moçambique real
		Polyane Silva Oliveira	Moçambique Real

	Itumbiara	Angela de Jesus Araújo	Moçambique Estrela de Ouro
		Glaudiston Silva Ferreira	Moçambique Real
		Jesuslene Oliveira Silva	Congo Beira Mar
		Thayna Crysthina	Moçambique Real
SÃO PAULO	Aparecida	José Felicio Goussain	Festa de São Benedito
	Campinas	Caio Felipe Gomes Violin	Irmandade de Nossa Senhora
			Cia de Moçambique do Perequê
	Carapicuíba	Rafael Felipe	-
	Cotia	Elisete Aparecida	Congada de São Benedito
		Geraldo Gonçalves dos	Congada de São Benedito
		Róginan Christopher de	Congada de São Benedito
			Comunidade Nossa Senhora do
	Ilhabela	Kuka Desmonts	Congada de São Benedito
	Mogi das Cruzes	Alexandre Aparecido	Congada de São Benedito do
		Gislaine Donizeti Afonso	Congada de Santa Efigênia
	Mogi Guaçu	Maria Angélica Urbano	Congada de São Benedito
	Monteiro Lobato	Cleide	Grupo de Moçambique
		Manoel dos Santos	Grupo de Moçambique
	Osasco	Vera Lúcia Lopes	Pastoral Afro-brasileira (PAB)

SÃO PAULO	Paulínia	Eva Regina	Congada Mineira
	Santana de Parnaíba	Cintia Sales	Pesquisadora
	São Luiz do Paraitinga	Nadya Sant Anna	Congo de Ouro
		Everton Fuchs de Almeida	Pífanos do Paraitinga
	São Paulo	Altair dos Santos	Comunidade do Rosário dos
		Lara de Jesus Gregorio	Comunidade do Rosário dos
		Wagner Aparecido da	Banda de Congado Jesus
PARÁ	Ananindeua	Luis Lenon	Pesquisador
RIO DE JANEIRO			Guardas de Moçambique de
RIO GRANDE			



Anexo 5 - Quantidade e Características dos Participantes dos Seminários Virtuais do Processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado como Patrimônio Cultural do Brasil

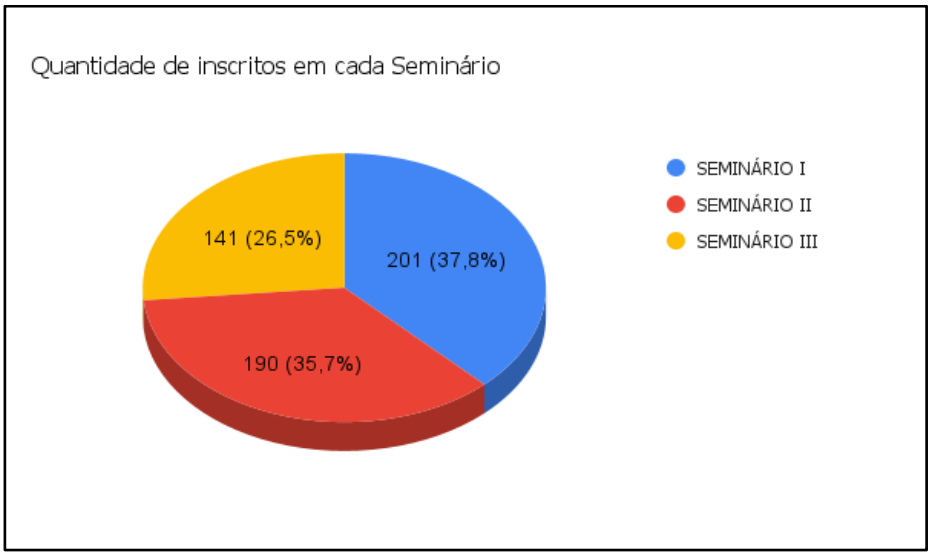
Entre os meses de maio de novembro, foram realizados de três Seminários, com nove encontros virtuais ao longo de 2022, envolvendo o público das comunidades detentoras, pesquisadores e demais interessados, para atualizar e a ampliar a informação e o diálogo com reinadeiros e congadeiros de todo o Brasil, a respeito do processo de Registro e da política pública patrimonial correlata.

Esses eventos fizeram parte do plano de trabalho da Consultoria CAMPO – Cultura Meio Ambiente e Patrimônio para o Registro do "Congado/Congadas/Reinados", como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

A seguir apresentamos alguns gráficos, em referência a cada Seminário, com informações sobre: número de inscritos, idade e Estado de origem. Observamos que o número de pessoas inscritas nos Seminários não equivale ao número de pessoas participantes. Todavia, não foi possível contabilizar o número de pessoas presentes em cada uma das sessões dos Seminários.

Total de inscritos: 533 pessoas (Seminários I, II e III)

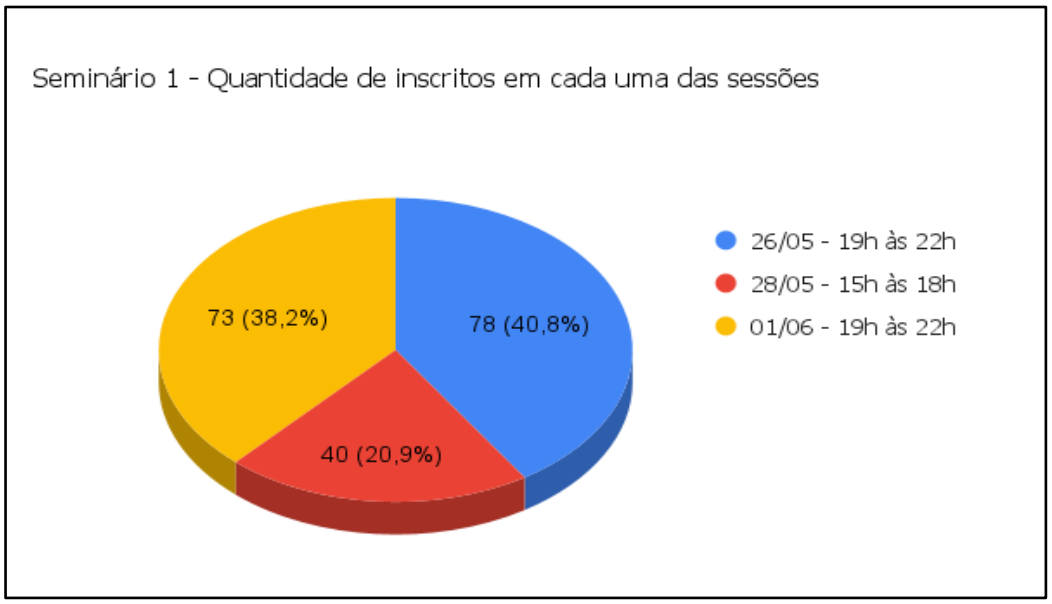
Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 501

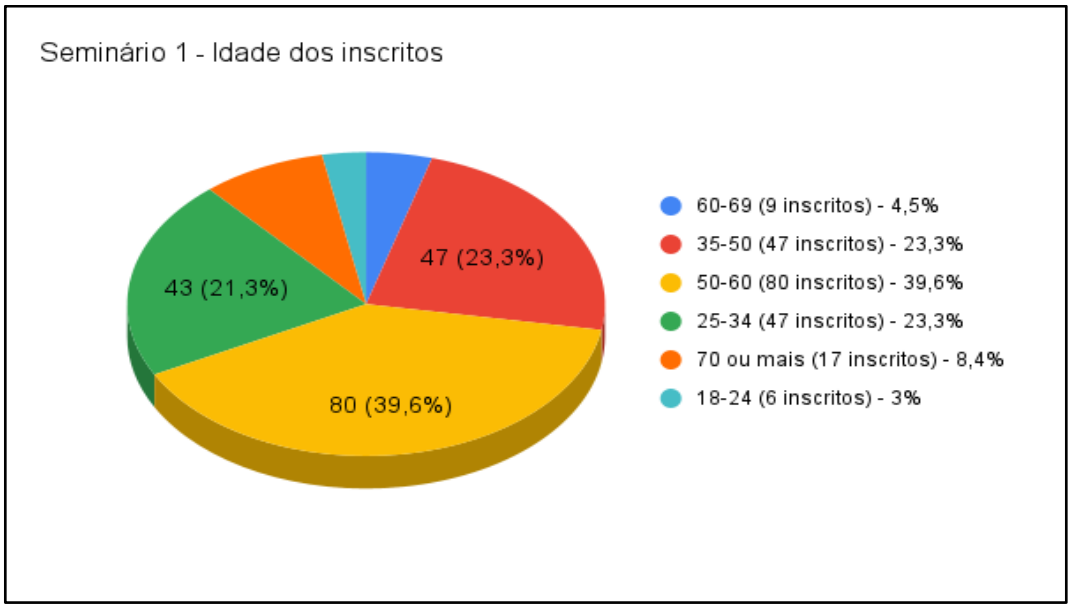


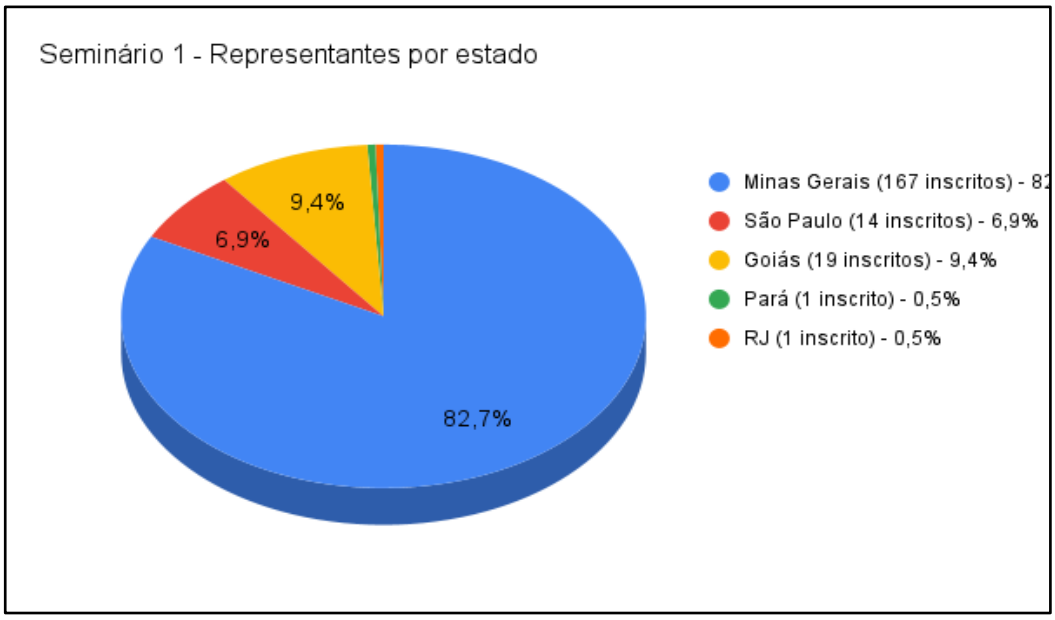
Seminário 1: dias 26/05, 28/05 e 01/06

Tema: Salvaguarda do patrimônio imaterial e o registro do Congado/Congadas/Reinado

Total de pessoas inscritas: 202



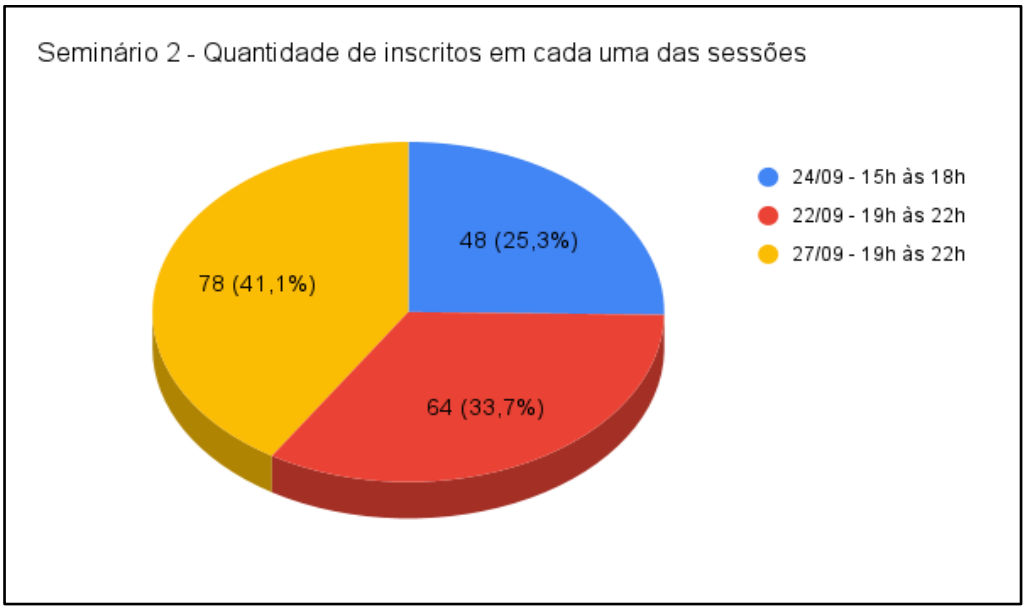


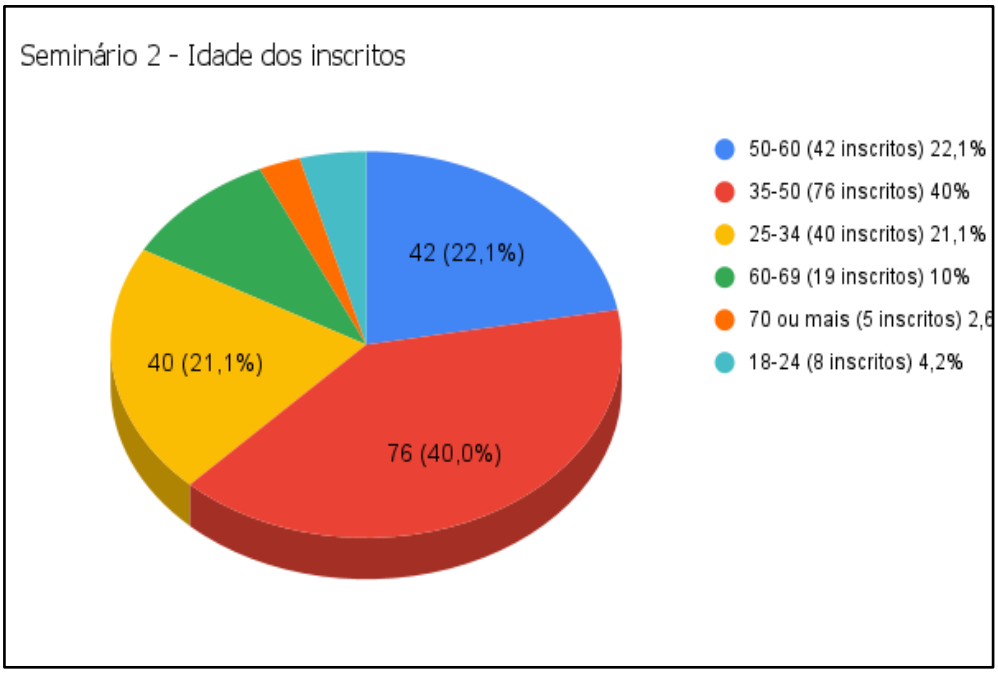


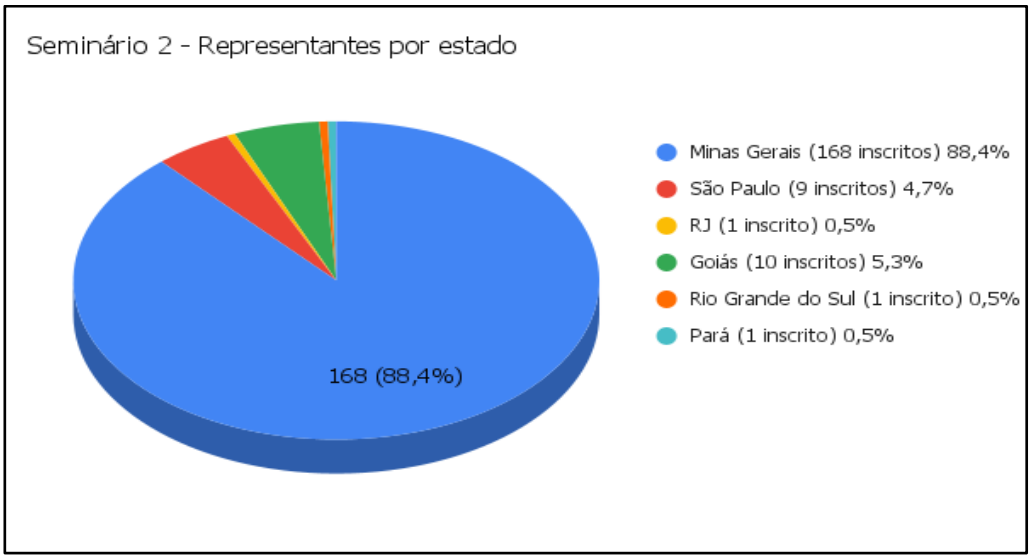
Seminário 2: dias 22/09, 24/09 e 27/09

Tema: Livros de Registro e título/nome do bem para o Registro

Total de pessoas inscritas: 190


Seminário 2 - Quantidade de inscritos em cada uma das sessões
48 (25,3%)
64 (33,7%)
78 (41,1%)
24/09 - 15h às 18h
22/09 - 19h às 22h
27/09 - 19h às 22h

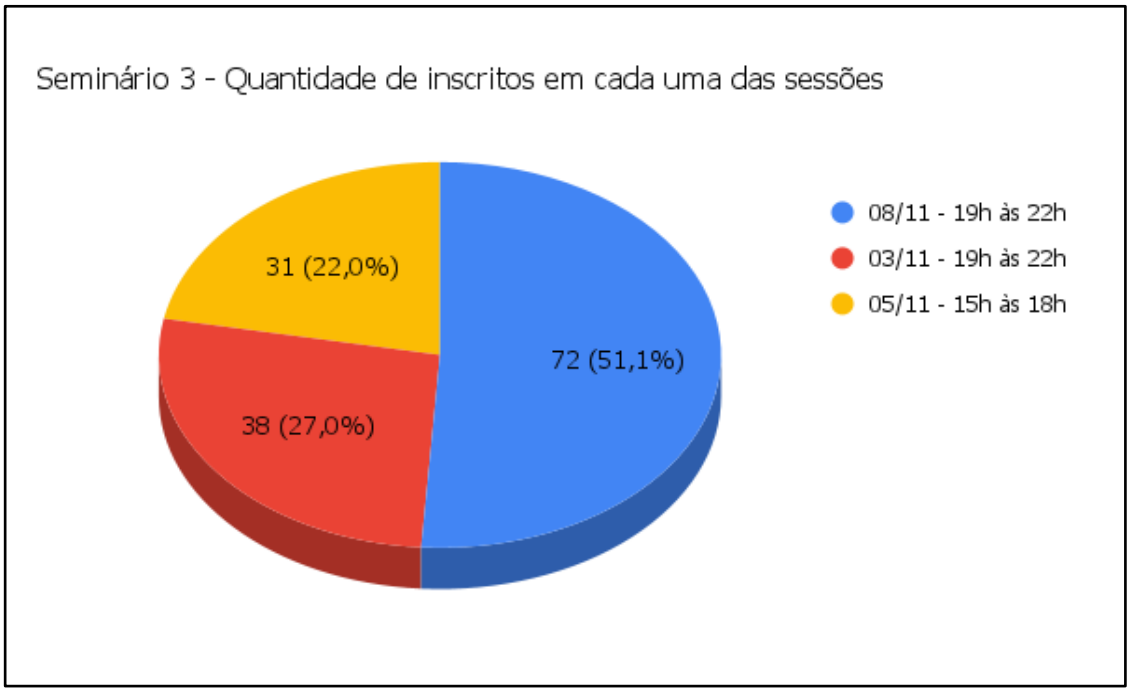

Seminário 2 - Idade dos inscritos
42 (22,1%)
76 (40,0%)
40 (21,1%)
50-60 (42 inscritos) 22,1%
35-50 (76 inscritos) 40%
25-34 (40 inscritos) 21,1%
60-69 (19 inscritos) 10%
70 ou mais (5 inscritos) 2,6
18-24 (8 inscritos) 4,2%

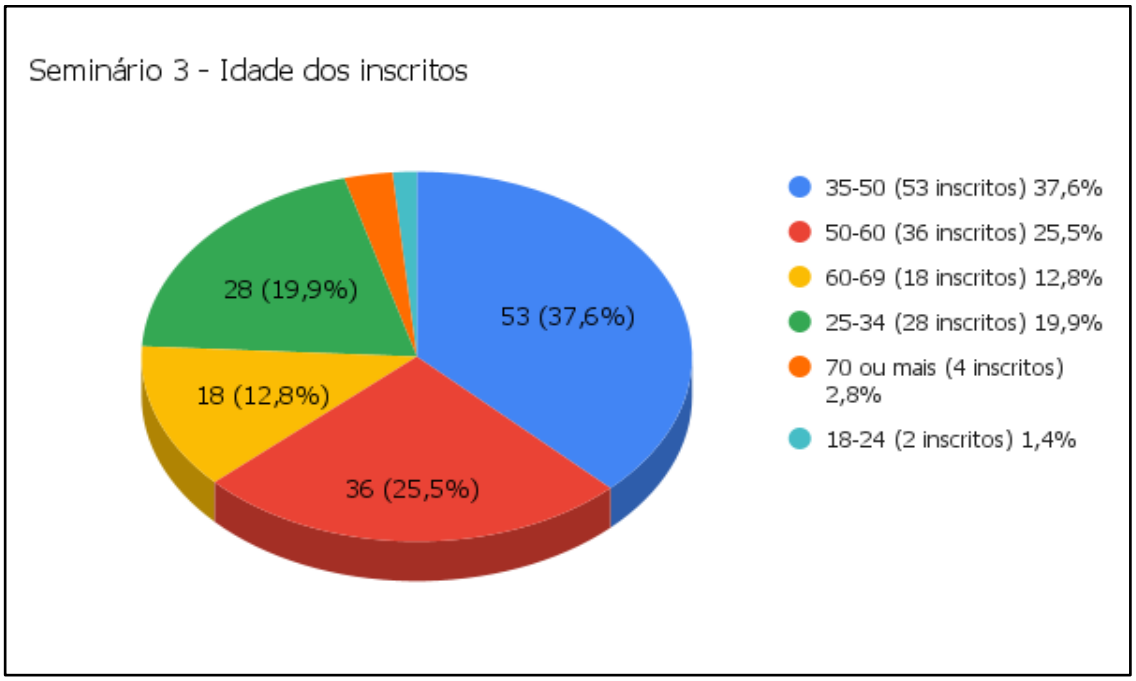


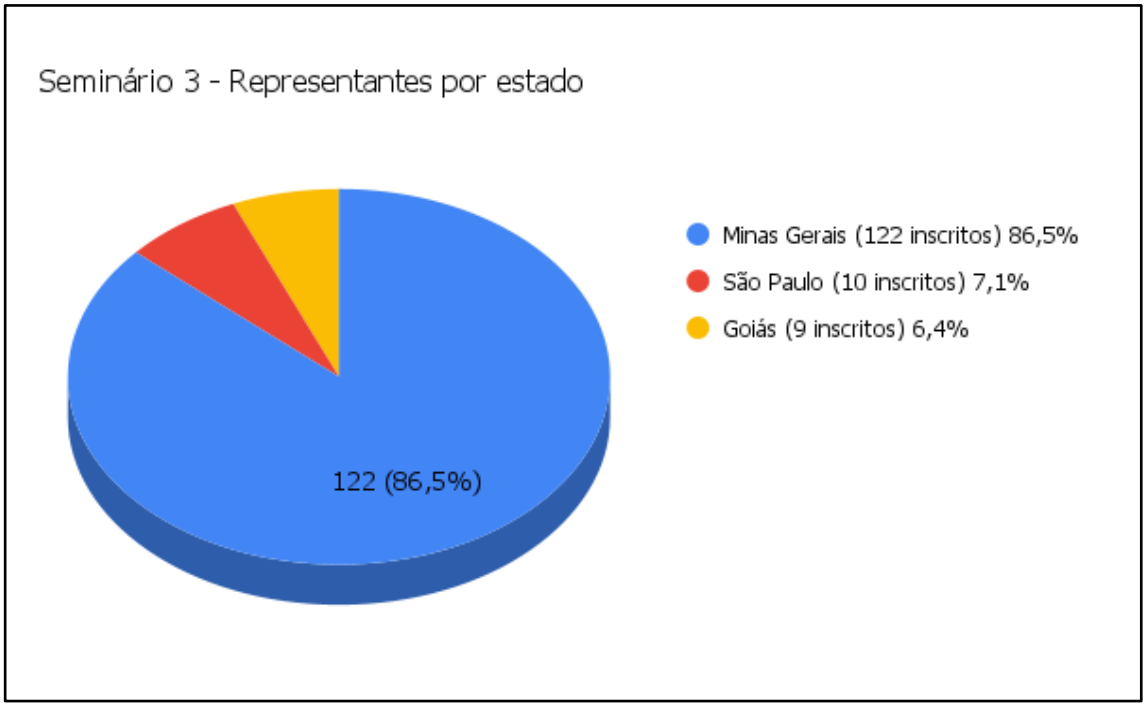
Seminário 3: dias 03/11, 05/11 e 08/11

Tema: Recomendações para a salvaguarda do Congado/Congadas/Reinado

Total de pessoas inscritas: 141




Seminário 3 - Idade dos inscritos
53 (37,6%)
36 (25,5%)
18 (12,8%)
28 (19,9%)
35-50 (53 inscritos) 37,6%
50-60 (36 inscritos) 25,5%
60-69 (18 inscritos) 12,8%
25-34 (28 inscritos) 19,9%
70 ou mais (4 inscritos) 2,8%
18-24 (2 inscritos) 1,4%


Seminário 3 - Representantes por estado
122 (86,5%)
Minas Gerais (122 inscritos) 86,5%
São Paulo (10 inscritos) 7,1%
Goiás (9 inscritos) 6,4%

Anexo 6 - Cantos Sagrados de Milho Verde (Serro, MG) e o Pedido de Registro

Introdução

Os Cantos Sagrados de Milho Verde são expressivas práticas culturais que incluem cantos, danças e performances musicais produzidas por grupos de devotos ao Rosário de Nossa Senhora e pelos últimos cantadores de vissungos da região de Milho Verde, distrito pertencente ao município de Serro e situado no Alto Vale do Jequitinhonha, no estado de Minas Gerais. A população que hoje reside na localidade é de maioria negra e afrodescendente, tendo como antepassados africanos que foram escravizados e obrigados a enfrentar duras condições de vida e de trabalho no garimpo. No entanto, esses grupos mantiveram e recriaram ricos traços culturais herdados de seus ancestrais, como aqueles expressos através dos vissungos e das artes e ofícios sagrados das Guardas de Catopê e da Marujada – estes últimos também localmente chamados de "grupos dançantes e cantantes".

O pedido de Registro dos Cantos Sagrados de Milho Verde foi feito em 2005 pela Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA). Nos autos do Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, além da proposta elaborada pela ACMVA, constam relatórios de visitas técnicas realizadas na região de Milho Verde, bem como notas técnicas que descrevem a proposta e o objeto do Registro, e documentos que atestam as tramitações do pedido no Iphan (Iphan,2005). Em novembro de 2022, a Câmara Técnica de Patrimônio Imaterial do Conselho Consultivo do Iphan deliberou pela inclusão dos Cantos das Marujadas e dos Catopês no processo de Registro do Congado/Congadas/Reinado, com a recomendação de realização de inventário dos cantos vissungos como ação de salvaguarda.



Em seguida, são descritas algumas características históricas e contextuais da região de Milho Verde, assinalando o papel e a importância que os "cantos sagrados" assumem no cotidiano da localidade. Depois, são apresentados com mais detalhes as Guardas de Catopê e da Marujada e os cantos vissungos, incluindo alguns aspectos históricos e culturais dessas práticas. Na sequência, algumas características internas aos grupos dançantes e cantantes são delineadas e, por fim, são discutidas algumas possibilidades de ações para a sua salvaguarda, frente às vulnerabilidades e dificuldades relatadas pelos proponentes do pedido de Registro.

O material bibliográfico e técnico que serviu de suporte para a elaboração deste texto foi, sobretudo, o Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66 (Iphan,2005), referente ao pedido de Registro, bem como a documentação anexa a ele e compilada pelos seus signatários.

1. O Pedido de Registro

Em abril de 2005, a Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA) solicitou formalmente ao Iphan o encaminhamento das ações necessárias para o Inventário, Registro e Salvaguarda dos Cantos Sagrados da região de Milho Verde, que envolvem as toadas dos catopês e da marujada e os vissungos. A carta foi entregue em mãos ao então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, durante um evento ocorrido no município de Serro/MG, e estava assinada também pelos representantes do Instituto Milho Verde, da Secretaria de Cultura do município de Serro e da Fundação Universitária Vale do Jequitinhonha/FUNIVALE. Junto à carta, os proponentes do pedido encaminharam duas declarações de anuência por parte de dois cantadores do vissungos, Sr. Ivo Silvério da Rocha e Sr. Crispim Veríssimo, sendo o primeiro também signatário de pedido de reconhecimento dos cantos das guardas dos catopês. Também foram

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 508

anexadas informações complementares sobre o bem cultural, tais como o texto “Notas sobre Milho Verde e seus Cantos Sagrados”, além de cópias de matérias publicadas em jornais e revistas, vídeos, fotografias e gravações sonoras dos referidos cantos.

Na justificativa para o Registro, os proponentes do pedido mencionaram a oportunidade gerada pelo Decreto n.º 3.551/2000 para que tradições culturais ligadas a grupos sociais situados historicamente à margem das ações preservacionistas no país fossem identificadas, reconhecidas e preservadas, como

> é o caso dos grupos cantadores e dançantes de Milho Verde, em triplo sentido desprivilegiados: enquanto habitantes da zona rural com suas infraestruturas precárias, como membros da camada socioeconômica mais pobre e como afrodescendentes que ainda hoje carregam as consequências da marginalização ao longo do tempo (Iphan,2005, p.1)

A ACMVA e os demais signatários da carta assinalaram também que os Cantos Sagrados de Milho Verde estavam ameaçados pela rapidez das transformações sociais que estavam acontecendo na região do Serro, tais como aquelas relacionadas ao turismo cultural e seu impacto na espetacularização das festas e das tradições culturais, que, além de enfraquecer as condições de transmissão dos cantos, representariam riscos também para a própria estabilidade do sistema sociocultural local. Nesse sentido, asseveraram a importância do Registro para favorecer ações de proteção aos direitos coletivos de imagem e de propriedade intelectual, e para promover ações que favorecessem aos seus guardiões continuar produzindo e transmitindo às gerações mais jovens as práticas, técnicas e conhecimentos ligados a seus “cantos sagrados”.

A primeira providência tomada pelo Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do Iphan em relação à proposta de Registro foi a realização de uma visita técnica aos grupos signatários da carta com o intuito de conhecer mais de perto o bem



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 509

cultural e compreender melhor a motivação dos proponentes. A visita técnica ocorreu entre os dias 19 e 25 de setembro de 2005 e buscou acompanhar os preparativos e a ocorrência da Festa de Nossa Senhora do Rosário – celebração diretamente ligada à atuação das guardas de catopês e marujadas na região de Milho Verde. A visita foi realizada pelos técnicos Marcus Vinícius Garcia (Gerência de Identificação) e Fabíola Cardoso (Gerência de Registro) que, após reuniões, entrevistas e diálogos com diversas pessoas e instituições relacionadas às expressões da cultura popular local, participaram dos festejos e elaboraram dois relatórios de viagem.

De acordo com o primeiro relatório, elaborado por Marcus Vinícius Garcia, a demanda dos proponentes ao Iphan se originava no problema da expropriação dos Cantos Sagrados e na exploração não autorizada da imagem dos grupos e das manifestações culturais associadas à Festa de Nossa Senhora do Rosário. A insatisfação dos grupos congadeiros locais com a maneira pela qual pesquisadores, divulgadores e turistas realizavam a documentação audiovisual, fonográfica e fotográfica dos grupos, durante as festividades, foi o que os levou a procurar o poder público federal, vendo no Registro do Iphan um caminho para garantir os direitos relativos à preservação e a autodeterminação sobre as formas de expressão ali existentes (Iphan, 2005, p. 24-26).[141]

Em setembro de 2006, a ACMVA solicita formalmente ao Iphan apoio para o treinamento dos pesquisadores do projeto "Tradições dos Cantos Sagrados de Milho Verde" (Convênio 414/2005 FNC/MinC) na metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). De acordo com Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, após a visita em campo realizada no ano anterior, havia sido planejada a contratação de serviços para realizar o INRC sob supervisão direta do DPI,

[141] Sobre o problema da expropriação dos cantos sagrados de Milho Verde, vale assinalar que o relatório técnico menciona que foi relatado pela comunidade o caso da gravação não consentida do canto "Cuenda", pelo músico Marcos Viana, que foi posteriormente interpretado e gravado na voz de uma cantora para fazer parte da trilha sonora da novela Chica da Silva, realizada pela emissora original Rede Manchete, reexibida no SBT.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 510

e com apoio administrativo e financeiro sob a responsabilidade da ACMVA. Além da produção de documentação por membros da comunidade, o INRC realizaria oficinas e encontros com os mestres locais para discutir estratégias para o repasse e relembrança dessas tradições orais. Houve, no entanto, problemas administrativos e orçamentários que inviabilizaram o aporte de recursos para o INRC e, consequentemente, o inventário não foi realizado, tal como consta no Memorando n.º 682/2006 GI-DPI de 31 de outubro de 2006, e na Informação Técnica n.º 02/2006 de 24 de novembro de 2006.

Em fevereiro de 2022 foi emitida a Nota Técnica n.º 2/2022/COREG/CGIR/DPI, que realizou a avaliação técnica preliminar da proposta de Registro dos Cantos Sagrados de Milho Verde/MG. Segundo este documento, ainda que muito tempo tenha transcorrido desde que a proposta de Registro foi entregue ao Iphan, o respectivo processo não chegou a ser levado para a apreciação da Câmara Setorial de Patrimônio Imaterial (CSPI), criada pouco tempo depois do encaminhamento do pedido, pela Resolução n.º 001/2006. Entretanto, levando-se em consideração a boa prática de análise instituída pela CSPI, e considerando que as propostas da sociedade civil devem ser avaliadas pelo Iphan em caráter preliminar a fim de subsidiar a apreciação da CSPI sobre a pertinência do Registro para o reconhecimento como patrimônio cultural do Brasil, o Iphan procedeu à avaliação através da referida Nota Técnica.

Tal documento esclareceu que a proposta de Registro do Cantos Sagrados de Milho Verde se refere a práticas e expressões musicais que envolvem canto, dança e performance associadas a rituais religiosos, as quais são condizentes com as categorias de bens imateriais dos Livros de Registro. No entanto, com relação aos cantos vissungos, a Coordenação de Registro (COREG/CGIR/DPI) sublinhou que, no tocante à transmissão dos conhecimentos e das práticas sociais que lhes são correlatas para gerações mais jovens, seriam nítidas as diferenças entre esses cantos



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 511

e aqueles entoados pelas guardas dos catopês e marujadas. No caso dos vissungos, coloca-se claramente um problema de continuidade dessa tradição, enquanto que nas guardas de catopês e marujadas de Milho Verde percebe-se que a produção, a reprodução e o repasse dos conhecimentos e das práticas sociais mantêm-se vívidos no cotidiano da comunidade local.

Finalmente, em novembro de 2022 realizou-se reunião da CSPI na qual foi analisada a Nota Técnica supracitada, aprovando "a pertinência da instrução técnica voltada aos Cantos dos Catopês e dos Marujos, com indicação de sua incorporação ao processo de Registro do Congado/Congadas/ Reinado", recomendando "que seja avaliada a possibilidade de inclusão dos cantos Vissungos como memória de referência cultural das comunidades congadeiras de Milho Verde/MG" (Ofício Nº 1619/2022/DPI-Iphan).

2. Milho Verde e seus Cantos Sagrados

Milho Verde é um distrito do município de Serro, próximo à Diamantina, fundado em meados do século XVIII, assumindo importante papel na exploração das minas devido à abundância de diamantes e ouro. Entretanto, apesar do garimpo ter sido a sua principal atividade produtiva durante um longo período, essa prática tem diminuído bastante, já não sendo capaz de gerar renda suficiente para o sustento dos moradores. Com uma população de 1.275 habitantes em 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com parte significativa dela vivendo na área rural, Milho Verde situa-se em uma das regiões mais vulneráveis economicamente do Brasil, onde as políticas públicas ainda são muito deficitárias. Devido às escassas possibilidades locais de trabalho e geração de renda, a população do distrito enfrenta um quadro de êxodo e exclusão social, no qual muitos jovens, pressionados a contribuir

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 512

na renda familiar, saem para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida, de modo que parte deles nem chega a completar o ensino médio (Iphan, 2005).

Contudo, como mencionam os proponentes do pedido de Registro, apesar das precárias condições sociais, a riqueza natural de Milho Verde se sobressai até mesmo aos olhos menos atentos. Em meio a inúmeras nascentes que se unem para dar vida ao Rio Jequitinhonha, são encontradas toda sorte de belezas naturais como cachoeiras, lapas, inscrições rupestres, picos e vegetações abundantes que, indiscutivelmente, vêm influenciando o modo de vida dos moradores dessa região (FARNESI NETO, 1997). Essa abundância natural, se num determinado momento da história esteve associada a um contexto de vida sofrida de seus moradores – dependentes da exploração de diamantes numa sociedade escravocrata e opressora – por outro lado também possibilitou o surgimento de manifestações de caráter popular e de matriz africana e afro-brasileira que visivelmente direcionaram suas atividades em um sentido criativo e fortalecedor da autoestima e da identidade das comunidades locais. Desta forma, Milho Verde tem assumido um papel fundamental na região, como um local aberto à necessidade de estruturar-se para poder devidamente compartilhar suas belezas naturais e riquezas culturais.

É neste contexto que se destacam os Cantos Sagrados de Milho Verde, que são aqueles entoados pelas guardas de catopê e de marujada – cada uma com suas especificidades – no contexto das celebrações em honra à Nossa Senhora do Rosário. Incluem-se aí, também, os chamados vissungos, que são cantos ritualísticos, entoados em cerimónias fúnebres ou no contexto da lida nas lavras diamantíferas – os chamados cantos de trabalho –, sobretudo pelos indivíduos das comunidades afrodescendentes que habitam a região. Adensados pela riqueza das diversas práticas culturais que lhes conferem sentido, esses cantos sempre exerceram, e lutam

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 513

atualmente para continuarem exercendo, uma importante função identitária para a sua comunidade.[142]

Para os proponentes do pedido de Registro, tanto o turismo cultural quanto a intensificação da pesquisa acadêmica na região representam importantes possibilidades de revalorização dessas tradições. No entanto, incluem também o crescente risco da ocorrência de pressões sobre membros dos grupos congadeiros para subordinarem os conceitos da cultura local a expectativas e imagens vindas de fora (Iphan, 2005).

Nesse sentido, buscando formas de organização que pudessem melhorar as condições de atuação das guardas de modo a garantir a espontaneidade e a expressividade que lhes são inerentes, os integrantes das guardas de catopê e da marujada criaram uma associação cultural de caráter comunitário para ajudá-los a responder aos seus anseios e demandas. Assim, nasceu a Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA), que possibilitou aos grupos visualizarem novas conquistas. Como relatado na documentação compilada no pedido de Registro, a associação lhes trouxe a oportunidade inédita de estruturação enquanto instituição cultural oficialmente legalizada, propiciando-lhes um enorme estímulo para a promoção da cultura local e regional e para a realização de discussões vivazes sobre os caminhos a serem seguidos pelos grupos congadeiros.

Além disso, é importante registrar que existem duas comunidades remanescentes de quilombos situadas no entorno de Milho Verde: Ausente e Baú. De acordo com um dos relatos da visita técnica realizada na região em 2005, Ausente contava com aproximadamente 70 casas, sendo cruzadas pelo Rio Jequitinhonha que

[142] "Terra Deu, Terra Come", documentário brasileiro de 2010, documenta e ficcionaliza de maneira impressionante os saberes de um dos mestres de vissungos da região, senhor Pedro de Alexina, quilombola de Quartel do Indaiá, em Diamantina (MG), e que colaborou na direção do filme realizada por Rodrigo Siqueira.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 514

subdivide a comunidade em Ausente de Baixo e Ausente de Cima. Baú, por sua vez, é um pouco menor, tendo à época cerca de 20 famílias e distando 10 Km de Milho Verde, abrigando no seu entorno as ruínas de uma antiga senzala. Os moradores de ambas as comunidades mantêm relações de parentesco entre si e também culturais, sendo que alguns deles, de credo católico, fazem parte da Guarda de Catopê de Milho Verde (Iphan, 2005).

Quanto às condições de vida, as pessoas que moram nessas comunidades trabalham de sol a sol, incluindo o cultivo de milho, mandioca, cana, feijão e arroz, além da lida agora solitária no garimpo, com suas peneiras e bateias, que pouco conseguem extrair das já esvaziadas jazidas que ainda persistem na região. Além disso, como assinala Vanessa High (1997), a maior parte das pessoas residentes não é proprietária das terras onde vivia e trabalhava, ainda que conseguisse traçar no tempo até três gerações da mesma família trabalhando na mesma terra, a qual invariavelmente tem diminuindo de tamanho conforme as fazendas ao redor vão aumentando. Soares Filho (1988) também reforça essa informação, apontando que a falta de documentação que comprove a posse da terra faz com que muitos residentes dessas comunidades fiquem sujeitos à grilagem.

Outra questão importante referente a essas comunidades diz respeito à linguagem e aos cantos vissungos. Segundo uma publicação do CEDEFES (2005), anexa à documentação do Processo Administrativo em referência, a ascendência dos moradores dessas comunidades é banto (África Ocidental), de modo que o dialeto falado por algumas pessoas é típico de certas regiões do continente africano. Como veremos, o fato de serem cantados em dialeto crioulo, num misto de reminiscências de línguas de matriz banto com o português é um aspecto fundamental dos cantos vissungos. Os cantos do catopê e da marujada também contêm, em menor escala, termos que remetem a essa herança africana no linguajar local. Além disso, todas

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 515

essas manifestações são expressamente peculiares a uma tradição oral que, em certas relações sociais, são insubstituíveis por outras formas de comunicação.

É, portanto, neste contexto mais amplo que se situa o pedido de Registro dos Cantos Sagrados de Milho Verde como Patrimônio Imaterial do Brasil.

3. As Guardas de Catopê e da Marujada

O catopê e a marujada da região de Milho Verde inserem-se nas tradições de cunho religioso e cultural da devoção ao Rosário, que, no Brasil, tem continuidade até os dias atuais nas tradições dos Reinados, Congados e Congadas com seus cantos valorizados pelos instrumentos que os acompanham, além das indumentárias e danças características, a atuação dessas guardas expressando a devoção popular de matriz africana aos santos identificados ao catolicismo. O plano sonoro estabelecido pelos grupos cantantes e dançantes durante esses festejos é percebido pelos participantes como fundamental, sendo que uma Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde não acontece sem a atuação das Guardas de Catopê e Marujada (Iphan, 2005).

Historicamente, em vilarejos rurais e bairros urbanos do estado de Minas Gerais, são os membros de irmandades católicas de ordem terceira que fazem as festas aos santos padroeiros dos escravizados negros como São Benedito e Santa Efigênia, e a Nossa Senhora do Rosário, instituindo monarcas na terra, reis perpétuos de uma comunidade e festeiros coroados como reis do ano. De acordo com o texto *"Notas sobre Milho Verde e seus cantos sagrados"*, que é uma compilação de bibliografias relativas aos campos da história, da etnomusicologia e das ciências sociais e que foi anexada à proposta de Registro pelos proponentes do pedido, o primeiro registro de uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na região do Serro data de 1728. Há também o registro da formalização de uma Irmandade do Rosário em

Milho Verde datado de 1863, mas há indícios de que essa Irmandade tenha sido criada antes, ainda em 1853-54. Exceto por alguns registros contábeis que mencionam o pagamento de músicos para acompanhar a Irmandade do Rosário e algumas descrições de viajantes a partir do século XIX, são raras as referências à participação de conjuntos musicais nas Festas do Rosário antes do século XX, quando, então, a tradição dos cantos se tornou forte. A referência mais antiga ao catopê em Milho Verde data de 1876.

Mesmo que a Festa do Rosário em Milho Verde não tenha sido realizada durante alguns anos, os grupos dançantes e cantantes mantiveram seus cantos com grande estabilidade nas letras e melodias, como mostra uma comparação das primeiras gravações sonoras feitas em 1944 com os registros dos últimos anos. Além disso, por se tratarem de manifestações necessariamente espontâneas, em que o compromisso dos seus participantes está intimamente ligado à crença no reinado de Nossa Senhora do Rosário, ou ainda aos demais santos religiosos identificados ao catolicismo como, por exemplo, São Benedito ou São Sebastião, o que se verifica de antemão é a enorme interdependência das atuações do catopê e da marujada com as festas religiosas dedicadas a tais santos.

O referido texto também aborda que, pelos registros de história oral, pode-se afirmar que grande parte dos catopês existentes em Milho Verde no começo do século XX teve origem na comunidade quilombola do Baú, de onde até hoje uma parte dos dançantes catopês é proveniente. Suas músicas vêm sendo passadas oralmente de geração para geração, embora muitas delas tenham se perdido. À época do pedido de Registro, a Guarda de Catopê de Milho Verde contava com aproximadamente oitenta cantos, guardadas pelo senhor e mestre (ao que chamam de “patrão”) Ivo Silvério da Rocha, e cujos motivos variam entre homenagens, lamentações, críticas, xingamentos e agradecimentos.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 517

De acordo com a documentação anexa ao Processo Administrativo, o fardamento (ou vestimentas) usado no Catopê varia de acordo com o papel desempenhado pelos membros no grupo. A maior parte deles está disposta em duas alas que se estendem numa fila em linha reta e suas fardas são compostas por saiotes, anáguas por debaixo dos saiotes, capacetes de penas e espelhos, lenços para cabeça (usados por baixo dos capacetes) e lenços de bolso amarrados nas costas. O "patrão", cujo papel é orientar o grupo e puxar os cantos, usa a seguinte indumentária: farda vermelha (calça com elástico), blusa vermelha, enfeites de fitas coloridas, capacete de penas e espelhos e bengala. O "contramestre", que auxilia diretamente o patrão percorrendo entre as alas, podendo inclusive assumir suas funções, utiliza: farda verde (calça com elástico) e blusa verde, enfeites de fitas coloridas, capacete de penas e espelhos e bengala. Já o "*carunjijia*" atua no chamado "coice", ou fim das alas, utilizando as seguintes vestimentas: farda amarela (calça com elástico) e blusa amarela, capacete de penas e espelhos e bengala. Cabe também ao "*carunjijia*" carregar algum tipo de medicamento, geralmente algum composto de raízes, para emergência. Antigamente, utilizava para isso o chamado "*caborge*", uma espécie de bolsinha onde também eram carregados cachimbos, fumo, etc. Finalmente, quanto aos instrumentos, é importante frisar que eles são praticamente todos construídos pelos participantes, utilizando materiais como bambu, troncos de árvores, couros de boi e tampinhas metálicas de garrafas. São eles: caixas (espécie de pequenos tambores), tamborins (com formato quadrado), pandeiros, xiquexiques e cubas (reco-recos de bambu).

Já no caso da marujada, a documentação esclarece que a mesma pode ser considerada uma expressão cultural característica do Alto Jequitinhonha, pois existe em vários lugares dessa região. A tradição maruja provavelmente foi introduzida ao longo do século XIX por migrantes do nordeste brasileiro. Assim como o catopê, seus cantos são transmitidos de geração a geração, e são também entoados em

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 518

homenagem ao rei, rainha, padre, festeiros e, principalmente, louvando Nossa Senhora do Rosário. Vale ainda ressaltar que, durante as atuações do grupo, podem ser incluídas apresentações de figuras tradicionais como o Boi, a Burrinha, a Embarcação ou o Serrador. O fardamento dos marujos também é diversificado dentro do grupo. Basicamente, a disposição de seus componentes se dá de maneira análoga ao catopê, e a vestimenta dos chamados "gajeiros", que são a maioria dos componentes, é composta por blusas de mangas compridas, enfeitadas com fitas e rendas de várias cores, calças brancas, bonés (antigamente de papelão) com espelhos e fitas. O "patrão" responsável pela orientação e pelas marchas é fardado com blusa verde ou azul, calça branca e bengala. Por fim, tanto o "contramestre" como o "doutô" que compõem o grupo utilizam a mesma farda que o "patrão". Em relação aos instrumentos, também os membros da Marujada são os responsáveis pela sua construção, com materiais simples e reutilizados. São eles: pandeiros, caixas, tamborins, xiquexiques (ou cruzetas) e sanfona.

4. Vissungos

Os Cantos Sagrados de Milho Verde incluem também as reminiscências dos vissungos, que são cantos ritualísticos que foram produzidos e incorporados ao quotidiano da escravidão no Brasil e que eram entoados para aliviar os momentos extremamente árduos do dia a dia, sobretudo na mineração. Nesse contexto, constituíram uma importante forma de comunicação entre os trabalhadores escravizados que se comunicavam por meio de mensagens cifradas e sigilosas e que, desta forma, podiam estar fora do controle dos senhores e das autoridades. Ademais, esses cantos, além de contarem a história da religiosidade e dos costumes dos antepassados afrodescendentes, preservaram resíduos de línguas africanas e são as

últimas representações delas no interior das comunidades que os entoam (Iphan, 2005).

Há uma extensa quantidade desses cantos partiturada no clássico estudo *"O Negro e o Garimpo em Minas Gerais"*, de autoria do linguista e filólogo Aires da Mata Machado Filho, publicado pela primeira vez em 1943. Esse autor sistematizou os cantos vissungos de acordo com a ocasião, sendo cantados temas de trabalho, de enterro ou de pagamento de multa, cantos da manhã, cantos do meio dia, pedindo licença para cantar, cantigas de rede e de caminho, dentre muitos outros. Contudo, desde essa época parece ter havido uma progressiva obsolescência dos vissungos. A Informação Técnica n.º 002/2006, de 24 de novembro de 2006, recupera o contexto histórico de transformação desses cantos, no qual tanto o declínio da mineração quanto as mudanças sociais que ocorreram a partir do século XX transformaram o cotidiano no qual se davam essas práticas. Os cantos de enterro foram os que perduraram mais tempo, e se ligavam a outra prática social. Era necessário levar o defunto que morria nas localidades mencionadas para o cemitério dos respectivos distritos. Como não tinham acesso a meios de transporte, como carro de boi ou similar, e a estradas de melhor estrutura, eles levavam o defunto enrolado numa rede, amarrada em um pau apoiado nos ombros por dois homens, e os acompanhantes, que revezavam o carregamento, iam cantando os vissungos ao longo de tortuosos caminhos. Ao longo do tempo, com a pavimentação nestas localidades e com a chegada do carro (às vezes, funerário), a realização dessa prática social foi sendo desativada.

Assim, como mencionado no relatório de viagem da técnica Fabíola Cardoso, as mudanças nas relações de convívio e trabalho, bem como nas condições das estradas e dos transportes na região de Milho Verde foram elementos decisivos de modificação dos sentidos e usos dos cantos vissungos pelas gerações mais jovens, de modo que os mesmos não vinham se mantendo como referências culturais e linguísticas, antes mesmo de 2005, quando o pedido de Registro foi formulado.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 520

Corroboram essa ideia as pesquisas de Lucia Valeria Nascimento (2005), publicadas sob o título "*África no Serro Frio – Vissungos*: *uma prática social em extinção*", através das quais a pesquisadora realizou um interessante estudo comparativo entre os vissungos colhidos por Aires da Mata Machado Filho na década de 1930 e aqueles coletados por ela nos anos 2001 e 2002, na mesma região, inclusive na comunidade de Ausente. Segundo a autora, dos 65 cantos registrados por Machado Filho, apenas 14 foram lembrados pelos cantadores em sua pesquisa. A partir dos dados de campo e de sua análise integrada às influências de ordem socioeconômica e histórica, ela afirma que parte da cultura da população negra das comunidades de Quartel do Indaiá e Ausente, a saber, sua língua, encontra-se em franco processo de desaparecimento. Segundo a autora, os vissungos estão quase extintos, não apenas devido à morte dos cantadores, mas também por conta de questões de ordem social, ligadas ao apagamento dos contextos que amparavam e possibilitavam esses cantos.

Outras possíveis causas para isso seriam a falta de estímulo para as práticas, diante de adversidades do cotidiano de homens e mulheres modestos, trabalhadores rurais, o que gera dificuldades para manter ativa a sua cultura. A presença de igrejas evangélicas coibindo práticas religiosas, rituais e manifestações em língua própria também parecem ser elementos decisivos. Além disso, Nascimento (2005, p.07) assinala que, por terem sido, no passado, práticas sociais realizadas em grupo e tendo havido desarticulação das comunidades com supressão dessas práticas, restam aos cantadores apenas as reminiscências que trazem na memória: "a falta do respondedor, que dentro do contexto interno dos cantos completa a sequência de atos impossibilita a realização dos cantos. Quando o cantador os evoca, não vem o reforço, o apoio mútuo dos outros cantadores."

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 521

5. Os grupos sociais envolvidos

À época do pedido de Registro, os dois grupos – Catopês e Marujadas – da região de Milho Verde tinham juntos aproximadamente oitenta membros, além de muitas pessoas ligadas às suas atividades. A maior parte desses integrantes se encontrava na faixa de idade entre 35 e 70 anos, era de origem negra e formada por trabalhadores rurais, pedreiros ou de ocupação similar, além de alguns jovens e crianças, muitos deles filhos dos próprios dançantes adultos. No caso da marujada, a quantidade de crianças participando era destacada. É importante assinalar também que, de acordo com os proponentes do pedido de Registro, os jovens das comunidades, embora presentes nas festas, encontravam-se pouco motivados a participar dos festejos e dos momentos de apresentação dos grupos, sendo que é justamente nesses momentos que os integrantes adultos transmitem não só os cânticos, mas diversos conhecimentos locais para as gerações mais novas. Como já mencionado, dentre os motivos percebidos para a baixa participação da juventude nos grupos congadeiros locais, está a pressão social para inserção, cada vez mais cedo, no mercado de trabalho e a falta de perspectivas locais de geração de emprego e renda. Apesar de haver um fluxo de turismo local, que acontece por ocasião das festas, são estes os momentos em que também surgem oportunidades de trabalho informal para os jovens na localidade (Iphan, 2005).

É importante assinalar também que um dos atores sociais fundamentais no contexto dos Cantos Sagrados de Milho Verde tem sido a já mencionada Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA) – autora do pedido de Registro ao Iphan. Sua fundação partiu da iniciativa dos integrantes dessas duas guardas e do desejo de que sua arte permaneça viva entre os moradores da comunidade. Nesse sentido, um dos objetivos da Associação é, justamente, revitalizar as raízes tradicionais do Catopê e da Marujada, transmitindo às

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 522

novas gerações a importância de suas tradições historicamente estabelecidas (ACMVA, 2005).

Com relação ao vissungos, vale ressaltar que, na época em que pedido de Registro foi encaminhado ao Iphan, somente os senhores Ivo Silvério e Antônio Crispim Veríssimo - este último falecido em 2008 -, moradores da região de Milho Verde, dominavam com maior proficiência esses cantos e um considerável vocabulário do dialeto crioulo que havia sido de uso corrente durante o período áureo da mineração, sobretudo nos século XVIII e XIX, e que começou a ser inutilizado a partir de meados do século XX.

6. Sugestões de ações para a Salvaguarda

As comunidades negras da região de Milho Verde – marcadas pelo garimpo de ouro e diamantes e condições de trabalho sobredeterminadas por uma sociedade escravocrata e profundamente desigual – expressam sua religiosidade afro-brasileira e popular por meio da atuação expressiva das guardas de catopê e da marujada e das reminiscências dos cantos vissungos. No entanto, como em tantos outros lugares, essas tradições culturais vêm correndo sérios riscos de desaparecimento devido às dificuldades socioeconômicas, às desigualdades sociais e às transformações históricas e ambientais a que estão expostas, e que acarretam instabilidades no sistema sociocultural local.

Além disso, como relata a Associação Cultural e Comunitária do Catopê e da Marujada de Milho Verde e Adjacências (ACMVA), autora do pedido de Registro, por se tratarem de manifestações necessariamente espontâneas, em que o compromisso dos participantes está intimamente ligado à crença no reinado de Nossa Senhora do Rosário ou aos demais santos religiosos católicos como, por exemplo, São Benedito ou

São Sebastião, verifica-se também uma enorme interdependência das atuações do Catopê e da Marujada com as festas religiosas dedicadas a tais santos. Isso acaba por gerar dificuldades para reunir os grupos em situações que não necessariamente voltadas a tais festividades, como os ensaios ou até mesmo reuniões para a transmissão de conhecimentos por seus responsáveis (os patrões), e que vão desde as marchas (ou cantos) e os toques dos instrumentos, às danças e às histórias envolvidas.

Nesse sentido, e diante das fragilidades dessas manifestações populares, cuja continuidade mostra-se extremamente dependente da transmissão de suas tradições às novas gerações, é imprescindível o estímulo e o apoio a ações para a salvaguarda que assegurem a transmissão intergeracional de suas expressões artísticas, rituais, atos festivos, técnicas artesanais e práticas sociais e linguísticas, bem como para o enfrentamento das problemáticas do acesso não autorizado às sonoridades e às visualidades dessas expressões culturais. A percepção dessas vulnerabilidades aponta também a necessidade de mais pesquisas que possam promover a atualização e a qualificação da documentação relativa aos Cantos Sagrados de Milho Verde, incluindo os "detentores/produtores" desses bens culturais como sujeitos pesquisadores dessas manifestações, com o intuito de subsidiar ações mais adequadas e pertinentes para a sua salvaguarda. Esse processo deve ter, portanto, a participação das comunidades diretamente envolvidas, e precisa ser monitorado ao longo do tempo, para avaliação periódica da eficácia das medidas, procedendo-se ajustes, correções ou reelaborações, quando necessário.

Por fim, levando-se em conta a antiguidade histórica dos Cantos Sagrados de Milho Verde e a inconteste resiliência e resistência dos povos afrodescendentes que habitam a região, é inegável o seu mérito cultural para o Registro como Patrimônio Cultural do Brasil. De toda forma, é absolutamente necessário o desenvolvimento de ações de proteção e de valorização dos grupos congadeiros locais para que estes



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 524

possam fortalecer a continuidade de suas práticasculturais frente às interferências externas e continuar atuando de maneira espontânea e expansiva. Com relação aos cantos vissungos, se fazem necessárias pesquisas futuras que contemplem aspectos ainda não compreendidos desses cantos visando, sobretudo, o entendimento da sua situação atual e a imprescindível construção social das memórias relativas a essas práticas na região de Milho Verde.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 525

Referências:

ACMVA. **Proposta para a construção de um Centro Cultural**. 2005. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 1. 2005-2022.

CEFEDES. **Histórias que se cruzam**. 2005. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 1. 2005-2022.

FARNESI NETO, P. Apenso II. **Serro: Patrimônio do Sertão, 1997** In: Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Anexo 2. 2005-2022.

HIGH, Vanessa. Descendentes de escravos perdem identidade. **Magazine Blequitude**, Belo Horizonte, abr. 1997. In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Vol. 1. 2005-2022.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66 (pedido de Registro dos Cantos Sagrados de Milho Verde como Patrimônio Imaterial do Brasil), vol. 1 e anexos 1,2 e 3.** Belo Horizonte, 2005.

MACHADO FILHO, A. M. **O Negro e o Garimpo em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985.

NASCIMENTO, L. V. **A África no Serro Frio – Vissungos: uma prática em extinção.** Cadernos do CNFL, Série II, nº 12, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-01.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOARES FILHO, Ney. **Em cem anos: da escravidão à miséria.** In: Iphan. Processo Administrativo n.º 01450.005406/2005-66, Vol. 1 2005-2022.

Anexo 7 - Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO) e o Pedido de Registro

Introdução

Neste anexo é apresentada a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão (GO), cujo pedido de reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil foi encaminhado ao Iphan pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Catalão em abril de 2022. Descrita pelos solicitantes como "parte da identidade de moradores do interior de Goiás", a "Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário" conta com a participação dos ternos de congo, moçambique, catupé, vilão e marujeiro de Catalão e de outras cidades, tanto de Goiás quanto do Triângulo Mineiro (MG). Realizada desde 1876, sua história "se entrelaça a do município de Catalão (GO) que se confunde com a da própria Irmandade" (Iphan, 2022).

Inicialmente, será apresentada uma breve contextualização do pedido de reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário como Patrimônio Cultural do Brasil e de sua incorporação ao processo de Registro dos Reinados, Congados e Congadas, seguida de uma apresentação da área de abrangência e do perfil sociodemográfico da cidade de Catalão. Mais adiante, as celebrações relacionadas à Festa de Nossa Senhora do Rosário são descritas e algumas características centrais das Congadas de Catalão, que fazem parte intrínseca das festividades de Nossa Senhora do Rosário, são delineadas. Segue-se, então, um histórico sintético das congadas em termos de seu surgimento, transformações e contexto contemporâneo de inserção. Por fim, são aventadas algumas sugestões para ações de salvaguarda dirigidas ao bem a partir da identificação dos principais desafios atualmente enfrentados pelos congadeiros na perpetuação de seus saberes e práticas ancestrais.



1. O pedido de reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão como Patrimônio Cultural do Brasil e sua inclusão no processo de Registro dos Reinados, Congados, Congadas

Em abril de 2022, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Catalão/GO encaminhou pedido de reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão como Patrimônio Cultural do Brasil à Superintendência do Iphan em Goiás. Tendo em vista que essa Superintendência está envolvida com o processo de Registro dos Reinados, Congados, Congadas junto às Superintendências do Iphan em Minas Gerais e São Paulo, a técnica responsável pelo acompanhamento desse processo em Goiás solicitou uma reunião com o Departamento de Patrimônio Imaterial/DPI/Iphan e com as técnicas do Iphan-MG responsáveis pela coordenação do processo de Registro, com o objetivo de informar sobre o pedido de reconhecimento da festa de Catalão e verificar qual seria o melhor encaminhamento a ele pertinente.

Nesta reunião, ponderou-se que o reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão já estaria contemplado com o Registro dos Reinados, Congados e Congadas, por ser a Festa parte constitutiva desse bem cultural. Propôs-se, então, que fosse feito convite aos representantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Catalão, proponentes do pedido de reconhecimento da Festa, para uma reunião com o Iphan, para informação dos entendimentos construídos até então pela área técnica da autarquia e para a verificação, junto aos requerentes, se estariam de acordo com a incorporação de seu pedido de reconhecimento ao processo em curso. A reunião com os solicitantes foi realizada em maio de 2022, e os presentes concordaram com a incorporação do pedido de reconhecimento da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão ao processo de Registro dos Reinados, Congados e Congadas em andamento.

2. Catalão e a devoção ao Rosário

As múltiplas manifestações dos Reinados, Congados e Congadas no Brasil abrangem uma extensa área, contando com um número superior a 700 festas no estado de Minas Gerais (Iphan, 2014) e pelo menos vinte no estado de Goiás. No estado de Goiás, tem-se registro de ocorrência de Congadas em cerca de vinte municípios e, dentre esses, notadamente em Goiânia, Pirenópolis e Santa Cruz (no Centro); Cidade de Goiás e Niquelândia (no Norte) e em Cumari, Goiandira, Ipameri, Ouvidor, Pires do Rio, Três Ranchos (no Sul do estado) e Catalão (extremo Sudeste) (SILVA,2016).

Em fins do século XIX, a expansão da fronteira agrícola de Minas Gerais em direção ao estado de Goiás desencadeou a intensificação das práticas devocionais da população africana e afrodescendente escravizada neste estado, como foi o caso das Congadas que firmaram sua expressão no território da atual Catalão. Dessa migração se explica a grande representatividade, em vários municípios goianos, da celebração de Nossa Senhora do Rosário, havendo uma grande variedade de ritos destinados a essa devoção: levantamento de bandeiras, cortejos, novenas, procissões, por exemplo (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

O município atual possui uma área de aproximadamente 4.197 km², situado na fronteira sul/sudeste com o estado de Minas Gerais, mais especificamente com o Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro, e está a 253 km da capital do estado e a 259 km de Brasília. Catalão se destaca no cenário regional em razão de seus desenvolvidos setores da mineração e agropecuário, que a posicionam como uma das cinco maiores economias de Goiás. O acesso à cidade é facilitado pela existência de boa malha ferroviária e rodoviária, possuindo a cidade também pista de pouso para aviões de pequeno e médio porte. A gênese do município está vinculada à expansão das

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 529

explorações de recursos minerais em meados do século XVII, quando bandeirantes se estabeleceram na região, funcionando com estalagem e ponto de apoio para comercialização de víveres para aqueles que se aventuravam em busca de riquezas. Catalão elevou-se à categoria de vila em 1833 e à de cidade em 1859, tendo recebido seu nome, conforme a versão mais difundida, em virtude de um padre originário da região da Catalunha, na Espanha (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO, s/d).

Após a instalação da Estrada de Ferro Uberlândia-Araguari-Catalão, no início do século XX, a cidade sofreu um acelerado processo de urbanização e crescimento populacional. O padrão de ocupação do núcleo urbanizado do município caracteriza-se pelo adensamento populacional nas regiões mais próximas do vale escavado pelo Rio Pirapitinga, delimitando em suas áreas lindeiras a ereção do sítio urbano, que, progressivamente, se distinguiu em termos de uma área mais "nobre", destinada às principais atividades comerciais e às residências de famílias mais abastadas, e uma região, mais ampla, onde reside a maior parte da população de baixa renda. Com o progressivo crescimento do município de Catalão, impulsionado pela chegada de múltiplas empresas ao município, tal distinção espacial tendeu a diminuir essa demarcação socioespacial (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO, s/d).

A forte religiosidade cristã é também um traço acentuado do perfil sociocultural da população de Goiás. O estado possui variadas expressões culturais marcantes, algumas representando a população generalizadamente, como é o caso das festas em devoção a santos padroeiros, presentes na maior parte dos municípios goianos, e outras específicas de segmentos étnico-raciais, como é o caso das congadas e de certos rituais indígenas, ou próprias de localidades com ocupação de migrantes que buscaram o estado nas últimas décadas (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

O município de Catalão tem na Festa de Nossa Senhora do Rosário a sua principal festividade, atraindo milhares de pessoas, inclusive de outros estados,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 530

durante os onze dias de celebração. A quantidade de ternos presentes, a extensão da programação do festejo e o grande volume de participantes (que reúne número próximo a quatro mil dançadores) tornam a Festa aquela com maior visibilidade no estado de Goiás e o evento cultural de maior importância para o município de Catalão. A Festa de Nossa Senhora do Rosário é, por isso também, um forte elemento de aquecimento da economia local, sobretudo do setor de serviços e daquele voltado ao turismo cultural e de base religiosa (SILVA,2016).

De acordo com os proponentes do pedido de Registro, a Festa acontece durante a primeira quinzena do mês de outubro e Nossa Senhora do Rosário é homenageada por onze dias. Missas, terços e novenas, alvorada, cortejos e procissões compõem a programação. Além disso, durante os dias da Festa são realizados ceias e leilões em um grande rancho, construído com madeira e folhas de babaçu. O Centro do Folclore que pertence à Irmandade e fica ao lado da igreja realiza eventos para arrecadar fundos para a Irmandade e serve refeições para os dançadores. As ruas próximas ao largo do Rosário ficam tomadas por barraquinhas onde se pode encontrar quase tudo: alimentos, roupas, sapatos, brinquedos, utensílios domésticos e de decoração e todo tipo de produtos (Iphan, 2022).

Para que essa grande festa aconteça, um casal de festeiros e sua comissão são fundamentais. Nos primórdios da Festa, os festeiros eram as pessoas responsáveis por arrecadar gêneros alimentícios e preparar as refeições para os dançadores. À medida que a Festa cresceu, o casal de festeiros passou a contar com um grupo de pessoas pertencentes à comunidade católica – a chamada Comissão de Festeiros –, que arrecada verbas e donativos através de leilões de arte e jantares beneficentes, visando, principalmente, os gastos com alimentação da festa. Durante os festejos é essa comissão quem serve as refeições aos dançadores e à Família Real durante a alvorada e também nos outros dias de apresentações dos ternos. O poder público municipal também auxilia na organização do espaço festivo através da doação de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 531

verbas para os ternos e contribuindo também na segurança, limpeza e interdição das ruas para realização dos festejos e celebrações (Iphan, 2022).

Já a apresentação das Congadas durante a Festa é coordenada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, entidade sem fins lucrativos surgida por volta de 1860, que tem entre seus objetivos a construção de apoios para as manifestações religiosas congadeiras. A entidade jurídica surgiu em 06 de maio de 1979, sendo reconhecida pela Lei Municipal número 3.667 de 01/07/2019. A instituição é a pessoa jurídica detentora do imóvel Igreja Nossa Senhora do Rosário, em Catalão, tombado pela Lei estadual 12.926/1.996. O conselho deliberativo da Irmandade é composto por todos os associados efetivos (Reinado, todos os capitães de congo e membros da igreja católica). Dentre seus objetivos, consta:

> perpetuar a devoção à Nossa Senhora do Rosário, cuja origem no Brasil é oriunda do século XVII; representar, administrativamente, juridicamente e culturalmente todos os seus filiados, sejam eles dançarinos de congos, reinado (Reis, Rainhas, príncipes e princesas), capitães, generais, guarda-coroas e outras figuras da congada perante a qualquer autoridade pública, privada ou perante a mídia; coordenar, aconselhar e administrar os trabalhos de entidades afins como a Associação das Congadas e dos Capitães de congo e outras que vierem a existir, conforme disposto no estatuto social destas entidades; comungar com o espírito Cultural e folclórico e artístico dentro do aspecto da diversidade religiosa; administrar o Centro do Folclore, igreja Nossa Senhora do Rosário, Sede Social, e os demais patrimônios da entidade; coordenar todos os trabalhos na realização das festividades anuais oficial da Festa do Rosário em Catalão, promovendo juntamente com as autoridades eclesiásticas festas, novenas, missas, etc.; defender todos os trabalhos e questões ligadas às Congadas; reunir com todos os ternos de congo, reinado (Reis, Rainha, princesas, príncipes , guarda coroas, generais), e com os integrantes da igreja católica a fim de promover e realizar e coordenar as atividades (Estatuto Social da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Catalão, Capítulo I, p.3).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 532

A Irmandade conta com o apoio financeiro e logístico do Governo do Estado de Goiás, da Prefeitura Municipal de Catalão e de empresas patrocinadoras do festejo. Em 2022, após dois anos de paralisação das atividades em função da pandemia de Covid-19, foram investidos aproximadamente 250 mil reais na realização do evento por meio da Secretaria de Cultura (Secult) estadual (SILVA, 2016).

Em termos da apropriação do espaço urbano, para além dos trajetos descritos pelos cortejos nos dias da Festa (os quais são variáveis a depender das casas a serem visitadas), o largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário é o principal lugar de referência para a celebração, sediando as apresentações dos ternos e de outras manifestações culturais vinculadas ao festejo. Outro importante lugar de referência para as congadas é o Museu das Congadas, inaugurado em 18 de agosto de 2013, durante a celebração do aniversário da cidade, nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em um prédio de propriedade da prefeitura municipal. O Museu conta com duas salas amplas e o espaço constitui importante suporte tanto para a realização de reuniões da diretoria das congadas como para o armazenamento do seu numeroso acervo, que inclui fotografias, instrumentos, vestimentas, miniaturas e documentos de referência dos ternos. A importância do Museu para o município pode ser notada por sua presença no Plano Diretor, que enquadra essa instituição na Zona de Especial Interesse do Patrimônio Histórico (ZEPC) (SILVA,2016).

No ano de 2022, aproximadamente dez mil pessoas estiveram presentes nas celebrações, número muito expressivo para o calendário cultural do estado goiano. A oferta de alimentos ao público mais amplo, durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, é feita com a instalação de barraquinhas, estruturas de madeira ou aço cobertas por lona plástica, e pela presença de comércio ambulante, cujos trabalhadores, em sua maioria, ficam localizados em região próxima ao Largo do Rosário, área nobre da sede municipal. Nessa edição, o número de barraquinhas disponíveis chegou próximo de 300, e a prefeitura municipal se encarregou de ceder

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 533

toda a estrutura necessária para a logística e alimentação dos grupos das congadas, realizando repasses financeiros de apoio à sustentabilidade e manutenção de uniformes para cada um dos ternos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO, 2022).

3. As celebrações da Festa de Nossa Senhora do Rosário e as Congadas de Catalão

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada anualmente em Catalão (GO), conta com a participação fundamental dos ternos de congo, moçambique, catupé, vilão e marujeiro tanto da cidade de Catalão quanto de outras cidades do estado e do Triângulo Mineiro (MG). De acordo com representantes das Congadas de Catalão que integram as celebrações, até por volta de 1900 eram poucos os dançadores, que se dividiam em dois grupos (moçambiques e congos). Esses dançadores eram negros, trabalhadores das fazendas da região, que durante os dias de louvor a Nossa Senhora do Rosário, com o consentimento de seus senhores, se uniam em grupos, vigiados de longe pelos fazendeiros para juntos cantarem e louvarem a Virgem do Rosário (Iphan, 2022).

Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário formaram-se agremiações de congos que reuniam pessoas mais jovens e agremiações de moçambiques constituídas por pessoas mais velhas (PRADO, 2003; Iphan, 2022). Mais tarde, em 1973, Nossa Senhora do Rosário se tornou oficialmente a padroeira de Catalão, como reconhecimento da intensa relação estabelecida, desde a sua fundação como vila, com os festejos do Rosário. A partir de 1979, houve a formalização do estatuto e a sede da irmandade, localizada próxima à Igreja do Rosário, tornou-se um espaço de maior representatividade congadeira da região (SILVA,2016).

Conforme descrição dos signatários do pedido de Registro, atualmente existe em Catalão um grande número de ternos que integram o festejo, os quais possuem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 534

suas particularidades ritualísticas, estéticas e de apropriação territorial das ruas da cidade durante as cerimônia, dentre eles: Terno de Congo Pio Gomos, Terno de Congo São Francisco, Terno de Congo Nossa Senhora do Rosário / Nossa Senhora da Guia, Terno de Congo Santa Terezinha, Terno de Congo Nossa Sra. de Fátima, Terno de Congo Sagrada Família, Terno de Congo Congregação do Rosário, Terno de Congo São Benedito, Terno Moçambique Mamães do Rosário, Terno Moçambique Coração de Maria, Moçambique Nossa Senhora do Rosário, Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercedes, Catupé Cacunda São Benedito, Terno Catupé Cacunda Nossa Senhora das Mercedes, Terno Catupé Prata, Catupé Nossa Senhora Aparecida, Terno Vilão Santa Efigênia, Terno Vilão Nossa Senhora de Fátima, Vilão São Jorge, Terno Marujeiro, Terno Marinheiro, Terno do Prego, Terno Filhos do Rosário, Terno Penacho e Terno Mariarte (Iphan, 2022).

A presença dos ternos de congadas na festa é fundamental, pois são eles que demarcam o início e o fim do calendário festivo, uma vez que saem pela primeira vez no momento inicial dos festejos e retornam apenas nos últimos três dias arrematando a sequência de eventos e cerimônias devocionais que movimentam a cidade. A Festa começa na madrugada da primeira sexta-feira do mês de outubro, com a alvorada, que é a abertura oficial do evento. Nesse ritual, os dançadores se reúnem nas casas dos Capitães, de onde partem em procissão silenciosa até o Largo do Rosário para que o padre realize a benção dos instrumentos e das caixas. Nesse ritual eles ainda não estão usando seus tradicionais uniformes coloridos. Pontualmente às três horas da madrugada, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o General da Congada autoriza, com seu apito, o início da festa e todos os ternos dançam, cantam e tocam seus instrumentos. Após a alvorada, a comissão de festeiros e os voluntários servem um café da manhã para os dançadores no Centro do Folclore, que fica ao lado da igreja. As mulheres têm um papel importante na produção dos quitutes e das bebidas servidos, e começam a sua preparação dias antes da festa (Iphan, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 535

No final de semana seguinte, no sábado à noite acontece o levantamento do mastro. Este ritual é marcado por uma procissão que busca as imagens de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito, estampadas em bandeiras, na casa de uma tradicional família da cidade. Os termos seguem, então, levando as bandeiras até o Largo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde elas são hasteadas ao final da missa, em altos mastros de madeira colocados no centro do Largo. Como em diversas outras manifestações de Reinados, Congados, Congadas que ocorrem no Brasil, durante o cortejo acontecem diferentes formas de expressão de fé da população: alguns acompanham a procissão descalços; outros vestem as crianças de anjos, dentre outras formas de cumprir votos firmados com a Santa (Iphan, 2022).

No domingo iniciam-se as visitas. Os dançadores reúnem-se nas casas dos capitães e então saem às ruas pela primeira vez com suas vestimentas coloridas, para visitar casas e estabelecimentos comerciais da cidade. Nas casas visitadas, os congadeiros dançam e rezam e os capitães improvisam músicas para agradecer os moradores pelo convite e também em retribuição aos lanches, almoços ou jantares que recebem. Em seguida, os ternos reúnem-se na Igreja Matriz São Francisco para levar, em procissão, a imagem de Nossa Senhora e de São Benedito até o Largo da Igreja do Rosário, onde acontece, então, a Missa da Congada. Na procissão participam todos os dançadores, o padre e a Comissão de Festeiros, sendo que os ternos de Moçambique acompanham a imagem da Santa e a Família Real. Essa procissão atrai muitas pessoas, que se aglomeram nas calçadas, para ver os ternos passarem, cantando e dançando, até o Largo do Rosário. Antigamente a Missa da Congada era realizada Igreja do Rosário, contudo, atualmente, devido ao seu pequeno porte não comportar o número crescente de fiéis que vem participando da celebração, ela tem sido realizada no Largo, onde é montado um altar. Após a missa, os ternos dançam dentro da igreja e, posteriormente, seguem para mais visitas (Iphan, 2022).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 536

As visitas se estendem, inclusive, na segunda-feira, até o momento da Entrega da Coroa, ritual que marca o encerramento oficial da Festa e faz desse dia o mais importante dos festejos. Tradicionalmente, todos os ternos saíam em procissão, partindo da casa do festeiro do ano para a casa do próximo festeiro para levar a coroa da Santa do Rosário. Mais recentemente, devido ao grande número de devotos que acompanha a cerimônia, monta-se um palanque próximo à casa do novo festeiro. Esse momento, vivido com grande emoção, é marcado pela apropriação das ruas e do espaço urbano, que se converte em um espaço de festa (Iphan, 2022).

Com relação ao modo de organização das Congadas de Catalão que integram a Festa, cabe uma consideração sobre as diferenças que permitem distinguir e identificar os ternos entre si. Essas diferenças dizem respeito tanto ao ritmo e configuração dos instrumentos utilizados, quanto às indumentárias, partituras corporais utilizadas durante as danças, que talvez seja a diferença mais imediatamente perceptível e que permite diferenciar com clareza quando se trata de grupos de moçambique, congo, cacunda, catupé ou vilão (SILVA,2016).

Em termos de hierarquia interna a cada um dos ternos, nota-se a presença necessária de ao menos um capitão, podendo haver também segundos e terceiros capitães, que são os responsáveis pela condução dos ternos, de sua "marcha" específica, e que podem ser identificados pelo uso de seu bastão. Segundo os proponentes do pedido de Registro, é o capitão quem organiza o grupo, os ensaios, confecciona os instrumentos, convida os dançadores para os ensaios, elabora coreografias e compõe algumas músicas. Cada terno possui dois capitães que, juntamente com os caixeiros, organizam o tempo durante as apresentações. Já os caixeiros (guias), são os dançadores mais antigos que marcam o ritmo do terno e carregam as caixas mais pesadas que chegam a pesar cerca de cinquenta quilos. Ficando à frente da fila dos dançadores, são os responsáveis pelo tom grave e forte da Congada e também por ensinar aos mais jovens o manejo das caixas e os ritmos de

cada grupo. Os dançadores mais jovens, por sua vez, são chamados de soldados e compõem as filas que são o corpo do terno, carregando caixas menores ou apenas pequenos pandeiros como nos Ternos de Catupé, ou bastões que simbolizam espadas, como nos Ternos de Vilão. No final da fila de soldados ficam os conguinhos, muitos deles filhos e netos de congadeiros, que estão em processo de aprendizagem da tradição. Outros dançam para "pagar promessa", uma forma de agradecer por alguma graça alcançada, geralmente referente a cura de enfermidades (Iphan, 2022; NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

Há ainda outros cargos cuja presença pode ser meramente simbólica ou que podem de fato desempenhar papéis relevantes tanto na condução das atividades ritualísticas e devocionais quanto na gestão interna dos ternos, tais como o general, que comanda juízes e mordomos. General, especialmente, é a figura de grande poder no comando dos ternos da Congada, para quem todos os capitães devem obediência. É ele que concede permissão para a passagem de um terno por um determinado caminho, impõe ordem na apresentação dos ternos e também media eventuais conflitos. Os ternos podem ainda ser vinculados a uma côrte de Reinado, a qual comporta rei, rainha, príncipes e princesas (Iphan, 2022; SILVA,2016).

Além disso, é importante ressaltar que, durante gerações, a composição dos ternos foi exclusiva de homens, e a entrada das mulheres demarca uma importante transformação contemporânea. Segundo os congadeiros mais antigos, no passado as mulheres sequer participavam como “dançadoras”, tendo posteriormente assumido o posto de portadoras dos estandartes de Nossa Senhora do Rosário e dos demais santos de devoção. O ano de 2005 marcou uma mudança nessa perspectiva com a formação do terno de mulheres Mariarte, criado com o aval dos membros mais antigos da comunidade congadeira da cidade (SILVA,2016).

Além disso, é importante considerar que as congadas são, sobretudo, práticas devocionais de tradição e, nessas práticas, a sonoridade dos ritmos e vozes e a poesia

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 538

dos cantos desempenham um papel fundamental ao estabelecerem pontes de conexão tanto com o conhecimento ancestral carregado pelas toadas como com os santos a que se rende homenagem durante os cortejos. Além de tambores e caixas, usualmente confeccionados de madeira e couro, mais recentemente outros instrumentos foram acrescentados à composição dos ternos, como os pandeiros, os tamborins (através dos quais os capitães ditam a marcação dos ritmos) e as sanfonas que agregam uma linha melodiosa à forte marcação dos instrumentos percussivos. Os ternos de Catupé se distinguem pela presença de tambores maiores, além da disposição do cortejo em duas fileiras paralelas, sendo também os grupos que apresentam maior inovação em termos das cantigas e coreografias apresentadas durante o festejo (SILVA,2016).

Com relação à poética dos cantos entoados, em sua maioria expressam saudações, agradecimentos e reverências à Nossa Senhora do Rosário, padroeira do festejo, a Jesus Cristo, São Benedito e aos demais santos de devoção. Apesar da incorporação de inovações no conteúdo dos cânticos ser um fenômeno muito presente, sendo recorrentes os empréstimos da musicalidade popular (e até mesmo da cultura pop), há, de modo geral, uma valorização da manutenção e transmissão dos cânticos tradicionais das congadas e no interior de cada terno em particular, ensinadas pelos anciãos de cada grupo aos mais novos. Dentre as cantigas mais tradicionais, têm destaque aqueles que descrevem e bendizem Nossa Senhora do Rosário, apresentando suas características maternas e divinas, assim como a força da fé que impele os congadeiros. Usualmente, os capitães são os responsáveis por "puxar" os versos, respondidos em seguida pelo coro, e demarcar a transição de um canto a outro. Caixas, chocalhos e apitos são utilizados para coordenar o ritmo imprimido aos passos dos congueiros e aos cânticos. São utilizados também os adufes, ou adufos (certo tipo de pandeiro artesanal), os bastões e as manguaras, e a confecção desses instrumentos faz parte do vasto arcabouço de conhecimentos tradicionais

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 539

mobilizados pelos congueiros mais antigos. Bastões e manguaras são utilizados durante os cortejos para proporcionar maior sensação de movimento às coreografias e são utilizados de maneiras características pelos ternos durante as apresentações (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

Os ritmos também permitem distinguir os tipos de terno. Os ritmos das músicas dos Vilões e do Penacho são formados por batidas mais aceleradas. Seus instrumentos são as caixas e as sanfonas, sendo que estas são aerofone de origem alemã, composto por um fole, palhetas livres e duas caixas harmônicas de madeira. As caixas são de origem afro-brasileira, construídas de madeira de compensado, tratadas com afinação africana em corda e pele sintética dupla. Os Congos têm a batida menos acelerada e os instrumentos musicais também são as caixas e as sanfonas (NASCIMENTO, s/d.; SILVA, 2016).

Os catupés, por sua vez, vêm com ritmos energéticos, trazendo muita alegria e agitação durante sua deambulação. Os instrumentos do terno são as caixas fabricadas com couro de vaca e pandeiros. De modo distinto, os ternos de moçambique podem ser identificados pelo andamento mais lento de seus ritmos, ditados por pandeiros, chocalhos de cabaça e patagongas, assim como pela presença da imagem de Nossa Senhora do Rosário, da Coroa e do Reinado (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

As cores das indumentárias e adereços também são elementos importantes na distinção dos ternos. A título de exemplo, o Terno Vilão Santa Efigênia, registrado em 1954, tem como indumentárias a camisa rosa, calça preta e uma faixa na cintura com as cores azul, roxo e branco. A identificação dos componentes dos ternos com suas cores distintivas é bem ilustrada pelo caso mencionado por Silva (2016), do congadeiro Sebastião, como outros, que tem sua casa pintada nas cores de seu terno. Esse orgulho de pertencer a um terno e à tradição partilhada e transmitida entre gerações é um sentimento compartilhado pelos congadeiros e possui um componente familiar muito

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 540

marcado, uma vez que a filiação ao ternos muitas vezes tem relação com um vínculo que transcende muitas gerações, sendo passado de pais para filhos (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

4. Histórico do bem cultural

Embora não haja tantos registros historiográficos relacionados à gênese específica da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, é consensual na historiografia consolidada a concepção de que a chegada da manifestação cultural ao sul do estado de Goiás remonta ao último quartel do século XIX, vinda com seus representantes do estado de Minas Gerais por ocasião da expansão da fronteira agrícola no território e chegada de um contingente significativo de população escravizada. A narrativa oficial adotada pelos representantes das Congadas de Catalão é a de que estas, assim como as festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, existiriam na localidade desde o regime escravagista, sendo apontado, por alguns, o ano de 1876 como o ano inaugural destas manifestações. Essa data é endossada em razão da existência de documentação na qual a igreja salesiana propôs a troca de local da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (atualmente denominada Velha Matriz) por um terreno no centro da cidade de Catalão (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

Embora tal transação não tenha se efetivado, a existência do documento é uma referência histórica validada pela tradição. Já autores como Nascimento (s.d.), por exemplo, apontam datas ligeiramente distintas para esse aparecimento. Segundo relatos apontados por ele, a partir da década de 1840 apareceram algumas fundações responsáveis por esse congado e, segundo fontes orais, por volta do ano de 1820 um grupo de pessoas semi libertas teria chegado à região realizando danças com o intuito

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 541

de rogar a Nossa Senhora que as libertasse das condições de vida a que estavam submetidos (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

Tal como se deu em todo o território goiano e em diversos outros locais, as irmandades devocionais se estabeleceram na região de Catalão como um modo de organização que incluía ajuda mútua e laços de solidariedade permeados pelos valores cristãos. No caso das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, que eram exclusivamente constituídas por homens pretos, tais elementos de cooperação figuraram desde o início como um modo de resistência ao sistema escravagista a que estavam submetidos. No estado de Goiás as irmandades mais antigas são a do Santíssimo Sacramento e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, criada em 1732. Em 1742 foi criada a Irmandade das Almas de São Francisco e no mesmo ano foram concedidas licenças para as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e as de São Benedito (SILVA, 2001).

Do ponto de vista dos relatos dos congadeiros mais velhos, não há uma data específica apontada como o surgimento das congadas em Catalão, mas são relacionados relatos da tradição oral que informam que ela "nasceu na senzala", que "veio dos escravos" ou dos "pretos velhos" (Iphan, 2008, p. 18). De maneira geral, de acordo com a tradição, uma santa teria aparecido num local distante e ermo – um deserto, uma gruta ou mesmo uma praia - e várias coletividades tentam levá-la para uma vila ou cidade e abrigá-la numa igreja, façanha que apenas pôde ser realizada pelos negros moçambiqueiros pela força de suas patangomas e gungas. A significância do relato é, da perspectiva dos congadeiros mais antigos, mais importante que o estabelecimento de uma data ou período histórico para esse surgimento (NASCIMENTO, s/d.; SILVA,2016).

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 542

5. Sugestões para a salvaguarda

O pedido de Registro elaborado pelos proponentes enaltece, sem dúvida, a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, no entanto não deixa de alertar sobre o processo de espetacularização da festa vinculado a uma mercantilização das formas culturais tradicionais a ela ligadas. Os signatários do pedido denunciam a apropriação crescente do trabalho de homens e mulheres e preocupam-se com a alienação resultante desse processo. A espetacularização é um fenômeno estético, político e econômico que afeta as culturas populares em praticamente todos os países latino-americanos (CARVALHO,2010) e uma de suas consequências é, justamente, a expropriação dos circuitos comunitários por agentes externos a serviço do turismo e do entretenimento que transformam as festas em produtos de consumo de escala global.

Nesse sentido, tendo em vista a categorização dos eixos de atuação para salvaguardas de bens patrimoniais de natureza imaterial propostos pelo Iphan (2017), bem como as características do bem cultural em questão em termos dos principais desafios enfrentados para a perpetuação dos conhecimento e práticas tradicionais associados à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, pode-se sugerir algumas linhas de atuação para a salvaguarda do bem cultural, com o objetivo de estimular o protagonismo dos detentores na preservação e nas dinâmicas de crescimento e transformação de suas práticas culturais.

Considerando a escassez de iniciativas recentes que permitem registrar com clareza o universo de detentores e os diversos saberes e práticas culturais associados à Festa de Nossa Senhora do Rosário de Catalão, sugere-se a elaboração de mapeamentos e inventários participativos específicos, capazes de fornecer um registro atualizado da Festa e de todas as expressões artísticas, práticas sociais, rituais, conhecimentos tradicionais e atos festivos a ela associados.

Com relação às Congadas de Catalão que são parte constitutiva dos festejos ligados à devoção do Rosário na cidade, sugere-se a elaboração de produtos em linguagem escrita, tais como livros e cartilhas, ou obras audiovisuais que possam retratar, para um público amplo, a diversidade, a riqueza e o valor patrimonial dos diversos ternos de congadas do município. Com o mesmo intuito, a constituição ou fortalecimento de acervos referentes à Festa de Nossa Senhora do Rosário pode constituir uma iniciativa interessante para registro e difusão dos saberes e práticas que são acionados e recriados pelos detentores.

Além disso, dada a necessidade do fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos detentores do bem cultural, propõe-se a realização de cursos de capacitação para o relacionamento com políticas públicas voltadas à valorização do patrimônio cultural, de modo a incrementar e qualificar a gestão de suas relações com os poderes públicos.

Igualmente importante é a implementação não apenas de apoios financeiros e logísticos aos ternos, mas a elaboração de planos de apoio estruturados, elaborados com antecedência à realização das atividades e com ampla participação da comunidade de congadeiros, de modo a fortalecer a autonomia destes grupos culturais na gestão de seus próprios interesses.

Referências

CARVALHO, José Jorge de. "Espetacularização" e "canibalização" das culturas populares na América Latina. **Revista Anthropológicas**, ano 14, vol.21 (1), pp. 39-76, 2010.

Iphan. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Salvaguarda de bens registrados:** patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília: Iphan, 2017. (Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 01516.000263/2022-95 (pedido de Registro da Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário de Catalão - GO como Patrimônio Imaterial do Brasil),** Goiânia, 2022.

NASCIMENTO, Wellington dos Reis. **O Discurso e o Sujeito na Congada de Catalão:** Uma Análise Das Transformações Das Cantigas Religiosas, sem data.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO. Sítio Virtual. **Sobre a Cidade.** Disponível em: https://www.catalao.go.gov.br/sobre-a-cidade. Acesso em: 30/10/2022. Sem data.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CATALÃO. Sítio Virtual. **Festa do Rosário 2022: Prefeito de Catalão repassa R$ 208 mil para 26 capitães de ternos de congo**. Disponível em: https://catalao.go.gov.br/noticias/cultura/festa-do-rosario-2022-prefeito-de-catalao-repassa-r-208-mil-para-26-capitaes-de-ternos-de-congo. Acesso em: 16/12/2022. Notícia publicada em 2022.

SILVA, Sandra Inácio da. **A Congada em Pires do Rio e Catalão**: uma manifestação cultural. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2016.

Anexo 8 - Festa de São Benedito de Aparecida (SP) e o Pedido de Registro

INTRODUÇÃO

Em 2022, a Festa de São Benedito da cidade de Aparecida realizou a sua 113ª edição. A devoção ao santo na cidade tem raízes sócio-históricas fortemente vinculadas às comunidades locais e à própria cidade de Aparecida e seu entorno imediato, abrangendo, inclusive, o território mais amplo que corresponde ao Vale do Paraíba, onde a devoção a São Benedito existe há mais de duzentos e cinquenta anos. A celebração em sua homenagem é uma das maiores manifestações religiosas e culturais do estado de São Paulo, reunindo, todos os anos, milhares de pessoas, não só do Vale do Paraíba e de outras regiões do estado de São Paulo, mas do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

A Festa de São Benedito acontece anualmente em Aparecida, município pertencente ao Vale do Paraíba, estado de São Paulo, há mais de cem anos, iniciando no domingo de Páscoa e se estendendo até a segunda-feira da semana seguinte. A festa articula expressivos elementos litúrgicos, lúdicos e artísticos em uma programação ampla que mobiliza toda a cidade e envolve milhares de visitantes durante os nove dias. Chega a reunir cerca de 300 mil pessoas entre moradores e devotos provenientes de diversas regiões do Brasil, que vêm à Aparecida para agradecer ou solicitar auxílio do santo — que é adorado como padroeiro dos pobres e dos cozinheiros. Vêm também para participar das atividades religiosas e recreativas realizadas em sua homenagem, tais como as novenas, missas, procissões, quermesse, bingos, gincanas etc. A popularidade da celebração é promovida também pela presença das congadas e suas expressões culturais centenárias diretamente ligadas à devoção a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário. A maior parte dos grupos de



congado e moçambiques participantes da festa vem de Minas Gerais, do Espírito Santo e de São Paulo (com destaque para a presença dos moçambiques do Vale do Paraíba, SP), que imprimem aos festejos características singulares, esteticamente extraordinárias, da religiosidade popular afro-brasileira.

O pedido de Registro desta festa como Patrimônio Imaterial do Brasil foi feito ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, da Diocese de Aparecida (SP) em março de 2009, quando a Festa de São Benedito completava cem anos de existência na cidade; e foi submetido à apreciação da Câmara de Patrimônio Imaterial em maio de 2010, a qual decidiu pela pertinência do pleito e pelo início da instrução técnica do processo. Devido à descontinuidade do processo, conforme será detalhado a seguir, em novembro de 2022 a Câmara Técnica de Patrimônio Imaterial do Conselho Consultivo do Iphan deliberou pela incorporação desse processo ao Registro do Congado/Congadas/Reinado.

A seguir, são apresentadas algumas características históricas e geográficas do Vale do Paraíba e dos festejos em louvor a São Benedito que foram ganhando corpo entre as práticas religiosas dessa região. Depois, é abordada a materialidade da festa e seus significados, descrevendo o funcionamento dos principais eventos, ritos e celebrações que a integram e, na sequência, é apresentada uma relação dos diversos grupos sociais envolvidos nessas atividades. Mais à frente, são discutidos alguns aspectos da religiosidade popular praticada na região, particularmente em Aparecida, que ajudam a compreender os festejos de São Benedito a partir das marcas históricas que essas celebrações imprimem e veiculam ainda hoje, evidenciando suas relações com o catolicismo e a povoação da região.

Nas suas partes finais, o texto condensa as especificidades da festa que lhe imprimem o mérito cultural para seu reconhecimento como Patrimônio Cultural do Brasil e assinala a importância de ações de salvaguarda para apoiá-la como um bem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 547

cultural a ser valorizado e resguardado como uma potente manifestação cultural, capaz de contribuir significativamente para a expressão, afirmação e promoção da identidade brasileira e das tradições afro-brasileiras no país.

1. HISTÓRICO DO PROCESSO DE INDICAÇÃO PARA INCLUSÃO NO REGISTRO DO BEM CULTURAL REINADOS, CONGADOS, CONGADAS

De acordo com o Processo Administrativo n.º 001450.003970/2009-78 do Iphan, em março de 2009 a Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida, representando a Comunidade de São Benedito, solicitou formalmente ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o reconhecimento da Festa de São Benedito de Aparecida – SP como um patrimônio imaterial do Brasil "a ser descoberto, admirado e preservado pelas gerações futuras". Naquele ano, as celebrações em torno de São Benedito completavam cem anos e o pedido de Registro se fundamentou, em parte, justamente na perenidade das tradições de veneração ao santo na cidade. Segundo os proponentes, tendo reunido, durante todos esses anos de festejos, milhares de pessoas da região do Vale do Paraíba e dos estados de São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais em um clima de devoção e de apreciação das diferenças culturais, a Festa de São Benedito de Aparecida vinha proporcionando aos devotos um rico conjunto de vivências religiosas, ao mesmo tempo em que revelava a disposição da população local em conservar e recriar constantemente elementos constitutivos de sua identidade cultural. Junto ao pedido de Registro, a paróquia encaminhou um dossiê documental que visava a atestar a relevância sociocultural e religiosa da festa e um abaixo-assinado da população local endossando o pedido. O Dossiê trouxe informações específicas sobre a realização da festa (sua história, ritos, tradições, grupos envolvidos, entre outras), enquanto o requerimento popular, assinado por

devotos, moradores e turistas frequentadores da festa, expressava a anuência e o afeto da comunidade local aos festejos.

Em dezembro de 2009, através do Ofício n.º 236/09, o Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) do Iphan comunicou à Paróquia Nossa Senhora da Conceição Aparecida que o pedido seria submetido à apreciação da Câmara do Patrimônio Imaterial. O DPI também indagou aos proponentes quanto à instituição que ficaria responsável pela instrução do processo, caso o pedido fosse julgado pertinente. Em abril de 2010, a paróquia respondeu ao Iphan que a instituição responsável pela instrução técnica do processo de Registro seria a Universidade de Taubaté (UNITAU) e anexou o Ofício R. n.º 009/2010, de janeiro de 2010, no qual a instituição se comprometia em colaborar para o Registro da Festa de São Benedito através da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias e, assim, essa colaboração se efetivou.

Em abril de 2010, com base no que foi exposto no texto do pedido de Registro e nos documentos anexos encaminhados ao Iphan, a Coordenação de Registro do DPI, na figura de Luciana Luz, emitiu a Nota Técnica n.º 09/10, na qual considerou que:

> Através da análise da documentação, ficou claro que a Festa de São Benedito em Aparecida é uma referência cultural de caráter dinâmico e processual, constantemente reiterada, transformada e atualizada, e que expressa a identidade cultural e social da população desta cidade/região, uma ligação entre o passado e o presente. (Iphan, 2009-2010)

Além disso, a relatora considerou importante ressaltar que não havia, à época, processos de Registro em andamento no estado de São Paulo e, nesse sentido, a pesquisa sobre a região do Vale do Paraíba poderia funcionar como um importante veículo de difusão e de apropriação desse instrumento, podendo incentivar, inclusive, novos pedidos. Outro fator que contribuiu para uma apreciação positiva do pedido pela relatora foi a aprovação, na 14ª reunião da Câmara de Patrimônio Imaterial, do



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 549

pedido de Registro das congadas de Minas Gerais, na qual foi ressaltado que o estudo para o Registro dessas manifestações deveria ser ampliado à área de ocorrência das mesmas no Sudeste e no Centro-Oeste. Nesse sentido, segundo a relatora, o estudo da Festa de São Benedito em Aparecida – SP, também marcada pela presença de grupos de congadas, além dos moçambiques, poderia auxiliar na compreensão dessas referências culturais e na percepção de suas particularidades e semelhanças.

Em maio de 2010, aconteceu a 16ª Reunião da Câmara do Patrimônio Imaterial, a qual decidiu pela pertinência da solicitação de Registro da Festa de São Benedito e pelo prosseguimento do pleito. Logo em seguida, através do Ofício n.º 063/10, o Iphan informa a decisão à Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, assinalando a necessidade do investimento de recursos financeiros para a realização da pesquisa e para a produção de um dossiê descritivo composto por texto, vídeos e fotos. Em agosto de 2010, a UNITAU, através do Ofício n.º 172/10-PREX, informou ao Iphan que constituiu uma comissão de trabalho composta por professores e um técnico da universidade, além de uma professora convidada, para trabalhar na documentação e na sistematização de conhecimento sobre o bem. Neste mesmo ofício, a UNITAU solicita a vinda de um(a) técnico(a) do Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan à Taubaté para participar de uma reunião com a comissão, com o intuito de dar esclarecimentos relacionados às etapas que compõem a instrução técnica do processo de Registro e a produção do Dossiê, e acerca das possibilidades de captação de recursos financeiros necessários para a condução do trabalho. Em resposta, o DPI informa, através do Ofício n.º 0160/10, que designou a coordenadora de Registro para participar da reunião.

A viagem foi precedida de um encontro com a superintendente do Iphan de São Paulo, no qual foram levantados alguns questionamentos sobre a Festa de São Benedito em Aparecida, para serem esclarecidos na reunião com a Comissão de

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 550

Trabalho da UNITAU, em Taubaté. Segundo o relato da Coordenadora de Registro, entre essas questões destacou-se:

> - Qual seria a situação da Festa de São Benedito de Aparecida no contexto das demais festas em louvor a este santo no estado de São Paulo, e na região do Vale do Paraíba, em especial?
>
> - Diante da maior visibilidade da festa de Nossa Senhora Aparecida na cidade, ao menos para o senso comum, como se justificaria o destaque à festa de São Benedito e sua indicação para Registro, em detrimento da celebração que homenageia a padroeira do Brasil?
>
> - Qual a explicação para a presença, na festa, de inúmeros grupos de manifestações e expressões culturais diversas, parte deles de fora da cidade, da região, mesmo do estado de São Paulo, como grupos de jongo, de baianas, de congos, moçambiques, capoeiras etc. (...) sugerindo, mesmo, o início de um processo de espetacularização da festa? (Iphan, 2009-2010)

Estes temas foram efetivamente levantados durante a reunião realizada no dia 24/08/10, na Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias da UNITAU, além de diversos outros, que foram apresentados e debatidos com grande interesse e entusiasmo pelo grupo de professores e pesquisadores presentes, alguns deles bastante envolvidos com o objeto deste pedido de Registro.

Com relação à primeira questão, os presentes na reunião asseguraram que, de fato, o histórico da Festa de São Benedito dá conta de que a mesma ocorre há mais de 250 anos em várias localidades do Vale do Paraíba, sendo que, até o século anterior, destacava-se nesse contexto a cidade de Guaratinguetá, cidade vizinha, onde as comemorações a São Benedito tiveram inicialmente maior destaque e grandiosidade. No entanto, devido provavelmente aos investimentos que foram paulatinamente sendo feitos na cidade de Aparecida, exatamente por sua relação com a padroeira do

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 551

Brasil, o polo devocional de toda essa região foi aos poucos se transferindo para essa cidade. Assim, ao mesmo tempo em que cresceu o fluxo do turismo religioso, cresceram igualmente os atrativos para uma migração interna, promovida pelas maiores e melhores oportunidades econômico-financeiras daí decorrentes. Aparecida passou a receber, então, novos habitantes, identificados com grupos específicos de migrantes (comunidades de origem judia, sírio-libanesa, entre outros), que trouxeram consigo novas referências, as quais vêm se somando aos eventos e atividades que acontecem durante a festa. Nesse contexto, o crescimento da festividade de São Benedito em Aparecida se verifica a cada ano, com a incorporação progressiva de novas atividades, novos grupos, a ampliação do número de participantes que vêm, inclusive, de locais cada vez mais distantes. O que relaciona atividades e grupos aparentemente tão díspares é a devoção a São Benedito, que se mantém forte e presente enquanto expressão da religiosidade popular.

A respeito do encaminhamento do pedido de Registro da Festa de São Benedito em vez do da Festa de Nossa Senhora Aparecida, o Iphan-SP assinalou que o que se ponderou na ocasião foi que a devoção a São Benedito tem raízes mais fortemente vinculadas às comunidades locais e à própria cidade de Aparecida e seu entorno imediato, abrangendo, inclusive, o território mais amplo que corresponde ao Vale do Paraíba; enquanto a devoção a Nossa Senhora Aparecida apresenta um referencial nacional, ultrapassando os limites do próprio estado, até mesmo por se tratar da padroeira do Brasil. Nesse sentido, enquanto a Festa de São Benedito é produzida e usufruída, fundamentalmente, pela sociedade local e vizinhança próxima, além de pessoas da cidade que moram em outras localidades e que retornam à Aparecida na época da celebração, a Festa de Nossa Senhora Aparecida é promovida e coordenada pela Igreja Católica, na qual a participação da comunidade aparecidense não é destacada em meio à multidão participante, quando a cidade recebe um número muito grande de turistas de todas as regiões do país. Assim,

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 552

enquanto as celebrações relacionadas à Nossa Senhora Aparecida se tornaram progressivamente mais universalizadas e apropriadas pelo conjunto da sociedade brasileira que peregrina anualmente à basílica de sua devoção, na cidade de Aparecida, a Festa de São Benedito continua sendo considerada, pelos moradores locais, como a festa na qual a comunidade aparecidense se envolve mais fortemente, mesmo com sua ampliação e com a presença e participação de um número cada vez maior de devotos de outras localidades e regiões.

Por fim, observou-se na reunião que as festas em homenagem a São Benedito na região do Vale do Paraíba, e especialmente na cidade de Aparecida, são de responsabilidade, em primeira instância, da Irmandade de São Benedito — que, em muitos momentos, esteve constituída predominantemente por pessoas brancas em situação econômica e social elevada. Como resultado disso, a participação das comunidades afrodescendentes e a incorporação de manifestações devocionais desses segmentos nem sempre foi facilmente aceita pelos grupos dominantes da sociedade local, inclusive pela Igreja. Como assinalado na Nota Técnica n.º 09/10 já mencionada, muitos elementos que hoje compõem parte fundamental da festa foram por muito tempo ignorados, como as congadas e moçambiques. No ano de 1922 aconteceu a primeira participação de congadas na Procissão Solene no dia principal da festa, a segunda-feira. Assim, ainda que posteriormente esses grupos tenham sido incluídos e lhes tenha sido permitido tocar no interior da igreja, a presença ativa das comunidades afrodescendentes nas comemorações relativas ao santo de sua devoção foi objeto de conflitos de diferentes naturezas ao longo do tempo e representa uma conquista que, até hoje, precisa de afirmação.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 553

2. O VALE DO PARAÍBA E AS FESTAS DE SÃO BENEDITO

O Vale do Paraíba paulista, macrorregião onde se localiza a cidade de Aparecida, situa-se no leste do estado de São Paulo. Faz divisa com o estado de Minas Gerais ao norte e com o estado do Rio de Janeiro a leste. Protegida pelas muralhas da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira, sua ocupação pelos portugueses começa ainda no período colonial. Nessa época, viviam no local povos indígenas de diversas etnias, entre eles os tupi, puri, guaramori, guarulhos e guaianá. Quando os portugueses tomaram posse da terra, construíram os primeiros povoados próximos ao rio Paraíba do Sul. Esses locais serviram como base para o desenvolvimento das bandeiras — expedições que tinham por objetivo explorar o norte e o centro-oeste do país. Desse período, encontram-se relatos de embates entre indígenas, bandeirantes e outros expedicionários que por ali passaram. No século XVII, verifica-se ali a produção de açúcar em pequena escala e, durante o século XVIII, a região serviu como passagem para o caminho do ouro que ligava as minas ao Porto de Parati. Já a partir do século XIX, desenvolveu-se a agricultura em larga escala para a exploração do café, uma atividade que esteve intimamente ligada à escravidão de povos negros, mesmo após a lei de 1831, que tornou o tráfico de pessoas ilegal. Nesse período, a produção de café se tornou a principal atividade agrícola do Vale do Paraíba, com o surgimento de grandes fazendas. Mais contemporaneamente, já no século XX, destaca-se o processo de industrialização, provocando êxodo rural e um crescimento urbano desordenado. Em 2009, estavam instaladas na região mais de 2700 indústrias, que atuam nas áreas petroquímica, química, metalúrgica, mecânica e aeronáutica. O bioma local é a floresta tropical da Mata Atlântica, contudo, estima-se que reste apenas 10% da floresta original em toda a sua extensão. Apesar disso, a Serra da Mantiqueira possui uma biodiversidade singular e a região possui importantes programas de recuperação ambiental (Iphan, 2009-2010 e Iphan, 2018). Atualmente, o Vale do Paraíba,



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 554

conjuntamente com o Litoral Norte, possui uma população de 2.506.181 habitantes, distribuída em 39 municípios (SEADE, 2012).

Sob o prisma de seu desenvolvimento histórico e cultural, nesses mais de quinhentos anos o Vale do Paraíba foi sendo povoado a partir de interações entre povos africanos, ameríndios e europeus, o que deu à região uma característica fortemente multicultural que se reflete ainda em nossos dias, de modo que a alimentação, a religiosidade e as festas que são realizadas atualmente (re)produzem identidades culturais que atualizam, nas práticas cotidianas, os valores que singularizam as gentes do Vale do Paraíba (Iphan, 2009-2010).

As festas em louvor a São Benedito são realizadas em todas as cidades da região há pelos menos 250 anos; entretanto, com a modernidade e o acelerado desenvolvimento econômico da região, muitas delas deixaram de cultivar várias de suas manifestações culturais, realizando, atualmente, somente a quermesse e algumas celebrações religiosas como novena, missa e procissão. Os festejos de Aparecida e os de Guaratinguetá são exceção à regra, pois ainda cultivam práticas culturais e religiosas diversas que conjugam uma multiplicidade de elementos. Todas essas manifestações foram em grande medida articuladas por irmandades religiosas. A mais antiga de todas, da cidade de Guaratinguetá, foi fundada em 1757 e consolidou práticas, processos e conhecimentos que inspiraram a homenagem ao santo em diversas outras localidades, inclusive em Aparecida. Até hoje, em Guaratinguetá, os festejos se concentram na Igreja de São Benedito e, durante três dias, oferecem uma grande quermesse ao estilo das outras grandes festas religiosas que acontecem no Brasil. Além disso, Guaratinguetá preserva a mais famosa cavalaria do Vale do Paraíba, com mais de três séculos de existência, considerada um dos maiores símbolos de devoção e religiosidade de seus moradores.

No caso da Festa de São Benedito de Aparecida, o mérito da iniciativa de construir uma igreja para o santo e fazer a primeira festa em sua homenagem é



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 555

também de uma Irmandade de São Benedito, que foi fundada na cidade no ano de 1909, com participação de 23 "irmãos". De início, participavam os irmãos montados (como são chamados os membros da cavalaria) e os irmãos da opa (que davam guarda de honra ao andor e ao cortejo real de São Benedito). A cavalaria foi extinta quatro anos depois da fundação da irmandade, e o uso da opa, na década de 1960. Nessa época, a irmandade tinha uma área de atuação bem abrangente e sua arrecadação era robusta, pois cada rei e rainha festeiros, responsáveis pela organização do evento, e também os juízes e juízas de varas e ramalhetes (que integram a côrte do casal de reis), além de pagarem uma taxa quando escolhidos, também esmolavam por toda a cidade para angariar fundos para a festa, entregando-os posteriormente ao vigário que, então, registrava todas as contribuições no livro-caixa da Igreja de São Benedito. Nos dias de hoje, a irmandade agrupa cerca de 200 pessoas, entre negros e brancos, devotos do santo, que têm a função de colaborar e participar de todas as solenidades religiosas e cerimônias populares (Iphan 2009-2010).

Além disso, a Festa de São Benedito de Aparecida se destaca na região do Vale do Paraíba por seu alcance de público, chegando a reunir anualmente cerca de 300 mil pessoas, uma vez que, além de seus moradores, comparecem à festa visitantes de outras cidades do Vale do Paraíba e romeiros de diversas regiões do Brasil, principalmente Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, durante os nove dias de festejos. Em relação aos Reinados, Congados e Congadas como bem cultural do Brasil, o principal destaque dessa festa é este: ela se transformou em um centro de peregrinação dos devotos congadeiros e reinadeiros que os reúne, em nível nacional, vindos de diferentes estados brasileiros; e é assim reconhecida pelos mesmos, de forma generalizada.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 556

3. A FESTA DE SÃO BENEDITO EM APARECIDA

Desde que a Festa de São Benedito começou a ser celebrada em Aparecida até os dias de hoje, um casal se candidata e é escolhido para os cargos de Rei e Rainha de São Benedito. Nas primeiras décadas das celebrações, a escolha era feita pela irmandade do santo; depois, o casal anual de reis, junto do vigário, passou a indicar os sucessores. Atualmente, reúnem-se os três últimos casais de reis e estes, junto do vigário, decidem quem serão os próximos rei e rainha. A função dos reis é organizar todo o evento: constituir as comissões de trabalho, empreender meios para angariar recursos financeiros e participar de todas as cerimônias sagradas e profanas da festa. Por isso, rei e rainha são figuras admiradas e respeitadas por toda comunidade, de quem são ouvidas sugestões, palpites e arrecadam contribuições financeiras a partir da venda de rifas, da realização de bingos, de doações etc. No entanto, por seu zelo e dedicação integral ao evento, diz-se popularmente em Aparecida que, na Festa de São Benedito, "o rei é o servo e não o senhor" (Iphan 2009-2010).

Além dos reis e ex-reis de São Benedito e do clero local, estão envolvidos na realização da festa diversos grupos de pessoas, dos quais destacam-se de 80 a 100 grupos de congadas e moçambiques, 200 Irmãos de São Benedito, aproximadamente mil cavaleiros das Cavalarias de Aparecida, Guaratinguetá e outras cidades; 150 fazendeiros, 2 mil estudantes, conforme pode ser observado no quadro abaixo:

Atividade	Grupo social
Novena e quermesse	Clero, moradores, visitantes e devotos do Santo.
Leilão do gado	Fazendeiros, Reis de São Bendito e curiosos.
Gincana de moto	Motoqueiros.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 557

Gincana estudantil	Professores e estudantes da cidade.
Visita à Nossa Senhora Aparecida	Todos os grupos de congadas e moçambiques.
Transladação da Imagem de Santa Rita	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Missa conga	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Levantamento do mastro	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Cavalaria de São Benedito	Mil cavaleiros das cavalarias de Aparecida, Guaratinguetá e outras cidades.
Alvorada e café da manhã	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Missa solene	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Distribuição de doces	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.
Procissão solene	Grupos de congadas e moçambiques, Irmandade de São Benedito, Reis e devotos.

Quadro 1: Atividades e grupos sociais envolvidos na Festa de São Benedito de Aparecida.
Fonte: Adaptado de Iphan (2009-2010, fl.12 e 13).

Além desses grupos, atualmente estão envolvidos diretamente no planejamento e organização da festa em torno de 600 a mil voluntários que trabalham distribuídos em aproximadamente 40 comissões responsáveis por eventos específicos que fazem parte da programação, a saber: acolhida das congadas; administração da rifa; almoço da irmandade; arrecadação e compras; assessoria; bingo noturno; bingo diurno; bonecos; café das congadas; cavalaria; cerimonial; comercial; comunicação; congadas; decoração; doces; enduro; eventos; fiscalização; gincana de motos;

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 558

gincana escolar; guardiões; histórica; intercessora; irmandade; jurídica; lanche da irmandade; lanche das comissões; leilão de gado; litúrgica; marketing; mastro; patrimônio; procissão; produção musical; secretaria; segurança; tesouraria e visual externo (ABRÃO, 2016).

Os festejos começam tradicionalmente no domingo de Páscoa, com a abertura da primeira novena na igreja do santo. O batuque típico da Irmandade de São Benedito anuncia que a reza vai começar trazendo consigo, em um pequeno cortejo, o rei e a rainha para o primeiro dia de orações. Contudo, ainda que este seja o início oficial da festa, pode-se dizer que ela começa já antes, com diversas atividades preparatórias, como a visitação da imagem de São Benedito às escolas. Quando a data da festa se aproxima, um andor é confeccionado com a imagem do santo, que é, então, levado pelos reis e demais devotos, além dos representantes da irmandade e um padre, a todas as escolas da cidade. As escolas são enfeitadas e o andor é recebido com festa. O intuito da visitação é o de divulgar a festa, no seu contexto religioso e histórico, preparando, assim, o alunado para as celebrações e para a gincana escolar que acontece na semana da festa, e que é repleta de provas artísticas, culturais e serviços religiosos. Deste modo, crianças e jovens tomam conhecimento da tradição e são chamados a mantê-la e fazê-la crescer e se aprimorar (ABRÃO, 2016).

Nos dias em que acontece a festa, a área em volta da igreja, toda ornamentada com bandeirinhas coloridas, vai sendo tomada por barraquinhas de comidas e bebidas. Aos poucos, turistas, religiosos e estudantes de todo o Brasil vão se espalhando pelas ruas, praças, bairros e igrejas em diversos eventos e atividades, e toda a cidade vive em função da festa durante os nove dias de sua duração. As novenas acontecem durante toda a semana, até o domingo seguinte, na igreja ou na praça e, a cada dia, os devotos são convidados a contribuir com alimentos não perecíveis diversos que serão usados para o acolhimento das congadas convidadas, sendo que o excedente é redistribuído para entidades que atendem menores e idosos

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 559

carentes. Todas as noites após a novena, a cidade se alegra na quermesse e em atividades recreativas como bingos e shows (Iphan, 2009-2010).

Trazidos de São Luís do Paraitinga em 1973, bonecos gigantes se incorporaram à programação da Festa de São Benedito. Os Bonecos Gigantes João Paulino e Maria Angú se fazem presentes nos espaços públicos para a diversão da criançada. Passam correndo entre as pessoas, provocando as crianças, que gostam de puxar-lhes as mãos e as roupas. Nesse contexto, a vaquinha serve de segurança aos bonecos: quando estes são atacados pelas crianças, a vaquinha avança contra elas, espantando-as e aumentando a alegre confusão, que fica ainda maior pela presença da Bruxa Miota, uma personagem que faz referência a rituais europeus do século XVI (ABRÃO, 2016).

Outra atividade tradicional nos festejos de Aparecida, e que é realizada durante a semana, é o leilão do gado, que acontece desde 1922. Dois ou três meses antes da festa, os fazendeiros da região doam garrotes e novilhos que, depois, são leiloados no evento. Há quem "compre de volta" suas doações e aqueles que, pela distância, doam dinheiro. Também tem lugar na programação da semana a gincana de motos, que consiste em provas a serem realizadas por motoqueiros e caronas em um campo de futebol. O evento, viabilizado através de doações, promove premiações e faz sorteio de bicicletas e conta com grande participação local (Iphan, 2009-2010).

No final da semana, mais precisamente no sábado — antevéspera da grandiosa festa que acontece na segunda-feira — dá-se o acolhimento das congadas que, logo pela manhã, se dirigem ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida para prestar homenagens à padroeira do Brasil e pedir proteção e permissão para dançar nos festejos do santo. À tarde, os grupos de congadas fazem sua consagração à Nossa Senhora Aparecida na Praça da Igreja Velha. Em seguida, vão em procissão buscar a imagem de Santa Rita em sua Igreja, como forma de agradecimento à santa, pois, antes da construção da Igreja de São Benedito, a imagem dele ficava abrigada na



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 560

igreja dela, no bairro dos Machados. Assim, por muitos anos, durante a festa, as duas imagens iam em procissão até a igreja de Nossa Senhora Aparecida, onde era realizada a festa do santo. A partir de 1920, quando da construção de sua igreja, São Benedito, em sinal de retribuição aos anos de hospedagem, vai buscar em procissão a imagem de Santa Rita no sábado à tarde e a leva de volta na terça-feira — último dia da festa — acompanhado dos novos reis recém-eleitos, que organizarão a festa no ano seguinte. Essa solenidade, chamada pelos devotos de Transladação da Imagem de Santa Rita, só acontece em Aparecida, e as interpretações da população local para esse fato são bastante curiosas: "em vida, São Benedito foi compadre de Santa Rita"; ou "São Benedito foi cozinheiro no convento de Santa Rita"; ou ainda "Ele foi noivo de Santa Rita" (Iphan, 2009-2010, fl. 09). Depois disso, os congueiros (como são chamados os congadeiros nessa região) descansam para enfrentar a árdua maratona dos dois dias seguintes, quando acontecem outras manifestações nas quais há a presença marcante das congadas, como a Missa Conga, o Levantamento do Mastro, a Alvorada e a Procissão Solene à São Benedito (Iphan, 2009-2010).

Portando suas bandeiras e utilizando tambores de vários tamanhos e outros instrumentos — tamburi, tarol, pandeiro, viola, violão, acordeom, gunga, guizos (o número e os tipos de instrumentos variam de acordo com o grupo) —, em todos esses momentos celebrativos os dançadores e tocadores cantam e dançam em louvor a São Benedito, performando uma complexa variedade de movimentos sincronizados (Iphan, 2018).

O domingo de manhã começa com a Missa Conga, da qual todos os grupos participam. Celebrada, geralmente, por um padre negro, segue a estrutura litúrgica da missa comum, no entanto, o canto religioso de celebração é o das congadas, acompanhado dos tambores, o que produz um efeito extraordinário que confere a particularidade do nome da santa missa. No período da tarde, acontece a cerimônia do levantamento do mastro, um dos momentos mais importantes da festa, uma vez

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 561

que simboliza, para os devotos, a presença do santo nos festejos. O mastro é feito de madeira de eucalipto e é cortado em uma semana de lua cheia, em um mês que não contenha a letra "R" no nome. Segundo os proponentes do pedido de Registro, o mastro possui diferentes significados: 1) em um contexto agrário, esse elemento evocaria a fertilização da terra; 2) enquanto herança medieval, faria alusão aos mastros erguidos pelos cavaleiros cruzados quando dominavam um território, tornando-o cristão; 3) enquanto herança negra, representaria a tronqueira, um grande tronco sustentador do telhado de senzalas, onde, no passado, os escravizados faziam seus pedidos, com oferendas aos orixás. Atualmente, na Festa de São Benedito, pode-se observar que, no buraco onde o pé do mastro é enterrado, são colocadas mensagens para o santo, saquinhos com alimentos e ofertas em dinheiro, que evidenciam o sentido de São Benedito como santo da fartura e da segurança da alimentação. (Iphan, 2009-2010, p. 9)

Em seguida, cerca de mil cavaleiros vestidos de branco e com suas montarias desfilam pelas ruas da cidade comandados pelos mantenas, que vestem terno e chapéu brancos, carregam na lapela um cravo e têm a função de manter a disciplina e o comportamento religioso durante todo o desfile da cavalaria. O trajeto a ser percorrido começa na divisa do município com Guaratinguetá, onde ocorre o encontro das cavalarias das duas cidades. Depois passa pela igreja do santo, pelo Cemitério de Santa Rita (para homenagear os cavaleiros falecidos), pela Igreja de Santa Rita (onde a imagem de São Benedito ficou guardada), até retornar à Igreja de São Benedito, onde são prestadas homenagens ao santo, realizando evoluções como a "meia-lua". Cada cavaleiro, ao passar diante do templo, retira o chapéu, se benze e pede proteção. Participar da cavalaria do santo é uma forma de pagamento de promessa de muitas pessoas e, quando isso ocorre, deve-se fazê-lo por sete anos seguidos. A Cavalaria de São Benedito percorre a cidade e, principalmente, as ruas ao redor das Igrejas de São Benedito e de Santa Rita. Vale lembrar que, para os peões e fazendeiros da região, São

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 562

Benedito é também considerado um protetor dos animais, e por isso, acreditam que o santo irá proteger seu rebanho. O domingo termina com o encerramento da novena.

No raiar do sol da segunda-feira, o principal dia da festa, em um evento tradicionalmente chamado de alvorada, os grupos de congadas e moçambiques vão ao encontro do mastro tocando suas caixas e fazem uma reverência ao santo. Depois se dirigem à Igreja de São Benedito para apresentar seus pedidos, esperanças e lamentos. Em seguida, os dançadores vão para a casa dos reis e se juntam a outros devotos para tomarem um variado café da manhã, confeccionado desde a madrugada por voluntários, a partir das doações recebidas. Quem chega é bem-vindo e pode saborear a deliciosa refeição sob as bênçãos do santo. Em seguida, dançadores, outros membros da irmandade, juízes e juízas de varas e ramalhetes se dirigem à casa do rei e da rainha para buscá-los para a missa solene, que é celebrada pelo Arcebispo de Aparecida e concelebrada pelo pároco e padres da arquidiocese da cidade.

Outro momento ansiosamente esperado, e que também acontece na segunda-feira, é a distribuição dos doces de São Benedito. Para os devotos, esse momento representa claramente o espírito da festa: o ato de compartilhar. São Benedito sempre foi cultuado, entre outras virtudes, como cozinheiro, e por isso as festas em seu louvor costumam ter muita comida e muitos doces. Ademais, por ser o santo cozinheiro e, também, por Aparecida estar inserida em uma região cafeeira, é interessante observar que, nessa região, é comum que a imagem de São Benedito seja mantida na cozinha das casas e para o santo seja depositada diariamente a primeira xícara de café do dia, almejando que a fartura esteja sempre presente no lar (Iphan, 2009-2010).

Desde os primórdios das festas em sua homenagem, ainda no município de Guaratinguetá e, depois, em Aparecida, havia distribuição de almoço e de doces para os pobres durante a festa. Com o tempo, a tradição dos doces se firmou, sendo que

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 563

grandes filas passaram a se formar para que os devotos pudessem pegar ao menos um pouco, quer para comer na hora ou para levar como remédio ou pedido de graças. Antigamente, existiam na cidade as famosas doceiras de São Benedito, que preparavam o doce com açúcar e frutas doadas pelos moradores aos reis. Os doces eram feitos nas casas dos amigos dos festeiros, por doceiras e doceiros, em grandes tachos, sobre fogo de lenha. A partir de 1978, devido ao aumento da demanda dos devotos, os doces são encomendados e fabricados por uma indústria de doces de Piracicaba. Hoje, embaladas em caixinhas de isopor, as porções são benzidas e, depois, em uma fila paciente e ordeira, as pessoas presentes recebem pouco a pouco o seu quinhão. Isso acontece após a missa solene, quando as congadas, a irmandade do santo, a côrte e os reis, acompanhados pelo pároco, dirigem-se à casa do doce, onde é realizada a benção dos doces e iniciada a sua distribuição. Nos sabores de abóbora, batata-doce e mamão, oito toneladas de doces são distribuídas aos devotos, entre moradores e visitantes, que acreditam que saborear o doce lhes trará saúde, fartura ou outra graça (Iphan, 2018).

No período da tarde de segunda-feira, um grande cortejo — formado pelas congadas e moçambiques, andores dos santos precedidos por devotos vestidos com roupas personalizadas ou de outras épocas, Irmandade de São Benedito, ex-reis, além da côrte e reis atuais e futuros — serpenteia em procissão pelas ruas e ladeiras de Aparecida, embalado pelos cantos e tambores dos congos e moçambiques, e dos dobrados das bandas de música. As procissões sempre aglomeram inúmeros pagadores de promessas: crianças e adultos vestidos de anjos, de São Benedito ou de Santa Rita, fiéis descalços e outros que carregam o andor em agradecimento pelas graças alcançadas. Vale assinalar que, na preparação da procissão, diversos voluntários fazem o serviço de costura de roupas e confecção de alegorias, que são organizadas como num grande desfile cívico ou carnavalesco, segundo um tema

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 564

estabelecido pela rainha, que pode ser o mesmo da Campanha da Fraternidade daquele ano.[143]

Dos prédios, papel picado é lançado, criando nuvens de brilhos em meio a aplausos e vivas entusiasmados. Ao final da procissão, a imagem é levada para a Igreja de São Benedito, onde recebe a bênção e fica exposta para visitação. Muitos pegam pedaços do andor para levar como relíquia protetora. Por tradição, na procissão também é anunciado o novo casal de reis que coordenará a próxima festa. Este vem desfilando atrás dos reis do ano, e sua revelação é sempre motivo de muita curiosidade entre os devotos. Ao final da procissão, é realizada a cerimônia de transferência de reinado, na qual os novos reis festeiros recebem as coroas de seus antecessores. Já no dia seguinte, os novos reis lideram o desmonte das barracas e, ao fim da tarde, a irmandade e os reis levam a imagem de Santa Rita de volta para sua igreja, acompanhada pela imagem de São Benedito. Uma missa é, então, celebrada para a entrega da imagem de São Benedito ao novo casal de reis. Depois, seguem todos para a casa dos novos reis, onde a imagem é entronizada e é oferecido um lanche aos presentes (Iphan, 2018).

Conforme a tônica da tradição dos Reinados, Congados e Congadas no Brasil, a festa termina e já começam os preparativos para o festejo do ano seguinte. Assim, termina um ciclo e outro se inicia. Talvez por isso os moradores de Aparecida se refiram à Festa de São Benedito na cidade como "a festa que não tem fim" (Iphan, 2018).

[143] Para ilustrar, em 1989 e 2003, as procissões contaram a vida de São Benedito e, em 2007, abordaram o tema da Campanha da Fraternidade "Terra sem males". Em 2022, o tema foi "São Benedito: o Santo da Fé, da Esperança e da Caridade!"



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 565

4. ASPECTOS HISTÓRICOS DO CULTO A SÃO BENEDITO EM APARECIDA

Conforme a Nota Técnica n.º 09/10 (Iphan, 2009-2010), no final do século XIX e início do século XX, a cidade de Aparecida, assim como toda a região do Vale do Paraíba, foi foco da ação de padres redentoristas que, advindos de uma reforma religiosa na qual se buscava uma crescente aproximação com Roma e uma maior rigidez na fiscalização das manifestações religiosas e da própria fé, procuraram controlar as festas de santo, chegando a proibir a realização de muitas. A reforma pressupunha a deposição de leigos da vida administrativa das igrejas, santuários e confrarias. Esta missão redentorista teve duas vertentes. Uma delas se instalou em Minas Gerais e possuía padres de origem holandesa, os quais eram mais metódicos e advinham de classes mais abastadas. A outra via, de origem bávara, se instalou em Aparecida. Nesse caso, os padres estavam menos preparados, mas possuíam um maior entusiasmo eclesiástico e eram filhos de gente simples, humilde e pobre do campo. Pela sua própria origem, tendiam a se aproximar mais rapidamente do povo e a serem mais tolerantes com sua religiosidade. Sua esperança era a de fazer renascer em Aparecida as emoções espirituais vivenciadas no santuário de Altötting, na Bavária, que era um centro de devoção a uma Nossa Senhora negra que havia se tornado um grande catalisador da religiosidade popular. Apesar disso, Aparecida era vista como mantenedora de uma fé católica que precisava ser burilada, por isso, os padres tentavam adaptar essa política de festas religiosas na qual cada santo possuía sua mensagem evangelizadora às necessidades romanizadoras da Igreja. No início, essas iniciativas sofreram muita resistência por parte do povo, porém, com o passar do tempo, foi possível criar um equilíbrio de forças entre os anseios devocionais da população e os objetivos redentoristas, de modo que estes últimos conseguiram que os devotos cumprissem com mais continência seus deveres sagrados, sem, contudo, eliminar as relações próprias dos fiéis com sua religiosidade e com o comércio da fé.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 566

Além disso, é importante ressaltar que, no século XIX, o Vale do Paraíba concentrava grande número de pessoas escravizadas nas lavouras de café. Nesse contexto, o culto a São Benedito era permitido e incentivado tanto pelos senhores cafeicultores como pela Igreja, por meio de associações e irmandades. (Iphan, 2009-2010).

Em Aparecida, a Festa de São Benedito iniciou sua história quando o vigário da cidade, ao final do século XIX, adquiriu uma imagem do santo (a mesma que está na igreja dele até hoje) e a guardou durante muitos anos em um estabelecimento comercial de portugueses onde havia um cofre. Ali, os devotos contribuíam para a futura fundação da irmandade na cidade. Em 1906, a imagem foi levada para a capela de Santa Rita. Nessa época, os moradores de Aparecida frequentavam a festa em homenagem ao santo na cidade vizinha de Guaratinguetá, até que, em 1909, fundaram sua própria irmandade. A primeira festa dedicada a São Benedito em Aparecida ocorreu em 1910. A partir daí, investiu-se na arrecadação de donativos para a construção da igreja do santo e, em 1915, com a doação de um terreno, esse objetivo foi alcançado, viabilizando a primeira Festa de São Benedito em sua própria igreja no ano de 1920 (Iphan, 2009-2010; 2018).

Entretanto, segundo os padres da época, as procissões exigiam mais disciplina e, por isso, muitos elementos da religiosidade popular foram inicialmente ignorados, como as congadas, consideradas pela igreja como simples "folclore". O distanciamento e o preconceito para com os negros foram também motivos fundamentais para o atraso na apropriação, pelos redentoristas, da própria Festa de São Benedito. Desde 1922, contudo, a festa conta com a presença festiva de diversos grupos de congadas e moçambiques de várias regiões que se deslocam para cumprir suas promessas e homenagear o santo de sua devoção. Foi o casal de reis Sátyro Leonardo de Paiva e Joaquina dos Guedes, rei e rainha da Festa de São Benedito daquele ano, que trouxeram pela primeira vez a Congada de São Gonçalo de Sapucaí

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 567

para se apresentar em Aparecida, e isso representou um novo rumo para as festividades do santo na cidade. Durante as cinco décadas seguintes, outras congadas, marujadas, catopés e moçambiques vieram, muitas da própria região do Vale do Paraíba, mas também de Minas Gerais, Espírito Santo e interior de São Paulo, para participar das atividades da festa. Contudo, foi somente em 1973 que o Padre Angelo Licatti convidou esses grupos para participarem da Procissão Solene (Iphan, 2009-2010).

Em 2022, a Festa de São Benedito de Aparecida celebrou com entusiasmo os 100 anos da vinda dessa primeira congada. Além disso, é importante mencionar que, com o passar dos anos, a Festa de São Benedito em Aparecida se tornou um centro de peregrinação reconhecido por congadeiros e reinadeiros de diversas partes do Brasil, tornando-se um importante ponto aglutinador da sua extensa rede de visitações.

6. JUSTIFICATIVAS DE SUA INCLUSÃO NO REGISTRO DOS REINADOS, CONGADOS, CONGADAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BRASIL

Nesses mais de cem anos de existência, a Festa de São Benedito em Aparecida teve suas principais características culturais e religiosas preservadas, reiteradas e revitalizadas através de práticas culturais dinâmicas que são reconhecidas pelas comunidades como parte integrante de seu patrimônio cultural. Assim, ainda que as transformações sociais e econômicas do século XX, ligadas sobretudo à urbanização e à industrialização, tenham alterado profundamente a sociedade local, a vitalidade dos festejos dedicados ao santo na cidade revela a disposição de sua população em expressar, de modo dinâmico e processual, elementos que são considerados fundamentais na constituição de sua identidade cultural. A complexidade e a heterogeneidade desses elementos remetem a experiências sociais e culturais

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 568

constituídas no passado da região, e carregam as marcas de momentos históricos que foram fundamentais no seu processo de formação.

Além disso, a Festa de São Benedito em Aparecida representa, no Brasil, um exemplo do compartilhar de valores e crenças, constituindo-se como uma referência fundamental para a pesquisa histórica e para a compreensão da cultura popular no Brasil. Sua perenidade resulta não apenas da intensa fé dos devotos do santo, mas também, e fundamentalmente, do cultivo de práticas sociais, expressões artísticas, modos de fazer, técnicas e conhecimentos que são constantemente recriados para homenagear seu protetor. A Festa de São Benedito de Aparecida é, portanto, uma potente manifestação cultural capaz de contribuir significativamente para a expressão, afirmação e promoção da identidade cultural brasileira.

Nesse sentido, a sua inclusão no Registro dos Reinados, Congados e Congadas como Patrimônio Cultural do Brasil fortalece a sua significância cultural e o seu valor histórico, artístico e científico, podendo impactar fortemente o diálogo geracional e intergeracional entre os membros das comunidades envolvidas, favorecendo a transmissão dos conhecimentos, práticas, memórias, vivências, saberes e técnicas que compõem intensiva e extensivamente esse rico universo cultural que, além de tudo, é uma referência importantíssima para grupos congadeiros e reinadeiros de vários estados brasileiros, que se dirigem anualmente para Aparecida para celebrar São Benedito.

7. ELEMENTOS IDENTIFICADOS COMO PROBLEMAS QUE PODEM SUGERIR AÇÕES PARA A SALVAGUARDA

Apesar da sua vitalidade, algumas situações específicas revelam algumas vulnerabilidades da Festa de São Benedito em Aparecida que devem ser consideradas. Segundo o dossiê encaminhado ao Iphan pelos proponentes do pedido de Registro,



essas situações são: I) mudanças na estrutura da festa introduzidas por alguns reis e/ou comissão organizadora, como, por exemplo, alterações no calendário tradicional das atividades, que geram rejeição e descontentamento na população local e nos visitantes, já que estes estão acostumados a participar dos eventos nos dias em que eles tradicionalmente ocorrem; 2) os altos recursos financeiros que a festa demanda, e que precisam ser arrecadados, ocasionaram mudanças em alguns de seus elementos: no passado, eram escolhidos como reis pessoas negras e de classe social baixa; hoje são nomeados reis pessoas de classe média ou alta com bom relacionamento com a Igreja e a sociedade; 3) há o assédio de grandes marcas sobre a festa, com suas propagandas e marketing para a comercialização dos seus produtos; 4) ainda que a Igreja e os reis se esforcem para que a festa não seja usada com fins político-partidários, eventualmente alguns prefeitos veiculam, no espaço da festa, faixas de cumprimentos ou agradecimentos a algum político; e 5) a perda de identidade cultural da população, dada a sua exposição à comunicação de massa, à indústria cultural e à globalização (Iphan, 2009-2010, fl. 05 e 06). Nesse sentido, a percepção dessas vulnerabilidades pelos sujeitos que estão diretamente envolvidos na produção da Festa de São Benedito aponta para a necessidade de um maior aprofundamento das pesquisas sobre a mesma, para que sejam identificadas as medidas mais específicas, adequadas e pertinentes para a sua salvaguarda.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 570

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Maisa. **Saiba tudo sobre a Festa de São Benedito em Aparecida do Norte.** Disponível em: <: https://www.maysabrao.com.br/saiba-tudo-sobre-a-festa-de-sao-benedito-em-aparecida-do-norte/>. Acesso em: 09 nov. 2022. Publicado em: 2 de abril de 2016**.**

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo Administrativo n.º 001450.003970/2009-78 (pedido de Registro da Festa de São Benedito de Aparecida -SP como Patrimônio Imaterial do Brasil), vols. 1, 2 e 3.** Belo Horizonte, 2009-2010.

Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC do Congado Paulista (Etapa preliminar).** São José dos Campos: Centro de Estudos da Cultura Popular, 2018.

SEADE. **Perfil dos municípios paulistas.** Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte. Disponível em: <https://perfil.seade.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2002.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 571

Anexo 9 - Alguns versos e cantos do Rosário

Cantos de Agradecimento Pela Refeição Ofertada

Ôh senhor promesseiro*

Que não tem que pagar

O gosto que tem

É nós festejar

Ôh lê, ôh lá

O gosto que tem

É nós festejar.

* Sá Rainha, Sá Princesa, Imperador, dependendo do caso[144]

**

Obrigada cozinheira

Que botou a água para ferver

Que deu de nós comer

Que deu de nós beber

Nós não temos com que pagar

Nossa Senhora vai pagar em nosso lugar

Obrigada cozinheira

Que fez a comida com alegria

Essa comida é igual

A que São Benedito fazia.[145]

---

[144] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

[145] ALTIVO, Bárbara Regina. *Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira – MG)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 572

**

Oh que mesa tão bonita

Toda cheia de nobreza

Em nome do pai, do filho, do espírito santo

Vamo agradecê a mesa...

**

Deus lhe pague, deus lhe ajude

Deus lhe dê vida e saúde.

Oi já comeu já bebeu, já comeu, já bebeu

Olha, vamos agradecer meus irmãos

Olha o pão que deus deu

Olha vamo agradecer, meus irmãos

Esse pão que deus deu.[146]

**

Nós já comeu, já bebeu

Nós agora vamos

Agradeço à Deus

Junto à Nossa Senhora

Tá me chamando

Vou atender

É Nossa Senhora

Me chamando para comer.[147]

---

[146] IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais: Saberes do Sagrado. Ficha de Celebrações: Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Bairro Concórdia. Belo Horizonte/MG.Associação Filmes de Quintal. 2015.

[147] GARONE, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 573

Cantos de Chegada

Nego, nego, nego, nego, nego

Catupé chegou[148]

**

Cidadão seu nego chego

Cidadão seu nego chego

De camisa engomada

E botão de fulô

Cidadão seu nego chego[149]

**

Ôh de casa

Ôh de fora

Mas eu estou chegando agora

Vim trazer Nossa Senhora

Ôh de casa

Ôh de fora.[150]

**

Dá licença (bis)

Dá licença que eu quero chegar

Nossa Senhora veio te visitar

Tô chegando agora (bis)

Vim com Deus e Nossa Senhora

Eu cheguei na sua casa

---

[148] IPHAN Inventário e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiás. 2008.

149 Ibidem

150 Ibidem



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 574

Eu olhei nos quatro cantos
Avistei Nossa Senhora
E o Divino Espírito Santo
Mandou me chamar (bis)
Moçambiqueiro já está no lugar
É devagar, é devagar
Moçambiqueiro chega no lugar.[151]

**

Cidadão sua casa cheira
Cheira cravo e cheira rosa
Cheira flor de laranjeira
Que casa bonita coberta de véu
Parece Pai Nosso que está no céu
Eu cheguei aqui agora
Vim trazer Nossa Senhora.[152]

**

Casa de irmão
Nossa Senhora que dá a benção
Dona da casa de Nossa Senhora
Deus te dê o reino da Glória
São Benedito que mandou
Pra dona da casa um galho de fulô.[153]

**

Embarca morena, embarca
Molha o pé, mas não molha a meia (bis)

[151] Ibidem
[152] Ibidem
[153] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 575

Viemos de muito longe fazer barulho na terra alheia (bis)

Oh! São Benedito, sua casa cheira

Cheira cravo e rosa, flor de laranjeira (bis)[154]

**

Olha agora que eu cheguei, dá licença.

Olha agora que eu cheguei, dá licença[155].

**

Dono da casa, a casa é cheia

Dono da casa, a casa é cheia

É flor de rosa, de laranjeira

É flor de rosa, de laranjeira.[156]

**

Bateu na porta levanta Maria

Vai ver quem é

Tornou bater levanta diaba

Vai ver quem é

Minha mãe eu não vou lá

Isto é fora de hora

Eu tenho quatorze anos

---

[154] SILVA, Sandra Inácio da. A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

[155] GARONE, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

[156] MONTEIRO, Lívia Nascimento. A CONGADA É DO MUNDO E DA RAÇA NEGRA: Memórias da Escravidão e da Liberdade nas Festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873 – 2015). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: PPGH/UFF, 2016.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 576

Não vou lá não senhora.[157]

**

A Bandeira veio vindo, chegou na porta e parou

Ôô, ôô, chegou na porta e parou

Tá pedindo uma esmola

Que Jesus Cristo mandou

Ôô, ôô, que Jesus Cristo mandou

A Bandeira do Rosário chegou na porta e parou

Ôô, ôô, chegou na porta e parou

Tá pedindo uma esmola

Que Jesus Cristo mandou

Ôô, ôô, que Jesus mandou

A devota da Bandeira,

Minha bandeira vai se embora

Ôô, ôô, minha Bandeira vai se embora

Vocês ficam aí com Deus

A Virgem Nossa Senhora

Ôô, ôô, a Virgem Nossa Senhora.[158]

**

Cheguei na porta da igreja

Balancei pra lá e pra cá

Cheguei na porta da igreja

[157] OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. CANTOS, DANÇAS, RODAS E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE TROVADORES DO VALE. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: PPGE/UFSCar, 2019.

[158] VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia: etnografia musical de uma congada mineira. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 577

Balancei pra lá e pra cá

Avistei Nossa Senhora

Sentadinha no altar.[159]

**

Eu vim da Espanha

E passei pelo estrangeiro

Para trazer Nossa Senhora

Que é mãe dos brasileiros. (Bis)

Eu vim da Espanha

E passei pelo estrangeiro

Para trazer Nossa Senhora

Que é mãe dos brasileiros. (Bis)[160]

Cantos de Despedida

Meu irmão eu vou embora

Até o ano que vem

Quem parte soluça e chora

Quem fica chora também.[161]

**

Adeus, adeus

---

[159] Idem

[160] SILVA, Sandra Inácio da. A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

[161] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 578

Eu vou embora

Fica com Deus e Nossa Senhora

Se a morte não me levar, até o ano que vem

Chorou caboclo

Acabou também.[162]

**

Adeus, adeus

Vamos abraçar

Se Deus quiser

Ano que vem tornar voltar.[163]

**

Vamo simbora

Vamo simbora

Pega com Deus

E vamo simbora

Vamo simbora

Vamo simbora

Pega com Deus

E vamo simbora.[164]

**

Sinhô rei ô

Sinhô rei

Traz a rainha

[162] Ibidem

[163] PEREIRA, André Luiz Mendes. Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei, MG. Dissertação (mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

[164] Idem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 579

Que eu quero ver

Sinhô rei ô

Sinhô rei

Traga a rainha

Que eu quero ver

Sinhô rei ô

Sinhô rei

Traga a rainha

Que eu quero ver

Sinhô rei ô

Sinhô rei

Traga a rainha

Que eu quero ver.[165]

**

Adeus minha gente, adeus

Adeus que já vou me embora

Adeus minha gente, adeus

Adeus que já vou me embora

Essa gente é de chorar

Por esse caminho a fora

Esse povo é de chorar

Por esse caminho a fora

Adeus minha gente, adeus

Adeus que já vou me embora

Adeus minha gente, adeus

Adeus que já vou me embora

Essa gente é de chorar

Por esse caminho a fio

[165] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 580

Esse povo é de chorar por esse caminho a fio.[166]

**

Ôô, vamo recolher, festa já acabou, vamo recolher

O maçambique, vamo a recolher

Dia já acabou, vamo recolher

Ôô, vamo recolher, dia já acabou, vamo recolher

Ôô,ôô, dia já acabou, vamos recolher

Santa Maria, Santa Maria é dia de hoje

Vamo recolher, festa já acabou

Vamo recolher, gunga de Deus

Vamo recolher

Ôô, vamo recolher, gunga de Deus

Vamo recolher

Santa Maria, Santa Maria, é gunga de Deus

Vamo recolher, vira que mexe, vamo recolher.[167]

**

A folha do coqueiro não balança mais

Eu quero te deixar

Mas não tenho coragem

Se a terra não me comer

Se a morte não me levar

Se Deus quiser ano que vem

Eu torno a voltar

Adeus camarada, adeus.

---

[166] Ibidem

[167] VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia: etnografia musical de uma congada mineira. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 581

Adeus que eu já me vou embora. (bis)

Foi no balanço das ondas que eu vim.

E no balanço das ondas vou-me embora. (bis)[168]

**

Vamos sim bora

Não fica ninguém

O rei a rainha,

Não fica também.[169]

**

Nós vamos, Deus pai

Deus na frente, pai na guia

Preto velho de Aruanda

Ele é nossa companhia. [170]

**

Eu vou passear, eu vou passear

Meu São Benedito mandou chamar.[171]

---

[168] SILVA, Sandra Inácio da. A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

[169] MAGALHÃES, Daniel de Lima. PIPIRUÍ E CAIXA DE ASSOVIO: Tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: PPEMU/UFMG, 2009.

[170] VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia: etnografia musical de uma congada mineira. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

[171] Idem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 582

**

Ô mamãe,

não deixa seu filho chorar

não deixa a coroa cair

não deixa essa festa acabar[172]

Cantos de Louvação a São Benedito

São Benedito foi pro céu

Ele deixou uma união

Ele deixou o terno da congada

Foi para todos que somos irmãos. (Bis)

São Benedito foi pro céu

Ele deixou uma união

Ele deixou o terno da congada

Foi para todos que somos irmãos. (Bis)[173]

**

São Benedito, sua casa cheira

Cravos e rosas, e fulô de laranjeira.

Vem São Benedito

Ele vem de lá de dentro

[172] Garone, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

[173] SILVA, Sandra Inácio da. A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 583

Com a nossa rainha conga,

Para nosso rei olha.

São Benedito, sua casa cheira,

Cravos e rosas e fulô de laranjeira.[174]

**

Meu São Benedito já foi cozinheiro (2x)

E hoje ele é santo de Deus verdadeiro (2x)

Meu São Benedito é um santo preto (2x)

Que fala com a boca e responde com o peito (2x)

Que Santo é aquele que vem na estrada (2x)

É São Benedito com sua congada (2x)

Que Santo é aquele que vem na ladeira

É São Benedito com sua bandeira. (2x)[175]

Cantos de Louvação a Santa Efigênia

Viva, ôh viva e torna revivar

[174] MAGALHÃES, Daniel de Lima. PIPIRUÍ E CAIXA DE ASSOVIO: Tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: PPEMU/UFMG, 2009.

[175] OLIVEIRA, Pedro Augusto Dutra de. CANTOS, DANÇAS, RODAS E RESISTÊNCIA NA COMUNIDADE TROVADORES DO VALE. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: PPGE/UFSCar, 2019.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 584

Viva Santa Efigênia que viemos festejar[176]

**

Vou rezar meu Rosário
Eu vou, eu vou para o céu
É muito longe meu Deus
Ôh eu vou rezar meu Rosário
É muito longe meu Deus
Festa dos anjos
Quem festeja os anjos
Santa Efigênia
Lá no céu com muita alegria
Santa Efigênia
Cristo nasceu
Ôh Cristo nasceu, depois de quarenta hora
Ôh depois de quarenta hora
É hora que amanheceu.[177]

**

Santa Ifigênia vou passear
Santa Ifigênia vou passear
Peço a Deus para me ajudar
Peço a Deus para me ajudar.[178]

---

[176] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

[177] Ibidem

[178] VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia: etnografia musical de uma congada mineira. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 585

**

Guerrerê, guerrerá

Igreja de Roma que veio festejar

Viva Efigênia com muita alegria

Louvemos o povo e a Virgem Maria.[179]

Cantos de Louvação a Nossa Senhora do Rosário

Ó senhora do rosário foi quem me trouxe aqui

A água do mar é santa, eu vi, eu vi, eu vi

A água do mar é santa, eu v, eu vi, eu vi.

Nego véio veio da áfrica no navio negreiro

Nego véio veio da áfrica no navio negreiro

Nego véio não tem saudade, do tempo do cativeiro.

Oi no tempo do cativeiro, quando o senhor me batia

Eu chamava por nossa senhora e as pancadas não doía.[180]

**

[179] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

[180] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais: Saberes do Sagrado. Ficha de Celebrações: Guarda de Moçambique e Congo Treze de Maio de Nossa Senhora do Rosário. Bairro Concórdia. Belo Horizonte/MG. Associação Filmes de Quintal. 2015.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 586

Ô brejêro

Ô patrão

Alerta, alerta

Alerta estamos

E aqui viemos festejar

O Rosário de maria

Com prazer e alegria.[181]

**

Donde vai parar. (tris)

No Rosário, onde vai morar.

Óia lá

Donde vai parar

No Rosário, onde vai morar. [182]

**

Ô seu rei, dá licença pra rainha

Ela é a senhora do Rosário

Ela é nossa rainha

Ela é a Senhora do Rosário

Meu pai, ela é nossa madrinha.[183]

---

[181] Idem

[182] MAGALHÃES, Daniel de Lima. PIPIRUÍ E CAIXA DE ASSOVIO: Tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: PPEMU/UFMG, 2009.

[183] MONTEIRO, Lívia Nascimento. A CONGADA É DO MUNDO E DA RAÇA NEGRA: Memórias da Escravidão e da Liberdade nas Festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873 – 2015). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: PPGH/UFF, 2016.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 587

Cantos de Missa Conga

Oh senhor padre abre a porta
Que eu também quero entrar
Quero ouvir a santa missa
Que o senhor vai celebrar
O senhor ia a igreja era os pretos que levavam
O senhor entrava pra dentro
Preto cá fora ficava
E se ele reclamasse
De chicote ele apanhava.[184]

Cantos Alusivos ao Resgate de Nossa Senhora

Senhora do Rosário
Foi quem me chamou aqui
A água do mar é santa
Eu vi, eu vi, eu vi
Eu tava sentado na pedra
Quando o povo de Angola chamou
Vamos pra beira do mar
Levar tudo pra pedra quebrar
Lá no mar
Desceu do céu
Salve rainha
Nossa senhora desceu do céu

[184] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 588

Para ser nossa rainha. [185]

Cantos ao Reinado

Viva Rei, viva rainha.

Viva o reinado de sinhá

No reinado de Maria

Capitão vai saravá.[186]

**

Recebe seu coração, sinhá rainha.

Recebe a sua capa, sinhá rainha.

Recebe a sua coroa, sinhá rainha.[187]

**

Meu Irmão chegou a hora

Levar a coroa de Nossa Senhora

Vou devagar. (bis)

---

[185] GARONE, Taís Diniz. UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

[186] Idem

[187] MONTEIRO, Lívia Nascimento. A CONGADA É DO MUNDO E DA RAÇA NEGRA: Memórias da Escravidão e da Liberdade nas Festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande – MG (1873 – 2015). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: PPGH/UFF, 2016. G

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 589

A nossa coroa eu quero levar

Canoeiro. (bis)

Pra onde vai essa canoa

Vai subindo rio acima

Pra levar nossa coroa

Já chegou nossa coroa

Ai meu Deus que coisa boa.[188]

[188] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.



Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 590

Cantos para Entrega da Coroa

Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa

Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa.[189]

**

Ôh catirina quité

Ôh catirina quité

Devota sinhá princesa

Ôh catirina quite.[190]

**

Ôh, reunidos vão

Festejar Santa Efigênia

A Virgem, Nossa Senhora

Êeh.[191]

**

Já entreguei nossa coroa

Agora vou me arretirá

Vou levar nossa bandeira

Para poder descansar. [192]

[189] Ibidem

[190] Ibidem

[191] Idem

[192] VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia: etnografia musical de uma congada mineira. Dissertação (mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 591

Canções de Aflição

No tempo da escravidão, quando o senhor me batia
Gritava por nossa senhora, quando a pancada doía
No tempo da escravidão, nego morou na sanzala
Quando o senhor me batia, nossa senhora chorava
Um dia nego sonhou, nhonhô, sonhou com nossa senhora
Ela me dava uma rosa, tira nego de sanzala
Hoje nego tá cantando, canta com toda alegria
Foi a nossa senhora, que deu nego arrilia.[193]

**

Olha viva, olha viva.
Olha viva, olha viva
O chicote oiá iá, olha viva
Ele bate na mão, olha viva
Ele vai me bater, olha viva
Apanhar eu não vou, olha viva.[194]

Dói coração
Deixar doer.
Dói coração
Devagarinho, até morrer.[195]

[193] SILVA, Sandra Inácio da. A Congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural. Dissertação (Mestrado em História) apresentada junto à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO: 2016.

[194] GARONE, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

[195] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 592

**

Em Cima daquela serra
Eu vi uma caixa bater
Papai e mamãe choravam
De ver seu filho sofrer.[196]

Se o branco soubesse
O valor que o preto tem
Ele não tolerava
Cativeiro de ninguém.
Samba negro
Branco não vem cá.
Se ele vem
Pau vai levar. [197]

**

No tempo do cativeiro
Era branco que mandava
Quando branco ia pra missa
Era negro que levava
Branco entrava pra dentro
E negro lá fora ficava
E se negro reclamasse
De chiquirá ele apanhava
Negro só ia rezar quando na senzala chegava.
Ai que dó... Ai que dó...
Jesus Cristo está no céu

[196] Ibidem
[197] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 593

Amparando todas as almas desses pobre negro sofredo.[198]

Canto de Libertação

Nêgo no cativeiro bate na caixa, viva iá iá

Nêgo no cativeiro, bate na caixa, via iô iô

Viva iá iá. Viva iô, iô

Viva Nossa Senhora

Cativeiro acabou.[199]

**

Hoje é 13 de maio

A assembleia trabalhou. Viva este rosário

Que trabalhou em nosso favor.[200]

Vissungos

Ei ê covicará iâ bambi

Tuara uassage õ afundo mera

Covicaratucatunda

Dona Mana de Ouro Fino

---

[198] ALTIVO, Bárbara Regina. *Rosário dos kamburekos*: *Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira – MG)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.

[199] Garone, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

[200] Idem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 594

Criola bonita num vai na venda

Chora chora chorasó

Chora chora choras.[201]

**

Muriquinho piquinino

Â parente

Muriquinho piquinino

De quissamba na cacunda

Purugunta onde vai

Õ parente. [202]

**

Purugunta onde vai

Pro quilombo do Dumbá

Ei chora-chora mgongo ê devera

Chora,gongo,chora

Ei chora-chora mgongo ê cambada

Chora,gongo chora. [203]

**

Láuê ererê aiâ gumbê

Com licença do Curiandamba

Com licença do Curiacuca

[201] CARVALHO, José Jorge de. "Um panorama da música afrobrasileira - Parte 1: Dos gêneros tradicionais aos primórdios do samba." in Scree Antropologia, 2000.

[202] Ibidem

[203] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 595

Com licença do sinhâ moço

Com licença do dono de terra.[204]

Canto às Entidades da Umbanda

Eu tava na mata

Tava trabalhando.

Seu pena branca

Passou me chamando

Eu vou, eu vou

Onde é que mora

Eu moro nas matas

De Nossa Senhora

O meu pai fuma cachimbo

Eu também quero fumar

Quebra quebra gabiroba

Quero ver quebrar.[205]

**

Dá licença capitão, que agora eu vou falar.

Quero ver caixa bater, quero ver gunga pular.

No rosário de Maria, a coroa eu vou louvar.

Todo mundo está louvando, eu também quero louvar.

No rosário de Maria, a coroa eu vou levar.

---

[204] Ibidem

[205] GARONE, Taís Diniz . UMA POÉTICA DA MEDIAÇÃO: História, Mito e Ritual no Congado Setelagoano – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Brasília: PPGAS/DAN/ICS/ UNB, 2008.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 596

Vou pedir ao capitão, para esse ingoma eu puxar.
Vou pedir ao capitão,para esse ingoma eu puxar.
Senhor Rei e Sá Rainha, negro véio vai saravar.
Da licença, ó senhor Dá licença, ó iaiá
Preto velho de Angola Mandou me falá.[206]

**

Licença mzumba
Licença sinhô
Sô filho de Uganda
Quero saravá[207]

**

Ó senhora de Uganda, Ó senhora de Ungá.
Meu santo (...) Vai me ajudá.

Ó zumba meu santo guerrêro
Sinhora de Uganda
Vai me ajudá[208]

**

[206] Ibidem
[207] Ibidem
[208] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 597

Cantos Gerais de Congo

E vem o meu São Jorge ele vem de Aruana
Com o seu cavalo branco
Com tua espada na mão
Ele vem é tirar demanda.

Eu sou um africano
Eu vim para o Brasil contra a vontade
Trabalhar na escravidão
De dia e de noite
Sem poder ter liberdade.

Ó, meu São Benedito
Hoje eu vi a sereia no mar
Eu joguei o meu barco na água
Meus irmãos me ajudem a remar.

A casa de Deus é grande
Cabe todos os filhos seus
Na cidade de Belém
Aonde Jesus nasceu.

Fui buscar Nossa Senhora
Penerou balão
Ela é mãe dos brasileiros
Penerou balão
Travessei o mar a nado
Penerou balão
Fui parar no estrangeiro

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 598

Penerou balão.[209]

Cantos Gerais do Catopê /Catopê / Catupé

Agora eu quero ver
Os dançadores fazer
Assim, assim, assim
Do jeito que a gente faz
Agora eu quero ver
As bandeirinhas fazer
Assim, assim, assim
Do jeito que a gente faz.[210]

**

Negão, negão
Bate o pé e a palma da mão.[211]

**

Êh sereia
Eu quero pisar na areia
Se eu pisar no chão afunda
E a terra balanceia.

[209] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

[210] Ibidem

[211] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 599

Eu sou um africano
Que vim para o Brasil contra a vontade
Trabalhar na escravidão de dia e de noite
Sem poder ter liberdade.

Chegou, chegou
Nego véio, Catupé chegou.

Linda goiana
Sai na janela
Meu catupé
Que coisa bela.[212]

Cantos Gerais do Moçambique

Aonde a bandeira vai
Vai atrás meu batalhão
Ela vai de porta em porta
Visitar os meus irmãos
A bandeira vai passando
Vai passando a procissão
A bandeira de Nossa Senhora
Vai passando meu irmão
Chegou o nosso dia
Chegou a nossa hora
Pegar a bandeira de Nossa Senhora

[212] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 600

Vovó não quer a cumbuca de coco no terreiro

Porque traz a lembrança

A lembrança do cativeiro

Quem vai mandar no mundo

Eu sei quem é

É Nossa Senhora

Se Deus quiser

Ôh aruê, ôh aruara

Ôh aruê, a Senhora do Rosário

Ai, ai, coração que dói (bis)

Caixa quem bate, coração que dói

Tá caindo fulô (bis)

Tá caindo fulô (bis)

Lá no céu, cá na terra

Ê, tá caindo fulô.[213]

**

Esta festa é diferente

Acorda quem está dormindo

Cura quem está doente.[214]

**

Nessas horas eu canto: Minha cachimba tem mironga

Minha cachimba tem dendê

[213] IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Inventário Nacional de Referências Culturais/INRC das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

[214] ALTIVO, Bárbara Regina. Rosário dos kamburekos: Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho (Oliveira – MG). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2019.

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 601

Quem duvida da minha cachimba

Que venha ver/ Que venha ver. [215]

**

Chora, chora, chora

Chora Beira-Mar

Oi eu vim de Aruanda

Eu vim pra saravar[216]

**

Ô Sereia

Ô Sereia

Saia do fundo do mar

Venha brincar na areia.[217]

**

Oi lá no céu têm sete estrelas

Que clareiam como o dia

Essas mesmas sete estrelas

São o Rosário de Maria.[218]

**

[215] Ibidem
[216] Ibidem
[217] Ibidem
[218] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 602

Ô beija-flor

Toma conta do jardim

Vai buscar Nossa Senhora

Para tomar conta de mim.[219]

**

Eu tô, eu tô

Peneirando fubá

Você daí e eu de cá

Levando as mirongas

Para o fundo do mar.[220]

[219] Ibidem

[220] Ibidem

Dossiê Saberes do Rosário (5804079) SEI 01450.016348/2008-49 / pg. 603

Canto para levantar a bandeira - marcha (quaternária) –

Entoado pelo capitão da guarda Dança de Langa Nossa Senhora do Rosário de Alto Maranhão[221]

Ai, pela marcha do instrumento

Ai, bandeira vai levantar!

Ai, pela marcha do instrumento

Ai, bandeira vai levantar!

Mas quem tiver de se embarcar, Olê

Por este povo que vai pelo mar!

Mas quem tiver de se embarcar, Olê

Por este povo que vai pelo mar!

[221] Incluído por sugestão de Maurílio de Jesus Mendes, participante da Guarda Dança de Langa Nossa Senhora do Rosário do Distrito de Alto Maranhão, município de Congonhas/MG. Pesquisador sobre reinados e congados(as) em Minas Gerais, visitando festas do Rosário em algumas cidades e fazendo registros audiovisuais, objetivando conhecer melhor esta vasta e rica manifestação religiosa e cultural.

